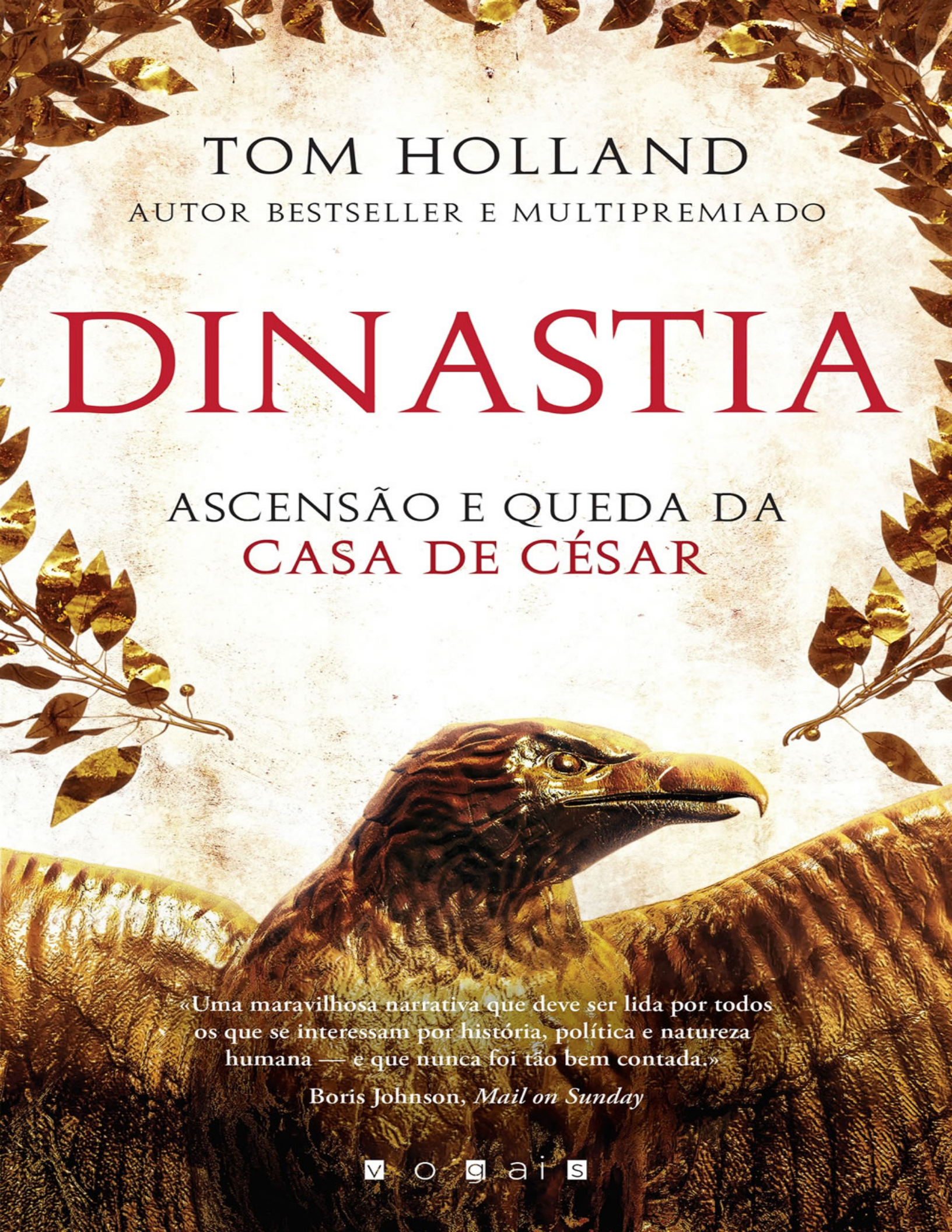




TOM HOLLAND

AUTOR BESTSELLER E MULTIPREMIADO

DINASTIA

ASCENSÃO E QUEDA DA
CASA DE CÉSAR

«Uma maravilhosa narrativa que deve ser lida por todos os que se interessam por história, política e natureza humana — e que nunca foi tão bem contada.»

Boris Johnson, *Mail on Sunday*

v o g u e

TOM HOLLAND

DINASTIA

ASCENSÃO E QUEDA DA
CASA DE CÉSAR

v o g a i s
com todas as letras

Para a Katy

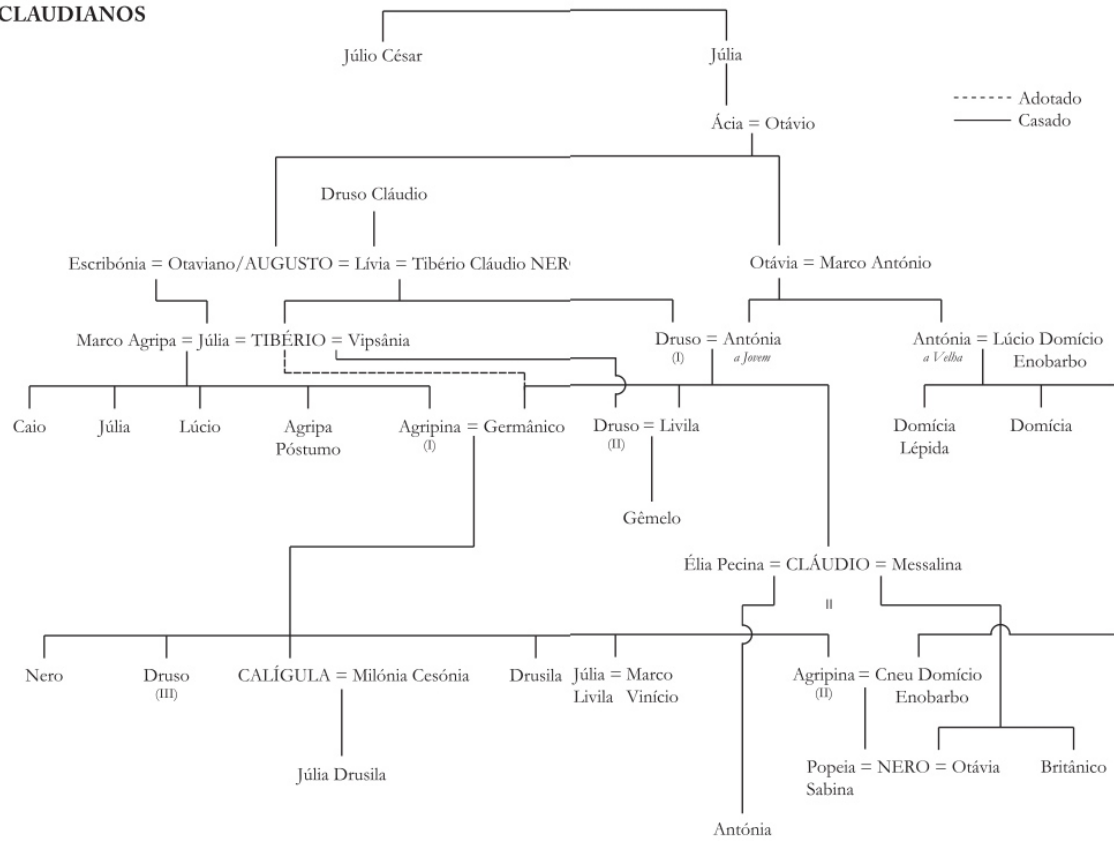
«at simul heroum laudes et facta parentis
iam legere...»

AGRADECIMENTOS

Como em todos os meus livros, tenho uma enorme dívida de gratidão para com muitas pessoas, pela sua ajuda. Agradeço aos meus vários editores, Richard Beswick, Gerry Howard, Frits van der Meij e Christoph Selzer, pelo seu apoio, colaboração e conselhos. A Ian Hunt, pelo cuidado e paciência com que desembarçou os nós do meu manuscrito — mapas, cronologias, notas e tudo o mais. A Susan de Soissons, a melhor e mais carinhosa diretora de publicidade que um escritor pode desejar. A Patrick Walsh, o melhor dos agentes, e a todos na Conville and Walsh. A Guy de la Bédoyère, Paul Cartledge, Catharine Edwards, Llewelyn Morgan e Andrew Wallace-Hadrill, por terem generosamente iluminado o meu manuscrito com os seus conhecimentos, expondo alguns erros. A Dan Snow, que mais do que compensou o ter-me distraído da política do século I durante a campanha pelo referendo pela independência da Escócia em 2014, com a leitura da primeira versão de *Dinastia*, com um efeito de inestimável valor. A Jamie Muir, que (como tem feito desde que escrevi *Rubição: o Triunfo e a Tragédia da República Romana*) leu cada capítulo à medida que os ia imprimindo — e ainda se dispôs a ir mais além, acompanhando-me até às profundezas da Floresta de Teutoburgo. A Gareth Blayney, pelas suas maravilhosas ilustrações da Roma antiga, e por ter oferecido todo o seu talento para a elaboração da capa deste livro[*]. A Sophie Hay, pela sua bondade, generosidade e entusiasmo, pelas suas fotografias, a sua companhia na viagem para Nemi e Spelunca, e o seu cuidadoso acompanhamento da evolução do avatar do meu Twitter. A Laura Jeffrey,

pelo sincero prazer com que investigou os luxuosos barcos de Calígula. A Stephen Key, pela forma abnegada como nos conduziu, a Sophie, a Laura e a mim, pelas estradas entre Roma, Nemi e Spelunca. A Mattia Buondonno, pela sua hospitalidade exuberante em Pompeia. A Charlie Campbell, por me ter dado a oportunidade de fazer um «três em um», jogar *bowling* com o príncipe herdeiro de Udaipur, jogar críquete no Lord's, e fazer-me sentir o que seria estar na posição de Augusto. Aos meus gatos, *Edith* e *Tostig*, por apenas periodicamente se sentarem no teclado. À minha querida mulher, Sadie, por ter vivido nestes últimos anos com os Césares e comigo. À minha filha mais nova, Eliza, por ter (e tão perversamente) escolhido Nerva como o seu imperador preferido. À minha filha mais velha, Katy, a quem, com todo o meu amor, dedico este livro.

OS JULIANOS
E OS CLAUDIANOS



PREFÁCIO

Ano 40. Primórdios do ano. Caio Júlio César Augusto Germânico está sentado numa plataforma elevada junto ao Oceano. Olha o mar, enquanto as ondas rebentam na costa e uma maresia paira no ar. Ao longo dos anos, muitos navios romanos se perderam nas suas profundezas. Diz-se que monstros estranhos se escondem nas suas águas cinzentas e que, para lá do horizonte, existe uma ilha repleta de selvagens de bigode caçadores de cabeças: a Britânia. Perigos como estes, à espreita nas próprias margens da civilização, estão aptos a desafiar o herói mais ousado e com a mais férrea vontade.

Mas a história do povo romano sempre teve sobre si uma aura de epopeia. Os Romanos emergiram da obscuridade sombria e provincial para o comando do mundo: um feito inigualável na história. Repetidamente julgada, repetidamente a sobreviver triunfante, Roma preparou-se bem para o domínio global. Agora, 792 anos depois da sua fundação, o homem que considera como seu imperador detém um poder digno de um deus. A seu lado, alinhadas na praia do norte, estão fileira após fileira das forças de combate mais temíveis do planeta: legionários de armadura, catapultas, artilharia de campanha. O imperador Caio analisa a sua extensão. Dá ordem de comando. De imediato, ouvem-se as trombetas estridentes. É o sinal para a batalha. Depois, silêncio. O imperador eleva a voz. «Soldados!», grita. «Ordeno-vos que apanhem conchas. Enchem os vossos capacetes com os despojos do oceano.»^[1] E os legionários, obedecendo à ordem do seu imperador, assim o fazem.

Essa é, pelo menos, a história que se conta. Mas será verdade? Será que os soldados apanharam realmente conchas? E se o fizeram, qual foi a razão? Este é um dos episódios mais famosos na vida de um homem cuja carreira permanece até hoje como algo de infame. Calígula, o nome pelo qual o imperador Caio é mais conhecido, é uma das poucas figuras da história antiga conhecida tanto por pornógrafos como por classicistas. Os pormenores escandalosos do seu reinado provocaram sempre um fascínio lascivo. «Chega de imperador; passemos ao monstro.»^[2] Assim escreveu Caio Suetônio Tranquilo, um estudioso e arquivista no palácio imperial, e biógrafo dos Césares nos seus tempos livres, cuja vida de Calígula é a mais antiga que possuímos. Escrita quase um século depois da morte do imperador, cataloga uma série de depravações e crimes bastante sensacionalistas. Dormia com as irmãs! Vestia-se como a deusa Vénus! Planeou conceder ao seu cavalo a mais alta magistratura de Roma! Perante tais façanhas, o comportamento de Calígula na costa do Canal deixa de parecer tão surpreendente. Suetônio certamente não teve nenhum problema em explicar o seu comportamento: «Ele estava doente no corpo e na mente.»^[3]

Mas se Calígula estava doente, então Roma também estava. Os poderes que um imperador tinha sobre a vida e a morte teriam sido abomináveis para uma geração anterior. Quase um século antes de Calígula ter reunido as suas legiões nas margens do Oceano e olhado para a Britânia, o seu tetra-tio-avô tinha feito o mesmo — e, depois, na verdade, atravessado o Canal. As façanhas de Caio Júlio César tinham sido tão espetaculares quanto outras na história da sua cidade: não apenas duas invasões da Britânia, mas a anexação permanente da Gália, como os Romanos chamavam ao que hoje é a França. Porém, tinha alcançado os seus feitos como cidadão de uma república — em que era dado como certo pela maioria que a morte era a

única e concebível alternativa à liberdade. Quando Júlio César, pisoteando esta presunção, reclamou a primazia sobre os seus concidadãos, deu origem, primeiro, a uma guerra civil, e, mais tarde, depois de ter esmagado os seus inimigos domésticos como tinha feito com os gauleses, ao seu próprio assassinato. Só depois de mais dois episódios de massacres sangrentos pôde o povo romano, finalmente, acostumar-se à sua servidão. A submissão ao domínio de um único homem tinha resgatado a sua cidade e o seu império da autodestruição — mas a própria cura tinha sido uma espécie de doença.

Augusto, o seu novo senhor, intitulava-se «o favorito dos deuses». Sobrinho-neto de Júlio César, tinha garantido o comando de Roma e do seu império através do derramamento de sangue e depois — após livrar-se dos seus rivais —, friamente, adotou a postura de um príncipe da paz. Tão astuto quanto cruel, tão paciente quanto decisivo, Augusto conseguiu manter a sua supremacia ao longo de décadas, morrendo na sua cama. A chave para tal conquista tinha sido a sua capacidade de governar com e não contra a essência da tradição romana: ao fingir não ser um autocrata, levou os seus concidadãos a acreditar que ainda eram livres. Um sedutor véu de subtileza cintilante tinha sido drapeado sobre os contornos mais duros do seu domínio. Porém, o tempo encarregar-se-ia de tornar este véu cada vez mais fino. Com a morte de Augusto, no ano 14, os poderes que ele tinha acumulado ao longo da sua longa e falsa carreira seriam revelados, não como expedientes temporários, mas sim como um pacote preparado para ser entregue a um herdeiro. O sucessor por si escolhido era um homem criado desde a infância na sua própria casa, um aristocrata chamado Tibério. As muitas qualidades do novo César, que iam de uma origem aristocrática exemplar ao registo de um trajeto como o melhor general de Roma, tinham contado menos do que o seu estatuto de filho adotivo de Augusto — e todos sabiam disso.

Tibério, um homem que sempre viveu comprometido com as virtudes da República desaparecida, foi um monarca infeliz; mas Calígula, que lhe sucedeu após um reinado de 23 anos, não tinha esses constrangimentos. Governar o mundo romano não em virtude da idade ou da experiência, mas por ser o bisneto de Augusto, não o incomodava minimamente. «A natureza, na minha opinião, produziu-o para demonstrar quão longe a depravação sem limites pode chegar quando combinada com o poder ilimitado.»^[4] Este foi o obituário que Sêneca, um filósofo que o conheceu bem, lhe atribuiu. No entanto, o julgamento não foi apenas acerca de Calígula, mas dos próprios pares de Sêneca, que se tinham submetido e humilhado diante do Imperador enquanto ele viveu, e sobre o povo romano como um todo. Aqueles foram tempos de podridão: doentes, aviltados, degradados.

Ou assim muitos acreditavam. Nem todos concordavam. O regime estabelecido por Augusto nunca teria resistido se tivesse falhado em proporcionar o que o povo romano tão desesperadamente ansiava após décadas de guerra civil: paz e ordem. A grande aglomeração de províncias governadas por Roma, que se estendiam desde o Mar do Norte ao Deserto do Sara e do Atlântico ao Crescente Fértil, também beneficiaram. Três séculos depois, quando a natividade do mais célebre homem nascido no reinado de Augusto se tornou infinitamente mais clara do que tinha sido na época, um bispo chamado Eusébio viu nas realizações do Imperador a orientadora mão de Deus. «Não foi apenas como consequência da ação humana», declarou, «que a maior parte do mundo ficou sob o domínio romano no preciso momento em que Jesus nasceu. A coincidência que viu o nosso Salvador começar a sua missão contra tal cenário foi inegavelmente organizada pela intercessão divina. Afinal de contas, se o mundo ainda

estivesse em guerra, e não unido sob uma única forma de governo, bem mais difícil teria sido para os discípulos empreenderem as suas viagens.»[5]

Eusébio conseguiu ver, numa perspetiva distanciada, o quão impressionante foi o feito da globalização levado a cabo por Augusto e os seus sucessores. Por mais brutais que tenham sido os métodos usados para a defender, a imensidão das regiões pacificadas pelas armas romanas não tinha precedentes. «Aceitar um presente», dizia um antigo ditado, «é vender a liberdade.» Roma taxava as suas conquistas; mas a paz concedida em troca não deve ser necessariamente desprezada. Fosse nos subúrbios da própria capital, que sob os Césares cresceu ao ponto de se tornar na maior cidade que o mundo já tinha visto, ou em toda a extensão do Mediterrâneo, unida agora pela primeira vez sob uma única potência, ou nos cantos mais afastados de um império cujo alcance global não tinha precedentes, a *pax romana* trouxera benefícios a milhões de pessoas. Os habitantes das províncias bem podiam estar gratos. «Ele limpou o mar de piratas, e encheu-o com navios mercantes.» Assim escreveu um judeu da grande metrópole egípcia de Alexandria, entusiasmado, em louvor de Augusto. «Ele deu a liberdade a cada cidade, trouxe ordem onde havia caos, e civilizou os povos selvagens.»[6] Hinos similares de louvor terão sido — e foram — dirigidos a Tibério e a Calígula. As depravações pelas quais os dois acabariam por se tornar famosos, raramente tiveram grande impacto no mundo em geral. Nas províncias, pouco importava quem governava como imperador — desde que o centro do Império se mantivesse.

No entanto, mesmo nos lugares mais distantes do Império, César era uma presença constante. Como poderia não ser? «Em todo o mundo, não há nada que lhe escape.»[7] Um exagero, é claro — e, contudo, o devido reflexo do medo misturado com o temor que um imperador dificilmente deixava de suscitar nos seus súbditos. Era ele quem detinha o monopólio do comando

da violência de Roma: as legiões e todo o ameaçador aparato do governo provincial, que existiam para garantir que os impostos eram pagos, os rebeldes massacrados e os malfeitores atirados às feras ou crucificados. Não era necessário que o imperador mostrasse constantemente a sua mão para que o medo ao seu poder arbitrário fosse universal em todo o mundo. Não admira, por isso, que o rosto de César se tenha tornado para os milhões dos seus súbditos o rosto de Roma. Rara era a cidade que não possuía alguma imagem dele: uma estátua, um busto, um friso. Mesmo na mais distante e diminuta província, lidar com dinheiro era uma forma de estar familiarizado com o perfil de César. Durante a vida de Augusto, nenhum cidadão vivo aparecera em qualquer moeda romana; mas logo que assumiu o controlo do mundo, rapidamente o seu rosto passou a ser cunhado em todos os lugares, estampado em ouro, prata e bronze.[*] «Que rosto e inscrição são estes?» Até mesmo um pregador de rua itinerante, nos confins da Galileia, que erguesse uma moeda nos dedos e perguntasse qual era o rosto nela retratado, poderia confiar que a resposta seria: «César.»[8]

Assim, não surpreende que o caráter de um imperador, as suas realizações, os seus relacionamentos e as suas fraquezas fossem temas que fascinassem os seus súbditos de forma obsessiva. «O seu destino é viver como num teatro onde o seu público é o mundo inteiro.»[9] Tal era a advertência atribuída por um historiador Romano a Mecenas, um confidente no qual Augusto confiava de forma particular. Tenha-o ou não dito, tal sentimento era verdade quanto à pura teatralidade da performance do seu senhor. Segundo Suetónio, o próprio Augusto, deitado no seu leito de morte, terá perguntado aos seus amigos se tinha desempenhado bem o seu papel na comédia da vida; e, em seguida, depois de ser assegurado de que assim tinha sido, teria exigido aplausos para a sua partida. Um bom imperador não tinha outra opção que não ser também um bom ator — assim como todos os

outros que pertenciam ao elenco. César, afinal, nunca estava sozinho no palco. Os seus potenciais sucessores eram figuras públicas pelo simples facto de se relacionarem com ele. Até mesmo a mulher, a sobrinha ou a neta de um imperador podiam ter o seu papel a desempenhar. Se falhassem, poderiam pagar um preço terrível; mas se tivessem sucesso, o seu rosto podia acabar por aparecer em moedas ao lado do próprio César. Nenhuma família na história havia alguma vez sido escrutinada como a de Augusto. As modas e os penteados dos seus membros mais proeminentes, reproduzidos com requintados pormenores por escultores por todo o Império, definiam tendências da Síria à Espanha. Os seus feitos eram comemorados com monumentos espetacularmente vistosos, e os seus escândalos repetidos com deleite de porto em porto. A propaganda e os mexericos, que se alimentavam mutuamente, deram à dinastia de Augusto uma celebridade que pode classificar-se, pela primeira vez, como continental.

Porém, até que ponto todos os alardeados créditos vistosamente esculpidos em mármore e todos os rumores sussurrados nos mercados e botequins se aproximavam do que realmente se passava no palácio de César? É certo que, no momento em que Suetónio escreveu as suas biografias dos imperadores, não havia falta de material ao qual recorrer. Havia de tudo: desde inscrições oficiais a mexericos deturpadores. Contudo, quando os analistas mais perspicazes tentaram dar algum sentido a Augusto e aos seus herdeiros, reconheciam que no coração da história da dinastia existia uma área obscura que ridicularizava e desafiava os seus esforços. Em tempos, durante a República, os assuntos de Estado eram debatidos em público, e os discursos dos líderes de Roma eram transcritos para que os historiadores os estudassem; mas com a chegada de Augusto ao poder, tudo isso tinha mudado. «Pois, a partir de então, as coisas começaram a ser feitas

de forma secreta, e de tal forma que não eram tornadas públicas.»^[10] Sim, os antigos ritmos do ano político, o ciclo anual de eleições e as magistraturas que em tempos, nos dias da República, tinham proporcionado a ambiciosos Romanos uma genuína oportunidade para influenciar o destino da sua cidade, ainda persistiam — mas como um espetáculo em grande parte irrelevante. A cadeira do poder estava agora noutro lugar. O mundo passou a ser governado, não em assembleias dos grandes e bons, mas em aposentos privados. Os sussurros de uma mulher no ouvido de um imperador, um documento discretamente entregue por um escravo, qualquer deles podia ter um impacto maior do que a mais altissonante oratória pública. A implicação, para qualquer biógrafo dos Césares, era sombria, mas inevitável: «Mesmo quando se trata de acontecimentos importantes, estamos às escuras.»^[11]

O historiador que fez esta advertência, embora um contemporâneo próximo de Suetónio, era-lhe incomensuravelmente superior como patologista da autocracia — na verdade, talvez o maior que já existiu. Cornélio Tácito conseguia ter uma profunda compreensão de como Roma e o seu império funcionavam. Ao longo de uma carreira brilhante, interveio nos tribunais, governou províncias, e exerceu as mais altas magistraturas a que um cidadão poderia aspirar; mas também demonstrou um sagaz, se bem que inglório, instinto de sobrevivência. A dinastia que governava Roma no seu tempo já não era a de Augusto, que tinha expirado no meio de um caos de sangue no ano 68 — mas nem por isso era potencialmente menos assassina. Ao invés de se manifestar contra os seus excessos, Tácito tinha optado por manter a cabeça baixa e desviar o olhar. Os crimes de omissão, nos quais se sentia ele próprio cúmplice, parecem nunca ter deixado a sua consciência por completo. Quanto mais se distanciava da vida pública, mais obsessivamente procurava sondar as profundezas do regime sob o qual fora

obrigado a viver, e acompanhar a sua evolução. Primeiro, narrou os acontecimentos da sua juventude e idade adulta; e, em seguida, no seu trabalho final e maior, a história que desde o século XVI é conhecida como *Os Anais*, pousou o seu olhar sobre a dinastia de Augusto. Quanto a Augusto e à sua fatídica primazia, Tácito optou apenas por uma análise mais oblíqua: concentrando-se, não sobre o homem, mas nos seus herdeiros. Sucessivamente, quatro Césares ocupariam o centro do palco: primeiro, Tibério; depois, Calígula; em seguida, o tio de Calígula, Cláudio; e, por fim, Nero, o último governante da dinastia, que era tetraneto de Augusto. A sua morte marcaria o fim da linhagem. Uma e outra vez, os membros da família imperial viriam a ter um final funesto. No ano 68, não havia um único descendente de Augusto vivo. Era esta a dimensão da história que Tácito tinha para contar.

E, outra coisa ainda: o desafio de contar a história em si. De forma mordaz, no primeiro parágrafo de *Os Anais*, Tácito expôs o problema. «As histórias de Tibério e Calígula, de Cláudio e Nero, foram falsificadas enquanto eles viveram, devido ao medo. E em seguida, depois das suas mortes, foram elaboradas sob a influência de ódios ainda purulentos.»^[12] Assim, só a investigação mais diligente e o estudo mais objetivo seria bem-sucedido. Esforçando-se meticulosamente no estudo dos registos oficiais do reinado de cada imperador, Tácito assegurou-se igualmente de nunca confiar neles em absoluto.^[*] As palavras, no tempo dos Césares, tornaram-se escorregadias, traiçoeiras. «Era uma época contaminada, degradada pela sua bajulação.»^[13] Este juízo desolado, gerado pela sua experiência pessoal, garantiu que o amargo ceticismo de Tácito acabasse por corroer tudo aquilo em que tocava. Em *Os Anais*, não descreve um César que alegasse agir no melhor interesse do povo romano, mas sim um hipócrita; nem que tenha tentado permanecer fiel às tradições da cidade, mas sim uma

farsa; nenhum sentimento verdadeiro, mas sim mentiras. A história de Roma é retratada como um pesadelo, assombrado pelo terror e pelo sangue, do qual os seus cidadãos não conseguem despertar. É um retrato de despotismo que muitas gerações subsequentes, que testemunharam a diminuição das suas liberdades, viriam rapidamente a reconhecer. Onde quer que uma tirania se constitua sobre as ruínas de uma ordem anteriormente livre, e sempre que é utilizada uma capciosa propaganda para mascarar os crimes sancionados pelo Estado, isso é recordado. A dinastia de Augusto continua a ser a definição da aparência do poder autocrático.

Assim, não surpreende que assombre a imaginação pública. Quando as pessoas pensam na Roma imperial, é provável que seja a cidade dos primeiros Césares a que lhes vem à mente. Não há nenhum outro período da história antiga que se compare, em inquietante e puro fascínio, à galeria das suas personagens principais. O seu escabroso *glamour* resultou em eles próprios se tornarem os arquétipos de dinastias violentas e assassinas. Monstros, como os que encontramos nas páginas de Tácito e Suetónio, parecem saídos de um romance fantástico ou de uma série de televisão: Tibério, desagradável, paranoico e com um gosto particular em ter os seus testículos lambidos por jovens rapazes, nas piscinas; Calígula, que lamentava que o povo romano não tivesse um único pescoço, para que o pudesse cortar de um só golpe; Agripina, a mãe de Nero, cujas manobras levaram o filho ao poder, acabaria por morrer por ordem dele; Nero, que pontapeou a mulher grávida até à morte, que se casou com um eunuco, e que ergueu um palácio do prazer no centro dos escombros de uma Roma destruída pelo fogo. Para os que gostam das narrativas de traições dinásticas, temperadas com veneno e perversões exóticas extremas, esta história parece ter tudo. Matriarcas assassinas, casais poderosos incestuosos, machos submissos e oprimidos que, no entanto, acabam por

exercer o poder sobre a vida e a morte: todos estes elementos de dramas recentes podem ser encontrados nas fontes da época. Os nomes dos primeiros césares, mais do que em qualquer outra dinastia, continuam a ser conhecidos. A sua celebridade mantém-se.

Pode facilmente admitir-se que tudo isto possa ter causado algum embaraço aos historiadores dessa época. Relatos de envenenamentos e depravação, precisamente por serem tão melodramáticos, tendem a fazê-los sentirem-se desconfortáveis. Afinal, quanto mais sensacional é a narrativa, mais suscetível é de não parecer plausível. A verdade das alegações apresentadas contra os Júlio-Claudianos — como a dinastia de Augusto é convencionalmente conhecida pelos estudiosos — tem, por esta razão e desde há muito, provocado desacordo. Poderia Calígula, por exemplo, ter sido realmente tão louco quanto Suetónio e outros autores antigos alegaram? Talvez, ao invés de insanas, as suas maiores extravagâncias tenham sido simplesmente adulteradas quando foram transmitidas? Seria possível, por exemplo, que por detrás da loucura aparente da sua ordem para apanhar conchas houvesse, de facto, uma explicação perfeitamente racional? Muitos estudiosos o têm sugerido. Ao longo dos tempos, têm sido propostas muitas teorias. Talvez — apesar de nenhuma fonte o mencionar — tenha havido um motim, e Calígula estivesse a punir os seus soldados, dando-lhes uma tarefa humilhante? Ou talvez quisesse que eles procurassem pérolas, ou então conchas que poderia vir a utilizar como elementos decorativos em fontes? Ou, quiçá, «concha» fosse usada por Calígula no seu étimo latino, significando algo completamente diferente: uma espécie de barco, ou até mesmo os órgãos genitais de uma prostituta? Qualquer uma destas sugestões é possível; nenhuma delas é definitiva. Como um sonho vívido, o episódio parece assombrado pelo sentimento de alguma lógica incompreensível, algum significado que todos os nossos

esforços para o compreender se veem condenados a nunca o entenderem completamente. Assim é o que nos frustra, muitas vezes, na história antiga: haver coisas das quais nunca se tem absoluta certeza.

Nenhuma delas deve necessariamente ser motivo de desespero. As incógnitas conhecidas não deixam de ter valor para os historiadores dos primeiros Césares. A questão sobre o que é que Calígula pretendia exatamente naquela praia gaulesa nunca será resolvida de forma decisiva; mas o que sabemos com certeza é que os historiadores romanos não sentiram que fosse particularmente necessária uma explicação. Assumiam que ordenar aos soldados que apanhassem conchas era o tipo de coisas que um imperador mau e louco faria. As histórias que se contaram de Calígula — que insultou os deuses, que tinha prazer na crueldade, que se deleitava com todo o tipo de desvios sexuais — não eram exclusivas dele. Em vez disso, eram parte dos rumores quotidianos que surgiam sempre que um César ofendia as virtudes da época. «Deixai as horrendas sombras sozinhas, escondidas no seu abismo de vergonha»^[14]: esta exortação, feita por um antologista dado a melhorar as narrativas durante o reinado de Tibério, era uma que poucos dos seus concidadãos se mostraram inclinados a seguir. Adoravam demasiado os mexericos. Os episódios que se contavam da dinastia imperial espelhavam os mais profundos preconceitos e terrores de quem as contava, transportando-nos para o cerne da psique romana. É por isso que qualquer estudo da dinastia de Augusto nunca pode ser apenas isso, devendo também servir para algo mais: um retrato do povo romano.

É também por isso que uma narrativa histórica, abrangendo todo o período Júlio-Claudiano, oferece talvez a forma mais segura de se encontrar um caminho entre a *Cila* de uma branda credulidade e a *Caríbdis* de um ceticismo excessivamente musculado.^[*] É claro que nem todas as histórias contadas sobre os primeiros Césares são confiáveis; mas, de igual modo,

muitas delas propiciam-nos a noção do que é provável que os tenha inspirado. Episódios anedóticos que podem parecer absolutamente fantásticos quando lidos isoladamente, com a perspectiva que uma narrativa fornece, acabam, muitas vezes, por não parecer tanto assim. A evolução da autocracia em Roma foi um empreendimento demorado e contingente. Augusto, embora classificado pelos historiadores como o primeiro imperador da cidade, nunca foi oficialmente instituído como monarca. Em vez disso, governou por força dos direitos e honras que, de forma gradativa, lhe foram concedidos. Nunca existiu nenhum procedimento formal para gerir a sucessão; e isso, por sua vez, assegurava que a cada imperador chegado ao poder lhe restavam poucas opções além de testar os limites do que podia e não podia fazer. Como resultado, a dinastia Júlio-Claudiana presidiu um longo e contínuo processo de experimentação. É por essa razão que optei neste livro pela análise da dinastia desde a sua fundação até ao seu sangrento final. O reinado de cada imperador compreende-se melhor, não nos seus próprios termos, mas no contexto daquilo que o precedeu e que a ele se seguiu.

Mais ainda porque o estudo da época, como invariavelmente acontece no que concerne à história antiga, pode assemelhar-se por vezes à frustração de ouvir rádio num carro antigo, com várias estações sempre a atropelaram-se uma às outras. Tivéssemos nós, por exemplo, o relato de Tácito das ações de Calígula naquela praia junto ao Canal — mas, infelizmente, não temos. Perdeu-se tudo o que *Os Anais* relataram acerca dos anos que decorreram entre a morte de Tibério e a primeira metade do reinado de Cláudio. Que Calígula, o membro mais célebre da sua dinastia, seja também aquele cujas fontes do seu reinado são as mais fragmentadas, não será certamente coincidência. Embora dois mil anos de repetições nos possam dar a impressão de que a narrativa da época há muito está estabelecida, em

muitos casos não está. É importante, quando se estuda história antiga, reconhecer quer o que não sabemos como desafiar o que sabemos. Os leitores devem estar cientes de que grande parte das narrativas deste livro, tal como a ponte de barcas que Calígula construiu entre dois promontórios na Baía de Nápoles, abrange turbulentas profundezas. A controvérsia e a discordância são endêmicas ao estudo da época. No entanto, é aí que reside o seu fascínio. Ao longo das últimas décadas, a gama e a vitalidade das pesquisas académicas sobre a dinastia Júlio-Claudiana revolucionaram a nossa compreensão desse tempo. Se este livro conseguir dar aos leitores, por pequena que seja, uma ideia de como é emocionante estudar a primeira dinastia imperial de Roma, então ele não terá falhado o seu objetivo. Dois milénios depois, os exemplos primordiais da tirania no Ocidente continuam a instruir e a intimidar.

«Nada poderia ser mais débil do que aquelas tochas que nos permitem, não romper a escuridão, mas vislumbrá-la.»^[15] Assim escreveu Séneca, pouco antes da sua morte, no ano 65. O contexto da sua observação fora um atalho que ele tinha tomado pouco tempo antes quando, ao viajar ao longo da Baía de Nápoles, atravessou um túnel sombrio e empoeirado. «Mas que prisão foi, e demorada. Nada se lhe comparava.» Sendo um homem que tinha passado muitos anos a observar a corte imperial, Séneca sabia tudo acerca da escuridão. Calígula, ressentido com o seu brilhantismo, por pouco não era dissuadido de o condenar à morte; Cláudio, ofendido pelo seu relacionamento adúltero com uma das irmãs de Calígula, baniou-o para a Córsega; Agripina, que procurava alguém que controlasse os instintos cruéis do seu filho, nomeou-o tutor de Nero. Séneca, que acabaria por ser obrigado pelo seu antigo aluno a cortar as veias, não tinha ilusões quanto à natureza do regime que servia. Mesmo a paz que tinha trazido ao mundo, declararia, em última instância tinha sido fundada em nada mais nobre do

que «no esgotamento de crueldade.»^[16]. Desde o seu início que o despotismo estava implícito na nova ordem.

No entanto, Séneca adorava aquilo que detestava. O desprezo pelo poder não o inibiu de se deleitar com ele. A escuridão de Roma foi iluminada pelo ouro. Dois mil anos depois, também nós, olhando para trás, para Augusto e os seus herdeiros, podemos reconhecer na sua mistura de tirania e de proezas, sadismo e *glamour*, poder luxuriante e celebridade, uma qualidade áurea tal que nenhuma dinastia desde então conseguiu igualar.

«César e o Estado são uma e a mesma coisa.»^[17]

Como isso veio a ser assim é uma história não menos convincente, não menos notável e não menos salutar do que alguma vez foi nos últimos dois mil anos.

Guardar, preservar e proteger o modo como as coisas estão: a paz de que usufruímos, e o nosso imperador. E quando ele tiver concluído o seu trabalho, depois de uma vida que, rogo, possa ser tão longa quanto possível, concedei-lhe a graça de ter sucessores cujos ombros se revelem suficientemente fortes para suportar a carga do nosso império global tal como foram os dele.

Veleio Patérculo (c. 20 a.C. — c. 31 d.C.)

A mancha dos erros cometidos por estes homens nos tempos antigos nunca desaparecerá dos livros de história. Até ao fim dos tempos, os atos monstruosos da Casa de César serão condenados.

Claudiano (c. 370 — 404)



I
PADRONE

OS FILHOS DA LOBA

A construção de uma superpotência

A história de Roma começou com um estupro. Uma princesa, uma virgem consagrada, foi surpreendida e violada. Foram dadas várias versões do fatídico ataque. Alguns disseram que aconteceu durante o sono, quando ela sonhava que um homem de grande beleza a levava até a uma sombra na margem do rio, abandonando-a ali, perdida e sozinha. Outros diziam que ela fora apanhada no meio de uma tempestade, enquanto recolhia água num bosque sagrado. Uma das narrativas referia-se até a um misterioso falo que surgiu das cinzas da lareira real e que teria possuído, não a princesa, mas a sua escrava. Mas todos concordavam com a gravidez subsequente; e muitos — com exceção de alguns revisionistas mais conservadores — não tinham quaisquer dúvidas de que o violador era um deus.[*] Marte, o Sanguinário, tinha plantado a sua semente no útero de uma mortal.

Assim, desse estupro, nasceram duas divinas crianças. Estes gémeos, a prole da vergonha da sua mãe, logo que nasceram foram lançados a um rio próximo, o Tibre. Mas os acontecimentos maravilhosos não ficaram por aí. Arrastados pelas enchentes do rio, a caixa onde tinham sido colocados os dois bebés encalhou junto a uma colina íngreme chamada Palatino. Aí, na entrada de uma caverna, protegidos da humidade gotejante pelas folhas dos ramos de uma figueira, os gémeos foram descobertos por uma loba; e a loba, em vez de os devorar, lambeu-os, limpando-lhes a lama, e ofereceu as

suas tetas às bocas famintas. Um porqueiro que por ali passava, ao testemunhar esta milagrosa cena, desceu as escarpas do monte Palatino em seu socorro. A loba fugiu. Resgatados pelo porqueiro, os dois rapazes, a quem foram dados os nomes de Rômulo e Remo, cresceram e viriam a ser guerreiros incomparáveis. Numa dada altura, Rômulo viu doze águias a sobrevoar o monte Palatino: era um claro sinal dos deuses de que deveria fundar, no cimo da colina, a cidade que mais tarde ficaria com o seu nome. Seria ele o primeiro rei de Roma.

Em todo o caso, foi esta a história contada séculos mais tarde pelos Romanos para explicar às pessoas as origens da sua cidade e a gloriosa dimensão dos seus feitos militares. Os estrangeiros, ao ouvi-la, terão certamente achado tudo muito plausível. Que Rômulo era filho de Marte, o deus da guerra, e que fora alimentado por uma loba, possibilitava — a quem contactava com os aspetos mais negros dos seus descendentes — explicar muito do carácter romano.^[1] Mesmo um povo como os Macedónios, que, sob Alexandre, *o Grande*, tinha conquistado um vasto império, quase até onde nasce o sol, sabia que os Romanos eram uma estirpe de homens completamente diferente de qualquer outra. Em 200 a.C., um breve confronto que com eles tiveram fora suficientemente perturbador para que regressassem a casa com tal convicção. Tinham passado mais de cinco séculos desde a era de Rômulo e, no entanto, os Romanos ainda mantinham, ou assim o sentiam os seus oponentes, algumas das qualidades impressionantes das criaturas geradas pelo mito. Os Macedónios, que recuperavam os seus mortos no campo de batalha, tinham ficado chocados com o caos que por lá descobriram. Corpos mutilados e desmembrados pelas espadas romanas tinham encharcado a terra com sangue. Braços ainda presos aos ombros, cabeças decepadas, poças fétidas com as vísceras: eram testemunho de uma violência mais bestial que humana. Não pode, pois,

censurar-se os Macedónios pelo pânico sentido naquele dia, «quando descobriram o tipo de armas e o género de homens que tinham de enfrentar.»^[2] Afinal, o pavor de lobisomens era algo natural em pessoas civilizadas. A natureza licantropa dos Romanos, a sugestão de garras por baixo das unhas e um olhar fixo e amarelado por detrás dos seus olhos, era algo que as pessoas ao longo de todo o Mediterrâneo, e até mais longe, tinham aprendido a tomar como garantido. «Ora, se até eles admitem que os seus fundadores foram amamentados com o leite de uma loba!» Era este o grito de guerra desesperado de um rei antes de o seu reino ser, também ele, arrasado. «É de esperar que todos tenham um coração de lobo. Estão inveteradamente sedentos de sangue, e insaciáveis na sua ganância. A sua cobiça pelo poder e a riqueza não tem limites!»^[3]

É claro que os Romanos viam as coisas de modo diferente. Acreditavam que tinham sido os deuses quem lhes concedera o domínio do mundo. Era a genialidade de Roma que dominava. Sim, pode ter havido quem se destacasse noutros campos. Quem, por exemplo, podia rivalizar com os Gregos quando se tratava de modelar o bronze ou o mármore, de mapear as estrelas ou de redigir manuais sexuais? Os Sírios foram preeminentes como dançarinos; os Caldeus destacaram-se como astrólogos; os Germanos como guarda-costas. Porém, só o povo romano possuía os talentos suficientes para conquistar e manter um império universal. Os seus feitos não admitiam discussão. Quando se tratava de poupar os submetidos, e do esmagamento dos ativos, eles reinaram de forma superior.

Acreditavam que as raízes desta grandeza provinham dos seus primórdios. «Os assuntos de Roma são fundados nos seus antigos costumes e na qualidade dos seus homens.»^[4] Desde os primeiros tempos, que a medida das proezas da cidade tinha sido a vontade dos seus cidadãos de tudo sacrificar em prol do bem comum — até mesmo as suas vidas. Rómulo

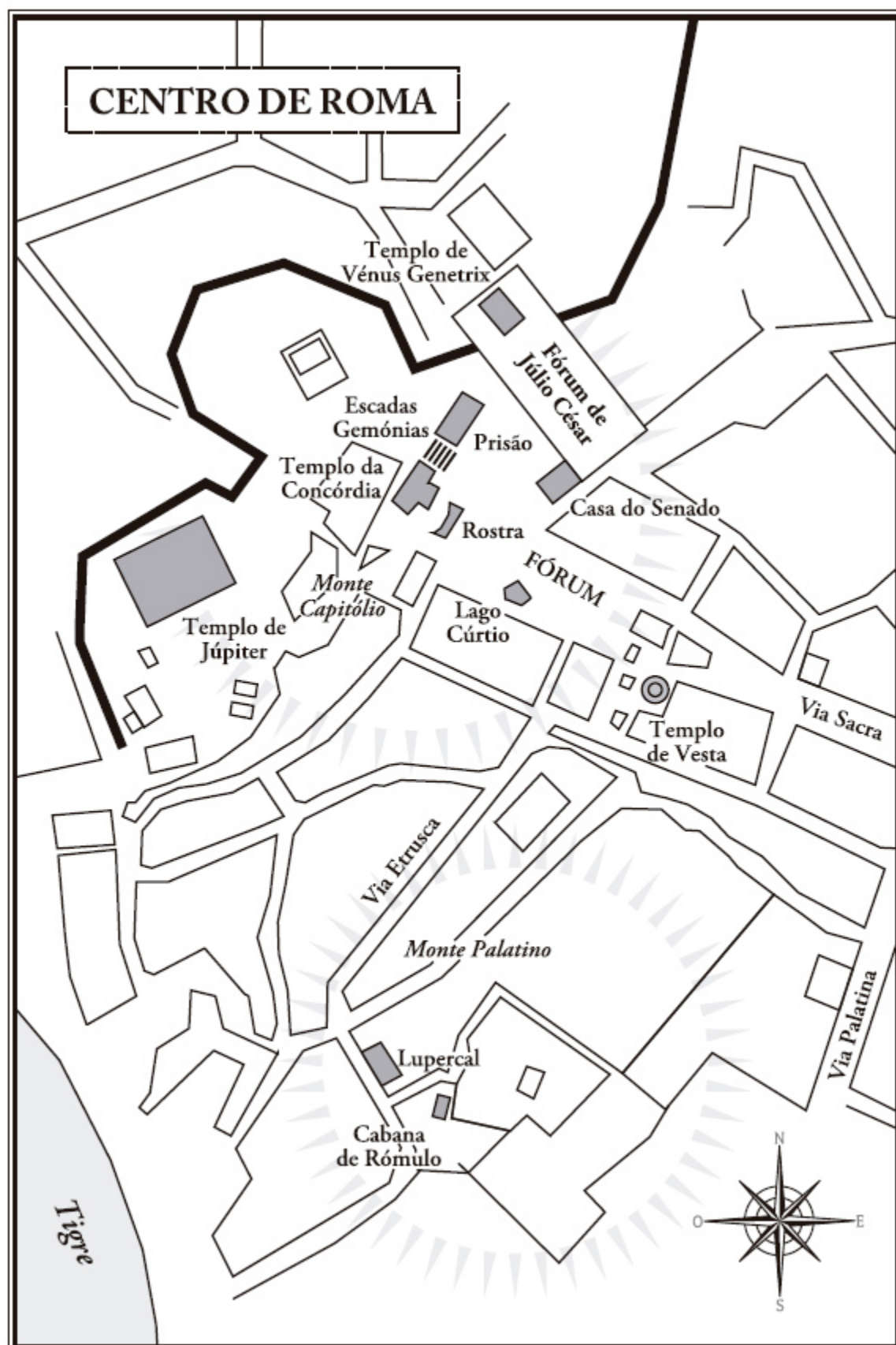
construiu uma muralha à volta da cidade que fundou, lavrou um sulco, o *pomerium*, para santificar tudo o que estava dentro dele como solo consagrado a Júpiter, rei dos deuses, mas sabia que era preciso mais para tornar Roma verdadeiramente inviolável. Foi então que Remo, o seu irmão gémeo, se ofereceu para ser sacrificado. Ao saltar a fronteira lavrada pelo seu irmão, foi derrubado com uma pá; «E, assim, com a sua morte, consagrou as fortificações da nova cidade.»^[5] A terra e a argamassa de Roma tinham sido fertilizadas pelo sangue do filho do deus da guerra.

Remo foi o primeiro a morrer pelo bem da cidade, mas, por certo não o último. Cinco reis se sucederam a Rómulo no trono de Roma; e quando o sexto, Tarquínio, *o Soberbo*, demonstrou ser um tirano cruel, mais do que merecedor do seu apelido, os seus súbditos arriscaram as suas vidas e rebelaram-se. Em 509 a.C., a monarquia terminaria definitivamente. O homem que liderou a revolta, um primo de Tarquínio chamado Bruto, obrigou o povo romano a um juramento coletivo de que «nunca mais permitiriam que um único homem reinasse em Roma.» A partir desse momento, a palavra «rei» era a mais obscena do vocabulário político. Não seriam mais súbditos, passavam a designar-se por *cives*, «cidadãos». Agora, eram livres para mostrar a sua impetuosidade. «Começaram a andar de cabeça erguida, e a exibir as suas capacidades para delas tirarem todo o proveito — pois está na natureza dos reis que suspeitem mais dos homens bons do que dos maus, e que tenham pavor dos talentos dos outros.»^[6] Já não havia qualquer necessidade, numa cidade libertada do olhar ciumento de um monarca, de encobrir o anseio pela glória dos seus cidadãos. A medida das verdadeiras conquistas tornara-se o louvor do povo romano. Até mesmo o mais humilde camponês, se não se visse refletido no espelho de escárnio dos seus companheiros, era obrigado a cumprir os seus deveres como cidadão, e provar que era um homem — um *vir*.

Virtus, a qualidade de um *vir*, era o grande ideal romano, a luminosa fusão da energia e da coragem que os Romanos identificavam como a sua força principal. Até os deuses concordavam. Em 362 a.C., um século e meio depois da queda de Tarquínio, o *Soberbo*, um presságio aterrorizador atormentou o centro de Roma. Sob o Palatino, na área correspondente ao piso pavimentado conhecido como o Fórum, abriu-se um abismo. Nada teria infundido tanto terror nos corações dos Romanos. O Fórum era o centro da vida cívica. Era onde os estadistas se dirigiam ao povo, onde os magistrados promoviam a justiça, onde os comerciantes vendiam as suas mercadorias, e onde as virgens consagradas ao serviço de Vesta, a deusa do lar, guardavam a chama eterna. Que uma porta para o submundo se abrisse num lugar tão fundamental para a vida romana, indicava claramente algo de terrível: a ira dos deuses.

E assim foi. Exigia-se um sacrifício: «a mais preciosa coisa que tiverdes.»^[7] Mas qual era o bem mais precioso de Roma? Esta pergunta provocou muitas dúvidas até que, por fim, um jovem chamado Marco Cúrcio falou e disse aos seus concidadãos que a virilidade e a coragem eram as maiores riquezas do povo romano. Em seguida, vestiu uma armadura completa, montou o seu cavalo, incitou-o a seguir em frente e cavalgou até ao abismo. Galopou ao longo da sua orla e mergulharam os dois nas profundezas. O abismo fechou-se. Uma piscina e uma oliveira foram ali deixadas para assinalar o local, e respeitar a memória de um cidadão que perecera para que os seus concidadãos pudessem viver. O povo romano tinha este ideal do bem comum em tão alta consideração que a sua designação — *res publica* — consubstanciava a síntese de todo o seu sistema de governo. Possibilitava a cada cidadão reverberar o anseio individual pela honra, poder decidir testar o corpo e o espírito no cadinho da adversidade e sair triunfante de cada calvário, e poder coexistir com um

férreo sentido da disciplina. Para os vizinhos da República, as consequências de tudo isto eram invariavelmente devastadoras. Em 200 a.C., quando os Macedônios experimentaram pela primeira vez toda a selvajaria de que as legiões eram capazes, Roma já era dona e senhora do Mediterrâneo ocidental. Dois anos antes, os seus exércitos tinham desferido um golpe devastador no poder que tinha presumido poder rivalizar com ela: uma metrópole de príncipes mercadores situada na costa do Norte de África com o nome de Cartago. A vitória de Roma tinha sido memorável. A luta de morte entre as duas cidades durou, de forma intermitente, mais de 60 anos. Durante esse tempo, a guerra chegou às portas de Roma. A Itália tinha sido embebida em sangue. «A convulsiva turbulência do conflito tinha feito estremecer o mundo inteiro.»^[8] Porém, em última análise, depois de uma provação em que outros teriam desesperadamente tentado chegar a termos, os vencedores tinham emergido tão endurecidos pela batalha que pareciam ter sido forjados em ferro. Não surpreende por isso, que até mesmo os herdeiros de Alexandre, *o Grande*, tenham achado ser impossível enfrentar as legiões. No Mediterrâneo oriental, vários reis foram obrigados a rastejar perante os magistrados Romanos. Perante o peso de uma república livre e disciplinada, a monarquia parecia ter sido decisivamente destituída. «As nossas emoções são regidas pelas nossas mentes.» Era desta forma severa que se informavam os embaixadores de um rei derrotado. «Estas nunca se alteram — não importa o que o destino nos reserve. Assim como a adversidade nunca nos abateu, nunca nos deixámos empolar pelo sucesso.»^[9]



O homem que assim falou, Públio Cornélio Cipião, estava certamente em posição de o saber. Ele era o epítome do sucesso. O seu cognome, «O Africano», era o testemunho do seu papel como conquistador do inimigo mortal de Roma. Foi ele quem arrancou Espanha do domínio dos Cartagineses, quem os derrotou no seu território, e que depois os levou a aceitar os termos mais abjetos. Alguns anos depois, no rol dos principais cidadãos do Estado, o nome de Cipião aparecia, resplandecente, no topo da lista. Esta era, para uma sociedade como a romana, uma honra como nenhuma outra. A hierarquia era uma obsessão que definia o povo romano. Todos eram oficialmente classificados de acordo com uma escala de valor. O estatuto de cidadão era calibrado com enorme precisão. A riqueza, a família e as realizações eram conjugadas para identificar onde, de forma precisa, dentro do exigente sistema de classes da República, se posicionava cada romano. Mesmo no topo da sociedade, o estatuto era ativamente escrutinado. Os cidadãos dos escalões mais altos estavam incluídos numa categoria exclusiva: o Senado. Tal exigia dos seus membros, além da riqueza e posição social, um registo de serviço como magistrados que fosse suficiente para os qualificar como árbitros do destino de Roma. As suas deliberações eram tão delicadas e tão influentes que «durante muitos séculos, nenhum senador disse em público uma palavra acerca delas.»^[10] Como resultado, a não ser que um estadista conseguisse fazer-se ouvir junto dos conselheiros, este bem podia ser mudo. No entanto, o direito de um senador em poder falar para os seus concidadãos não era um dado adquirido. Os primeiros a participar nos debates eram sempre aqueles que, em virtude do seu nível social, estatuto moral e serviço ao Estado, tinham acumulado o maior prestígio. A *Auctoritas* — como os Romanos denominavam essa qualidade — e a República, ao posicionarem Cipião no primeiro lugar na lista dos seus cidadãos, concediam-lhe o apoio para o

prodigioso peso da sua autoridade. O conquistador de Cartago tinha, por consentimento universal, «alcançado uma glória única e deslumbrante.»^[11] Não se conhecia, mesmo nas fileiras dos maiores triunfadores de Roma, quem pudesse rivalizar com Cipião, *o Africano*. Ele era o *Princeps Senatus*, «o primeiro homem do Senado».

Porém, o perigo espreitava tal primazia. A sombra projetada por Cipião sobre os seus concidadãos era algo que não podia deixar de causar ressentimentos. O princípio orientador da República permanecia o que sempre tinha sido: que nenhum homem devia ter o poder supremo em Roma. Para os Romanos, a própria aparência de um magistrado servia de lembrete para as seduções e os perigos da monarquia. A púrpura que orlava a sua toga tinha sido originalmente a cor da realeza. Os «licttores», guardacostas cujo dever era abrir-lhe caminho por entre a multidão, tinham outrora escoltado, de forma semelhante, Tarquínio, *o Soberbo*. As lanças e os machados que cada lictor levava nos seus ombros — os *fasces*, como eram conhecidos —, simbolizavam a autoridade de uma intimidadora extensão régia: o direito de infligir tanto a punição corporal como a capital.^[*] Um tal poder era algo fantástico e traiçoeiro. Só depois de tomadas as mais extremas precauções poderia alguém, numa república livre, ser confiável para o poder empunhar. Esta era a razão para que, na sequência da queda da monarquia, os poderes do rei banido tivessem sido atribuídos não a um único magistrado, mas a dois: os cônsules. Como um vinho forte, o esplendor do consulado e a glória eterna que trazia aos que a ganhavam, requeria uma prévia e cuidada diluição. Além de ser dado a cada cônsul o poder de vigiar o outro, a duração de um consulado era apenas de um ano. Porém, o prestígio desfrutado por Cipião desafiava qualquer um desses limites. Mesmo os mais importantes magistrados eleitos da República

corriam o risco de se verem diminuídos perante isso. Como resultado, no Senado começaram a ouvir-se murmúrios contra o *Princeps*.

A verdade é que, na República, o esplendor sempre fora visto com profunda desconfiança. As rugas e a seriedade eram o que o povo romano esperava dos seus estadistas. A própria palavra «senator» deriva do latim para «homem velho». Mas a carreira meteórica de Cipião tinha começado a traçar-se numa idade escandalosamente jovem. Foi nomeado para o comando das legiões contra os Cartagineses, em Espanha, quando tinha apenas 26 anos. Ganhou o seu primeiro consulado apenas cinco anos depois. Mesmo a sua elevação à categoria de *Princeps Senatus* tinha chegado numa idade em que outros senadores, posicionados num patamar muito inferior ao seu, ainda procuravam entrar numa magistratura júnior. Forjar uma arrojada carreira de conquistas antes de começar a amadurecer era, naturalmente, o que Alexandre, *o Grande*, tinha feito de forma tão vibrante. Ressentidos, os senadores não se sentiam tranquilizados com este pensamento. Alexandre, afinal de contas, tinha sido um estrangeiro, e um rei. Reconhecido, como fora, pelas suas ambições a uma escala quase divina, para muitos senadores era inquietante que a autopromoção de uma figura tão incómoda pudesse ser imitada por um dos seus. Dizia-se que Cipião era filho de uma cobra que fecundara a sua mãe; que tinha saído vitorioso em Espanha graças à oportuna ajuda de um deus; que bastava atravessar o Fórum à noite para que os cães cessassem de ladrar. Apesar de ser *Princeps*, narrativas como estas davam-lhe um estatuto incomum. E, como tal, intolerável. Em 187 a.C., quando Cipião regressou de uma campanha no Oriente, os seus inimigos esperavam-no. Acusaram-no de peculato. Mostrando os seus livros de contas perante o olhar de um Senado repleto, Cipião lembrou, com indignação, aos seus acusadores, todos os tesouros que tinha ganho para Roma. Mas tal não os demoveu. Para não

arriscar a humilhação de uma condenação, retirou-se definitivamente para a sua propriedade rural. Destroçado, ali morreria, em 183 a.C. O princípio fundamental da vida política na República tinha sido ilustrado de forma brutal: «que a nenhum cidadão deva ser permitida uma eminência tão formidável que o impeça de ser interrogado pelas leis.»^[12] No final, mesmo a um homem tão grande como Cipião, *o Africano*, tinha sido impossível argumentar contra isso.

Os Romanos podiam ter sido criados por lobos, mas o futuro da República, e das suas liberdades, parecia assegurado.

O grande jogo

Mas estaria?

De facto, Cipião tinha-se submetido às leis da República. Apesar disso, o seu enorme carisma dava a entender que a caminhada da República para um estatuto de superpotência não se faria sem alguns obstáculos. Os oponentes de Cipião orgulhavam-se do seu inflexível provincianismo. Tinham como certo que os antigos usos e costumes de Roma eram os melhores. Mas os limites de tal conservadorismo eram cada vez mais aparentes. Cipião tinha sido meramente um primeiro exemplo. O acentuar do emaranhado de compromissos diplomáticos de Roma, a proficiência incomparável das suas legiões, e a sua recusa em tolerar sequer uma sugestão de desrespeito eram a combinação perfeita para que os seus líderes se sentissem tentados por ambições, literalmente, universais. Mais de um século após a morte de Cipião, o novo predileto do povo romano tinha ganho uma riqueza e uma celebridade nunca sonhadas pelas gerações anteriores. Pompeu Magno — «Pompeu, *o Grande*» — tinha uma carreira fundada na ilegalidade e no

autoengrandecimento sensacionalista. Aos 23 anos, já tinha constituído o seu exército privado. Seguiu-se uma série de comandos territoriais prestigiantes e lucrativos. Uma carreira convencional não era para o homem a quem já tinham apelidado de «o jovem carnicheiro»^[13]. Surpreendentemente, conseguiu ganhar o seu primeiro consulado, com apenas 36 anos, sem nunca ter pertencido ao Senado.

Piores afrontas estavam para acontecer. O património da República seria espezinhado com arrogância. Em 67 a.C. foi dado a Pompeu um comando territorial que, pela primeira vez, abraçava todo o Mediterrâneo. Um ano mais tarde, conseguiria ir ainda mais longe, através da obtenção de uma carta-branca para impor o domínio direto sobre vastas e tentadoras áreas de territórios não anexados. Os limites orientais da Ásia Menor, designação dada pelos Romanos ao que hoje é a Turquia, e de toda a Síria foram «engolidos». Pompeu foi saudado como «O Conquistador de todas as Nações»^[14]. Quando finalmente regressou a Itália, em 62 a.C., trazia mais do que glória no seu rasto. Reis eram seus clientes, e os seus reinos estavam à sua disposição para esmifrar. As suas legiões deviam lealdade, não à República, mas ao homem que lhes permitira ficar com os despojos do Leste: o seu triunfante general, o seu *imperator*. Quanto a Pompeu, ele não tinha tempo para falsas modéstias: vaidoso, cavalgava pelas ruas de Roma, numa pose semelhante a Alexandre, o Grande.

Ninguém, nem mesmo o mais amargurado conservador, poderia negar a sua preeminência. «Todos e cada um reconhecem o seu inigualável estatuto de *Princeps*.»^[15] Ao contrário de Cipião, Pompeu não devia este título a qualquer votação do Senado. Em vez disso, como o incenso que trouxera do Oriente nas ruidosas caravanas, a sua *auctoritas* suspendia-se sobre Roma, densa, perfumada e intangível. A duração e o âmbito da campanha de Pompeu escarneciam dos ritmos tradicionais da política e da vida na

República. A perspectiva de partilhar os seus comandos com um colega, ou de aceitar a sua limitação a um único ano, nunca passou pela sua cabeça. Qual era o Senado capaz de fazer claudicar «o domador do mundo»^[16]? Pompeu tinha garantido as suas vitórias, não apesar, mas devido à sua criminalidade. As implicações eram bastante inquietantes. Leis que tão bem tinham servido Roma nos seus tempos de provincianismo, começavam de forma palpável, agora que governava o mundo, a serem deformadas. Os mesmos reis que rastejavam e se encolhiam nas caravanas de Pompeu, apenas serviam para demonstrar que proveitos deslumbrantes podiam ser oferecidos a um cidadão preparado para desprezar as veneráveis salvaguardas contra a monarquia. A grandeza de Roma, muito estimada pelos seus cidadãos como o fruto da sua liberdade, parecia estar a ameaçar a República com a decadência das suas liberdades.

Só que Pompeu, apesar da sua força, não desejava impor-se aos seus concidadãos através da ponta de uma espada. Apesar da sua avidez pelo poder e pela fama, havia limites que nem ele se atrevia a ultrapassar. Uma preponderância que não fosse respaldada pela aprovação dos seus pares era uma preponderância que não valia a pena ter. O despotismo militar estava fora de questão. A grandeza, na República, nada representava a não ser que fosse determinada pelo respeito do Senado e do povo romano. Pompeu queria tudo isso. E foi isso que proporcionou aos seus inimigos a sua oportunidade. Embora demasiado intimidados pelos recursos disponíveis do novo *Princeps* para o poderem acusar, podiam no mínimo negar-lhe a cooperação. O resultado foi o marasmo. Pompeu, para sua surpresa e indignação, viu as suas medidas serem bloqueadas no Senado, as suas decisões ficarem por ratificar e os seus feitos ridicularizados e rejeitados. A política a funcionar? Era isso o que os inimigos de Pompeu ousavam

esperar. Mantinha-se a única constante na vida da República. Ninguém estava acima do Senado.

No entanto, alguns dos principais rivais de Pompeu, ao analisarem a crise que afetava a cidade, fizeram-no de forma mais impiedosa e predatória. À semelhança dos seus colegas senadores, o espetáculo de um concidadão que mantinha o Leste subjugado despertava amargos sentimentos de ciúme e medo; contudo, também reconheciam que isso representava o alvorecer de uma nova e inebriante era de possibilidades. Num ápice, um mero consulado tinha deixado de ser a ambição de um Romano. As instituições da República já não chegavam para saciar o apetite. As recompensas à escala global pareciam estar agora, e de forma tentadora, ao alcance: «o mar, a terra, o caminho das estrelas»^[17]. Bastava somente ter a coragem de estender a mão e agarrá-las. Em 60 a.C., à medida que os inimigos de Pompeu continuavam a rosnar e a morder os calcanhares do grande homem, dois dos mais formidáveis manipuladores de Roma engendravam uma audaciosa manobra. Marco Licínio Crasso e Caio Júlio César eram homens cuja inveja do *Princeps* apenas era superada pela sua determinação em imitá-lo. Ambos tinham boas razões para ambicionar algo mais elevado. Crasso há muito que era como uma aranha no coração de uma monstruosa teia. General com provas dadas e ex-cônsul, a sua *auctoritas* era, no entanto, produto de cautela e brilhantismo. Como Pompeu, tinha-se apercebido de que as mais seguras fontes do poder em Roma já não eram as tradicionais. Embora perfeitamente à vontade nos palcos da vida pública, o seu verdadeiro talento estava nas manobras de bastidores. Mais rico do que qualquer Romano alguma vez sonhara, e com uma coerente e infinita capacidade para o oportunismo, Crasso tinha aplicado a sua aparente inesgotável riqueza para ludibriar uma geração completa de homens em formação. A maioria dos que nela se enredou, depois de aceitar os seus

favores, rapidamente descobriu que era impossível voltar atrás. Só um homem com um raro talento político se conseguiria libertar e emergir como jogador de pleno direito. Esse homem era César. Em 60 a.C. tinha 40 anos: o herdeiro de uma família antiga mas enfraquecida, conhecido pelo luxo perdulário e por enormes dívidas. Porém, ninguém, nem mesmo seus inimigos — que eram muitos —, negavam os seus talentos. Charme fundido com crueldade, com uma pitada de determinação, era uma combinação explosiva. Apesar de ser claramente inferior a Crasso, e ainda mais a Pompeu, no que a recursos e reputação dizia respeito, o que César tinha para oferecer era a capacidade de segurar com firmeza as rédeas do poder. Em 59 a.C. foi-lhe proporcionado servir como um dos dois cônsules eleitos da República. Com o respaldo conjunto de Pompeu e Crasso, e recorrendo às suas inefáveis qualidades de encanto e firmeza, conseguiria — mesmo que ilegalmente — neutralizar o seu colega consular. O consulado seria, na realidade, o de «Júlio e César»^[18]. Ele e os seus dois aliados seriam então capazes de impor toda uma lista de medidas. Pompeu, Crasso, César: um trio propenso a lucrar esplendidamente com a sua parceria tricéfala.

E assim foi. As gerações subsequentes distinguiriam no nascimento deste «triunvirato» um desenvolvimento tão fatídico quanto sinistro: «O forjar de uma conspiração para aprisionar a República.»^[19] Na verdade, os três poderosos não faziam nada que políticos de maior peso não tivessem já feito durante séculos. Em Roma, os assuntos sempre foram conduzidos através de alianças e do enfraquecimento dos rivais. No entanto, o consulado de Júlio e César constituir-se-ia, efetivamente, como uma marca fatal na sua história. Quando os capangas de César despejaram um balde de fezes sobre o cônsul rival e espancaram os seus oficiais, levando-o a retirar-se, anunciava-se um ano de tão evidentes ilegalidades que nenhum dos conservadores jamais esqueceria ou perdoaria. Apesar dos acordos impostos

por César terem servido tanto os seus interesses como os dos seus dois aliados, as culpas viriam a recair principalmente sobre o cônsul. Os seus inimigos estavam agora visceralmente empenhados na sua destruição. De forma não menos apaixonada, César estava empenhado na procura de grandeza.

Compreende-se assim que, enquanto cônsul, se tenha assegurado de reservar para si a mais esplêndida apólice de seguro possível: uma governação de largo alcance. Na primavera de 58 a.C. César dirigiu-se para norte, para assumir o comando de três províncias: uma na região dos Balcãs, outra na fronteira norte da Itália, e a terceira no lado mais distante dos Alpes, no sul da Gália. Aqui, podia sentir-se protegido dos seus inimigos. Estava proibido que qualquer magistrado do povo romano fosse levado a julgamento — e o ultrajante mandato de cinco anos de César como governador tinha sido constitucionalmente fixado. A seu devido tempo, acabaria por ter o dobro da duração. César pode ter sido o parceiro menor de Pompeu e Crasso — mas nenhum destes conseguiu tirar proveitos mais promissores de tal aliança do que o novo governador da Gália. A valia de uma década de imunidade era apenas o começo. Igualmente inestimáveis eram as oportunidades que se ofereciam para a obtenção de glória. Para lá dos Alpes e dos limites do poder romano, estabeleciam-se os confins da *Gallia Comata*, a «Gália dos cabelos compridos». Aqui habitavam imensas hordas de bárbaros: guerreiros de cabelos eriçados e seminus, muito propensos a espetar as cabeças dos seus inimigos em lanças e a beber-lhes o sangue. Durante séculos, tinham encarnado os piores pesadelos da República; mas César, de forma corajosa, brilhante e ilegal, mal chegou à Gália logo se preparou para a conquistar. As suas campanhas foram devastadoras. Ao que se dizia, um milhão de pessoas terá perecido durante o seu curso. Um milhão mais foi escravizado. Durante uma década, o

sangue e o fumo pairaram sobre toda a Gália. No fim do mandato de César como governador, todas as tribos, do Reno ao Oceano, tinham sido vergadas sob a sua espada. Até mesmo os Germanos e os Bretões, selvagens que viviam na orla do mundo e cuja destreza era tão proverbial como exótica, tinham aprendido a respeitar as armas romanas. Entretanto, na capital, os concidadãos de César empolgavam-se com a exuberância da magnanimidade do seu novo herói e as sensacionais notícias das suas façanhas. O próprio César, enriquecido pela fama e pelos saques, e com um exército de legiões amadurecidas pelas batalhas à sua retaguarda, ganhou em 50 a.C. uma *auctoritas* capaz de rivalizar com a de Pompeu. Os seus inimigos no Senado, que contavam os dias que faltavam para que deixasse o governo, sabiam agora que, mais do que nunca, não podiam dar-se ao luxo de perder a sua oportunidade.

Para César, o conquistador da Gália, era intolerável a perspectiva de ser atormentado nos tribunais por um bando de pigmeus. Ao invés de sofrer tamanha humilhação, a sua intenção era a de passar diretamente do comando provincial para um segundo consulado. Mas para o conseguir precisaria de aliados, e muito tinha mudado em Roma durante sua ausência. A força do Triunvirato estava nos seus três pilares e, em 50 a.C., um deles tinha desaparecido. Quatro anos antes, Crasso tinha partido para a Síria. Desesperado para seguir as pisadas de Pompeu e César, conseguira o comando das legiões contra os Partos, o único povo no Médio Oriente que ainda tinha presunção suficiente para desafiar a hegemonia romana. A expedição prometia esplêndidos saques, suficientes para satisfazer mesmo o mais notável dos avarentos de Roma. Os Partos governavam um império fabulosamente rico. Estendia-se do Oceano Índico, o «mar das pérolas»^[20], até às terras altas da Pérsia, onde, de acordo com os relatos, havia uma montanha inteiramente de ouro, e até à Mesopotâmia, onde

incontáveis luxos — sedas, perfumes e taças aromáticas — estavam disponíveis nos seus bem abastecidos mercados.

Infelizmente, os Partos não eram apenas ricos, mas também dissimulados. Ao invés de combates frontais, preferiam atirar flechas a partir da sua cavalaria, em permanentes movimentações de rotação, avanços e recuos. Os invasores, sobrecarregados e suados, viram-se impotentes contra essa tática efeminada. Em 53 a.C., na fronteira da Mesopotâmia, encurralado numa planície abrasadora nos arredores da cidade de Carras, Crasso e 30 mil dos seus homens foram dizimados. As águias, representações em prata da ave sagrada de Júpiter que serviam de símbolo e estandarte de cada legião, tinham caído em mãos inimigas. O mesmo aconteceria à cabeça de Crasso, que acabaria como troféu na corte do Império Parta. Descobriu-se que ousar nem sempre significava ganhar.

No que a Roma dizia respeito, os danos sofridos pela derrota em Carras foram ainda mais graves do que à primeira vista tinha parecido. Tinha sido um duro golpe que ameaçava a estabilidade de toda a República. Com o desaparecimento de Crasso, o número de jogadores no grande jogo da política romana diminuía num momento perigoso. Já não eram apenas os conservadores, decididos a preservar o funcionamento do Estado e as suas tradições, que se sentiam ameaçados pelo brilho dos feitos de César. O mesmo sentia o seu parceiro sobrevivente no Triunvirato — Pompeu, *o Grande*. À medida que César e os seus inimigos em Roma manobravam, num crescente desespero, para obter vantagem, ambos estavam em concorrência direta pelo apoio do *Princeps*. Esta situação, embora contribuísse para alimentar o ego do homem, também o deixava subtilmente enfraquecido. César ou os inimigos de César? Estes eram os termos da mais difícil escolha a que Pompeu alguma vez se obrigara, determinada pelo seu antigo e mais jovem parceiro. Assim, no fim, a rutura entre os dois homens

era, quiçá, inevitável. Em dezembro de 50 a.C., quando um dos dois cônsules desse ano se deslocou a casa de Pompeu nos arredores de Roma, lhe entregou uma espada e o incitou a empunhá-la contra César em defesa da República, Pompeu respondeu que o faria — «se não houver alternativa.»^[21] Esta resposta dava a entender que não havia. César, entre a escolha de se submeter à lei e entregar o seu comando, ou de se manter firme na defesa da sua *auctoritas*, declarando a guerra civil, nem hesitou. A contenção de Cipião não condizia com ele. A 10 de janeiro de 49 a.C., com uma das suas legiões, atravessou o Rubicão, um pequeno rio que marcava a fronteira da sua província com a Itália. Os dados estavam lançados. «O reino fora dividido pela espada; e o destino do Império, que tinha o mar, a terra e o mundo inteiro na sua posse, era inadequado para dois.»^[22]

À espera de um herói

A aptidão do povo romano para matar, que lhe proporcionara o domínio universal, virava-se agora sobre si mesmo. As legiões confrontavam-se e «o próprio mundo estava a ser mutilado.»^[23] A guerra, lançada por César com a travessia do Rubicão, duraria mais de quatro anos e estender-se-ia entre os dois extremos do Mediterrâneo. Nem mesmo a derrota de Pompeu no campo de batalha, e o seu subsequente assassinato e decapitação durante a fuga ao seu vitorioso rival, puseram fim ao conflito. Desde África até Espanha, a matança continuou. Pompeu, «o seu tronco poderoso decapitado numa praia»^[24], era apenas o mais proeminente dos muitos que foram transformados em pó em terras estrangeiras. A herança das tradições e das leis que tinha levado o povo romano a estar unido em torno de um propósito comum nada significava para os soldados, que apenas procuravam

recompensas, não de antigas noções de bem comum, mas para o comandante que os liderava. Cativos foram arremessados das muralhas ou viram as suas mãos amputadas. Cadáveres de Romanos recém-abatidos eram usados por outros Romanos como barreiras defensivas. Os legionários, como se fossem meros Gauleses, espetavam as cabeças dos seus compatriotas nas lanças. Foi a este ponto que chegaram os laços da cidadania.

Para aqueles cujas terras tinham sido arrasadas, não era grande surpresa que essas alcateias rivais se canibalizassem umas às outras. Os chefes das províncias há muito que tinham formulado a sua opinião acerca das origens dos seus superiores. Compreendiam melhor do que os herdeiros de Rómulo o que significava ser criado por uma loba. As histórias, que para o povo romano sempre tinham sido um motivo de orgulho, ganhavam agora uma luz muito diferente, quando vistas através dos olhos dos vencidos. As prolongadas hostilidades tinham servido para denegrir cada vez mais as tradições nascidas em Roma. Dizia-se que Rómulo, no alto do monte Palatino, não vira águias, mas abutres a caminho de se banquetearem de cadáveres; que os primeiros Romanos eram «bárbaros e vagabundos»^[25]; que Remo, em vez de abnegadamente ter oferecido a sua própria vida para o bem da cidade, tinha, de facto, sido assassinado pelo seu irmão. «Afiml, que tipo de pessoas são os Romanos?»^[26] A esta pergunta, repetidamente formulada por aqueles que os odiavam e temiam, já nem os próprios Romanos conseguiam dar uma resposta credível. E se os seus inimigos tivessem razão? E se Rómulo tivesse mesmo matado o irmão? E se estivesse destinado ao povo romano repetir o crime primordial do seu fundador, até que a ira dos deuses tivesse sido satisfeita e o mundo se afogasse em sangue? Afiml, o fraticídio não era fácil de apaziguar. Até os soldados embrutecidos por anos de conflito sabiam disso. Na primavera de

45 a.C., quando César avançava nas planícies do sul de Espanha para enfrentar o último dos exércitos que se dirigia ao seu encontro, os seus homens capturaram um dos inimigos, e descobriram que o prisioneiro tinha matado o seu próprio irmão. Os soldados ficaram tão revoltados com este crime que o espancaram até à morte. Dias depois, numa vitória que podia, finalmente, considerar-se como conclusiva, César massacrou de tal forma os seus oponentes, que 30 mil dos seus concidadãos foram deixados no campo de batalha para que as moscas neles se banquetearassem.

Contudo, as perdas de Roma não deviam apenas ser medidas pelo número de baixas. Tinham sido causados incalculáveis danos aos órgãos vitais do Estado. O próprio César, cujo temperamento era pouco dado a sentimentalismos, reconhecia isso mais claramente do que ninguém. Num momento de indiscrição, escarneceu que a República não passava de «um mero nome, sem forma ou substância»^[27]. Apesar de se ter imposto como senhor indiscutível do mundo romano, ainda tinha de andar com cuidado. As sensibilidades dos seus concidadãos não tinham sido ofendidas de forma ligeira. Muitos deles, no meio das tempestuosas ruínas daqueles tempos, agarraram-se às garantias fornecidas pelas heranças do passado como náufragos a destroços. Ao regressar a Roma dos campos de extermínio da Espanha, César optou por investir dinheiro para enfrentar o problema. Cortejou o povo romano com entretenimentos espetaculares e promessas de grandes projetos. Promoveu festas públicas em que muitos milhares de cidadãos eram presenteados com banquetes; um desfile noturno de pesados elefantes com tochas acesas nos seus dorsos; elaborou um plano para redirecionar o rio Tibre. Ao mesmo tempo, César trabalhava para cativar os seus inimigos no Senado — não tão fáceis de comprar —, com extravagantes gestos de perdão. A sua disposição em perdoar os adversários, de os apoiar para as magistraturas e de os lisonjear com cargos

militares, era algo que até os seus mais ferrenhos inimigos admiravam. Com afabilidade, ordenou o restauro das estátuas de Pompeu, que tinham sido derrubadas e destruídas pelos seus partidários. No entanto, havia neste exercício de clemência algo mais do que uma lufada daquilo que muitos dos seus pares ressentiam e detestavam nele. Apesar de ter sido misericordioso, pois a misericórdia era, adequadamente, a virtude de um senhor, César não sentiu qualquer necessidade de pedir desculpas pelo seu domínio. Uma penetrante inteligência, combinada com os hábitos criados pelos feitos alcançados sob o seu comando, convenciam-no de que só ele possuía a solução para o que, de outro modo, parecia ser uma crise insolúvel. As tradições da República, onde se presumia que nenhum cidadão devia exercer uma permanente supremacia sobre os demais, eram claramente difíceis de conciliar com essa convicção. César não tinha ganho a predominância de Roma para a compartilhar agora com homens que desprezava. Assim, procurando encobrir o que, de outro modo, corria o risco de parecer abertamente despótico, fez o que decisores políticos romanos, não importa quão radicais ou audazes, invariavelmente fizeram quando confrontados com um desafio: olhou para o passado. Aí, enterrado nos venerandos arquivos da República, encontraria um precedente potencialmente bem adaptado às suas necessidades. De facto, já existiam disposições legais para que um cidadão pudesse exercer a autoridade suprema sobre o povo romano durante um momento de crise. O cargo era designado de *Ditactor* (Ditador). César dar-lhe-ia uma nova aparência. Seria necessário apenas um único ajuste para adequar a ditadura às suas exigências: o antigo escrúpulo que decretava que a nenhum cidadão devia ser confiado o cargo por mais de seis meses, tinha naturalmente de desaparecer. Antes de partir para Espanha, César já tinha sido nomeado para

o cargo por dez anos. No início de fevereiro de 44 a.C., conseguiu algo ainda melhor. Um decreto do Senado nomeava-o «Ditador Vitalício».

Para os cidadãos esperançosos na renovação das antigas virtudes do seu povo e no sarar das feridas da guerra civil, este era um momento portentoso e arrepiante. O novo cargo de César bem podia ser funcional — mas era isso precisamente o que o tornava tão ameaçador. Não eram apenas os pares do ditador, cujas perspectivas em atingir os píncaros políticos estavam agora definitivamente bloqueadas até que César morresse ou fosse destituído, que eram suscetíveis de o considerar funesto. O mesmo acontecia com todos aqueles que se sentiam nervosos e confusos com as calamidades que tinham desabado sobre a sua cidade. Afinal, a ditadura perpétua tinha implícita a crise perpétua. «O povo romano, cujos imortais desejam que governe o mundo, escravizado? Impossível!»^[28] Contudo, isso era claramente possível. Perdera-se o favor dos deuses. Os fios dourados que ligavam o presente ao passado pareciam ter-se quebrado. A providência que tinha propiciado a grandeza de Roma parecia agora insubstancial e ilusória, e a própria cidade, a sede do Império, degradada. A ditadura perpétua negava ao povo romano o que parecia ser direito seu desde a nascença, desde que Rómulo subira pela primeira vez o Palatino: a autoconfiança.

É provável que até o próprio César tenha sido vítima de uma certa ansiedade. Apesar do seu desdém crescente pela República e as suas tradições, não menosprezava a aura maravilhosa que rodeava a sua cidade. Além da Casa do Senado e da confusão de um Fórum a abarrotar, ele tinha usado as riquezas dos saques da Gália para construir um segundo fórum mais pequeno; e aqui, no centro da vanguarda do desenvolvimento da cidade, abriu um portal para a fabulosa pré-história de Roma. Um templo revestido a mármore polido, um edifício repleto de assombrosos brilhos e invulgares reflexos. Em tempos, antes da República, antes da monarquia,

antes mesmo de Remo e Rómulo, tinha havido um príncipe de Troia; e este príncipe Troiano era filho de Vénus, a deusa do amor. A Eneias, como convinha a um homem com sangue imortal a correr-lhe nas veias, tinha sido confiado, pelos deuses, um destino verdadeiramente espetacular. Quando Troia, depois de um cerco de dez anos, caíra por fim nas mãos dos Gregos e foi incendiada, Eneias não se deixou intimidar. Carregou aos ombros o seu idoso pai, que fora amante de Vénus, e depois de reunir um grupo de compatriotas refugiados, fugiu da cidade em chamas. A seu tempo, e depois de inúmeras aventuras, ele e o seu grupo de aventureiros troianos chegaram à Itália. Aqui criariam novas raízes. Era de Eneias que descendia a mãe de Remo e Rómulo. Isso significava que também os Romanos descendiam dele — eram «Eneíadas»^[29]. O novo templo de César, dedicado à divina mãe do príncipe de Troia, representava para os seus desgastados e desmoralizados compatriotas, a oportunidade de se tranquilizarem quanto à sua esplêndida linhagem.

Mas era algo mais. Vénus era, na opinião de César, sua ancestral — sua *genetrix*. A sua família, os Julianos, reivindicava uma linha direta de consanguinidade. O filho de Eneias, diziam, chamara-se a si mesmo Julius: um pormenor genealógico que, naturalmente, consideravam ser relevante. Outros não tinham tanta certeza. Mesmo os que não o contestavam abertamente estavam inclinados para o agnosticismo. «A tal distância temporal, quem poderia afinal ter certezas sobre o que aconteceu?»^[30] César, porém, com o seu templo a Vénus Genetrix, acabaria com as discussões. Os Romanos eram o povo escolhido, e ele o Romano por excelência.

Que César era, de facto, um homem cujos talentos ultrapassavam «os estreitos limites comuns a qualquer homem»^[31], e cujas energias, por mais monstruosas que fossem, possuíam um poder quase divino, era uma

verdade tão evidente que nem mesmo os seus mais ferrenhos inimigos a podiam negar. O templo a Vénus Genetrix espelhava a imagem de César e a dos tempos desaparecidos em que os deuses dormiam com os mortais, desfocando assustadoramente os limites entre ambos. Perto da escadaria, ao lado dos repuxos permanentes de duas fontes, erguia-se uma estátua de bronze do seu cavalo.[*] Este animal notável, cujos cascos dianteiros eram exatamente como as mãos de um homem, só poderia ter sido montado por um herói e, de facto, «ter-se-á recusado a que mais alguém o montasse»[32]. Depois, no interior do templo, brilhando no meio das suas sombras, estava a lembrança de outro aspeto épico da carreira de César. Em 48 a.C., no meio da guerra civil, encontrou-se com o governante da única monarquia grega que a República permitira subsistir numa independência nominal, mesmo que apenas honorífica: Cleópatra, a rainha do Egito. César, que acreditava que «a cavalo dado não se olha o dente», de pronto a engravidou. Esta conquista, que proporcionaria aos seus inimigos sorrisos lascivos, estava agora posicionada adequadamente na luminosidade gloriosa do templo. Era por isso que, compartilhando o templo de Vénus Genetrix com uma estátua da deusa, estava um bronze dourado de Cleópatra. Assim como Eneias, o pai do povo romano, vivera numa época em que os heróis dormiam por direito com rainhas no meio das convulsões de grandes guerras e dos destroços das nações, também, como se revelava, o fizeram os contemporâneos de César. Sendo Ditador, era considerado como algo mais. Na sua opinião, o seu desdém pela República proporcionava-lhe uma maior antiguidade, confirmando-o como um herói das antigas epopeias.

No dia 15 de fevereiro, poucos dias após a nomeação de César como «Ditador Vitalício», surgiu a oportunidade perfeita para colocar à prova este conceito. Era uma data importante, ao mesmo tempo alegre e assombrada. Como tantas no calendário romano, era uma festividade repleta de emoções,

marcada também pelos mortos, que se erguiam dos respectivos túmulos e perambulavam pelas ruas. A multidão juntava-se bem cedo. As pessoas apinhavam-se ao longo do Fórum, ou então reuniam-se no lado mais distante do monte Palatino, junto à caverna onde Remo e Rómulo tinham há muito sido alimentados pela loba: a «Lupercal»[*]. À entrada da caverna, sob os ramos da figueira sagrada, homens untados conhecidos como *Luperci*, cuja nudez estava coberta apenas por uma tanga de pele de cabra, tremiam com a brisa do inverno. Também de pele de cabra eram as correias que seguravam nas mãos, e à visão das quais as mulheres na multidão mais abaixo, muitas delas despidas até à cintura, invariavelmente enrubesciam quando eles as acenavam na sua direção. Naturalmente, era necessário um bom físico para usar tanga, especialmente em fevereiro. E, de facto, a maioria dos homens era composta por jovens bem constituídos. Mas nem todos. Um dos *Luperci* teria quase 40 anos, e era, nem mais nem menos, um cônsul. O espetáculo dado por um magistrado romano «nu, untado e bêbado»[33] era suficiente para chocar todos os que se preocupavam com a dignidade da República. Não que o cônsul se importasse muito. Marco António sempre gostara de passar os limites do conveniente. Ainda atraente para a sua idade, ele era um homem que valorizava os seus prazeres. Mas mais significativo, era que tinha olho para os vencedores. Marco António tão bem servira César na Gália e durante a guerra civil, que tinha sido nomeado como lugar-tenente do Ditador. Preparava-se agora para prestar outro serviço. Marco António sabia que César esperava no outro lado do monte Palatino, no Fórum, sentado num trono de ouro. Não havia tempo para atrasos. Tudo estava preparado. Cabras e um cão tinham sido oferecidos em sacrifício. O seu sangue tinha sido besuntado na testa de dois rapazes e de imediato limpo; os dois rapazes, como lhes tinha sido pedido

para fazer, desataram a rir selvaticamente. Era hora. Hora de comemorar a Lupercália.

Quando os homens com as suas exíguas tangas começaram a espalhar-se a partir do Lupercal e a correr à volta dos contrafortes do monte Palatino, o seu trajeto levava-os a mergulhar profundamente nos mistérios do passado da sua cidade. Chicoteando as mulheres seminuas ao passar, fazendo-o com tanta força que lhes provocavam vergões ensanguentados, os *Luperci* agiam em obediência a um oráculo com mais de dois séculos. «O bode sagrado deve penetrar as mãos da Itália»^[34]. Caso contrário, toda a gravidez estava condenada a acabar em nados-mortos. Era por isso que, na Lupercália, as mulheres se ofereciam voluntariamente para serem chicoteadas. Afinal, sempre era melhor ferir a pele do que ser penetrada por um bode de diferente tipo. Contudo, as origens da Lupercália eram ainda mais antigas do que o oráculo. Correndo ao longo do Fórum, os *Luperci* aproximavam-se de uma segunda figueira que servia de marca ao centro nevralgico da política da cidade, um espaço aberto onde os Romanos tradicionalmente se reuniam: o *Comitium*. Era aqui que se situava a Casa do Senado; e aqui se erguera, na fundação da República, a plataforma dos oradores, a *Rostra*. Nesse tempo, já o *Comitium* era incrivelmente antigo. Havia quem reivindicasse que a figueira que estava ao lado da *Rostra* teria sido aquela sob a qual Remo e Rómulo tinham sido amamentados pela loba, transplantada de forma mágica do Palatino por um taumaturgo do tempo dos reis. A confusão era reveladora. As memórias que os Romanos tinham do seu passado eram um redemoinho de paradoxos. Agora, enquanto os *Luperci* corriam com suas tangas de pele de cabra de uma figueira para outra, esses mesmos paradoxos voltavam, de forma arrepiante, a ganhar vida. Num dia em que os seres humanos se confundiam com os lobos, o

carnal com o sobrenatural, a Roma ansiosa da ditadura de César com a cidade-fantasma dos reis, quem poderia dizer o aconteceria?

Marco António, que corria junto aos restantes *Luperci* ao longo do Fórum, parou perante o *Comitium*. Também aqui os operários de César tinham andado atarefados. A área da Casa do Senado, incendiada durante um motim que acontecera oito anos antes, ainda estava coberta de andaimes. Outros monumentos, muitos deles antiquíssimos, tinham sido arrasados para abrir caminho a um pavimento reluzente. A *Rostra*, que também tinha sido demolida, fora completamente reconstruída e revestida com uma elegante policromia. Marco António aproximou-se. Era aqui que César, sentado, esperava. Enquanto Ditador do povo romano, era apropriado que presidisse à Lupercália entronizado entre as obras de construção e o mármore brilhante, marcos públicos da sua determinação para renovar o Estado. O que não significava, é claro, que ele tivesse como objetivo estabelecê-lo sobre novas fundações — muito pelo contrário. Que melhor dia do que a Lupercália, quando a juventude de Roma corria como lobos, para recordar ao povo romano que as suas raízes históricas eram muito anteriores à República? Para o assinalar, César vestira-se para a festa com o antigo traje dos reis da cidade: toga púrpura e botas de cano alto de couro vermelho. Marco António, agora chegado ao *Comitium*, parou em frente ao Ditador, subiu até à *Rostra* e estendeu o que faltava para completar o conjunto: o símbolo final da monarquia — um diadema de louro entrelaçado.

Instalou-se um silêncio de chumbo, interrompido por alguns aplausos desconexos que saudaram o gesto. Então, César, depois de uma pausa, empurrou o diadema para longe — e por todo o Fórum ecoou um estrondoso aplauso.

De novo, Marco António tentou colocar o diadema no Ditador; e,

novamente, o Ditador recusou. «E assim a tentativa fracassou»[35]. E César, erguendo-se, ordenou que o diadema fosse entregue a Júpiter — «pois em Roma não haveria outro rei.»[36]

E tinha razão. Apesar das insuficiências palpáveis da sua agressiva ordem política, e não obstante as muitas calamidades que tinham transformado a República em algo sangrento e desconfigurado, o povo romano nunca iria permitir que um mortal o governasse como rei. A palavra permanecia inalterada: «não suportariam sequer que fosse mencionada»[37]. César, ao reivindicar uma ditadura perpétua, e ao obscurecer os seus companheiros senadores de forma tão absoluta, assinara a sua própria sentença de morte. Exatamente um mês após o festival da Lupercália, no dia 15 ou «Idos» de março, foi derrubado por uma chuva de punhais numa reunião do Senado. O líder e mentor da conspiração era Bruto, um descendente do homem que tinha expulsado Tarquínio e acabado com a monarquia. Bruto e os seus companheiros assassinos mataram César em nome da liberdade, e acreditavam piamente que a sua morte seria suficiente para salvar a República. Outros, vendo com mais clareza, eram mais céticos. Temiam que o assassinato de César nada resolvesse. «Se um homem com o seu génio foi incapaz de encontrar uma saída», perguntou um deles, «quem a vai encontrar agora?»[38] E se a crise não tivesse solução? E se a própria Roma estivesse acabada? Talvez até mais do que Roma. Nos agitados dias e semanas que se seguiram ao assassinato de César, a prova de uma desgraça aparentemente cósmica podia observar-se nos céus. Os dias começaram a escurecer. O sol perdeu-se atrás de uma escuridão ferida e arroxeadada. Alguns, como Marco António, acreditavam que o astro desviava o olhar, horrorizado com «a injustiça cometida contra César.»[39] Outros, de forma ainda mais sombria, temiam que fosse a retribuição pelos crimes de toda uma era, e o início de uma noite eterna. Estas ansiedades intensificar-se-iam

ainda mais quando um cometa em chamas foi visível no céu durante sete dias seguidos.[*] O que é que isso significava? Uma vez mais, havia uma variedade de opiniões. Imediatamente a seguir à morte de César, multidões em pranto tinham erguido no Fórum um altar em sua homenagem; e agora, quando a estrela de fogo riscava o céu, ganhava peso a convicção de que era a alma do Ditador morto que subia aos céus, «onde seria recebida entre os espíritos dos deuses imortais.»[40] Outros, porém, não ficaram convencidos. Os cometas, afinal, eram coisas perniciosas. Os leitores do futuro, experientes na interpretação de tais maravilhas, não tinham dúvidas de que era o presságio de que algo terrível iria acontecer. Terminava uma era, o mundo aproximava-se do fim. Um adivinho, que avisava estar proibido à humanidade conhecer a dimensão completa dos horrores que rapidamente se aproximavam, e que a revelação dos mesmos lhe custaria a vida, fez, mesmo assim, os seus prognósticos — caindo fulminado, logo a seguir.

Entretanto, em Roma, nos acampamentos dos legionários e em várias cidades do Império, homens decididos proferiam belas palavras e, metodicamente, planeavam a guerra.

E o uivar dos lobos, no alto das cidades, ecoava na noite.

REGRESSO AO FUTURO

Uma maré nos assuntos dos homens

No final de janeiro, uma década e meia antes de a alma do assassinado César brilhar pelos céus de Roma, nascia uma menina destinada a tornar-se uma deusa^[1]. Ainda no útero, os imortais vigiavam-na cuidadosamente. A gravidez era uma aventura arriscada. Apenas uma supervisão sobrenatural poderia garantir o sucesso. Desde o momento da concepção, o feto tinha vindo a crescer sob a proteção de várias divindades. Quando, finalmente, a sua mãe a deu à luz, e a parteira a segurou para a lavar, e depois mamou pela primeira vez, eram várias as deusas que se mantinham por perto para acompanhar os seus progressos: Levana^[*], Rumina e Pótina.

Porém, a decisão quanto à sobrevivência da criança já não dependia apenas dos deuses. Terminados «os dez longos e fastidiosos meses de espera»^[2] suportados pela mãe, a menina tinha passado para o poder paternal. Um Romano fazia-se, não nascia. Um bebé, na sua primeira semana de vida, não tinha direitos nem nome e, até à perda do cordão umbilical, era considerado «mais uma planta do que um ser humano»^[3]. Se seria aceite ou rejeitado e deixado para morrer era decisão do pai, e apenas dele. No mundo, nenhum homem tinha tamanha autoridade sobre a sua prole como um Romano.^[**] O poder absoluto, negado a um cônsul, era concedido aos pais perante os seus filhos. Um filho podia crescer, casar-se, alcançar as maiores glórias e honrarias, e ainda assim permanecer sob

patria potestas, «controlo paternal». O poder de um pai sobre os seus filhos era literalmente de vida e de morte. Mas não significava que fosse amplamente exercido. Pelo contrário. No ideal de parentalidade romana, o poder absoluto combinava-se com a misericórdia, a paciência e a devoção. «Afinal, que pai tem pressa em eliminar os seus próprios filhos?»[4] A eliminação de um recém-nascido indesejado, mesmo que perfeitamente legal, tendia a ser envolta em secretismo. Indicava pobreza, adultério, ou até deformações na criança. Invariavelmente, tratava-se de uma questão de vergonha. Mas nesse mês de janeiro não haveria qualquer rejeição. Oito dias depois do nascimento da menina, numa cerimónia onde se combinavam rituais solenes de purificação com alegres festividades, ela receberia finalmente um nome: Lívía Drusila[*]. O seu pai tinha suficientes recursos para a criar. Marco Lívio Druso Cláudio ostentava um dos nomes mais distintos de Roma. Do seu pai, um famoso estadista que no seu tempo tinha sido o mais importante protetor dos pobres na cidade de Roma, tinha herdado ligações que se estendiam a toda a Itália.[5] O nome «Lívio Druso», num momento de turbulência e de guerra civil, tinha um peso considerável. Mas não era o único de quem a pequena Lívía Drusila era herdeira. Em Roma, onde o grande jogo da concorrência dinástica tinha tanta importância quanto o estabelecimento de alianças e a neutralização de rivais, a adoção era uma tática largamente praticada. Era considerado perfeitamente legítimo que o filho de um hábil político fosse adotivo em vez de natural — e assim tinha acontecido com Druso Cláudio. Era isso o que o seu último nome revelava. Acabando por ser, legalmente, filho de Lívio Druso, nunca abandonou a memória da casa onde nascera. Ser chamado de «Claudiano» dava a entender que não era apenas alguém adotado, mas também um herdeiro de uma família tão famosa e formidável como nenhuma outra em Roma.

A fama dos Claudianos era tão antiga quanto a da República. Ápio Cláudio Sabino, o fundador da dinastia, tinha migrado para Roma proveniente dos montes Sabinos, que ficavam a alguns quilómetros a norte da cidade, apenas cinco anos após a expulsão de Tarquínio, *o Soberbo*. Menos de uma década depois, tornar-se-ia cônsul. Desde então, os Claudianos nunca deixariam de dominar as listas dos magistrados da República. Surpreendentemente, tinham até conseguido garantir cinco ditaduras. O nome do mais célebre de todos os Claudianos, um inovador e reformador de férrea vontade, chamado Ápio Cláudio Cego, estava espalhado por todas as planícies e vales de Itália. Em 312 a.C., numa altura em que a República procurava garantir o seu precário controlo da península, ele ordenou a construção de uma grandiosa estrada a sul de Roma. Conhecida como a Via Ápia, viria a estender-se até Brindisi, o grande porto no calcanhar de Itália, que servia de entrada para o Oriente. Tamanha obra de engenharia, o elo de ligação de Roma com as suas províncias mais ricas, era precisamente o tipo de realização que melhor ilustrava, na opinião dos observadores estrangeiros, «a grandeza do seu Império»[6]. E quem eram os Claudianos para discordar disso?

Na luta encarniçada pelas magistraturas, que eram a essência da vida política em Roma, ter o nome de um dos seus ancestrais por detrás da mais famosa estrada no mundo, era uma propaganda de inestimável valor. O enorme afeto das pessoas para com os Claudianos estava eternizado. A glória na guerra e a prodigalidade na paz mantinham o seu nome permanentemente imaculado. Ápio Cláudio, chegado a Roma na primeira década da República, arrastara consigo um enorme grupo de seguidores, e o poder que tal apoio lhe proporcionava, que aumentaria ao longo dos séculos, traduziu-se para os Claudianos numa inigualável máquina eleitoral. As redes de compromissos mantinham-se ao longo de gerações. Quer fosse

um favor feito a uma família em ascensão ou um aqueduto construído para beneficiar toda a Roma, os Claudianos tinham o raro talento de saber oferecer o que os outros não podiam recusar. Mantinha-os *nobilis*, «notáveis». Homens de origens humildes, que viam nos nobres como os Claudianos um obstáculo quase intransponível, apenas podiam exasperar. O deslumbramento da nobreza inspirava tanto invejas como ressentimentos: «Tudo o que aqueles que nasceram em famílias nobres precisam de fazer, para que o povo romano lhes conceda todo o tipo de regalias, é dormir.»[7]

Mas isto era um exagero. Se a nobreza tinha benefícios, também sofria uma pressão brutal. Ninguém se tornava senador e, menos ainda, cônsul, por direito de nascimento. Mesmo um Claudiano tinha de ser eleito. Rapazes criados a ouvir as histórias de Ápio Cláudio não podiam deixar de sentir o peso de um enorme fardo de expectativas. E não apenas os rapazes. As raparigas também eram rigorosamente educadas para cumprir as obrigações correspondentes à sua ascendência. Naturalmente, não existiam quaisquer dúvidas de que não ascenderiam ao consulado, ao comando de um exército ou à direção da construção de uma estrada. Como mulheres, não tinham quaisquer direitos políticos. No entanto, era expectável que tivessem aspirações. A *virtus* não era apenas para os homens. Quando uma menina observava nos corredores da casa do seu pai as máscaras de cera dos seus antepassados suspensas na parede, com os seus olhos de vidro, o seu olhar vazio e impenetrável e a sua aparência assustadoramente realista, não era menos suscetível de se sentir assombrada do que qualquer rapaz.

Os anais dos Claudianos estavam repletos de feitos das suas mulheres. Uma delas, uma virgem consagrada ao serviço de Vesta, e, portanto, sagrada, tinha corajosamente montado na biga de seu pai para o proteger dos inimigos que procuravam derrubá-lo; outra, ansiosa por poder demonstrar que a «sua retidão era do tipo mais ancestral»[8], tinha-o feito

de forma espetacular, subindo sozinha o Tibre num barco a remos. Contudo, o mostrar-se virtuosa não era tudo o que a jovem Lúvia podia ambicionar na vida adulta. Nas décadas que antecederam o seu nascimento tinha-se assistido a uma subtil mudança no estatuto das mulheres nobres. Enquanto em tempos teriam passado para o poder do marido aquando do casamento, cada vez mais se mantinham sob *patria potestas*. A lealdade primordial de uma mulher romana permanecia para com a linhagem do seu pai. Uma matrona Claudiana, possuidora de uma autoconfiança de aço, apanágio da sua família de primogenitura, raramente se contentava com um papel meramente ornamental. Em vez de servir humildemente como um apêndice do marido, tendia a ter uma agenda distinta. Mesmo quando os seus irmãos se pavoneavam e agitavam nos palcos públicos, ela conseguia jogar nos bastidores. Mais do que muitos senadores, ela estava no âmago das questões. Criticado por uma mulher de estatuto, até mesmo um ex-cônsul se sentia obrigado a morder a língua[*].

Na primeira década de vida de Lúvia, este tipo de autoridade ainda contava muito. Longe de os intimidar, as monstruosas sombras lançadas por Pompeu e César promoveram nos Claudianos um oportunismo que, mesmo para os padrões da época, era considerado excessivo. O chefe da família, Ápio Cláudio Pulcro, era ao mesmo tempo implacável e despudorado na defesa dos interesses dos Claudianos. Convencido de que só os deuses mereciam o seu respeito, tinha uma atenção obsessiva pelos oráculos e pelas entranhas de animais, ao mesmo tempo que se comportava para com os seus concidadãos com uma arrogância e voracidade tais, que não tinham paralelo. Sendo-lhe confiada, nas vésperas da guerra civil, a reforma do Senado, expulsou uma série de colegas por vícios de que, como os seus mais furiosos oponentes não hesitaram em salientar, ele era invariavelmente o mais notório exemplo. Porém, nem mesmo a sua desfaçatez se podia

comparar com a do seu irmão mais novo. Combinando a altivez e a demagogia de forma inovadora, Públio Clódio trouxe o banditismo para o coração de Roma. Paramilitares que lhe eram ardentemente leais acocoravam-se no Fórum, ameaçando os seus rivais, chegando ao ponto de espalhar calúnias acerca da masculinidade de Pompeu. Entretanto, enquanto os gangues de rua de Clódio percorriam a cidade, as suas irmãs movimentavam-se como gatas inquietas de casamento em casamento, desempenhando os seus papéis em prol da causa da família. A mais velha, de olhos escuros e brilhantes, Clódia Metela, era a indiscutível rainha da elegância de Roma. A devoção, mesclada de pavor, que inspirava nos seus admiradores, era a medida exata da reputação garantida pela sua família perante a predominância de Pompeu e o crescente poder de César. «Ressentem-se quando os ferem; atacam quando os irritam; lutam quando os provocam.»^[9] Mesmo durante o clima de crise que antecedeu a travessia do Rubicão, o poder dos Claudianos manteve o seu ameaçador fascínio.

No entanto, isso tinha um preço. Numa era dominada por senhores da guerra emergentes, a ferocidade exigida aos Claudianos para a manutenção da sua ancestral primazia atingiria um tom perturbador e escandaloso. O legado pelo qual tanto lutavam para defender não poderia senão acabar manchado por tudo isso. Cada vez mais, o orgulho dos Claudianos quanto à sua linhagem era considerado pelos seus adversários como algo bem mais sinistro: «uma arrogância inata e intemporal.»^[10] Antigos Claudianos, outrora de reputação irrepreensível, começaram a ser retratados pelos cronistas em cores melodramáticas, como estupradores e aspirantes a reis. Às suas realizações eram contrapostos crimes monstruosos. Personagens escandalosas, há muito esquecidas, ganharam nova e escabrosa proeminência. Por exemplo, em oposição ao austero e piedoso construtor da Via Ápia, foi utilizada a figura do seu neto que, à beira de uma batalha

naval, ao receber a informação de que as galinhas sagradas não comiam, ordenou o seu despejo no mar. «Se não vão comer, deixá-las beber»^[11], terá dito com desprezo — perdendo logo a seguir toda a frota. Depois, havia a história de uma sua irmã que, ao sentir-se atrasada quando passava por entre a multidão pelas ruas de Roma, teria lamentado num timbre estridente o seu irmão não estar por perto para perder uma segunda frota. Insolências monstruosas como estas, nos tempos de Clódio e das suas irmãs, cresciam de forma cada vez mais grotesca na imaginação pública. Ninguém negava o alcance e a extensão da perícia dos Claudianos; mas, cada vez mais, a história da família era utilizada pelos seus inimigos como um registo de trevas e não apenas de luz. Ao que parecia, para cada benfeitor do povo romano terá havido um Claudiano a espezinhá-lo e a vexá-lo.

Os Claudianos devem ter retorquido que a arrogância é preferível à mediocridade. No entanto, quando a tempestade da guerra civil desabou sobre Roma em 49 a.C., até eles descobririam que era impossível manter a sua tradicional independência. Três anos antes da travessia do Rubicão por César, já Clódio tinha sido assassinado numa rixa na Via Ápia. Ápio Cláudio, dividido entre o apoio a Pompeu ou a César, procurou com frenesim a orientação dos deuses, e depois resolveu o dilema morrendo antes de se conseguir juntar à batalha. O pai de Lívيا, que na época do seu nascimento tinha sido um partidário de César, manteve-se à margem, alimentando tranquilamente o ressentimento perante o domínio cada vez mais excessivo do seu antigo patrono. Quando o Ditador foi assassinado, Druso Cláudio aprovou publicamente o ato. A convicção dos assassinos de César de que ao matá-lo tinham devolvido Roma à ordem política anterior, quase parecia ter sido concebida como um apelo a um Claudiano. Mas os tempos permaneciam confusos. Afinal, os céus tinham escurecido e eram rasgados por um cometa em chamas. Nada podia ser tomado como

garantido. Somente através de uma estratégia cuidadosa poderiam os Claudianos aspirar à recuperação do seu legítimo lugar nos assuntos do povo romano. Pelo menos, era esta a leitura que Druso Cláudio fazia da situação. Assim, elaborou um plano em conformidade. Iria casar a sua filha.

Nesta fase, Lúvia já estava mais do que pronta para tal passo. Afinal, já estava a meio da adolescência e o tempo não parava. Muitas das raparigas aristocráticas chegavam a casar com a tenra idade de 12 anos. Uma filha núbil era um ativo demasiado precioso para que um nobre atrasasse por muito tempo a sua utilização para efeitos dinásticos. Mas Druso Cláudio tinha preferido não apressar as coisas. Os seus olhos tinham-se fixado num prémio em particular. Desde há muitas gerações que os descendentes de Ápio Cláudio se tinham constituído em dois ramos distintos. Um dos seus filhos, Clódio Pulcro, era o progenitor do ramo a que Druso Cláudio pertencia, e o qual, na primeira década de vida de Lúvia, tanto tinha obcecado e chocado os Romanos. Os descendentes de um segundo filho, Cláudio Nero, tinham sido bem mais modestos quanto aos seus feitos. Para se encontrar o último Nero nomeado cônsul era preciso recuar até 202 a.C., num momento em que Cipião ainda andava ocupado na luta contra os Cartagineses. Mas, e se os dois ramos se reunissem? Bastava dar a Lúvia um marido do ramo dos Neros, e o resultado seria uma fortíssima consolidação dos recursos Claudianos. Uma geração que tivesse a correr-lhe nas veias a mistura do sangue de Pulcros e Neros seria extraordinária. Sendo os tempos como eram, por certo, valia a pena tentar.

E, por sorte, havia um Nero disponível. Tibério Cláudio Nero era cerca de vinte anos mais velho do que Lúvia, e bem estabelecido numa promissora carreira. Tinha-lhe corrido bem a guerra civil. Ao identificar corretamente César como potencial vencedor, tinha comandado uma frota, garantido várias honrarias, e fora enviado para a Gália como representante do Ditador.

Agora, ao regressar a Roma, era-lhe oferecida a mão de Lúvia. Tibério Nero aceitou. Também aceitou uma outra coisa: a política do seu potencial sogro. Desdenhando a coerência que o marcara como um verdadeiro Claudiano, o homem que tinha usufruído dos favores de César erguia-se agora com frieza, na sequência do assassinato do seu patrono, para propor homenagens aos seus assassinos. Este *volte-face* era apenas acidentalmente relativo aos erros e justiças do assassinato. Tibério Nero estava a estabelecer uma marca. A emergir, finalmente, da sombra de César, a mais célebre dinastia de Roma regressava. O futuro, como o passado, estava a ser moldado como Claudiano.

Mas os acontecimentos já estavam a superar estas esperanças. Ao mesmo tempo que as servas, sob a direção da sua mãe, andavam num rodopio em torno de Lúvia, entrançando os seus cabelos numa muito complexa «torre coroada»^[12] exigida pela tradição a uma noiva, no mundo exterior germinavam novidades assassinas, das quais o noivo, chegando na sua toga branca e luminosa à casa da sua futura mulher, não tinha ainda consciência. Que o perigo pudesse atingir diretamente a casa de um grande nobre era uma perspetiva demasiado sinistra e monstruosa para ser sequer contemplada. Até a casa do mais humilde dos Romanos estava sob direta proteção divina. Era isso que o definia como civilizado, como um homem enraizado na cidade em que vivia. «Haverá algo de mais sagrado do que a casa de um cidadão, não importa a sua classe — rodeada de todo o tipo de proteção religiosa?»^[13] Para esta pergunta, uma jovem no dia do seu casamento servia como uma resposta tranquilizadora. Tecidas no cabelo de Lúvia, as seis tranças ornamentadas davam-lhe a aparência de uma virgem prometida ao serviço de Vesta, a deusa do lar. O véu, cor de açafrão para combinar com o que era usado pela sacerdotisa de Júpiter, tinha sido tingido por especialistas com estames de açafrão semelhantes aos que as futuras

mães usavam como ajuda para a fertilidade.^[14] Era uma fusão divina da virgindade com a fecundidade sancionada pelos deuses: que mais poderia um noivo desejar? No final do banquete de casamento que lhe foi oferecido pelo sogro, Tibério Nero, como era devido, arrancou Lúvia dos braços da sua mãe e levou-a consigo, como uma cativa, até à sua casa no monte Palatino. Este pretense sequestro da noiva lembrava um episódio acontecido nos primórdios de Roma. Certa vez, no reinado de Rômulo, quando os primeiros colonos da cidade se viram confrontados com a falta de mulheres, foram roubar as filhas dos seus vizinhos, os Sabinos; e era talvez em memória dessa violação primordial que a noiva usava no seu imponente penteado uma ponta de lança entrelaçada com manjerona e flores. Ainda assim, embora «a guerra e o conflito tivessem propiciado o mais antigo emparelhamento entre homens e mulheres em Roma»^[15], a chegada da nova noiva à casa de Tibério Nero foi recebida, não como um mau presságio, mas com piadas, vivas e aplausos. Tal como as noivas roubadas dos primeiros Romanos tinham dado à luz uma raça de heróis, acreditava-se que também Lúvia iria agora perpetuar a linhagem Claudiana. E ela fá-lo-ia como guardiã do coração do seu marido, guardando a sua chama todas as noites para a reacender em cada novo dia. Como as muralhas de Roma, as paredes da casa de um cidadão eram invioladas e sacrossantas. Logo que Tibério Nero atravessou a soleira da porta carregando a noiva nos seus braços, Consecius, o deus da concepção, ficou de olho no casal. Em 42 a.C., a 16 de novembro, Lúvia deu à luz um filho. Tal como seu pai, o menino foi chamado de Tibério Cláudio Nero. Nesta pequena criança, congregavam-se todas as ambições dos dois grandes ramos dos Claudianos.

Mas era tarde demais. Apesar do nascimento do filho, a esperança que tinha levado Lúvia ao leito conjugal de Tibério Nero estava em ruínas. O

breve ano da sua vida de casados em Roma tinha testemunhado um reinado de terror numa escala sem precedentes na história da cidade. Os dias em que o seu destino podia ter sido influenciado pelas lutas entre as principais famílias por um melhor posicionamento, e pela competição para as magistraturas e honrarias, tinham chegado ao fim. Mais do que postas à sombra, como lhes tinha acontecido com a ditadura de César, muitas das grandes dinastias da República haviam sofrido hediondas mutilações. A violência desencadeada contra elas fora calculista e selvática. Quando Tibério Nero e Lúvia alegremente celebravam o seu casamento, já os adeptos do Ditador morto se tinham preparado para tomar a iniciativa, e na forma mais brutal que possa imaginar-se. Um ano e meio de movimentações contra os assassinos de César tinha-lhes garantido o domínio nas províncias ocidentais e a própria Roma. Depois, numa noite no final de 43 a.C., quase um ano antes do nascimento do filho de Lúvia, apareceram no Fórum umas placas esbranquiçadas. Nelas estavam escritos os nomes dos homens acusados da traição a César. Ofereciam-se recompensas pelo seu assassinato. «Tragam-nos as cabeças dos traidores.»^[16] Entre os proscritos estava o pai de Lúvia. Tendo tido mais sorte que os 2300 que, segundo os relatos, pereceram, Druso Cláudio tinha conseguido escapar aos caçadores de recompensas e partira para leste, onde Bruto, ainda em liberdade, procurava organizar um exército para o confronto iminente.

E, de facto, não tardaria a desencadear-se uma nova guerra civil. No início de 42 a.C., os defensores da memória de César tinham formalmente consagrado o seu assassinado patrono como um deus. Ao longo dos meses seguintes, tinham transferido os bens dos proscritos para as suas legiões antes de, perto do fim da campanha, cruzarem a fronteira da Itália para a Grécia. Avançando pela Macedónia, confrontaram os seus adversários numa

planície a leste da cidade de Filipos. Seguiram-se duas terríveis batalhas. A vitória no confronto de vida ou morte acabaria por ser dos correligionários de César. Bruto caiu sob a sua espada. A aristocracia, já com as marcas resultantes das proscrições, tinha sofrido um segundo e letal abate. «Em nenhum outro conflito, os homens possuidores dos mais ilustres nomes terão sofrido tão sangrento fim.»^[17] Entre os mortos, optando pelo suicídio como Bruto, estava Druso Cláudio. As notícias chegaram a Roma algumas semanas mais tarde. Lúvia soube da morte do seu pai quando estava a dar à luz o seu neto.

Que ela estivesse em Roma e segura, devia-se ao oportunismo escorregadio de Tibério Nero. Ao sentir para que lado soprava o vento, tinha renovado a sua antiga lealdade ao César agora endeusado. Como consequência, apesar do ruinoso destino do seu pai e do confisco das suas propriedades, o filho de Lúvia nasceria num ambiente condizente à sua condição. O monte Palatino, onde Rômulo tinha construído a sua cabana de palha, era agora o bairro mais distinto de Roma. A cabana, reverentemente mantida em permanente conservação, ainda se erguia na parte superior da caverna do Lupercal, a única coisa na colina que não gritava privilégio. Os Claudianos, naturalmente, há muito que tinham ali uma posição proeminente. Era no monte Palatino que Clódia Metela tinha organizado os mais elegantes saraus de Roma, e onde Clódio, depois de passar por duas enormes mansões, assentou o seu quartel-general em aposentos despidoradamente imponentes. No entanto, Tibério Nero, por muito que lamentasse o massacre da sua classe em Filipos, passeava-se na sua esplêndida casa, tranquilizado por ter feito a escolha certa. Afinal, era preferível uma mudança de lealdades à perda das suas propriedades no Palatino. Todavia, enquanto a parteira segurava o seu filho, ele sabia que a sua sorte tinha agora bases precárias. As lembranças das proscrições ainda

estavam em carne viva. O choque dado à autoconfiança da elite de Roma não era fácil de suprimir. Nenhum lugar, nem mesmo a residência mais distinta, podia considerar-se segura. A primeira vítima das proscritções tinha sido assassinada na sua própria sala de jantar, perante os seus convidados, no santuário mais íntimo da sua casa. Entrando de rompante, os soldados não tiveram quaisquer escrúpulos em conspurcar esta cena de hospitalidade. Um centurião puxara da espada e tinha decapitado o pobre anfitrião, tendo advertido os outros convivas com um movimento da lâmina de que sofreriam o mesmo destino se criassem problemas. Aterrorizados, permaneceram onde estavam noite dentro, com o corpo decapitado a endurecer lentamente ao seu lado, cujo sangue empapado no sofá já escorria para o chão. O que em tempos fora sinal da grandeza de um cidadão — uma excelente casa, belas esculturas e piscina — tornara-se, durante o frenesim das proscritções, no oposto: numa potencial sentença de morte. Até os Claudianos tinham aprendido a temer que lhes batessem à porta a meio da noite. Permanentemente, no mais recôndito das suas mentes, escondia-se o pavor do que se podia seguir: «os soldados em correria, as fechaduras forçadas, as palavras ameaçadoras, os olhares ferozes, o brilho das armas.»^[18]

Estava claro, para a nobreza que tinha sobrevivido à carnificina das proscritções e de Filipos e que agora, ao sair dos seus refúgios, tropeçava numa paisagem política totalmente transformada, que era desesperadamente necessário chegar a um permanente compromisso com os novos senhores. Três homens tinham reivindicado autoridade para governar o mundo como vingadores de César. O seu convénio, ao contrário do que fora o original triunvirato, não era um obscuro arranjo tradicional entre os poderosos Romanos, mas algo completamente revolucionário: a concessão formal do poder absoluto. Legalmente, o objetivo dos triúnviros fora definido como

«o restabelecimento da República» — mas ninguém se deixava enganar por tal expressão. Os líderes Cesarianos não tinham enveredado pelos trilhos do sangue apenas para abdicarem da sua supremacia ganha tão arduamente. Na sequência de Filipos, a única resistência que se mantinha estava na Sicília, onde Sexto, o filho de Pompeu, tinha estabelecido um turbulento regime rebelde. De resto, a autoridade do Triunvirato era absoluta. Mas a sua continuidade muito dificilmente poderia ser tomada como garantida. Os triunviratos, como todos estavam cientes, habitualmente caíam. As classes altas de Roma, ao procurarem definir o seu destino numa base sólida, viam-se confrontadas com o risco de uma potencial decisão de vida ou de morte: qual o membro do Triunvirato a apoiar. Um deles podia ser descartado de imediato. Marco Emílio Lépido era um velho companheiro de César, cuja impecável linhagem e enorme variedade de ligações não conseguiam esconder a sua essencial mediocridade. Despromovido a guardião da Itália durante a campanha de Filipos, já estava de saída. Tal deixava Roma e o seu Império efetivamente dividido entre dois caudilhos muito diferentes. Um, tal como Lépido, era um nobre de linhagem ilustre e comprovada lealdade a César: nem mais nem menos do que o cônsul que tinha corrido com os *Luperci* — Marco António. Não obstante o seu papel nas proscrições, muitos eram os que o admiravam entre a elite romana. Em Filipos, foram as suas proezas enquanto general que sobressaíram. No meio da carnificina no campo de batalha, tirou a sua capa e colocou-a sobre o cadáver de Bruto. Versátil, aventureiro e generoso, as suas virtudes eram daquelas que o povo romano sempre admirara. Apesar de ser um triúnviro, para os seus antigos pares, Marco António era pelo menos uma garantia de familiaridade.

Que era bem mais do que o que podia ser dito sobre o seu parceiro no governo do mundo. Nada podia exemplificar melhor as sublevações e convulsões que tinham afligido o povo romano desde o assassinato de

César, do que a ascensão até uma posição dominante do homem nascido com o nome de Caio Otaviano. A sua grandeza servia como uma amarga repreensão à mutilada aristocracia. A sua ascendência era suficientemente obscura ao ponto de permitir que os seus inimigos fizessem acreditar que um seu bisavô tinha sido «um escravo liberto, um servo»^[19], e que outro fora um africano, fabricante de perfumes, e posteriormente padeiro.^[*] A sua infância foi passada, não na zona mais elevada do monte Palatino, mas numa cidade poeirenta chamada Velletri, a cerca de 32 quilómetros pela Via Ápia.^[**] A sua breve carreira tinha consistido numa sustentada e impiedosa agressão às mais sagradas tradições da República. Oito meses após o assassinato de César, com pouco mais de 19 anos de idade, encenou um golpe militar que abortou. Dez meses mais tarde, irrompeu em Roma à frente de um exército privado. Cônsul ainda antes dos 20 anos, legalmente nomeado triúnviro, e comandante ao lado de Marco António de 19 legiões em Filipos, ninguém na história da sua cidade tinha ganho um tal poder, tão rapidamente e tão jovem. Nem a moralidade ou considerações de misericórdia tinham autoridade para lhe barrar o caminho. Enquanto Marco António olhou com tristeza para os adversários caídos no campo de batalha em Filipos, o seu jovem colega nem uma lágrima derramou. Pelo contrário, ordenou que decapitassem Bruto e levou a sua cabeça para Roma. Aí, como símbolo acutilante, fora colocada aos pés da estátua onde César morrera.^[20]

«A malícia dos que conspiraram contra nós e que determinaram o destino de César, não pode ser apaziguada pela bondade.»^[21] E com estas palavras, o Triunvirato tinha justificado o ter sancionado os assassinatos e a guerra civil. Para Caio Otaviano, a obrigação de vingar César tinha proporcionado uma especial permissão para os seus atos. Na véspera de Filipos, tinha jurado publicamente que construiria um templo em Roma

para o deus Marte, *o Vingador*: uma declaração de que, para ele, lutar numa guerra civil não era um crime, mas um dever piedoso e imperioso. O jovem era o neto da irmã do Ditador — mas era qualquer coisa mais espetacular ainda. César, que fora abençoado com a capacidade de descobrir talentos, e que não tinha um filho legítimo, movimentou-se antes de morrer para adotar Otaviano como seu herdeiro. Esta era, naturalmente, a mesma tática que tinha levado o pai de Lúvia a ser adotado por Lúvio Druso: uma expressão perfeitamente legítima da luta perene dos nobres Romanos pela manutenção da sua linhagem, e enredar os seus pares em densas teias de obrigação. Mas o ser adotado por César tinha proporcionado a Otaviano um impulso inigualável. O desajeitado jovem de 18 anos de Velletri tinha sido agraciado com duas heranças de inestimável valor: a fortuna do seu tio-avô e o seu prestígio. O dinheiro de César possibilitou-lhe ter legiões; o seu nome, *auctoritas*. Estes legados eram tão poderosos que viriam a acender no jovem Otaviano uma ambição tal, que nenhum jovem Romano num percurso similar alguma vez se atreveria a imaginar: ganhar, para si, uma supremacia única e permanente. Quando mais tarde se confirmou que o cometa visto sobre Roma era, de facto, a alma do seu pai adotivo a subir aos céus, o seu legado tornou-se ainda mais inspirador. O jovem que fora conhecido como Caio Otaviano podia agora reivindicar uma nomenclatura de esplendor quase sobre-humano. Por mais que os seus inimigos se deleitassem em chamar-lhe «Otaviano», ele desprezava o nome. Mais do que César, ele insistia em ser conhecido como *Caesar Divi Filius* — César «Filho de um Deus».

Para a elite romana, tudo isto era suscetível de parecer mais sinistro do que esplêndido. Confrontados com a figura fria e estranha do jovem César, a maioria dos nobres recuava instintivamente. Os que tinham sobrevivido à chacina de Filipo tendiam a procurar refúgio, por falta de melhor

alternativa, no lado de Marco António. Outros enfrentaram uma escolha mais complicada. Enquanto a Marco António, na divisão do mundo que se seguiu a Filipos, tinha sido concedida a responsabilidade pelo Oriente, o jovem César regressou a Itália. Nobres, como Tibério Nero, residentes em Roma, depararam-se com o filho de um deus a residir à sua porta. Com Marco António muito distante, e perante as bem conhecidas e visíveis tendências homicidas do jovem César na defesa dos seus próprios interesses, a maioria optou, sem surpresa, por manter a discrição. Mas alguns começaram a conspirar. Apoiantes de Marco António em Itália foram sondados. Mais uma vez, começaram a ouvir-se em círculos restritos sussurros sobre esquemas para restaurar a República. Quando Lúcio, o irmão de Marco António, se tornou cônsul e falou em termos pouco subtis de libertar Roma da tirania, o ódio para com o jovem César e para tudo o que ele representava incendiou-se. Seria na Etrúria e na Úmbria, terras famosas e bonitas situadas a norte de Roma, e onde os rios deslizavam por baixo de imponentes rochedos sobre os quais se situavam as suas muralhas antigas, que as chamas do ódio mais violentamente eclodiram. A cidade de Pérúsia, no topo de uma colina, era agora a fortaleza de Lúcio e do seu exército. De toda a Itália vinham homens para se lhes juntarem. A maioria nada mais tinha a perder além da própria vida; mas nem todos. Alguns eram senadores — e entre eles estava Tibério Nero.

Nesta jogada desesperada, ele fez-se acompanhar pela mulher e pelo filho ainda bebé. Normalmente, as mulheres romanas não viajavam com os seus maridos para a guerra, mas os tempos estavam longe de ser normais. O mundo estava virado às avessas, e até mesmo as prerrogativas do sexo masculino começavam a desgastar-se. Durante as proscricções, os condenados, escondidos nos sótãos ou em estábulos, viram-se humilhantemente dependentes das suas mulheres. Havia a narrativa

chocante de uma mulher, conhecida pelas suas infidelidades, que tinha denunciado o marido aos caçadores de recompensas, casando com o seu amante nesse mesmo dia. Mas muitas mulheres provaram ser heroicamente fiéis. Uma delas, numa particular demonstração de resistência e coragem, tinha mesmo enfrentado um espancamento perpetrado por capangas de Lépido para implorar pela vida do seu marido. «Cobriram-te de equimoses», recordaria ele mais tarde, em grata admiração, «mas não te quebraram o ânimo.»^[22] Outras mulheres, numa exibição de determinação masculina mais notável ainda, saíram às ruas. Nos inícios do ano 42 a.C., numa altura em que as extorsões do Triunvirato estavam a sangrar Roma, uma delegação feminina marchou sobre o Fórum. Subindo para a *Rostra*, a sua porta-voz despertou corajosamente as memórias de uma tradição assassinada: a liberdade de expressão. Hortênsia era a filha de Hortênsio Hórtalo, um dos maiores oradores do seu tempo, cujo destemor em eviscerar os seus oponentes podia ser medido pelas riquezas esplêndidas que ganhara: uma mesa de jantar em que, pela primeira vez em Roma, se serviu pavão; uma adega incomparável; uma mansão no monte Palatino. Agora, falando como os homens já não se atreviam a falar, a sua filha destemidamente acusava os próprios triúnviros. «Porque é que nós, as mulheres, pagamos impostos se não participamos nas honrarias, no comando dos exércitos e no governo do Estado?»^[23], perguntou Hortênsia. Em resposta a esta pergunta, o Triunvirato expulsou as mulheres do Fórum; mas o seu embaraço era tal que, embora com muito má vontade, concordaram com um corte de impostos. Este era um episódio que Lívía, por certo, teria acompanhado com interesse. Era uma lição que ficaria para sempre. Tais eram os males a que Roma estava sujeita, que uma mulher podia sentir-se obrigada a ser ela mesma a defender o seu património.

Entretanto, é claro que era para o seu marido que Lívía se voltava, para

que garantisse ao seu filho um futuro dourado condizente com uma criança em cujas veias corria o sangue de duas linhagens Claudianas. Porém, não tardou muito para que a sua confiança em Tibério Nero começasse a revelar-se terrivelmente equivocada. Alistar-se na insurreição contra o jovem César revelou-se não ter sido uma jogada sensata. As calamidades sucediam-se. A rebelião de Lúcio foi esmagada com previsível crueldade. Apesar de Lúcio ter sido perdoado, os outros senadores não tiveram tal sorte. O jovem César, como se estivesse a oferecer um sacrifício de sangue ao seu deificado pai, mandou executar publicamente um grande número deles nos Idos de março.^[24] Quanto a Tibério, não havia qualquer dúvida de que, apesar de ter conseguido escapar com a sua família ao saque de Perúsia, corria perigo de morte. Ao chegar a Nápoles, tentou instigar outra revolta, que também foi esmagada. Ao procurar refúgio no interior do território, o casal fugitivo quase foi traído pelo choro da pequena criança, e, por pouco, não escapava aos soldados que os perseguiram. Fugindo para a base dos rebeldes de Sexto Pompeu na Sicília, foram recebidos com tanta frieza que Tibério Nero, irritado como só um Claudiano em maré de azar conseguia ser, partiria para leste num acesso de raiva. Também rejeitado por Marco António, por um breve período encontrou um esconderijo na Grécia, antes de ser forçado a fugir de novo. Enquanto fugiam por uma floresta, deflagrou um incêndio. As vestes de Lúvia queimar-se-iam e até os seus cabelos ficaram chamuscados. Entretanto, em Roma, o seu marido tinha sido oficialmente proscrito e a sua casa no monte Palatino confiscada. Como mãe do herdeiro dos Claudianos, Lúvia tinha talvez direito a sentir que tudo aquilo já estava a ser demais.

No verão de 39 a.C., quando um tratado entre o Triunvirato e Sexto Pompeu propiciou uma amnistia a exilados como Tibério Nero, Lúvia perdeu todas as ilusões ao ser confrontada com a brutal realidade da nova

ordem. Voltaria para uma Roma na qual a sua posição fora drasticamente diminuída. Nem mesmo o facto de estar de novo grávida lhe melhoraria o humor. Tibério Nero demonstrara ser a pessoa mais inadequada para as esperanças de Livia para si e para os seus herdeiros. A coragem que demonstrara ao acompanhá-lo nas suas desastrosas viagens era incontestável. Porém, em última análise, a sua lealdade não era para com ele, mas para com a linhagem do seu pai. De sangue azul, bonita e ainda sem ter completado 20 anos, Livia sabia que ainda tinha muito para oferecer a um homem. Bastava encontrar alguém mais digno dela do que Tibério Nero.

Entretanto, na esplêndida mansão no Palatino que tinha pertencido a Hortensio Hortalto antes de ser apreendida durante as proscricções, o jovem César também se tinha cansado da sua consorte. Escibônia era uma mulher de uma dignidade frígida — ou, como o seu marido preferia dizer, com uma notável falta de cortesia, «uma desgastante tendência para as discussões»^[25]. Faltava-lhe o que até mesmo os seus inimigos estavam dispostos a garantir que Livia possuía em abundância: charme e *sex appeal*. Nem, apesar do facto de ser originária de uma família nobre e poderosa, poderia a ascendência de Escibônia ser comparável à de um Claudiano. Para o jovem César, cujo estatuto como «Filho de um Deus» o tinha unicamente feito parecer mais vulgar aos olhos da autêntica nobreza, um casamento na família mais célebre de Roma tinha tudo a seu favor. Ele podia ser o senhor de metade do mundo — mas era sensível à acusação de ser um novo-rico. Que Livia possuísse atractivos físicos além de linhagem, só cimentou a sua decisão. No outono de 39 a.C., apenas alguns meses depois do seu regresso do exílio, insinuou-se junto da esposa grávida de Tibério Nero.

O marido traído, demasiado desmoralizado para poder defender a sua

dignidade, estava tão desesperado para reparar as suas fortunas que quase empurrou Lívía para os braços do jovem César. A somar ao choque e alegria com que o povo romano recebia o emergente escândalo, estava o facto de que Escribónia também estava consideravelmente grávida. Somente após dar à luz uma filha, Júlia, se sentiu o seu marido legitimamente capacitado para se divorciar dela. No outono de 39 a.C., o jovem César ficou noivo de Lívía. Mas o casamento ainda tinha de esperar. Casar com uma mulher grávida de outro homem era um passo demasiado ofensivo, até mesmo para o filho de um deus. Por fim, a 14 de janeiro 38 a.C., Lívía deu à luz o seu segundo filho, um menino a que chamaram Druso. Três dias depois, casava com o jovem César. Tibério Nero, desempenhando o papel do seu falecido pai, entregou a ex-mulher. O regresso de Lívía ao monte Palatino fora formalmente selado.

Ela estava destinada a ali permanecer, como sua indiscutível senhora, para o resto da sua vida. O seu novo marido sabia muito bem o que tinha obtido ao casar-se com ela. «Nunca deixaria de a amar, estimar, e de lhe permanecer fiel.»[26]

De qualquer maneira, Lívía estava, finalmente, segura.

A primavera romana

Não eram apenas os nobres que se arriscavam a perder tudo para a era criminosa e desnorteante presidida pelo jovem César.

No início de 41 a.C., poucos meses depois de se ter concluído a campanha mais sangrenta da história de Roma, em Filipos, um bando de homens sujos e corpulentos avançou para sul, ao longo da Via Ápia. À medida que avançavam até às encostas de um antigo vulcão chamado monte

Vulture, seguiam atrás de um estandarte encimado por uma águia. Os agricultores, vendo-os passar, davam por si a olhar os bicos e as garras prateadas com trepidação. Sabiam o que a sua chegada significava. O jovem César, garantida a vingança contra os assassinos do seu pai adotivo, tinha enfrentado a tarefa mais desagradável ao regressar a Itália. Cerca de 50 mil dos seus soldados, todos eles veteranos endurecidos pela batalha, olhavam para ele com a expectativa da sua recompensa. E o prémio que eles queriam acima de qualquer outro, e pelo qual se tinham disposto a cruzar os mares e a matar os seus concidadãos, era um pedaço de terra.



Ainda antes de Filipos, o Triunvirato tinha marcado territórios nas redondezas de 18 cidades italianas para serem confiscados. Estes eram planos de larga escala. Estima-se que em Filipos um quarto dos cidadãos em idade militar terá estado de um ou do outro lado.^[27] Agora, com o regresso a casa dos vencedores, a expropriação estava na ordem do dia. Os proprietários de terras em algumas das regiões mais férteis da Itália aprenderam a temer o aparecimento de soldados desmobilizados nas suas propriedades. «Que confusão por todo o lado e em todos os campos!»^[28] Casas, equipamento agrícola, escravos, tudo podia ser apreendido. Quanto maior era a propriedade, maior margem havia para que o topógrafo, armado com sua «impiedosa haste de medição»^[29], a dividisse e emparcelasse. A resistência era brutalmente esmagada. Mas em geral, os despojados, como as pombas antes da aproximação das águias, sabiam que não valia a pena resistir. A alguns era autorizado permanecerem como inquilinos. Esses eram os afortunados. A maioria não tinha outra alternativa que não fosse baixar a cabeça perante os males da época, e deixar que lhes roubassem as casas. «A sorte vira tudo de cabeça para baixo.»^[30]

Os mesmos fantasmas de furto e violência que tinham aterrorizado a nobreza durante as proscricções, estavam agora generalizados por toda a Itália. Embora fossem as regiões de planícies prósperas as perseguidas de forma mais ameaçadora, os campos irrigados não eram a sua única tentação. No monte Vulture, onde os lobos ainda assombravam extensões de floresta densa, e onde os campos eram abrasados por ventos escaldantes no verão, a pobreza do solo não poupava os locais da ruína. Havia demasiado em jogo. Ninguém preocupado com o domínio da Itália se poderia dar ao luxo de negligenciar a questão. Já 250 anos antes da chegada ao monte Vulture dos jovens veteranos de César, colonos Romanos tinham estabelecido uma colónia num dos seus lados. Venosa, situada num rochedo a meio caminho

entre duas ravinas, tinha servido Roma como posto avançado fulcral e sua porta de entrada para o Sul. A Itália, naquela época, era pouco mais do que uma expressão geográfica, e os Romanos apenas mais um povo numa manta de retalhos de povos. Outros havia que poderiam gabar-se de traços não menos distintos. Havia os Etruscos, cujo domínio se tinha estendido em tempos para além da sua nativa Etrúria, tão para sul como a própria Roma, e cujo talento para a leitura dos «auspícios» — marcadores sobrenaturais do futuro revelados através do voo dos abutres ou dos hábitos alimentares das galinhas — era inigualável. Havia os Marsianos, vizinhos próximos dos Romanos nos montes Apeninos, cujo canto podia fazer explodir as cobras. Havia os Samnitas, cujos antepassados nos tempos antigos tinham sido liderados por um misterioso boi até aos redutos das acidentadas montanhas acima de Nápoles, e que durante mais de 50 anos, no século IV a.C., obstinadamente desafiaram a progressão para sul das legiões. Porém, a seu tempo, eles e todos os outros povos da Itália tinham sido derrotados; e gradualmente, à medida que a supremacia romana se estabelecia em toda a península, os Italianos tinham começado a pensar que partilhavam uma identidade comum. Venosa, erguida para ser a sentinela da Via Ápia quando esta deixava a região de Sâmnio e descia para o Adriático, tinha começado a perder o propósito da sua fundação. A garantia dada em tempos aos Romanos «de que iria bloquear qualquer incursão hostil»^[31], tinha-se tornado redundante. Já não servia como cidade fronteiriça.

Contudo, se caísse em mãos erradas, a cidade poderia representar uma ameaça. E o jovem César não precisava de recorrer à história antiga para o saber. Tão recentemente como 91 a.C., o povo de Venosa tinha-se juntado a outros Italianos, dos Marsianos aos Samnitas, numa rebelião contra Roma. Chegou a ser proclamado um estado independente, cujas moedas retratavam um lobo a ser pisado por um touro. Todavia, apesar da ferocidade dessa

guerra até à sua supressão, e apesar do susto em Roma, a insurreição em si tinha resultado mais de um devotado desprezo do que de um verdadeiro ódio. A ambição da maioria dos italianos era a possibilidade de participar no poder romano e não aniquilá-lo. Bastaria visitar Venosa para o perceber. Os equipamentos públicos estavam em todo o lado. Banhos, aquedutos, anfiteatros: nenhum tinha sido barato. Fossem eles soldados ou comerciantes, os Italianos tinham lucrado imensamente com o seu domínio do Mediterrâneo — razão pela qual, quando o Senado aprovou uma proposta para que as pessoas em toda a península se tornassem em pleno cidadãos de Roma, a insurreição rapidamente colapsou. A partir de então, toda a Itália passou a ser classificada como Romana. Quando os veteranos de Filipos chegaram a Venosa para expulsar os terratenentes locais e dividir os seus campos em parcelas, tal identidade era o que restava à maioria dos Italianos. Cinquenta anos antes, na esteira da grande rebelião contra Roma, muitos dos habitantes de Venosa tinham sido escravizados e distribuídos por todo o lado. Os filhos dos recém-chegados tinham enchido a principal escola da cidade: «os intimidatórios filhos de intimidatórios centuriões.»^[32] Por essa altura, com a eclosão da guerra civil, toda uma geração de jovens foi recrutada. «As foices curvas foram endireitadas e transformadas em espadas.»^[33] Muitos pereceram por terras estrangeiras. Aqueles que voltaram fizeram-no mantendo a lealdade somente para com os seus companheiros e os seus generais. Agora, como as lâminas de um gigantesco arado, os topógrafos do jovem César chegavam para fatiar Venosa mais uma vez. Poucos eram os costumes típicos da região que tinham conseguido sobreviver a tão repetidas devastações. «Tinham-se deteriorado de tal modo, que tudo o que os distingua — a língua, as armaduras, as roupas e assim por diante — se tinha completamente desvanecido.»^[34]

Mesmo assim, ainda havia alguns italianos que suportaram tudo isto como uma forma de luto. Mas uma última tempestade destrutiva estava para acontecer. Quando, em 41 a.C., Lúcio, o irmão de Marco António, ergueu as bandeiras da oposição armada ao jovem César e se barricou atrás das muralhas de Perúsia, as motivações daqueles que a ele se juntaram eram diversas e confusas. Enquanto alguns, como Tibério Nero, eram inspirados pelo sonho da restauração da República, e outros, a grande maioria, eram homens empobrecidos e amargurados pela apropriação das suas terras, outros havia que ainda acalentavam a esperança de uma época anterior a Roma, quando as suas cidades eram livres. Ao contrário de Venosa e Sâmnio, onde o espírito de rebelião se tinha extinguido para lá de qualquer esperança de uma ressurreição, nas terras ricas mais a norte, especialmente na Etrúria, apesar de ténue, a sua chama ainda cintilava.

Mas não por muito tempo. O jovem César não era homem para tolerar qualquer desafio à sua autoridade. A brutalidade com a qual ele e os seus lugar-tenentes tinham esmagado a revolta de Lúcio trouxera a ruína para muitas cidades antigas e famosas. Algumas, como Perúsia, foram reduzidas a cinzas; a outras foram impostas multas de valor tão exorbitante, que os seus cidadãos foram forçados a abandoná-las. Mais refugiados se juntavam aos despojados. No meio dos terrenos enegrecidos e das florestas assombradas da Etrúria, os fantasmas poderiam facilmente parecer uma presença mais viva do que os vivos. Aos sobreviventes apenas lhes restava lamentar «os lares devastados dos Etruscos, a antiga raça.»^[35]

Mas onde havia miséria, também havia oportunidade. Passando as colinas de Perúsia cobertas de cadáveres, um viajante iria deparar-se com uma cidade abençoada com o que se tinha tornado, no meio dos males daqueles tempos, o mais útil dos atributos: um poderoso patrono. Arezzo, que perdera a sua independência para Roma séculos antes, tinha como seu

mais proeminente cidadão um homem que afirmava ser descendente, nem mais nem menos, da realza Etrusca. Para a nobreza Romana, a linhagem ostentada por Caio Mecenas era tão desprezível que roçava a fronteira do sinistro; mas Mecenas, um homem muito dado a espampanantes exibicionismos, não sentia necessidade de agradar ao escárnio dos senadores. O caos que tanta desgraça trouxera a tantos outros tinha sido a sua oportunidade. Lúcido e incansável, facilmente navegou para o coração da nova ordem. Apoiando o jovem César como vencedor desde o início, lucrou imensamente com isso. Nem tudo o que foi roubado aos proscritos tinha servido para financiar o esforço de guerra do Triunvirato. Aqueles suficientemente alerta para os novos mananciais do poder, desde que tivessem o talento e a coragem para deles tirar proveito, tinham sido capazes de beber-lhes muitas das suas espetaculares riquezas. Até os seus inimigos não duvidavam da capacidade de Mecenas. «Ele era um homem que, sempre que a ocasião o exigia, nunca dormia, literalmente, e era tão rápido a perceber o que era preciso fazer, como a ser capaz de o realizar.»^[36] O jovem César, determinado em obter para si mesmo um inexpugnável domínio sobre os seus concidadãos, precisava urgentemente de tais lugar-tenentes. Era por isso que, enquanto a Etrúria ardia, o partidário de Arezzo se deleitava.

A violência, o roubo e as atrocidades eram inevitáveis para um novo regime desesperado por se afirmar. Mas Mecenas, como o seu senhor, sabia que as ilegalidades arbitrárias não lhe assegurariam o seu futuro a longo prazo. A sua pretensão de herdeiro dos reis Etruscos não era apenas um desafio calculado aos tradicionais todo-poderosos de Roma, para quem Arezzo era um recôndito lugar mais conhecido por produzir loiças baratas. Também servia como uma garantia para as pessoas que tinham suportado o peso das apropriações: os terratenentes da Itália. O jovem César, agora que

tinha acertado contas com os seus veteranos, precisava desesperadamente de ampliar o seu apoio. Isto, à luz do que o seu regresso de Filipos tinha significado para a Itália, poderia parecer uma grotesca esperança. Contudo, eram tão convulsivos os horrores daqueles tempos, tão devastadoras as vicissitudes da guerra civil, e tão absoluto o aparente abandono do mundo pelos deuses, que era desesperadamente preciso alguém, fosse quem fosse, capaz de oferecer um raio de esperança a Roma. A um regime que pudesse restabelecer a um povo ferido e aterrorizado uma medida de paz, por mais pequena que fosse, muito seria perdoado. Quiçá, até, as circunstâncias da sua própria ascensão ao poder.

Mas para a maioria dos Romanos, quer vivesse em Roma ou nas cidades e aldeias da Itália, o futuro parecia ser cada vez mais negro. A vitória sobre Lúcio não tinha conseguido limpar o campo dos inimigos do jovem César. Na Sicília, Sexto Pompeu mantinha-se bem entrincheirado, e, por certo, sem vontade de fazer qualquer favor ao herdeiro do inimigo de seu pai. Em vez disso, posando como favorito do deus do mar, divertia-se a estrangular as rotas de navegação ostentando uma capa de cor água-marinha. Como resultado, acrescentavam-se novas dificuldades à miséria resultante dos campos enegrecidos e das requisições militares. Em 38 a.C., grassava a fome em todo o território devido a um bloqueio dos navios de cereais que poderiam ter ajudado a alimentar um povo faminto. Bandos de assassinos à solta infestavam as estradas. Em Roma, onde os bairros degradados fervilhavam de refugiados, a fome exponenciava o clima de miséria e a violência. Propostas para novos impostos, destinados a financiar a destruição de Sexto, precipitaram tumultos. O jovem César foi apedrejado nas ruas, mal conseguindo escapar à multidão. Mais tarde, quando os corpos dos que morreram nos confrontos foram lançados ao Tibre, grupos de gente desesperada avançaram pelas águas para lhes roubar as roupas. Era

tal a miséria a que o povo romano tinha sido reduzido que já nada os impedia de assaltar os cadáveres.

Que Roma estivesse condenada, que as suas ruas pudessem acabar por ficar à mercê de animais de rapina, que a própria cidade se transformasse em cinzas: eram estes alguns dos medos que agora abertamente pairavam.

*É verdade: um destino cruel persegue
os Romanos, e o crime do fratricídio,
desde que o inocente sangue de Remo
foi derramado, amaldiçoa os seus herdeiros.*^[37]

É bem provável que o homem que fez este prognóstico sombrio tenha sido assolado por uma sensação de desespero. Quinto Horácio Flaco era um homem genial; mas falava em nome dos Italianos apanhados «nas misérias cruéis do exílio, nas misérias da guerra.»^[38] Filho de um rico leiloeiro de Venosa, tinha combatido em Filipos ao lado dos assassinos de César. Anos depois, ocultando o horror da carnificina por detrás de uma divertida autodepreciação, descreveria como tinha conseguido escapar à batalha deitando fora o seu escudo e confiando apenas numa névoa sobrenatural; mas a dura realidade era que tinha visto Romanos a abater Romanos suficientes para ficar assombrado por essa experiência para o resto da vida. Depois de Filipos, terá certamente perdido a vontade de continuar a combater. Quando uma amnistia lhe ofereceu a oportunidade de regressar a casa, aproveitou-a. Mas os topógrafos tinham chegado a Venosa antes dele. As suas terras já não lhe pertenciam. Com a sombra da proscrição ainda a pairar sombriamente sobre aqueles que tinham lutado pela República em Filipos, resistir estava fora de questão. Horácio juntou-se ao fluxo de desalojados, e dirigiu-se para Roma. Aqui, seja por ter recorrido ao que lhe restava do seu património ou por ter conseguido um contacto importante,

conseguiria o cargo de escriba do tesouro estatal. Um modo de vida, sem dúvida, mas um sério revés para quem fora um terratenente. Horácio, que combinava a sua intelectualidade com uma genial expressão de sentimentos, atreveu-se a explorar em verso as fraturas daqueles tempos. Vivia-se de forma precária, e o pior podia ainda estar por vir. Um mundo em que os homens podiam ser expulsos das suas terras devido a um capricho, era um mundo onde ninguém, nem mesmo os aparentes vencedores, estava seguro. «Então, deixem que o destino se enraiveça e agite novas convulsões. Será que fará piorar as coisas ainda mais do que já estão?»[39]

Uma pergunta incisiva, com a qual o jovem César, que através do assassinio e da extorsão abrira caminho desde a obscuridade de quem vivia fora da cidade para o domínio da Itália, dificilmente poderia deixar de se assombrar. Melhor do que ninguém, sabia da escala da sua ascensão e quão grande seria a queda. Encurralado pela multidão faminta, atingido por pedras e dejetos, resgatado com dificuldade antes que o despedaçassem, tinha encarado a precariedade do seu predomínio de frente. No entanto, passados apenas dois anos, a Fortuna confirmaria mais uma vez como o jovem César era o seu favorito. Em setembro de 36 a.C., Sexto Pompeu estava encurralado na costa leste da Sicília e a sua frota destruída. Embora tenha conseguido escapar, o seu poderio foi definitivamente desmantelado, e no espaço de um ano ele estava morto. Enquanto isso, na Itália, o jovem César era saudado pela primeira vez em termos verdadeiramente arrebatadores. «Todas as cidades lhe deram, aos 28 anos de idade, um lugar entre os seus deuses.»[40] Já não havia ódio. Enquanto Filipos apenas tinha trazido miséria para Itália, a alegria da vitória naval sobre Sexto era algo que todos podiam partilhar. A Sicília, com os seus terrenos férteis, foi recuperada pelo governo do jovem César. Navios transportando comida

começaram a atracar de novo nos portos italianos. O bloqueio tinha acabado. Em Roma, com o voto oficial do Senado, foi erguida uma estátua dourada do vencedor sobre uma coluna adornada com uma apropriada decoração naval. «Ele restaurou na terra e no mar a paz, muito devastada pela guerra civil»^[41] podia ler-se na inscrição da sua base.

Por fim, parecia que o entusiasmo pelo novo regime começava a espalhar-se para lá dos que tinham lucrado pessoalmente com ele. O jovem César, sempre alerta para as oportunidades, agiu com a sua habitual destreza para incentivar esta tendência. Consciente de quão odiado o Triunvirato se tinha tornado, e ansioso por se alcandorar a um futuro brilhante, começou, com um harmonioso despudor, a apresentar-se como defensor de todos aqueles que tinha passado tanto tempo a atacar. Os impostos foram reduzidos, e os documentos dos tempos negros das proscricções foram ostensivamente queimados. Alguns poderes foram cosmeticamente restaurados para as magistraturas tradicionais da República. Lépido, há muito neutralizado, foi formalmente afastado e enviado para o exílio. Ao mesmo tempo, o jovem César começou a sugerir que o Triunvirato devia terminar.

Naturalmente, evitou qualquer ação que pusesse em movimento esta boa intenção. Por agora, tal passo estava fora de questão. Apesar de Sexto e Lépido terem saído de cena, ainda restava outro elemento muito empenhado no jogo. No Oriente, Marco António não dava qualquer sinal de ter perdido o gosto pelo poder. E porque o havia de fazer? Os seus apetites sempre foram a um nível superior. Enquanto, em Roma, o jovem César «se embrenhava em conflitos civis e em guerras»^[42], Marco António ia-se deleitando com tudo o que as províncias ricas e os reinos do Mediterrâneo oriental tinham para oferecer. Legiões, riquezas, adulação: tudo era seu. Com o mundo agora rigidamente dividido entre os dois triúnviros

sobreviventes, era o elemento mais jovem que parecia ter a posição mais fraca. Todavia, no fascínio em que Marco António vivia enquanto senhor do Oriente estaria, talvez, uma fraqueza. E a fraqueza, como tantos outros tinham aprendido a custas próprias, era algo que o jovem César farejava com uma genialidade letal.

Certamente, para um homem com as suas comprovadas tendências homicidas, o assassinato de carácter era uma consideração menor. Uma década depois das proscrições, era o bom nome do seu rival que ele procurava agora pôr em causa. Sabia a força dos rumores, «que se deleitam em encher as pessoas com intermináveis mexericos, misturando a verdade e a mentira numa única toada.»^[43] As calúnias, que eram tão chocantes quanto coloridas, começaram a surgir por toda a Roma. Cada ação de Marco António era apresentada pelo pior ângulo possível. Sussurrava-se que as suas atitudes tinham degenerado em algo monárquico, e eram mais apropriadas a um déspota oriental vestido de sedas do que a um magistrado do povo romano. Corrompido pelas delicadas tentações do Oriente, Marco António urinava num bacio de ouro. Esbanjava fortunas em jantares. E, o que ainda era mais chocante, tinha sucumbido às ciladas da rainha do Egito. Continuando onde César tinha parado, Marco António tinha levado Cleópatra para a sua cama; mas a paixão que daí resultou tinha levado a melhor sobre ele, que agora pouco mais era do que o seu brinquedo e um joguete. O ser casado com Otávia, irmã do seu colega de triunvirato e respeitável mãe de família, não o envergonhava minimamente. Em vez disso, num calculado insulto para com o jovem César, tinha-a devolvido a Roma. No entanto, o maior de todos os insultos era feito à dignidade do povo Romano. Agora, quando a rainha queria que lhe massajassem os pés, era Marco António quem o fazia. As implicações, para os que acreditavam nestas histórias, eram extremamente sinistras. Quem podia saber o quão

longe chegariam as ambições de Cleópatra? E se Marco António, escravo de tal sereia, a ajudasse a governar todo o Oriente? E se ele a ajudasse — horror dos horrores — a governar Roma?

Assim articulada, de forma subtil, venenosa e brilhante, esta imagem de Marco António como um homem desencaminhado de todas as suas lealdades naturais, começou a ganhar vida própria. Inevitavelmente, quanto maior era o dano causado à sua reputação, maior era o brilho que resplandecia do seu rival. Particularmente devastador era o contraste entre Cleópatra e Lívía, a respeitosa herdeira da linha Claudiana. O seu devotado marido tudo fazia para o acentuar. Em 35 a.C., conseguiu permissão para erguer publicamente estátuas de Lívía e de Otávia. Conseguiu também, para as duas mulheres, um privilégio que naturalmente estava fora de questão para Cleópatra: sanções formais contra quem as insultasse. Estas medidas foram aprovadas de forma célere. Lívía, cuja origem e demonstrações públicas de modéstia eram exemplares, era muito admirada nos círculos senatoriais. Já não era apenas a nobreza Romana que a reconhecia como um dos seus, muitos dos Italianos também. Marco Lívio Druso, o seu avô adotivo, tinha sido um defensor e um herói dos pobres de Roma. Em 91 a.C., tinha-se esforçado por promulgar uma lei que lhes concedesse a cidadania. Uma noite, num dos salões da sua casa, um assassino desconhecido feriu-o de morte com uma faca de sapateiro. A dor e a fúria contra o assassinato do seu defensor muito contribuíram para a revolta dos Italianos. Quase 60 anos depois, continuava a ser muito acarinhado como mártir. Lívía, enquanto sua herdeira, herdara também a sua fama. A sua presença ao lado do jovem César, devotada e adoradora, servia de crescente garantia para os Italianos de que o seu marido, apesar das proscricções, das expropriações e de Perúsia, podia estar do lado deles. No entanto, o impulso certo para tal garantia era uma palpável melhoria nas suas ações. Com a sua

autoridade assegurada em pelo menos toda a metade ocidental do Império de Roma, direcionava agora as suas competências para as questões da criminalidade e para a restauração da lei e da ordem. Os piratas tinham sido banidos dos mares e os bandidos das montanhas da Itália. Aquele que fora um terrorista apresentava-se agora como um respeitável servidor público. O oportunismo foi substituído por uma sóbria demonstração de competência. Tal como acontecera desde o início das suas aventuras, o jovem César continuava a ter olho para talentos excepcionais. A capacidade, e não a linhagem, continuava a ser o que mais o impressionava. Os oportunistas continuaram a prosperar. Os senadores podiam continuar a revirar os olhos perante o facto; mas, para a maioria dos cidadãos, havia uma sensação de que o pior tinha passado, de que a maré cheia do caos parecia estar a vazar, prevalecendo sobre os prazeres da jactância. Já havia uma década, desde os Idos de Março, que grassavam os jogos fúnebres do Ditador assassinado. Para os Romanos já não importava quem tinha ganho, mas sim que houvesse um vencedor definitivo. Ensanguentados e exaustos, estavam demasiado cansados da guerra para se importarem muito com quem os governava, desde que lhes fosse concedida a paz.

«A harmonia permite que as pequenas coisas floresçam, enquanto a falta dela destrói as grandes.»^[44] O homem cuja expressão favorita era esta, sabia bem do que falava. Marco Vipsânio Agripa, que desde a primeira apresentação do jovem César na cena política tinha sido classificado, juntamente com Mecenas, como o mais confiável dos seus partidários, era originário de uma família de uma condição humilde impressionante. «Um filho como este não necessitava de ter um pai conhecido.»^[45] Agripa não dava importância a toda esta condescendência. Sem graça e azedo, tinha mais paixão pela realidade do que pelos instrumentos do poder. Sempre um passo atrás do jovem César, a imagem de homem honesto, de ar tão

cinzento e baço como era refulgente o seu líder, satisfazia-se em saber o quanto era necessário. Agripa partilhava com o seu mestre um segredo nunca revelado. O jovem César era um general incapaz. Os rumores da sua inutilidade em batalha sempre o tinham acompanhado. Em Filipos tinha conseguido perder a sua tenda para o inimigo e passou a maior parte da campanha doente; na guerra contra Sexto tinha sofrido duas retumbantes derrotas. Agripa, por contraste, era um militar dotado. Foi a sua capacidade de manobrar velozmente que possibilitou conter os rebeldes em Perúcia; foi ele que equipou a frota do jovem César com ganchos de metal disparados de catapultas; foi ele quem acabaria por derrotar Sexto. Uma forte determinação de origem camponesa e a capacidade para inovar — estas eram as qualidades que tinham possibilitado a Roma rasgar o seu caminho para a grandeza. Agripa, que não se deixava diminuir perante a nobreza, considerava-se o autêntico representante das antigas virtudes da sua cidade. Agressivo na sua simplicidade, estava literalmente disposto a mergulhar nas profundezas ao serviço do povo romano.

E foi assim que, em 33 a.C., o vencedor de Sexto desceu ao enlameado e sombrio mundo dos esgotos de Roma. Durante gerações, os nobres ambiciosos tinham considerado o trabalho de edil — a magistratura responsável pelas infraestruturas físicas da cidade — como um mero trampolim para mais altos voos; mas Agripa, o segundo homem mais poderoso de Roma no momento, não desdenhou das suas funções. Congratulou-se com a oportunidade de meter mãos à obra. Um grande grupo de trabalhadores foi recrutado para esvaziar e limpar os esgotos. E findos os trabalhos, numa demonstração triunfal de quão práticos eram os benefícios trazidos pelo novo regime, Agripa deslocou-se de barco ao longo da conduta central. Entretanto, enquanto se limpavam as entranhas da cidade, outros trabalhadores ocupavam-se do restauro dos aquedutos e da

construção de um completamente novo, o «Aqua Julia». «A água que chegava a Roma era tanta, que fluía como rios ao longo da cidade e dos seus esgotos. Quase todas as casas foram dotadas de cisternas e tubagens, e as fontes estavam por todo o lado.»^[46] Feitos de serviço público deste tipo faziam parte das mais fortes e nobres tradições romanas. Remontando aos tempos heroicos de Ápio Cláudio, que tinha alternado a vitória nas batalhas com a construção de estradas, Agripa estava a trabalhar simultaneamente para a inauguração de uma nova era, a qual veria uma cidade limpa a emergir de todos os seus detritos. Nada se fazia sem o seu consentimento. Até barbeiros foram recrutados para a causa. Sempre que havia um feriado, eram pagos para que proporcionassem um barbear gratuito. Era este o futuro para o qual Agripa, em nome do seu endeusado líder, estava a guiar os Romanos: limpando a cara a tudo e a todos.

Mesmo aqueles que tinham bons motivos para detestar o jovem César — homens que tinha lutado contra ele em Filipos e que tinham perdido as suas terras — reconheciam o encanto de um tal programa. Em 36 a.C., numa festa realizada para comemorar a derrota de Sexto, Horácio brindou de bom grado à vitória da «música de flauta e lira.»^[47] O seu anfitrião naquela noite tinha sido o mais subtil e mais valorizado dos assessores do jovem César, um homem mais próximo do que nenhum outro do coração do regime. Se Agripa era duro, Mecenas era perfumado e suave, tinha menos prática em matar do que em «conciliar amigos desavindos.»^[48] Ao fazer tal juízo, Horácio falava da sua experiência pessoal. Pouco depois da sua chegada a Roma, abatido e amargurado, tinha sido apresentado ao grande homem. Com a língua presa pelos nervos, mal tinha sido capaz de descrever a sua situação. «Nove meses depois, chegou uma ordem que me incluía entre os seus amigos.»^[49] Era uma oferta irrecusável. A relação entre os dois homens, embora nunca tenha sido uma de pares, rapidamente seria

afetuosa e próxima. Mecenas combinava uma aptidão para a convivência com a capacidade de reconhecer a genialidade — e Horácio oferecia-lhe ambas. Inevitavelmente, a amizade com um intermediário junto do poder de tão intimidante influência trazia consigo algumas amarras. Ao acompanhar Mecenas em representação do jovem César, Horácio era obrigado, por vezes, a fechar os olhos, numa conjuntivite diplomática; assediado por outros para que traísse os segredos do seu amigo, não tinha outra escolha que não fosse ser «um prodígio de silêncio.»^[50] Mas os compromissos eram apenas de uma via. Horácio não renegou o seu passado; nem, apesar de prestar uma carinhosa homenagem a Mecenas, se deixou transformar num figurante do seu patrono. Permaneceu muito independente e muito senhor de si para tal. Numa época em que o alcance da poesia podia ser enorme, mais ainda perante as necessidades do regime que Mecenas servia, ele falhou completamente ao nunca elogiar em público o jovem César. Com Marco António ainda ao comando de uma série de legiões do Leste, e com a ameaça de guerra a crescer cada vez mais, havia demasiado na balança. Como tantos outros, Horácio tinha aprendido com dureza quais eram os perigos inerentes ao desfraldar de estandartes nos seus mastros.

Mecenas, subtil e penetrante, compreendia isso perfeitamente. Sabia que Horácio, tal como o povo romano como um todo, não poderia, no cômputo geral, ser brutalizado para a lealdade. As suas esperanças tinham de ser satisfeitas e os seus terrores diminuídos. Era preciso cortejá-los. O que é, então, que Horácio queria? A liberdade pela qual tinha lutado em Filipos estava morta — isso era irrevogável. As suas esperanças eram agora mais limitadas, e tão sólidas como a sua grande barriga. «São estes os objetos de minhas orações. Um pedaço de terra, não muito grande. Um jardim, uma fonte ao lado da casa, com a sua água sempre a correr, e um pequeno bosque numa ladeira.»^[51] Um sonho semelhante era partilhado por muitos

em toda a Itália: por aqueles a quem tinham sido concedidas terras e por aqueles a quem foram roubadas. Agora que o grande ciclo das guerras civis se aproximava do clímax definitivo, o anseio do povo romano pela paz era mais desesperado do que nunca. No final, o mais provável era que a vitória pendesse para aquele dos dois senhores da guerra sobreviventes que conseguisse satisfazê-lo melhor.

Em 32 a.C., o jovem César estava finalmente pronto para o confronto. A guerra de palavras já não era suficiente. Era hora de enfrentar Marco António no campo de batalha. Não que o jovem César tivesse declarado Marco António como seu adversário. Não desejava promover uma guerra que pudesse ser considerada como travada contra concidadãos seus. Em vez disso, era Cleópatra, cujo pernicioso poder de sedução já tinha transformado Marco António num escravo e os seus seguidores em eunucos, quem abnegadamente se comprometia a destruir. E fê-lo de um modo que se estava rapidamente a transformar na pedra de toque do seu regime: combinando nostalgia com inovação. Dizia-se que, nos tempos antigos, uma declaração de guerra era sempre acompanhada pelo ritual do arremesso de uma lança. Particularmente memorável fora o da lança atirada por Rómulo, a qual, depois de espetada, daria origem a uma árvore. Embora estivesse para lá do jovem César emular essa façanha em particular, o ressuscitar da cerimónia foi suficiente para o mostrar como defensor das antigas virtudes romanas. Mas não foi o único passo que deu. Adotou também uma medida muito mais radical que servia para o definir de uma maneira praticamente sem precedente: «De sua livre vontade, toda a Itália me jurou lealdade e me pediu que fosse o seu líder na guerra.»^[52] Mas, na verdade, este pedido não aconteceu exatamente como relatado. O juramento tinha sido, de facto, uma ideia do jovem César, e, apesar de ser um golpe de mestre, foi tudo menos voluntário. Ao apelar ao apoio das cidades e vilas

vizinhas de Roma, antes mesmo de ter obtido um decreto do Senado, dava um forte sinal da sua ambição de lutar como seu defensor. Nos tempos da sua revolta contra Roma, os Italianos tinham jurado de forma maciça a lealdade à causa da liberdade. Agora, da mesma forma, comprometiam-se a ser leais para com o jovem César. Menos de uma década depois do seu regresso de Filipos ter gerado miséria e convulsão em toda a Itália, regressava à guerra como seu defensor. Quando finalmente, na primavera de 31 a.C., cruzou o Mar Adriático para confrontar o inimigo no norte da Grécia, levava consigo — além dos seus navios de guerra e legiões — uma arma que o seu rival não esperaria combater. Já não liderava uma mera facção. «Ao conduzir os Italianos para a batalha, com o Senado e as pessoas, e os deuses dos agregados familiares e da cidade»^[53], tinha-se tornado em algo infinitamente mais poderoso: no rosto da antiga e da futura Roma.

É verdade que nem todos em Itália pensavam assim. Algumas cidades mantiveram-se fieis a Marco António. Os impostos cobrados para financiar o esforço de guerra resultaram em múltiplas queixas. Em Roma chegou mesmo a rebentar um motim. Porém, em geral, as pessoas em toda a Itália contentavam-se em suster a respiração e esperar. Presságios infalíveis indicavam que a crise estava próxima do clímax. A redução a cinzas provocada por um raio, de uma cobra de duas cabeças com quase 30 metros de comprimento, que tinha aparecido na Etrúria e que causara enormes danos, era um dos mais famosos. E, de facto, no verão já era claro que a sorte da guerra estava do lado do jovem César. Marco António, enganado pelas táticas de Agripa, tinha sido encurralado junto ao promontório de Ácio. Em setembro, a notícia dos desenvolvimentos decisivos chegou a Itália. Marco António tinha lançado uma tentativa desesperada de forçar o bloqueio naval. Embora ele e Cleópatra tivessem conseguido fugir, a maior

parte da sua frota tinha-se rendido. Uma semana depois, seria a vez de as suas legiões se renderem.

Na primavera seguinte, o jovem César estava preparado para garantir a vitória definitiva. Ao avançar sobre o Egito, deparar-se-ia com pouca resistência. Marco António foi o primeiro a perecer pela sua própria mão, e depois Cleópatra faria o mesmo. O poder da sua dinastia morria com ela. O Egito estava agora à disposição do jovem César. E o mundo também. Durante 13 longos anos, desde os Idos de Março, fora tal a devastação e os horrores causados pelas guerras, que muitos tinham temido o total colapso do poder romano e o fim do mundo. Agora, finalmente, o conflito tinha acabado.

«Tempo para uma bebida.»^[54] O alívio de Horácio, ao brindar pela derrota de Cleópatra e pela vitória do jovem César, era palpável. Mecenas, que tinha tido a responsabilidade de manter a ordem em Itália durante os meses de ausência do seu líder no estrangeiro, deleitava-se, sem dúvida, nessa sensação. Sabia exatamente o que representava o seu amigo de espírito independente e reflexivo: a imagem espelhada de todos aqueles que, afetados pelos tormentosos males daquela época, tinham de alguma forma atingido terra firme. «O que são a autossuficiência e a felicidade? A capacidade de dizer: “Eu vivi.”» Mecenas não podia devolver a Horácio as terras que lhe tinham sido roubadas: essas estavam perdidas para sempre. Mas podia, no entanto, recompensá-lo, agora que o regime que servia estava, por fim, consolidado. Pouco depois de Ácio, sendo garantido que não constaria da lista de proscritões de Marco António, deu ao seu amigo uma propriedade a norte de Roma, entre os montes Sabinos. Era, em todos os sentidos, a resposta às orações de Horácio. Não admira que, ao tomar posse das terras, para o poeta aquele lugar parecesse estar santificado pela alegria. Era tranquilo e bonito, tudo o que a década anteriormente vivida

não fora. Nos campos cultivados, as culturas cresciam numa abundância sobrenatural; nos seus bosques, as crianças poderiam brincar sem medo dos lobos, essas feras de Marte. Os deuses, há tanto ausentes da Itália, estavam de volta.

Ou assim, Horácio e tantos outros como ele se atreviam, agora, a ter esperança.

Os despojos da honra

«Conquistar os seus vizinhos era a sua principal preocupação.»^[55] Era o que se dizia sobre Rómulo. Combater os estrangeiros e não os seus: isto, todos concordavam, era o propósito do povo Romano. Naturalmente, na guerra como na paz, era essencial respeitar as subtilezas legais. A agressão não provocada, que se espera só das feras e dos bárbaros, era um comportamento inadequado para um povo civilizado. «Quando vamos para a guerra, fazemo-lo para o bem dos nossos aliados ou para defender o nosso Império.»^[56] Sempre assim fora. Quando Rómulo atacou os seus vizinhos, fê-lo determinado a nunca tolerar desrespeito. A retaliação a insultos ou a danos foi sempre célere. Um rei local, emboscado e encurralado depois de ter pretendido invadir o território romano, fora abatido pelo próprio Rómulo. Este assassinato de um general pelo seu homólogo iria servir de pedra de toque para os tempos subsequentes. Haveria façanha que se considerasse mais gloriosa do que esta, realizada num combate individual? Rómulo, após remover a armadura encharcada de sangue do seu inimigo, tê-la-á trazido para Roma com orgulho.

Havia apenas um deus digno de lhe ser dedicado tal prémio: Júpiter, o rei dos deuses. Pendurados, de início, num carvalho sagrado, «os despojos de

honra» viriam a ser posteriormente mudados para um templo construído de propósito para os albergar, o primeiro a ser consagrado na cidade. «Aqui será», decretaria Rómulo, «nos tempos que hão de vir, que todo aquele que me emule matando um general ou um rei com as suas próprias mãos, deixará as suas armaduras — “os despojos de honra”.»[57]

Ao longo da longa e gloriosa história romana, apenas dois outros homens tinham conseguido tal façanha. Um, era Cornélio Cosso, um oficial de cavalaria que se supõe ter vivido no século I da República, e o segundo, um contemporâneo de Cipião, *o Africano*, de seu nome Marcelo. Os tempos em que um comandante enfrentava um seu homólogo em combate singular pareciam pertencer a uma era de heróis já desaparecida. Com o passar dos tempos, o templo onde os «despojos de honra» foram depositados tinha-se começado a desmoronar. Apesar de venerável, há muito que tinha sido ofuscado. A íngreme colina do monte Palatino onde se situava, em frente ao Fórum, era desde sempre a sede dos deuses. O Capitólio era onde, na idade de ouro anterior à história, Júpiter, o pai de Saturno, tinha estabelecido o seu trono. Era aí, também, onde nas últimas décadas da monarquia se tinha erguido o maior templo de Roma. Incendiado em 83 a.C., tinha sido prontamente reconstruído numa escala ainda mais grandiosa. O ter também sido dedicado a Júpiter, só serviu para enfatizar a pequenez do templo original de Rómulo. À medida que as condições em Roma, na década terrível que se seguiu aos Idos de Março, eram cada vez mais precárias, o santuário mais antigo da cidade parecia estar à beira do colapso: «sem teto, delapidado pelo tempo e negligenciado.»[58] No entanto, mesmo coberto de teias de aranha e de pó, o templo abrigava uma arma com potencial para fazer cambalear qualquer reino. Armazenada dentro das paredes em ruínas, ao lado dos «despojos de honra» e de um raio esculpido em pedra, estava uma lança antiga. Foi esta que o jovem César, ao declarar a guerra contra

Cleópatra, em 32 a.C., arremessou para seguir a venerável tradição[59]. Nada poderia ter servido para melhor o associar às virtudes marciais do fundador de Roma. Ao ir para a guerra, fê-lo como um segundo Rômulo. Entretanto, os operários chegavam ao Capitólio. Iniciavam-se significativas obras de restauro no templo mais antigo de Roma. Tão significativas, que podiam classificar-se como uma quase total reconstrução. O jovem César sabia bem que não devia negligenciar a frente doméstica. O martelar e o cinzelar no coração da cidade eram a companhia perfeita para as notícias provenientes de Ácio e do Egito. Apesar de o novo Rômulo ser, na verdade, mais propenso a passar as batalhas a vomitar dentro da sua tenda do que a empenhar-se num combate corpo a corpo com os generais inimigos, a questão nem se colocava. Em 29 a.C., quando por fim voltou do Oriente com Marco Antônio e Cleópatra mortos, e aparentemente como senhor de todo o mundo, fazia-o para uma cidade em que a origem das tradições marciais de Roma tinha sido rebatizada como sua.

Não era suficiente para ser um vencedor. A *auctoritas*, essa inefável e prestigiante qualidade que era utilizada pelos Romanos como a forma mais segura de medir a grandeza, também exigia um homem que parecesse e se comportasse como um vencedor. O jovem César, cujos talentos como ator não eram menos formidáveis do que a sua ambição, há muito que estava ciente disso. Em Filipos, os prisioneiros de guerra tinham-se recusado a saudá-lo; em Pérúsia, os defensores sitiados haviam-no ridicularizado como «Otávia»[60]. Em 38 a.C., achou que já bastava. Lambendo as suas feridas após um revés particularmente humilhante às mãos de Sexto, criou um véu sobre as suas insuficiências militares através de um dos seus expedientes favoritos mais ousados: reforçar o seu nome[61]. Um novo nome tinha começado a ser apresentado nas suas moedas. A partir de então, elas proclamavam que ele passava a ser conhecido como *Imperator Caesar* —

«César, o General Vitorioso». Nos campos de batalha, já muitos comandantes assim tinham sido saudados, mas nenhum alguma vez sonhou em tomá-lo como seu, de forma tão pessoal e imodesta. Afastado Sexto, o recente Imperador César esforçou-se ao máximo para viver de acordo com a sua nova e arrojada designação. Em 35 a.C., atravessou o Adriático em direção aos Balcãs, para se testar contra os grupos de bárbaros rebeldes chamados Ilírios. Dois anos de campanhas esporádicas permitiram-lhe gizar uma sucessão de vitórias às quais foi dada grande publicidade. As tribos da Ilíria foram emboscadas, sitiadas e massacradas. Algumas das águias capturadas há uma década ou mais, foram resgatadas do cativeiro. O próprio Imperador César tinha, de forma heroica, sido ferido no joelho direito. A pacificação da Ilíria tinha sido um esplêndido aperitivo para as ainda mais gloriosas vitórias que estavam para vir. Quando, no verão de 29 a.C., o conquistador do Egito regressou a casa depois da sua passagem pelo Oriente, a chama esplendorosa da sua *auctoritas* iluminava todo o mundo. Imperador César tinha passado a ser o seu verdadeiro nome.

Por sua vez, na Itália, o vencedor tinha sido aguardado com grande nervosismo. Ainda estavam vivas as memórias do seu regresso de uma guerra civil anterior. Depois de Filipos, assim como após Ácio, o vencedor tinha arrastado consigo um número monstruoso de soldados famintos de terras. Os que recrutara inicialmente e as deserções das fileiras dos seus inimigos tinham-no levado a comandar quase 60 legiões. O sentimento era tal, que mesmo Horácio se mostrava perturbado com as informações privilegiadas. «Onde é que César pretende dar aos seus soldados a terra que lhes prometeu?»^[62] A pergunta pesava na mente de todos. Dado o modo brutal como o regressado herói tinha consolidado o seu poder nos primeiros anos da sua carreira, dificilmente o faria de forma diferente. No entanto, a apreensão revelar-se-ia não ter fundamento. Os assassinatos cometidos pelo

jovem César no início da sua carreira tinham sido a medida da sua fraqueza, e não da sua força. Agora, sem inimigos que lhe fizessem frente e carregando as riquezas do Oriente, o banditismo puro e simples já não servia os seus interesses. O mais seguro sustentáculo do seu poder era a sua *auctoritas* — e o pilar central era a sua capacidade de servir o povo romano como restaurador e garante da paz.

O facto de ele ter garantido a sua grandeza sobre os cadáveres dos seus concidadãos era uma verdade que a ninguém interessava continuar a debruçar-se. A 29 de janeiro, seis meses antes do regresso do Imperador César do Leste, o Senado aprovou formalmente o seu espantoso novo primeiro nome. O seu estatuto como o exemplo supremo da glória de Roma, a personificação das virtudes militares que lhe tinham feito ganhar um império e que depois quase o destruíram, era agora oficial. Os dias em que nobres predadores desbravavam o caminho para o predomínio através do sangue tinham acabado. Doravante, haveria apenas um. «Que o melhor governe sozinho.»^[63] A 13 de agosto, isto seria manifestado na mais grandiosa forma pública que possa imaginar-se, quando o Imperador César finalmente entrou em Roma. Num cortejo formal pela cidade, desfilou numa quadriga ornamentada a ouro e a marfim, puxada por quatro cavalos. Seguido pelo seu exército, celebrava as suas proezas marciais como só um Romano sabia fazer.

O «triunfo», como se designava este ritual, correspondia a uma venerável tradição. Os estudiosos situaram a sua origem nos primórdios de Roma.^[64] Dizia-se que Rómulo, depois de ter removido os «despojos de honra» do seu adversário vencido, se dirigiu para a cidade de Roma «vestido com um manto púrpura e usando uma coroa de louros na cabeça.»^[65] Verdade ou não, para os Romanos há muito que os triunfos serviam como marcos na caminhada para o Império. Cipião, Pompeu e Júlio César todos os

comemoraram. Porém, nenhum se podia comparar à pura magnificência do espetáculo oferecido pelo Imperador César. Foram necessários três dias para a celebração das suas vitórias. Ilíria, Ácio e Egito — cada um foi tratado como um triunfo em separado. «Pelas ruas ecoavam a alegria, os jogos e os aplausos.»^[66] Atingir-se-ia o clímax quando chegaram as fabulosas riquezas do reino de Cleópatra, e os mais fabulosos despojos que a terra dos faraós tinha para oferecer desfilaram perante as multidões. Os Romanos ficaram boquiabertos. Mas o exotismo não foi o único foco das comemorações. Ao entrar em Roma, na manhã em que se celebrava o seu primeiro triunfo, o Imperador César fez-se acompanhar pelas sacerdotisas virgens de Vesta; ao desfilar pelas ruas, era seguido pelos principais magistrados da República. Simultaneamente inovadores e retrógrados, os seus triunfos — os primeiros a serem comemorados em três dias consecutivos — ofereciam aos seus concidadãos espetacularidade e segurança. O povo romano reconhecia, e era levado a reconhecer, que assistia ao maior de todos os triunfos.

E quando os cortejos acabaram, quando as multidões se dispersaram e a quadriga dourada foi guardada, desses três dias de agosto ficariam as gloriosas memórias, e a sensação de um novo começo. Com tudo aquilo, os Romanos tinham desfrutado de um bom triunfo e saciado o seu militarismo. «Nenhum dos meus filhos será soldado.»^[67] Eram muitos os que ao longo dos últimos 20 anos tinham sentido o mesmo. O Imperador César entendia isso perfeitamente. Não poderia desfrutar do apoio popular e, ao mesmo tempo, manter as bases militares do seu regime completamente expostas. Assim, enquanto o clamor e o deslumbramento dos seus triunfos enchiam as ruas de Roma, estavam a ser tomadas medidas para dispersar o seu vasto séquito de soldados.

Respaldado pelas riquezas conquistadas no Egito, o Imperador César

podia muito bem dar-se ao luxo de resolver o problema com dinheiro. Não era necessário recorrer a confiscações. Em vez disso, foram gastas vastas somas de dinheiro na compra de terras para milhares e milhares de soldados desmobilizados. Alguns foram instalados na Itália, outros em colónias estrangeiras. Não houve qualquer problema ou incidente. Nenhum ato de governação desta gigantesca dimensão jamais fora tentado por um estadista Romano, quanto mais posto em prática. Tal ação foi recebida, sem surpresa, com um generalizado e sincero reconhecimento. Ao que parecia, as promessas do Imperador César não eram apenas palavras capciosas. A paz, depois de todos os horrores da guerra civil, era algo que se perspetivava genuinamente. «Desvanecia-se a era das batalhas violentas.»[68]

Mas não em todos os lugares. O Império dos Romanos, rodeado por um vasto número de bárbaros obstinados, dificilmente se podia dar ao luxo de transformar as suas espadas em arados. Ainda era necessário que algumas legiões ficassem de sentinela. A Gália e a Espanha, a Síria e o Egito iriam, por certo, exigir guarnições. Os Balcãs também, pois, apesar do heroico desempenho do Imperador César contra os Ilírios, continuavam a ser uma constante fonte de problemas. Do outro lado do Danúbio, sempre em movimento, espreitavam tribos de gente rude, armadas com flechas envenenadas e que, ao contrário dos povos civilizados, não construíam cidades nem nelas permaneciam. No verão de 29 a.C., enquanto o Imperador César encenava os seus triunfos em Roma, a crise começava a fermentar nas terras para lá da província da Macedónia. Os Bastarnas, uma tribo que normalmente se escondia nas florestas húmidas na foz do Danúbio, conhecida por isso como o Povo dos Pinheiros, dirigia-se para sul. Eram tantos os que se deslocavam, trazendo as mulheres e os filhos consigo, que representavam uma ameaça potencial. Com as suas caravanas cada vez mais perto da Macedónia, o dever do governador era claro.

Mesmo que não tivessem a intenção de entrar realmente em território romano, a sua temeridade em se aproximarem da fronteira não podia ficar impune. A situação exigia um ataque preventivo.

Esse era, pelo menos, o pensamento do governador. Ao organizar as suas legiões e ordenar que marchassem para os territórios onde se encontravam os bárbaros, assumindo ele mesmo o seu comando, demonstrava o espírito destemido que tinha levado os Romanos a constituírem o seu Império. Rómulo, sem dúvida, teria feito o mesmo. Porém, em Roma, a chama da guerra que tremeluzia nos Balcãs era claramente indesejável. Apenas a um homem era permitido atuar como Rómulo, e não era o governador da Macedónia. Trinta anos antes, quando o deificado pai do Imperador César era governador de uma província de fronteira, a sua marcha para norte para conter a migração de povos bárbaros tinha sido o primeiro passo na sua conquista de toda a Gália. Ninguém precisava de lembrar-se do que tinha acontecido a seguir. No entanto, o Imperador César confrontava-se com um dilema. Ele não podia, pura e simplesmente, proibir um aristocrata Romano de fazer o que se esperava de um aristocrata Romano. Os dias sombrios das proscricções, quando o seu poder fora despudorado e sanguinário, pertenciam ao passado. Não tinha qualquer desejo de governar como um déspota. Se o fizesse, corria o risco de perecer, como o seu deificado pai, sob uma chuva de punhais dos senadores. Daí o seu dilema. De alguma forma, tinha de encontrar um modo de assegurar a cooperação do Senado, e, ao mesmo tempo, não permitir aos seus elementos mais ferozes que provassem o sabor do poder autêntico.

E, indiscutivelmente, o governador da Macedónia era classificado como um dos mais ferozes. Marco Licínio Crasso era neto, e homónimo, do milionário cujas manobras tanto tinham marcado o clima político na década anterior à travessia do Rubicão e à erupção da guerra civil. O neto era muito

parecido com o seu avô. Com habilidade, tinha sabido navegar nas traiçoeiras correntes do seu tempo, alavancando com sucesso bruscas mudanças de lealdade. Abandonou Sexto Pompeu mesmo a tempo, e transferiu o seu apoio para Marco António; depois, pouco antes de Ácio, saltou fora. Mostrando uma capacidade negocial já creditada ao seu avô, Crasso tinha conduzido arduamente as negociações. O Imperador César tinha concordado em recompensá-lo pela sua traição com um consulado, e findo o mandato, uma província com as respetivas legiões. Vinte e quatro anos se tinham passado desde a morte do seu avô nas areias de Carras, e a perda das suas águias para os Partos. A humilhação da derrota ainda estava viva na memória do povo romano, e, em especial, na memória de Crasso. Agora, ao esbarrarem inadvertidamente à sua frente a caminho da sua província, os Bastarnas apresentavam-se como a oportunidade perfeita para aliviar aquele peso. Poderia limpar a honra da sua família com sangue bárbaro.

Quando os Bastarnas se aperceberam da dimensão da força que avançava contra eles, entraram em pânico. O seu rei, um homem chamado Deldo, mandou enviados seus ao encontro de Crasso, «pedindo-lhe que os não perseguissem, pois não tinham feito qualquer mal aos Romanos».[69] O perseguidor recebeu os embaixadores de forma hospitaleira, ofereceu-lhes uma bebida, e depois outra, e outra. À medida que os enviados se iam embriagando, mais informações lhes conseguia extrair. Ficou a saber que os Bastarnas, e as respetivas caravanas, se tinham abrigado numa floresta próxima. Uma vez tida a certeza da disposição dos seus arraiais, Crasso não hesitou e deu as respetivas ordens. Apesar de já ser noite, os seus homens começaram a avançar. Entretanto, no outro lado da floresta, para o rei Bastarna já era claro que os seus enviados não voltariam. Ao amanhecer, Deldo descortinou, por detrás das labaredas das fogueiras, que havia

batedores Romanos nos limites da floresta. Os guerreiros desembainharam os punhais e puxaram ao máximo as cordas de tripa de cavalo dos seus arcos, e começaram a disparar flechas a partir do anel formado pelas carroças. Uma chuva de flechas, com as pontas impregnadas de veneno, caiu sobre os batedores Romanos. Alguns tombaram, outros fugiram para dentro da floresta. Grupos de guerreiros mergulham na escuridão em perseguição dos fugitivos. Gritos de guerra triunfais sobrepuaram-se ao ruído do pisar da vegetação rasteira. Nenhum dos Bastarnas, e muito menos o seu rei, tinha parado para pensar que podiam ter caído numa armadilha.

Mas fora precisamente isso o que Crasso tinha preparado. A emboscada, ao ser posta em prática, provaria ser devastadora. Os grupos dos guerreiros Bastarnas foram aniquilados e os seus cadáveres deixados para fertilizar as raízes da floresta; as suas mulheres e crianças foram aprisionadas; as carroças incendiadas. Uma mensagem da grandeza romana, escrita com sangue e fogo, era enviada de bem longe dos Balcãs. O mais glorioso de tudo foi o memorial à vitória ganho por Crasso. Foi sob a sua espada que o rei dos Bastarnas tinha perecido. A armadura de Deldo, depois de despojada do seu corpo, consubstanciava um troféu que há séculos não era conseguido por qualquer general Romano. Quando, no campo de batalha, os soldados de Crasso o saudaram como *imperator*, saudavam-no como algo mais: ele era apenas o quarto homem na história a ganhar para si «os despojos de honra».

Naturalmente, para o Imperador César tal notícia era tudo menos bem-vinda. Os seus triunfos, o seu programa de construção no Capitólio, o seu nome: tudo tinha sido projetado para que nas mentes dos Romanos ele fosse o epítome do general vitorioso. Que outro *imperator* pudesse vir a desfilar pelas ruas de Roma com os despojos de um líder bárbaro, e colocá-los no mesmo templo que tinha sido restaurado com tantos custos e ostentação, era

uma perspectiva intolerável que ameaçava diretamente a sua *auctoritas*. Como tal, não podia ser tolerado. A desesperada tentativa de o bloquear demonstra bem o constrangimento sentido perante o repto de Crasso. O Imperador César, perito na arte de ocultar os seus interesses por detrás de uma cortina de fumo (tantas vezes, de falsas tradições), ia tentá-lo de novo. Fez anunciar, de forma abrupta, que a renovação do antigo templo no Capitólio tinha propiciado uma descoberta notável. Os trabalhadores tinham encontrado um antigo espartilho de linho. O Imperador César, «o restaurador do templo, vira-o com os seus próprios olhos.»^[70] Uma inscrição no espartilho provava que tinha pertencido, nem mais nem menos, do que a Cornélio Cosso, o segundo dos três heróis que dedicaram os «despojos de honra» a Júpiter. Mas, além disso, revelava um facto até então insuspeito. Cosso, ao contrário do que os anais e as histórias da República sempre tinham alegado, já era cônsul quando ganhou o seu famoso troféu. Será que então, perante esta revelação, talvez se pudesse argumentar que Crasso, como mero governador, não estava qualificado para apresentar os «despojos de honra»?

Na verdade, não. Que Crasso era governador e não cônsul quando matou o rei dos Bastarnas, não alterava a realidade de ser ele quem estava ao comando. No entanto, as águas tinham sido enlameadas com sucesso. Com Crasso ausente na Macedónia por, pelo menos, mais um ano, havia tempo suficiente para o Imperador César neutralizar qualquer potencial dano. Agora, já não restavam quaisquer dúvidas quanto à urgência do desafio com que se confrontava. A sua *auctoritas* tinha de se tornar inexpugnável. E foi assim que, ao longo de 28 a.C., renovou os seus esforços para se apresentar como o defensor de tudo o que representava as melhores e mais nobres heranças dos Romanos: «O homem que lhes tinha devolvido as suas leis e os seus direitos.»^[71] Foram sistematicamente apagados todos os vestígios

mais persistentes do terrorista que fora, e da criminalidade que o tinha notabilizado. Todas as medidas inconstitucionais promulgadas durante os dias negros das proscricções e das guerras civis foram solenemente revertidas; restauraram-se as eleições livres para as magistraturas; mandou derreter 80 estátuas de prata de si mesmo, símbolos maiores de um arrogante novo-riquismo. Em seu lugar, o Imperador César não aceitou qualquer honraria que fosse «inconsistente com os costumes dos nossos ancestrais.»^[72] O homem que nos primeiros dias da sua carreira tinha sancionado o assassinato de senadores, tinha agora a honra de os encabeçar. De forma agradecida, recebeu deles o venerável título, usado por Cipião, o *Africano*: *Princeps Senatus* — «Primeiro Homem do Senado».

Naturalmente, a benevolência do Imperador César ao restaurar as liberdades anteriormente revogadas ao povo romano, não era merecedora de menos. E mais viria. A 13 de janeiro de 27 a.C., num espetacular gesto de renúncia, o homem que tinha extinguido as chamas da guerra civil e que ganhara para si o domínio do mundo, informou o Senado de que renunciava a todos os seus poderes. Daí em diante, contentar-se-ia simplesmente em servir como cônsul eleito, tal como o tinha feito nos últimos quatro anos. «Transfiro o meu poder sobre o bem-estar público», diria com grandiloquência, «para o Senado e o povo romano — para que dele façam o que julgarem melhor.»^[73] O que Senado julgou melhor, depois de ouvir o Imperador César numa surpresa cuidadosamente ensaiada, foi saudá-lo como herói nas mais nobres tradições da República. Quase duas décadas antes, no dia da festa da Lupercália, um ofegante Marco António, vestido apenas com uma tanga, tinha presenteado o deificado Júlio com um diadema real; mas agora, quando o Senado, por sua vez, colocava uma coroa num César, era para o homenagear, não como a um senhor, mas como a um servo do povo romano. A «coroa cívica» era uma simples coroa de

folhas de carvalho que celebrava, como o próprio nome indica, os laços comuns da cidadania. Apenas um Romano que tivesse salvado a vida de outro no campo de batalha, «matando o adversário que ameaçara o seu companheiro, nem nunca cedendo um palmo de terreno»^[74], era digno de a usar. E quem poderia ser mais merecedor do que o homem que tinha evitado que o Império implodisse? O Imperador César, grato pela honra que o Senado lhe concedia, não hesitou em aceitá-la. A modéstia do prémio era precisamente o que o tornava tão precioso. Foram dadas ordens para que fosse colocada onde todos a pudessem ver: sobre a porta da frente do Imperador César. Aí ficaria para sempre pendurada, como lembrança «dos cidadãos que tinha salvado.»^[75]

Quais eram os nobres que podiam esperar poder competir com esta combinação de glória e humildade? Uma *auctoritas* desta ordem ensombrava todas as magistraturas, todas as linhagens e todas as honras de batalha. Na Casa do Senado havia alguns poucos que duvidaram ao ouvir o Imperador César declarar-se «um homem comum, interessado apenas numa vida tranquila»^[76]. Era preciso assegurar que não era um mero simulacro, a sua pretensão de restaurar para os senadores a sua antiga habilitação para competir pelas honrarias. Caso contrário, o ressentimento para com o seu regime provocaria um desespero semelhante ao que tinha sido tão fatal para o seu deificado pai. O Imperador César necessitava do seu apoio. As mudanças que lhes oferecia eram genuínas. O Senado iria tornar-se no que tinha sido antes das guerras civis: o caminho mais seguro para os altos cargos. Iriam convocar-se eleições. A competição não teria restrições. O próprio Imperador César, longe de se limitar à atribuição de magistraturas aos candidatos que lhe eram mais favoráveis, seria obrigado a fazer campanha por eles, e a declarar o seu apoio como qualquer outra pessoa.

Para os seus mais confiáveis membros, a preeminência do Senado parecia ter sido, de facto, restaurada e resgatada.

No entanto, apesar dos antigos cargos da República ainda continuarem a manter o seu brilho, a mudança na natureza do mundo habitado por aqueles que aspiravam à sua manutenção, não era fácil de ignorar. Lembranças disso mesmo estavam por todo o lado. Naquela manhã, os senadores que cruzaram o Fórum para ouvir o Imperador César falar, passaram pelos novos e reluzentes monumentos erguidos para glorificar o deificado Júlio e o seu filho: templos, estátuas e arcos. Ao olharem para o teto da recém-concluída Casa do Senado, era-lhes impossível deixar de ver a estátua da Vitória com o globo aos seus pés. Ao assistirem ao memorável discurso do Imperador César, podiam observar, mesmo atrás dele, uma segunda estátua da Vitória, bem visível numa coluna e rodeada por troféus pilhados no Egito. Para alguns, o exotismo de tudo aquilo era demasiado intimidante. As demonstrações de lealdade atingiam excessos melodramáticos. Um senador, depois de gritar que preferia morrer a sobreviver ao Imperador César, saiu de rompante da Casa do Senado para a rua e começou a exortar a multidão para que jurasse o mesmo. Até o Tibre parecia querer participar. Irrrompendo pelas margens, inundou os bairros nas zonas baixas de Roma — um claro sinal de que os deuses pretendiam que o Imperador César «tivesse toda a cidade sob a sua autoridade.»^[77] O título formal de *Princeps Senatus* não fazia justiça a uma preeminência de tal ordem. Nenhum título formal faria. A grandeza do Imperador César era tal que nenhuma posição hierárquica ou honraria era capaz de a definir. Melhor seria, talvez, pensar nele apenas como *princeps*: o «primeiro homem» de Roma, e do mundo.

Como sempre, o Imperador César conseguia o que queria. A sua renúncia aos poderes formais não consubstanciava a renúncia ao poder. As

rivalidades sanguinárias que tinham arruinado a República não estavam a desencadear-se de novo. Os aristocratas com nomes famosos podiam concorrer aos altos cargos, como os seus antepassados o tinham feito, mas fã-lo-iam como tigres em cativeiro, sem ultrapassar os limites de um jardim zoológico ornamentado e esplêndido. A resposta ao discurso do *Princeps*, vinda de dentro da própria Casa do Senado, fora minuciosamente orquestrada para o assegurar. Enquanto Crasso recuperava de uma segunda temporada de difíceis campanhas nos seus alojamentos de inverno, estavam a ser tomadas medidas para assegurar que membros de poderosas famílias, como era o seu caso, nunca mais tivessem oportunidade de se aventurar contra os bárbaros. Findo o seu discurso, mal o *Princeps* se sentou, senadores instruídos levantaram-se para lhe pedir que não abandonasse o comando militar. O *Princeps*, com um ar severo e desinteressado, recusou. Os senadores continuaram a implorar. Os Romanos ainda precisavam de um guardião da sua liberdade. Assim sendo, perguntaram se o *Princeps* não estaria disponível para aceitar o comando, como Pompeu ou o seu deificado pai já tinham feito, abrangendo uma série de províncias e fixado em dez anos. Nada disto contrariava a tradição, nem remotamente fazia lembrar a monarquia. O *Princeps* ponderou este argumento. Em seguida, depois da devida reflexão, reconheceu que os senadores talvez tivessem razão. De forma relutante, obediente e nobre, assumiria o comando. A Gália e a Espanha, a Síria e o Egito foram as províncias escolhidas por um Senado grato ao Imperador César. Juntas, proporcionavam-lhe uma força de mais de 20 legiões. Daí em diante, aqueles que as iriam comandar no terreno fã-lo-iam como seus subordinados — os seus «legates»[*]. Já não eram necessários homens com nomes famosos para perseguirem a glória dos «despojos de honra». A Crasso, na Macedónia, foi-lhe permitido manter a província, mas as suas asas tinham sido decisivamente cortadas. Quando

voltou para casa, no verão de 27 a.C., o *Princeps* sentiu que não valia a pena dar-se ao incômodo de lhe negar o seu triunfo. Crasso desfilou por Roma com os seus troféus e prisioneiros. O entusiasmo pelas suas façanhas era generalizado. Horácio foi apenas um dos muitos que o saudaram.^[78] Porém, não houve qualquer menção aos «despojos de honra», nem qualquer visita ao pequeno templo de Júpiter. Crasso, depois do seu momento luminoso, desapareceu da atenção pública. Os seus dias de campanha tinham acabado. Os seus sucessores como governadores da Macedónia, embora não tivessem sido diretamente nomeados pelo *Princeps*, eram homens desinteressantes e sem nome. Na verdade, um deles chegaria a atrever-se a lançar um ataque não provocado sobre um rei amigável da vizinhança, mas foi imediatamente chamado a Roma e levado a julgamento por aventureirismo ilícito. O próprio *Princeps* dignar-se-ia a aparecer como testemunha de acusação. Os governadores seguintes fariam questão de permanecer dentro das fronteiras da Macedónia.

Isto não significava que os Romanos ficariam privados de celebrar aventuras marciais. Muito pelo contrário. O *Princeps* levou as suas responsabilidades provinciais muito a sério. Ainda havia um mundo para ser conquistado e pacificado, e ele pretendia provar a si mesmo ser digno desta tremenda missão. As vitórias sobre os bárbaros eram a justificação necessária do seu comando. E, por essa razão, foram espoletadas guerras ao longo de quase todas as fronteiras que eram da sua responsabilidade. Os seus enviados empreenderam um programa de expansão sem precedentes na história romana. As legiões percorreram o curso do Nilo até às profundezas da Etiópia; penetraram nas areias remotas dos desertos da Arábia; domaram os rebeldes dos Alpes. Em Roma, começava a acreditar-se que até mesmo as nações mais remotas e selvagens poderiam em breve ser submetidas. «César vai contra os Britânicos, até aos confins do mundo!»^[79], escreveu

Horácio com entusiasmo. Na verdade, César não ia. Ele tinha um alvo diferente em mente. Era na Espanha, onde as tribos das montanhas do Norte há dois séculos desafiavam o avanço das forças romanas, que o *Princeps*, no início de 26 a.C., assumiria pessoalmente o comando. O apoio divino para esta ação foi claramente dado, e de forma espetacular, no início da expedição, quando um raio roçou a liteira em que era transportado, carbonizando um dos escravos nas proximidades. Que Júpiter quisesse manter debaixo de olho o seu favorito acabaria por ser bom, pois a campanha não era um dos pontos fortes do *Princeps*. Achou o estilo da guerrilha dos nativos tão debilitante que, como era seu hábito em campanha, se retirou para o seu leito de doente — enquanto os bárbaros, num espasmo de excesso de confiança fatal, empenhar-se-iam numa luta aberta e seriam derrotados. O sempre leal Agripa acabaria com o resto. Naturalmente, o *Princeps* chamaria a si todos os créditos.

A disposição dos Romanos em lhe concederem tudo isso, recebendo-o no seu regresso de Espanha com guirlandas e jarros de vinho, era um misto de bajulação e de palpável nervosismo. A saúde do *Princeps* estava abalada. Os médicos diagnosticaram-lhe abscessos no fígado. Muitos temiam o pior. «Enquanto César mantiver o mundo nas suas mãos, não temo uma guerra civil ou uma morte violenta.»^[80] Assim o declarava Horácio, falando a verdade pura e simples. Radicado com satisfação na sua fazenda nos montes Sabinos, não tinha qualquer desejo de perder os frutos da paz. Nem a grande maioria dos seus concidadãos. No início de 23 a.C., quando a gravidade da doença do *Princeps* se acentuou de tal forma que a sua morte era esperada a qualquer momento, Roma inteira susteve a respiração. Sem dúvida que havia quem, desejando ver-se livre da sua predominância, rezasse por ela; mas havia muitos mais que a não desejavam. A ténue linha na qual a estabilidade do mundo se suspendia estava abertamente exposta.

O *Princeps*, mergulhado em suores no seu leito de doente, tirava as suas próprias conclusões. Quando finalmente recuperou, resgatado da morte por uma vigorosa sucessão de banhos frios, estava determinado a não deixar que a crise fosse desperdiçada. Para ele, era agora muito mais evidente do que antes que existia apoio generalizado à sua primazia. Moveu-se rapidamente para tirar proveito. A 1 de julho 23 a.C., o *Princeps* anunciou que renunciava ao seu XI consulado. Mais uma vez, como tinha acontecido quatro anos e meio antes, era um gesto velado de renúncia que, na verdade, contribuía para o fortalecimento da sua supremacia. Os jogos na sombra que tinham caracterizado as negociações originais levadas a cabo entre ele e o Senado, atingiam agora níveis de ambivalência ainda mais elevados. Certamente, os termos do novo acordo propiciavam algumas possibilidades de ascensão aos elementos mais ambiciosos do Senado. Ano após ano, após ano, o *Princeps* tinha ocupado um dos dois lugares do consulado. Não mais. A oportunidade para chegar às magistraturas preeminentes de Roma duplicou de um dia para o outro. Os velhos tempos da República e das suas mais competitivas tradições pareciam, de facto, ter sido restaurados. Mas, naturalmente, havia um preço. O Senado tinha de cumprir a sua parte no acordo. Novos e impressionantes poderes foram concedidos ao *Princeps*. Como convocar os senadores quando quisesse, para os confrontar com legislação, e de se sobrepor aos governadores que não eram oficialmente seus representantes: todos estes privilégios foram acordados e ratificados. Quatro anos antes, o Imperador César não teria tido a audácia de os exigir. Agora as coisas tinham mudado. A sua *auctoritas*, a luz ofuscante e profunda, a sombra mais escura, ganhava novo músculo e novos dentes. Um ano mais tarde, quando a devastação da fome e da peste levaram o povo romano a amotinar-se e a declarar que apenas a sua nomeação como Ditador poderia resgatar a cidade, o *Princeps* rejeitá-lo-ia de forma

ofensiva. Caindo de joelhos, rasgou e arrancou as vestes. Tempos houve em que chegava à Casa do Senado usando uma armadura debaixo da toga, mas agora, expondo o seu peito, pedia às pessoas que o apunhalassem em vez de o forçarem a ser Ditador. Este histrionismo podia ser calculista, mas a sua indignação era genuína. Já nem era necessário o exemplo do seu deificado pai para que recuasse na sua emulação. A grandeza que tinha conseguido não podia ser constrangida pelos limites de uma qualquer posição formal. O seu poder, qual perfume do mais rico incenso, tinha-se infiltrado em cada recanto, em todas as fissuras do Estado romano. Assim, não havia necessidade de ofender a tradição, profanando-a. Afinal de contas, o que fez ele senão torná-la sua? Agora, quando as pessoas olhavam para o *Princeps*, já não viam o carrasco da República. Em vez disso, viam a sua personificação. «O que é César, se não o próprio Estado?»[81]

Desde os 19 anos, quando se declarara o filho vingador de um deus, aquele que fora Caio Otaviano tinha-se apercebido de que a realidade mais segura estava no olho do observador. O que as pessoas podiam ser persuadidas a não ver era tão importante quanto aquilo que podiam. Marco Crasso, desesperado para resgatar o desgraçado destino do seu avô, tinha encurralado um rei bárbaro e trespassara-o com a sua própria espada; mas a 22 de setembro a.C., quando o *Princeps* partiu diretamente para as províncias orientais, sabia que não devia confiar apenas nas armas. A chama da sua reputação, adequada para intimidar tanto os Partos quanto os concidadãos em casa, era, de longe, a arma mais segura. Ao invés de arriscar um destino como o de Crasso, indo para a guerra, o *Princeps* optou por negociações abertas diretamente com Fraates, o rei da Pártia.

A jogada foi inigualável. Nenhum *imperator* antes alguma vez pensara em resolver uma disputa com os bárbaros que não fosse pela força das armas. Apenas um líder de prestígio quase divino poderia ter pensado pairar

sobre um tal inquebrantável precedente marcial — apenas um líder de prestígio quase divino o poderia ter decidido. Fraates, aliviado por se ver tratado como um igual pela superpotência bélica e imprevisível sua vizinha, aceitou a oferta de uma paz negociada. Num gesto de boa vontade, entregaria precisamente o que o *Princeps* desejava quando viajou para leste: obter as águias capturadas a Crasso em Carras. Glorioso feito. Qual era a armadura, despida a um qualquer cacique malcheiroso dos Balcãs, que se lhe podia comparar?

De regresso a Roma após três anos fora, o *Princeps* assegurou-se de assinalar a situação a seu favor. Na colina sagrada do Capitólio, onde as honrarias da primeira batalha ganha por um Romano tinham sido depositadas muitos séculos antes, ordenou a construção de um pequeno templo. Aqui, provisoriamente, seriam mantidos os estandartes: um propósito concebido, como a sua localização, para ecoar com o antigo templo de Júpiter.^[82] O *Princeps*, com a sua habitual combinação de subtileza e precisão, sabia exatamente a mensagem que estava a transmitir aos seus concidadãos. Apesar de não ter matado qualquer general rival, tinha conseguido ganhar os mais importantes despojos de honra. Na verdade, ele era o segundo Rómulo — o novo fundador de Roma.

No dia da fundação da cidade, 12 águias sobrevoaram o monte Palatino. Era um sinal dado por um poder impressionante e super-humano, um poder que os Romanos descreviam como *augustus*. Em 27 a.C., quando o Senado tinha pressionado o *Princeps* para que expandisse a sua autoridade provincial, um dos seus membros tinha utilizado a palavra «augusto» como o adjetivo perfeito para o descrever. Outros senadores, sensíveis ao gosto do Imperador César para acumular novos nomes, tinham-no pressionado para que adotasse o nome de «Rómulo» — mas todo o Senado, no momento em que «augusto» foi mencionado, soube que mais nenhum outro nome

serviria. O próprio *Princeps*, relutante em adotar o nome de um rei, concordara. E assim passaria a ser. Numa votação oficial do Senado, seria atribuído ao Imperador César o nome adicional de «Augusto». Menos ameaçador do que «Rômulo», era muitíssimo mais impressionante. «Augusto é o que os nossos pais chamam a tudo o que é sagrado. Augusto é o que chamamos a um templo devidamente consagrado pelas mãos dos sacerdotes.»^[83] Um homem com um nome assim não necessitava de uma categoria formal. Nem rei, nem ditador, nem mesmo cônsul, ele era algo infinitamente mais. Numa hora de grande desespero, os deuses tinham dado a Roma um toque do divino. Tinham-lhe dado o Imperador César Augusto.

O Padrinho

Durante uma das suas periódicas crises de saúde, o *Princeps* decidiu que precisava de um secretário. Ao procurar o candidato adequado, a sua escolha recaiu em Horácio. Espirituoso, simpático e discreto, o poeta surgia como a solução ideal. Horácio, por sua vez, ficou em pânico. Não tinha escapado das rotinas da contabilidade para se ir acorrentar às escritas de outro. Pediria escusa, apelando a todas as suas reservas de diplomacia. Explicou que também sofria de problemas de saúde e que, lamentavelmente, a oferta era algo que tinha de recusar.

Esta rejeição, vinda de alguém que tinha lutado no lado dos perdedores em Filipos, podia parecer um tanto ousada. A aura de violência e de ameaça que se tinha colado a Augusto quando ele era jovem, apesar de ténue, mantinha-se. Para quem pertencia a uma determinada geração, podia ser difícil ver o *Princeps* levantar a mão num gesto de saudação sem relembrar algo que se contava dele enquanto triúviro: que, com os seus próprios

dedos tinha arrancado os olhos de um suspeito de assassínio. Mas os tempos tinham mudado. O próprio Augusto tinha envidado esforços para negar essa história de forma explícita. As suas atrocidades enquanto jovem tinham servido os seus propósitos há muito. Agora que tinha ganho, para si, o domínio do Estado romano, já não precisava mais da crueldade. Atitudes misericordiosas serviam melhor o seu amor pelo poder. Augusto satisfazia-se perfeitamente em tolerar o que já não tinha motivos para temer. No templo de Vénus Genetrix, construído pelo seu deificado pai, a estátua de Cleópatra ainda tocava as sombras com um cintilar dourado. Júlio António, o arrojado e culto filho de Marco António, tinha sido criado em casa de Otávia e casara com uma sobrinha do *Princeps*. Homens que tinham lutado ao lado de Pompeu, que chefiaram legiões em Filipos, e que mantinham estátuas dos assassinos do deificado Júlio nas suas casas, tinham sido encorajados a servir como cônsules. Augusto não tinha interesse em prosseguir com as vinganças, uma vez que a sua própria segurança não estava em causa. Horácio podia recusar a oferta de ser seu secretário e continuar a manter o seu favor.

Na verdade, o *Princeps* era conhecido por todos como um homem capaz de desfrutar de uma piada sobre si mesmo. Ao deparar-se com um jovem que se parecia muito com ele, perguntou: «“Diz-me, a tua mãe alguma vez esteve em Roma?” “Não”, foi a resposta. “Mas o meu pai esteve, e muitas vezes”».»^[84] Anedotas como esta faziam maravilhas à imagem do *Princeps*. Ajudavam também à ideia de que era capaz de as ouvir e de as contar. O sentido de humor de Augusto, como o da grande maioria dos seus concidadãos, chegava a ser cáustico. Anões, aleijados, pessoas com gota: tudo lhe servia para gracejar. O *Princeps* troçava de Mecenas por causa do seu «estilo frouxo, efeminado e lânguido»^[85], e de Horácio por ser gordo, e fazia-o de forma muito afável. O dirigir-se ao poeta como «a mais limpa

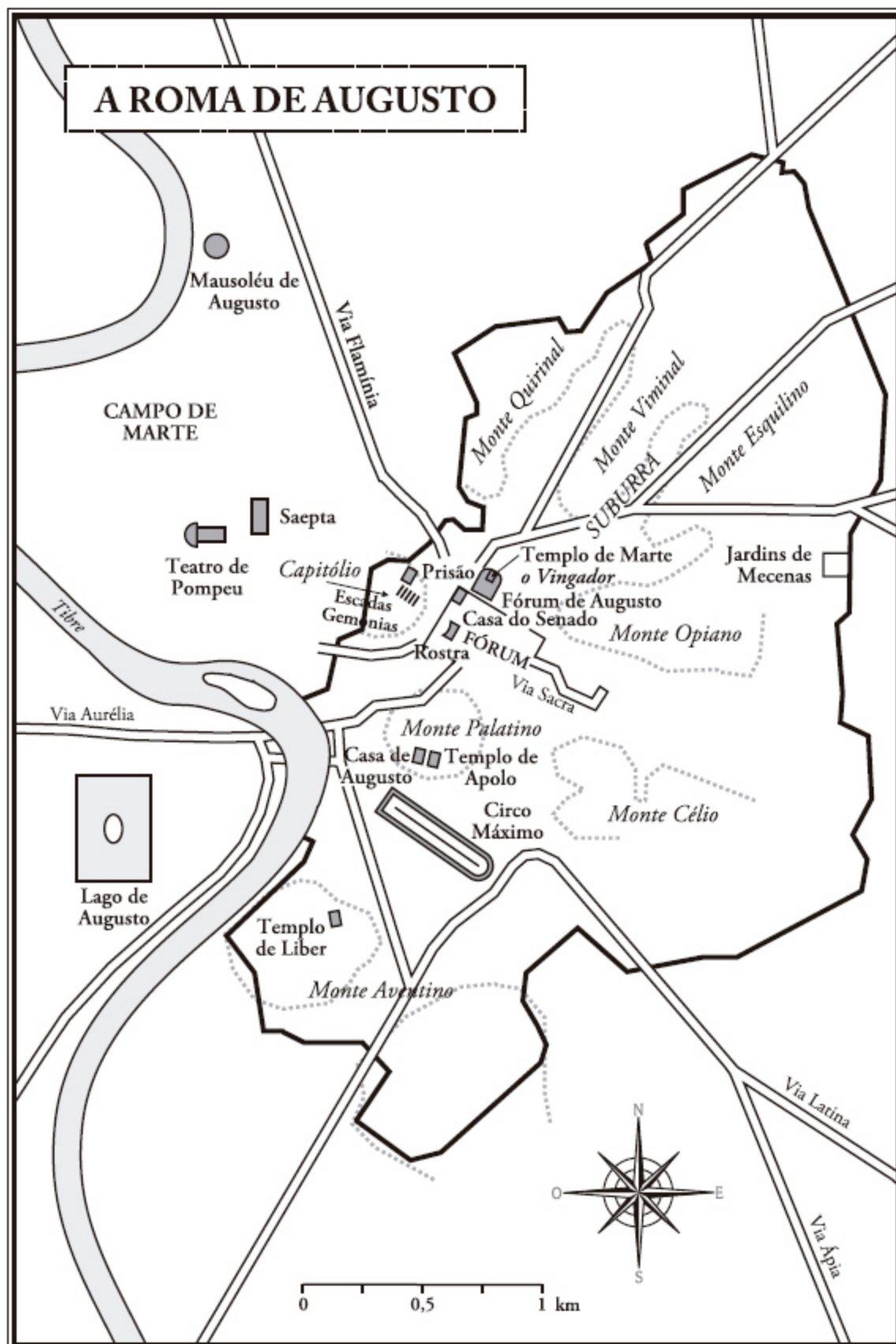
das piças»[86], era um sinal de afeto e não de desprezo, pois era perfeitamente capaz de, nas suas relações com aqueles de quem gostava, exibir sensibilidade e charme. No entanto, permanecia nele uma dureza, uma aspereza de caráter que fazia lembrar o gosto exibicionista dos conservadores provincianos de onde era originário. Fosse a aplaudir pugilistas nos arrabaldes, a ostentar um chapéu de sol surrado ou a rugir de riso à vista de um corcunda, o Imperador César Augusto mantinha um toque provinciano. Nada disso o deixava ficar mal perante a maioria dos Romanos. Agradava-lhes pensar que o *Princeps* era um homem sem manias de superioridade. Pormenores da sua intimidade, cuidadosamente revelados, ajudavam a promovê-lo como um cidadão honesto e de gostos simples. Era do conhecimento geral que um homem, cujo nome o colocava a meio caminho entre a terra e o céu, comia pão grosseiro e bebia vinho de segunda qualidade como qualquer camponês. Os apetites divinos, mesmo para o filho de um deus, eram capazes de causar amargos ressentimentos. Augusto tinha-o descoberto da maneira mais difícil. No rescaldo de Filipos, quando o mundo parecia ter sido abandonado pelos deuses, imitar os imortais ausentes tinha-se transformado numa moda entre os ambiciosos senhores da guerra. Um ex-cônsul podia pensar nada haver de mal em pintar o seu corpo de azul, colocar uma cauda de peixe adequada a um deus do mar e voltear pelos seus salões. Augusto, nas primeiras manifestações da sua paixão por Lívía, tinha encenado uma mascarada particularmente provocante. Quando Roma estava subjugada pelas garras da fome, organizou um beberete para o qual todos os convidados vieram vestidos como imortais. O próprio noivo protagonizara o papel do deus de ouro e eternamente jovem — Apolo, o deus da luz e da música. Nas ruas da cidade, onde se morria à fome, a indignação provocada pelas notícias misturara-se com a amargura e o

desprezo. «Sim, com certeza» gritaram, «César é Apolo — Apolo o Torcionário.»^[87]

O povo de Roma tinha uma especial razão para associar um deus mais comumente adorado como patrono das profecias e da autodisciplina à crueldade. No Fórum, junto à figueira sagrada, estava a estátua de um homem barrigudo com uma bexiga de vinho no ombro. Era Marsias, um sátiro que tinha desafiado Apolo para um concurso musical, e a quem fora retirada a vitória que era sua por direito, e que, em seguida, fora esfolado vivo por tê-lo presumido. Essa era, pelo menos, a versão da história contada pelos Gregos, que na Itália tinha um final bem mais feliz. Marsias, segundo eles, havia escapado ao irado Apolo e fugira para os Apeninos, onde ensinou as artes dos presságios aos nativos, dando origem aos Marsianos encantadores de serpentes. Roma não era a única cidade que o celebrava. Podiam encontrar-se estátuas de Marsias nas praças públicas de toda a Itália. Apesar de o sátiro ter grilhões nos tornozelos, ele permanecia desafiadoramente desacorrentado. Tinha-se libertado das amarras do seu divino mestre. Por isso, era para os Italianos como «um símbolo de liberdade.»^[88] Augusto, que era profundamente conservador em quase tudo, exceto no que dizia respeito às suas ambições, tinha demasiado respeito pelas tradições para pensar sequer em retirar do Fórum um memorial tão venerado. No entanto, a estátua de Marsias preocupava-o a diversos níveis. Em Filipos, onde a sua palavra de ordem tinha sido «Apolo», a dos seus oponentes tinha sido «liberdade». Além disso, os devotos de Marsias acreditavam que ele tinha sido trocado por um deus rival chamado Liber, uma divindade anárquica que tinha ensinado a humanidade a apreciar o vinho e a permissividade sexual, cujo próprio nome significava «Liberdade», e que, para cúmulo, tinha sido adorado por Marco António como seu patrono de eleição. O confronto entre o anterior

triunvirato tinha sido moldado nos céus. Marco António, durante o seu cortejo pelas ruas da cidade de Cleópatra tinha-se vestido de Liber, «com a cabeça envolta em hera, e o seu corpo envolto num manto dourado.»^[89] Ao visitar a Ásia Menor, onde em tempos imemoriais se tinha dado o concurso entre Apolo e Marsias, tinha sido saudado por ruidosos foliões vestidos de sátiros. Na noite anterior ao seu suicídio, sons fantasmagóricos de música e risos encheram os céus do Egito; «e os homens disseram que o deus com o qual Marco António sempre se comparara, e do qual era grande devoto, também o abandonava.»^[90]

A ROMA DE AUGUSTO



Entretanto, em Roma, a vitória do vencedor de Marco António era também o triunfo de Apolo. O restauro do antigo templo de Júpiter no Capitólio não era nada que se comparasse ao espantoso desenvolvimento da colina virada para o Fórum. Em 36 a.C., pouco depois da derrota de Sexto Pompeu, um raio tinha atingido o Palatino. Um deus tinha falado — mas que deus? Patrocinados pelo mais eminente devoto de Apolo em Roma, os augúrios tinham respeitosamente dado a resposta. Durante quase uma década, em obediência aos seus dirigentes, guindastes e andaimes apinharam-se no cume do Palatino. Os trabalhos seriam apenas concluídos em outubro de 28 a.C. Como seria de esperar, os Romanos reagiram com espanto e reverência. Implantado na colina sobre o Lupercal, ao lado do local onde Rómulo construiu a sua humilde cabana de madeira e colmo, que ainda se mantinha num inverosímil estado de conservação, resplandecia um monumento construído pelos mais avançados padrões internacionais. Erguido sobre um frontão de mármore maciço, adornado com portas de marfim, e coroado por uma quadriga feita de bronze, «o nívoo templo do brilhante Apolo»^[91] era, literalmente, o deslumbrante complemento do horizonte de Roma. O lado que se situava no monte Palatino pairava sobre o Fórum; o outro sobre os escombros carbonizados de um antigo templo de Liber^[92]. O ter sido incendiado no mesmo ano da derrota de Marco António em Ácio apenas acentuava o destino da mensagem. Augusto, triunfante em todos os seus empreendimentos, tinha sido apoiado por um vencedor celestial.

No entanto, ele não tinha esquecido o quão facilmente os pobres e os famintos o tinham amaldiçoado por se ter feito passar por Apolo. Apesar de a sua devoção ao deus da luz nunca ter esmorecido, o *Princeps* sabia agora como se comportar em jantares regados a vinho. Um comportamento semelhante tinha penalizado bastante Marco António. Augusto preferia que

a sua imagem evidenciasse um jogo perpétuo de radiância e sombra. A sua expressão era tão rigidamente controlada quanto carregada de ambivalência. Nas suas esculturas oferecidas aos Romanos, o rosto combinava os reflexos das infinitas subtilezas e dos paradoxos do próprio homem. Nas enormes orelhas das suas estátuas era possível vislumbrar-se um *Princeps* absolutamente humano, com sobancelhas que se uniam sobre o nariz, com uma má dentição, e que tinha tais complexos acerca da sua estatura, que usava saltos com cunha. Apesar disso, era um homem bem-parecido; e tinha a presunção, que muitos se dispunham a bajular, que lhe bastava olhar as pessoas com «o seu olhar límpido e brilhante»^[93] para que baixassem o olhar, como se enfrentassem o sol. Nas suas estátuas, o orelhudo *Princeps* parecia tão belo quanto Apolo. A meio caminho entre a juventude e a maturidade, entre a melancolia e o triunfo, entre o mortal e o divino, era um Romano *Augusto* em todos os sentidos.

Nos seus retratos não havia lugar para o cabelo ralo e para as bochechas descaídas que, no auge da República, eram a imagem de marca dos grandes estadistas. Porque haveria Augusto de enfatizar a sua experiência? Bastava-lhe a admiração pelos seus feitos. Tinha conseguido muito mais do que quaisquer senadores marcados pelas rugas. A estreita associação entre a fealdade e a *virtus*, sempre acarinhada pelos conservadores, não era algo que atraísse Augusto. O *Princeps*, mais do que refrear a sua predileção pela autopromoção, preferia moldar os gostos à sua maneira. Nunca na história se tinham fabricado, divulgado e exposto publicamente tantos retratos de um único homem. Estava a ser propagandeada uma nova doutrina para o povo romano: a de que o poder devia ter boa aparência. Isso era evidente para todos aqueles que contemplavam as estátuas de Augusto, e podia ser constatado cada vez mais nas esferas mais elevadas da estrutura da cidade. Roma, apesar de ser «a sede do Império e dos deuses»^[94], tivera durante

muito tempo uma imagem totalmente inadequada ao seu estatuto de capital do mundo. Os fumos acastanhados de milhares de oficinas e das chaminés das lareiras pairavam como uma densa cortina sobre os apinhados bairros degradados. Dormitórios precariamente escorados penduravam-se nas colinas da cidade. Templos enegrecidos desintegravam-se no meio de ruas labirínticas e imundas. Em comparação com as luminosas cidades reluzentes do Leste, onde os egrejs descendentes dos generais de Alexandre, *o Grande*, tinham desenvolvido as suas capitais com espavento, Roma tinha-se expandido urbanamente de forma monocromática e pobre. Eram tão monótonos os seus tijolos de barro e as suas cantarias de calcário poroso que, quando os embaixadores das monarquias orientais visitavam a cidade, tinham dificuldade em disfarçar o seu ar de desdém. No entanto, a falta de *grandes projetos*, que para os Gregos era o sintoma de um atraso ridículo, tinha tradicionalmente servido para os Romanos como prova da sua liberdade. Mármore colorido, avenidas pomposas e planeamento urbano: o que eram, senão prerrogativas dos reis? A ninguém, numa república livre, se permitiria um tal exibicionismo. Essa era a razão por que, na década febril anterior à travessia do Rubicão, o súbito aparecimento em Roma de um surto de grandiosos monumentos servira como presságio da ruína da República. Como Júlio César tinha financiado o seu próprio fórum, complementado com um templo de mármore e estátua do seu cavalo, também Pompeu, *o Grande*, quis dar o seu nome ao primeiro teatro da cidade construído em pedra. Estas rivalidades, que aconteciam quando os Romanos se manifestavam contra a miséria e a decadência generalizada no resto da cidade, assemelhavam-se ao brilho de obturações de ouro no meio de gengivas sangrentas. Sem surpresa, tinham servido para a glória dos seus patrocinadores, mas não o povo romano. A modernização de um aglomerado urbano tão caótico e desorganizado de uma Roma que fosse

uma digna capital de um império global, era um projeto de renovação que nunca antes tinha sido tentado. Apenas um cidadão possuidor de recursos ilimitados, de uma infinita *auctoritas* e de muito tempo poderia pensar assumi-lo. Em suma, apenas um cidadão como Augusto.

Naturalmente, a atenção dispensada à cidade pelo *Princeps* não era propriamente altruísta. Nada do que ele fez alguma vez o foi. O seu objetivo, como sempre, era tirar do terreno qualquer indício de concorrência. Nem os mortos escapavam. Os herdeiros de Cipião, o *Africano*, por exemplo, para lembrar aos Romanos a sua linhagem, tinham encimado o caminho dos cortejos que acabava ao lado do Capitólio com uma nova forma de exibicionismo arquitetónico: um arco monumental. Augusto, como só ele podia, fez um ainda melhor. Dominando a estrada que ia do Fórum ao monte Palatino, a sua versão era um exercício bem pensado para colocar na sombra mesmo as mais ilustres dinastias. Aparentemente dedicado ao seu pai biológico, que tinha morrido quando Otaviano tinha apenas quatro anos, o monumento dava, no entanto, a entender que a linhagem seria mais importante do que de facto era. Ao invés de ter imagens dos seus ancestrais mortos, o arco apresentava uma surpreendente estátua de Apolo na sua quadriga, esculpida de um único bloco de pedra. De forma subtil, mas conclusiva, Augusto expunha as piadas acerca da sua filiação à vista de todos. Embora o arco não confirmasse de forma explícita o boato relatado de que a sua mãe, nove meses antes do seu nascimento, tinha sido visitada durante o sono, no templo de Apolo, por uma serpente, que teria deixado no seu corpo uma marca milagrosa «que parecia uma cobra»^[95], não fazia nada para o negar. Era esta a dimensão da ambivalência em que Augusto sempre preferiu atuar. Relutante em ofender as sensibilidades romanas, alegando que Apolo seria o seu pai, jogava, no

entanto, com isso na perfeição como sempre, dando uma no cravo e outra na ferradura.

A corda bamba em que caminhava era necessariamente precária. Era preciso um talento peculiar para se posicionar como um ser quase divino e, simultaneamente, um homem do povo. Esta espetacular capacidade fundia-se em Augusto com reservas quase sobrenaturais de paciência e autodisciplina. O esplendoroso novo templo de Apolo, ao mesmo tempo que projetava o seu fulgor sobre a vizinha casa do *Princeps*, também o fazia para as dos cidadãos comuns que anteriormente tinham sido o suporte dos oligarcas. Bibliotecas, pátios e pórticos anexos ao corpo principal do templo, dominavam agora o cume do monte Palatino. Contrastando com tal cenário, a residência privada do *Princeps* não conseguia deixar de parecer modesta, mesmo frugal. Apesar de Hortênsio, o seu proprietário original, durante a sua vida se ter destacado pelo caráter efeminado das suas extravagâncias, as tendências há muito que tinham evoluído. Novos marcadores de luxo adornavam agora as casas dos muito ricos. Numa altura em que Mecenas, esse celebrado árbitro do bom gosto, se ocupava com a introdução das piscinas aquecidas em Roma, a casa do *Princeps* era considerada, pelos mais familiarizados com as propriedades de luxo, como «notável pela falta de escala e de estilo»^[96]. Não era para ele uma torre como a que Mecenas tinha construído como peça central do seu requintado palácio, uma loucura tão altaneira que proporcionava ao seu proprietário avistar os longínquos Apeninos. Augusto, um homem mais rico do que a própria República, não precisava de demonstrar a ninguém o quão bem-dotado era.

Nesse sentido, como bem sabia, estava de acordo com os sentimentos da maioria dos Romanos. «Enquanto possam aprovar o embelezamento dos monumentos públicos, não têm tempo para luxos particulares.»^[97] Os

autoproclamados seguidores de Augusto, empanturrados com as pilhagens da guerra civil, não serviam os propósitos do seu líder ao exibirem as suas posses. Mecenas, em virtude da sua devoção à moda, corria o risco de ficar fora de moda. Os seus jardins, que se estendiam até às proximidades de uma das portas da cidade, tinham sido construídos sobre um cemitério de indigentes; os seus penosos arbustos esculpidos eram fertilizados pelos «ossos branqueados dos pobres»^[98]. Infinitamente melhor qualificado para servir como imagem pública do novo regime estava o severo e mal-encarado Agripa. Apesar de ter vindo do nada, e de ter conseguido tomar posse da esplêndida mansão de Marco António no monte Palatino e de vastos territórios no estrangeiro, mantinha a imagem de rude camponês que agradava às multidões. Sem temer exasperar a nobreza, pressionou para que as obras de arte em posse dos privados fossem nacionalizadas. Argumentava que esses tesouros mereciam ser apreciados pelos Romanos. O *Princeps*, que tão duramente tinha trabalhado para seduzir e tranquilizar a aristocracia, dificilmente colocaria essa proposta em prática; mas Agripa nada dizia ou fazia que ele não tivesse previamente sancionado. Augusto, com uma incomparável capacidade de farejar benefícios, tinha percebido, na atitude das classes superiores para com as massas, uma outra fonte de lucro. Por um lado, era uma questão de princípio entre quem estava comprometido com as tradições mais nobres da República que deviam «ser concedidos ao povo romano todos os poderes, todas as autorizações e todos os comandos»^[99]; por outro lado, que esse mesmo povo romano era «o esgoto da cidade»^[100]. Estava aqui, na obscuridade de tais contraditórias opiniões, a grande oportunidade para Augusto poder consolidar ainda mais a sua posição. Afinal de contas, para compreender todo o potencial da hipocrisia, haveria alguém melhor qualificado do que o restaurador da República?

Fora, de facto, o *Princeps* que, na sequência das guerras civis, e com a sua capacidade conciliatória, tinha estancado a hemorragia, presunção que poucos estavam interessados em contestar. Quando, na Casa do Senado, foi pendurado um escudo dourado onde se registavam as virtudes cardeais de Augusto, a inscrição lembrava que este tinha lá sido colocado pelo *Senatus Populusque Romanus*, «O Senado e o Povo Romano». Contudo, apesar de esta altissonante divisa proclamar a harmonia entre a elite da cidade e as suas massas, insinuava também as cisões. O compromisso dos Romanos para com o bem comum, que para eles era um precioso ideal, fora acompanhado desde o início por rivalidades exacerbadas. Rómulo, posicionado no cume do Palatino, ao testemunhar as 12 águias que o sobrevoavam, tinha estado em concorrência com o seu irmão gémeo. Remo, posicionado a sul do Palatino, no cume do monte Aventino, apenas tinha avistado umas insignificantes seis aves; a partir desse momento, o destino dos dois montes rivais estava traçado. O Palatino seria sempre associado à centralidade do poder na cidade, e o Aventino serviria como a fortaleza dos desfavorecidos, dos pobres — da *plebe*. Por detrás da unidade cívica que era o maior orgulho da República, latejavam sempre os ressentimentos de classe. Os pobres, considerados pelas classes altas como a *plebs sordida* — «os grandes impuros» — tinham uma longa e orgulhosa tradição na defesa dos seus direitos. Haviam resistido heroicamente a repetidas tentativas para esmagar as suas liberdades.

O monumento mais venerável a essa resistência, construído na encosta inferior do Aventino, alguns séculos antes de Marco António o ter cooptado, não era outro senão o santuário de Liber. Comemorava um episódio ocorrido em 494 a.C., quando a plebe, oprimida pelas dívidas e extorsões dos ricos, realizou uma gigantesca manifestação. Dirigindo-se para a parte superior de Roma, os manifestantes acamparam numa colina de onde se

avistava o rio Tibre. Aí, numa réplica da instituição do consulado, elegeram dois dos seus membros como «tribunos»^[101], para servirem de guardiões dos seus interesses. A plebe acordou que os tribunos deviam ser considerados sagrados. Quem ousasse colocar-lhes um dedo em cima, pagaria com a própria vida. Para o efeito, eram prestados juramentos solenes sob compromisso de sangue. Com relutância, as classes superiores romanas viram-se obrigadas a aceitar esses termos. Passados alguns séculos, o tribunato emergira como um dos cargos mais importantes da República. Continuava a ser considerado um sacrilégio qualquer ataque ao cidadão que desempenhasse esse cargo. Um tribuno podia impor a pena de morte àqueles que desafiassem a sua autoridade; vetar legislação que não aprovasse; convocar o Senado e introduzir medidas da sua autoria. Privilégios desta ordem, respaldados na tradição e de um âmbito potencialmente impressionante, dificilmente podiam deixar de despertar o interesse do *Princeps*.

O suficiente para que, na devida altura, ele tenha feito a sua jogada. Com a entrega do seu consulado, colheu uma importante compensação. Muitos dos mais formidáveis poderes que o Senado lhe concedeu em 23 a.C., e que serviram para reforçar de forma decisiva a sua preponderância, eram os de um tribuno: a *tribunicia potestas*. A plebe, em vez de se ressentir com a apropriação das prerrogativas que tanto lhes custara conseguir pelo homem mais rico de Roma, aceitá-la-ia, ao verem nele o seu protetor. Não os surpreendia que um homem de tão elevada linhagem quisesse exercer a *tribunicia potestas*. Cem anos antes, dois netos de Cipião, o *Africano*, Tibério e Caio Graco, tinham sido tribunos; mais recentemente, a turbulenta carreira de Clódio Pulcro tinha sido lançada a partir de um tribunato. Estava associado, às memórias destes três homens, um aroma de guerra de classes. No Senado, os elementos que lhes eram *hostis* tinham sido provocados para

gerar um clima de violentas agitações. O sangue tinha corrido nas ruas de Roma. Os dois irmãos Graco foram assassinados: Tibério foi espancado até à morte com a perna de um banco, e Caio foi decapitado. Quanto a Clódio, os motins que aconteceram após o seu assassinato às mãos de um adversário político, originaram o incêndio que destruiu a Casa do Senado original. É provável, por isso, que entre os senadores houvesse uma onda de nervosismo relativamente a que Augusto, ao prescindir dos poderes de cônsul, tenha tomado os de um tribuno.

A ser assim, tinham-se equivocado quanto ao seu homem. Um manipulador de expressão esfíngica como o *Princeps* não tinha qualquer interesse em desempenhar o papel de demagogo. Apesar de lhe ter sido concedida a *tribunicia potestas*, ele era não um tribuno. Como favorito do povo, oferecia-se como seu protetor, assim como do Senado. O quão incendiável a plebe ainda estava, e o quanto os ricos dependiam de Augusto para a manutenção das suas piscinas, das suas obras de arte e dos seus requintados jardins, ficou perturbadoramente evidente quando este partiu de Roma. Entre 23 a.C. e 19 a.C., com o *Princeps* ausente no Mediterrâneo oriental, na cidade repetiram-se os confrontos de rua entre facções. Os motins explodiam por todo o lado. Os assassinatos disparavam. Um cônsul tinha nervosamente solicitado o reforço da sua segurança pessoal. A ordem seria apenas restaurada quando, por fim, o *Princeps* voltou do Leste, trazendo consigo os estandartes recuperados aos Partos. Em casa, tinham aprendido a lição. «Quando Augusto se ausentava de Roma, o povo rebelava-se — quando ele estava presente, comportava-se devidamente.»^[102]

Guardião do Senado e protetor da plebe: o *Princeps* era ambas as coisas, e mais. Durante demasiado tempo, a República tinha sido o seu pior inimigo. Juntas, a ganância dos poderosos e a brutalidade das massas

tinham-na conduzido à beira da ruína. Se os deuses não tivessem enviado Augusto para resgatar Roma da miséria das guerras civis, por certo, tanto a cidade como o Império teriam perecido. O dever do *Princeps* era claro: ficar de guarda à República e protegê-la de si mesma. A revolução não podia estar mais longe do seu pensamento. A sua responsabilidade, enquanto enviado dos céus, era lembrar ao Senado e às pessoas o que tinham sido nos seus primórdios. Se lhes restituísse a sua antiga primogenitura de *virtus* e disciplina, teria cumprido a sua missão. «O homem bom é aquele que não tenciona alterar a forma tradicional de fazer as coisas»^[103], terá dito uma vez. Tudo o que Augusto tinha feito, as mudanças que fez, as múltiplas quebras com as práticas recentes que tinha incentivado, apontava, não para a novidade, mas antes para o seu oposto: o retorno do povo romano ao seu ancestral património de grandeza.

Em tempos, os deuses tinham agraciado Roma com os seus favores e a sua proteção. O incenso tinha perfumado as chamas do sacrifício e cobrira o céu com um manto de fumo; o sangue de bois brancos tinha sido derramado no solo sob golpes de machados; os festivais de antigamente tinham promovido a ordem na cidade no curso do ano. Mas depois, ao longo dos tempos, os cortejos tinham vindo a ser abandonados, os rituais esquecidos e as pedras dos santuários emudecidos. Horácio tinha sido um dos muitos a tremer perante a imagem dos templos que partilhavam a dilapidação geral da cidade. «Os santuários, com um aspeto tenebroso, encontram-se em ruínas e enegrecidos pelo fumo.»^[104] Numa luta para se manter à tona durante os anos difíceis que se seguiram ao seu regresso de Filipos, assombrado pelas memórias de cidadãos contra cidadãos e empobrecido pela perda das suas terras, o poeta tinha tirado a óbvia conclusão. «Os deuses, por terem sido negligenciados, entristeceram a Itália com uma multitude de males.»^[105] Augusto, que estava encarregado pelos céus de

expurgar a República das suas doenças, concordou em absoluto com este diagnóstico. As reparações no antigo santuário no Palatino, onde se guardavam os «despojos de honra», tinham sido apenas o começo. Os templos desmoronados e sem teto eram uma afronta aos deuses e à dignidade dos Romanos: pústulas na face da cidade. Augusto, com a riqueza do mundo às suas ordens, podia muito bem pagar os necessários medicamentos. O que se deteriorara iria ficar imaculado; o que enegrecera voltaria à sua brancura; o que fora feito de tijolos de barro seria agora de mármore. Ao mesmo tempo que os andaimes eram retirados do templo de Apolo no Palatino, eram montados em todo o resto de Roma. Até mesmo Lúvia participou, ao patrocinar a limpeza de um santuário no monte Aventino, muito querido das respeitáveis mães de família. Quanto ao *Princeps*, ele próprio acabaria por financiar o restauro de, pelo menos, 82 templos. Se alguns só receberam um retoque de pintura ou uma camada de estuque, a maioria foi contemplada com um restauro tão belo quanto os melhores arquitetos do mundo podiam proporcionar. Foram arrasadas montanhas para fornecer os necessários suprimentos de pedra. Era o que na altura se dizia. Agora, o que contava era a beleza e não a antiguidade. «Os templos dos nossos ancestrais eram muitos bonitos — mas os dourados são mais agradáveis. Afinal, o que caracteriza um deus é a grandiosidade.»^[106]

E os próprios deuses estavam claramente de acordo. Em 17 a.C., uma década depois da determinação que possibilitara ao Imperador César chamar-se Augusto, era evidente que Roma se tinha tornado, de novo, num lugar santificado pela graça dos céus. «O mundo fora pacificado. A ordem política legítima fora restaurada. Tudo era fácil e próspero.»^[107] Quando maio se tornou junho, os Romanos foram convidados a celebrar um mistério profundo: a transformação dos séculos e o amanhecer de uma nova era. Foram montadas diversões; organizadas corridas de bigas; oferecidos

banquetes luxuosos. Porém, primeiro e por três dias consecutivos, foram feitas aos deuses oferendas de sangue; e durante a noite, iluminado pelas tochas que haviam sido disponibilizadas a toda a população da cidade, o próprio *Princeps* conduzia as celebrações. Às *Moerae*[*], as três moiras vestidas de branco que dirigiam o destino da cidade, ofereceu um sacrifício de cordeiros e cabras; e, depois, à deusa dos partos, ofereceu bolos. Era a idade de ouro que nascia e, caso ainda houvesse alguém que não tivesse compreendido a mensagem, um poema, composto especialmente para a ocasião por Horácio, era cantado no Capitólio e no Palatino, com o objetivo de a fazer chegar aos destinatários. «Sejam concedidas ao povo de Rômulo, riquezas, descendência e todo o tipo de glórias.»[108] Muitos dos que ouviam soar esta oração em todo o Fórum, entoada por um coro de meninas e meninos de imaculada honorabilidade, emoldurados por um horizonte de refulgente ouro e mármore, seriam, sem dúvida, levados a refletir que os deuses estavam agradecidos. «Que a verdade, a paz, e a honra, e a nossa venerável tradição de honradez e virtude, negligenciada durante tanto tempo, voltem a estar entre nós. Bendita também a Abundância e a sua cornucópia da fartura e da prosperidade!»[109]

E, ao longo dos anos que se seguiram, iria transbordar. Roma estava rapidamente a tornar-se bonita. Os deuses não eram os únicos a serem agraciados com melhorias caseiras. Os Romanos, à medida que assistiam ao crescimento da sua cidade natal cada vez menos desgastada, e cada vez mais resplandecente, começaram a tomar como certo que os cofres do seu *Princeps* eram inesgotáveis. A sua generosidade parecia não ter limites. Quando, por exemplo, os herdeiros de Pompeu, o *Grande*, muito empobrecidos, se mostraram incapazes de promover a manutenção do grande teatro de pedra do seu antepassado, quem, senão Augusto, para se chegar à frente? As outras famílias nobres, ao saberem que não podiam

acompanhar tais apostas, há muito se haviam retirado dessas contendidas. Fosse na construção de complexos de banhos numa escala nunca antes vista; na renovação impressionantemente sumptuosa do salão onde os Romanos votavam, ou na melhoria das ruas da cidade, Augusto e Agripa, o seu sempre leal homem de mão, eram quem sobressaía na cidade.

A preocupação do *Princeps* com o bem dos seus concidadãos era de tal forma altruísta que chegava mesmo a sacrificar a memória dos seus próprios amigos. Um deles foi Védio Pólio, um financeiro que muito contribuíra para o aumento da eficiência fiscal das províncias de Roma na Ásia Menor, e que à custa disso enriquecera de forma obscena. Quando morreu, em 15 a.C., deixando ao *Princeps* uma grande propriedade que tinha construído num dos contrafortes acima do Fórum, Augusto mandou arrasá-la. O terreno foi oferecido à sua mulher. Lívia, tão consciente quanto o marido das suas responsabilidades para com o povo romano, reconstruiu-a de forma esplendorosa, enchendo-a de colunatas e fontes, para depois a abrir ao público. Na nova era presidida por César Augusto, era justamente deste modo que se tratava a ganância egoísta dos plutocratas. «Era assim que se dava o melhor e mais verdadeiro exemplo.»^[110]

A morte de Védio, um zé-ninguém que tinha lucrado com a carnificina e as convulsões das guerras civis para emergir como um dos homens mais ricos de Roma, recordava a passagem dos anos. Aqueles que poderiam lembrar-se dos tempos anteriores à travessia do Rubicão, quando os cidadãos se confrontavam uns aos outros numa República livre, tinham envelhecido. Quando Lépido faleceu, no final de 13 a.C., foram muitos os que se surpreenderam ao descobrir que o ex-triúnviro não tinha morrido anos antes. Formalmente despojado dos seus poderes em 36 a.C., e exilado para um obscuro canto da Itália, passou mais de duas décadas numa aposentadoria fantasmagórica. Apenas lhe tinha sido deixada uma honraria:

o cargo de *Pontifex Maximus*, o sumo-sacerdote de Roma. Naturalmente, nunca houve qualquer dúvida quanto ao seu sucessor. Os Romanos há muito que pressionavam Augusto para que retirasse Lépido do cargo; mas, de forma severa, o *Princeps* manteve-se contra o sacrilégio, e recusara-o. Agora, em 12 a.C., homens e mulheres de toda a Itália juntavam-se em Roma para saudar a sua eleição.

Entretanto, o novo *Pontifex* movimentava-se com a sua habitual capacidade de descortinar uma grande oportunidade de tirar proveito do cargo. Mandava a tradição que devia mudar-se para uma residência oficial no coração do Fórum, onde serviria de guardião das virgens que mantinham acesa a chama eterna no lar da cidade. Em vez disso, Augusto, que não tinha a menor intenção de abandonar o Palatino, estabeleceu um compromisso tão piedoso quanto egoísta: dedicou parte da sua casa à deusa Vesta. A sua residência privada, que já estava ligada ao grande templo de Apolo, assumia um novo brilho de santidade. O próprio Augusto subia mais um degrau a caminho do céu. O homem que tinha escandalizado os guardiões da tradição romana ao fazer-se cônsul na tenra idade de 19 anos estava agora na casa dos 50. Apesar das suas estátuas continuarem a retratá-lo sobrenaturalmente jovem, as rugas estavam cada vez mais profundas. Alguns dos seus mais próximos companheiros de juventude já tinham sucumbido à velhice. Agripa, esgotado pelo seu trabalho, morreu poucos meses depois da eleição de Augusto como *Pontifex*; quatro anos mais tarde, era dada sepultura a Mecenas. No seu testamento, pediu ao seu velho amigo: «Lembra-te de Horácio como se de mim se tratasse»^[111]; e na verdade, quando o poeta morreu, 59 dias depois, Augusto fê-lo repousar perto do túmulo de Mecenas.

Eis aqui, para um homem conhecido pelas suas crises de saúde, sinistros avisos da sua mortalidade; e ainda assim, apesar de tudo isso, o *Princeps*

não morrera. Muito pelo contrário. Milagrosamente, com o passar das décadas, parecia rejuvenescer. A idade, ao que parecia, assentava-lhe bem. Em vez de enfraquecerem a sua *auctoritas*, os cabelos cinzentos acrescentavam-lhe brilho. Um veterano envelhecido ao serviço da sua cidade: esta era a configuração de autoridade com a qual os Romanos se sentiam instintivamente familiarizados. Em 3 a.C., Augusto fez 60 anos. Poucos meses depois, foi eleito cônsul pela primeira vez em muitos anos. Mas ainda assim, as homenagens dos seus concidadãos não cessaram. Em janeiro, uma delegação de plebeus viajou até ao seu retiro na costa para lhe pedir que aceitasse um novo título: «Pai da sua Pátria». Augusto recusou. Depois, a 5 de fevereiro, todas as classes sociais se uniram para o pressionar a aceitar tal honra. Quando o *Princeps*, de volta a Roma, chegou a um teatro, todos os presentes na plateia o saudaram com esse título. Pouco tempo depois, numa reunião do Senado, os senadores acrescentaram as suas vozes ao pedido. «Juntamo-nos aos Romanos», declarou o seu porta-voz, «e saudamos-te como Pai da nossa Pátria». Desta vez, Augusto não rejeitou o título. «Tudo o que alguma vez esperei, já alcancei», declarou, com a voz embargada. Enquanto falava, os seus olhos encheram-se de lágrimas.[112]

O Imperador César Augusto tinha iniciado a sua ascensão ao poder como o vingador do seu deificado pai. «Era essa a sua missão, o seu dever, a sua prioridade.»[113] Agora, passados mais de 40 anos, era ele quem se tinha tornado o pai. No início daquele verão, a 12 de maio, o *Princeps* dedicou formalmente um edifício que, mais do que qualquer outro dos que tinha concedido ao povo romano, serviria como monumento à sua extraordinária carreira. O seu templo dedicado a Marte, o *Vingador*, prometido há muito, nas vésperas de Filipos, tinha sido concluído após um excessivo período de tempo. Relutante em agitar as memórias das confiscações de terras que fez na juventude, Augusto tinha-se coibido de forçar expropriações

compulsivas. Em resultado disso, os seus agentes viram-se envolvidos num sem número de disputas de propriedade. Alguns proprietários tinham-se, pura e simplesmente, recusado a vender. Esta intransigência acabaria por forçar os arquitetos a estranhas abordagens no projeto do empreendimento que foi sucessivamente redesenhado. Os atrasos duraram anos. A paciência de Augusto acabaria por se esgotar. Ordenou que o templo fosse terminado, acontecesse o que acontecesse. Já bem perto do dia da sua consagração, os materiais de construção ainda estavam a ser recolhidos e a pintura nos seus retoques finais. Contudo, nem as pressas de última hora conseguiram prejudicar o seu espantoso impacto. O grande programa de renovação de Augusto tinha conseguido produzir a sua suprema obra-prima. Para um povo cuja descendência de Marte se evidenciava com o ressurgir da sua cidade da anterior obscuridade até ao governo do mundo, ele tinha prestado a sua mais bela homenagem: «um feito cuja dimensão era digna de um deus.»^[114]

A guerra tinha sido a origem de Augusto como tinha sido a de Roma, e o *Princeps* não deixaria de o reconhecer. O respeito que era devido ao seu deificado pai estava inscrito no rosto de um Fórum renovado e reluzente. As estátuas dos Julianos, com um Eneias resplandecente no centro, estavam dispostas em semicírculo num dos lados do templo de Marte, o *Vingador*. Mas o sangue romano derramado em Filipos não era o único desagravo que se comemorava no grande complexo. Também se comemorava um triunfo ainda mais feliz. Os estandartes perdidos por Crasso para os Partos tinham finalmente um cenário digno da façanha de Augusto quando os recuperou. Transferidos da sua improvisada casa, no Capitólio, adornavam agora o *inner sanctum* do imponente templo de Marte. Não importava que tivesse sido Augusto quem os resgatara — os Romanos partilhavam aquela vitória. Do lado de fora, na frente do templo, um Marte seminu, retratado com a

espada e a lança nas mãos, olhava as lajes coloridas do Fórum, com o seu pé colocado sobre o mundo. Augusto não era vaidoso ao ponto de fazer crer que a influência global de Roma estava à sua mercê.

Muito pelo contrário, na verdade. De frente para as estátuas dos Julianos, no outro lado do Fórum, estava outro semicírculo de estátuas. Ao centro estava Rómulo com os «despojos de honra»; à sua volta, formando um verdadeiro corredor da fama, todos os outros heróis que tinham contribuído para a grandeza de Roma.^[115] Augusto declarou que estes eram os modelos que lhe tinham servido de inspiração para servir Roma. Descendia deles de uma forma tão clara como da família de Júlio César. Nada do que corporizava era estranho, ou estava, por mais remoto que fosse, em desacordo com os melhores costumes romanos. Indubitavelmente, que o mesmo seria verdade para aqueles «que se lhe seguissem como *Princeps*»^[116]. Não tinha havido nenhuma revolução. O passado e o futuro de Roma encontraram-se e foram reconciliados na figura de um único homem.

Imperador, Augusto, Pai da Pátria: aquele que fora Caio Otaviano tinha o direito de sentir, ao presidir à consagração do esplêndido complexo do seu novo templo, que era muito pouco o que ainda tinha para provar. Quem é que poderia agora duvidar que ele era, como sempre acreditara, o favorito dos céus? «Tu és o mais grandioso de todos os *Princeps*.»^[117] Assim escreveu Horácio pouco antes de morrer. Este veredicto não tinha sido bajulação — apenas um óbvio testemunho dos factos. Augusto tinha dado a paz aos seus concidadãos, reconciliara-os com os deuses, e restaurara-lhes a esperança.

O que é que agora podia correr mal?

A EXAUSTÃO DA CRUELDADE

De volta à rotina

Naturalmente, havia sussurros de escândalo.

Sempre houve. Os mexericos faziam parte do ar que os cidadãos respiravam. Onde quer que as pessoas se juntassem, paravam para partilhar os rumores que passavam por notícias. Bastava que o relato fosse ouvido no Fórum para, inevitavelmente, se espalhar pelas lojas das labirínticas ruelas, becos sem saída e recônditas pracetas da cidade, onde os porcos vasculhavam o lixo e as lavadeiras punham as suas roupas a secar. Os Romanos sempre tiveram uma veia puritana. Nenhuma imoralidade era suficientemente privada ao ponto de poder ficar no segredo dos deuses. Não era por acaso que vida pública se designava por *res publica*. Os apupos e os assobios das multidões perseguiram até mesmo o mais eminente dos homens apanhado em qualquer indecência. Para todos os que as conseguiam ler, as mensagens rabiscadas nas paredes de toda a cidade eram um petisco de sordidez, de tal modo implacável e duro, que as pessoas temiam que tudo pudesse desabar, pois até mesmo os analfabetos eram capazes de conspurcar os monumentos dos que os tinham ofendido. Os Romanos eram um povo com um raro talento para a calúnia.

Assim, ninguém conseguiria ficar tanto tempo na liderança dos seus assuntos, como Augusto ficou, sem ver o seu bom nome enlameado. As circunstâncias sensacionalistas do seu casamento com Lúvia permaneciam

vivas nas mentes dos seus concidadãos. Um homem que fosse capaz de assediar a mulher grávida de outro homem, também era claramente capaz de assediar quem quer que fosse. Apesar de permanecerem nebulosos os exatos pormenores dos seus presumíveis casos amorosos, o assédio de Augusto às mulheres era algo amplamente tido como certo. Diz-se que Lúvia, longe de levantar problemas, mantinha a influência sobre o marido fazendo vista grossa aos seus adultérios e providenciando-lhe um bom fornecimento de virgens. Os amigos do *Princeps*, procurando atenuar este comportamento libidinoso, insistiam que os seus casos amorosos eram resultantes de calculismo e não de luxúria, e que ele só tinha levado para a cama as mulheres dos senadores que desejava manter debaixo de olho. Outros não tinham tanta certeza assim. Um homem tão promíscuo como Augusto tinha a reputação de parecer, para muitos cidadãos, alguém com a falta de autocontrolo característica dos Romanos. Os incontrolláveis apetites sexuais, que eram expectáveis nas mulheres e, é claro, nos Gregos, eram pouco apropriados num cidadão temperado nas mais nobres tradições da cidade. A energia despendida a dormir com umas e com outras era mais adequada se posta ao serviço da glória dos Romanos. A reputação de Augusto como um adúltero em série, mais do que impulsionar a aura do seu machismo, envolvia-o numa luminosidade efeminada e sinistra. Nenhum homem poderia ser considerado verdadeiramente um homem se fosse escravo dos seus próprios desejos. Os libertinos que perseguiam as mulheres casadas eram considerados efeminados. Dizia-se que o *Princeps* depilava as pernas com cascas de nozes incandescentes.

Sem dúvida, um pormenor chocante. No entanto, e como Augusto bem sabia, poderia ter sido muito pior. Em comparação com Marco António, ele mal tinha sido tocado. Das alegações contra ele apresentadas, nenhuma podia, mesmo remotamente, comparar-se à descarga das mortíferas

acusações que ele mesmo tinha desencadeado contra o seu grande rival. Os danos causados à sua reputação nunca foram sérios. Na verdade, as histórias que se contavam acerca da sua efeminação eram pouco excitantes, porque, em grande parte, não pareciam plausíveis. Em vez de menosprezar o comportamento de quem o caluniava, o *Princeps* registava-o no seu íntimo, e os Romanos sabiam disso. Quando Augusto deu a conhecer que usava roupas tecidas pela sua mulher, ninguém pensou em acusar o homem mais rico do mundo de hipocrisia por usar roupas despretensiosas. Ao oferecer um toque de classe patricia à sua casa, Lúvia era também a viva encarnação das antigas virtudes. Enquanto companheira de Augusto, nunca houve qualquer indício de paixões adúlteras que a ela se ligassem. Como uma mulher que sabia o que era perder tudo, mantinha o seu estatuto de mulher do *Princeps* com uma casta e gélida autodisciplina. Sabia muito bem que «os seus olhares, as suas palavras e cada uma das suas ações, eram intensamente escrutinadas.»^[1] Nunca aparecendo em público sem a *stola*, um vestido longo, volumoso e sufocante, que para as matronas romanas era o símbolo da sua modéstia, Lúvia sabia perfeitamente o que o seu marido necessitava numa mulher. Em privado, ela era a sua confidente mais próxima; em público, o símbolo vivo da compaixão e dos valores tradicionais.

A admiração das virtudes, associada pelos Romanos ao seu passado austero e heroico, era a imagem oposta da sua dependência pelos mexericos. Para eles, a riqueza e a ascendência nunca serviram de determinantes exclusivos do estatuto social. «Os Romanos não achavam correto que um homem tivesse a liberdade de se casar ou de ter filhos com quem lhe agradasse, nem que lhe fosse permitido viver e entregar-se aos seus apetites pessoais de acordo com as suas preferências pessoais.»^[2] Em Roma, a vigilância era implacável e oficialmente sancionada. Os cidadãos

tinham sido sempre divididos em classes de forma muito precisa, e um comportamento indigno da classe que lhes fora atribuída levaria invariavelmente à despromoção. O *Princeps*, como convinha ao seu estatuto no topo da hierarquia, levava este regulamento dos seus concidadãos muito a sério. O regresso da paz a Roma, depois do caos e da desordem das guerras civis, também tinha significado a restauração das hierarquias no Estado. Augusto realizou um censo de toda a população civil em 28 a.C. e 8 a.C. Sem surpresa, manteve sob especial escrutínio o topo da hierarquia social. O censo de 28 a.C. originou um severo emagrecimento do Senado, que viria a sofrer nova limpeza em 19 a.C. Sendo naturalmente humilhante para aqueles que foram expulsos, reforçou o prestígio de quem tinha passado o teste. A implacável racionalização de Augusto impulsionou a dignidade da ordem. A *maiestas*, assim se denominava em latim a aura de majestade e grandeza que, nos tempos em que o voto de um cidadão ainda contava para alguma coisa, tinha sido considerada como a prerrogativa dos Romanos em geral. É claro que era o *Princeps* quem mais encarnava a *maiestas*, mas não era o único. Afinal, um Senado digno de partilhar com ele o projeto heroico de resgatar a República era uma parte vital do seu propósito. Nem mesmo o Imperador César Augusto poderia arcar sozinho com esse fardo em particular.

Contudo, permanecia um senão. À medida que o Senado se tornava numa ordem mais exclusiva, menor era o número de senadores capazes de corresponder às exigências de um império globalizado. Então, tornava-se evidente ser essencial encontrar uma reserva de talentos alternativa. Era a administração eficaz do mundo que o exigia. Felizmente, ainda antes de estabelecer o seu regime, o *Princeps* já tinha identificado uma possível solução. Foi Mecenas, o eterno inovador, quem desbravou o caminho. Apesar das imensas responsabilidades que Augusto lhe atribuíra, ele nunca

tinha desempenhado qualquer magistratura oficial. Em vez de entrar no Senado e competir por um cargo público, tinha-se contentado com o posto mais alto dado a um cidadão comum: o de *eques*, ou cavaleiro. Nos acidentados primórdios de Roma, era a posse de um cavalo que qualificava um cidadão a ser membro da elite da cidade; mas isso, claro, era passado. Durante o século anterior, muitos membros da Ordem Equestre enriqueceram de forma tão fabulosa, nos lugares mais recônditos do império, que chegaram a ostentar estábulos inteiros de cavalos puro-sangue. Com os senadores legalmente proibidos de sujar as mãos nos sórdidos negócios do comércio externo, os membros da Ordem Equestre endinheirados tinham ficado com o terreno livre para se empanturrarem com as riquezas das novas províncias de Roma. Então, no meio da implosão da República, as qualidades morais da ordem tinham começado a mudar. Aos plutocratas, juntaram-se «homens feitos membros da Ordem Equestre pelo turbilhão dos conflitos»^[3]. Oficiais que tinham combatido no lado vencedor da guerra civil; aristocratas de obscuras cidades italianas desejosos de benefícios pessoais; até mesmo, de forma desconcertante, filhos de escravos serviam: todos vieram a ostentar o anel de ouro que era a marca de um cavaleiro. Era esta a gente do *Princeps*. Resistentes e ambiciosos, consubstanciavam exatamente o que ele precisava: um corpo de agentes preparados. Dividido como estava entre o respeito pelo Senado enquanto ordem, e pela suspeita em relação aos seus membros enquanto indivíduos, Augusto mais não fez do que acolher a nova geração de cavaleiros. A sua amizade, como Mecenas podia garantir, podia trazer muitos favores. Enquanto o Senado rejubilava com o crescente fulgor da sua *maiestas*, na sombra, os membros da Ordem Equestre floresciam de forma discreta. Sob a égide de Augusto, os comandos e os cargos deixavam

de ser apanágio de magistrados eleitos. Gradualmente, e de forma enviesada, tais cargos estavam a ser privatizados.

Uma tal política, dada a sua natureza, não podia ser reconhecida. Augusto, que nunca se tinha mostrado tão conservador como quando se envolvia em inovações, olhava tanto para o passado como para o futuro. Quanto mais rompia com a tradição, confiando cargos públicos a cavaleiros, mais mascarava a política que se escondia atrás das celebrações da sua finalidade primordial. As suas fantasias estavam assombradas por fantasmagóricos cavaleiros que, armados como antigamente, perseguiram os adversários nos dias épicos da Roma antiga. Aqueles que traíam essa herança seriam obrigados a pagar por isso. Quando soube que um cavaleiro tinha cortado os polegares dos seus dois filhos para os livrar do serviço militar, o *Princeps* impôs-lhe uma pena exemplar. O pobre homem foi vendido em hasta pública; e depois de ter sido comprado por um dos representantes de Augusto, foi banido em desgraça para a província. Não seria o único a ser expulso. Os membros da Ordem Equestre que, enquanto senadores, não conseguissem cumprir os exigentes padrões exigidos pelo *Princeps*, eram expulsos da sua ordem. Revivendo um costume ancestral, Augusto até os submetia a uma inspeção anual. Todos os 15 de julho, os cavaleiros eram obrigados a desfilar pelas ruas de Roma, em formação compacta, como se tivessem acabado de chegar da batalha. Os que tinham sido premiados pela sua valentia deviam usar as condecorações. Aqueles que eram demasiado idosos para montar marchavam a pé. A maioria das pessoas concordava tratar-se de «um panorama magnífico, e digno da grandeza do domínio de Roma»[4].

Mas nem todos. Alguns cavaleiros que desfilavam as virtudes campesinas, de forma despretensiosa, na capital do mundo, esforçavam-se por manter uma cara séria. Os tempos tinham mudado. A aldeia das cabanas

de madeira e dos estábulos de gado que fora governada por Rômulo era agora um paraíso de ouro e mármore. «Vivemos numa era civilizada. A grosseria rústica, que era exibida pelos nossos antepassados, é coisa do passado.»^[5] Assim falou um poeta, jovem e elegante, que tinha surgido na segunda década da supremacia de Augusto, e que viria a ser consagrado pela *avant garde* da cidade como a voz autêntica da metrossexualidade romana. A aversão que nutria pela vida do campo idealizada pelo *Princeps* provinha de experiência pessoal. Apesar da sua urbanidade e sofisticação, havia uma característica provinciana em Públio Ovídio Naso — Ovídio. Não era natural de Roma. Nascera em Sulmona, uma cidade disforme e indolente que ficava a 140 quilómetros a leste da capital, habitada por um povo que, menos de um século antes, tinha participado de forma entusiástica na revolta italiana, e que era conhecido pelas capacidades das suas bruxas. Cercada por montanhas íngremes, Sulmona estava separada da metrópole por florestas cheias de lobos e bandidos. A família de Ovídio, membros da Ordem Equestre há várias gerações, permaneceu sempre na sua terra natal, um meio pequeno onde detinha prestígio. Mas, como para tantos outros na Itália, tudo tinha mudado. Com a subida de Augusto ao poder, novas e deslumbrantes oportunidades se abriram para famílias como a de Ovídio. O seu pai soube aproveitá-las. Enviou os dois filhos para Roma, investindo fortemente na sua educação. Quando o seu irmão mais velho morreu, aos 20 anos, Ovídio passou a carregar sozinho o fardo das ambições de seu pai. «A Casa do Senado estava à espera.»^[6] Mas não era esse o desejo do jovem. «Eu não tinha nem resistência nem apetência para tal carreira. Perante as tensões da ambição, retrocedi.»^[7] As severas exigências impostas pelo pai, a glorificação do passado de Roma feita pelo *Princeps*, o tocar das trombetas dos valores marciais, nada animava o jovem Ovídio. E não o rejeitava apenas, achava-o risível.

Neste particular, ele era reconhecidamente de uma nova geração. Nascido um ano depois do assassinato de Júlio César, Ovídio nunca tinha sabido o que era viver numa república livre. Nem tinha a experiência pessoal dos horrores sofridos pelos mais velhos nas lutas fratricidas por terras estrangeiras; na perda de terras ancestrais para estranhos; no assistir ao incendiar das cidades. Regozijando-se com as bênçãos de paz e prosperidade trazidas por César Augusto, Ovídio sabia ao que tinha sido poupado e estava devidamente grato por isso. No entanto, não via nelas uma restauração da antiga ordem de Roma propiciada pelos deuses, mas algo muito diferente: a essência do que significava ser moderno. «O presente», rejubilava, «faz-me ter os pés assentes na terra.»^[8] Na paisagem urbana promovida por Augusto para servir de espelho ao favor dos deuses, e como monumento tanto à glória do povo romano como de si mesmo, Ovídio descobriu um espaço de diversão. O prazer que daí retirava era exultante, mas não agradava propriamente ao *Princeps*. Os seus passatempos eram exageradamente neuróticos e contraculturais para que tal acontecesse. Quando Ovídio caminhava até ao templo de Apolo no Palatino, percorria as sombrias colunatas erguidas no local do palácio de Védio Pólio, ou visitava os arcos do teatro de Pompeu, não era para admirar a arquitetura. Estava à procura de jovens mulheres.

O vangloriar-se disso, como Ovídio livremente fazia, numa pose universal de «mestre do amor»^[9], era altamente chocante para um povo de moral e vontade férreas como os Romanos. Tempos houve, muito antes do rumo traçado por Augusto, em que um senador tinha sido despromovido por beijar a sua mulher em público. Somente quando se assustasse com um trovão, dizia jocosamente um venerável moralista, é que era admissível uma mulher cair nos braços do seu marido^[10]. Os padrões comportamentais foram-se abrandando ao longo dos anos; mas a noção de que um cidadão

podia abandonar livremente uma carreira ao serviço dos seus companheiros para se dedicar às artes de alcova, continuava a ser algo chocante. Ovídio, com um prazer quase deliberado, ostentava o seu desprezo perante o que jocosamente considerava uma convenção pedante. «As nossas tradicionais virtudes não se me aplicam.»^[11] César Augusto, para celebrar o maior e mais espetacular triunfo jamais testemunhado em Roma, tinha desfilado ao longo da capital com os troféus obtidos na vitória sobre a rainha do Egito. Ovídio, penalizando-se a si mesmo por ter esbofeteado a sua namorada, imaginava-a, magoada e empalidecida, transportada entre os aplausos das multidões que assistiam. «Viva o homem valente e corajoso que venceu uma rapariga!»^[12]

Uma brincadeira que, como Ovídio bem sabia, dificilmente deixaria de provocar um sorriso nos lábios de quem era suficientemente sofisticado para compreender o seu significado. Escarnecer dos poderosos era tradição tanto nos salões como nos bairros degradados. Augusto, que se assumia como o restaurador da liberdade de expressão, entre outras liberdades perdidas durante as guerras civis, não era pessoa para se incomodar com ocasionais ferroadas. No entanto, tal não significava que os poetas, ou qualquer outra pessoa, tivessem licença para escrever o que quisessem. Como alguém designado pelos deuses para a grande tarefa de salvar e regenerar os Romanos, Augusto não podia fechar os olhos perante qualquer corrosão dos seus valores ancestrais. Um cidadão fazia-se, não nascia. Afinal, um macho não era necessariamente um homem. Tal como Roma se tinha alcandorado a governante do mundo, depois de uma incapacitante obscuridade, também era necessário que cada Romano se moldasse no necessário padrão de masculinidade ao longo da vida. A fraqueza, tanto do corpo como do espírito, era uma perpétua ameaça. Tinha de ser combatida a qualquer custo. Augusto não tinha abençoado a cidade com monumentos de

deslumbrante beleza para vê-los tornarem-se em locais de passeio de parasitas sociais e mulherengos. Os frutos da paz seriam inúteis se dessem origem unicamente a uma promíscua obsessão com o sexo. «Tudo se resume nisto: autocontrole.»^[13] O que não queria dizer, naturalmente, que era esperado que um cidadão vivesse como um eunuco. Pelo contrário. Um pénis romano era potente, magistral, prodigioso. Numa cidade onde o falo podia ser visto por todo o lado, a proteger umbrais como símbolo de boa sorte, a guardar encruzilhadas ou a espantar as aves nos jardins, o tamanho da haste era muito admirado. Nos banhos, um homem bem-dotado podia muito bem ser saudado com «uma nervosa salva de palmas»^[14]. A um cidadão equipado com tal arma, sobretudo se fosse jovem, «no qual um certo grau de exuberância animalesca era natural»^[15], dificilmente poderia esperar-se que a mantivesse sempre embainhada. Mesmo o mais severo dos moralistas o reconhecia. Se não, para que serviam as prostitutas? Um bordel não era assim tão diferente de uma latrina: sujo e de má reputação, sim, mas que servia o propósito essencial de ser um recetáculo de resíduos humanos. Não podia esperar-se que um homem contivesse as suas necessidades sexuais, como não continha uma bexiga cheia. Não era por acaso que a palavra *meio* significava tanto «urinar» como «ejacular». Um impulso ou dois, profundo e rápido, como uma espada que se espeta nas entranhas, «até aos pelos púbicos e testículos»^[16], e estava feito. Era indiferente que fosse na vagina, no ânus ou na boca, desde que fosse magistral. Também pouco importava se o golpeado pelo pénis era homem ou mulher, rapaz ou rapariga, desde que fosse respeitada uma ressalva, uma salvaguarda, essencial: era absolutamente proibido que se tratasse de homens ou mulheres nascidos como cidadãos Romanos livres.

O tabu era tão poderoso quanto antigo. Era nele que os Romanos se definiam como um povo. Consideravam a pureza «o principal suporte de

homens e mulheres»^[17], não como uma virtude monótona ou passiva, mas como algo vivo e cintilante, comparável à chama do lar, que as esposas romanas tinham o dever sagrado de manter acesa, e cuja extinção era considerada um terrível sacrilégio. Era por isso que, de todas as ofensas cometidas por um Romano devidas a um incontrollável apetite sexual, nenhuma era tão perturbadora para os seus concidadãos como o adultério. Encornar um homem significava não só tomar posse da sua mulher, mas também possuí-lo. Oculto no que se sussurrava sobre Augusto e as mulheres das famílias senatoriais, estava o amargo reflexo do seu domínio. Afinal, ninguém podia esperar ser recompensado pelo *Princeps*. Fosse qual fosse a verdade dos mexericos, perante a sua grandeza que o tornava imune, esses homens sentiam-se impotentes para exercer o direito à vingança que assistia a qualquer encornado. Esta, como era prescrito pela tradição, chegava a ser de uma brutal ferocidade. A esposa apanhada *in flagrante*, como tinha sido determinado por um rígido moralista, podia ser assassinada no momento.^[18] O amante também, segundo alguns, embora outros, mais liberais, recomendassem apenas a sua castração ou, talvez, a sodomia. A ameaça de violência, selvagem e potencialmente assassina, pairava sobre cada relação adúltera.

Ou será que não? Havia talvez, para os que acompanhavam os novos tempos, algo um pouco provinciano, um pouco antiquado no antigo tabu. «É tão rústico ficar aborrecido por ser traído pela mulher.»^[19] Era assim que Ovídio, um homem que media permanentemente o pulso da alta sociedade, de forma indulgente o observava. No entanto, se o corneado que esperneasse fosse um grosseiro, então também o era o que tinha falhado em se divertir. As diversas proibições e ameaças que os costumes interpunham no caminho do adúltero, para um experiente perito no prazer erótico, mais do que um impedimento, eram um incentivo que temperava a diversão.

«Queremos sempre o que nos é proibido.»^[20] Ao fazer esta sábia observação, Ovídio colocava o dedo na ferida. O fruto proibido é sempre mais apetecido. «Acreditem, as proibições apenas incentivam os maus comportamentos.»^[21] Numa cidade tão viciada em mexericos como Roma, este era um paradoxo que muitos estavam dispostos a engolir. A especulação sobre o que poderia estar a acontecer nos quartos mais seletos da cidade era algo que paralisava o público. Que o adultério era considerado pelas classes superiores como um tremendo jogo, em que as regras existiam para serem quebradas, e a medida de sucesso a introdução de um amante no leito conjugal, era algo amplamente considerado como um dado adquirido. Afinal, não há fumo sem fogo. As provas do caráter adúltero e efeminado da classe dominante de Roma estavam por todo lado. Na forma afeminada como usavam as togas; nas suas unhas tratadas, na depilação dos pelos do nariz e na sinistra ausência de odor corporal; e, acima de tudo, no brilhar dos seus membros oleados. Todos concordavam que depilar as axilas era uma prática de boas maneiras; mas depilar as pernas, como se dizia que Augusto tinha feito, era, pura e simplesmente, nojento. Os pelos do corpo eram a imagem de marca de um homem. Mas todos sabiam que os adúlteros pouco se importavam com isso. A pele lisa, sem pelos, era o que usavam na sedução. Era algo inquietante e assustador. Até mesmo Ovídio seria obrigado a observar: «Nos dias que correm, os homens são tão escravizados pela moda que, em boa verdade, não podemos culpar as mulheres por se sentirem pressionadas.»^[22]

Nada disto impedia o poeta de animadamente dar conselhos de beleza aos seus seguidores masculinos e femininos. Mas Ovídio não tinha a incumbência de cuidar da moral dos Romanos. Na opinião do homem que disso se encarregava, a frívola metrossexualidade era parte do problema e não da solução. Augusto, que tinha trazido a ordem onde anteriormente

existia o caos, que tinha concedido aos seus concidadãos as riquezas dos reinos conquistados, e que tinha transformado a sua cidade numa capital de beleza e esplendor incomparáveis, nem queria pensar que o seu trabalho pudesse eventualmente ter contribuído para o abrandamento das suas virtudes ancestrais. Tal perspectiva era demasiado chocante para ser considerada. Os Romanos não eram nada se não fossem os herdeiros dos seus antepassados diretos. A ambição do *Princeps* era simples: os seus concidadãos deviam ser fiéis a tudo o que havia de melhor no seu passado. Eles eram os Romanos: os senhores do mundo, as gentes da toga. Tudo isto se espelhava nos monumentos, nos festivais e em todos os frutos da paz que tinha criado para os seus concidadãos, para que fosse a imagem que desejava que eles tivessem de si mesmos.

Mas, e se vissem outra coisa? Quiçá, havia um aviso nos desenvolvimentos de um recente escândalo no domínio da decoração de interiores. Por toda a Roma, as paredes e os tetos dos quartos estavam a ser forrados com espelhos. Mesmo fora dos limites da cidade, no seu retiro rural nos montes Sabinos, até Horácio se juntou ao desvario. Mais notoriamente, também um milionário chamado Hóstio Quadra. Os espelhos nas suas paredes tinham uma característica particularmente distinta: tudo o que neles se refletia parecia maior do que realmente era. «Era dessa forma que a aberrante figura mostrava a sua depravação.»^[23] Enquanto uma rapariga lhe fazia sexo oral, e ele praticava *cunnilingus* numa segunda rapariga, ao mesmo tempo, numa horrenda profanação de tudo o que um Romano deve ser, fazia-se sodomizar por um homem com um enorme falo que, visto no espelho, parecia estar a ser perpetrado por algo de tamanho gigantesco, «muito maior do que ele poderia acolher»^[24]. Vestir-se, depilar-se e enfeitar-se como uma mulher era uma coisa; mas ser possuído como uma mulher era um extremo hediondo de degradação. Afinal, que outra

coisa era aquilo senão o abandono voluntário de tudo o que fazia de um romano um homem? Nas cópulas grotescamente refletidas de Hóstio Quadra, captava-se um espetáculo de um caos primitivo e aterrador, daqueles em que um qualquer cidadão que se entregasse à carnalidade acabaria por se afundar.

«Cada parte de mim se oferece à imoralidade.»^[25] A qualidade monstruosa desta jactância fez com que Augusto, quando Hóstio Quadra veio a ser assassinado pelos seus próprios escravos, se recusasse a puni-los. Dificilmente haveria melhor forma do que esta para demonstrar a desaprovação do *Princeps*. Acrescentava-se um novo participante ao seu corredor público de vergonha. No entanto, havia uma ironia no destino do milionário que era, sem dúvida, profundamente preocupante para Augusto. Por venerável tradição, a regulação da moral dentro de uma casa era um assunto para ser resolvido pelo cidadão que nela mandava. Não era algo em que qualquer outra pessoa se envolvesse. Um Romano que fosse incapaz de controlar o comportamento dos que dele dependiam não podia ser classificado como Romano. Então, como fazer para julgar uma cidade em que eram os escravos que puniam o seu senhor? Numa cidade, ao que parecia, em que as antigas certezas tinham sido fortemente abaladas; onde aos pais e aos maridos já não podia ser confiado o disciplinar dos seus filhos nem das suas esposas; onde a moral do povo romano exigia a regulamentação, não apenas dos costumes, não apenas do exemplo ancestral, mas — escandalosamente — da lei.

Era um desafio que Augusto sentiu não poder recusar. Quando Horácio, ao tentar explicar a implosão da República, identificou a causa como o vício doentio pelo adultério, fê-lo com total seriedade. Podia também apreciar um quarto espelhado, mas não tinha qualquer dúvida de que as origens da guerra civil, essa suprema catástrofe, tinham sido a depravação e a

licenciosidade. «Foi essa a fonte das calamidades que inundou o nosso país, as nossas gentes.»^[26] Na verdade, que mais poderia ter sido? Todos sabiam onde se radicavam as principais crises de qualquer estado: não era nas tensões constitucionais ou sociais, muito menos no insondável funcionamento das finanças, mas na degeneração da moral. Visto por este prisma, as depravações de monstros como Hóstio Quadra serviam como um nefasto aviso. O pus não tinha sido totalmente drenado do corpo político. Ainda continuava a apodrecer e a reproduzir-se sob a luminosa aparência da cidade reconstruída pelo *Princeps*. Encarregado pelos deuses de devolver a saúde a Roma, Augusto não podia deixar de impor uma cura radical. «É bom que torçamos as mãos, mas precisamos de medidas ajustadas aos crimes.»^[27]

E assim foi. O *Princeps* agiu nesse sentido logo após o seu regresso triunfal do Oriente, de onde trouxe os padrões perdidos por Crasso. Em 18 a.C. foi aprovada uma lei que visava regular o casamento das classes superiores. Os heroicos primórdios de Roma, quando os homens se casavam apenas com virtuosas mães de família, reprodutoras de um grande número de cidadãos infantis para o bem da República, deviam ser revividos através da legislação. O celibato, ligações socialmente desajustadas, esterilidade: tudo seria severamente penalizado. Depois, alguns meses mais tarde, apareceu uma lei que era ainda mais intrusiva nos assuntos de senadores e cavaleiros. O adultério era considerado uma ofensa pública. Os homens traídos eram legalmente obrigados a divorciarem-se das suas mulheres. Aqueles que não o fizessem, fosse por vergonha ou talvez, de forma mais sinistra, por sentirem um sórdido prazer na humilhação, eram acusados de lenocínio. Os adúlteros, entretanto, sofreriam drásticas sanções financeiras e seriam exilados para uma ilha. As adúlteras também, sendo proibidas de voltarem a casar com um cidadão livre por nascimento. Até as

suas roupas proclamariam publicamente a sua vergonha. Deixavam de poder usar a *stola*, esse símbolo da retidão feminina. «Quando saem, fazem-no geralmente com uma toga escura, para as distinguir das mães de família.»^[28] Uma amarga degradação. A toga não era apenas o traje de um cidadão do sexo masculino; era também o traje mais distintivo usado por uma prostituta. Ao não ser mais merecedora da honra e do respeito devidos a uma mãe de família romana, a adúltera condenada passava a ser legalmente classificada no mais baixo dos patamares sociais: prostitutas, alcoviteiras, até mesmo atrizes. Como elas, o seu lugar passava a estar entre a subclasse moral, a escória da sociedade — os *infames*.

O crescente ressentimento entre a aristocracia, que via a legislação como uma agressão à sua própria privacidade e à tradição romana, não afetou a determinação do *Princeps*. Ele sabia qual era o seu dever. Muito antes do jubiloso momento, em 2 a.C., quando por aclamação universal foi atribuído a Augusto o título de «Pai da Pátria», o seu estatuto tinha-se tornado perentório. Ele era, na verdade, «um pai universal»^[29]. Como pai modelo, ele repreendia, guiava e amava o povo romano. A licenciosidade tinha sido domesticada. A efeminação e o adultério tinham sido travados. «As famílias tinham-se tornado castas, limpas de depravação, e de todas as marcas de mau comportamento observadas pelos costumes e a lei.»^[30] Por certo, não parecia haver qualquer razão para que o «Pai da Pátria», algumas semanas após a aceitação embargada pelas lágrimas desse título, temesse a realização do festival anual de Liber, a 17 de março. Em tempos, quando ainda era apenas um dos dois senhores da guerra rivais, as coisas tinham sido diferentes. Nessa altura, teria sido palpável a ameaça às virtudes ancestrais, quando os devotos do divino e perturbador patrono de Marco António celebraram o festival em honra do deus, levando um falo gigante em procissão selvagem através das ruas. Os conservadores, horrorizados,

tentavam castrar a adoração de Liber desde a sua primeira manifestação em Roma, quase dois séculos antes. Até altas horas da noite, tudo era vinho e deboche. Os apetites, mesmo os mais desviantes, eram satisfeitos sem preocupações com o decoro. Todos dormiam com todos. Era difícil imaginar um escárnio mais escandaloso aos valores romanos. No entanto, agora, com Marco António morto há muito, e com cada cidadão dependente do «Pai da Pátria», o escárnio era derrotado e os valores triunfavam. Dois meses após o festival de Liber, no novo fórum que tinha povoado com as estátuas dos antigos heróis da cidade e adornado com os troféus das batalhas, Augusto dedicava o seu grande templo a Marte. Companheiro dos legionários nas linhas da frente das batalhas, o violador da mãe de Rómulo, repentino e brutal em tudo o que fazia, era um deus que se apresentava como um austero modelo de masculinidade, ao contrário de Liber. De uma coisa o povo romano podia estar certo: Marte não era daqueles que se depilavam.

No entanto, para lá da grande muralha que protegia o templo das inundações, as marés de apetites cresciam. Nos corredores e nos pátios, e sob os narizes dos austeros pais, realizavam-se secretos encontros amorosos. Entre risos sufocados, aqueles que deles sabiam continuavam a sussurrar relatos de atos escandalosos. Entretanto, no antigo fórum, a estátua de Marsias, o servo de Liber, continuava a ser, como sempre, o mais desafiador símbolo da licenciosidade.

«Por mais restrições que se façam a uma pessoa, a mente permanece adúltera», observou Ovídio, testando sempre os limites do admissível. «Não se pode regulamentar o desejo.»^[31] O tempo se encarregaria de descobrir se ele tinha ou não razão.

Árvores genealógicas

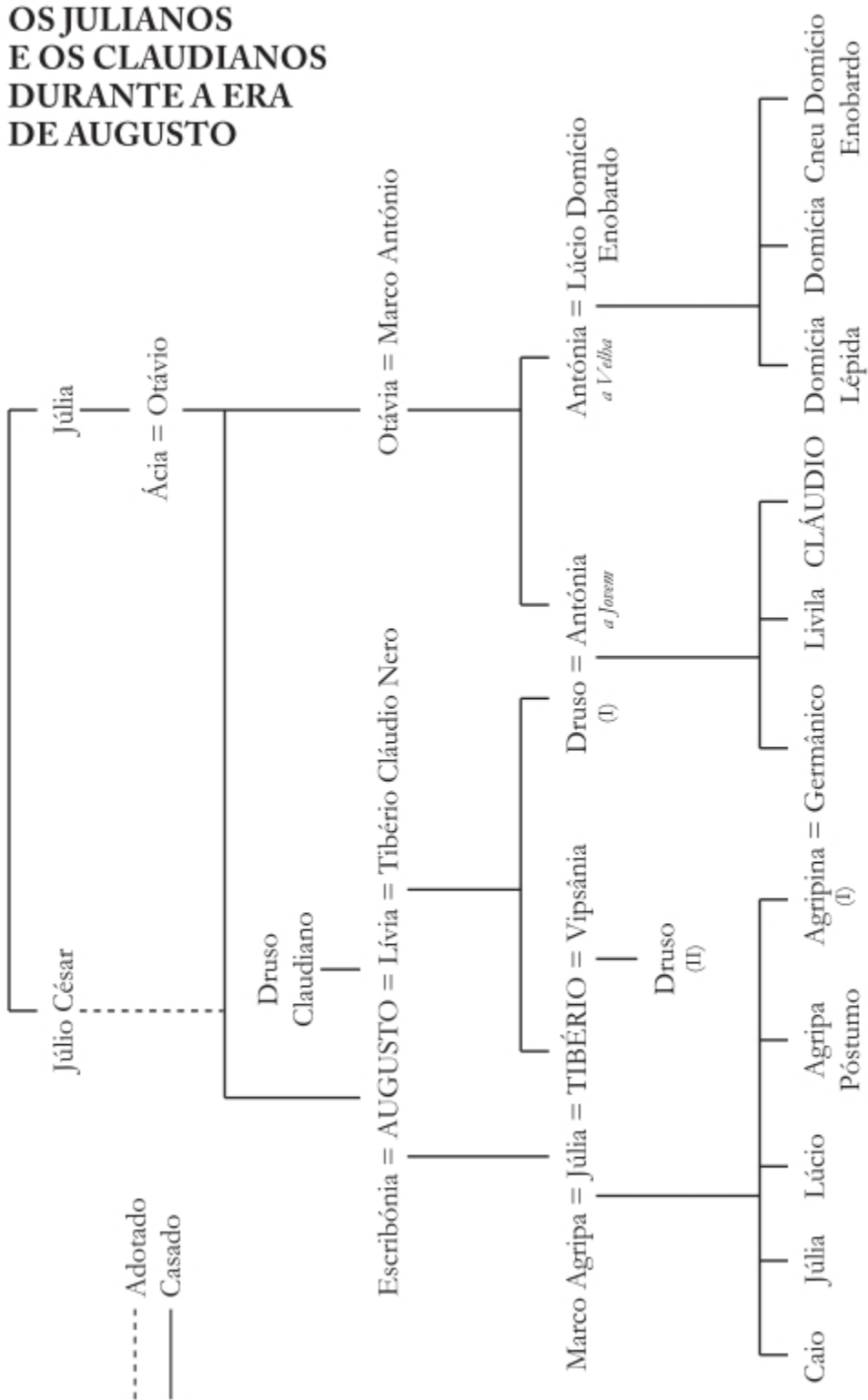
Conta-se que, pouco depois do segundo noivado de Lúvia, terá acontecido algo extraordinário. Uma águia precipitou-se sobre o lugar onde ela estava sentada, e deixou cair uma galinha branca no seu colo. De forma surpreendente, a galinha estava ilesa e tinha um pequeno ramo de louro fresco no bico. Era, evidentemente, um presságio impressionante. A ave e o louro foram levados, em segurança, para uma propriedade Claudiana nos arredores de Roma, em Prima Porta, num promontório sobranceiro ao Tibre. Aqui, a galinha produziu uma ninhada de pintos, enquanto o ramo de louro, plantado num dos limites da *villa*, cresceu de forma luxuriante. Com o passar do tempo, e à medida que aumentava a ligação de Lúvia a Augusto, para a maioria das pessoas a significância do episódio tornava-se evidente: «estava-lhe destinado assegurar e vigiar o poder de César»[32].

Porém, para alguns, o misterioso florescimento do ramo plantado tinha um significado diferente. O loureiro não era uma árvore comum. Os relâmpagos não conseguiam danificá-lo; as suas folhas serviam para fumigar o sangue derramado; e era a árvore sagrada de Apolo. Tudo fazia dele a divisa perfeita de Augusto e, de facto, quando o Senado lhe concedeu esse nome, em 27 a.C., também decretou que a sua casa fosse adornada publicamente com louro, «cobrindo as portas e enfeitando os portões sagrados com uma grinalda de folhas escuras»[33]. Em breve, começaria a parecer um sacrilégio que qualquer outra pessoa o usasse. Para Augusto, apenas servia o louro que fora lançado no colo de Lúvia. Ao comemorar os seus três grandes triunfos, o *Princeps* segurava na sua mão um dos seus ramos e, na cabeça, uma coroa de louros.

Comparado ao fulgor de tal grandeza, o brilho de outras vitórias humanas tornava-se inevitavelmente insignificante. Crasso, após celebrar o seu triunfo, desvaneceu-se na obscuridade. Os dias em que até os mais nobres dos nobres podiam esperar poder passear-se por Roma coroados com louro

iam passando. Quem estava mais próximo do *Princeps* foi quem melhor o compreendeu. Agripa, apesar de ser o maior general da sua geração, tinha-se sistematicamente recusado a celebrar os triunfos. Sabia bem que não devia ofuscar Augusto.

OS JULIANOS E OS CLAUDIANOS DURANTE A ERA DE AUGUSTO



«Habitado à obediência àquele homem como estava, o seu objetivo era a obediência de todos os outros.»^[34] A distância entre a tradicional demonstração de poder e a realidade aumentava rapidamente. Pouco tardaria para que tal fosse reconhecido, mesmo por aqueles que não tinham a acuidade de Agripa. Em 19 a.C., um general chamado Lúcio Cornélio Balbo desfilou pelas ruas de Roma, em reconhecimento da sua vitória sobre uma tribo africana. Marcou o fim de uma era. Nunca mais um cidadão privado celebraria um triunfo.

Mas significava isso que no futuro apenas Augusto teria direito a essa honra? Talvez não. Afinal, no colo de Lúvia tinha caído algo mais do que o louro. A *villa* para onde tinha sido enviada a galinha original estava tão pejada de aves brancas cacarejantes que viria a ficar conhecida como «O Galinheiro»^[35]. Estava claramente predestinado que Augusto deveria ter muitos descendentes. No entanto, permanecia um enigma. Apesar de ter sido o colo de Lúvia que recebera a galinha branca, e de ela já ter dois filhos, parecia incapaz de dar um herdeiro ao seu segundo marido. À medida que envelhecia, ficava mais claro que Augusto iria ficar apenas com um descendente: uma menina. Júlia, filha da mal-humorada Escribônia, certamente lhe serviria como um útil peão no grande jogo das suas ambições dinásticas; mas um peão não chegava. Augusto, como o chefe de qualquer outra família, exigia um herdeiro do sexo masculino. E foi assim, imitando o seu tio-avô, que dirigiu a atenção para a sua irmã. Otávia, muito admirada e irrepreensivelmente virtuosa, tinha desempenhado um papel fundamental na crise que originara o confronto em Ácio. Casada com Marco António como símbolo do pacto entre os dois triúnviros, fora depois rejeitada por ele em favor da rainha do Egito, enviada para Roma e ignominiosamente divorciada. Apesar de tudo isso, manteve uma enorme dignidade; e quando, na sequência da vitória do seu irmão sobre o seu

anterior marido, ela aceitou criar o fogueiro jovem Julo Ant3nio, filho de uma anterior mulher de Marco Ant3nio, o povo romano veria confirmada a admira33o que por ela tinha enquanto modelo de feminilidade. O jovem Ant3nio cresceu junto dos filhos de Ot3via. Dois destes, Ant3nia, *a Velha*, e Ant3nia, *a Jovem*, eram suas meias-irm33s. Os outros eram filhos do primeiro casamento de Ot3via, sendo uma dessas crian3as um rapaz. Marco Cl3udio Marcelo era bonito, carism3tico, e tinha sido tocado pela m3stica do seu antepassado distante, o heroico guerreiro que tinha capturado os «despojos de honra»: qualidades mais do que suficientes para satisfazer as fantasias do seu tio. Em 29 a.C., o rapaz cavalgou ao lado do *Princeps* durante as comemora33es do seu triunfo. Dois anos mais tarde, foi-lhe atribuído um servi3o ativo na Espanha. Depois, em 25 a.C., chegaria a marca de favorecimento final: o casamento com J3lia, que tinha 14 anos de idade. Ao que parecia, Augusto tinha consagrado o seu herdeiro. O tempo, por3m, f3-lo-ia retroceder perante as implica33es desta decis3o. Em 23 a.C., quando esteve doente, tirou o seu anel de sinete e colocou-o na palma da m3o de Agripa e n3o de Marcelo. Augusto, que sabia o que era ser um jovem lan3ado para o ninho de cobras da pol3tica romana, tinha s3rias d3vidas quanto 3 capacidade do sobrinho para sobreviver e prosperar, como ele o fizera. Mas a sua ansiedade n3o se restringia apenas a isso. Afinal de contas, o que estava em jogo era bem mais do que o futuro da sua pr3pria fam3lia. Quem viesse a ser o seu herdeiro teria de governar o mundo. No entanto, surgia um paradoxo. Os imensos poderes e honrarias que Augusto tinha conseguido para si pr3prio n3o eram algo que pudesse ser facilmente transmitido a um sucessor. A mera tentativa seria a confirma33o do que ele tinha negado durante tanto tempo: a crua realidade da sua autocracia. Apesar dos maus-tratos e traumas provocados pela guerra civil, os Romanos n3o estavam dispostos a tolerar a governa33o de um rei. Augusto era

meramente o primeiro cidadão de uma república livre: esse era o conceito universalmente aceite. Apenas um homem com um prestígio semelhante poderia esperar, no cômputo final, suceder-lhe como *Princeps*.

Marcelo, por mais popular e fascinante que fosse, ainda não tinha estatuto para tal. E, como se veria, nunca o teria. Alguns meses depois de Augusto, desafiando todas as probabilidades, ter recuperado a saúde com sucesso, Marcelo adoeceu. A morte, enganada pelo tio, acabaria por levar consigo o sobrinho. Devastada, Otávia deixou de aparecer em público, e diz-se que nunca mais sorriu. Os Romanos compartilharam a sua dor. A memória de Marcelo, tão promissor, tão brilhante e tão jovem, seria valorizada durante muito tempo. Dada a dimensão do luto público, era possível vislumbrar-se uma nova era: aquela em que o fulgor do carisma de Augusto, áureo e sobre-humano, serviria para iluminar todos os membros da sua família. O que foram os lírios e as flores depositados em memória de Marcelo, senão um tributo ao radiante alvorecer de tal luz? A silhueta do jovem aparecia luminosa, mesmo na escuridão da morte. O seu esplendor provinha da *Domus Augusta* — a «Família de Augusto», o deificado *Princeps*.

Tudo isto assegurava que Júlia, viúva aos 16 anos, não iria ficar solteira por muito tempo. Havia, de facto, um único candidato à mão. Augusto já o tinha sinalizado quando dera a Agripa o seu anel. «Mata-o ou faz dele o teu genro»^[36], este era o conselho alegremente cínico de Mecenas. Augusto, que confiava em demasia no seu velho *consigliere* para poder contemplar a primeira opção, optou pela segunda. Apesar de já estar casado com uma das primas de Júlia, Agripa, obedientemente, divorciou-se dela e casou com a filha do *Princeps*. Na ocasião, o casamento provaria ser um grande sucesso. Para Agripa, serviu como confirmação pública do seu estatuto preeminente, não apenas como vice, mas como herdeiro de César. A Augusto, por sua

vez, era-lhe proporcionada a oportunidade perfeita de proteger as suas apostas. Como o loureiro plantado na Prima Porta floresceu e se espalhou, também Júlia cumpriu o seu dever filial dando à luz uma sucessão de crianças. Duas eram meninas: a uma foi dado o nome de Agripina, em honra do seu pai, e à segunda, com uma falta de originalidade ainda mais notória, o nome de Júlia. Mas havia mais, muito mais. Em 20 a.C., Júlia deu a Augusto o seu primeiro neto, um menino saudável chamado Caio. Três anos mais tarde, veio um segundo, Lúcio. O *Princeps* estava em êxtase. Mal Lúcio nasceu, ele adotou os dois irmãos. Agora, finalmente, tinha os seus filhos.

Fossem quais fossem os seus sentimentos privados, Agripa não se queixou. Compreendia perfeitamente que as perspectivas de Caio e Lúcio seriam muito mais brilhantes ao usarem o nome de César. Sabia também que continuava a ser o presumível herdeiro. Em 18 a.C., chegou a ser-lhe concedida uma parte da *tribunicia potestas*, poderes que estavam entre os mais formidáveis dos que eram exercidos pelo *Princeps*. Abria-se o caminho que tinha pela frente. Quando o *Princeps* morresse, Agripa calçaria os seus sapatos; e quando Agripa morresse, fá-lo-ia Caio César. Era desta forma que, numa grande família como a dos Julianos, se tinham estabelecido os acordos e as alianças. Longe de promover alguma marca sinistra de hereditariedade monárquica, os planos do *Princeps* para a sua família eram de um tipo bem mais tradicional. Os laços de lealdade e compromisso que Augusto via como garantes do futuro de Roma eram tais, que qualquer cidadão por nascimento os valorizava e respeitava. Quem, entre aqueles que tinham lavrado os campos e cuidado dos jardins fertilizados pelo sangue derramado nas guerras civis, estava disposto a contestá-lo? Não muitos, como se veria. A devoção dos Romanos por Marcelo não seria caso único. Quando Agripa, esgotado pelos seus muitos

esforços, morreu em 12 a.C., a perda do homem em quem Augusto tinha apostado como seu sucessor determinou uma nova e ansiosa atenção para com a próxima geração da família de Augusto. O fascínio pelos netos do *Princeps* era generalizado. E eles eram muitos. Júlia, que estava grávida quando o marido morreu, deu à luz um terceiro filho: Agripa Póstumo, como viria a ser inevitavelmente conhecido. Mas eram os seus dois irmãos mais velhos os preferidos pelos Romanos. Apesar de Caio ter oito anos e Lúcio apenas cinco, a antecipação da sua futura grandeza cobria os dois rapazes de um potencial fascínio. E isto era algo novo. Em Roma, nunca antes se tinha dedicado muita atenção às crianças. Mesmo os mais precoces dos estreantes no palco da política — Cipião, Pompeu e o próprio Augusto — já tinham passado a infância quando nele entraram. Era a dimensão da aura do *Princeps* que continuava a envolver na sua luz os membros da sua família, mesmo os mais novos. O entusiasmo pelos dois jovens príncipes superava todas as expectativas. Ao desfilarem sempre que havia oportunidade de a família de Augusto ser vista, incorporavam para as multidões romanas uma combinação vencedora de magnetismo e infantilidade. Esta sua popularidade era certamente tudo o que Augusto mais esperava. Adotados como favoritos do povo, Caio e Lúcio davam ao seu avô uma preciosa garantia de que a hereditariedade podia, afinal, ser viável. Ao que parecia, a noção de uma dinastia governante não estava totalmente fora de questão.

Mas Augusto ainda se sentia dividido. Em 6 a.C., quando os Romanos votaram em Caio, com 14 anos de idade, para que se tornasse cônsul, ele ficou horrorizado. Convocou uma assembleia e repreendeu-os pela sua frivolidade. O prazer que sentia pela popularidade de Caio competia no seu íntimo com os seus mais severos instintos. Assim como tinha duvidado em confiar o governo do mundo a Marcelo, também agora tinha dúvidas em o

colocar, de forma irrevogável, nas mãos de um jovem imaturo. Augusto não tinha trabalhado durante décadas para restaurar as mais nobres e mais exigentes tradições da República, para as escarnecer agora. A perda de Agripa fora dolorosa e amargamente sentida. Mas como substituí-lo? O seu velho camarada possuía capacidades raras. A lealdade ao *Princeps*; virtudes inflexíveis que seriam familiares a Rômulo; uma experiência só detida por quem comandara legiões, preparando a mente e o corpo ao serviço da grandeza romana: estas haviam sido as qualidades de Agripa. Quais seriam as probabilidades de encontrar um semelhante segundo arquétipo? Ao que parecia, muito longínquas.

No entanto, como tantas vezes aconteceu na carreira do *Princeps*, parecia que os deuses lhe sorriam. A solução para o problema de como melhor suprir a perda do seu confiável vice estava à frente dos seus olhos. A óbvia substituição dificilmente poderia ter estado mais à mão: o candidato perfeito para desempenhar o papel de Agripa. Desde a infância que ele crescera como membro da família de Augusto. A partir dos 16 anos, quando acompanhou Augusto na sua campanha nas regiões selvagens no norte da Espanha, ele passaria a dedicar-se ao serviço do povo romano. Amadurecido nos assuntos da guerra e do Estado, era um homem que já tinha alcançado muito prestígio junto dos seus concidadãos. Agora, ao que parecia, estava preparado para conseguir muito mais, ao serviço do *Princeps* e de Roma. Na realidade, havia apenas um problema. Enquanto Agripa sempre fora um joguete de Augusto, proveniente de uma origem tão humilde que a nobreza desdenhosa se tinha absterido de participar no seu funeral, o filho de Lúvia, Tibério Cláudio Nero, era o chefe da família mais famosa e brilhante da história romana. Descendente dos Neros e dos Pulcros, o sangue dos Claudianos fluía duplamente nas suas veias. Um homem assim tinha expectativas que nada ficavam a dever a Augusto.

O segundo casamento de Lúvia em nada tinha diminuído a lealdade que ela sentia pela sua linha ancestral. Ao mudar-se para casa do seu novo marido, fez questão de levar os seus dois filhos com ela. Como enteados do *Princeps* e como herdeiros das incomparáveis tradições dos seus antepassados Claudianos, Tibério e Druso tiveram um crescimento duplamente privilegiado. Naturalmente, tiveram de sujeitar-se a uma indignidade ou outra. Por exemplo, ao acompanhar Marcelo na celebração do triunfo do seu padasto, o jovem Tibério fora obrigado a cavalgar no lado esquerdo, de menor prestígio. No entanto, descortesias como esta eram largamente superadas pelas vantagens do casamento da sua mãe com Augusto. Ao contrário da maioria dos outros herdeiros das grandes dinastias da República, Tibério e Druso não tiveram de ficar eternamente à espera na gaiola dourada de Roma. Em vez disso, foram autorizados a enveredar por carreiras que, na geração anterior, apenas tinham sido concedidas como um direito de primogenitura da sua classe. Nos Alpes, nos Balcãs, nas florestas e pântanos da Germânia, os dois irmãos tiveram uma sucessão de gloriosas vitórias. Destas, as obtidas por Druso brilhavam com mais intensidade, e as de Tibério foram as mais difíceis de conquistar. O mais novo dos irmãos, que a todos encantava com facilidade, tinha um talento nunca possuído pelo mais velho para fazer-se amar; e até mesmo Augusto, que nas costas de Tibério frequentemente se queixava da sua «disposição austera e inflexível»^[37], entendeu o que isso significava, e respeitava-o. Não era pequena a responsabilidade de servir como chefe dos Claudianos. Tibério, que combinava a rusticidade natural de um soldado com as aptidões e os interesses de um estudioso, era inflexivelmente antiquado. Os códigos e padrões de comportamento que sempre tinham caracterizado o seu povo desde os tempos heroicos de Ápio Cláudio no seu trajeto para o domínio do mundo, animavam-no em tudo o que fazia. Para Tibério, a República, à qual

Augusto alegava ter devolvido a saúde, não era ficção nem uma palavra despida de sentido, mas antes a essência do que significava ser-se um Romano. O *Princeps*, que pretendia acreditar no mesmo, não tinha qualquer problema com esta nostalgia pelo sistema tradicional de Roma. Muito pelo contrário: ela só confirmava a sua grande consideração por Tibério como um homem de princípios. E assim, na sequência da morte de Agripa, fez emitir uma ordem para o seu enteado. Tibério foi instruído para agir de forma a indicar a todos o seu novo e favorecido estatuto: divorciar-se da sua mulher; casar com Júlia; tornar-se não apenas o enteado, mas o genro do *Princeps*. Mas havia limites para o que até mesmo Augusto podia comandar. Apesar de, enquanto chefe da família, Augusto estar habilitado a envolver-se a seu belo prazer nos arranjos conjugais dos seus vários membros, Tibério não ia ser um fácil títere. Embora não tivesse tido escolha quanto ao tomar Júlia como esposa, não tinha de fingir que gostara. Casado com Vipsânia, a filha de Agripa, ainda antes da morte deste, para Tibério a separação foi uma infeliz experiência. O casal tinha sido feliz: Vipsânia tinha dado ao seu marido um filho, chamado Druso como o seu tio, e a sua devoção. Para Tibério, que normalmente fazia questão de não manifestar as suas emoções, era-lhe impossível esconder a agonia pela separação. Encontrando-se com Vipsânia algum tempo depois, por acaso, seguiu-a com um olhar que expressava um desgosto tal, que foram dadas ordens superiores para garantir que isso nunca mais viesse a acontecer. Mas as causas da infelicidade de Tibério eram bem mais profundas do que o divórcio de uma esposa bem-amada. O papel que Augusto dele esperava não podia ser mais humilhante para um Claudiano. Viver nos bastidores como um potencial zelador e perceber, pelos gritos e aplausos que saudavam um par de rapazes imaturos onde quer que aparecessem, o quanto mais populares eram do que ele, não era uma experiência fácil para um

homem tão orgulhoso como ele era. Na presença de dois príncipes ridículos, eram difíceis de sustentar as ilusões de que numa fronteira distante poderia haver algo para ser vivido. Dividido entre a sua lealdade a Augusto e o seu desprezo à monarquia, tão evidentemente encarnada por Caio e Lúcio, Tibério não conseguia ser feliz em Roma. Sem surpresa, ele preferia as fronteiras distantes e perigosas. Aí, de qualquer forma, os valores que ainda valorizava tinham um papel a desempenhar. E não era só isso; assim não tinha de passar tempo com a sua mulher.

O que, por sua vez, era um grande alívio para ela. Júlia, pressionada pelo pai para um terceiro casamento, era tão diferente do seu severo e obediente novo marido quanto o podiam ser duas pessoas criadas na mesma casa. É verdade que ela tinha gostado de Tibério quando ainda era casada com Agripa, ou assim se dizia. Júlia era o tipo de mulher que atraía tais mexericos. Voluntariosa, sofisticada e espirituosa, era muito amada pela sua generosidade de espírito e muito admirada pela sua inteligência e sagacidade. Nada preocupada em desmentir os rumores de adultério, atrevia-se a ridicularizar a mania de censurar dos que os espalhavam. Quando lhe perguntaram como poderia ser verdade que tinha traído Agripa, quando Caio e Lúcio eram tão parecidos com ele, ela respondeu: «Ora, porque eu só aceito passageiros depois de encher a bagageira.»^[38] O gracejo não podia ser mais chocante, à luz de tudo o que o pai representava. Por certo, a confirmação da sua predileção por uma ousadia subversiva ajudava a que todos gostassem dela. A primeira mulher em cujas veias corria o sangue sagrado de Augusto era também a primeira que brincava com o que isso podia significar na prática. As hipocrisias com que Lúvia se protegia, de forma tão sóbria, não faziam o estilo de Júlia. Quando lhe ralhavam por não competir com a frugal ostentação do seu pai, ela apenas

ria. «Enquanto ele pode esquecer que é César, eu nunca me esqueço de que sou a filha de César.»[39]

Sem surpresa, César não se divertia com isso. Ao declarar que tinha «de lidar com duas filhas inconstantes, Júlia e a República Romana»[40], o *Princeps* revelava toda a sua irritabilidade. Eram muitos os desafios da paternidade. Na sua relação com os seus concidadãos, Augusto reivindicava os direitos e as responsabilidades de um pai; por outro lado, ao dispor da sua filha, nunca podia tratá-la como se ela fosse apenas a sua criança. Ao mantê-la no seu leito nupcial, Tibério servia os interesses do *Princeps* como o fazia quando abatia bárbaros. Augusto, que durante algum tempo tinha equacionado emparelhar Júlia com um cavaleiro obscuro e inofensivo, tal era a ânsia de manter a mãe dos seus herdeiros longe de amantes ambiciosos, nunca se deu conta de que não neutralizava o problema. Tibério e Júlia sabiam-no bem. Nos primeiros anos de casamento, o casal procurou sempre mostrar uma boa imagem. Quando Tibério partiu para um Comando Provincial nos Balcãs, Júlia foi com ele. Pouco depois, deu à luz um filho. Quando o marido regressou a Roma, ela juntou-se a Lívvia, enquanto anfitriã de um banquete em que as mulheres mais importantes da cidade o homenageavam, enquanto Tibério dava um banquete para o povo, no Capitólio. Tudo parecia estar bem.

Mas não estava. A brecha entre o casal era cada vez mais acentuada. Havia uma natural falta de empatia entre a espirituosa e vivaz Júlia e o seu marido, «que já em criança era demasiado sério e austero para brincadeiras»[41]. Então, num curto espaço de tempo, suceder-se-iam dois lutos. Primeiro, perderam o filho; depois, quando Lívvia e Júlia faziam os preparativos para um segundo banquete, desta vez em honra do regresso de Druso da frente, chegou uma notícia da Germânia. Druso morrera. Tinha ficado debaixo do cavalo, que lhe esmagara uma perna, e que viria a

gangrenar.[*] Alertado pela notícia, Tibério cavalgou centenas de quilómetros através de um território ainda mal pacificado, acompanhado apenas por um guia, e chegou junto do irmão pouco antes de ele morrer. Era uma demonstração de amor fraternal, digna das mais nobres tradições dos seus antepassados, mais ainda dado Druso, também ele, ter sido um grande admirador das virtudes republicanas. Para o enlutado Tibério, não haveria expressões efeminadas extremas da sua dor. Em vez disso, como quem caminha numa paisagem descrita nos antigos anais, acompanhou o cadáver de volta à capital a pé, sem lágrimas e taciturno. Eram essas as exéquias adequadas a um herói Romano. «Não era apenas na guerra que se devia manter a disciplina, no luto também.»[42] Contudo, e para aversão de Tibério, em todos os lugares o cadáver de Druso era recebido por incontroladas manifestações emocionais. Até os soldados choravam. Chegado a Roma, a sensação de Tibério de que vivia fora de tempo, num mundo que negligenciava tudo o que tinha engrandecido a cidade, crescia de forma exponencial. Fiel à sua herança como Claudiano, ele tinha trabalhado incansavelmente nas causas do povo romano, em fronteiras remotas, no meio de florestas gotejantes, em toscos acampamentos, e, no entanto, a glória que tinha conquistado perdia brilho. Em 7 a.C. foi-lhe reconhecido um triunfo, e um ano depois concedida a *tribunicia potestas*, que Agripa também recebera: honras que, de tão ilusórias, a Tibério pareciam ridículas. Os gritos de saudação que o acompanharam, enquanto cavalgava no seu carro triunfal através de Roma, eram fracos quando comparados com os que saudavam o adolescente Caio; os poderes impressionantes de um tribuno não inibiam a sua mulher de o olhar com uma sobranceira juliana. Para alguém como ele, orgulhoso e irritadiço, tudo aquilo era insuportável.

Em 6 a.C., cinco anos depois do seu casamento, Tibério acabaria por

quebrar. A concessão da *tribunicia potestas*, que para o exterior era como a marca da sua grandeza, mergulhou-o em desespero. Quando Augusto, depois de deixar claro que só a tinha aprovado porque desejava que o seu genro arcasse com a mais fastidiosa e exigente das suas responsabilidades, e lhe atribuiu uma missão diplomática no Leste, recebeu em troca uma rotunda recusa. Habitado a não aceitar um não como resposta, o *Princeps* reiterou as suas instruções. De pronto, Tibério entrou em greve de fome e anunciou que desejava que lhe fossem retirados todos os cargos oficiais. Queria retirar-se. Furioso e perplexo, Augusto exigiu publicamente, no Senado, que ele mudasse de ideias. Lúvia, ainda mais chocada com a obstinação do filho, suplicou-lho em privado. Tibério manteve-se imperturbável. Após quatro dias de impasse, Augusto foi o primeiro a ceder. Como forma de celebrar a vitória, Tibério partiria para leste, não como representante de César, mas como cidadão privado. Instalando-se na ilha grega de Rodes, dedicar-se-ia a todos os prazeres tradicionais de uma digna aposentadoria: estudos literários, conversas com filósofos, petiscadas de peixes. Horácio, ao tomar posse da sua propriedade nos montes Sabinos, tinha feito o mesmo, produzindo, num deleitado lazer, a sua poesia alegre e imortal, numa afirmação de que a guerra acabara e celebrando a chegada da paz. Todavia, a tomada de posição de Tibério era muito diferente. Os Claudianos não eram dados a retirar-se da vida pública, em especial para uma ilha cheia de Gregos. Que o mais importante general de Roma, «o mais eminente de todos os cidadãos, depois de Augusto», tivesse perdido a esperança, dava que pensar. A saúde da República estava condenada. Tibério, nessa ostensiva inação, sabia muito bem o que fazia.

No entanto, neste caso, a sua falta não seria sentida. Na sequência do impasse com o seu genro, Augusto ficou de tal modo furioso que adoeceu. Não obstante, apesar de toda a sua fúria e perplexidade, descobriu-se que

ele podia desenvencilhar-se perfeitamente sem Tibério. Seria provavelmente diferente se houvesse uma emergência militar a pressionar; mas tudo parecia estar bem em Roma. As fronteiras mantinham-se estáveis e as províncias em paz. E não só, Caio e Lúcio, educados rigorosamente nas artes da governação pelo seu maior praticante vivo, em breve seriam homens. Um ano depois da partida de Tibério para Rodes, Caio foi homenageado pela Ordem Equestre com um grau sem precedente: «*Princeps* da Juventude». Em simultâneo, foi introduzido no Senado, designado cônsul com a antecipação de cinco anos, e nomeado sacerdote. Em 2 a.C., Lúcio foi também apresentado por Augusto no Senado, e proclamado como «*Princeps* da Juventude». «*Virtus*», como Ovídio o designou, com uma expressão absolutamente séria, «floresce cedo num César.»[43]

O rumo do futuro parecia bem definido. Embora Lúvia, ao chorar a morte do seu filho mais novo e a desgraça do seu filho mais velho, pudesse desesperar perante as perspectivas dos Claudianos, as dos Julianos pareciam estar asseguradas. Na casa de campo em Prima Porta, as galinhas brancas continuavam a pôr os seus ovos, e o milagroso loureiro continuava a crescer. Augusto, o Pai da Pátria, era também o pai de dois brilhantes príncipes. Parecia que a sua problemática filha e o teimoso do seu genro podiam, de forma segura, deixar de ser preocupações suas.

As artes do amor

Agosto, ano 2 a.C. A canícula de verão. Nas colinas para lá de Roma, as ovelhas e os bois procuravam abrigo do calor escaldante onde quer que o pudessem encontrar, enquanto os humanos procuravam o refrigério nas

fontes. Na grande cidade, nas ruas estreitas abafava-se com o cheiro do fumo acastanhado. César Augusto, preocupado como sempre com o bem-estar dos seus concidadãos, tinha recentemente tomado medidas para complementar o fluxo de água ao longo dos aquedutos da capital e das belas fontes de mármore erguidas décadas antes por Agripa, através da construção de um enorme lago. Ocupando uma área de 550 por 365 metros, estava localizado na margem mais afastada do Tibre, e era atravessado por uma espetacular ponte. Sem olhar a despesas, o *Princeps* escolheu celebrar aqui os acontecimentos dos últimos meses: a sua designação como Pai da Pátria e a consagração do seu esplêndido templo a Marte. No lago, esquadras inteiras de navios de guerra faziam a reconstituição da batalha de Salamina, a vitória heroica de 480 a.C., em que os Gregos tinham derrotado uma frota de invasores bárbaros.

Era difícil não perceber os ecos de uma vitória mais recente. Fora graças à derrota de Cleópatra e das suas hordas de tagarelas adoradores de animais em Ácio, que Augusto, quase 30 anos antes, tinha sido capaz de cuidar de uma República despedaçada, trazendo-a de volta ao seu presente saudável e dourado. Porém, a nostalgia era apenas uma parte da mensagem do *Princeps*. Olhava também para o futuro. Os bárbaros derrotados em Salamina tinham vindo das mesmas terras agora governadas pelos Partos, e Augusto sentia que tinha chegado a hora da frente leste receber uma atenção renovada. Tibério, o homem a quem originariamente fora confiada a missão, tinha rejeitado o desafio; mas Caio César, que recentemente completara 18 anos, estava finalmente preparado para assumir as rédeas. No ano seguinte, partiria para o Oriente. Ao mesmo tempo que os espetadores nas margens do lago artificial aplaudiam o estilhaçar das madeiras e o afundar dos navios de guerra, era-lhes oferecida uma emotiva visão de um

futuro no qual «as lacunas finais na governação do mundo de César seriam preenchidas»[44].

Não que todo o público estivesse muito interessado nas ambições do *Princeps*. Ovídio, que viera observar a extravagância naval, mal teve olhos para a batalha em si. Estava lá para devorar as mulheres com os olhos. «Sendo as multidões o que são, todos têm alguém que lhes agrade.»[45] Mais de 15 anos se tinham passado desde a criminalização do adultério, mas Ovídio, o poeta mais elegante de Roma, ainda se atrevia a fazer um excitante jogo com o seu gosto por mulheres casadas. Não havia melhor momento para o satisfazer do que as longas, quentes e preguiçosas tardes de verão. As janelas meio tapadas de um quarto, o jogo das sombras e dos raios de sol, os passos suaves dos pés da mulher de outro homem, o seu cabelo comprido solto, a sua garganta branca e desnudada, a sua roupa fina e sumária: Ovídio não tinha medo de suplicar publicamente pelo «gozo de muitas dessas sestas»[46]. Deliciosa, sediciosamente, além do brilho do novo templo do deus da guerra e da floresta de mastros ao longo do lago artificial do *Princeps*, Roma ainda abrigava santuários de prazeres proibidos.

Como Augusto iria descobrir em breve. Pouco depois da reconstituição da batalha de Salamina, no Fórum, perto da *Rostra* onde tinha proposto as suas leis contra o adultério, fora colocada uma coroa de flores na cabeça de Marsias. Quem a teria colocado? Os mexericos apontavam o dedo a uma culpada verdadeiramente escandalosa: nada menos do que a própria filha do *Princeps*. Júlia era alvo de boatos há muito tempo, e agora, na hora da apoteose do seu pai, o rumor chegava com a força de um vendaval. Sussurrava-se que ela tinha tido não um, mas uma multidão de amantes. Que festejava à noite no Fórum, conspurcando a *Rostra* com as suas relações adúlteras. Que se tinha entregado a estranhos sob a estátua de

Marsias. Mais que às leis e aos valores do seu deificado pai, ela tinha-o desonrado. Sendo isto um escândalo suficiente, não era o pior. Os rumores, apesar de desagradáveis e sem proveniência conhecida, insinuavam uma sombria traição. Entre os amantes de Júlia, contava-se o filho do maior inimigo do seu pai. Ao partilhar orgias com Julo António, estava a prestar tributo a Liber, o patrono de Marco António. Dificilmente poderia haver insulto mais grave a tudo o que o pai representava, a tudo o que tinha alcançado. Não é de admirar que, quando finalmente a notícia das escapadelas de Júlia chegou ao *Princeps*, os informantes se atrevessem a sugeri-las como «conspirações contra a sua vida»[47].

Quando era jovem, um terrorista a sair da adolescência, o futuro Augusto não tinha poupado ninguém nem mostrado qualquer remorso, para poder garantir que atingia a meta de um predomínio absoluto. Passadas algumas décadas, as memórias da sua crueldade juvenil tinham-se suavizado: «Ele merece bem o nome de pai.»[48] A própria Júlia, na sua obstinação, tinha-se atrevido a imaginar, como Tibério, que o *Princeps* podia ser facilmente desafiado. Erro fatal. Aqueles que conheciam intimamente a natureza de Augusto sabiam bem que um leopardo não perde completamente as suas manchas: «Por certo, não descreveria como misericórdia o que era efetivamente a exaustão da crueldade.»[49] Enquanto pai, Augusto tinha poderes tanto sobre a morte como sobre a vida. Na humilhação que a filha lhe infligira, encontrou apenas, tal como tantas vezes o fizera ao ver-se confrontado por contratempos, uma oportunidade para consolidar ainda mais a sua grandeza. Depois da forma como lidaria com a questão de Júlia e dos seus amantes, ninguém teria dúvidas de que o Pai da Pátria reservava para si o direito de destruir e de valorizar quem estava sob o seu poder. Ao invés de tentar abafar o escândalo, optou por expor toda a sua sordidez no Senado. Com uma entoação comovida e indignada, Augusto enfrentou os

ocultos sorrisos da nobreza ouvinte. Era uma mortificante indignidade, sem dúvida, mas que seria vantajosa a longo prazo. Os senadores estavam a ser confrontados com um facto da vida política que, durante muito tempo, se escondera por detrás das demonstrações de paciência e indulgência do *Princeps*: que, se ele quisesse, poderia aniquilar quem lhe aprouvesse.

Foi Julio António quem mais pagou. Não se sabe ao certo se o seu caso com Júlia terá sido tão escandaloso quanto o boato o afirmava, e muito menos tão sinistro nas suas implicações como Augusto parece ter suspeitado. As suas verdadeiras ambições estavam envoltas em sombras semelhantes às dos divertimentos noturnos. No entanto, a baixeza da sua ingratidão era indubitável. O seu suicídio repercutiu o fim do seu pai. O destino de Júlia foi, se dúvidas houvesse, ainda mais cruel. Marcada como adúltera, pagou o preço previsto pela lei do seu próprio pai: o exílio numa ilha. Longínqua e varrida pelo vento, Pandateria foi o destino escolhido para lhe servir de prisão, e, apesar de ter uma *villa* bastante agradável, esta não chegava para compensar a desvantagem de ali ser indescritivelmente fastidioso. Apenas lhe foi permitido ser acompanhada por Escribónia, a sua idosa mãe. Não lhe era permitida qualquer vida social, e até mesmo os escravos eram cuidadosamente escrutinados antes de serem autorizados a fazer a travessia para a ilha. Exceto os alimentos mais simples, o vinho e tudo o resto estava proibido. Júlia, que sempre desprezara as falsas economias na casa de seu pai, o que tanto divertia os seus admiradores, estava agora condenada a um pesadelo vivo de austeridade e tédio. Entretanto, em Roma, o grupo restrito em que ela fora a rainha indiscutível titubeava num aturdido pavor. Uma onda de perseguição a quem a imitasse ameaçava uma caça às bruxas. Apesar de o *Princeps* ter rejeitado muitas das acusações, instalou-se um clima de medo nos salões da cidade. «Quem consegue enganar o sol?»^[50] Ovídio, com o olhar penetrante de um espião

que tudo vê, imaginou-se capaz de perscrutar o quarto mais escuro, de sondar os segredos do mais cuidadoso dos adúlteros. No entanto, mesmo quando confessou os seus nervos, recusava render-se a eles. «Os meus gostos sexuais são desviantes», admitia alegremente, «já não é a primeira vez que me metem em trabalhos.»^[51] E, por certo, não seria a última. Júlia podia ter sido banida para uma existência sombria, impregnada de reminiscências antigas na sua mais primitiva brutalidade, entre o tear e a horta, mas Ovídio não se intimidou. Recusou-se a abandonar os valores de urbanidade e sofisticação que para ele corporizavam o verdadeiro espírito da época. Nos meses que se seguiram ao exílio de Júlia, quando o estado de espírito nos círculos da elite era paranoico, Ovídio ocupou-se com um projeto que dificilmente poderia ter sido mais provocatório: um guia para as artes do amor. Como era natural, fez questão de o proteger com uma estranha ressalva. «Reitero que não há nada de ilegal na minha diversão e nos meus jogos. Neles, nenhuma mulher participa de forma imprópria.»^[52] Claro que esta afirmação era demasiado solene. Na sequência do escândalo sexual mais famoso de Roma, era necessária uma peculiar coragem, ou indiferença, para expressar entusiasmo acerca das emoções e dos prazeres da sedução, como fez Ovídio. Ainda mais, dando sugestões sobre a melhor forma de uma mulher ludibriar um guarda, de como escrever mensagens em tinta secreta e de como ter uma aventura nas costas de um pai superprotetor. Conselhos assim, na sequência da queda em desgraça de Júlia, era o mais perto que qualquer um dos que pertenciam ao seu círculo estaria de dissidência aberta.

Nas ruas, era diferente. Júlia, espirituosa e abençoada com um toque popular, era a princesa do povo. Os grandes eventos realizados por Augusto nesse ano, e para os quais toda a cidade tinha sido convidada a celebrar, só tinham alimentado o fascínio do público por ela. Era amada, não apenas

como filha de César, mas como mãe de dois jovens arrojados. Ambos tinham desempenhado um papel-chave na consagração do templo de Marte, e os preparativos da partida de Caio para a sua missão no Leste não eram suficientes para evitar que as pessoas pensassem na desditosa Júlia, privada agora dos seus jovens príncipes. Para lá do esplendor do novo fórum de Augusto, na sombra da sua muralha maciça, as estreitas ruas, escorregadias e sujas, estavam pejudadas de gente que revia na filha de César, nos seus sofrimentos e nas suas dores, a fascinante representação da sua desgraça. Nos pátios miseráveis a abarrotar de gente, nas habitações instáveis, nos bairros degradados distantes e por toda a cidade, os pobres lamentavam a queda em desgraça da sua favorita. Apenas alguns meses após as pessoas se terem associado ao Senado para aclamar Augusto a uma só voz como Pai da Pátria, a unidade para a qual ele tanto tinha trabalhado, estava a desgastar-se. Manifestações e reivindicações para o regresso de Júlia, entoadas nas ruas, davam a sensação de um clima de desânimo. O novo templo consagrado a Marte, visto a partir do labirinto de becos que se estendiam atrás de si, parecia cada vez menos um monumento à grandeza de um povo unido e mais uma ilha em apuros no meio de um mar hostil.

Não tendo cedido à aristocracia, era pouco provável que Augusto cedesse à multidão. No entanto, como convinha a um homem dotado de *tibunicia potestas*, era sensível aos seus protestos. Há muito que aprendera a estar atento ao que acontecia nos bairros degradados. Nenhum regime prosperaria se estivesse disposto a deixá-los sem controlo. E este não era um ensinamento menor dos muitos que Augusto tinha trazido para a arte de governar. «Os pobres são como os lugares miseráveis e obscuros onde se despejam os dejetos e os outros resíduos.»^[53] Enquanto homem de classe suficiente para dar este lugar-comum como garantido, Augusto tinha, no entanto, reconhecido o quão vital era ser sensível à sua complexidade. Ao

longo de décadas, os seus agentes tinham penetrado nas entranhas da cidade. Das prostitutas às tabernas, tinham compilado registos exaustivos de tudo. Telhas soltas, pedras instáveis nos pavimentos, roturas nas canalizações: tudo tinha sido alvo da atenção de edis cada vez mais eficazes. Planos de propriedades e listas dos chefes de família foram elaborados com todo o pormenor. A imagem que assombrava Ovídio, de Augusto enquanto sol, com o seu olho a perscrutar permanentemente as sombras, era aquela que os agentes designados para mapear a cidade, os seus muitos inspetores e funcionários, sem dúvida reconheciam. Distante do ouro e do mármore dos *grandes projetos* do *Princeps*, o emaranhado de Roma que se mantinha labiríntico não impedia que os olhos de César tivessem conseguido penetrar nos seus recantos mais escuros e mais insalubres. O grande labirinto da mais vasta cidade do planeta, que ninguém se tinha atrevido investigar antes, escondia poucos ou nenhuns segredos para Augusto.

E, como sempre acontece, conhecimento era poder. Um pai tinha direito a acompanhar aqueles que estavam sujeitos à sua autoridade, não apenas para os punir quando errassem, mas para os manter seguros perante os perigos. Em Roma, uma potencial calamidade estava sempre à distância de uma faísca. Em 7 a.C., incendiários tinham originado um fogo que chegou a ameaçar o Fórum. Augusto respondeu a esta quase calamidade de forma previsível e mandou que fossem elaboradas mais listas. Os funcionários foram instruídos para garantir que até os mais recônditos dos sótãos estivessem equipados com reservatórios de água. Regulamentos de saúde e segurança deste tipo, que asseguravam que os bairros ficariam menos propensos a serem devorados pelas chamas, proporcionava ao *Princeps* grandes recompensas. Numa caixa de fósforos como Roma, não havia caminho mais seguro para a popularidade do que tranquilizar os cidadãos

nervosos com um serviço de bombeiros confiável. Augusto não foi o primeiro a perceber isso. Em 19 a.C., quando o *Princeps* estava ausente no Leste, um nobre arrojado e ambicioso chamado Inácio Rufo financiou o próprio corpo de bombeiros, conseguindo uma tal popularidade que lhe daria a volta à cabeça. Seduzido com a perspectiva de um consulado, e contrariando os desejos explícitos de Augusto, utilizou os representantes designados pelo *Princeps* para administrar Roma para levar por diante os seus propósitos. Na ocasião, o golpe fracassaria de forma inglória. A sua tentativa de chegar ao consulado seria reprimida. Inácio foi preso, e acabou por ter «o fim que merecia»^[54]. Augusto, no entanto, aprendeu a lição. Apenas a um homem podia ser permitido servir a cidade e suas multidões como seu guardião, e esse homem não era Inácio. Nada que beneficiasse as pessoas poderia ter outra proveniência que não do *Princeps*.

Era por isso que, apesar da indignação com o destino de Júlia, Augusto podia estar confiante quanto à improbabilidade de que as exigências populares para o seu regresso degenerassem em tumultos, ou pior. Vista do alto do Palatino, a cidade, coberta pela poluição proveniente das oficinas e casas, parecia estar permanentemente ameaçada: nas entranhas mais sombrias de Roma, onde Clódio recrutara as suas forças paramilitares nos últimos dias da República, e onde multidões, reduzidas a pele e osso pelas várias guerras do Triunvirato, periodicamente entraram em erupção. Mas esses dias pareciam ter acabado. Munido dos mapas e das informações pormenorizadas sobre a população da cidade, Augusto tinha sido bem-sucedido na promoção da ordem pública onde antes apenas havia caos. Em 7 a.C., encorajado pela sua reforma do serviço de bombeiros, visitou os vários bairros de Roma. Em vez de se aventurar no disforme emaranhado das vielas secundárias, centrou a sua atenção nas encruzilhadas, as *compita*, que ficavam no coração de cada zona urbana, e que se espalhavam por toda

a cidade como os nós de uma gigantesca rede. Augusto, como qualquer caçador experimentado, sabia o que era necessário fazer: controlar a cidade e controlar o tecido urbano.

Os Romanos acreditavam que as origens das *compita* remontavam aos tempos em que os reis tinham governado a cidade, e eram locais de enorme devoção e orgulho. Eram guardadas pelos Lares, uns misteriosos espíritos gémeos, celebrados todos os anos num festival não oficial chamado Compitalia. Em frente aos santuários de cada encruzilhada, eram oferecidos sacrifícios. Toda a gente, não importava quão humilde ou miserável fosse, estava convidada a participar na diversão; até aos escravos era permitido participar. Sem qualquer surpresa, há muito que os conservadores no Senado olhavam com profunda suspeição para tudo isso. Mas a sua preocupação estava enraizada em algo mais do que simples pretensiosismo. Muitas vezes, a Compitalia tinha acabado literalmente num motim. Foi por isso que, em 64 a.C., o Senado votou pela sua supressão. Mas a proibição não durou muito tempo. Clódio, cujo talento para a luta de rua se tinha transformado numa verdadeira arte política, encarregou-se disso mesmo. O patrocínio do festival tinha sido um fator-chave para a sua inovadora forma de criminalidade. Permitira-lhe não só recrutar apoiantes, mas transformá-los numa organização em toda a cidade. As *compita*, afinal, estavam espalhadas por toda a Roma. «A cidade tem milhares de Lares.»^[55]

O que Clódio tinha conseguido, ao transformar os seus santuários em eixos centrais das suas ambições pessoais, não estava esquecido. Ao que parecia, os pobres podiam proporcionar uma base política até aos mais ilustres nobres. Esta, como o abortado golpe de Inácio tinha demonstrado, era uma permanente tentação à disposição dos senadores ávidos de poder. Não restava ao *Princeps* outra alternativa que não acabar com isso de forma definitiva. Mas ao invés de proibir a Compitalia, como o Senado sempre

procurara fazer, tornou-se seu patrono. Augusto nunca fora um homem dado a suprimir um costume venerável, sobretudo se o podia reverter para os seus próprios fins. Ao visitar as encruzilhadas da cidade, centralizando aí o fornecimento do combate a incêndios e outros serviços, honrando-as com marcos que lhe eram favoráveis, ganhara os corações e as mentes de todos os Romanos. Os potenciais pontos de conflito tinham-se transformado, devido à sua iniciativa, em centros nevralgicos do regime.

A autoridade do *Princeps* resplandecia, até mesmo nos bairros mais sombrios e degradados e nos lugares mais lúgubres. No início de 1 a.C., quando Caio iniciou a sua missão para leste, pela fronteira no Danúbio, fê-lo a partir do grande templo de Marte, rodeado pelo marmóreo esplendor das suas colunas, na presença dos estandartes recuperados em Pártia, perante o terrífico olhar do deus da guerra. O filho de César não sujaria as suas sandálias na imundície dos becos secundários. Mas até aí, nos bairros que ficavam para lá do novo fórum, as pessoas pensavam na sua partida. Um cidadão que se dirigisse do templo de Marte para o aglomerado de oficinas, botequins e bordéis, conhecido como a Suburra, e virasse para sul, encontrar-se-ia numa velha rua, nomeada em memória dos sapateiros que em tempos a tinham ladeado, a Vicus Sandalarius[*]. No final da rua havia uma *compitum*; e aí, recém-esculpido, estava um altar. Tinha lá sido colocado alguns meses antes pelos funcionários responsáveis pelas instalações que lhe eram adjacentes: homens de origem bem humilde, mas nem por isso menos conscientes da sua dignidade. Por certo, estes funcionários não protestaram contra o destino de Júlia. Estes homens a quem Augusto tinha confiado as principais responsabilidades do governo local, permitira serem escoltados em festas públicas por lictores, e que estavam, literalmente, no centro de tudo o que dizia respeito à vizinhança, não podiam estar mais agradecidos ao *Princeps*. O novo altar, erguido junto

ao cruzamento, era uma expressão da sua gratidão. Um dos lados tinha folhas de louro esculpidas, no outro estavam troféus de vitória. Na frente, Augusto e Lúvia, retratados em pé e com Caio entre eles, olhavam-no com aprovação. Júlia primava pela ausência. Os funcionários que o tinham encomendado, se fossem capazes de imaginar a agitação e o brado que aquele seu pequeno pedaço de Roma iria originar, ter-se-iam sentido, mesmo que de forma tangencial, enredados em assuntos globais. Marte não era o único deus convocado para vigiar Caio nas suas viagens. Também o eram os Lares; e também um novo e incrível poder cada vez mais cheio de honrarias se juntava a eles. Instituído pelo *Princeps* no seu roteiro pelas encruzilhadas em 7 a.C., o seu culto já tinha raízes por toda a Roma, onde quer que houvesse uma encruzilhada onde pudesse ser erguido um novo altar: a alma inspiradora, o *Genius*, o próprio César Augusto.

Com um apoio divino desta monta, parecia fora de questão que algo pudesse correr mal a Caio. «Concedei-lhe a popularidade de Pompeu, a ousadia de Alexandre, e a minha fortuna.»^[56] Assim rezou Augusto. Mas não foram apenas os deuses os únicos guardiões da segurança do seu filho adotivo. Marco Lúlio, um veterano de numerosos comandos provinciais que, com alguma contundência, há muito tinha uma amarga querela com Tibério, foi designado como mentor do jovem príncipe, e para servir de olhos e ouvidos de Augusto. Vigiado pelos céus e guiado por um experiente conselheiro, Caio rapidamente receberia opiniões favoráveis. Deixando marca por onde quer que passasse, percorreu as cidades do Oriente até aos limites mais afastados do poder romano. Aí, numa ilha situada no rio Eufrates, desfrutou de uma invulgar cimeira com o rei da Pártia, e pouco tempo depois já estava ocupado com a matança de bárbaros variados, «para melhor segurança de toda a humanidade.»^[57] Sem surpresa, as notícias dos progressos de Caio eram recebidas em Itália de forma arrebatadora. As

esperanças depositadas pelos Romanos no seu favorito não podiam cumprir-se de forma mais promissora. «Além da sua boa conduta, ele tinha derrotado ou conseguido aliar-se ao mais feroz e poderoso dos povos.»^[58] Ao que parece, os deuses tinham ouvido as orações do seu avô.

Porém, de repente, deixaram de o apoiar. Primeiro, numa espetacular rutura, Lólio foi acusado de aceitar subornos de vários poderosos locais, sendo pressionado a beber veneno. Depois, em finais do ano 2, Caio recebeu a devastadora notícia de que o seu irmão Lúcio tinha adoecido e morrera na Gália. No ano seguinte, ao encontrar-se para entabular negociações com o comandante de uma fortaleza arménia, quase não sobrevivia a um atentado contra a sua vida. Apesar de ter conseguido uma retumbante vitória sobre os Arménios, a ferida que lhe foi infligida pelo seu pretenso assassino não sarava. A saúde e a autoconfiança de Caio decaíram de tal modo que, num ápice, ele passou a ser uma sombra do que fora anteriormente. Quando escreveu a Augusto a solicitar-lhe que o libertasse do comando, o *Princeps* mandou-o regressar, e Caio empreendeu a longa viagem de regresso da frente oriental. Mas era tarde demais. A gangrena tinha-se generalizado. Em meados de fevereiro do ano 4, depois de uma angustiante viagem através das montanhas geladas e depois num navio mercante ao longo da costa sul da Ásia Menor, Caio estava finalmente pronto para embarcar para a Itália. Mas nunca o faria. No dia 21, o filho adotivo e herdeiro designado do Imperador César Augusto deu o seu último suspiro.

Em Roma, a notícia caiu como um trovão. Ovídio, que tinha proclamado no seu guia para a sedução que Caio estava predestinado a conquistar a Pártia, optou por não o retirar do poema publicado, mantendo-o como um memorial às elevadas expetativas desfeitas. «Os teus dois pais, Marte e César, legaram-te os seus tremendos poderes.»^[59] Este tipo de

sentimentos, transformados de lisonja em escárnio pelo fim patético de Caio, faziam sorrir com sarcasmo nos círculos por onde Ovídio se movimentava. Nas ruas, era diferente. Aí, a dor perante o destino dos dois filhos de Júlia era brutal. Uma vez mais, os agitadores exigiam o regresso da sua princesa de além-mar. Uma vez mais, Augusto recusou. «É mais fácil misturar o fogo com a água», diria, «do que ela regressar.»^[60] Quando souberam disto, os manifestantes dirigiram-se às margens do Tibre e arremessaram tochas acesas nas suas águas. Até Augusto ficou abalado. A contínua violência da agitação, apesar dos anos que tinham passado desde o exílio da sua filha, perturbavam-no. Depois de deixar passar um conveniente intervalo de tempo, para que não parecesse estar a agir sob pressão, deu ordens para que Júlia fosse transferida da sua sombria e inóspita prisão e confinada em Régio, uma base naval situada no extremo inferior da Itália. Não era nada que se comparasse a Roma; mas até mesmo a monotonia de um porto na província era bem melhor do que Pandateria.

Mas Júlia não foi a única a ver suspenso o seu exílio numa ilha. Para o seu antigo marido, os últimos anos também tinham sido difíceis. Inexoravelmente, o retiro de Tibério para Rodes tinha-se tornado num exílio. O divorciar-se da sua mulher, como natural consequência do seu adultério, tinha originado também o divórcio com Augusto. Depois, passado um ano, expirou a *tribunicia potestas* que lhe tinha sido concedida, o que representava um desenvolvimento ameaçador para alguém que se tinha voluntariamente distanciado do *Princeps*. A sua imunidade legal perante injúrias e perseguições desaparecera. Tibério, ao que parecia, cometera um grave erro de cálculo. Embora, enquanto Claudiano, ainda pudesse exercer alguma influência no mundo romano, o seu prestígio tinha-se eclipsado. As cidades começaram a derrubar as suas estátuas, e os reis fantoches a desprezá-lo. Depois, com a chegada de Caio ao Oriente, a sua situação

pioraria. Uma noite, durante um jantar regado a vinho, um companheiro do enteado de Tibério ofereceu-se para embarcar num navio para Rodes e trazer a cabeça do «exilado», como ironicamente era tratado. Caio recusou, mas quando Tibério, alarmado com a notícia desse episódio, pediu autorização para voltar para Roma, foi-lhe recusada. Passou-se um ano. Tibério tinha continuado a implorar o fim do seu exílio. Finalmente, no ano 2, foi-lhe concedida a permissão, mas em termos humilhantes. Apesar de ser o chefe dos Claudianos e um dos maiores generais Romanos, Tibério ficou proibido de participar na vida pública. Quando a notícia da morte de Caio chegou a Roma, vivia num local que representava condignamente a sua retirada do Senado e do serviço militar: os jardins de Mecenas.

Mas, abruptamente, tudo se transformou. Augusto enfrentava uma crise avassaladora. A perda de Caio, o jovem brilhante que tinha sido ao mesmo tempo seu neto e seu filho, o seu «mais doce burrinho»^[61], era mais do que um devastador golpe pessoal. Tinha também arruinado as tão desejadas esperanças na sucessão. Dos seus cinco netos, restavam apenas três, e destes, dois eram meninas. Era verdade que Agripina, ambiciosa e assertiva, «tinha um espírito masculino, e nenhuma preocupação com as fraquezas femininas»^[62], mas a ideia de uma mulher, por mais capacitada que fosse, a governar o mundo era claramente um absurdo. Mas Júlia era um caso diferente. Refinada e extravagante, dava sinais alarmantes de se assemelhar à mãe em mais do que o nome. O vangloriar-se de possuir a maior casa de Roma e o mais pequeno dos anões, não era o caminho mais seguro para chegar ao coração do seu avô. Restava Agripa, o filho póstumo e homónimo do grande irmão de armas de Augusto, que viria a ser adotado pelo *Princeps* em 26 de junho do ano 4. O jovem, porém, tinha apenas 15 anos, e Augusto, passadas duas décadas da adoção de Caio e Lúcio, temia que o seu tempo se estivesse a esgotar. Apesar de continuar a parecer jovem e sereno nas suas

estátuas, já tinha 66 anos, o que fazia dele um homem velho. A morte podia reclamá-lo a qualquer momento. Depois dos seus prolongados trabalhos, estava fora de questão colocar as suas realizações em risco ao deixar o mundo nas mãos de uma criança. Assim sendo, restava-lhe apenas um caminho. Pouco depois da notícia da morte de Caio ter chegado a Roma, Augusto conseguiu que fosse atribuída a Tibério uma nova concessão de *tribunicia potestas*. Em seguida, juntamente com Agripa Póstumo, adotou um segundo filho. Tibério Cláudio Nero tornava-se um César.

Para Augusto, este foi um doloroso compromisso. É verdade que poderia parecer que havia, na adoção de dois herdeiros, um eco do consulado, a venerável instituição que tinha assegurado durante tanto tempo que nenhum homem devia exercer sozinho o poder supremo em Roma, mas era um eco enganador. Augusto conhecia melhor do que ninguém a verdadeira natureza do regime que tinha forjado; e conhecia Tibério. O mais provável era que Agripa Póstumo não conseguisse estar à altura do rígido chefe dos Claudianos. O *Princeps* tinha tomado a sua decisão, a qual, para todos os efeitos, marginalizava os do seu próprio sangue. Não que ele estivesse preparado para o reconhecer. O seu regime mantinha-se publicamente Juliano como sempre. Tibério, em virtude da sua adoção, tinha deixado de se classificar legalmente como um Claudiano. Não apenas isso, Augusto fez também um grande esforço para garantir que as linhagens gêmeas da sua casa — a sua e a de Lívia —, acabassem tão fortemente entrelaçadas que seriam indistinguíveis. A muito qualificada Agripina foi dada em casamento ao sobrinho de Tibério, filho de Druso, o tão chorado herói da frente germânica. Ao mesmo tempo, e apesar de já ter um filho, Tibério foi obrigado pelo *Princeps* a adotar Germânico, assim conhecido em honra do falecido pai. Julianos e Claudianos, indistinguíveis através das adoções, com as identidades misturadas pelo casamento, partilhariam um destino

comum. Por mais orgulhosas e antigas que as suas duas linhagens fossem, era a glória de Augusto que lhes oferecia um novo e resplandecente estatuto. Nem Juliano nem Claudiano, o futuro pertenceria a uma única casa: a Família de Augusto.

De qualquer modo, era essa a questão. Muitos duvidavam. Agripa, que se apresentava como o mais óbvio dos Julianos capaz de bloquear o monopólio Claudiano no poder, certamente não tinha muitas ilusões quanto à sua posição. Jovem e inexperiente, nada fez para esconder o ressentimento pelo avô. Quando atingiu a idade adulta, um ano depois de ter sido adotado por Augusto, já tinha ganho a reputação de instável e agressivo. Mas era nas ruas que o clima de violência era bem mais ameaçador para os planos do *Princeps*. O duradouro afeto por Júlia e pelos seus filhos, conjugado com a antipatia pelas ambições dos Claudianos, fizeram com que a escolha de Tibério para herdeiro fosse muito impopular. A severidade, que Tibério valorizava como um ancestral valor romano, era vista pela população urbana pobre como uma forte expressão de frieza e arrogância. A concessão de *tribunicia potestas* a um homem tão assumidamente nobre parecia à plebe ser uma provocação. O cargo de tribuno tinha sido inicialmente atribuído para proteger os direitos do povo; e o *Princeps*, durante o tempo em que esteve no centro dos assuntos romanos, tinha-se mostrado seu protetor e amigo. Mas agora, com Augusto envelhecido e com o poder de Tibério fortalecido, um novo clima de inquietação dominava a plebe. Os problemas aumentavam exponencialmente. Das fronteiras distantes, chegavam notícias de revoltas e de invasões bárbaras. A Sardenha foi momentaneamente tomada por piratas. O dinheiro para financiar o orçamento militar começou a faltar, e Augusto, numa tentativa desesperada de preencher a lacuna, foi obrigado a introduzir o primeiro imposto direto sobre os cidadãos Romanos em mais de um século e meio. Entretanto, o

grande programa de regeneração urbana, que tinha dado trabalho a muita gente, estava paralisado. Generalizou-se uma epidemia. A miséria abateu-se sobre os bairros degradados, e as fossas dos *carnarium* — lixeiras para as carcaças e todo o tipo de lixo — mantinham-se abertas de dia e de noite. Depois, a cidade foi varrida por incêndios de tal modo devastadores, que sobrecarregaram completamente a capacidade das autoridades locais para os combaterem, e o *Princeps* viu-se obrigado a financiar um serviço novo e centralizado. Os *Vigiles*, esquadrões de bombeiros especializados, eram paramilitares tanto na finalidade como na organização, pois estavam mandatados para policiar as ruas e para apagar os incêndios. Para Augusto era claro que o ânimo em Roma estava perigosamente inflamável. Pior do que a peste, pior do que o fogo, à cidade voltava a mesma ameaça dos tempos mais sombrios do Triunvirato: a fome. Quando jovem, Augusto tinha sido encurralado por uma multidão faminta e quase fora despedaçado. Sabia o que era enfrentar o olhar dos esfomeados. Ao ser informado de que os celeiros estavam quase vazios, fez questão de que todos soubessem que estava a pensar suicidar-se. Ao que parece, havia muita gente desejosa de que ele cumprisse a ameaça. Apesar da escassez de cereais ter sido finalmente debelada, o clima de crise não o foi. Alguns atreveram-se a pensar o impensável. O grande incêndio, dizia-se, tivera origem em diferentes lugares da cidade, «mas todos no mesmo dia»^[63], um claro indício de incêndio criminoso. Depois, durante o período da fome, apareceram cartazes nos edifícios de toda a cidade, apelando abertamente ao derrube do *Princeps*. As tentativas dos seus agentes para descobrir a sua origem falharam. Concluíram que nenhum homem sozinho «poderia ter planeado ou iniciado uma tal manifestação»^[64]. No entanto, para o *Princeps*, os protestos pareciam tudo menos espontâneos. Cheirava-lhe a conspiração. No ano da adoção de Tibério, tinha descoberto uma

conspiração do neto de Pompeu contra si. Nessa ocasião, revelando todo seu enorme desprezo através de uma arrogante demonstração de misericórdia, chamou o conspirador à parte e deu-lhe uma enorme reprimenda. Em seguida, de forma cortês, permitiu-lhe servir como cônsul. Essa era uma misericórdia fácil de conceder. Um nobre, mesmo que tivesse o sangue de Pompeu, *o Grande*, a correr-lhe nas veias, não representava grande ameaça. Os seus pares, obrigados a tolerar a supremacia da família de Augusto, nunca permitiriam que um deles emergisse como *Princeps*.

Mas e se a conspiração tivesse origem na própria família de Augusto? Seria aí que, por certo, se escondia a ameaça, e Augusto sabia-o. Atingido pela crise fiscal, procurando combater as desgraças que repetidamente varriam Roma, a idade tornava-o cada vez mais neurótico e azedo, e sem paciência para os sentimentos familiares. Quando se descobriram provas que implicavam Agripa Póstumo na conspiração, o *Princeps* poupou os nobres envolvidos no enredo, mas esmagou o seu próprio neto. Agripa foi formalmente deserdado, exilado de Roma, e banido para uma ilha remota na zona da Córsega chamada Planasia^[*], onde ficou sob apertada custódia militar. As suas propriedades foram transferidas para o tesouro militar. Todas as referências como membro da família de Augusto foram apagadas: tornar-se-ia numa não-pessoa.^[**] Augusto nunca mais falaria do seu neto mais novo, a não ser para se referir a ele e à sua mãe Júlia como duas úlceras, dois furúnculos.

Não tardaria a aparecer um terceiro. No ano 8, uma década após a queda em desgraça de Júlia, surgiram notícias de um escândalo estranhamente similar. A sua filha e homónima, notória pela vivacidade do seu estilo de vida e pelo peculiar gosto por anões, foi considerada culpada de adultério. Um terceiro membro da Família de Augusto era exilado para uma ilha árida. Tal mãe, tal filha. No meio do turbilhão de insinuações e de mexericos

sobre delitos sexuais, havia rumores de crimes muito mais graves. Os rumores, por mais truncados e contraditórios que fossem, insinuavam uma tentativa de golpe. Dizia-se que teria havido uma conspiração para libertar a mais velha das Júlias e Agripa Póstumo do exílio. À sua espera, estariam já preparados exércitos inteiros. Augusto, por sua vez, seria assassinado na Casa do Senado. Era impossível saber-se até que ponto seriam exatos os vários pormenores desta conspiração e, muito menos, como poderiam ter-se conjugado. No entanto, enquanto eram enviados trabalhadores para demolir as casas que compunham o complexo palaciano da mais jovem Júlia, e guardas esperavam para matar a criança da qual estava grávida, ficava claro que a acusação de adultério ocultava tanto quanto revelava. Era indicador, por exemplo, que o marido de Júlia, supostamente o lesado, deveria ter sido condenado à morte como um criminoso.[65] Nem talvez fosse mera coincidência que outro homem, reconhecido por viver na esteira do *Princeps*, tivesse sofrido um golpe tão devastador. Naquele fatídico ano de 8, Júlia não seria a única a ser exilada.[66] A calamidade apanhou Ovídio na ilha de Elba. Do lugar onde o poeta estava hospedado, conseguia vislumbrar-se Planasia, a ilha onde o infeliz Agripa Póstumo definhava sob custódia armada. Uma mancha azul no horizonte era um desagradável lembrete da vingativa raiva de Augusto. Não que Ovídio precisasse que o lembrassem. Há muito que tinha a cabeça a prêmio. Vindo do continente, chegou um navio com notícias tão desagradáveis que o fizeram chorar. Vacilando inicialmente entre confessar ou negar, acabaria por ceder e revelar tudo ao amigo que o recebera. A ira do *Princeps*, que Ovídio tanto tinha cortejado, caíra sobre ele. O seu guia para a sedução, no qual dava conselhos às mulheres sobre como enganar os maridos, e onde prestava uma irónica homenagem a um Caio morto, como sendo um favorito dos deuses, continuava a ser leitura dos criadores de tendências, e a provocar

sorrisos de diversão entre os agitadores: um feito de lesa-majestade para o qual o autor, ao que parecia, teria agora finalmente de responder. Mas não era o pior. O que é que tinha Ovídio feito exatamente, qual era o «erro»^[67] que ameaçava fazê-lo cair em desgraça, e que ele nunca revelaria publicamente, mas sobre o qual revelaria algumas pistas? O seu delito tinha sido de tal ordem que era perigoso mencioná-lo em público. Vira algo que não deveria ter visto, «um ultraje mortal»^[68]. Fosse o que fosse o que tenha testemunhado, era suficiente para fazer cair sobre si «a mais que merecida ira de César»^[69]. No tenso e escandaloso contexto daquele fatídico ano, só um único episódio podia explicar uma tão terrível fúria. Fosse sem querer ou resultado da sua imprudência, Ovídio tinha sido sugado para dentro do turbilhão da mais letal rivalidade de Roma: a luta entre Julianos e Claudianos pela governação do mundo.^[70] Quando Ovídio embarcou no navio a partir de Elba e se despediu do seu anfitrião, seria a última vez que os dois amigos se veriam. Nesse dezembro, «tremendo de frio», o poeta embarcou num outro navio «pelas águas do Adriático»^[71]. A ele não lhe tinha cabido uma curta viagem para uma ilha ao largo da costa italiana. Augusto, que tinha interrogado pessoalmente o desesperado e arrependido poeta antes de definir o seu destino, escolhera para ele um lugar muito diferente. Para Ovídio, o mais urbano, o mais elegante dos homens, o lugar escolhido para lhe servir de prisão não podia ter sido mais terrível. Foi enviado para os confins da Terra.

O coração das trevas

«Aqui apenas há frio, gente hostil, e as ondas de um mar congelado.»^[72]
Ovídio estava consternado ao ver-se em Tomis. Aquele não era o seu tipo

de cidade. Fundada alguns séculos antes por colonos Gregos na costa sombria e batida do Mar Negro, situava-se nos limites mais extremos do domínio romano. Apesar de Ovídio se queixar de forma exagerada de que em Tomis o inverno era perpétuo, a realidade dos seus verões amenos pouco contribuía para aliviar o seu depressivo estado de espírito[*]. Era difícil imaginar uma cidade tão diferente de Roma. A água era salobra. A comida era terrível. Ninguém falava latim, e mesmo o grego falado pelos seus habitantes chegava a Ovídio como uma linguagem meio sem nexos. Rodeado por uma árida desolação, os prazeres da capital do mundo brilhavam na sua memória como alucinações. «Aqui» refletiu com tristeza, «o bárbaro sou eu.»[73] Para Ovídio, um homem de uma elegância sem paralelo em Roma, era chocante viver entre provincianos que nem sequer se apercebiam de o serem. No interior da atarracada e a desmoronar-se fortificação de Tomis, não havia ninguém com quem partilhar a angustiante saudade da elegância da metrópole. Para lá das suas muralhas, tudo era ainda mais selvagem. O Danúbio, que ficava a 112 quilómetros a norte, aparecia nos mapas de César e dos seus estrategas como uma imensa fronteira natural, um obstáculo líquido para os bárbaros que espreitavam da outra margem; mas no terreno as coisas eram alarmantemente diferentes. Durante o inverno, quando até o mar para além do delta se transformava em gelo, o rio ficava sólido; e então, montados em velozes cavalos, com as suas barbas bordejadas de branco devido à geada, os bárbaros provenientes das regiões selvagens de além-Danúbio apareceriam, predadores e impiedosos. As nuvens de fumo, que se elevavam no horizonte sem sol, eram o sinal de aldeias incendiadas, de corpos trespassados por flechas envenenadas, de sobreviventes amarrados e expulsos com os seus pertences. Nos seus pesadelos, Ovídio imaginava-se a esquivar-se aos projéteis ou então acorrentado numa fila, e a acordar com os telhados peçados de setas. Ao

olhar para os exércitos que cercavam as muralhas de Tomis, sentia-se como se estivesse dentro de um curral. Roma não lhe parecia apenas distante, mas impotente. «Apesar da sua beleza, a grande maioria da humanidade mal sabia da sua existência». Esta era, para um homem tão dedicado à metrópole como Ovídio, uma descoberta devastadora. «Eles não temem o poderio das armas dos Romanos.»[74]

Mas havia ainda um maior motivo de ansiedade. Quando Ovídio olhava para os habitantes de Tomis, via um povo que mal se distinguia dos bárbaros que estavam às suas portas. Os homens usavam calças de pele de carneiro e eram indescritivelmente cabeludos; as mulheres carregavam potes de água nas cabeças. Em Roma, há séculos que ninguém vivia assim. Anteriormente, aquando da sua vida de luxo e sofisticação, Ovídio rira da nostalgia do *Princeps* pelos tempos de Rómulo, e repudiara os primeiros Romanos por serem assassinos, violadores e animalescos. Agora, enviado para os confins da terra, era como se tivesse sido também exilado para um passado distante. Na fronteira entre a civilização e a barbárie, Ovídio via-se num reino onde os homens pareciam meio animais, ou pior. Eles eram, queixou-se, «mais selvagens do que os lobos»[75]. Abandonado nos limites do domínio romano, olhava para a escuridão que se estendia muito para além dele, e conseguia sentir a sua imensidão, a sua força, o seu colossal desdém por tudo o que ele era. Não é de admirar que, face ao grego abastardado que os seus concidadãos falavam, ele se tenha começado a preocupar com a possibilidade de vir a perder o seu latim. O potencial para a barbárie espreitava também nos Romanos. Afinal, o fundador da sua cidade tinha chupado na teta de uma loba. Antigamente, onde hoje havia fontes borbulhantes e pórticos a oferecer sombra aos elegantes, as pessoas tinham «vivido como animais»[76]. Ovídio sabia que Roma também tinha sido um dos corações de trevas do mundo. É bem provável que só estando

fora dos limites da civilização, longe da abundância da capital, fosse possível alguém apreciar adequadamente o quão longe os Romanos tinham conseguido chegar desde aqueles tempos distantes, assim como as qualidades que tinham tornado possível atingir a grandeza. Ovídio, exilado para «uma zona fronteira recente e precariamente colocada sob a alçada do Estado de direito»^[77], fora colocado pelo *Princeps* perante um facto brutal. As artes da paz eram impossíveis sem a mestria da guerra. No cômputo final, não eram os bons esgotos ou os templos resplandecentes, e muito menos o gosto pela poesia, que distinguiam um homem civilizado de um violento, mas o aço: o aço que permitia ficar protegido numa linha de batalha, e, depois, avançar. Os Romanos, apesar de terem sido criados por uma loba, não tinham a proficiência de um animal selvagem quando se tratava de abater um inimigo. No treino, rígido e implacável, cada um deles tinha sido forjado como um único elo de uma poderosa corrente. Um soldado não tinha permissão para casar: os seus companheiros eram tudo o que tinha. Uma legião era mais uma máquina de matar do que um bando de animais. Os soldados adoravam Marte como *Gradivus* — o deus que lhes dava a coragem para avançarem, passo a passo, obedientes ao toque das trombetas, fosse qual fosse o perigo. Contra a sua marcha implacável e pesada, havia poucas perspectivas de vitória. Mesmo os guerreiros mais selvagens e sanguinários, perante a marcha de uma legião, provavelmente sucumbiam. Ao contrário dos selvagens de além-Danúbio, «que mergulhavam como pássaros quando menos se esperava»^[78], um exército Romano era educado para resistir. Os seus soldados tinham sido treinados para estripar um inimigo, avançar, e depois, cobertos de sangue, voltar a fazê-lo, acontecesse o que acontecesse. Se assim não fosse, a sua aptidão para chacinar aqueles que ousavam opor-se-lhes jamais se teria tornado tão

poderosa. «É a disciplina, a rigorosa disciplina militar, a mais segura guardiã do poderio romano.»[79]

Tudo decorria disto: a recusa em curvar-se perante os contratempos; a procura da vitória de forma obstinada, não importando quão aparentemente insuperáveis fossem as probabilidades; a paciência para ser perseverante face a repetidos reversos e revoltas. Os Balcãs, ao contrário da desoladora e indomável ameaça que Ovídio imaginava que eram, estavam na altura da sua chegada a Tomis praticamente subjugados. O processo tinha sido longo e cansativo. Muitos anos se tinham passado desde que o futuro Augusto, ávido de glória marcial, tinha proclamado a pacificação da Ilíria, e de Crasso, uma década depois, ter erradicado os Bastarnas. O maior dos feitos tinha sido alcançado por Tibério, que nos anos anteriores à sua retirada para Rodes tinha subjugado a região onde é hoje a Hungria, um território infestado de javalis selvagens e de homens ainda mais selvagens. Os Panonianos, como eram chamados, viriam a provar ser uns arreigados rebeldes. No ano 6, esporádicos focos de revolta conjugaram-se numa única e terrível conflagração. Foram abatidos comerciantes, dizimados destacamentos isolados, e invadida a Macedónia. Perante esta insurgência devastadora, até mesmo o *Princeps* tinha entrado em pânico. Num tom histérico, avisou o Senado de que se não fossem tomadas medidas urgentes, os Panonianos estariam às portas da cidade em dez dias. Felizmente, regressado de Rodes, Tibério, o melhor general de Roma, foi uma vez mais incumbido do comando. Por ser paciente e implacável, era o homem mais adequado para esmagar as guerrilhas. Atento ao bem-estar dos seus homens, assim como aos riscos de emboscadas, tapou os ouvidos às estridentes exigências da capital quanto a resultados imediatos. Fá-lo-ia de forma morosa e firme. «Na opinião de Tibério, o caminho mais seguro era o melhor.»[80] Semana a semana, mês a mês, acabaria por vencer os

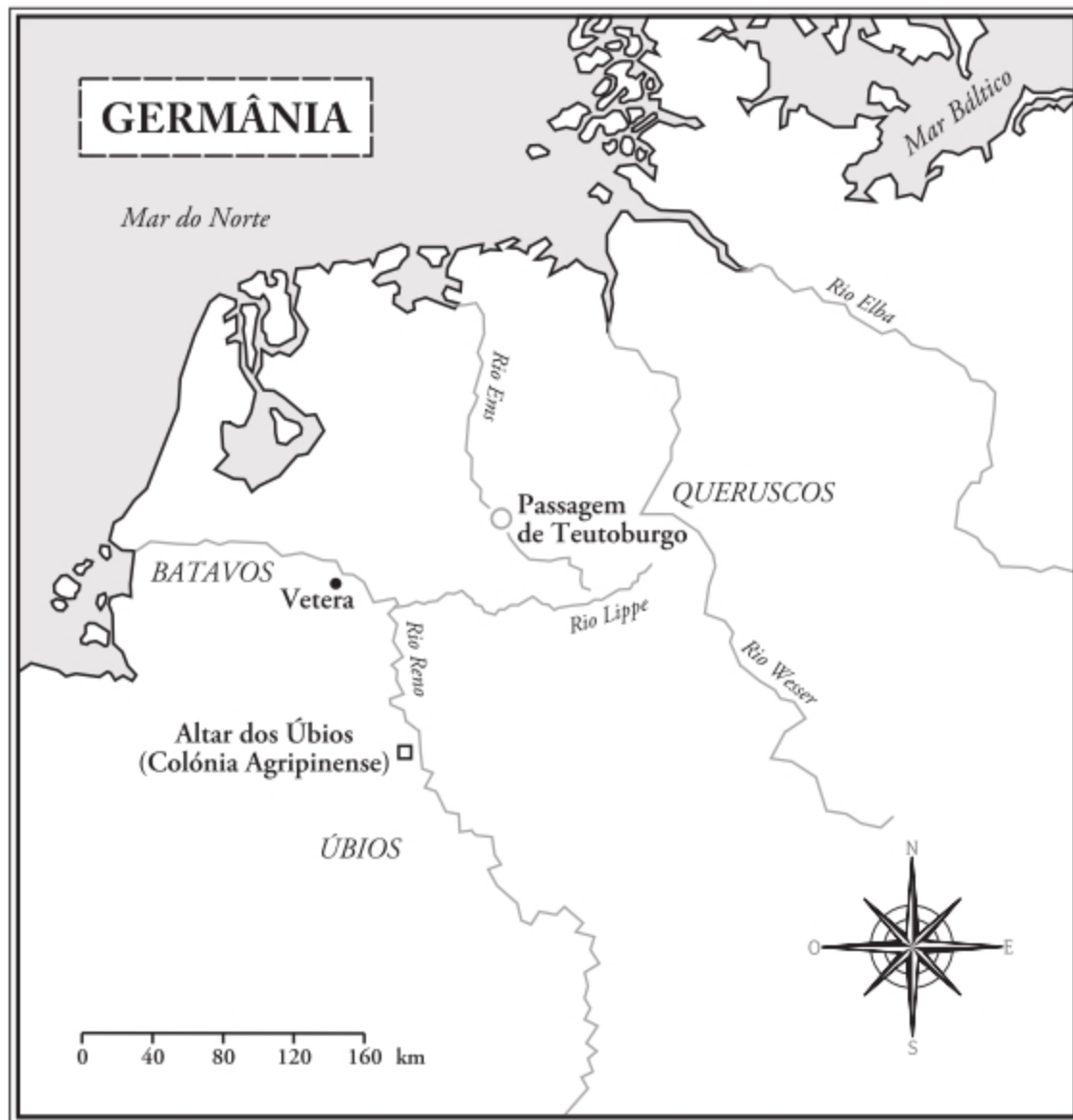
Panonianos. Acabariam por render-se no ano 8, prostrando-se maciçamente perante o general vitorioso na margem de um rio. No ano seguinte, na altura em que Ovídio se alarmava ao avistar pela primeira vez os bárbaros, o fogo e a carnificina atingiam os redutos longínquos e montanhosos da rebelião dos Balcãs. Depois de Germânico, no seu primeiro comando, ter demonstrado ser tão ineficaz quanto impetuoso, acabaria por ser Tibério a ter de ir lá desferir o «golpe de misericórdia». Completava-se a pacificação. Um vasto território, que se estendia desde o Mar Negro ao Mar Adriático e da Macedónia ao Danúbio, estava definitivamente consolidado. Tibério era mais do que merecedor da gratidão do *Princeps* e da aprovação dos seus concidadãos. «Como sempre, as asas da Vitória batiam por cima do grande general de Roma, entrançando louro nos seus cabelos brilhantes.»^[81]

Mas ainda havia trabalho para fazer. Ovídio não era o único a assinalar que os bárbaros de além-Danúbio eram perfeitamente capazes de lidar com a forte corrente das suas águas. Até mesmo as mais formidáveis barreiras naturais podiam ser cruzadas. As implicações, para quem estava encarregado de defender a fronteira, eram preocupantes e aterradoras. Os Romanos vangloriavam-se de que as suas conquistas nunca tinham sido feitas tendo como objetivo o saque. As suas guerras tinham sido travadas para salvaguardar a honra da sua cidade e os interesses dos seus aliados, e não por avareza ou sede de sangue. Na verdade, tinham dominado o mundo em autodefesa. Era por isso que, na opinião dos estadistas Romanos, «o nosso domínio global deve mais apropriadamente ser denominado um protetorado»^[82]. Será que os céus teriam permitido se fosse de outra forma? Naturalmente, já se sabia de antemão qual era a resposta. Ficava claro que era para o bem do mundo que se estendia a autoridade de Roma até aos seus mais recônditos limites. A longa e gloriosa era de paz a que Augusto presidiu residia, segundo as suas palavras cheias de orgulho, «na

submissão de todo o mundo ao domínio dos Romanos»[83]. É claro que na prática, como todos aqueles que espreitavam do outro lado do Danúbio bem sabiam, ainda havia muito que fazer para se conseguir a submissão do mundo. Contudo, tanto para benefício dos conquistados como dos próprios conquistadores, na elite romana crescia a convicção de que isso era um dado adquirido. A ambição e a responsabilidade, para não mencionar a obediência à evidente vontade dos deuses, exigiam uma contínua expansão. Estava em jogo o maior dos prêmios: «o Império ilimitado»[84].

O que isto significava em termos práticos podia ser melhor observado para além das correntes de um rio quase tão extenso e formidável quanto o Danúbio: o Reno. Quando Augusto, procurando ganhar o favor do deus da guerra, tinha erguido um templo a Marte na sua margem ocidental, ofereceu num gesto extraordinário a espada de Júlio César. A conquista da Gália, que tinha drenado uma vasta massa de barbarismo pestilento, era o óbvio modelo a seguir. O próprio César, ao pacificar as áreas ocidentais do Reno, reconhecia que não podia dar-se ao luxo de deixar a margem oriental entregue a si mesma. Por duas vezes atravessou o rio; por duas vezes desferiu aos Germanos que ali se emboscavam uma punitiva demonstração do poderio romano[*]. Décadas passadas, a urgência da tarefa para controlar as várias tribos do outro lado da fronteira mantinha-se. Era impossível administrar a Gália de forma adequada, e ainda menos transformá-la na fonte de receita esperada, com os bárbaros a invadi-la permanentemente a partir do outro lado do Reno. Isto mesmo tinha acontecido, de forma embaraçosa, em 17 a.C., quando Marco Lólio, o futuro tutor de Caio, se confrontou acidentalmente com um grupo de guerreiros Germanos, tendo perdido uma águia. Dependendo de quem a reportou, esta derrota foi classificada como um fugaz desconcerto, rapidamente retificado pelo próprio Lólio, ou como um duro golpe para o

prestígio romano, quase comparável à derrota de Crasso. Fosse qual fosse a verdade do incidente, o *Princeps*, sempre cauteloso e decidido, decidiu adotar um conjunto de respostas mais proativas para o problema dos Germanos. Viajou para o norte dos Alpes e pôs em marcha pessoalmente uma importante série de políticas. Para lhe ser mais fácil aplicar os impostos, submeteu a Gália a um agressivo censo. Guardada por um esquadrão de elite de mil paramilitares, tinha sido criada uma casa da moeda na recentemente fundada colônia de Lugdunum — a futura Lyon. O ouro e a prata, cunhados em quantidades prodigiosas, e depois carregados em vagões que os transportavam para norte ao longo de uma rede de estradas cada vez maior, tinham aumentado muito fortemente o peso da presença romana no Ocidente. Na Gália, as convulsões de descontentamento foram brutalmente silenciadas; foi construída uma cadeia de seis fortalezas para legiões ao longo do Reno; Augusto autorizou a travessia do rio e o início da pacificação da própria Germânia. Aos exércitos Romanos acenava-se agora com uma das maiores e mais terríveis façanhas da história: ganhar para a civilização os mais recônditos limites do mundo.



«É preciso coragem para se avançar para o proibido reino das sombras.»^[85] Quando Druso, na sua campanha final, se encontrava a centenas de quilómetros a leste do Reno, nas margens de uma segunda e enorme barreira natural, um rio chamado Elba, um espectro sob a forma de uma mulher colossal materializou-se à sua frente e proibiu-o de o atravessar. Não era surpresa para ninguém que as terras do Norte eram o refúgio de fantasmas e de monstros horríveis. Nas florestas sombrias que

cobriam vastas extensões da Germânia, vagueavam criaturas gigantescas com a forma de touros e entidades misteriosas a que chamavam alces, sem tornozelos ou joelhos; nas águas geladas do Oceano, que avançavam e recuavam duas vezes ao dia, dilacerando carvalhos soltos e engolindo planícies inteiras debaixo das suas marés cheias, e que bruxuleavam «os contornos de seres enigmáticos — metade homens, metade animais»^[86]. Tal como Ovídio, que ao olhá-los de soslaio descrevia os habitantes de Tomis como lobisomens, nas regiões selvagens da Germânia as fronteiras entre o animal e o humano eram ainda mais indistintas. Estudiosos Romanos, que fizeram um estudo aprofundado dos costumes germânicos, relatavam que quando as chefias desejavam ter uma reunião política, o mais provável era encontrarem-se com um cavalo. Por outro lado, «a imponente estatura dos Germanos, com os seus ferozes olhos azuis e cabelos avermelhados»^[87], era sinal de uma natureza quase tão bestial como a de alguns ursos de garras de aço que viviam nas encostas das montanhas. A geografia não podia ser contrariada. Com os seus pântanos e árvores envoltos numa bruma perpétua, os Germanos eram o fruto do seu ambiente. Os deuses, que dotaram Roma do clima ideal para o crescimento de uma poderosa cidade, tinham condenado os habitantes do gélido Norte a um atraso que era, ao mesmo tempo, dormiente e feroz, baço e intempestivo. Paisagem, clima e pessoas: a Germânia era irremediavelmente selvagem.

Seria mesmo? Afinal, o mesmo fora dito acerca dos Gauleses. Eram muito profundas as más recordações que deles havia em Roma. Em 390 a.C., uma horda de Gauleses irrompeu por Itália, aniquilou seis legiões e saqueou a cidade. Apenas com as conquistas do deificado pai de Augusto foi finalmente possível conseguir que a Gália deixasse de ser uma região pavorosa. Agora, passados 50 anos, grandes mudanças estavam a ser operadas para lá dos Alpes. O domínio romano tinha trazido uma forma de

vida muito diferente a um povo que fora famoso pelas suas calças, pelos seus bigodes gordurentos, pelos seus arruaceiros embriagados e pelo seu gosto em colecionar cabeças. Os netos dos chefes que se tinham lançado seminus contra as legiões invasoras, vestiam-se agora com togas e rejubilavam em chamar-se «Júlio». Ao invés de se encharcarem com qualquer tipo de vinho, tinham desenvolvido o nariz para os mais clássicos vinhos italianos e os *grands crus* orientais, chegando mesmo a plantar vinhas. Pontilhadas numa paisagem que antes ostentava apenas aldeias e rudes paliçadas no cimo de colinas, as cidades que começavam a aparecer eram o mais promissor de tudo: ilhas de civilização repletas de vistosos monumentos e com redes viárias. Augusto, que levava os frutos da paz aos seus concidadãos, trouxera-os também para os Gauleses. As cidades fundadas proclamavam a sua gratidão: Augustodurum e Augustomagus, Augustobona e, para variar um pouco, Caesarobona. O mais espetacular de todos os monumentos gauleses em honra do *Princeps* tinha sido erguido por Druso em Lugdunum, onde um altar para Roma e Augusto, complementado com uma dupla rampa e duas gigantes estátuas aladas da deusa Vitória, tinha sido inaugurado em 12 a.C.[88] Providenciava, num terreno neutro e numa cidade que servia de centro do sistema rodoviário da província, um foco de lealdade para toda a Gália. Nobres de mais de 60 tribos diferentes tinham-se juntado para a sua inauguração. Como seu primeiro sumo sacerdote, foi eleito Caio Júlio Vercondaridubnus, um homem cujo nome, na sua fusão do nativo com o romano, expressava perfeitamente a ordem mestiça emergente. Algo de surpreendente tinha começado a brilhar: um futuro em que os Gauleses, quiçá, não mais seriam classificados como bárbaros. «Agora vivem todos em paz, depois de terem sido escravizados e de viverem como os seus captores os instruíram a viver.»[89] E se os Gauleses podiam, porque não os Germanos? Para os altos comandos

Romanos era dado como certo que quanto mais longe da civilização avançassem, mais selvagens e mais obstinados seriam os seus adversários; mas as duas décadas e meia da campanha além-Reno davam-lhes boas razões para terem esperança. Claro que a prioridade fora a que sempre tiveram com os bárbaros: demonstrar-lhes que era inútil resistirem. Estação após estação, as colunas de legionários dirigiam-se a leste, deixando os seus aquartelamentos de inverno. A maioria das tribos germânicas, confrontadas com o armamento e a sofisticação das operações militares romanas, acabava por submeter-se de má vontade. Uma delas, a mais feroz de todas, viria a oferecer a Augusto, como símbolo da sua amizade, o objeto mais precioso que possuía, um grande caldeirão de bronze consagrado pelo sangue derramado pelas gargantas degoladas dos seus prisioneiros. Naturalmente que qualquer oposição era tratada de forma rápida e autoritária. Tibério, ao confrontar-se com uma das tribos que tinha tido a audácia de roubar a águia de Lólio, reuniu todos os seus 40 mil membros e despejou-os no lado mais afastado do Reno. No entanto, as deportações não eram o pior. Os massacres e a escravização maciça serviam repetidamente para confrontar os Germanos com a brutalidade do poder romano. A própria paisagem viria a ter a marca dos invasores. Abriram-se canais nas planícies húmidas; rasgaram-se estradas através das florestas; colocaram-se pontões ao longo dos pântanos. Até mesmo o poderoso rio Elba, que tanto tinha contrariado as ambições de Druso, viria a ser vencido no final. Nenhum espetro apareceu quando, quase uma década depois, outro exército Romano chegou às suas margens. Chefiava-o um nobre chamado Lúcio Domício Enobarbo, ou «Barba Ruiva»: um delegado que mais do que compensava as suas notórias qualidades de crueldade e arrogância por ser casado com Antónia, *a Velha*, sobrinha do *Princeps*. Seria ele quem atravessaria o rio Elba, uma conquista importante. Rio que, de acordo com a maioria dos mais recentes

cálculos dos melhores cartógrafos, se acreditava estar quase tão perto da China como do Atlântico. Ao obrigar as tribos da sua margem mais distante a reconhecerem a autoridade romana, Enobarbo tinha conseguido aproximar o sonho vertiginoso do domínio global da sua concretização. Com os Germanos pacificados definitivamente, quem iria conseguir parar a marcha de Roma até ao Oceano Oriental?

O deificado pai do *Princeps* precisara de dez anos para dominar a Gália; e os seus exércitos, no ano 9, já estavam presentes na Germânia há mais do dobro desse tempo. Enobarbo, antes de deixar o rio Elba para regressar à segurança do seu aquartelamento de inverno, ergueu um altar para Augusto na sua margem mais afastada. Foi o segundo monumento erguido por ele durante o seu mandato. O primeiro, colocado na extremidade oposta da Germânia, ficou na margem oeste do Reno, no território de uma tribo, os Úbios, que eram firmes aliados dos Romanos desde os tempos de Júlio César. Os dois altares, enquadrados por vastas extensões de terreno, serviam de poderosos símbolos de Augusto, assegurando que aquela que, durante tanto tempo tinha sido uma zona de guerra, estava, finalmente, pronta a ser constituída como uma província. A recompensa era enorme, potencialmente muito mais rica do que inicialmente se tinha sido pensado. A Germânia, descobriu-se, tinha mais para oferecer do que somente pântanos e florestas. Havia ricos terrenos agrícolas, jazidas de ferro, penas de ganso da melhor qualidade, e uma curiosa mistura de banha de cabra e cinzas a que chamavam «sabão». Desde que fora introduzido em Roma, que a alta sociedade suspirava por ele. Numa cidade que sempre valorizou o exibicionismo, não se podia esperar outra coisa. Usado nas proporções certas, o milagroso produto podia dar um toque de requinte aos cabelos mais amorfos. Na verdade, as vítimas da moda tinham de ter cuidado e não exagerar: sabia-se de casos em que a aplicação excessiva, em situações

extremas, podia provocar a calvície nas mulheres. Para estas situações, também havia uma exportação germânica a fornecer o remédio. Ovídio, nos dias felizes que antecederam o seu exílio, exultara com o impulso dado pela conquista da Germânia para o potencial *sex appeal* das suas namoradas. «Arranja tranças de prisioneiras germanas», aconselhou o poeta a uma amante depois de um infeliz acidente com tinta para o cabelo. «Vais parecer esplêndida, adornada com o tributo arrancado a todas aquelas vítimas dos nossos triunfos.»^[90]

Todavia, por muito valorizadas que as perucas castanho-avermelhadas fossem, a verdadeira riqueza da Germânia residia, não no cabelo das suas mulheres, mas nos braços armados dos seus homens. Como um animal selvagem que é domesticado para servir os humanos, um bárbaro que aceitasse a superioridade romana podia, se tratado com cuidado, ser treinado nos requisitos da disciplina militar. Combinada com a sua natural compleição física e ferocidade, o resultado não poderia deixar de ser impressionante. Tal ficaria bem evidente com o patrocínio do próprio Augusto. O *Princeps*, que podia recrutar guerreiros de qualquer canto do mundo para lhe servirem de guarda-costas, tinha optado pelos Germanos. A nostalgia pela simplicidade do tempo de Rômulo tinha-o, sem dúvida, predisposto a reconhecer nesses primitivos cabeludos certas virtudes que lhe agradavam. Podiam ser selvagens, mas eram selvagens com nobreza. Faltando-lhe os benefícios da civilização, não estavam também marcados pelas suas degenerescências. «Ninguém na Germânia encara a imoralidade com um sorriso.»^[91] Aí, segundo relatos fidedignos, uma mulher adúltera era punida com o corte total do cabelo, despida e chicoteada ao longo da aldeia. Instintos tão vigorosos quanto estes, se pudessem ser colocados ao serviço de Roma, prometiam ser muito benéficos.

Os Úbios, com o seu longo histórico de lealdade, tinham servido ao lado

das legiões desde a época de Júlio César; mas o alargamento a leste das operações tinha requerido o recurso auxiliar de tribos de toda a Germânia. Uma delas, um povo chamado Batavos, guerreiros com um talento excecional que habitavam as planícies alagadas onde o Reno se encontrava com o Oceano, forneceu recrutas maciçamente. Outras tribos, menos propensas a agradar aos Romanos, foram sujeitas a um recrutamento mais seletivo. Quando Tibério, pouco antes de ser destacado para a Panónia, seguiu as pisadas do irmão, conduzindo uma expedição anfíbia no rio Elba, assegurou-se de cortejar com honrarias as elites que encontrava pelo caminho, concedendo-lhes a cidadania e sedutores comandos. O que daí resultou, no meio das traumáticas convulsões da revolta na Panónia, deixaria Roma bem posicionada. Nos Balcãs, contingentes germânicos serviram Tibério com lealdade e bem. Entretanto, na Germânia, as tribos tinham permanecido em paz. Não houve qualquer tentativa de aproveitamento perante a distração de Roma. Os instintos do *Princeps* demonstravam estar corretos. A Germânia tinha sido ganha para a civilização. Estava pronta para a introdução de leis, de censo e de impostos: passar a ser uma província.

No ano 9, apesar de Tibério ainda estar a confrontar-se com o fogo e a morte nos Balcãs, quem viajasse para a fronteira norte encontraria um cenário muito diferente. O Reno era cada vez menos uma fronteira e, cada vez mais, uma longa estrada. As marcas da presença militar de Roma estavam, claro, bem visíveis por todo o lado: bases das legiões, armazéns de abastecimentos, navios carregados com material bélico ao longo do rio. Mas nem todo o tráfego era militar. Os barcos transportavam cereais e tropas, barris de vinho e cavalos. Embora a maior parte destes produtos se destinasse às messes dos cerca de 60 mil soldados que constituíam a força de ocupação, nem todos eram para eles. Na Germânia, como na Gália, as

autoridades provinciais estavam ansiosas para proporcionar aos nativos o modo de vida romano. No território dos Úbios, o altar a Augusto erguido por Enobarbo, à semelhança de Lugdunum, estava a transformar-se num importante centro de culto. Fragmentos de construções em betão começavam a pontificar nas margens do rio. Mesmo para lá do Reno, nas sombrias extensões onde os homens usavam penachos nas cabeças e vestiam calças apertadas, e as mulheres se vestiam com minúsculas peles de animais, já não era tudo de madeira e barro. O peculiar refúgio da barbárie estava a ser desenvolvido de forma meticulosa. A 80 quilómetros a leste do Reno, os viajantes podiam agora desfrutar de um toque urbano: ainda rude e meio tosco, é verdade, mas dotado de água canalizada, blocos de apartamentos e estátuas de Augusto[*]. Ficava claro que se um fórum em pedra podia ser construído no meio das selvas da Germânia, podia vir a ser construído em qualquer lugar. O futuro parecia mesmo brilhante. «Com a fundação de cidades, e os bárbaros a adaptarem-se a toda uma nova forma de vida, estavam a caminho de se tornarem Romanos.»[92]

Naturalmente, algumas regiões permaneciam mais seguras do que outras. Durante mais de 20 anos, desde o tempo de Druso, o caminho mais seguro para levar as legiões até ao coração da Germânia era ao longo do curso de um rio chamado Lippe. Correndo para oeste, juntando-se ao Reno, as suas águas possibilitavam aos Romanos transporte e acesso fácil às entranhas do território bárbaro. O mesmo conjunto de acampamentos e armazéns de abastecimentos que assinalava a fronteira da Gália alinhava agora o Lippe. Mas, para as forças de ocupação, o avanço ao longo das suas margens já não era necessariamente uma marcha até ao coração das trevas. As autoridades provinciais podiam agora contar com o auxílio de simpatizantes dentro das próprias tribos no projeto de pacificação em curso. A norte do Lippe, por exemplo, estrategicamente a meio caminho entre o Reno e o

Elba, ficava o território de um povo conhecido por Queruscos. Apesar da turbulência que demonstraram nos primeiros anos dos combates romanos na Germânia, Tibério tinha conseguido dominá-los. Os seus chefes, como acontecera com muitos outros, tinham sido cortejados e recrutados como auxiliares. O seu serviço ao lado das legiões tinha-lhes proporcionado um curso intensivo de cultura militar romana. Exemplo típico disso mesmo era o de um jovem cacique chamado Armínio, que tinha regressado à sua tribo de origem fluente em latim e coberto de honrarias. Não só um cidadão Romano, mas também um membro da Ordem Equestre. «Guerreiro experiente, de raciocínio rápido, e com uma inteligência superior a um bárbaro comum»^[93], tinha as qualificações ideais para ser os olhos e os ouvidos das autoridades provinciais nos redutos tribais. Armínio tinha sido educado no *modus operandi* das legiões. Sabia como os seus comandantes pensavam. Sabia das suas ambições para apertar o controlo romano nas zonas onde a sua autoridade ainda era débil. Assim, quando informou as autoridades provinciais de que se estavam a preparar revoltas no extremo norte da Germânia, onde as legiões tinham apenas penetrado esporadicamente, foi escutado com atenção. Era melhor cortar as rebeliões pela raiz. Embora o final do verão se estivesse a aproximar, não demorou muito para que três das cinco legiões colocadas na Germânia fossem enviadas para esmagar os insurgentes. Os legionários partiram de imediato. Dirigindo-se ao longo de caminhos há muito preparados pela engenharia militar, à primeira vista não havia nada que pudesse obstruir a passagem do esquadrão. Visto à distância, parecia mais uma fera monstruosa e predatória do que uma coluna de homens, cavalos e vagões. Deslocava-se como uma serpente, e a terra tremia com a sua passagem.

A comandá-los estava o homem que tinha dado ordem de marcha às legiões. Públio Quintílio Varo, delegado de Augusto na região, era um

homem experiente no combate às rebeliões. Uma década antes, como governador da Síria, ao ser confrontado com uma série de revoltas judaicas, tinha provado estar à altura do desafio. No entanto, não foram as suas capacidades como general que o favoreceram junto do *Princeps*. Augusto, sempre cuidadoso com aqueles a quem dava o comando de cinco legiões, confiava em Varo como em si mesmo: o homem que tinha sido casado com uma das filhas de Agripa, e depois com a sua sobrinha-neta. Mas tal particularidade não teria contado para nada se Varo não tivesse também demonstrado toda a sua impressionante competência nas várias funções esperadas de um governador de província: no providenciar a segurança interna; na administração da justiça; na cobrança de impostos. Na opinião de Augusto, eram precisamente estes talentos o que se pedia com urgência para a recém-formada província de além-Reno. Depois de décadas em que os líderes Romanos só se tinham apresentado aos Germanos como chefes militares, Varo tinha começado a mostrar-lhes algo mais. Afinal de contas, a paz tinha aspetos peculiares e impressionantes. A toga, os lictores e os *fasces*: também estes, quando se tratava de persuadir os bárbaros a pagar impostos romanos e a obedecer às leis romanas, tinham um papel a desempenhar. De facto, Varo não hesitava em aplicar uma devastadora força militar quando necessário; mas era sua intenção, agora que a Germânia fora conquistada, ganhar a paz, como conseguira na guerra.

Ao passar pelos territórios dos Queruscos, o governador tinha a certeza de que a sua estratégia era a correta. Como general que chefiava cerca de 18 mil militares, ele apresentava-se aos seus anfitriões com a mesma demonstração de invencibilidade marcial que os Germanos tinham aprendido a temer em todos os lugares; mas como delegado de Augusto, era simultaneamente a face da paz e da ordem romanas. Laços de interesses mútuos ligavam administradores provinciais e chefes militares germanos; se

Varo tivesse alguma dúvida acerca disso, bastava olhar para o seu séquito. Nele, movimentando-se entre os seus auxiliares, sempre pronto a aconselhá-los num fluente latim, estava Armínio, príncipe Querusco e membro da ordem equestre Romana. À medida que Varo e as suas legiões se dirigiam mais para norte, para regiões onde os engenheiros militares de Roma raramente se tinham aventurado, era inestimável a orientação de um homem familiarizado com os caminhos incertos no meio das florestas e dos pântanos. Quando Armínio se ofereceu para ser o batedor da coluna, verificar se havia emboscadas e abrir o caminho, Varo naturalmente aceitou. Afinal, para apanhar de surpresa os insurgentes, quem melhor do que um dos seus compatriotas?

Mas Armínio não voltou. Nem qualquer um dos destacamentos enviados por Varo regressou. A explicação não tardou a chegar. Ao avançarem pela densa floresta, preocupados com o abate de árvores e o atravessar das ravinas, a coluna alongada e dispersa foi repentinamente surpreendida pelo arremesso de lanças a partir das sombras; a chuva que, entretanto, começara a cair, transformou a montanha em lama e adensou de tal modo a escuridão, que fazia com que as pontas dos dardos de ferro, ao rasgarem o ar, se confundissem com granizo. Os legionários, impedidos pelo terreno de assumir a sua habitual formação de combate, não tiveram outra escolha senão fugir pelo meio da escuridão da floresta, tropeçando nas raízes e nos cadáveres dos seus companheiros, até chegarem a um local suficientemente aberto que lhes servisse de acampamento. Aí, enquanto os soldados se apressavam a levantar paliçadas de barro e com a chuva a apagar-lhes as fogueiras, Varo conseguiu fazer um balanço. A sua situação era tudo menos perfeita, mas ainda não era crítica. As emboscadas sempre tinham sido um risco potencial nas campanhas além-Reno. Até Druso tinha sofrido algumas. O fundamental, quando se estava num terreno hostil, era viajar sem peso e

tomar decisões seguras. Assim, Varo mandou incendiar todos os seus carros para melhor acelerar o regresso em segurança até à zona militarizada de Roma. Com terreno que lhe era estranho tanto para norte como para sul, estabeleceu a rota mais óbvia, que na verdade era a única. Ele e as suas legiões contornariam a densa floresta e as montanhas através do que nas cartas romanas era indicado como o «*Teutoburgiensis Saltus*» — a Passagem de Teutoburgo[*].

Assim, no dia seguinte, a longa coluna de soldados deixou o acampamento noturno e caminhou como uma serpente pelo campo aberto. À esquerda dos Romanos erguiam-se colinas cobertas de carvalhos; à sua direita, uma enorme extensão de prados e pântanos, salpicados de fazendas abandonadas, alegrados pelas flores silvestres do fim do verão. Arrieiros nervosos arrancavam punhados de erva para colocar dentro dos chocalhos pendurados nos pescoços dos animais de carga, na ânsia de abafar o som dos badalos. Sábia precaução. Continuavam a ser atacados sempre que se adensava a floresta ao longo do caminho. Mas Varo decidiu não perseguir os seus agressores. Os bárbaros, cujas fantasmagóricas tropas emergiam entre as árvores para lançarem as suas armas antes de retrocederem e desaparecerem de novo, podiam dificultar, mas não deter o avanço da coluna. Depois de três dias de confrontos, os legionários confirmavam o seu profundo desprezo pela forma de combater dos Germanos. Por mais cansados e ensanguentados que estivessem, e apesar do rasto de cadáveres deixado atrás de si, sabiam que o treino, os equipamentos e a disciplina os tornavam infinitamente superiores em tudo o que se podia exigir de um soldado. Por isso não era de admirar que os revoltosos, aos quais faltava a mais rudimentar das armaduras e que apenas possuíam armas de ferro mal forjado, se recusassem a lutar em campo aberto. Em vez disso, como os insetos criados num pântano de água estagnada, zumbiam, atacavam e

mordiam. Ao terceiro dia de marcha, os pântanos à direita das legiões pareciam escarnecer da qualidade pestilenta dos seus adversários, cada vez mais escuros e em maior número. Entretanto, à sua esquerda as florestas nas colinas eram cada vez mais densas. Os confins da Germânia nunca tinham parecido tão selvagens, e a segurança da zona militarizada, com os seus acampamentos, os seus banhos quentes e as suas estradas pavimentadas para o mundo exterior, mais atraente. As legiões moviam-se pesadamente.

Começou a chover. À frente, sombrio pelo chuvisco acinzentado, surgia um pontão da floresta que se estendia pela linha de colinas. Em vez de o tentarem atravessar, os legionários viraram a norte, contornando-o. Ao fazê-lo, depararam-se com os pântanos. O caminho estava repleto de regatos, e a lama era cada vez mais profunda. Patinhando naquele terreno enlameado e escorregadio, os legionários cambaleavam em frente. Só havia terreno firme nas margens dos pântanos, mas até aos mais profissionais dos soldados era impossível manterem-se no trilho, pois era estreito e irregular e dificultava a manutenção da formação em coluna. Como resultado, quanto mais as legiões avançavam ao longo do sopé das colinas, mais se desorganizavam. E o pior ainda estava para vir. A coluna, ao mesmo tempo que começava a desintegrar-se, afunilava ao longo do flanco esquerdo e já não seguia pelos contornos naturais da colina, mas por paredes de relva protegidas por uma paliçada. Se, no meio daquela chuva e do avanço caótico, algum dos legionários tivesse parado para estudar os obstáculos do percurso, teria reconhecido algo surpreendente: continha todas as marcas dos seus métodos de construção. O que é que aquelas paredes ali estavam a fazer, e o que levaria alguém treinado em engenharia militar romana a construí-las ao longo das margens de um pântano disforme? Porventura, a óbvia, a única resposta, começara a ser encontrada por alguns ainda antes de se ouvir o desagradável e estrondoso grito de guerra dos Germanos que se sobrepunha

ao tamborilar da chuva, antecipando a saraivada de lanças que iria atingir todas as linhas de Varo, antes da chacina se ter generalizado. Mas, nessa altura, já era demasiado tarde. A emboscada foi avassaladora. Para os legionários, parecia que estavam a ser atacados por monstros, gerados na floresta e nas pedras, que emergiam por detrás das paredes para os atacar. Uivando em línguas bárbaras, eram muitos milhares, uma horda imensa muito maior do que o que uma única tribo conseguiria reunir. No entanto, não havia tempo para reorganizar. A coluna romana era um completo caos. As águas rasas do pântano já estavam repletas de corpos perfurados pelas lanças, e aproximava-se uma maior razia. As espadas cortavam e decepavam os legionários, transformando-os em destroços sangrentos. Desorientados, cegos devido à chuva e em pânico, os soldados não eram capazes de assumir as posições de combate. Em poucos minutos, a sua coluna foi irremediavelmente desfeita. Pilhas de mortos jaziam espalhados ao longo da encosta ensanguentada. Os feridos, com as entranhas derramadas na lama ou com ossos quebrados, gritavam por misericórdia, mas nada lhes podia valer, e os seus agressores, movendo-se entre eles, acabavam por matá-los ali mesmo a golpes de lança e de espada. Em breve, ao longo da vertente nauseabunda, os bárbaros espalharam-se a dar caça aos sobreviventes. Alguns tinham procurado fugir para os pântanos, mas por lá não havia escapatória, apenas a lama que os sugava à beira dos juncos, enquanto os seus agressores os atacavam. Um dos porta-estandartes arrancou a sua águia do lugar, envolveu-a na sua capa e mergulhou com ela nas águas sangrentas do pântano, mas sem qualquer proveito. Tanto ele como a sua águia, juntamente com dois outros padrões, foram capturados. Entretanto, aqueles que estavam na retaguarda da coluna tinham freneticamente tentado retroceder, mas viriam também a ser caçados. Apenas uns poucos, que se esconderam entre as árvores como animais,

conseguiram fugir. Mas do exército liderado por Varo na Passagem de Teutoburgo, três divisões inteiras da força de combate mais formidável do planeta, ninguém escapou. O massacre foi absoluto.

Varo, desesperado para não ser feito prisioneiro, caiu sobre a sua espada. Outros oficiais não tiveram tanta sorte. Em vez de os executarem como haviam feito com os outros Romanos feridos, os vencedores capturaram-nos vivos. Os cativos tinham pressentimentos negros sobre os horrores que os esperavam. Todos os que tinham servido na Germânia tinham ouvido narrativas sobre os mortíferos rituais praticados pelos nativos nos seus pântanos e bosques. Os seus deuses eram ávidos de sangue humano. A variedade era o tempero da morte. E assim foi. Alguns prisioneiros foram levados em grupo, aos tropeções, através das águas rasas dos pântanos, e, depois de bem atados, foram afogados onde a lama era mais profunda; outros foram levados para dentro da floresta. Aí, onde um grande número de bárbaros se tinha reunido, os oficiais que conseguiam compreender a particularidade dos assuntos germânicos tiveram uma melhor, e derradeira, oportunidade de perceber o que tinha acontecido ao seu exército. Nenhuma tribo poderia ter convocado o número de homens que irrompera do bosque na parte superior da passagem. De alguma forma, alguém tinha conseguido forjar uma confederação, apesar das notórias desavenças entre os bárbaros. No entanto, não tiveram oportunidade de perguntar. «Finalmente, ó víbora, deixaste de silvar.»^[94] Assim gritou um Germano, em triunfo, para um prisioneiro cuja boca tinha acabado de coser, depois de lhe ter cortado a língua. Contudo, alguns, a quem os olhos não tinham sido arrancados, puderam olhar em volta enquanto os arrastavam para a morte, e reparar num bárbaro em particular que presidia aos rituais. A sua identidade, para os oficiais que durante tanto tempo o consideraram um camarada, seria naquele dia horrendo o choque final e mortífero. Enquanto as suas

gargantas eram degoladas, ou se engasgavam na ponta das cordas penduradas nas árvores, ou esperavam ajoelhados que as suas cabeças fossem decepadas por um golpe de espada, puderam reconhecer o homem que os tinha destruído e à mais querida das ambições do Imperador César Augusto: Armínio, o principesco membro da Ordem Equestre romana.

Cherchez la femme

Tibério era muito propenso a ter borbulhas. Alto, musculado e bem proporcionado, com uns olhos tão penetrantes que supostamente podiam ver no escuro, e ostentando o corte de cabelo que desde há muito era a imagem de marca dos Claudianos, era reconhecidamente bem-parecido, não fossem as borbulhas. Inopinadamente, irrompia-lhe no rosto uma violenta erupção cutânea. Apesar da sua boa aparência, nunca foi capaz de parar a acne.

A chama de um grande feito também podia acabar cheia de marcas. O registo de Tibério ao serviço de Roma equiparava-se com o dos maiores generais da história da cidade, e, ainda assim, várias vezes as suas vitórias ficaram manchadas por repentinos desastres. Em 9 a.C., as suas vitórias nos Balcãs tinham sido ofuscadas pela morte do seu irmão na Germânia; no ano 6, a sua série de sucessos na Germânia, pela rebelião nos Balcãs. Agora, na hora do seu maior feito, chegava a Roma a notícia de uma calamidade que suplantava os piores pesadelos da cidade. As numerosas celebrações programadas para comemorar a derrota final dos revoltosos da Panónia foram abruptamente canceladas. Festejos triunfais estavam fora de questão, enquanto os restos mortais de três legiões jaziam como alimento para os lobos e os corvos germânicos. Os Romanos estavam de luto, mas também a

entrar em pânico. Um medo primordial, que a amplitude e o alcance das suas conquistas apenas tinham servido para pacificar, mas não para eliminar, voltava a ganhar força: serem atacados pelos bárbaros, descendo das profundezas do norte sombrio, invadindo a Itália, destruindo as suas defesas, e transformando a sua cidade num rio de sangue. Relatos de que se tinham avistado três grandes colunas de fumo a crescer acima dos Alpes não ajudavam a acalmar o nervosismo, e ainda menos a súbita praga de gafanhotos que se abateu sobre a capital. A presunção da invencibilidade de Roma, em que os Romanos quase chegaram a acreditar, dera lugar ao oposto entre muitos cidadãos: a convicção desesperada de que o seu império estava condenado. A evidente crispação do *Princeps* não ajudava a combater o alarmismo. Para um homem que confiara a sua própria segurança a tropas germânicas, a revelação da traição de Armínio era um duro golpe pessoal. Os seus guardas foram rapidamente transferidos para várias ilhas inóspitas. Na capital, outros Germanos, não importava quais fossem os seus negócios, foram expulsos, enquanto se declarava o estado de emergência nas ruas da cidade. Entretanto, numa casa agora despida de bárbaros, Augusto limitava-se a vaguear, recusando-se a que lhe cortassem o cabelo, e batendo com a cabeça contra as portas. Toda a sua vida, ele tinha sabido jogar com a zona sombria que ficava entre a aparência e a realidade com suprema genialidade: não apenas para velar pelo seu poder em detrimento dos seus concidadãos, mas também para intimidar todos os que, fora dos limites de Roma, presumiam duvidar do poder romano. O desassossego que não tinha conseguido dominar no Senado, quando se recebeu a notícia da revolta na Panónia, tinha mostrado até que ponto ele estava alertado para o logro que tal consubstanciava; mas agora, na sequência do desastre da Germânia, viu-se obrigado a encará-lo de frente. Como é que a sua grande inovação de um exército permanente podia lidar

com um choque tão grande? Os alicerces militares dos quais a supremacia romana dependia, e que tinham sido testados ao limite na Panónia, revelavam-se agora de uma fragilidade alarmante. As 28 legiões que serviam de guarnição do império foram reduzidas num único dia em um nono. Não surpreendia o choque à confiança de Augusto. Nos seus melhores tempos, perante uma crise militar, nunca se teria ouvido no Palatino o repetido uivo onde misturava impotência e fúria. «Quintílio Varo, devolve-me as minhas legiões!»[95]

Um pedido vão, é claro. Em vez disso, tinha de ser encontrada alguma outra forma de se preencher a lacuna. A insurgência nos Balcãs já tinha levado as reservas de mão de obra romana quase ao ponto de rutura. Agora, com toda a fronteira do Norte em chamas, o *Princeps* não tinha outra alternativa senão impor as medidas que, na sua longa administração da República, já devia ter feito há muito tempo: a convocatória dos veteranos na reserva, o recrutamento forçado e a intimação dos desocupados. À frente desse improvisado exército do Norte, quase sem ter descansado dos rigores dos Balcãs, estava o único candidato concebível, o homem que Roma reservava para as crises, incansável como sempre. Cinco anos antes, ao chegar à Germânia, Tibério tinha sido recebido com efusivas manifestações de júbilo por aqueles que já tinham servido sob as suas ordens. Os veteranos familiarizados com o seu meticuloso estilo de comando, rodearam-no e, com lágrimas nos olhos, deram vivas às suas glórias militares e saudaram o seu regresso. Agora, com os gritos das legiões de Varo a ecoar na imaginação de cada soldado, a chegada ao Reno de um general famoso por se recusar a arriscar a vida dos seus homens com inúteis exhibições de machismo, era ainda mais bem-vinda. A crise não precisava de exibicionismos.

Pelo contrário, a contenção era agora uma desesperada necessidade. O

prestígio e o poderio de Roma tinham sido de tal modo atingidos pelo golpe infligido por Armínio que todos os lugares a norte dos Alpes pareciam estar em risco. De forma constante e implacável, como era seu timbre, Tibério lançou-se à tarefa de reforçar a autoridade romana. Primeiro, estabilizou a Gália e, de seguida, as defesas ao longo do Reno. Rodeados por formidáveis paliçadas, e protegidos pelo fosso natural do rio, os enormes acampamentos na margem ocidental, que durante décadas tinham servido de bases de inverno para as legiões na Germânia, permaneciam seguros. A leste do Reno, a história era diferente. Aí, na sequência da vitória de Armínio, um devastador incêndio tinha destruído as bases avançadas dos Romanos no Elba. As cidades ainda meio acabadas foram abandonadas. As estátuas de Augusto jaziam esmagadas no meio dos escombros e das ervas daninhas. Esqueletos espalhavam-se pelas fortalezas carbonizadas. Apenas uma única base tinha sido evacuada com sucesso, mas também ela seria incendiada, imediatamente após a retirada apressada. Era como se todas as infraestruturas da ocupação nunca tivessem existido.

Familiarizado com os perigos da guerrilha, Tibério sabia que tinha de assegurar a sua retaguarda antes de avançar para as regiões inóspitas e selvagens. Por mais morosa que esta tarefa fosse, era fundamental. Durante mais de um ano, Tibério limitou-se a firmar as defesas do Reno. As bases militares foram atualizadas; foram transferidas unidades de outras províncias, e os recrutas da Itália foram integrados no comando geral. No ano 11, onde antes havia apenas cinco, estavam agora acampadas oito legiões, enquanto que na Gália nem um cavalo ficou. Tibério, finalmente, podia aventurar-se no outro lado do rio. As investidas foram, como seria de prever, punitivas. Queimaram-se culturas e aldeias. Limparam-se as estradas militares de todos os obstáculos. Garantiu-se a segurança de uma área ao longo da margem oriental do Reno. A partir daqui, podia tentar-se

levar por diante o desejo do *Princeps* de conquistar a Germânia, mas Tibério não tinha quaisquer ilusões quanto ao desafio que isso representaria. Além do Reno, o perigo escondia-se agora em todos os lugares. Um único erro, uma única falha em detetar uma sombra nas encostas de uma colina ou nas profundezas de uma floresta, e o desastre podia ser total. Ninguém, do menor ao maior graduado, podia dar-se ao luxo de baixar a guarda. Quando um oficial sénior enviou um grupo de soldados ao longo do Reno, para escoltar um dos seus ex-escravos numa caçada, Tibério ficou de tal modo irado que lhe retirou imediatamente o comando. A situação era demasiado tensa para qualquer indício de frivolidade. Tibério, praticando o que dizia, reduzira ao mínimo a sua bagagem, estava disponível a qualquer hora para os seus oficiais, e, invariavelmente, dormia fora da tenda.

Esta apertada, quase neurótica, atenção aos pormenores, embora não lhe garantisse decisivas vitórias, era suficiente para lhe garantir que seria um alvo mais difícil de atingir. Era imperioso que os Germanos percebessem que a máquina romana de guerra tinha capacidade de se regenerar. Três anos depois da emboscada na Passagem de Teutoburgo, as legiões marchavam mais uma vez através da Germânia. Tibério, que conseguira evitar todas as emboscadas, e tinha até sobrevivido a uma tentativa de assassinato, podia bem sentir-se satisfeito com os seus esforços. A Gália e o Reno estavam seguros. As hordas bárbaras não iriam avançar sobre a Itália.

O «mais exclusivo defensor dos Romanos»^[96] tinha conseguido concretizar tudo o que podia fazer. «A vigilância de um homem, de apenas um», como Augusto afirmou, «resgatou-nos da ruína.»^[97] No ano 12, com o final da temporada das campanhas militares e o regresso das suas legiões às suas bases no Reno, Tibério deixou o comando e regressou, por fim, a Roma. Aí, o tempo tinha estado terrível todo o outono, com o céu carregado e uma chuva interminável. De repente, na manhã de 23 de outubro, as

nuvens dissiparam-se e um sol brilhante começou a secar as ruas onde a multidão se reunira para saudar o triunfo de Tibério. Choviam apenas pétalas de rosas. Resplandecente, a parada era abrilhantada com as armas e armaduras capturadas, as coleiras à volta dos pescoços dos prisioneiros acorrentados e os estandartes transportados num imponente desfile. Os troféus de ouro, iluminados pelo sol, cobriam o mármore dos edifícios do Fórum de reflexos dourados, e as efígies de prata, primorosamente decoradas, e transportadas na parte frontal do carro de Tibério, retratavam para os Romanos as muitas vitórias por ele conseguidas em seu nome: «As cidades bárbaras, as paredes derrubadas, os habitantes vencidos. Os rios, as montanhas, e batalhas nas profundezas das florestas.»^[98]

Apesar de todo o clamor e do espetáculo, havia qualquer coisa que faltava. Um ténue manto de insatisfação, semelhante a outros sob os quais Tibério tantas vezes tivera de trabalhar, pairava sobre o seu grande momento. A multidão comemorava, não a estabilização que conseguira na região de além-Reno, mas a pacificação dos Balcãs. A sua grande conquista que garantia que os Romanos ficavam a salvo das incursões bárbaras, por ser desinteressante, não era saudada. Os seus concidadãos, a maioria dos quais nunca tinha cheirado a madeira crua de uma paliçada recém-construída, e ainda menos o cheiro fétido dos pântanos germânicos, não se mostravam interessados nos pormenores cansativos da ação na fronteira. O que eles queriam eram provas de impetuosidade e ousadia, qualidades que Tibério nunca tinha tido muito interesse em exhibir. Eram bem mais antigas as virtudes que ele mais prezava, enquanto atributos de heroicidade e integridade do povo romano: o dever, a determinação e a autodisciplina. Em pé, no seu carro, cara séria e cabeça levantada, percorreu as ruas da cidade abstendo-se de acenar para quem o saudava. Se os espetadores queriam ver

alguém mais popular tinham de olhar para outro lado, onde o ídolo perfeito, como aconteceu, estava pronto para lhes acenar.

Entre os troféus de batalha que desfilaram no triunfo de Tibério, havia alguns que eram pertença de um segundo, e bem mais arrojado, comandante: Germânico. Pouco importava à maioria dos presentes que algumas das aventuras do jovem estivessem muitas vezes próximas do desastre, e que em mais de uma ocasião o seu tio tivesse de lhe valer. O que lhes importava era a sua afabilidade, o seu estilo, a sua compleição jovial, a sua aparência dinâmica. Na verdade, a ânsia de Germânico em ter uma melhor aparência tinha-o levado a esforçar-se para acentuar as entradas do cabelo. Esse tipo de vaidade era algo que tinha herdado. Sendo parecido com o pai, Germânico tinha as marcas de um avô ainda mais ilustre e carismático do que Druso, porque a sua mãe era Antónia, *a Jovem*, filha de Marco António e Otávia. «Tanto na guerra, como na paz, tu és a flor da nossa geração.»^[99] Tibério, que era um tradicionalista, não tinha tempo para tais despudores, mas os Romanos, na sequência da sua breve, mas intensa, paixão por Caio, mantinham um grande apego ao culto da juventude. Agora, no afável Germânico, tinham encontrado um novo protagonista. Tibério, por comparação, não conseguia deixar de parecer um homem fora de moda.

Todavia, ele estava duplamente comprometido. Apesar da sua idade e dos seus muitos anos de serviço a Roma, permanecia legalmente dependente e submetido à *patria potestas* de Augusto. Para um homem tão apegado aos valores da sua classe social, como Tibério, a autoridade de um pai não podia ser contrariada. Os mesmos ideais que lhe inspiraram ao longo da vida o desprezo republicano pela monarquia, faziam-no estar dolorosamente consciente dos seus deveres de filho perante o *Princeps*. Numa outra época, a linhagem de Tibério e as muitas honrarias ganhas nas batalhas teriam

servido para ganhar para si o que os Claudianos sempre mais desejaram: a primazia entre os seus pares. Mas agora não. A primazia chegar-lhe-ia apenas por direito de sucessão e Tibério não o podia mudar. A sua lealdade a Augusto não era apenas a um pai, mas ao salvador de Roma. Por mais mortificante que fosse ver que a sua folha de serviço tinha menos peso nos assuntos da cidade do que o favorecimento de um envelhecido autocrata, era demasiado o que devia ao *Princeps* para permitir-se entregar-se ao ressentimento. A mesma gratidão que fomentava em Tibério emoções de profunda humilhação servia-lhe também de trunfo. Preso num papel que desprezava, os seus próprios princípios apenas o confirmavam como seu prisioneiro.

Mas essa obrigação moral não era só perante Augusto. «Obedeci aos meus pais. Sempre aceitei a sua autoridade. Justos, injustos ou cruéis, sempre tiveram em mim alguém obediente e condescendente.»^[100] A mãe não era menos importante do que o pai na salvaguarda das principais tradições da elite romana; e Lúvia, há meio século a companheira constante e confiável do seu marido, era o verdadeiro modelo da seriedade matriarcal. Em todos os anos do seu casamento, nunca desiludiu Augusto. Obrigada a servi-lo simultaneamente como modelo de virtude doméstica e como *Romana princeps*^[101], a «Primeira-Dama de Roma» demonstrou ter talento para resolver situações complicadas, o que «era compatível com a subtileza do marido»^[102]. Quando Lúvia assistia a um sacrifício, envergava a *stola* caseira a cobrir de forma modesta a cabeça; quando trabalhava no seu tear, usava um penteado de uma tal simplicidade que, por todo o Império, as criadas das senhoras, agradecidas, respiravam de alívio por tê-lo transformado em moda. Ninguém, agora que Lúvia tinha 70 anos de idade, tinha motivos para duvidar da sua castidade, nem para a censurar por se comportar de forma inadequada ao seu estatuto social. Augusto não era o

único a ser abençoado na sua relação com tal exemplo. A um herói de guerra como Tibério, que aspirava a ser venerado, era quase obrigatório ter uma mãe virtuosa. As marcas de retidão de Lúvia eram tão verdadeiras para os ideais da sua família, quanto as do seu filho. Até mesmo aqueles que dela duvidavam eram obrigados a reconhecer que «o seu comportamento era, incontestavelmente, da velha escola.»^[103] O que só aumentava as suspeitas daqueles que dela desconfiavam. Era, naturalmente, um dado adquirido para todos os cidadãos bem-pensantes que as mulheres deviam manter-se afastadas dos assuntos de Estado: «Seria qualquer coisa de terrível se elas pudessem aproveitar-se do que era convenientemente exclusivo para os homens: o Senado, o exército e as magistraturas!»^[104] Augusto, que era um conservador em tudo, exceto quanto ao seu apetite pela supremacia, estava naturalmente de acordo, e Lúvia sabia disso. No entanto, o exercício da autoridade, num Estado onde a supremacia do seu primeiro cidadão há muito deixara de depender de uma posição formal, estava ensombrado pela ambivalência. O poder, ao ultrapassar os antigos limites, tinha começado a evoluir e a mudar. Embora Lúvia não tivesse qualquer cargo, os seus privilégios eram de tal ordem que faziam sombra a muitos senadores. A imunidade legal de injúrias, essa prerrogativa tradicional de um tribuno, tinha-lhe sido atribuída desde os tempos distantes do Triunvirato. Em virtude de uma série de decretos promulgados pelo marido, gozava de um grau bastante excepcional de independência financeira. Mas, o mais conveniente de tudo, numa cidade onde as carruagens tradicionais tinham sido proibidas, ela tinha o direito de se deslocar num *carpentum*, um carro de duas rodas, ricamente decorado, que, por tradição, apenas o mais antigo dos sacerdotes estava autorizado a usar. Os Romanos, sempre atentos às subtis marcas de estatuto social que assinalavam um patrono que valia a pena ter-se, não precisavam que

ninguém os esclarecesse. Sabiam o que tinham em Lívía. Uma mulher agraciada pelas milagrosas galinhas brancas e pelos ramos de louro, cujo nome aparecia sobre a entrada de muitos santuários renovados, «a única que fora digna de compartilhar o leito celestial de César»^[105] —, o que lhe proporcionava um poder raro e magnífico. A autoridade colava-se-lhe à pele como um perfume rico, caro e raro. Em todo o mundo romano, o seu nome tinha começado a ombrear com aquela manifestação sobrenatural da grandeza do seu marido, o seu *Genius* — juntando-se-lhe em altares, em estátuas de prata e em esculturas de cobras. Manter uma mulher no seu devido lugar era uma coisa, mas uma deusa era outra completamente diferente. No entanto, aqueles que se aproximavam de Lívía para pedir um favor tendiam a fazê-lo com esperança, mas também com medo. «Ela só manifesta verdadeiramente o seu poder quando ajuda as pessoas a livrarem-se de algum perigo, ou então quando lhes concede alguma honraria.»^[106]

Lívía, atenta e sagaz, sabia que essa era a forma capaz de garantir o controlo das polémicas e de abafar os mexericos. Conhecia bem a sua cidade, e como nela os rumores e as calúnias corriam incessantemente pelas suas ruas. Até mesmo o elogio podia ser uma fonte de problemas. Quando Ovídio, afastado e desesperado, pediu publicamente à sua mulher que implorasse à «Primeira-Dama»^[107] pela sua libertação, o silêncio do Palatino foi ensurdecedor. Aludir abertamente acerca da influência de Lívía sobre o marido, implicando que as decisões deste pudessem ser tomadas por indicação de uma mulher e que os corredores ou os quartos seriam cabines de poder, eram insultos ao *Princeps*, assim como à sua mulher. A casa do Senado, como sempre tinha sido, era o único palco adequado para a discussão dos assuntos de Estado. Augusto era tão sensível à acusação de que os sussurros de uma mulher o podiam influenciar de forma mais eficaz do que o discurso de um cônsul, que ordenou que se fizesse um registo

diário de todas as atividades do seu agregado familiar. «Não digam nem façam nada que não queiram ver nele registado»^[108] — foi o conselho de Augusto para Júlia e as suas filhas. Duas delas ignoraram o aviso e pagaram um preço terrível. Mas a Lívía, o *Princeps* nunca fez uma advertência semelhante. Não havia necessidade. Confiava na sua mulher, pois conhecia bem a sua discrição. No entanto, aqueles que em Roma viviam obcecados com a família de Augusto continuavam a perguntar-se, intrigados. Será que as máculas de um escândalo aberto não se colavam a Lívía porque ela estava, de facto, acima de qualquer suspeita, ou tal dever-se-ia a que ela os conseguia manter num profundo segredo?

Além de ser a mãe de Tibério, também era madrasta. A turbulência pública desencadeada pelo seu ultrajado marido sobre Júlia, não seria dirigida a ela. Seria Lívía, quando a sua enteada caída em desgraça foi transferida da ilha prisão de Pandateria para Régio, a destacar para junto dela alguns escravos;^[109] Por sua vez, quando a filha de Júlia foi exilada, Lívía entrou em cena com apoio financeiro. Mas nem todos ficaram convencidos com estas exhibições de filantropia. «Por mais compaixão que Lívía fizesse questão de mostrar para com a desgraça das suas enteadas, ela tinha trabalhado arduamente, quanto tudo ainda corria bem, para as apunhalar pelas costas.»^[110] Pelo menos, era o que se dizia. As provas disso, apesar de circunstanciais, eram convincentes para muitos. Em Roma, era presunção generalizada que todas as madrastas eram malignas. Não podia esperar-se outra coisa numa cidade que tinha visto durante muito tempo os casamentos como uma manobra no combate pela obtenção de vantagens dinásticas. Não constituía qualquer revelação que Lívía, cujo homem mais poderoso do mundo dormia na sua cama, procurasse aumentar as expectativas dos seus filhos. Duplamente Claudiana, ela nunca esqueceu a dívida que tinha para com a sua inigualável ascendência. Apesar de ser

reservada e cuidadosa na maioria das coisas, o orgulho que tinha na sua linhagem era uma emoção que não conseguia esconder. Nos arredores de Roma, com vista para uma das artérias da cidade, um velho templo restaurado por Lívía proclamava-o ao mundo. Lá, cinzelado num enorme friso visível pelos transeuntes, aparecia resplandecente o seu nome.^[111] «Mulher de César Augusto», assim se descrevia a si mesma. Porém, e surpreendentemente, o epíteto aparecia em segundo lugar, depois de: «Filha de Druso». Insistir na paternidade, para uma mulher como Lívía, não era um crime, mas um dever solene.

Mas até onde estaria ela disposta a ir? Muitos, ao refletirem sobre os desastres que devastaram a família de Augusto, tinham-na como principal suspeita. Afinal, a queda em desgraça de Júlia e da sua filha não tinham sido as únicas calamidades que prejudicaram os planos de Augusto quanto ao futuro. Desde 29 a.C., quando Tibério ficou à esquerda de Metelo no carro no desfile triunfal do seu padraсто, o *Princeps* tinha sofrido repetidos lutos. Uma e outra vez, os seus herdeiros morreram em circunstâncias misteriosas. Quase todos os Julianos no caminho da sucessão do filho de Lívía tinham desaparecido. Marcelo, Lúcio, Caio: todos tinham morrido. Não existiam provas suficientes para poder culpar-se Lívía das suas mortes, mas isso, para aqueles que suspeitavam da sua responsabilidade, era precisamente a prova da sua diabólica astúcia. Um assassinato que não deixasse vestígios era notoriamente *muliebris fraus*^[112], «uma maquinação de mulher». Os assassinos de Júlio César atacaram a sua vítima à vista de todos, apunhalaram-no com as suas lâminas e abandonaram o seu dilacerado cadáver; mas quando um homem era envenenado, podia mesmo não se dar conta de que tinha sido assassinado. Para se colocar veneno num cálice de vinho não era necessária força bruta. Subtil e silenciosamente, o veneno faria funcionar a sua magia letal. Dada a hipocrisia do autor, o risco

de ser descoberto era diminuto. A vítima podia esperar salvar-se se chupasse um limão, uma fruta exótica das distantes florestas do Leste, pois não havia outro antídoto mais seguro do que o seu suco amargo. «Era uma boa ajuda para fazer desaparecer o veneno pelas extremidades dos membros, quando as bebidas eram envenenadas por uma madrasta impiedosa.»^[113] É possível que, se Caio e Lúcio estivessem melhor fornecidos com limões da Média, as perspectivas da sucessão de Tibério tivessem sido muito diferentes. Ou talvez não. Afinal, a paranoia era uma espécie de veneno. Os mexericos e as calúnias eram os venenos da mente. Se Lúvia fosse verdadeiramente o que parecia ser, quando aparecia vestida com a sua *stola* perante os Romanos — pia e leal para com o marido, a personificação da Justiça e da Paz —, conspurcar-lhe o nome era um crime tão monstruoso como aqueles dos quais os seus críticos a acusavam. Se as sóbrias virtudes de Lúvia podiam ser consideradas como hipocrisia, também as da família de Augusto o deviam ser. Longe de servir como modelo dos valores tradicionais romanos, o brilho emanado pela sua santidade revelar-se-ia como uma farsa, apodrecido por dentro pelas paixões assassinas e despóticas. Com Augusto, um septuagenário cada vez mais enfraquecido, ficava claro que a paz mundial dependia de uma sucessão segura e pacífica, mas tal perspectiva era pouco provável. «Não te indignes em excesso, se alguém falar mal de mim»^[114]: assim aconselhou o *Princeps* a Tibério, em tempos. Agora, na sua velhice, começava a ficar impaciente com o seu próprio conselho. Que importavam as diatribes às veneráveis tradições da cidade, que importava o quão devastadoramente as tinha explorado na sua juventude, como poderia ele, de forma responsável, permitir que pusessem em perigo a estabilidade do Estado? Para Augusto, à medida que envelhecia, a segurança dos Romanos era mais importante do que qualquer direito à liberdade de expressão. Ovídio já tinha sido enviado para o exílio.

Depois, com «a imposição de um tal castigo sem precedentes na literatura»^[115], o *Princeps* tinha condenado à fogueira as cópias de uma história subversiva das guerras civis, escrita por um advogado chamado Tito Labieno, uma sentença tão devastadora para o autor que ele se suicidou em protesto. Por fim, numa manifestação salutar dos novos limites definidos para o direito à difamação, um segundo advogado, um orador genial e irascível chamado Cássio Severo, foi banido para Creta pelo crime de menosprezar a *maiestas*, a «grandiosidade» dos Romanos. Para aqueles que se preocupavam com a defesa das liberdades tradicionais na sua cidade, este era um precedente arrepiante e ameaçador. A acusação de *maiestas*, como era mais conhecida, há muito que se aplicava em ações de traição, mas nunca o tinha sido às palavras. Contudo, fora esse o delito pelo qual Severo tinha sido condenado: «Difamar com escritos injuriosos eminentes homens e mulheres»^[116]. Qual a punição que podia ser imposta por difamar os mais eminentes de todos eles — os homens e as mulheres da família de Augusto — era algo que pairava no ar.

Desde que os deuses, apiedados dos Romanos, lhes tinham concedido a paz trazida por Augusto, a *pax Augusta*^[117], o mundo vivia assombrado pelo que poderia acontecer quando o *Princeps* morresse. No ano 13, quando Tibério foi formalmente dotado pelo Senado com poderes equivalentes aos do seu pai adotivo, parecia que a resposta estava definitivamente dada. Quaisquer que fossem as reservas privadas de Tibério, não havia como fugir ao peso das responsabilidades que tinham sido colocadas sobre os seus ombros, tanto pelo destino como por Augusto. Apesar disso, a ambiguidade da sua posição continuava tremida e ensombrada. Mesmo enquanto colega do *Princeps* oficialmente indicado, Tibério não podia ser declarado seu sucessor, pois Roma, é claro, não era uma monarquia, nem o seu Primeiro Cidadão um rei. O regime constituído por Augusto tinha sido moldado

unicamente à sua imagem e semelhança. Tibério podia ostentar a mais ilustre linhagem da nobreza romana; podia ser o seu mais importante general; podia ter começado a colocar os seus amigos e apaniguados em comandos provinciais fundamentais: tais vantagens, por si mesmas, eram insuficientes para lhe assegurar a primazia final. Só insinuando-se e penetrando no modelo de governação forjado pelo *Princeps* poderia esperar obtê-la, e garantir a paz a Roma e ao mundo. A sua identidade era insuficiente. Não lhe restava outra escolha senão incorporar-se na de Augusto. A sua autoridade nunca deixaria de derivar da sua relação com o *Princeps*, e com a sua mãe. Tal como rumores malignos sobre a família de Augusto contribuíam para corroer os fundamentos em que esta se baseava, também a garantia de que não haveria segredos escondidos nem purulentas rivalidades silenciadas, serviam para as reforçar. A casa de César tinha de estar acima de qualquer suspeita.

Porém, numa cidade como Roma, não era suficiente apoiar-se num advogado ou dois e imaginar que a intriga seria assim silenciada. Não importava quão segura a posição de Tibério podia parecer estar, os partidários da filha de Augusto não tinham esquecido que o *Princeps* tinha um segundo herdeiro do sexo masculino: o seu neto. Embora condenado a uma custódia penal, Agripa Póstumo permanecia bem vivo. Apesar de toda a crueldade mostrada por Augusto ao enviá-lo para uma ilha remota e estéril, a sua execução teria sido claramente um passo demasiado perigoso. Os que eram leais a Júlia e aos seus filhos acarinhavam-nos de forma inevitável, enquanto suspeitavam o pior de Lívia. Agripa, de acordo com os relatos oficiais, tinha qualquer coisa de errado: era violento, selvagem e obcecado pela pesca. Mas peculiaridades deste tipo, ainda que relatadas de forma precisa, não resultariam no exílio. Havia um segundo membro da família de Augusto, da mesma geração de Agripa, cujas fraquezas eram

consideravelmente mais embaraçosas. Em 10 a.C., no mesmo dia em que Druso dedicara o altar de Augusto em Lyon, a sua mulher Antónia tinha entrado em trabalho de parto e dera à luz um segundo filho. Tibério Cláudio Druso, assim se chamava, provou ser um humilhante contraste ao arrojado Germânico: «uma obra da natureza apenas meio concluída»^[118], como Antónia amargamente o definia. Estremecia e balançava; arrastava a perna direita; quando falava, latia de uma forma pouco compreensível, como um animal marinho, e quando se enervava, cuspia baba e ranho. Estas deficiências não impediram Cláudio de ser dotado de uma invulgar inteligência. Mas uma vez que não havia qualquer perspectiva de alguma vez atingir as magistraturas e os comandos adequados ao seu nascimento, Augusto e Livia resolveram que ele deveria ser excluído da vida pública definitivamente. Mas não o enviaram para fora de Roma sob custódia armada. Mesmo quando, ao seguir os passos de Tito Labieno, Cláudio começou a escrever a história da ascensão de Augusto ao poder, a reação de Livia a tão letal e subversiva escolha de tema de pesquisa foi apenas abafar a questão. «Fazer um relato franco e verdadeiro», diria sem rodeios ao neto, «não é uma opção.»^[119] E ficou-se por aí. Agripa não tivera tanta sorte. Um ano após a concessão a Tibério de poderes equivalentes aos de Augusto, os rumores continuavam a girar. Contava-se que Agripa, durante os seus acessos de raiva, amaldiçoava Livia, descrevendo-a de forma insultuosa como uma «madrasta»^[120]; também se dizia que Augusto, ao acordar por fim perante os ardis da sua mulher, tinha viajado em segredo para Planasia, onde teria abraçado o seu neto, desfazendo-se em lágrimas. «Foram tais os sinais de afeição mostrados um ao outro», dizia o rumor, «que ao que parece o jovem irá ser devolvido à casa do seu avô.»^[121] Contudo, a natureza viral destas afirmações somente enfatizava o que ninguém estava interessado em reconhecer realmente: até que ponto, depois de mais de 40

anos da supremacia de Augusto, as decisões vitais para o futuro dos Romanos lhes estavam a ser escondidas.

Quando, no verão do ano 14, o *Princeps*, acompanhado de Lívía e da sua comitiva, deixou o continente, não foi para Planasia, mas para Capri. Considerada como a joia na baía de Nápoles, convenientemente perto de uma série de resplandcentes comodidades que se alinhavam no arco da costa italiana, mas suficientemente distante para lhe proporcionar uma verdadeira privacidade, era uma das residências favoritas do *Princeps*. Aí, apesar de um incómodo surto de diarreia, distraiu-se oferecendo banquetes e distribuindo variados presentes pelos adolescentes; e, em seguida, passados quatro dias, regressou ao continente. Com ele vinha Tibério, que viajava rumo aos Balcãs, «para consolidar em paz o que tinha conquistado com a guerra»^[122]; depois de desembarcarem em Nápoles, seguiram ambos pela Via Ápia até Sâmnio. Separar-se-iam somente em Benevento, a capital da região. Augusto, com Lívía ainda a seu lado, seguiu para Roma. Mas o seu estômago continuava a causar-lhe problemas. Depois de deixar Sâmnio, sentiu-se de tal modo doente que foi forçado a interromper a viagem e a ficar de cama. Numa estranha coincidência, a propriedade onde ficou, velha pertença da família, era a mesma em que, 72 anos antes, o seu pai morrera: um sinal suficientemente nefasto que o levou a solicitar a presença urgente de Tibério junto de si. As opiniões divergem quanto ao que aconteceu a seguir. Alguns disseram que Tibério chegou tarde de mais; outros, que terá chegado mesmo a tempo de ser abraçado por Augusto, já moribundo, «e receber o encargo de continuar a sua obra»^[123]. Mas uma coisa era certa. Quando Augusto deu o seu último suspiro, foi para a sua mulher que se virou. Beijou-a e, de seguida, proferiu as suas últimas palavras. «Lembra-te da nossa união, enquanto viveres, Lívía, e adeus.»^[124]

O fatídico momento, muito temido e há muito esperado, tinha chegado por fim. De qualquer forma, Lúvia estava bem preparada para ele. A *villa* e as ruas vizinhas já tinham sido fechadas pelos seus guardas. Só quando estava tudo pronto para o transporte do cadáver para Roma é que a notícia da morte do marido foi dada ao mundo. Escoltado por lictores, todos vestidos de negro, viajando de noite para evitar o calor do sol de verão, o Imperador César Augusto partiu para a sua jornada final. Membros da Ordem Equestre e os conselheiros das cidades ao longo da Via Ápia acompanharam-no à luz de tochas; o mesmo fez Tibério, e assim o fez Lúvia. Levaram 15 dias para chegar a Roma; e, num dado momento, durante essas duas semanas, entre a saída do cortejo da *villa* em que Augusto tinha morrido e a chegada à sua casa no Palatino, um centurião aproximou-se num furioso galope junto do cortejo. Puxando as rédeas do cavalo e desmontando, pediu para ser levado perante César. Levado à presença de Tibério, o oficial saudou-o. «O que pediste está feito», declarou o centurião com vivacidade. «Agripa Póstumo está morto.» Tibério franziu a testa, dando a todos uma impressão de espanto. «Mas nunca dei tal ordem!» Depois de uma pausa. «Isto vai ter de ser respondido na Casa do Senado.»^[125] Ele falou de acordo com o que era: um aristocrata apegado às tradições da sua classe. Naturalmente, ao ser confrontado com um crime tão grave e imprevisto, como o assassinato do neto de Augusto, sabia ser seu dever informar o Senado. Pois, Roma era assim mesmo. Porém, entre os que eram da sua confiança, reinava a consternação. Um deles, ao aperceber-se das intenções de Tibério, alertou de imediato Lúvia. «Os segredos domésticos,» avisou, «os conselhos dos amigos e o apoio fornecido pelos serviços de segurança, devem ser mantidos em silêncio.»^[126] Sugestões desnecessárias, é claro. Ela sabia melhor do que ninguém o que estava em jogo. Uma ordem para executar o neto de César só poderia ter vindo de

cima: de Augusto, de Tibério ou de si mesma. Uma vez que Augusto nunca condenara à morte ninguém das suas relações, e a surpresa de Tibério com a notícia de Planasia era evidente, Lúvia tinha todos os motivos para manter o crime fora da investigação do Senado. Depois de falar em particular com o filho, a questão foi descartada. À chegada do cortejo fúnebre a Roma, não foi feita qualquer menção à execução de Agripa Póstumo. «Uma manta colocada sobre o assunto assegurava o silêncio.»^[127]

Quando o testamento de Augusto foi formalmente aberto e lido no Senado, confirmou de forma terrível o deserdar da sua linhagem. «Dado que o destino cruel me arrebatou os meus filhos Caio e Lúcio, faço de Tibério o meu herdeiro.»^[128] Lúvia tinha triunfado. Os juro da obrigação devida aos seus antepassados Claudianos tinham sido pagos na íntegra. O momento, como convinha a uma mulher de uma ambiguidade tão infinita, ficaria marcado pelo paradoxo. Fora decretado por vontade do seu marido, em testamento, que seria agraciada com o título de Augusta e adotada postumamente como sua filha. Lúvia tornava-se uma Juliana.

No dia do funeral do seu marido, Júlia Augusta, como agora era formalmente conhecida, acompanhou o cadáver do Palatino até ao Fórum, onde Tibério e seu neto Druso fizeram os elogios fúnebres; depois, fazendo a curta distância para o local onde tinha sido construída a pira, assistiu, num silêncio digno, à colocação do corpo sobre a pira feita pelos senadores. Ateou-se o fogo; as chamas irromperam; uma águia foi lançada e subiu para o céu. Mais tarde, Lúvia daria um enorme donativo a um senador que afirmou ter testemunhado o espírito de Augusto elevando-se da pira até aos céus. Era dinheiro bem gasto. Quando o Senado se reuniu pela primeira vez, uma semana após o funeral, a 17 de setembro, foi para confirmar que o *Princeps* morto devia, de facto, ser adorado como um deus. A sua mulher foi nomeada sua sacerdotisa. Tal, numa cidade onde todos os sacerdócios,

exceto os de Vesta, eram monopolizados pelos homens, era algo sem precedentes. Surpreendentemente, Lúvia chegaria mesmo a ter um lictor. Após a queima do corpo de Augusto, o manto de cinzas desvaneceu-se, e apesar dos restos da pira terem continuado a manter o fulgor durante quatro dias, a piedosa e obediente Augusta conseguiu recolher os seus ossos no quinto dia de vigília, e colocá-los num mausoléu que ficava nas proximidades, preparado para esse propósito mais de 40 anos antes. No entanto, uma segunda mortalha não se dissiparia tão facilmente. Que Roma, com a execução de Agripa Póstumo, era agora uma vez mais uma cidade em que o assassinato podia ser levado a cabo como uma manobra no grande jogo da progressão dinástica, era um facto não menos verdadeiro por ser demasiado perigoso reconhecê-lo. Ainda Tibério se preparava para assumir o fardo do governo legado pelo seu deificado antecessor, e já o seu reinado se via envolvido pelas sombras. «A execução de Agripa Póstumo foi o primeiro crime cometido sob a governação do novo *Princeps*.»^[129] O que, naturalmente, suscitava uma pergunta ameaçadora: quantos mais haveria?

II

COSA NOSTRA

O ÚLTIMO ROMANO

Agarrar o lobo pelas orelhas

Até Augusto lhe construir um, Marte nunca tinha tido um templo dentro dos limites sagrados de Roma. O *pomerium*, arado por Rómulo e consagrado pelo sangue de Remo, sempre servira para marcar a fronteira entre os mundos da guerra e da paz. A um general e ao seu exército só lhes era permitido entrar em Roma aquando das celebrações de um triunfo; caso contrário, era expressamente proibido aos soldados entrar na terra consagrada a Júpiter. Os domínios de Marte consistiam numa extensão de terra plana que se estendia entre a zona ocidental do *pomerium* e a curvatura do Tibre. Era aqui que, antigamente, os Romanos se reuniam em tempo de guerra; também era aqui que se realizavam todos os anos as assembleias conhecidas como *comitia centuriata*, modeladas nos primeiros exércitos dos reis, onde se elegiam os seus altos magistrados. Era, pois, o lugar apropriado para elevar até aos céus o homem que tinha conseguido mais conquistas para os Romanos do que qualquer outro cidadão na história, e que tinha o recorde de ter sido cônsul por 13 vezes. Ao ascender a partir das chamas da sua pira, o divino Augusto, ao olhar para baixo, para a longa planície santificada pelos ritmos primordiais das temporadas das campanhas militares e das campanhas eleitorais dos estadistas, veria o *Campus Martius*.

Mas ao longo da sua longa hegemonia, muito mudara no Campo de

Marte. Mesmo antes da sua primeira aparição na cena política, as ambições dos senhores da guerra rivais tinham conseguido que a antiga parada militar dos Romanos começasse a desaparecer sob o mármore e os parques. Fora no Campo que Pompeu erguera um enorme teatro de pedra; fora no Campo que Marco António implantara um imenso e luxuriante jardim^[1]. Inevitavelmente, ambos acabariam sob a alçada de Augusto que, como era seu hábito, os superaria com espetaculares desenvolvimentos de sua autoria. Presenteado com um enorme espaço verde mesmo à entrada de Roma, ele tinha naturalmente agarrado a oportunidade de deixar a sua marca para sempre. Aqueles que se juntaram no Campo de Marte para assistir à jornada final do *Princeps*, a partir da sua pira funerária, podiam admirar um bom número dos seus *grands projets*. Altares, templos, obeliscos: todos redundavam em sua glória. Era particularmente imponente o mausoléu onde Lúvia depositou as suas cinzas. Embora fosse comum os túmulos refletirem a grandiosidade de Roma, nenhum se podia comparar com o tamanho do de Augusto. Construído no início da sua hegemonia, providenciava na sua morte uma residência cuja ostentação lhe merecera tanta cautela durante a vida. Por certo, nenhum outro cidadão teria pensado em encomendar para si um enorme túmulo, rematado com uma base de mármore, um anel de choupos, e um autorretrato dourado no cimo. Era um lugar de descanso digno dos restos mortais de um deus. Na perspetiva do seu filho adotivo, tudo isto tornava ainda mais intimidante seguir os seus passos. Já aquando da leitura do testamento de Augusto para o Senado, Tibério se tinha engasgado e começado a soluçar, entregando o documento a Druso para que acabasse de o ler em seu nome. Um momento revelador. Empedernido e desprezador de histrionismos, Tibério não era homem para fingir um colapso. Levantava-se, por um momento, o véu sobre as enormes tensões que iriam gerar-se em se ser o herdeiro de Augusto. Quinze dias depois, a

17 de setembro, a pressão aumentaria de forma substancial. A decisão do Senado, ao confirmar a divindade do *Princeps* morto, significava que Tibério, tal como Augusto, se tornava *divi filius*, «o filho de um deus». Parecia ser uma fascinante promoção, mas não era necessariamente aquela que lhe traria mais benefícios. Ainda que Ovídio estivesse por esta altura suficientemente desanimado para tentar qualquer coisa, rapidamente viria a elogiar Tibério a partir das margens distantes do Mar Negro como «igual em *virtus* ao seu pai»^[2], tais elogios eram falsos, bajuladores e embaraçosos. Ninguém poderia igualar Augusto. Ele tinha salvado a República e redimido os Romanos. Tibério, mais do que qualquer outro, tinha crescido na sua sombra, e todos sabiam disso. A matriz do que significava ser um *imperator*, um «imperador», estava definida de forma irredutível. Apesar de morto, Augusto continuava a definir o modelo a seguir. No seu leito de morte, tinha exigido aplausos pela sua atuação na «comédia da vida»^[3]; mas o seu herdeiro, que nunca fora um bom ator, estava agora a ser obrigado a assumir o papel de Augusto. Preso num palco que não fora montado por si, o novo *Princeps* não tinha alternativa senão atuar numa peça escrita para ele por um deus. Quanto mais Tibério Júlio César reivindicasse a herança do seu pai adotivo, menos poderia ser ele mesmo.

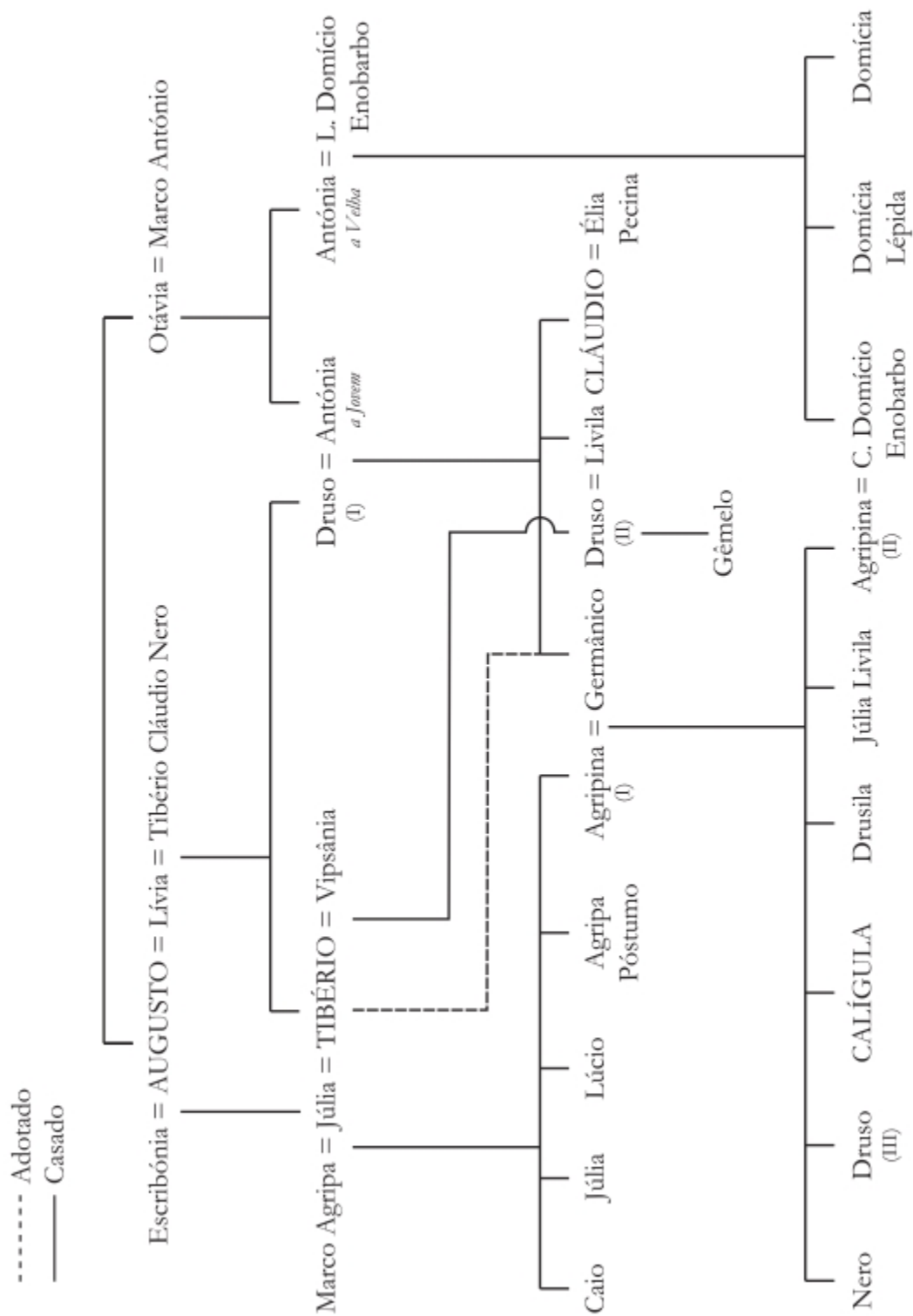
«Apenas o deificado Augusto tinha a força de espírito para lidar com o fardo das suas responsabilidades.»^[4] Ao dirigir-se ao Senado após este ter confirmado que o falecido *Princeps* tinha, de facto, subido aos céus, Tibério falou com clareza. Estava na casa dos 50 anos. A sua visão já começava a diminuir. Estava fora de questão fazer o que o convidavam, e adotar o título de «Augusto». Quanto muito, Tibério informou os seus colegas senadores de que gostaria de poder retirar-se e viver como um cidadão comum. Deixava o governo ao Senado. Esta era manifestamente uma tentativa de

jogar o mesmo jogo que Augusto; ocultar o desejo hegemónico com uma demonstração de falsa modéstia tinha sempre sido explorado com um grande efeito, mas havia algo mais. Oprimido pela obrigação de diluir a sua identidade na de alguém que tinha acabado de ser declarado deus, Tibério fazia uma última, e desesperada, tentativa de ser senhor de si mesmo. Bem no seu íntimo, ele continuava a ser o que sempre fora: um aristocrata entre aristocratas, e orgulhoso disso. Dizia-se que Augusto, já moribundo, depois da sua última conversa com Tibério, teria expressado pena das massas, predestinadas «a serem moídas entre tais impiedosas mandíbulas»^[5]. Os ideais com que o novo *Princeps* se identificava eram os mesmos dos seus antepassados desde os primeiros e primordiais dias da República: os Claudianos que, no conflito entre a aristocracia e a plebe, se mantiveram resolutamente na defesa dos interesses da sua classe. Era intenção de Tibério, na sua primeira declaração ao Senado, apresentar uma medida que nem mesmo o mais reacionário deles proporia. Algumas décadas antes, as velhas cercas de madeira no Campo onde os Romanos se reuniam para eleger os seus cônsules, tinham sido completamente remodeladas. O que originalmente fora apelidado de «curral» era agora, graças ao patrocínio de Agripa, uma série de pórticos e colunas de mármore: a Saepta. Era tal a sua beleza que, de facto, parecia ser um desperdício votar-se aí. Com os eleitores da *comitia centuriata* a reunirem-se de forma irregular, o complexo começara a ser utilizado como um dos principais locais de Roma para as lojas de luxo e extravagância. Agora, ao dirigir-se ao Senado, Tibério dava o último e lógico passo que faltava, e anunciou que as eleições deixariam de realizar-se na Saepta. Os *comitia centuriata* deixariam de se reunir em assembleia para votar os magistrados. Os concursos para o consulado passariam a partir daí a ficar confinados à Casa do Senado. Porquê confiar à plebe, ruidosa e vulgar, uma responsabilidade que era

própria dos seus superiores? Somente os senadores, enquanto repositórios de tudo o que era melhor e mais nobre na República, poderiam ser autorizados a exercê-la. O sonho milenar dos conservadores Romanos parecia, finalmente, cumprir-se. «As classes inferiores, embora não se curvassem perante os seus superiores, respeitá-los-iam; os poderosos, embora não desprezassem os seus inferiores, controlá-los-iam.»[6]

Podia pensar-se que fora um manifesto calculado para entusiasmar o Senado. Tibério estava a apostar em duas fantasias mutuamente exclusivas: que os senadores demonstrariam ser dignos da grande responsabilidade que lhes era atribuída; e que, de bom grado e sem coação, o fariam reconhecendo-o como *Princeps*. Setenta e cinco anos antes, ao regressar em triunfo após ter pacificado o Oriente, Pompeu nutrira, de forma apaixonada, esperança semelhante: que o Senado reconheceria o seu trabalho para com a República, fazendo livremente o que lhes pedisse. O desafio da quadratura desse círculo em particular tinha ajudado a precipitar a guerra civil e a total hegemonia de Augusto; agora, enquanto os senadores ouviam Tibério num silêncio perplexo, resultou apenas num desajeitado contorcer. O requinte do que pretendia tinha demasiados nós para desfazer. Estavam perante um paradoxo que poucos podiam imaginar: para se livrarem do hábito de obediência a um autocrata e recuperar as suas liberdades ancestrais, deviam demonstrar os seus princípios, saudando-o como *Princeps*. Quanto mais Tibério insistia na preeminência do Senado, mais o Senado insistia na dele. Entenderam, ou melhor, pensavam que tinham entendido as regras do jogo. «Quanto tempo, ó César, suportaria a República viver sem cabeça?»[7]

OS JULIANOS E OS CLAUDIANOS
NO TEMPO DE TIBÉRIO



Após uma longa, cansativa e turbulenta sessão, na noite do dia 17 chegar-se-ia a uma conclusão. Tibério, frustrado na sua tentativa de sair da sombra de Augusto, tinha aceitado com relutância, se não a supremacia com que o Senado o pressionava, pelo menos, a não a recusar. Contudo, os senadores, estupefactos ao perceberem que a sua hesitação tinha sido mais do que uma encenação, também saíram perturbados. O génio de Augusto tinha sido a capacidade de disfarçar os compromissos, as contradições e as hipocrisias do seu regime. Mas a Tibério, atormentado pelo seu autodesprezo, faltava-lhe agilidade para deixar à vontade os seus colegas do Senado. Tinha estado demasiado tempo afastado de Roma — em Rodes, nos Balcãs e na Germânia —, para possuir algo que se parecesse com um domínio instintivo das suas várias fações e conluios. Augusto, sensível ao problema, tentou aliviá-lo pouco antes de morrer quando formalmente «confiou o Senado a Tibério»^[8] — como um pai ansioso que prepara o sustento dos seus filhos. Mas o novo *Princeps* ficaria ainda mais embaraçado quando foi lembrado disso, e lhe pediram para aceitar o título de «Pai da Pátria». Como podia a afirmação fundadora da nova ordem sobreviver a uma transferência de tão notório título, se a supremacia do primeiro cidadão de Roma não fosse equivalente à de um monarca? Sem surpresa, Tibério recusou. Afinal, se o novo *Princeps* tivesse feito como o Senado lhe pedira, e aceitasse que «tinha acedido à posição do seu pai»^[9], então a fachada de uma república livre iria sofrer danos catastróficos, talvez irreparáveis.

Ao mesmo tempo, o preço a pagar por Tibério era paralisante. Rígido de princípios e desajeitado nos modos, a hipocrisia não era nele algo natural, como fora em Augusto. Paradoxalmente, o resultado fazia-o parecer mais hipócrita. «Nos seus discursos, nunca soube articular o que realmente queria, e quando expressava um qualquer desejo, invariavelmente, não era isso o que queria dizer. As suas palavras apenas transmitiam sempre o

oposto do seu verdadeiro propósito.»^[10] Era um veredicto prejudicial, mas não injustificado. A perplexidade sentida pelos senadores na tentativa de sondar os enigmáticos silêncios de Tibério, os seus duros circunlóquios, era o reflexo da atormentada consciência do *Princeps*. Não importava a genuinidade do respeito que sentia pelo venerável património da liberdade de expressão do Senado, nem importava o invariável respeito que mostrava ter pelos cônsules ao levantar-se quando eles se aproximavam, havia uma tradição que ele não queria, e não podia, honrar. Tibério, que tinha liderado os seus concidadãos nas batalhas desde os 20 anos, passara muitas décadas a observar como mostravam os dentes e estendiam as garras. Sabia qual era o leite que alimentara Rómulo em bebé. Liderar os Romanos, dizia, era «agarrar o lobo pelas orelhas»^[11]. E assim sendo, não estava disposto a correr quaisquer riscos. Ainda antes de se movimentar para despojar a *comitia centuriata* dos seus votos, já tinha calcado outra acarinhada tradição. Ao chegar a Roma com o cadáver de Augusto, fizera-se acompanhar por uma enorme comitiva de tropas. Na Casa do Senado, no Fórum, e em todos os vários lugares consagrados ao direito ancestral do povo romano de se expressar como quisesse, tinha soado o barulho das *caligae*, as sandálias militares ferradas. *Pomerium* ou não, as lanças e as espadas estavam em destaque por todo o lado. Era verdade que havia algo de dramático associado a muitas dessas armas, que fazia com que o desfile se assemelhasse a uma era já desaparecida. Os guardas que serviram o imperador, quando se deslocavam pelas ruas de Roma, ostentavam armas que lembravam os dias de Pompeu e Júlio César. Também fizeram questão de vestir trajes civis. A inovação fundia-se com o legado, e a ameaça com a tranquilidade: havia aqui, de forma inequívoca, um toque de Augusto. Quase meio século antes, durante a sua defesa heroica do povo romano contra Cleópatra, ele tinha sido protegido, como era direito de qualquer

magistrado em campanha militar, por um *cohors praetoria*, uma «guarda pretoriana». Em vez de a dissolver ao regressar do Egito, como mandava a tradição, manteve-a de forma discreta. Embora tenha colocado alguns dos pretorianos fora de Roma, outros tinham sido alojados em vários locais discretos dentro da própria cidade. Por volta de 2 a.C., os Romanos já se tinham habituado o suficiente a esses guardas, e Augusto sentiu-se capacitado para formalizar a sua existência. Induzido, talvez, pela queda em desgraça da sua filha, instituiu um comando oficial.^[12] Estava claramente fora de questão encarregar um senador de uma tão sensível responsabilidade; e assim, Augusto nomearia dois membros da Ordem Equestre. É claro que nem ele nem Tibério alguma vez o admitiram abertamente, mas os dois homens, durante os preparativos para a transferência de poder, tinham percebido que o assegurar a lealdade dos pretorianos era agora a chave para garantir a continuidade em Roma.

De facto, alguns meses antes de morrer, Augusto tinha dado aos seus guardas um grande aumento salarial; e no devido tempo, aquando do juramento de lealdade a Tibério, apenas os cônsules tinham precedência sobre o seu comandante. Seio Estrabo, o prefeito pretoriano, era um etrusco da cidade provinciana de Volsínios, famosa pela invenção dos trituradores manuais e pouco mais; mas era competente, culto e, mais importante, um cavaleiro. Também tinha um filho, Élio Sejano, que, apesar de ter inicialmente estado na malfadada expedição de Caio no Oriente, se tornara desde então num muito apreciado partidário de Tibério. O novo *Princeps* não tardou muito em demonstrar o seu apreço. Uma das suas primeiras decisões foi promover Sejano para o comando conjunto dos pretorianos, ao lado do pai. Os que estavam alertados para a substância do poder, e não para a sua aparência, não duvidavam quanto às suas implicações. Por mais agonizante que Tibério fosse na Casa do Senado, para todos os efeitos isso

era irrelevante. «Na esfera militar não havia qualquer prevaricação; em vez disso, ele tinha adotado imediatamente os poderes de um *Princeps*, e começado a exercê-los.»^[13] Só que os militares, naturalmente, não se restringiam a Roma. Junto às fronteiras, as regalias e os donativos esbanjados com os Pretorianos não tinha passado despercebidos. Na Panónia e na Germânia, onde os desesperados esforços da década anterior tinham requerido o recrutamento compulsivo e os reservistas para reforçar a frente, os ressentimentos eram particularmente profundos. «As punições, os ferimentos, os invernos e verões rigorosos durante as manobras, uma guerra sombria e uma paz sem benefícios, tudo era implacável!»^[14] Assim que a notícia da morte de Augusto chegou à frente norte não tardou que tais murmúrios se transformassem numa insubordinação direta. Com uma surpreendente velocidade, os motins começaram a espalhar-se ao longo do Danúbio e do Reno.

Quando soube dessas notícias, Tibério ficou chocado. Ele sabia, melhor do que ninguém, da importância vital em manter as fronteiras seguras. A sua consternação foi de tal monta, que enviou, como seus emissários para a Panónia, o seu filho Druso e o seu oficial de maior confiança, Sejano. A missão revelar-se-ia perigosa. Cavalgando para o coração do acampamento, Druso deu por si a enfrentar uma tempestade de raiva durante as tentativas de negociação. Quando a sua retirada foi bloqueada ao anoitecer, parecia que tanto ele como a sua escolta corriam o risco de serem linchados. Mas Druso era mesmo filho do seu pai: igualmente obstinado e incansável, passou a noite reunido com os amotinados, convocando-os, sob a pálida luz da lua cheia, ao sentido do dever. Aos poucos, a sua ação ia-os convencendo. Quando, por mero acaso, um eclipse lunar lançou o acampamento numa repentina escuridão, os soldados, entre lamúrias de que os deuses teriam ficado indispostos com os seus crimes, tomaram-no como

um presságio. Ao amanhecer, o motim tinha efetivamente acabado. Dois dos líderes foram mortos nessa mesma manhã, e outros foram perseguidos. A chuva constante extinguiu depois o resto da revolta. Druso, que nunca antes tinha estado num campo de legionários, muito menos responsável por três legiões, tinha estado à altura de um desafio mortal com coragem e competência. Podia sentir-se muito satisfeito com os seus esforços. O mesmo aconteceria com Tibério, em Roma. No entanto, a sua confiança sofreu um enorme choque. Como general, sempre definira a fasquia no dever e no compromisso. O juramento de dever feito por um legionário, o *sacramentum*, era de uma ordem peculiarmente temível, e quebrá-lo era uma coisa terrível. Os homens que o faziam, embora os seus termos lhe concedessem a licença negada aos civis para combater e matar, estavam simultaneamente privados dos direitos que eram a essência da cidadania. Na organizada rede de um campo de legionários não havia nada do caótico emaranhado das ruas de Roma. Não importa onde fosse implantado, tanto sob as nuvens cinzentas do Norte ou o abrasador sol africano, o seu plano era idêntico aos de qualquer dos outros campos em todo o império. Dentro das suas valas e paliçadas, a disciplina era absoluta. Todos, do general ao mais insignificante recruta, sabiam qual era o seu lugar. A autodescrição de um centurião em particular podia bem ser aplicada a todos. «Sou um homem sujeito à autoridade, com soldados sujeitos a mim: se digo a um: “Vai”, ele vai; e a outro: “Vem”, ele vem.»^[15] Era promessa do cidadão que jurava o *sacramentum* que estaria sempre pronto a comprometer-se com a obediência. As sanções contra a insubordinação eram, de forma correspondente, ferozes. Não era por caso que o emblema do centurião era uma vara de videira. Um deles, particularmente autoritário, notório por quebrá-las nas costas dos seus homens, seria apelidado de «Traz-me outra»^[16]. Encurralado pelos amotinados em Panónia, seria despedaçado.

Na Germânia, também eram os centuriões a suportar o peso do ódio dos soldados. Em Castra Vetera, um enorme campo de legionários que guardava a confluência do Reno com o Lippe, muitos dos oficiais foram presos ao chão e chicoteados 60 vezes com as suas próprias varas, antes de serem lançados ao rio. Depois, embriagados com sua própria violência, os amotinados começaram a realizar selvajarias mais adequadas aos bárbaros que deveriam estar a guardar: abandonaram as suas posições, saquearam o Altar dos Úbios, a meros 96 quilómetros a sul, e espoliaram a Gália. Tal, ao que parecia, era a ameaça de um lobo que se tinha livrado do seu cavaleiro.

No caso, apesar de o motim na Germânia ter atingido uma escala de muito maior gravidade do que na Panónia, também foi suprimido — e, com proveito, por um filho de Tibério. Germânico, adotado pelo seu tio uma década antes, estava a realizar o seu primeiro consulado no ano 12, viajando para o norte dos Alpes, para servir como governador da Gália e comandante-em-chefe da frente germânica. As notícias do motim apanharam-no ainda a quente, na sequência do anúncio da morte de Augusto; naturalmente, seguiu diretamente para o Reno. Aí, sem a útil intervenção de um eclipse, e desesperado para não colocar em risco a fronteira estabelecida com tanto esforço por Tibério, adotou uma série de expedientes. Foram dadas concessões e feitas execuções, os apelos histriónicos foram respondidos com ameaças. E, assim, em meados do outono, a ordem estava restabelecida. Os legionários de Castra Vetera, num violento espasmo de arrependimento, massacraram os mais rebeldes dos seus camaradas, e depois exigiram a Germânico, que com sua habitual ostentação se mostrara artificialmente chocado com o massacre que observara no acampamento, que os liderasse no combate aos bárbaros. Um rápido ataque ao longo do Reno, com a redução a cinzas das aldeias numa área de 80 quilómetros quadrados, deixou os soldados muito mais

animados. «Ao voltarem para o acampamento de inverno, faziam-no com uma confiança reforçada, e com os acontecimentos recentes quase esquecidos.»^[17]

Mas Tibério não os esqueceu. Ao contrário da Panónia, tinha havido uma dimensão sinistra no motim da Germânia. Tibério sabia melhor do que ninguém que a concentração de tropas ao longo do Reno era de longe a mais formidável em todo o Império, e que Germânico, ao chegar a *Castra Vetera*, tinha sido pressionado pelos amotinados para os comandar até Roma. Apesar de Germânico ter reagido com horror à sugestão, mostrando uma lealdade inquestionável ao seu tio, Tibério não estava descansado. Os relatórios dos acontecimentos em *Castra Vetera* eram uma burlesca e desconfortável imitação da sua própria chegada ao poder. As empoladas expressões de apoio que recebera do Senado pareciam ridículas perante o violento entusiasmo dos legionários para com o seu sobrinho; quando comparadas com o bizarro choque exibido por Germânico com a insistência dos soldados, as suas preocupadas evasivas pareciam ainda menos sinceras. Mais inquietante ainda, para um homem que se chocava com qualquer indício de governo das multidões, eram os relatos das reais ambições dos amotinados. «Queriam ter um novo líder, uma nova ordem, um novo sistema de governo; pretendiam ameaçar o Senado, e até mesmo o *Princeps*, com novas leis — leis que deveriam ser ditadas por eles mesmos.»^[18] Para o homem que tinha acabado com séculos de votação no Campo, nada poderia parecer mais monstruoso.

Todavia, não era um choque absoluto. Tibério tinha dolorosas memórias da irresponsabilidade das massas: do seu desprezo pela disciplina e pelo autocontrolo que eram as grandes virtudes dos Romanos; do seu inconstante entusiasmo pelos jovens, pelos sedutores e pelos voluntariosos; e da sua identificação com sua anterior mulher e os seus filhos. Era assim ainda mais

alarmante que o cancro da insubordinação tivesse infetado os soldados que treinara pessoalmente, nos campos militares que ele mesmo tinha reforçado. De facto, durante os piores momentos do motim, parecera que muito poucas coisas eram sagradas. Os senadores que os visitaram foram maltratados, um ex-cônsul quase foi linchado. Até Germânico, ao desafiar exigências dos amotinados, tinha num dado momento sido ridicularizado e ameaçado: quando declarou, com os seus típicos floreados, que preferia esfaquear-se a trair Tibério, um soldado puxou da espada e estendeu-lha. Apesar da sua popularidade junto das legiões da Germânia, havia ainda quem fosse mais popular. Germânico tinha a companhia de uma mulher de radiosa sedução com ele. Nem todos os filhos de Júlia estavam mortos ou exilados. Agripina, a última das netas de Augusto ainda em liberdade, tinha casado com Germânico uma década antes, e tinha acompanhado o marido no Reno durante o motim. Era um passo ousado para uma mulher grávida, mas Agripina tinha um temperamento ardente e marcial, e sabia o que fazia. Há muitas décadas que as legiões tinham sido encorajadas «a demonstrar particular fidelidade e devoção à família de Augusto»^[19]. Quais eram os senadores capacitados para exigirem a sua lealdade, em comparação com uma mulher cujo avô tinha sido quem lhes pagara o soldo durante tanto tempo, e cuja mãe ainda estava resguardada por um trágico fascínio? A combinação do interesse pessoal com o sentimentalismo tinha garantido uma calorosa receção a Agripina no Reno. Também ajudou que tivesse levado consigo o mais novo dos seus três filhos, uma criança precoce chamada Caio. Equipada com um uniforme de soldado em miniatura, a criança tornou-se rapidamente na mascote do acampamento. Os legionários apelidaram-no de Calígula, «Botinhas». Quando o motim atingiu o clímax, Germânico, tirando proveito do afeto granjeado pelo menino e pela mãe, enviou-os ostensivamente para uma tribo local dos Gauleses, para ficarem

sob a proteção destes. Os soldados ficaram tão aborrecidos e envergonhados com esta afronta à sua honra, que acabaram por submeter-se. A supressão do motim ficava a dever-se tanto a Agripina quanto ao seu marido.

Em Roma, as notícias ressoaram pelo público devotado, conferindo ao casal de ouro da cidade um fulgor nunca antes visto. Era apenas uma indicação do que estava para vir. Não era normal as mulheres acompanharem os magistrados Romanos no exterior. «Não só as mulheres são frágeis e pouco adaptadas às dificuldades, mas quando se libertam da coleira ficam perversas, maquinadoras e com sede de poder.»^[20] Era assim, desde há muito, que a sabedoria dos moralistas o considerava. Mas também havia outras tradições. Nos agitados relatos de heroísmo que os Romanos nunca se cansavam de ouvir, mesmo numa era em que a maioria nunca tinha estado em guerra, as mulheres também tinham tido um papel para desempenhar. A presença no Reno da neta de Augusto tinha algo de parecido com o que acontecera numa era mais nobre e mais remota. Afinal, nos primeiros tempos de Roma, quando as vagas da guerra alcançaram as portas da cidade, as mulheres tinham sido tão importantes na linha da frente, como agora fora Agripina. Também tinham ouvido o som das trombetas; também tinham estado de pé, sobre as ameias, a observar o brilho dos metais na marcha dos seus maridos que partiam em campanha. Nas narrativas dos primeiros tempos de Roma, reconhecia-se «que uma rapariga podia ser o farol de coragem dos homens»^[21]. Passado e futuro; dever e caráter; força moral e singularidade: Germânico e Agripina pareciam oferecer aos Romanos um pouco de tudo o que eles mais admiravam. Os dois anos de campanha seguintes iriam selar essa mística. Enquanto a medida de sucesso de Tibério como General do Norte tinha sido não ser motivo de conversa em Roma, os feitos do seu sobrinho no Reno proporcionavam aos Romanos uma constante descarga de adrenalina. Havia

fantasmas à espreita nas indomáveis florestas e pântanos da Germânia, e Germânico, com o seu gosto pelos grandes gestos, o seu gosto em correr riscos, a sua inimitável capacidade em evitar os desastres por pouco, estava preparado para encarar de frente os espetros que lhe aparecessem. Durante dois anos, comprometeu-se com a causa que Tibério tinha desdenhado fazer sua prioridade: vingar-se. Armínio, o traiçoeiro maquinador que tinha aniquilado três legiões, seria implacavelmente perseguido. A sua mulher e o filho por nascer foram capturados; os seus aliados subornados; as suas forças encurraladas e dizimadas, após dois longos verões de campanha. Com as armas capturadas, foi erguido um monumento em honra de Tibério no campo de batalha, enquanto os arqueiros se ocupavam a abater os numerosos fugitivos que tinham tentado esconder-se nas árvores. Ao que parecia, Germânico tinha-se mostrado digno das mais inflamadas expectativas dos seus admiradores.

Mas ainda havia muito para ser feito. A vitória estava incompleta. Armínio, ardiloso como sempre, tinha conseguido fugir depois de esfregar o rosto com sangue. Era a camuflagem apropriada. Todos os lugares de além-Reno tinham parecido estar manchados com as suas sangrentas impressões digitais numa ocasião ou outra. Durante o primeiro verão da sua campanha, Germânico tinha feito questão de visitar a Passagem de Teutoburgo, onde ainda eram visíveis grandes pilhas de ossadas, pontas de lanças enferrujadas, e crânios cravados nas árvores. Em seguida, depois de visitar o cenário de horror, colocou ele próprio a primeira turfa dos montes funerários. Mas não era fácil confinar os mortos nas suas sepulturas. Pouco depois do enterro dos legionários abatidos, Cecina Severo, governador de Germânico no norte da Germânia, foi encurralado por Armínio entre a floresta e o pântano; quando já era noite cerrada e Cecina tentava dormir um pouco, apesar dos uivos e dos cânticos dos bárbaros expectantes,

sonhou que Varo, ensanguentado, se erguia dos pântanos e o chamava, estendendo-lhe a mão. Freneticamente, Cecina empurrou o fantasma para o pântano; mas, apesar de no dia seguinte ter conseguido livrar os seus homens da armadilha e conseguir sair em segurança, os rumores da sua aniquilação já tinham chegado ao Reno. O pânico varreu todo o acampamento na margem ocidental. Gritava-se para que se demolisse a ponte. Apenas Agripina se manteve firme. Quando Cecina e os seus esgotados homens conseguiram por fim chegar ao rio, encontraram a neta de Augusto na ponte, à sua espera, preparada com alimentos, ligaduras e felicitações. Era tal o carisma de Germânico que até mesmo um potencial desastre aumentava sua lenda.

No outono do ano 16, duas das três águias perdidas por Varo já tinham sido resgatadas. «Mais uma campanha de verão, e acabamos com a guerra!»^[22] Esta foi a promessa de Germânico. Um último esticão; um empurrão final. Os Romanos, seduzidos como estavam pelo registo das façanhas do seu herói na frente oriental, e pela primogenitura de vitória da sua cidade, mostravam-se mais do que felizes ao se reunirem à volta destas palavras. Mas não Tibério. Sim, a honra exigia que o fogo e a chacina caíssem sobre os obstinados Germanos, e que a Germânico, como o homem destinado a governar o mundo romano, fosse dada a experiência do que significa conduzir legiões em guerra; mas já chegava. A atração da vitória final era tão insubstancial como uma névoa sobre um pântano germânico. E, além disso, era extremamente dispendioso. Após a vitória sobre Armínio, ao regressar ao longo da costa do Mar do Norte, Germânico e a sua frota foram apanhados numa tempestade de outono e sofreram perdas devastadoras. Quando o desastre rondava, por mais emocionante que pudesse ser segui-lo a uma certa distância, Tibério lembrava-se sempre do destino de Varo. Por conseguinte, apesar da frenética insistência de Germânico de que uma

última temporada de campanha militar garantiria que o domínio romano se prolongaria definitivamente até ao Elba, o herói do momento foi mandado regressar a casa.

Aí, esperavam-no excecionais honrarias: um segundo consulado e uma marcha triunfal. Tibério, determinado a banir quaisquer sussurros de uma potencial rotura entre ele e o seu herdeiro, não olhou a gastos para animar a multidão que o saudaria. A juventude e o magnetismo do seu sobrinho foram ativamente proclamados. Foi construído um arco no Fórum para saudar a recuperação das águias perdidas por Varo. Apesar de o imperador acreditar que a campanha tinha sido um desperdício de esforço e de despesa, fez questão de dar as boas-vindas a Germânico como «o conquistador da Germânia»[23].

Nem todos ficaram convencidos com essa demonstração de afeto familiar. Alguns, intrigados sobre as razões que levaram ao regresso do General do Norte quando a vitória parecia estar ao seu alcance, atribuíam-no sem tibiezas aos ciúmes do tio. A acusação era venenosamente injusta, e todavia, tinha qualquer coisa de verdade. Embora Tibério tivesse obedientemente seguido os desejos de Augusto de preparar Germânico para ser eminente, deve ter-lhe sido difícil acompanhar o progresso do sobrinho e não sentir um resquício de inveja. Continuava a ser o que sempre fora desde os seus primeiros e atabalhoados discursos para o Senado enquanto *Princeps*: um homem profundamente desconfortável na sua própria pele. A tarefa de assumir a aparência de Augusto não tinha ficado mais fácil com o tempo. Oprimido pelo que lhe era exigido, Tibério tinha começado a obscurecer. O crescente fulgor da celebridade do seu sobrinho transformava a sua natureza reticente e arredia num enigma. «Que contraste entre a simplicidade do jovem e o seu excecional bom humor, e a altiva e opaca reserva que caracterizava Tibério quando falava e aparecia em

público.»^[24] Enquanto Germânico percorria as florestas da Germânia e navegava no Oceano do Norte, Tibério escondia-se em Roma, de onde não saiu uma única vez durante dois anos. O aristocrata austero que, desde os 16 anos, a si mesmo se tinha posto à prova no combate contra os inimigos de Roma, que uma vez tinha virado as costas a Augusto para não comprometer a sua dignidade, e que sempre tinha desprezado o facilitismo hipócrita da elite da moda, via-se agora forçado a negociar num pântano mais traiçoeiro do que qualquer outro que alguma vez enfrentara além-Reno. Tal mundo era mais adequado aos talentos da sua mãe do que aos seus; e quando os seus inimigos se riam nas suas costas, comentando que fora Augusta quem lhe tinha assegurado o governo do mundo e não a sua *virtus*, o escárnio doía. Não surpreende por isso que, quando os senadores propuseram de forma maliciosa que o título «Filho de Lúvia» fosse incluído nas suas inscrições, Tibério tenha respondido com fúria. Em vez de arriscar comprovar a acusação de que tinha lucrado com a sua influência, e de que permanecia sob o seu controlo, fazia questão de evitar a companhia da sua mãe sempre que podia. Repetidamente advertia a Augusta: «não te intrometas nos assuntos cuja importância é inadequada a uma mulher.»^[25]

Porém, continuava a precisar dela. Os relatórios do desempenho de Agripina, durante o motim no Reno, tinham servido a Tibério de salutar lembrete de que era a linhagem de Augusto, carregada de uma mística que ele não esperava poder partilhar, quem dominava as afeições dos Romanos. Agripina, apesar de ser uma presença nociva e indesejada na casa da qual ele era agora o chefe, estava casada com o herói do momento, e, portanto, estava fora do seu controlo. Com a sua mãe já assim não era. A ruína final de Júlia tinha sido selada com a morte do seu pai. Segundo a vontade de Augusto em testamento, tudo o que lhe fora permitido durante o desterro — a mesada, a casa e os seus bens —, tinham passado para Lúvia.

Augusta, agora formalmente uma Juliana, e ao mesmo tempo sua enteada e irmã adotiva, não mostrou um pinga de sentimento familiar. Pelo contrário. Fria e implacável, ordenou que fossem cortados todos os abastecimentos à infortunada exilada. Júlia, privada de toda a esperança, morreria à fome. Ninguém duvidava de que Lúvia, no exercício de tal crueldade, tinha servido os interesses do filho. Estava claro, na presunção das pessoas, que «ele tinha calculado que o seu longo exílio impediria que se notasse a sua morte.»[26]

Na batalha clandestina e cada vez mais assassina, entre a linhagem de Augusto e a da sua mulher, era Lúvia quem tinha triunfado. O seu filho governava como imperador, e o seu neto não tinha quem com ele rivalizasse como seu herdeiro. No grande mausoléu de Augusto, onde Lúvia se tinha tornado sua sacerdotisa e filha após a leitura do testamento, não seria concedido qualquer espaço para as cinzas da deserdada Júlia. Os Claudianos tinham-se tornado Julianos, e os Julianos, purgados em miseráveis condições e sigilo, tinham desaparecido por completo da lista da família de Augusto. A chama da glória do deificado Augusto iluminava a sua única filha: Júlia Augusta, a mulher que antes tinha sido a sua mulher, e derramava o seu brilho sobre o seu único filho: Tibério César Augusto. Para aqueles que apenas se deslumbravam com o esplendor, e não pensavam sequer em semicerrar os olhos, não lhes parecia haver qualquer sombra, qualquer indício de escuridão, tudo era dourado. Tibério, tal como Augusto tinha sido, era «o melhor que um *Princeps* podia ser». Como filho de um deus, ele era um modelo digno de ser copiado por toda a humanidade. «Por maior que seja enquanto governante do mundo romano, ele é ainda maior, enquanto exemplo.»[27]

Tal louvor teria, por certo, provocado um sorriso amargo nos lábios gretados de uma Júlia que morria à fome, ou de um Agripa Póstumo, que

apodrecia em Planasia a sonhar com a liberdade, mas predestinado a de lá nunca mais sair. Mas a obscuridade das suas mortes, escondidas dos olhares do mundo, encorajava as pessoas a interrogarem-se. Dois anos depois da alegada execução de Agripa, Roma começou a ser varrida por um boato extraordinário. «De início a notícia não passava de um murmúrio, como acontece com todas as histórias proibidas.»^[28] Dizia-se que o neto de Augusto tinha enganado a morte. «Protegido pelos céus»^[29], tinha escapado aos seus guardas, conseguido um barco, e atingira o continente. Os Romanos, cujo amor pelos filhos de Júlia era inquebrantável, começaram a falar disso cada vez com mais veemência. Dizia-se que senadores e membros da Ordem Equestre também se estavam a juntar à causa de Agripa, e até mesmo membros da família imperial. Estariam a fazer-lhe chegar fundos e informação privilegiada. Toda a Itália parecia ansiar que a história fosse verdadeira. Mas poucos foram os que alguma vez viram o homem que dizia ser Agripa. Estava constantemente em movimento, evitando os espaços públicos, e só aparecia durante a noite. Foi através de subterfúgios que, por fim, o conseguiram capturar. Quando os agentes de Tibério, trabalhando nas sombras da noite, conseguiram convencer a sua ardilosa vítima de que eram seus apoiantes e a encontrarem-se com ele em estrito sigilo, não havia ninguém para testemunhar o seu sequestro para o Palatino. Aí, na Casa de César, saber-se-ia a verdade. O homem cujas pretensões tinham deixado toda a Itália em polvorosa era um impostor, um ex-escravo de Agripa que dava pelo nome de Clemente. Inflexível perante a tortura, recusou-se a trair os seus apoiantes; e assim, Tibério, que não tinha vontade de dar mais publicidade à questão, decidiu deixar adormecer o assunto. Deu instruções para que não houvesse novas investigações. Tudo aquilo devia ser abafado. Quanto a

Clemente, naturalmente seria executado e o seu corpo feito desaparecer em segredo.

Diz-se que, em primeiro lugar, o próprio Tibério fez questão de estudar o impostor; e que, depois, ao verificar a grande semelhança do escravo com o seu senhor morto, até mesmo no penteado e na barba, lhe terá perguntado. «Como conseguiste fazer-te passar por Agripa?» Recebeu uma resposta escarnecedora, que parecia ter vindo das profundezas dos mais privados medos do imperador. «Ora, da mesma forma que tu te transformaste em César.»^[30]

O príncipe do povo

Quando Tibério persuadiu Germânico a regressar da frente germânica, fê-lo em parte apelando ao seu sentido de afeto fraternal. «Permite que o teu irmão, Druso, possa ganhar alguma glória»^[31] — tê-lo-á incitado o imperador. Era uma tática eficaz. O vínculo entre os dois jovens era muito próximo. Primos e irmãos adotivos, ambos ficavam felizes com os feitos do outro. Embora tivesse sido essencial que a Germânico, como mais velho e herdeiro escolhido por Augusto, fosse confiado em primeiro lugar o comando de legiões em guerra, agora que ele tinha sido bem-sucedido em combate e tinha dado maior brilho ao seu nome, era a vez de Druso. Tibério preocupava-se que o seu filho gostasse muito dos prazeres da vida. Precisava de endurecer. Por conseguinte, com os Germanos muito ocupados a lamber as suas feridas para poderem gerar mais problemas, a Druso foi dado um alargado comando que abrangia todos os Balcãs. Aqui, revelar-se-ia um operacional tão hábil e eficaz, como já tinha acontecido na sua viagem anterior pela região. As tribos que viviam para lá da fronteira foram

subjugadas com sucesso, vários senhores da guerra vieram pedir-lhe proteção, fortalecendo o poder romano. Tibério, ao observar o resultado das ações de Germânico e Druso ao longo da vasta fronteira norte, poderia com justeza sentir que o futuro seria brilhante. Rômulo e Remo não eram o único modelo de fraternidade que podia ser encontrado nos anais do povo romano. Exemplos mais positivos estavam à disposição. Tibério, que tinha enfrentado o perigo e a exaustão para estar ao lado do seu irmão quando ele morreu, servia de evidente prova disso mesmo. «Os afetos posteriores na vida nunca devem diminuir esse amor primacial.»^[32] De facto, os laços de fraternidade poderiam ligar até mesmo aqueles que não compartilhavam o mesmo sangue. Por mais feroz que fosse a competição entre a elite romana, nem sempre tinha de resultar em inimizade. A partilha de experiências podia, num dado momento, servir para fomentar um sentimento de lealdade mútua. Afinal, para os ambiciosos havia uma só escada para subir; e alguém bem-sucedido, ao subir degrau a degrau, podia dar por si em campanha ou em magistério repetidamente com o mesmo colega. As memórias de camaradagem podiam muito bem reportar-se à adolescência. A experiência de Tibério era emblemática. O seu colega durante o seu segundo consulado, em 7 a.C., fora um homem que ele tinha começado por servir quando tinha 16 anos, durante a guerra travada por Augusto nos confins do Norte de Espanha^[33]. Quarenta anos depois, os dois experientes servidores dos Romanos tinham muitas memórias em comum. Cneu Calpúrnio Pisão era alguém a quem Tibério tinha orgulho de chamar amigo.

Era preciso ser-se especialmente bem-nascido para que alguém fosse tratado como igual por um Claudiano. A ascendência de Pisão provinha do segundo dos sete reis de Roma, cujos feitos até mesmo Tibério valorizava. O compromisso da sua família com os valores tradicionais da República era de uma enorme obstinação. O seu pai, ao contrário do de Tibério, tinha-se

oposto às ambições da Casa de César, e, como resultado, tinha sucessivamente ficado do lado dos perdedores. Apenas em 23 a.C., quando Augusto o convenceu a servir como cônsul, se viria a reconciliar com o novo regime. Nesse mês de junho, em que o *Princeps*, muito doente, tinha chamado Agripa para a sua beira e lhe entregara o seu anel na crença de que estava a morrer, também dera ao pai de Pisão um livro onde se descrevia cuidadosamente a sua administração dos recursos militares e financeiros de Roma. Era um gesto revelador. Para Augusto, era muito importante que os homens com boa ascendência e princípios fossem seduzidos para a sua causa, e o pai de Pisão tinha sido mais valorizado do que qualquer outro. Pisão era muito parecido com o seu pai. «Homem de poucos vícios, tinha apenas uma falha: confundiu a inflexibilidade com a perseverança.»^[34] É claro que qualificar isto como uma falha era, naturalmente, uma questão de opinião. Para quem não pertencia à antiga nobreza, o que podia parecer rigidez e arrogância, era valorizado por homens como Tibério e Pisão como baluartes essenciais da grandeza da sua cidade. «Tal como o continuar dos costumes dos nossos antepassados produziu proeminentes figuras, também o fizeram estes homens excelentes ao certificar-se da preservação do nosso modo de vida tradicional e das instituições dos seus antepassados.»^[35] Agora, mais do que nunca, no meio de todas as desconcertantes mudanças da nova era, aqueles que lideravam as casas ancestrais deviam obrigar-se a manter as amarras que ancoravam a sua cidade nos alicerces do passado. Foi por isso que, durante o seu consulado conjunto com Pisão, Tibério financiou a restauração de um monumento no Fórum que há mais de um século servia como principal santuário contra os retrocessos. Não havia nenhum edifício em Roma que tivesse designação mais irónica do que o Templo da Concórdia. Construído originalmente em 121 a.C., comemorava a mais sangrenta manifestação da luta de classes na história da cidade. Os

conservadores no Senado, dos quais um antepassado de Pisão fora o mais proeminente, tinham travado uma campanha verdadeiramente assassina contra aqueles dois bravos e persistentes tribunos da plebe, os Graco. Não foram só os dois irmãos que foram assassinados; milhares dos seus seguidores acabaram como cadáveres no Tibre. Tibério, ao reparar de forma ostensiva o monumento construído para celebrar essa repressão, queria deixar uma marca. É certo que o seu gesto enfureceu a grande maioria dos Romanos, mas era inevitável. A existência, na parte inferior do Capitólio, do bonito e renovado Templo da Concórdia, completado com o seu nome sobre a entrada e com um luxuoso conjunto de obras de arte, era uma declaração que não enganava ninguém. Apesar de estar dotado com poderes de um tribuno desde o ano 4, Tibério continuava a identificar-se com os mais velhos, os mais severos e mais rígidos valores da sua classe. «Digno dos meus antepassados, cuidador dos interesses do Senado, firme perante o perigo, e sem medo dos ressentimentos, assim serei eu ao serviço do bem público»^[36]: este era um manifesto digno de Ápio Cláudio Cego. Apesar das suas primeiras relações, enquanto *Princeps*, com os seus colegas senadores terem sido extremamente estranhas, não lhe abalariam a determinação. Concórdia entre o Senado e o povo de Roma, sim, mas de acordo com os termos do Senado. Na perspetiva de Tibério, não havia necessidade de fazer qualquer favor às massas.

No entanto, era crucial o apoio de homens como Pisão. O facto de a maioria dos senadores não corresponder às suas elevadas expectativas, aborrecia o *Princeps*. Tal como no Reno, também no Senado os seus passos eram lentos, mas determinados. Embora aos senadores na mó de baixo pudesse ser dada uma mão amiga se ele os julgasse merecedores, aqueles que nos debates se mantinham em silêncio e nervosos, à espera que ele tomasse a iniciativa, raramente eram abençoados. Apesar de Tibério ser um

magistral orador, dotado de tremendas qualidades de sarcasmo e dignidade, de ironia e vigor, o efeito da sua presença sobre os que ficavam intimidados pela sua grandeza levava-os a retraírem-se ainda mais. Por vezes mantinha-se em silêncio; noutros momentos intervinha de forma abrupta; havia alturas em que perdia completamente a cabeça e explodia. Muitos senadores, inseguros sobre quais eram as regras que deviam seguir, viam-se perdidos e desorientados; houve ocasiões em que Pisão, habituado à maneira de pensar do seu amigo, chegou a alertá-lo publicamente de que os tinha colocado a todos numa situação desagradável. Tais intervenções, longe de provocarem o *Princeps*, invariavelmente atingiam o alvo. A independência de espírito era precisamente o que Tibério desejava promover, desde que, claro está, estivesse em conformidade com o ideal que homens como Pisão, de comprovada linhagem e testemunho, tão bem incorporavam. Sob essas circunstâncias, o debate genuíno não estava fora de questão. Por vezes, era quase possível acreditar que o *Princeps* ocupava de facto o seu lugar no Senado apenas como um entre muitos. Pisão chegou até a receber apoio para uma moção à qual Tibério e Druso se tinham publicamente oposto. Apesar de ter sido prontamente vetada, por breves momentos todos os senadores se sentiram bem consigo mesmos. Tinha sido, como todos na Casa do Senado concordaram, «uma ilustração particularmente boa da forma de governo democrático»^[37].

Não que alguém fora das suas paredes se preocupasse muito com isso. Afinal, a grande maioria do povo romano, a quem Tibério negara o direito a um voto com significado, já não participava na eleição dos seus magistrados. Em vez disso, tinha agora outros favoritos. Não tinha esquecido a sua devoção à fascinante e trágica família de Júlia. A mesma qualidade estelar que tinha seduzido os legionários amotinados no Reno, emocionava agora as multidões em Roma. No regresso de Germânico da

frente, toda a cidade se encheu de gente para o receber, assim como a Agripina e aos seus filhos. O mais popular de todos era o pequeno Caio, que ainda não tinha cinco anos, e cuja alcunha de «Calígula» apelava a tudo o que havia de mais sentimental nos Romanos. Durante o desfile triunfal de Germânico, posicionou-se orgulhosamente ao lado do seu pai. Nero e Druso, os seus irmãos mais velhos, assim como as irmãs Agripina e Drusila, seguiam também na carruagem. Tudo naquele espetáculo fora calculado para encantar a multidão que os saudava, e intimidar Tibério. Ao que parecia, Germânico não conseguia deixar de impressionar as pessoas.

Tudo isto se transformou num dilema para o *Princeps*. Como os desejos de Augusto se mantinham indiscutíveis, era claro que Tibério continuava comprometido com a preparação do seu sobrinho para a sucessão, e a aprendizagem de Germânico estava longe de terminar. Concluída a comissão de serviço a norte dos Alpes, estava na hora de alargar os seus horizontes, e de o enviar para o Leste. Aí, novos problemas surgiam. O foco do conflito era o mesmo que há muito tempo tinha causado tensão entre Roma e o Império Parta. O reino da Arménia, uma terra de montanhas geladas, florestas densas e famosa pelos seus eficazes venenos, estava entalado de forma desconfortável entre impérios rivais: demasiado indigesto para ser engolido, e também saboroso demais para ser deixado em paz. Quase quarenta anos antes, Augusto tinha enviado Tibério para lá, na sua primeira missão independente, que acabaria por ser um grande sucesso. Um rei fantoche seria imposto à força; o direito de Roma em se intrometer nos assuntos arménios tinha-se afirmado de forma triunfal. Mas atrás das oportunidades, escondiam-se inevitavelmente os perigos. Afinal, fora na Arménia que Caio César, o precioso neto de Augusto, tinha sofrido o ferimento fatal. Tibério, cuja ascensão nunca teria acontecido sem a morte prematura de Caio, tinha boas razões para avaliar até que ponto o infortúnio

pode surpreender um príncipe obstinado. Não era apenas a segurança pessoal de Germânico que estava em jogo. A aniquilação de Crasso e das suas legiões em Carras ainda ensombravam. Embarcar numa aventura louca, podia fazer perigar todo o domínio romano no Oriente. Tibério, ao pesar as suas opções, sabia que o que quer que fizesse seria um risco.

No ano 17, pouco depois de celebrar o seu triunfo, Germânico foi formalmente nomeado pelo Senado para o comando das províncias do Leste, com uma autoridade sobre os vários governadores da região equivalente à de Tibério. «Lá, não há qualquer perspectiva de acordo», informaria o *Princeps* na Casa do Senado, com uma expressão muito séria, «a não ser que a sua sensatez prevaleça.»^[38] Pouco depois, Germânico partia em missão. Com ele foi a praticamente sempre grávida Agripina e o jovem Calígula. A primeira paragem foi para realizar uma visita de cortesia ao quartel-general de Druso, nos Balcãs; a segunda, a baía de Ácio. Tinham passado quase cinquenta anos desde que os dois avós de Germânico, o natural e o adotivo, se tinham encontrado nas suas águas para decidirem o destino do mundo; e à imaginação do jovem, como era de esperar, «chegavam as imagens intensas das cenas de tragédia e triunfo»^[39]. Então, como tantos peregrinos antes dele, dirigiu-se com entusiasmo à mais célebre atração turística do mundo grego. Coroada pelo Pártenon, adornada e perfumada pelas memórias dos feitos passados, Atenas era desde sempre um dos anseios dos Romanos românticos. Horácio tinha estudado nas suas escolas; e também Ovídio, que, na sua viagem para o exílio, seria visitado pelas memórias da juventude feliz dos tempos em que lá viveu. História e filosofia, arte e urbanidade: a cidade tinha tudo. «Atenas, outrora amante do mar e da terra, fizera da Grécia a escrava da sua beleza.»^[40] O muito culto Germânico, cuja ideia de descontração era redigir uma ou duas comédias gregas, estava encantado. Também os Atenienses. Podiam ter caído do

pedestal da sua passada grandeza, mas não tinham rivais quando se tratava de apaparicar os dignitários. Para um homem como Germânico, que mais do que ninguém gostava de ser adulado, era o céu. Ao deixar Atenas, o seu espírito parecia flutuar. Quando Agripina, imediatamente antes da chegada à Ásia Menor, numa paragem na ilha de Lesbos, deu à luz uma terceira filha, Júlia Livila, parecia que os deuses sorriam para ele e para a sua missão. Contudo, os problemas já estavam em ebulição. Logo atrás de si, bruto e inflexível onde Germânico era suave e afável, viajava um embaixador com uma postura muito diferente. Pisão, que considerava a rudeza para com os estrangeiros como uma das virtudes primordiais que distinguia um aristocrata Romano dos homens inferiores, não tinha tempo para subtilezas diplomáticas. Ao chegar a Atenas, fez um discurso intencionalmente rude. Que os Atenienses eram indignos da sua herança; que eram escumalha, a escória da terra. Um chauvinismo assim, um arrepiante desprezo pelos Gregos, como povo conquistado e decadente, era o reverso da subserviência cultural recentemente exibida por Germânico. A subserviência, disse Pisão aos seus anfitriões, era incompatível com a dignidade romana. Marcada a sua posição, continuou o seu caminho, até ser apanhado por uma tempestade ao largo de Rodes. Salvo no último momento por um navio de guerra a servir de salva-vidas, o humor de Pisão não melhorou quando descobriu que o homem a quem devia a sua vida era Germânico. O encontro entre ele e o seu salvador foi tão rígido quanto breve. Apenas um dia depois de ter sido salvo do naufrágio, Pisão já estava de novo a caminho. O seu destino era a província que, mais do que qualquer outra, servia de chave para a segurança romana no Oriente, uma terra de cidades famosas e fervilhantes de gente, de fabulosas riquezas, que fazia fronteira com o Império Parta. Pisão seguia para leste como novo governador da Síria.



Como Augusto, Tibério pensava muito antes de nomear alguém para um comando militar. A Síria, que tinha uma guarnição de quatro legiões e que ficava a muitas semanas de Roma, era um comando particularmente sensível. O *Princeps* não delegava com facilidade. Como general no terreno, a sua atenção aos pormenores era implacável, mas como imperador, com o mundo inteiro à sua responsabilidade, aceitava com relutância que não podia dar-se ao luxo de exercer um controlo apertado sobre tudo. Muitas vezes, parecia estar quase rendido à tentação de desencadear uma grande volta às províncias, para tentar controlar ao pormenor os domínios de Roma; mas, uma e outra vez, acabava por cancelar os seus planos de viagem. Começaram a apelidá-lo de «Calípides», nome de um famoso mimo que era exímio em imitar a corrida de um atleta sem sair do lugar.

O envio de Pisão para a Síria era a manobra mais «calipidiana» de Tibério. Mudar de governadores não era o seu estilo normal. Preferia mantê-los no lugar. «Até os governadores corruptos?», foi-lhe perguntado uma vez. «Sobre as feridas, é melhor ter moscas saciadas de sangue do que sedentas» terá respondido com mordacidade.^[41] Porém, agora, as circunstâncias eram excepcionais. Apesar de ter confiado a Germânico a administração do Oriente, Tibério não queria deixar o seu sobrinho sem supervisão. Precisava de alguém na Síria em quem confiasse. As lealdades do governador titular, cuja filha estava prometida em casamento a Nero, o filho mais velho de Germânico, estavam demasiado divididas para o seu gosto. Apenas um homem em quem o *Princeps* depositasse absoluta confiança, que partilhasse os seus valores, os seus instintos e os seus antecedentes, serviria. E foi assim que Pisão, logo que Germânico partiu para a Arménia para seguir os passos de Tibério e impor a escolha de um rei favorável a Roma, após desembarcar na Síria e viajar cerca de 24

quilómetros rio acima, chegou à grande metrópole que servia de posto de comando à Ásia romana: Antioquia.

Tal como Alexandria, a cidade tinha sido originalmente uma capital de reis. Fundada em 300 a.C. por um general de Alexandre, *o Grande*, a influência dos seus governantes chegou a fazer-se sentir até à Índia. Embora tenha tido uma origem bem mais humilde do que as mais antigas cidades fundadas na Síria, Antioquia há muito que as tinha superado. Estabelecida pelo seu fundador entre o rio Orontes e os picos de uma montanha adjacente, foi povoada por Atenienses que para lá se mudaram, e estava dotada de todos os privilégios de uma cidade grega, de teatros a ginásios — era, no Levante, a imagem de marca do domínio da Macedónia. Devido às riquezas da Ásia, servira durante dois séculos e meio como montra dos excessos da realeza. Dentes de marfim e enormes pratos de prata, diademas incrustados de joias e imensos banquetes públicos, potes de ouro a transbordar com canela, manjerona e nardo: «quem contemplasse toda a riqueza em exposição não podia deixar ser atingido pela admiração e o espanto»^[42]. E pela ganância, claro está, como no caso de pessoas como Pompeu; em 63 a.C., o vaidoso e venal conquistador, ao aparecer com as suas legiões na Síria, empanturrar-se-ia de tudo aquilo. Quase oito décadas depois, o novo governador, ao ocupar o seu posto, iria observar por todo o lado marcas tranquilizadoras da anterior dominação do Império Romano. Ao entrar em Antioquia não restavam quaisquer dúvidas de que estava sob as garras do lobo. Na muralha oriental, sobre a nova e deslumbrante entrada da cidade, estava uma estátua de Rómulo e Remo, completada pela loba que os amamentou; a meio caminho da sua rua central, olhando serenamente para fora da cidade do alto de uma coluna, estava uma estátua de Tibério. Entretanto, a supremacia romana tinha o seu aparelho intimidatório no quartel-general do governador, onde ficavam as instalações militares, e se

estabeleciam os serviços fiscais e os tribunais, para a condenação rápida e pronta dos criminosos. Em nenhum outro lugar na cidade, ou na província, havia algo que pudesse rivalizar com a monopolização da força de Roma. O governador tinha o direito de crucificar, queimar, ou lançar às feras quem quisesse. Pisão, ao ser o homem que detinha tais poderes aterrorizantes, era, de forma apropriada, a personificação do medo e do terror.

A entrada em cena de Germânico iria, naturalmente, complicar as coisas. A autoridade de Pisão não era tão absoluta como seria de contrário. Confiante de que Tibério pretendia que servisse de contrapeso ao jovem príncipe, procurou assegurar o apoio da guarnição da província. Embora em anteriores comissões de serviço se tivesse mostrado como um tirano feroz, agora afrouxava o jugo que restringia as legiões sob o seu comando, permitindo aos seus homens a utilização da força de uma forma ainda mais brutal do que habitualmente estavam autorizados. Os locais, naturalmente, já sabiam que deviam lidar com todo o cuidado com os seus ocupantes. Um legionário podia forçar um civil a servir-lhe de carregador ou a providenciar-lhe alojamento, nenhuma mulher se cruzava com um soldado Romano sem sentir uma certa dose de medo. Mas agora, com o afrouxamento da disciplina, aos militares era-lhes permitido deambular tanto na cidade como no campo. O novo governador era saudado com apreço pelos seus homens como «o Pai das Legiões»^[43]. Entretanto, Plancina, a sua mulher, amiga íntima de Livia, imitava o papel desempenhado por Agripina na Germânia. Assistia às manobras, e mostrava-se interessada pelo bem-estar das tropas. A confiança de Pisão aumentava. Quando lhe chegaram pedidos de reforços da Arménia, sentiu-se tão seguro de si que os ignorou. Germânico, embrenhado na estabilização da fronteira a norte, não teve outra alternativa senão engolir essa insubordinação; e, mostrando uma perspicácia e uma subtileza diplomática

que escarneciam dos vaticínios do seu tio, foi capaz de alcançar com recursos próprios tudo o que lhe tinha sido pedido que fizesse. Mas, sem surpresa, quando ele e Pisão se encontraram novamente no aquartelamento de inverno de uma das quatro legiões da Síria, as relações entre os dois homens estavam mais frias do que nunca. «Quando se separaram, a inimizade era evidente.»^[44]

No entanto, este choque de egos não se devia apenas às circunstâncias embaraçosas dos seus compromissos mútuos. Estavam em jogo profundas questões de princípios que atingiam o coração da nova ordem romana. Vinte e cinco anos antes, Tibério tinha-se retirado para Rodes por não suportar as presunções de um principelho; mas depois, quando Caio fora para o Oriente mandatado com poderes equivalentes aos que foram dados a Germânico, não teve outro remédio se não morder a língua e engolir repetidas afrontas. Pisão, um homem da mesma geração e com os mesmos princípios de Tibério, estava determinado a não sofrer uma humilhação correspondente. Como o seu amigo, desprezava o que a monarquia representava; como ele, aderira às virtudes e princípios que os seus antepassados lhe inculcaram. Estava disposto a reconhecer Tibério como *Princeps*, pois tinha salvado a República, primeiro na Panónia e depois na Germânia; mas não Germânico. Era como aristocrata Romano que tencionava governar a sua província.

Tudo se agravou num banquete oferecido pelo rei da Nabateia, uma terra governada a partir da cidade cor-de-rosa de Petra, há muito subordinada a Roma por um tratado. Quando o rei, num gesto de hospitalidade, presenteou os convidados com coroas de ouro, uma mais pesada para o filho de César e uma mais leve para todos os outros, Pisão resfolegou em escárnio. Quem é que Germânico julgava que era? Um Parta? Desde os tempos de Cipião, o *Africano*, que era uma questão de princípio entre a elite romana de que eles eram superiores mesmo à maior ostentação oriental. Os princípios de Pisão

faziam-no acreditar que a dignidade da República o obrigava a desdenhar tudo e todos na sua província. Por mais degenerada que Atenas tivesse sido, nada se comparava à degenerescência de Antioquia. A aparência grega da cidade não impedia que os seus governantes Romanos classificassem os seus habitantes como, na melhor das hipóteses, meras imitações de Gregos. As multidões que superlotavam as suas ruas eram, desde há muito, mestiças. Os descendentes dos Atenienses que por lá se estabeleceram, na sua fundação, tinham-se misturado com nativos de todo o Médio Oriente. Em Roma, onde os bálsamos da Síria eram altamente valorizados, o óleo com o qual os enfatuados perfumavam e ungiam os seus cabelos chocavam os moralistas que os consideravam uma repugnante representação de todo um país. Para homens como Pisão, tudo o que respeitava aos Sírios era inquietante. Os seus comerciantes eram de falinhas mansas; os seus sacerdotes demasiado afeminados; as suas dançarinas exageradamente depiladas. Do alto das montanhas, onde adoradores em êxtase ofereciam sacrifícios a deuses estranhos e sem forma, até às profundezas das tabernas de Antioquia, onde os corpos se movimentavam ao som de tamborins e se contorciam de forma desviante, algo em que os Sírios se destacavam, a província parecia apodrecer com o servilismo e a imoderação. Confrontado com tal país, o que podia um Romano fazer, senão apegar-se ainda mais firmemente às suas próprias normas?

Só que Germânico, cuja delicadeza e bonomia com todos os estrangeiros tanto tinha provocado a ira de Pisão, conseguia salientar com legitimidade que a xenofobia não era a única tradição herdada dos grandes homens do seu passado. O mesmo Cipião, *o Africano*, que sempre confirmara com severidade a majestade da República face às monarquias orientais, aquando do seu périplo pelas cidades gregas da Sicília, tinha feito aos moradores a cortesia de copiar as suas modas. Agora, ao continuar o roteiro da sua

comissão de serviço, ao viajar da Síria para o Egito, Germânico repetia o truque. Ao chegar a Alexandria, dispensou os seus guardas, calçou sandálias e vestiu-se como um Grego. Isto, para os habitantes de uma cidade fundada por Alexandre, *o Grande*, cuja incomparável biblioteca ostentava mais volumes de literatura ateniense do que a própria Atenas, e que amargamente se ressentia de que um palácio, antes ocupado pelos seus monarcas, tivesse acabado como sede de um governador estrangeiro, era um gesto muito popular. Tal como acontecia na capital, na segunda maior cidade do mundo romano a facilidade de Germânico em cativar as pessoas mostrava-se capaz de conquistar os corações e as mentes.

Era um feito considerável. Nenhum Romano o tinha alcançado desde o tempo de Marco António. Era notoriamente difícil agradar aos Alexandrinos. Perversos e volúveis, eram tão propensos aos confrontos nas ruas, que mesmo uma mulher não pensava duas vezes em «agarrar os genitais de um homem durante uma briga»^[45]. Mas agora, quando os Alexandrinos causavam tumultos, era de entusiasmo com o seu convidado. A multidão gritava que ele e Agripina eram ambos «*Augustus*». Germânico, em choque, pediu que as manifestações acabassem de imediato. Estava dolorosamente consciente de que não era bom ser saudado com um título que «só o seu pai e avó tinham o direito de usar»^[46].

Mas era demasiado tarde. A notícia de que Germânico estava a ganhar popularidade em Alexandria iria inevitavelmente chegar a Tibério, e não seria bom. Se a presença na Síria já era algo de sensível, no Egito ainda o era mais. Afinal, as suas riquezas eram tais que tinham efetivamente financiado a tentativa de Marco António em dominar o mundo, um pormenor que nenhum César jamais esqueceu. Augusto, apesar de toda a sua jactância de que «acrescentara o Egito ao Império Romano»^[47], de forma neurótica, tinha mantido um controlo de tal modo apertado sobre a

nova província, que classificava na prática como o seu próprio feudo — e, como seria natural, Tibério faria questão de o imitar. Nenhum membro da elite romana estava autorizado a entrar no Egito sem a sua expressa autorização; apenas membros da Ordem Equestre tinham sido nomeados para o governar; bastava um pequeno ar de superioridade para que um governador fosse impiedosamente afastado do cargo. De facto, era tal a dimensão da ansiedade de Tibério para assegurar a manutenção da província que, alguns meses depois de suceder a Augusto, nomeou como seu governador em Alexandria ninguém menos do que Lúcio Seio Estrabão, outrora o prefeito dos pretorianos, e pai do seu mais confiável partidário. Entretanto, para lá das cercanias da grande cidade portuária, ao longo das margens do Nilo, onde os antigos deuses com cabeças de animais ainda eram adorados pelos egípcios que não falavam uma palavra de grego, nem nunca tinham visto um Romano, o *Princeps* distante estava a ser homenageado como antigamente. Como há muito, num tempo perdido entre fabulosas brumas, os escribas egípcios tinham esculpido nas paredes dos templos os nomes dos seus próprios reis, cuidadosamente enquadrados em regulares elipses, também agora, enquadrado por novas elipses tinha sido gravado o nome de Tibério. No Egito governava mais como faraó do que como primeiro cidadão do povo romano.

Assim, nada podia ter contribuído mais para a crispação do *Princeps* do que ter o neto de Marco António e a neta de Augusto a serem recebidos em Alexandria como deuses. Quando Germânico voltou à cidade, depois do cruzeiro no Nilo, tinha à sua espera uma furiosa missiva que o mandava regressar a Roma. Se os termos das críticas de Tibério não tivessem ecoado os de Pisão, o contratempo teria sido rapidamente esquecido, porque Germânico nunca pretendeu fazer sombra ao seu tio. Mas, sendo assim, voltou para a Síria onde encontrou um governador que se sentia encorajado.

A campanha de insubordinação promovida por Pisão tinha atingido altos níveis de insolência durante a sua ausência, e Germânico, ao descobrir que todas as suas últimas ordens tinham sido revogadas, decidiu que já bastava. Os cabelos grisalhos de Pisão até podiam pertencer a uma antiga família, e ter amadurecido ao serviço da República, mas criticou-o com enorme dureza. O governador, com a sua dignidade ferida, resolveu afastar-se de Antioquia. Mas antes de o poder fazer, chegaram-lhe notícias de que o seu adversário tinha adoecido. O estado de espírito de Pisão melhorou de forma considerável, mas viria a ser afetado com uma nova notícia que relatava uma recuperação, e que por toda a Antioquia se ofereciam sacrifícios em sinal de alívio. Pisão, cujo discernimento estava agora fatalmente prejudicado pela intensidade da sua aversão a Germânico, providenciou os meios para que os seus lictores terminassem com as celebrações, e depois retirou-se, descendo o rio Orontes, para aguardar por novos desenvolvimentos. Estes, como se veria, já estavam fora de controlo. Em Antioquia só se falava de envenenamento e feitiçaria. Ao que parecia, Germânico não tinha só sofrido uma recaída, mas os seus servos, ao vasculharem o quarto, tinham descoberto marcas de bruxaria escondidas nas paredes e sob o soalho: ossos, sangue seco e manchas de cinzas. Germânico, no seu leito de morte, apontaria especificamente Pisão como o responsável.

E foi assim, pela segunda vez, que a jornada de um jovem César pelo Oriente terminou em calamidade. No entanto, embora a perda de Caio fosse certamente um duro golpe para o imperador, e apesar de mais tarde se suspeitar de nela estar envolvida a sombria mão de Lúvia, não tinha tido repercussões semelhantes às que a morte de Germânico agora ameaçava gerar. As suas últimas palavras, ditas com a sua costumeira emotividade na capital da Ásia romana, dificilmente poderiam ter sido menos úteis a

Tibério. Em primeiro lugar, acusou abertamente o governador e amigo do *Princeps* de congeminar o seu assassinato. Depois, mesmo quando pediu a Agripina para conter a sua instintiva tendência para o populismo, instruiu simultaneamente todos os que se reuniam à volta do seu leito de morte para tirarem o máximo proveito dela. «Exibam perante os Romanos a neta do deificado Augusto, e recitem-lhes os nomes dos meus filhos!»[48]

Tal apelo encarnava tudo aquilo que sempre levara o *Princeps* a desconfiar do sobrinho; mas, apesar de ser Germânico a dizê-lo, o homem enviado para a Ásia para controlar os seus instintos, e que incorporava os austeros e impiedosos instintos de Tibério, apenas tinha atizado as chamas. Pisão permanecia demasiado cego pelo insulto feito à sua honra para ficar por ali. À notícia da morte do seu rival, escancarou os templos para manifestar a sua alegria, ofereceu sacrifícios aos deuses e esbanjou donativos com os seus homens. Depois, quando os senadores da comitiva de Germânico nomearam entre si um ex-cônsul chamado Séntio, para servir como governador em seu lugar, Pisão recorreu à força em defesa do que, afinal de contas, continuava a ser legalmente o seu cargo. Cidadãos contra cidadãos: «Os de Pisão» pegaram em armas contra «os de César»[49]. Cinquenta anos depois da batalha de Ácio, parecia que os males da guerra civil, «desde há muito ausentes devido à divina vontade do deificado Augusto, e às virtudes de Tibério César Augusto»[50], voltavam a assolar o mundo. A face humana da crise, como Germânico às portas da morte sabia que seria, foi providenciada por Agripina. Em vez de esperar pela primavera, embarcou para casa logo que as cinzas da pira funerária do marido esfriaram. Parando apenas para trocar insultos com Pisão após um inadvertido encontro com a sua frota, partiu para casa sulcando os mares invernosos. Quando atracou por fim em Brindisi, parecia que toda a Itália se tinha reunido para a receber. Mal a pálida viúva apareceu na prancha de

desembarque com a urna que continha as cinzas do marido nas suas mãos, e com Calígula e a pequena Júlia Livila ao seu lado, os soluços e lamentos da multidão misturaram-se num único uivo de animais doridos. Desde que se confirmara de forma definitiva a morte de Germânico, Roma tinha sido inundada por uma onda de pesar. «Não era uma honra que o amor e o espírito conseguissem imaginar, mas que a ele fora concedida.»^[51] Agora, na lenta e imponente viagem das suas cinzas para a cidade, havia o sabor de um tributo final: não era apenas um cortejo fúnebre, mas um desfile triunfal. O herói caído foi escoltado pela guarda pretoriana; os lictores tinham os *fascēs* em baixo e sem qualquer adorno; ao longo de toda a Via Ápia pairava um perfume amargo do incenso que era queimado pelas pessoas que assistiam à passagem do cortejo. A 60 quilómetros a sul da capital, as cinzas foram recebidas pelo irmão de Germânico, a cambaleante e pouco heroica figura de Cláudio, pelo seu irmão adotivo, Druso, e pelos quatro filhos que ele e Agripina tinham deixado em Itália. Depois, quando o cortejo chegou a Roma, juntaram-se a ele os dois cônsules e vários senadores. As ruas foram atravessadas num silêncio entrecortado pelo pranto de luto de quem, ao longo do caminho, assistia à sua passagem. Pararia apenas ao chegar ao Campo. Iluminados pela luz das tochas empunhadas pela multidão, e perante Agripina toda vestida de negro, os restos mortais de Germânico foram reverentemente colocados no lugar onde iriam descansar para sempre: o grande mausoléu de Augusto.

Mas, do seu tio, o Primeiro Cidadão da República, nem sinal. Como sempre, Tibério considerava o desfile de luto como algo inferior à sua dignidade. Nem ele, nem Livia, nem a mãe de Germânico, foram vislumbrados em público. Onde estava qualquer um deles, quando a manifestação do seu luto se exigia que fosse junto de uma multidão chorosa? O ambiente na cidade ficava feio. A ausência do *Princeps* nas

manifestações públicas de luto era tida como um insulto. Pior, como uma confissão de culpa. A acusação de Germânico no seu leito de morte, de que Pisão o tinha envenenado, estava nas bocas de todos. Tal acusação não era fácil de refutar. Para Tibério apontar, como o poderia ter feito, que muitos não resistiam ao clima insalubre do Levante, dizer que as marcas de bruxaria encontradas no soalho de Germânico poderiam muito plausivelmente ter sido restos de animais, teria sido demasiado humilhante; mas assim, o seu silêncio pairava pesadamente no ar. Os Romanos, na sua dor e raiva, não achavam difícil apresentar uma razão. Contemplavam a viúva do seu herói e saudavam-na como a neta de Augusto que restava. Levantando as mãos para os céus, rezaram para que os seus filhos «sobrevivessem aos seus inimigos»[52].

Tibério fora cruelmente vexado. Apesar de sempre ter desprezado a plebe e quem pretendia atraí-la, tal não o impedia de vacilar quando tomava consciência da sua impopularidade. Ser desprezado, como um estranho raiado com o sangue dos inocentes, ameaçava danificar mais do que a sua reputação. O *Princeps* não era o único que estava a ser ameaçado pela crise. O Senado, cuja autoridade e valores Tibério sempre desejara encarecidamente manter, tinha começado a sentir-se igualmente ameaçado. Havia um sabor amargo nas manifestações de luto da cidade para com o seu favorito. Era crença generalizada de que Germânico tinha sido assassinado por causa da sua amizade pelas massas. Tinha sido favorável à igualdade de direitos para todos, dizia-se, e tinha como objetivo restaurar as liberdades perdidas pelos Romanos. A multidão, ao reunir-se no Campo com as tochas acesas para saudar o cortejo fúnebre, demonstrava nessa assembleia que estava pronta para votar. Agarrado às orelhas do lobo, Tibério conseguia sentir como os seus pelos se eriçavam, os seus dentes se arreganhavam, e o cheiro a fome na sua respiração. Sabia que ele estava a reclamar por carne.

Assim, nada mais lhe restava do que arranjar-lhe uma presa. A vítima sacrificial, como Tibério estava dolorosamente ciente, escolheu-se a si mesma. A tentativa de Pisão em refugiar-se na sua província não tinha corrido bem. O confronto com Séntio obrigou-o a sair do seu esconderijo, não lhe restando outra alternativa que não fosse negociar a rendição. O melhor que conseguiu obter foi um salvo-conduto para regressar a Roma. Ao subir o rio Tibre a caminho do olho do furacão, ele e a mulher tinham-se preparado para exibirem um calculado sangue-frio. Em vez de se retrair perante a fúria dos Romanos, optou por aportar na hora de maior movimento, no lado oposto ao Mausoléu de Augusto, onde as cinzas de Germânico tinham sido depositadas recentemente; e, depois, nessa mesma noite, ofereceu um lauto jantar. No Fórum, de onde se viam com toda a clareza os arranjos florais que decoravam a residência de Pisão, a multidão estava incrédula. No dia seguinte, sem qualquer surpresa, chegava uma acusação oficial aos cônsules.

Mas os pares do Pisão ainda hesitavam em aplicar-lhe o golpe de misericórdia. Os cônsules remeteram o inquérito para o *Princeps*; e o *Princeps* para o Senado. Pisão, indomável como sempre, recusou-se frontalmente a confessar o crime do qual todos os que estavam fora do tribunal já o tinham condenado: insistiu, repetidamente, que não tinha envenenado Germânico. Na verdade, isto não o eximia das outras acusações; pois era demasiado evidente que era culpado de insubordinação e de fomentar a guerra civil. No entanto, apesar de insistir nestas acusações, os acusadores tinham motivos para hesitar. Todos os senadores estavam desconfortavelmente cientes de que Pisão tinha sido governador de César. Apesar dos pedidos, a correspondência entre os dois homens permaneceu inacessível. Tibério era, de todos, quem estava mais desconfortável. O *Princeps* permanecia envolvido num dilema verdadeiramente angustiante.

Se poupasse Pisão, as mais tenebrosas suspeitas dos Romanos confirmar-se-iam; se lavasse as mãos perante um velho amigo, lançasse um aliado de confiança aos lobos, permitisse que um homem de uma família antiga e distinta fosse linchado pela multidão, a traição seria devastadora. Tibério retraiu-se; e nas ruas a fúria e a indignação recrudesceram.

Quando, por fim, a erupção atingiu o seu clímax, tudo se precipitou. Os manifestantes derrubaram as estátuas de Pisão, puxaram-nas para junto do Capitólio, arrastando-as até ao meio da escadaria que levava ao cimo da colina. Aqui, de onde podiam ser vistos de todo o Fórum, despedaçaram-nas. Não podia haver maior simbolismo. Num dos lados das Escadas Gemónias, como eram conhecidas, ficava a única prisão da cidade, para onde os criminosos eram levados antes da execução; no outro, ficava o Templo da Concórdia, recente e controversamente renovado por Tibério. O *Princeps*, ao reconhecer aquele desafio direto à sua autoridade, enviou a guarda pretoriana para salvar e restaurar as estátuas, e depois fez escoltar Pisão numa liteira até à sua residência. Na manhã seguinte, num gesto de contínuo desafio, o acusado voltou à Casa do Senado; mas soube, assim que entrou, que o jogo tinha terminado. Nem um único olhar solidário; nem uma única voz que não fosse enraivecida. O mais arrepiante de tudo era a expressão de Tibério: «impiedosa, sem paixão, sem expressar qualquer emoção»^[53]. Nessa noite, quando Pisão regressou a casa, foi deitar-se como sempre fazia; e, depois, quando a sua mulher saiu do quarto, ordenou que fechassem as portas, e cortou a garganta.

Na morte, como na vida, a vingança da plebe enlutada perseguiu-lo-ia. O Senado, em obediência ao seu ódio, declarou que seria crime qualquer lamentação por Pisão, mandou destruir todas as suas imagens, confiscou metade das suas propriedades, e obrigou o seu filho a mudar o nome. Cópias do decreto foram enviadas para as cidades e acampamentos de todo

o mundo conhecido. Ao mesmo tempo, numa dissimulada formalidade, os senadores expressaram a sua gratidão ao *Princeps* por ter vingado Germânico. O povo romano, porém, permaneceu desdenhoso e por convencer. Sabiam que Tibério, em vez de permitir a completa ruína da família de Pisão, tinha expressado piedade pela sua desgraça e pelo seu terrível fim. As suas suspeitas sobre o *Princeps* ainda se inflamavam. Um adversário dos seus interesses, sim, mas era também o assassino dos seus heróis. Ser marcado por tal reputação era severo o suficiente. Mas havia pior. O Senado, a instituição em proveito da qual Tibério tinha sacrificado a sua popularidade perante a plebe, saíra ferida da crise. O destino de Pisão, que primeiro tinha sido recrutado pelo *Princeps* como aliado, para depois ser abandonado, tinha incomodado muitos senadores. Longe de lhes servir como um modelo da ancestral retidão, Tibério, na sequência dos acontecimentos da Síria, parecia agora um verdadeiro monstro de hipocrisia. O desprezo com que tinha tratado aqueles que não respeitassem os seus rígidos códigos de moralidade, tinha na Casa do Senado uma igual correspondência. De forma inexorável, até mesmo os aliados dos quais Tibério mais necessitava estavam a começar a duvidar se podiam confiar nele sem reservas.

E, quiçá, entre eles, perante uma crise tão virulenta, estivesse o próprio Tibério.

Consigliere

Roma era uma cidade repleta de mortos. Apesar de a ascensão aos céus, fosse na forma de um cometa ou de uma águia a bater as asas, ser uma apoteose apenas concedida a um César, havia outras formas de se ser um

deus. O sangue de porcos, derramado sobre a terra das sepulturas recentemente abertas, poderia servir para consagrar os espíritos até dos mais humildes. Orações aos falecidos, colocação de violetas sobre os túmulos, oferta de farinha e sal e de pão embebido em vinho, e eles, em troca, ficariam como guardiões dos vivos. *Manes*, era o nome dado aos espíritos que podiam ser convocados, a partir do submundo, para prolongar a vida daqueles que os choravam, para os aconselhar durante os sonhos, e para proteger as colheitas nos campos. Antigamente, quando Roma ainda estava no início da sua caminhada para a grandiosidade, durante a terrível guerra que determinou a aniquilação de Cartago, eles tinham chegado a lutar ao lado das forças romanas, depois de o seu comandante lhes ter dedicado a cidade como um ofertório de sangue.^[54] Por isso, os vivos ansiavam honrar adequadamente os *Manes* com festividades. Em fevereiro, durante dez dias os templos eram encerrados, as chamas eram extintas nos altares, e os magistrados trajavam apenas roupas simples. Era perigoso negar aos mortos o que lhes era devido. Dizia-se que teria havido um ano, em que ao se sentirem negligenciados, ter-se-ão erguido dos seus túmulos. Com as piras funerárias a brilhar assustadoramente em toda a Roma, uma multidão de fantasmas dos desaparecidos teria enchido a cidade com os seus vivos.

«Na verdade, acho muito difícil acreditar nisso»^[55], terá dito Ovídio, que não estava sozinho nesse seu ceticismo. Qualquer um com predileções intelectuais, e dinheiro para as pagar, era suscetível de dispensar os *Manes* enquanto superstição. Alguns filósofos, modernos e ousados, chegaram ao ponto de ensinar que nenhum espírito sobrevivia à sepultura. No entanto, mesmo entre os mais inteligentes dos inteligentes, reinava o anseio pela imortalidade. O próprio Ovídio, cujo exílio para o Mar Negro lhe tinha proporcionado uma sombria amostra do que podia ser a descida ao submundo, tinha-se familiarizado demasiado com a ameaça do

esquecimento para não o combater até ao fim. No ano 17, no meio das várias manifestações triunfais a Germânico na sua partida para o Oriente, a notícia da morte do poeta quase não circulou por Roma. Mas a sua voz não seria inteiramente silenciada. Uma última coleção de poemas, um testamento final, ficaria por publicar. «O tempo tanto corrói o aço como a pedra.» Assim escrevera Ovídio alguns meses antes de morrer. No entanto, mesmo de além-túmulo, continuava a desafiar com o seu poder corrosivo. Enquanto tivesse leitores, não estaria, talvez, completamente morto. Nesse ponto, tinha enganado o tempo. «A palavra escrita desafia os anos.»^[56] Os poetas não estavam sozinhos nesta asserção. Os grandes também o sabiam. Tinham os seus nomes inscritos em todos os lugares de Roma: nos pedestais das estátuas, nos monumentos do Fórum, exibidos nas listas públicas de cônsules e sacerdotes, e nas celebrações públicas dos triunfos desde as origens da cidade. A verdadeira punição não era a morte, mas sim ser devotado ao esquecimento. Em Espanha, a consciência disso mesmo levou a um vandalismo generalizado dos monumentos de Pisão, enquanto na ilha grega de Samos, numa explosão de indevido entusiasmo, os moradores apagaram o nome do seu irmão por engano. Também em Roma as pessoas reivindicaram que se apagasse o nome de Pisão de todas as inscrições em que constava; mas Tibério recusá-lo-ia. Apenas aceitou que o removessem de uma estátua de Germânico. Mas não era só a pena pelo seu velho amigo que o movia. Roma deixaria de ser Roma sem o registo de tudo o que as suas grandes famílias tinham conseguido. O *Princeps* sabia-se guardião não só do futuro da sua cidade, mas do seu passado.

Tibério não tinha ilusões quanto ao que isso podia significar na prática. Sombrio, sarcástico e cultor da ambiguidade, ele era tudo menos ingénuo. Certa vez, quando um conhecido dos seus tempos de juventude o tentou lembrar dos tempos passados, cortou cerce a questão: «Não me recordo do

que fui»[57]. O mesmo poderia ter sido dito da desaparecida República. As virtudes e os ideais com os quais Tibério permanecia emocionalmente comprometido já não eram o que tinham sido, e Tibério sabia disso. A última geração que deles se lembrava mais de que como pitorescos anacronismos estava inexoravelmente a desaparecer. No ano 22, 63 anos depois da chacina de Filipos, teve lugar particular veneração ancorada no passado aquando da morte de Júnia, a idosa irmã de Bruto. O seu irmão, que tinha assassinado um César e perecera a lutar contra outro, tinha continuado a ser classificado durante a governação de Tibério como sempre tinha sido desde a sua morte: uma não-pessoa. «A melhor cura para uma guerra civil é esquecer que ela aconteceu.»[58] Mas, por vezes, o silêncio podia ser ensurdecedor. No funeral de Júnia, as efígies dos seus antepassados, feitas de «pedra brilhante e engenhosamente polida»[59], acompanharam-na até ao túmulo — mas do seu irmão, o mais célebre de todos os seus familiares, não havia nenhuma imagem visível. Nem do seu há muito falecido marido, Cássio, um segundo conspirador contra o Ditador, que, como Bruto, pereceu pela sua mão no campo de batalha de Filipos. Duas ilustres ausências. Quem assistia ao cortejo fúnebre estava ciente de que os dois assassinos, vindos da terra dos mortos, se destacavam entre os *Manes* para saudar Júnia. Ao ser lido, o testamento da velha senhora acabou por conter uma segunda omissão, ainda mais contundente. Todos os principais cidadãos de Roma foram saudados, exceto um. Não havia qualquer menção ao *Princeps*.

Tibério mostrou o seu ressentimento através do desdém. As mulheres, segundo a sua amarga experiência, eram mais problemáticas quanto mais próximas de casa estavam. Apesar de rica e com boas relações, Júnia não fora a mulher mais rica nem a que melhores ligações sociais possuísse na sua geração. Essa honra, como Tibério sabia melhor do que ninguém, pertencia

a uma viúva muito diferente. No ano 22, no mesmo ano em Júnia partia para o submundo, a igualmente venerável Augusta adoeceu, mas viria a encetar uma total recuperação. Ninguém ficou muito surpreso. Lúvia Drusila, como antes se chamava, era bem conhecida pelo seu domínio das drogas. Mas a sua aura de indestrutibilidade era devida a algo mais do que a sua bem abastecida caixa de remédios. A Augusta, que se tinha camuflado atrás dos privilégios que lhe foram legados pelo seu deificado marido, na mesma dimensão como se envolvia na sua *stola*, era uma mulher sem par na história da sua cidade. Tudo nela era excepcional. Sacerdotisa, tribuna, até mesmo *Princeps*: nunca antes tais categorias masculinas tinham sido usadas por uma tão perturbadora forma feminina. Além de tudo isso, era mãe. «A Augusta serviu com excelência a República, dando à luz o seu *Princeps*»^[60]: assim se pronunciara formalmente o Senado. A história que se contava da árvore brotada do ramo de louro, que décadas antes tinha caído no colo de Lúvia, era agora repetida, mas como um diferente elogio. Dizia-se que as suas folhas tinham começado a murchar pouco antes de Augusto dar o seu último suspiro, mas que um dos seus ramos, transportado por Tibério no seu desfile triunfal, depois de plantado ao lado da árvore original, tinha começado a florescer. Era como se a linhagem de César tivesse passado a ser sustentada, cuidada e possuída por Augusta. As pessoas começaram a designá-la por *Genetrix orbis* — «procriadora do mundo»^[61].

É claro que nada disto contribuía especialmente para melhorar o humor do seu filho. Para Tibério, havia mais em jogo do que o ressentimento pessoal. Apesar dos seus melhores esforços em contrariá-lo, não conseguia deixar de ver a permanente influência da Augusta nos assuntos de Estado como uma constante ameaça à sua autoridade. A sua intromissão no julgamento de Pisão fora particularmente nociva. Pláncina, a mulher do

condenado, tinha sido uma das favoritas da Augusta, que fazia questão de velar pelos seus favoritos. Mesmo enquanto Tibério lavava as suas mãos na questão de Pisão, fora obrigado a pedir ao Senado pela vida de Plancina. Uma experiência mortificante. Os crimes dos quais Plancina tinha sido acusada, desde o envenenamento à feitiçaria, não podiam ter sido mais sordidamente femininos, nem a teia de intrigas que a Augusta mantivera escondida da vista do público, podia ter sido mais embaraçosamente exposta. Tibério, cuja aversão à companhia das mulheres só se comparava à sua desaprovação perante o seu envolvimento nos assuntos de Estado, tinha ficado duplamente maculado. As tenebrosas insinuações de Agripina de que o *Princeps* era um conspirador hipócrita e assassino, implacavelmente hostil para com ela e os seus filhos, para muitos dos seus admiradores parecia ter fundamento. Agripina, enganada na sua vingança a Plancina, ficou ainda mais amargurada. As relações entre ela e a Augusta deterioraram-se mais ainda.

Tibério, dividido entre a mãe e a enteada, viu-se irremediavelmente enredado nas malhas dos mexericos da corte. Numa anterior ocasião, para não ter de suportar os vários compromissos e humilhações das manobras dinásticas, tinha partido de Roma. Como *Princeps*, naturalmente não podia retirar-se para Rodes — mas agora que o seu filho Druso já era suficientemente maduro para as exigências da liderança, um homem com um triunfo e dois consulados em seu nome, Tibério podia pelo menos pensar em retirar-se. Tudo servia para fugir das duas viúvas que importunavam a sua vida.

Só que em breve seriam três. Livila, a irmã de Germânico e de Cláudio, era uma mulher cujos maridos sempre se tinham caracterizado pelas suas grandes expectativas. O primeiro fora Caio, o neto de Augusto; o segundo, o seu próprio primo, Druso. Aquela que fora um patinho feio em criança

tinha-se transformado numa mulher famosa pela sua beleza, elogiada no Senado pelo seu marido como o seu «supremo amor»[62]. Tibério também tinha motivos para a valorizar: nas crispadas semanas que se seguiram à morte de Germânico, ela tinha proporcionado ao tio uma breve pausa na crise, dando à luz dois gémeos rapazes. Mas Livila, decididamente, não era mulher para trazer a harmonia onde havia discórdia. Enquanto criança, tinha demonstrado ser notoriamente rancorosa, troçando das deficiências do seu irmão mais novo, Cláudio; como adulta, provaria não ser menos malévola. Turbulenta, volúvel, e amargamente ressentida com quem ameaçasse as expectativas que tinha para os seus filhos, combinava o seu poder de atração com uma profunda capacidade de odiar. No ano 23, apenas dois anos depois de o seu marido a ter elogiado publicamente perante os seus colegas senadores, o seu casamento entrou em crise. Druso, cujo gosto por uma vida de prazeres nunca o abandonara, e cuja brutalidade era tal que as espadas mais afiadas eram designadas de «drusianas» em sua honra, parecia ter entrado num acentuado declínio. Mal-humorado e violento, estava cada vez mais tomado pela bebida. Certa vez, numa festa com Sejano, o seu antigo parceiro na contenção do motim na Panónia, perdeu a paciência e golpeou o amigo pretoriano no rosto. O seu pai, alarmado, começou a ficar preocupado com sua saúde. Depois, em setembro, Druso adoeceu com gravidade. Viria a morrer no dia 14.

Por duas vezes, primeiro com a perda de Agripa, depois com a morte de Caio, Augusto tinha sido atingido por um golpe semelhante. Tibério, sempre rígido, absteve-se de manifestar a sua dor. Ao chegar à Casa do Senado, acalmou as ostensivas demonstrações de luto. «Procuró um consolo mais austero. Mantenho a República no meu coração.» Mesmo assim, não havia como disfarçar a dimensão da calamidade que desabara sobre os seus planos. Sem rodeios, o *Princeps* fez ver aos seus colegas senadores quais

eram as implicações. Tinha apostado em Druso, explicou, para formar e moldar os filhos de Germânico, em cujas veias, graças à sua mãe, corria o sangue do deificado Augusto. Conduzindo os dois irmãos mais velhos de Calígula, Nero e Druso, Tibério recomendou-os na Casa do Senado. «Adotem e orientem estes jovens, estes descendentes de uma incomparável linhagem.»^[63] Foi um momento cruel e doloroso. O sentimento de exaustão cada vez maior que Tibério sentia; o seu anseio por uma parceria que o aliviasse; o seu desejo em acreditar que a lealdade a Augusto podia ainda enquadrar-se com as tradições da República: tudo fora posto a nu. Quando, num tom emotivo, o *Princeps* terminou o seu discurso com a promessa de restituir o poder aos cônsules, parecia que ele mesmo acreditava no que dizia.

No entanto, a ser assim, terá sido apenas por um momento. As palavras de Tibério foram recebidas na Casa do Senado com um mal-humorado ceticismo. Tudo aquilo já tinha sido ouvido antes. Também Tibério, depois de uma década de luta para educar os senadores naquilo que esperava deles, tinha começado a desanimar com a sua parceria. «Os homens estão preparados para a escravidão»^[64], terá resmungado entredentes ao deixar a Casa do Senado. Assim, com Druso morto e o Senado enfraquecido, não surpreende que Tibério começasse a procurar apoio noutro lado. Apesar de ser o herdeiro dos Claudianos, não menosprezava aqueles que tinham ambições, desde que fossem capazes. Era conhecido o apoio de Tibério a homens das mais humildes origens, mesmo aos que se dizia serem filhos de escravos. «As suas realizações são a paternidade que me interessa», disse o *Princeps* de um desses novos emergentes, filho de um gladiador, e que viria a ser governador da África.^[65] Quanto mais cansado e isolado se sentia, mais Tibério procurava valorizar esses agentes. Foi por isso que, no rescaldo da desoladora morte de Druso, não se socorreu de alguém da

própria linhagem, de companheiros de juventude, nem de ninguém na Casa do Senado, mas sim de um membro da Ordem Equestre, um Etrusco de origem modesta e provinciana: Lúcio Élio Sejano.

Tibério já tinha honrado o prefeito pretoriano com marcas de favor ainda durante a vida de Druso. Sejano arranjava soluções, enquanto outros traziam problemas. Quando o grande teatro de Pompeu se incendiou, foram os pretorianos que acorreram para combater as chamas e impedir a sua propagação; em reconhecimento disso mesmo, e em obediência aos evidentes desejos de Tibério, o Senado aprovou homenagear o prefeito com uma estátua de bronze no complexo reconstruído. Naturalmente, a maioria dos senadores fê-lo contrariado, mas muitos deles estavam alerta para a mudança das marés de influência, ou tinham sido admitidos no Senado por influência de Sejano, para providenciar ao prefeito uma potente facção de apoio. No ano 23, ano da morte de Druso, ele tinha começado a apresentar-se de forma mais decisiva como o homem emergente. No extremo nordeste de Roma, num dos pontos altos da cidade, os operários trabalhavam há dois anos num enorme projeto de construção. Paredes de betão revestidas a tijolo e portões encimados por torres abrigavam no seu interior um enorme complexo de casernas: era a marca inconfundível, dentro do tecido urbano de Roma, de um campo de legionários. Não mais, sob a prefeitura de Sejano, os pretorianos se espalhariam por toda a cidade. Os dias da sua velada existência tinham terminado. Em vez disso, concentrados dentro de uma única fortaleza, e comandados por oficiais nomeados pelo próprio prefeito, apresentavam-se de frente para a capital. Apesar de Sejano ser um membro da Ordem Equestre, qual era a magistratura entregue a um senador capaz de se comparar à ameaça intimidante que provinha de um campo pretoriano?

Porém, Sejano tinha plena consciência de que o seu poder ainda

repousava sobre areias movediças. Não tinha qualquer magistratura, nem era senador. A sua autoridade não era juridicamente mais fundamentada do que fora a de Mecenas. Sem Tibério ele não era ninguém, e Tibério tinha 65 anos. Contudo, a morte de Druso tinha permitido a Sejano vislumbrar uma deslumbrante oportunidade: a possibilidade de poder vir a ser, não como Mecenas, mas como Agripa. A família de Augusto, agora que Tibério perdera o seu filho, era constituída principalmente por jovens inexperientes. Se o *Princeps* morresse, seria urgente arranjar-se alguém para servir de regente do seu herdeiro. Pois, como Tibério reconhecera abertamente no Senado, os filhos de Germânico nunca iriam conseguir ser dignos da descendência de Augusto sem uma cuidadosa preparação. Sejano, capaz da quase impossível tarefa de ler os pensamentos do seu mestre e de sondar as muitas ambiguidades que o caracterizavam, há muito que reconhecera o paradoxo escondido no seu íntimo. Entre a devoção de Tibério ao Senado como ele imaginava que deveria ser, e o seu desprezo pelo Senado como realmente era, existia uma tensão irreconciliável. Para um operacional perspicaz e subtil como Sejano, esta era uma oportunidade tentadora. Era precária a fé que Tibério tinha publicamente expressado no Senado, enquanto guardião dos jovens Nero e Druso. Na mente do imperador, a confiança e a desconfiança eram apenas lados diferentes da mesma moeda. A admiração pelos códigos da sua classe, pelas tradições do Senado e pelo legado da República: tudo podia ser facilmente corrompido. A tarefa de perverter os instintos de Tibério, lançando sobre ele tudo o que havia de mais paranoico para a sua mente complexa e desconfiada, era aquilo para o qual Sejano demonstraria estar letalmente equipado no momento.

A chave para a estratégia do prefeito era Agripina. Altiva, inflamada e impaciente para ver os seus filhos elevados à categoria que ela acreditava ser a adequada à sua linhagem, tudo nela irritava Tibério. Quando Sejano

sussurrou ao ouvido do seu senhor que as ambições dela estavam a fraturar o Senado, como já acontecera com a sua mãe, o *Princeps* ficou inclinado a acreditar. O primeiro foco de discórdia entre os dois aconteceu no início de janeiro de 24. Era a mudança do ano romano e Jano, o deus que dava o nome ao mês, era o seu porteiro. Tinha duas caras: uma olhava para trás, para o passado, a outra olhava para o futuro. Era o momento apropriado para os sacerdotes fazerem as suas orações pela segurança do *Princeps*. Mas nesse ano em particular, houve uma mudança na fórmula. Os nomes dos dois filhos mais velhos de Agripina, Nero e Druso, foram mencionados ao lado do imperador. Tibério explodiu. Quando perguntou aos sacerdotes se a inclusão dos rapazes fora um pedido expresso da mãe, eles negaram-no; mas o *Princeps* não ficou convencido. O sinistro precedente sucedido algumas décadas antes com a vergonhosa promoção dos adolescentes Caio e Lúcio ainda pesava na sua mente. Num discurso no Senado, Tibério advertiu com severidade contra o estragar dos jovens príncipes. Entretanto, Agripina reforçava o ressentimento que dele tinha. As relações entre os dois arrefeceram ainda mais.

Ao sentir que estava ali a sua oportunidade, Sejano fez por não a desperdiçar. A sua prioridade, se conseguisse isolar Agripina e enfraquecer o seu controlo sobre os filhos, era destruir os seus aliados no Senado. Naturalmente, com um *Princeps* tão respeitador das leis como Tibério, estava fora de questão recorrer à violência na prossecução deste objetivo, mas Sejano não tinha necessidade de o fazer. A arma por si escolhida era a própria lei. Ao longo do ano, uma série de homens proeminentes que tinham servido com Germânico, foram levados a julgamento pelos aliados do prefeito no Senado. As acusações iam desde a extorsão à *maiestas*. Um suicidou-se antes do veredicto final; outros foram enviados para o exílio. Nada no processo era minimamente classificado como inconstitucional. Os

tribunais sempre foram uma arena na qual os grandes manobravam para obter vantagens. A capacidade de influenciar os juizes era um talento que muitos senadores ambiciosos tinham desenvolvido. Embora o defender um homem da perseguição dos seus inimigos fosse tradicionalmente considerado como a atitude mais honrada de um orador, o descrédito não se colava à acusação. Tibério, que tinha conseguido a condenação de um suposto assassino de Augusto quando tinha apenas 20 anos, por certo que não via nada de desfavorável quanto a isso. «As acusações são perfeitamente aceitáveis, sempre que feitas como um serviço prestado à República, para derrubar os seus inimigos.»^[66] Então, o que podia o *Princeps* fazer senão aprovar o que estava santificado pela tradição e pelo seu próprio exemplo? Mas Sejano, com o seu olho de patologista, tinha penetrado de forma mais profunda do que o seu senhor nas novas circunstâncias daqueles tempos. A lei, desde há tanto tempo acalentada pelos senadores como baluarte da sua liberdade, assegurava agora aos homens suficientemente cruéis para a explorar a oportunidade perfeita para aterrorizar, numa abjeta submissão, até mesmo os mais ousados das elites. A ironia disso era particularmente amarga. O que tinha levado o Senado às mãos de Sejano era uma inovação originalmente concebida para melhorar a sua dignidade. Nos tempos turbulentos da República, os julgamentos dos grandes tinham sido um entretenimento público encenado para o povo ver, mas isso era passado. Com Augusto, pelo contrário, aos senadores era-lhes assegurado um julgamento particular, na privacidade da Casa do Senado. Nessa época, saudaram o facto como um novo e bem-vindo desenvolvimento do seu estatuto. Agora descobriam, tarde de mais, que não passava de uma armadilha. O senador presente no julgamento de um colega acusado de traição contra o *Princeps*, não podia deixar de se sentir exposto. O seu voto era obrigatoriamente escrutinado. Assim como o entusiasmo

com que propunha a condenação. Quanto mais inflamada fosse a forma como exigia a punição, mais ressaltaria a sua lealdade. Sejano não tinha necessidade de intimidar os seus inimigos a ficarem em silêncio. Deixava isso para os senadores. A paranoia e a ambição combinavam-se para os manter focados nas gargantas uns dos outros.

No entanto, ansioso por fazer chegar a sua mensagem, o prefeito fez questão de demonstrar qual seria a pena para qualquer franqueza. Primeiro, o inveteradamente cáustico Cássio Severo, que tinha sido exilado para Creta nos últimos dias do reinado de Augusto, foi novamente julgado, condenado e enviado para uma prisão ainda mais sombria: um rochedo no mar Egeu. Depois, no ano seguinte, dar-se-ia um desenvolvimento ainda mais ameaçador. Em 22, quando o Senado votou a colocação de uma estátua de Sejano no teatro de Pompeu, apenas um senador, um notável historiador chamado Cremúcio Cordo, se atreveu a protestar. Agora, três anos passados, o prefeito soltou os seus cães. A acusação contra Cremúcio era nova e arrepiante: que na sua história tinha elogiado Bruto e Cássio, designando-os como «os últimos Romanos»^[67]. Quando o infortunado historiador se levantou, afirmou solenemente perante os seus colegas senadores que a liberdade de louvar os mortos, não importando quem eles fossem, era um direito antigo e inato da sua cidade, que Augusto tinha pessoalmente sancionado, os partidários de Sejano vaiaram-no. «E ao ver como lhe latiam, sentiu-se encurralado.»^[68] Ao sair do Senado, Cremúcio foi diretamente para casa, onde permaneceu em greve de fome até morrer. Uma intimação da acusação para que fosse alimentado à força chegaria tarde demais aos cônsules para poder ser posta em prática. Por decreto oficial do Senado, os seus livros foram queimados.

O destino de Cremúcio, destruído por causa do que tinha escrito sobre o passado, proporcionava aos senadores o vislumbre de um futuro

aterrorizador. Um futuro onde todo o dever de cidadania, cada elo de amizade, cada rede de proteção e de compromisso, ameaçava tornar-se numa armadilha. O risco escondia-se em toda a parte: numa confiança partilhada num jantar, numa breve conversa no Fórum. «Comentar qualquer coisa era arriscar uma acusação.»^[69] A familiaridade, num mundo assim, era uma espécie de infecção.

Os deuses estavam claramente de acordo. Como se escarnecessem do novo espírito de temor que permeava o Senado, enviaram para Itália uma doença que poupava as massas e as mulheres de todas as classes, mas que atingia de forma devastadora os homens da elite. Começava por se manifestar como uma inflamação no queixo, antes de passar a cobrir todo o rosto e a parte superior do corpo «com horrendas escamas»^[70], sendo transmitida pelo seu hábito de se beijarem. *Mentagra* foi o nome que Tibério lhe deu, como sempre com um humor sombrio, «gota do queixo»^[71]. Através de um decreto oficial, proibiu os cidadãos de darem uns aos outros na face, até o mais inócuo dos beijos. Gestos que outrora serviram para celebrar uma união, agora apenas significavam perigo. Quanto mais íntimo fosse o relacionamento, maior era a ameaça de calamidade. As classes superiores romanas viam-se desfiguradas, arrasadas, doentes.

Também o *Princeps*, ao olhar-se no espelho, assim se via. Calvo e requebrado com a idade, tinha o rosto coberto de feridas ulcerosas. Fosse a *mentagra* a afligi-lo, ou alguma outra doença, Tibério não precisava que o lembrassem até que ponto os contactos estreitos podiam ser traiçoeiros. Na sua própria casa, as tentativas de remendar as diversas rivalidades e ódios purulentos na família de Augusto foram tão pouco eficazes quanto os emplastros que salpicavam o seu rosto. Não havia nenhum momento, por mais sagrado ou íntimo que fosse, que não começasse a supurar.

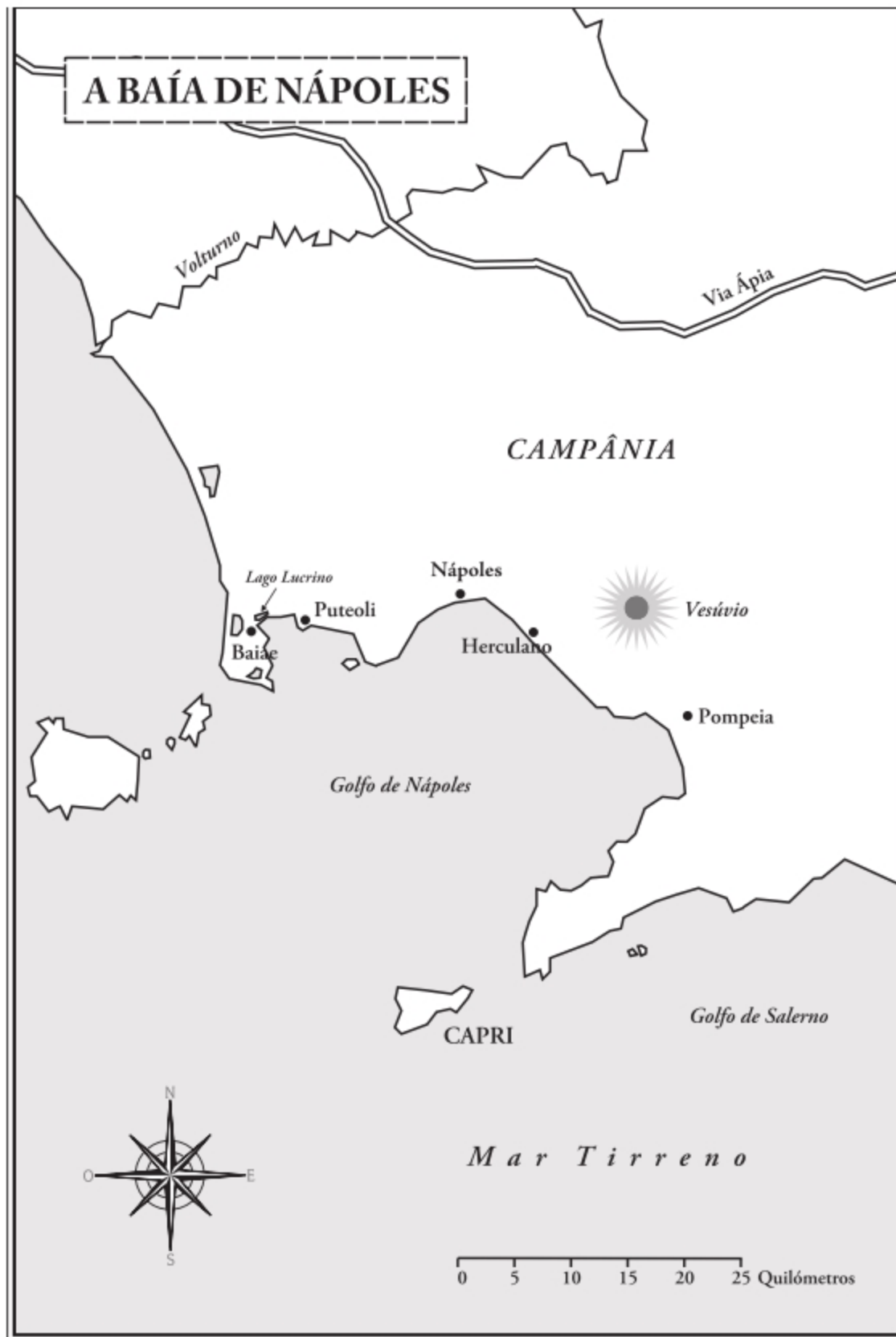
Até um sacrifício em honra de Augusto podia ser arruinado. Foi Agripina que, num rompante, surpreendeu o tio quando este buscava o favorecimento do seu deificado predecessor, quem profanou tal ritual. Perturbada por mais um dos seus amigos estar a ser julgado, não culpou Sejano, mas o próprio Tibério. Ao ver o tio em frente de uma estátua do seu avô, com a cabeça piedosamente coberta pela sua toga como convinha a um sacerdote, Agripina teve um acesso de fúria e disse: «Um homem que oferece vítimas ao deus Augusto, não devia perseguir os seus descendentes! Achas que o seu espírito divino incorporou em pedra muda? Não, se queres ver a sua verdadeira aparência, procura-a em mim, uma mulher com o seu sangue celestial a correr-lhe nas veias!» Tibério apenas fixou Agripina com um olhar sinistro, depois ergueu a emagrecida mão e deteve-a. «Então», sussurrou, «achas que não estares no poder significa que és perseguida?»^[72] Ainda faltava um último confronto, um derradeiro insulto, para que a rotura final entre ambos se desse por concluída; e, inevitavelmente, seria planeada por Sejano. O prefeito, que tinha agentes seus por todo o lado, mesmo no círculo de amigos de Agripina, utilizou-os para lhe fazer chegar um aviso fatal: que Tibério planeava envenená-la. A acusação não podia ser mais grotesca, mas Agripina acreditou. Convidada para jantar com o seu tio, recusou-se ostensivamente a tocar no prato. Quando Tibério, mal acreditando no que via, lhe ofereceu uma maçã, ela entregou-a a um criado sem a morder. Para um homem que tinha desembainhado pela primeira vez a espada na defesa de Roma quando ainda era um adolescente, que tinha por duas vezes salvado da implosão os domínios da sua cidade, que ao longo da sua longa e incomparavelmente distinta carreira tinha lutado em muitas batalhas, olhando os adversários de frente, enfrentando-os de espada na mão, e lavando-se no seu sangue, ser agora acusado, de modo desleal, de um crime ofensivamente feminino, era

uma desconsideração mortal. E não só para o *Princeps*. Para a Augusta também. Como era de esperar, os rumores acerca das suas atividades tinham aumentado exponencialmente desde a sua elevação a um estatuto quase divino. Murmurava-se, e acreditava-se, que Augusto tinha sido vítima da sua relação letal com os venenos. Relatava-se que, no seu último dia de vida, Lúvia tinha saído para o jardim da casa onde estavam hospedados, envenenando os frutos que cresciam na figueira, e que Augusto, cuja predileção por figos era bem conhecida, prontamente devorou. Agora, ao rejeitar de forma tão descarada a maçã que Tibério lhe oferecia, Agripina estava a avivar as chamas dessa calúnia, insultando a mãe e o filho. O *Princeps*, tentando menosprezar a dimensão do gesto da sobrinha através de um reconhecimento direto, voltou-se para a Augusta e disse: «Quem me pode culpar, se eu tomar medidas severas contra uma mulher que é capaz de alegar que eu a queria envenenar?»^[73] Já tinha posto em prática uma medida particular. Tinha-se negado de forma categórica a conceder autorização a Agripina para se voltar a casar. Ela recebeu essa decisão tão mal, que adoeceu. Por certo, terá implorado, havia homens em Roma que não achavam ser nenhuma desonra abrigar a mulher de Germânico e os seus filhos. Era verdade, e era precisamente isso que Tibério se recusava a tolerar. Uma viúva da família de Augusto era ouro dinástico. E não ajudava nada o boato que ligava Agripina a um homem que o *Princeps* detestava particularmente: um ex-cônsul capaz e ambicioso chamado Asínio Galo, cujas contribuições nos debates do Senado eram seguramente insultuosas. ^[74] Pior, Galo tinha sido casado com Vipsânia, a mulher da qual Tibério fora há muitos anos obrigado a divorciar-se por ordem de Augusto, e que sempre permaneceu como o verdadeiro amor da sua vida. A perspetiva de acolher esse homem na família de Augusto era algo muito difícil de suportar. Mas as falhas pessoais de Galo não eram o principal obstáculo.

Mesmo que nunca tivesse sido um gerador de problemas, mesmo que tivesse sido um leal e solidário aliado, o *Princeps* teria recusado ainda assim a autorização. Agripina, assim como Livila, eram demasiado valiosas para deixarem de ser viúvas.

Mesmo o mais confiável dos lugar-tenentes de Tibério tinha sido incapaz de o demover dessa decisão. Agripina não era a única pessoa do seu círculo imediato que pensava em casar. Em 23, ano da morte de Druso, Sejano tinha-se divorciado da sua mulher, Apicata. Apesar de lhe ter dado três filhos, não tinha conseguido acompanhar o ritmo das ambições do prefeito, e assim, naturalmente, tinha de o deixar. Durante dois anos, Sejano esperou pela sua vez. Quando finalmente decidiu atuar, em 25, o seu objetivo dificilmente poderia ter sido mais elevado. Escreveu a Tibério, fazendo um pedido formal da mão de Livila. Foi um dos seus raros passos em falso. Apanhado de surpresa, o *Princeps* tergiversou. Relutante em fazer uma afronta direta a Sejano, deixou claro as suas reservas. Ao permitir que Livila se casasse, explicou, iria inevitavelmente intensificar a rivalidade entre ela e Agripina. As duas mulheres já se detestavam. Piorar o seu mútuo ódio era um risco que não valia a pena correr. «Seria efetivamente dividir a Casa de César em duas.»^[75] Sejano, percebendo a deixa, bateu em retirada. Mas o episódio não seria desvalorizado pelo prefeito. Tibério, normalmente tão reservado, tinha revelado segredos normalmente bem escondidos. Sejano apercebia-se melhor do que ninguém em Roma da efetiva dimensão do esgotamento do seu superior: as mulheres da sua casa, as várias facções no Senado, a própria capital. «Foi por isso que Sejano começou a promover a pior imagem possível dos desocupados, das multidões que se acotovelavam e de todas as pessoas que na cidade importunavam Tibério sem cessar, louvando a calma e o isolamento.»^[76] Estes sentimentos não eram nada radicais. O retiro não era um princípio estranho à elite romana. O

cidadão que tivesse servido bem os seus concidadãos, raramente se arrependia de se ter retirado das confusões políticas. Tal como Horácio se tinha deleitado com os encantos da sua quinta nos montes Sabinos, também os mais distintos senadores gostavam de retirar-se de Roma para desfrutar das atividades de lazer fora da cidade, adequadas à sua classe: conversar com os filósofos, mostrar as suas obras de arte caríssimas e aumentar as suas enormes *villas*. Por todos os campos de Itália era possível encontrar sumptuosas propriedades; mas a maior concentração encontrava-se ao longo da costa sul de Roma. Na Baía de Nápoles, que se vangloriava de ter o imobiliário mais caro, com exceção dos quarteirões exclusivos da capital, as moradias ao longo da costa eram em tão grande número «que dava a impressão de formarem uma única cidade»^[77]. Algumas abraçavam o litoral, outras erguiam-se sobre penhascos, todas eram um deslumbrante testemunho dos altos valores pagos pelos eminentes Romanos por uma vista para o mar. Uma propriedade luxuosa com vista para a Baía de Nápoles há muito que era aceite como uma marca de grandeza. A moradia deixada por Júlio César a Augusto, empoleirada num promontório rochoso, era conhecida como um lugar de particular beleza. Augusto, que morrera depois de ter passado alguns dias muito agradáveis em Capri, tinha desfrutado do que muitos Romanos teriam considerado como a despedida perfeita.



Na Campânia, a região onde ficava a Baía de Nápoles, eram-lhe particularmente leais. Nos tempos tenebrosos das guerras civis, quando a Itália tinha sido ameaçada por frotas de piratas, Agripa ancorou os seus navios sobre os famosos bancos de ostras da baía, numa zona de águas abrigadas chamada Lago Lucrino, sem se importar com os danos causados. Mas as guerras civis tinham terminado, e a frota tinha sido transferida para uma nova base junto a um promontório das proximidades, onde os danos causados ao marisco eram mínimos. A Baía de Nápoles, bonita e deliciosamente cara, servia de ornamento principal para a paz presidida por Augusto. Mesmo os animais do fundo do mar vinham à tona da água para o saudar: um golfinho, como se tivesse sido enviado pelos deuses para proclamar a nova era, tinha travado amizade com um menino que vivia junto do Lago Lucrino e levava-o todos os dias para a escola. A narrativa, que parecia originária do mundo desaparecido dos mitos, era o exemplo do encanto que distinguia a Baía de Nápoles, combinando o melhor estilo com uma sensação de antiguidade. Para um homem com os sofisticados gostos culturais de Tibério, a região oferecia mais do que banhos e ostras. Não sendo tão grega quanto Rodes, a ilha para onde se retirara muitos anos antes, preservava um sabor de algo inestimável e precioso: um toque dos colonos da Grécia que, muitos séculos antes, para aí tinham navegado e fundado Nápoles. Em suma, nenhum outro lugar oferecia ao sombrio e cansado *Princeps* refúgio mais tentador. Naturalmente, estava fora de questão renunciar ao cargo que lhe fora confiado pelos deuses e pelo deificado Augusto, mas isso não tinha de ser um problema insuperável. A Campânia ficava apenas a um dia de distância de Roma. Um *Princeps* suficientemente perspicaz conseguiria governar o mundo a partir de lá. Apenas era necessária uma coisa: um procurador na capital, capaz e suficientemente leal para merecer a sua confiança. No ano 21, Tibério já

tinha testado a situação ao passar a maior parte do ano na Campânia. Agora, cinco anos depois, planeava uma estadia ainda mais longa. Ao partir de Roma, viajou sem grande séquito. Acompanhava-o apenas um senador. Na sua comitiva seguiam também vários estudiosos da literatura, homens que partilhavam com Tibério o fascínio por pormenores abstrusos da mitologia, e que conseguiam lidar com os interrogatórios diabolicamente difíceis com que o *Princeps* costumava desafiar os seus convidados. Sejano, o seu devotado lugar-tenente, também seguia no grupo. Embora, por ser o procurador de Tibério na capital, não pudesse ficar por muito tempo, ele e o restante grupo seguiam sem grandes pressas. A 104 quilómetros a sul de Roma, Tibério saiu da Via Ápia e seguiu uma estrada secundária que o levaria até à costa. Aí, em frente ao mar, esperava-o um enorme complexo residencial: a *villa* de Spelunca. Mas a sua dimensão não era o único aspeto do complexo que se apropriava à sua grandeza. Para lá das zonas residenciais, passadas as colinas e os promontórios, entre pérgulas e pavilhões, nos jardins, passadiços e penhascos, tinham sido colocadas obras de arte com magistral precisão, que quase pareciam estar vivas quando eram iluminadas pelas tochas ou enquadradas pelo crepúsculo. Algumas eram antigas, outras esculpidas recentemente, mas todas eram um vivo testemunho do distinto gosto do seu dono. Servindo de espelho ao seu fascínio pela dimensão da mitologia, Spelunca, povoada por deuses, épicos heróis e animais fabulosos, era a paisagem das fantasias do *Princeps*. Num parque temático com tais maravilhas, um imperador podia bem sentir, mesmo que apenas por uma noite, que tinha deixado as pressões da capital bem longe.

Uma vez, no tempo de Eneias, um segundo herói — um Grego — tinha navegado por Spelunca. Embora chamado de Odisseu pelo seu povo, em latim era conhecido como Ulisses. Conhecido pela sua astúcia e pela sua

famosa longanimidade, tinha lutado durante dez longos anos para tentar regressar a casa depois do saque de Troia, enfrentando monstros e negociando com feiticeiras. Tibério, que sabia o que era lutar contra as adversidades e as mulheres dominadoras, sentia uma afinidade com o herói.

[78] Junto ao mar, numa caverna natural virada para as águas onde Ulisses navegara, Tibério tinha criado o mais notável espaço de refeições de todo o mundo. A *haute cuisine* era uma das extravagâncias em que o *Princeps*, conhecido pela sua mesquinhez, se deliciava a esbanjar a sua riqueza. apreciador de bons vinhos, tinha predileção pelos *vintages* tratados com fumo, tinha também um interesse particular na culinária vegetariana, quer fosse na descoberta de uma nova variedade de espargos, no abastecimento de vegetais exóticos originários da Germânia, ou insistindo com os *gourmands* rivais que o repolho era demasiado delicioso para ser classificado como vulgar. Mas em nenhum lugar o seu fascínio com as artes da mesa se expressava de forma mais inovadora do que em Spelunca. Aquários com água do mar possibilitavam cozinhar o peixe fresco no local; pontões a rasar a água permitiam aos hóspedes desfrutar dos banquetes na entrada da caverna junto ao mar que os rodeava; tochas tremeluzentes iluminavam as profundezas interiores da gruta. «Aí, a natureza tinha engenhosamente imitado a arte» [79], mas não de forma tão engenhosa como a arte tinha embelezado a natureza. As imensas estátuas, ilustrando as várias façanhas de Ulisses, forneciam aos comensais um quadro incomparável. Um monstro elevava-se de uma piscina dentro da caverna; ao fundo, um ciclope gigante preenchia os recantos mais recuados da caverna. Boa comida, esculturas espetaculares e um cenário prenhe de mitologia: até mesmo Tibério se sentia feliz em Spelunca. Contudo, era possível que estivessem demasiado perto do mundo das epopeias. O assustador gigante iluminado por tochas na parte traseira da caverna era filho de Neptuno, o

deus dos mares, conhecido como «Tremor de Terra», graças ao seu hábito de periodicamente atacar com o seu tridente. O tremor chegaria sem aviso a Spelunca, naquela noite. Começaram a cair pedregulhos sobre a boca da caverna. Numerosos criados que traziam a comida foram esmagados na avalanche, enquanto os convidados, levantando-se em pânico, fugiram para segurança pelas águas rasas. O idoso Tibério, com dificuldades de locomoção, foi incapaz de fugir pela frente do penhasco, e os pretorianos, ao acorrerem à zona do desastre, vendo apenas escombros junto a onde o *Princeps* tinha estado, temeram o pior. Ao treparem sobre os escombros, ouviram a voz do seu prefeito, que os chamava; ao afastarem as pedras, encontraram Sejano agachado sobre o seu senhor, como se de um escudo humano se tratasse.

Era claramente um milagre, e cheio de significado. Tibério tiraria duas ilações do episódio. Em primeiro lugar, que tinha em Sejano um servidor incomparavelmente confiável, um homem no qual podia confiar qualquer coisa. Em segundo lugar, que os deuses lhe tinham feito chegar o aviso para nunca mais pôr os pés em Roma.

Capricho

Ano 28. Primeiro dia de janeiro. Um tempo propício e alegre. Era um dia em que o perfume de açafrão queimado envolvia o Fórum; em que se abriam os templos e os altares eram reconsagrados aos deuses; em que os novilhos gordos eram levados até o cume do Capitólio e os seus pescoços submetidos aos machados. Entretanto, na Casa do Senado, uma carta do *Princeps* era lida com as tradicionais saudações da época. Poucos senadores esperavam surpresas. Afinal, era feriado. Porém, desta vez, havia uma

alteração. Havia mais de um ano que Tibério se tinha ausentado para a Campânia, mas mantinha os seus olhos e ouvidos em Roma. O homem encarregado de «cuidar das suas preocupações»^[80] era incansável na sua causa. Sejano tinha os seus espiões por todo o lado — a farejar subversões e a manter sob controlo qualquer sedição. Agora, Tibério informava o Senado de que tinha sido descoberto um exemplo particularmente chocante de *maiestas*. Um membro da Ordem Equestre, chamado Tito Sabino, tinha falado abertamente de traição a um dos agentes secretos de Sejano. Escondidos no sótão da sua residência, outros três agentes ouviram também tudo o que ele dissera. Dado que os quatro agentes do prefeito eram proeminentes senadores, as suas provas eram irrefutáveis. Sabino tinha caluniado o *Princeps*, subornado os seus servos e conspirado contra sua vida. Ficava claro que os restantes senadores sabiam o que tinham de fazer. E fizeram-no.

Quando a guarda pretoriana foi buscar Sabino, cobriu a sua cabeça com um capuz e depois pendurou-lhe uma corda ao pescoço. O seu desesperado protesto, lúgubre e pungente, era digno de um dos sarcásticos comentários de Tibério: uma lamentação em surdina de que estava a ser oferecido um sacrifício não a Jano, mas a Sejano^[81]. Depois foi arrastado até à prisão da cidade, e levado para o interior da prisão, que estava aberta, tal como todos os templos de Roma. Pouco depois, um corpo flácido foi pendurado no exterior das Escadas Gemónias. Aí, onde oito anos antes as estátuas de Pisão tinham sido vandalizadas, o cadáver do executado ficou exposto aos olhares do Fórum. Enquanto a multidão se juntava, atraída pelo espetáculo, o seu cão permaneceu de guarda ao corpo, uivando de forma inconsolável. Quando as pessoas lhe atiravam restos de comida, levava-os até ao seu dono, colocando-os junto à boca do cadáver; e quando, em dada altura, o corpo de Sabino foi arrastado até ao Tibre, o cão seguiu-o durante todo o

caminho, saltando para o rio atrás dele, onde «tentou manter o corpo a boiar»[82].

Muito atreitos ao sentimentalismo, os Romanos viam na tristeza do cão o fiel espelho da sua própria dor pela família de Germânico. Sabino tinha sido um colaborador próximo do seu morto preferido, e na sua conversa fatal com o *agent provocateur* de Sejano tinha expressado de forma veemente a sua pena por Agripina. A partida de Tibério de Roma não tinha contribuído em nada para aliviar a pressão sobre a infeliz viúva. Antes pelo contrário. Ao presumir que o *Princeps* se tinha descartado definitivamente de Agripina, Sejano sentira-se autorizado para trabalhar de forma cada vez mais aberta para a queda da sua família. O seu alvo particular era o seu filho mais velho, Nero, que, como aparente herdeiro, representava a ameaça mais imediata às ambições do prefeito. O ímpeto e a obstinação de Nero eram uma boa ajuda; como útil era a inveja que Druso, o próximo na linha sucessória, tinha do irmão e que o levava a ficar do lado de Sejano.

Apenas Calígula, o mais novo dos três filhos de Agripina, era demasiado lúcido para jogar o jogo do prefeito. Ainda adolescente, as agruras da sua família já o tinham ensinado quão impiedoso, caprichoso e cruel podia ser o funcionamento do poder. Não se sentia obrigado a compartilhar a ruína que pairava sobre a sua família, se o pudesse evitar. Por conseguinte, quando Agripina foi obrigada por Sejano a deixar Roma e se viu colocada sob uma eficaz prisão domiciliária na Campânia, Calígula foi pedir proteção à única pessoa que tinha ainda autoridade suficiente para desafiar o prefeito. «O Ulisses de *stola*»[83], era assim que apelidava a Augusta — grande elogio, de facto, vindo de um hábil manipulador já temperado pela astúcia. Por sua vez, ela deliciava-se por ver que o seu bisneto saía aos seus antepassados. Calígula, por enquanto, podia sentir-se seguro.

E ainda bem. O cerco apertava-se cada vez mais. Com Sabino morto,

Tibério escreveu de novo ao Senado, elogiando-o pela sua resposta imediata na manutenção da República livre do perigo, e insinuando veladamente a possibilidade de poderem existir novas conspirações. Apesar de não ter mencionado nomes, todos sabiam a quem se referia. Quando Sejano, nas suas regulares reuniões, avisou o *Princeps* das iniquidades de Agripina ou das atividades criminosas de Nero, já não havia ninguém para o contradizer. Por mais determinado que Tibério estivesse para se libertar dos mexericos e de tudo o que o importunava na vida na corte, até mesmo a Campânia se mostrava inadequada para os seus intentos. Passados poucos meses de lá ter chegado, abandonou o seu refúgio de lazer e partiu com a sua comitiva para Capri, a ilha privada que lhe fora deixada por Augusto. Aí, onde ninguém se podia aproximar dos seus dois molhes, e muito menos chegar a terra através deles, sem a sua expressa autorização, podia finalmente sentir-se longe das multidões, assim como da sua família. Décadas antes, em campanha na Panónia ou na Germânia, Tibério tinha sido sempre um general que colocava a segurança em primeiro lugar. O homem que durante as campanhas raramente dormiu numa tenda, para melhor evitar correr o risco de ser assassinado, vivia agora com medo dos seus próprios familiares: uma mulher assustada e infeliz e um rapaz desastrado e inexperiente. O que antes fora um instinto saudável de autopreservação estava a transformar-se, com a velhice, cada vez mais em paranoia. Mas a retirada de Tibério para a sua ilha penhasco não era uma abdicação. Continuava ainda a ser um homem demasiado devotado às suas obrigações para virar costas ao encargo que lhe fora legado por Augusto. O *Princeps* mantinha-se fiel às suas responsabilidades perante a família de Augusto e os Romanos. E assim, apesar de Agripina se ver sob um cada vez mais rigoroso controlo, procurou encontrar para a sua filha e homónima, um marido digno do seu estatuto: Cneu Domício Enobarbo, um irrepreensível aristocrata, filho do primeiro

comandante Romano que atravessara o rio Elba. E era assim, fosse ao receber convidados privilegiados em Capri, ou a fazer ocasionais incursões no continente, que o *Princeps* definia os limites do seu isolamento. De vez em quando, ainda se mostrava disponível para alguns, poucos, privilegiados. Aqueles que desejavam vê-lo, não tinham outra alternativa senão fazê-lo segundo as suas condições. Por enquanto, Tibério não tinha a menor intenção de regressar a Roma. Até mesmo os mais importantes senadores eram obrigados a fazer o caminho até Campânia, onde podia muito bem acontecer verem o acesso ao *Princeps* barrado por Sejano. Muitos, para sua indignação, ficavam reduzidos a acampar na Baía de Nápoles, entre os vários outros pretendentes. A vergonha sentida era profunda. Terem de submeter-se a um membro da Ordem Equestre, implorar-lhe favores, servi-lo em troca de apoio como os mais humildes servos, tudo isto representava, para a elite romana, humilhações exageradas. No entanto, qual era a alternativa? Os senadores davam por si a tropeçar num mundo estranho e assustador, onde tudo parecia estar virado ao contrário. As honrarias, antes emblemas de glórias e feitos, serviam agora para estigmatizar aqueles que as obtinham. A ascendência e a independência de espírito, as qualidades que Tibério mais admirava nos seus colegas senadores, pareciam ser mais do que nunca sinónimos da sua desgraça. «Ter um nome famoso era uma ameaça de morte.»[84]

E, claro, ninguém era mais ameaçado do que os descendentes de Augusto. Um ano após a execução de Sabino, duas mortes iriam servir como anúncio da última jogada. A primeira foi a morte de Júlia, a desditosa irmã de Agripina, exilada havia mais de 20 anos pelo seu deificado avô, que morreria na ilha onde definhara desde então. Tinha estado aprisionada tantos anos, que muitos em Roma ficaram surpreendidos, pois julgavam-na morta há muito. O mesmo já não se podia dizer quanto à segunda perda

sofrida pela família de Augusto em 29. A morte da Augusta, cujo pai havia morrido em Filipos, que tinha partilhado a cama de um deus, e que tinha sido agraciada com mais títulos, honrarias e símbolos de classe do que qualquer outra mulher na história da sua cidade, foi vivida pelos Romanos como um momento fatídico, um último adeus a um passado que começava a transformar-se em lenda. Os senadores ficaram tão comovidos que até votaram pela construção de um arco em sua honra. Tibério, cuja tristeza pela perda da sua mãe o parecia ter silenciado definitivamente, não o aprovou. A proposta foi discretamente ocultada. O mesmo aconteceria a um voto senatorial para a declarar como deusa, com a severa admoestação de que a própria Augusta nunca tivera a veleidade de reivindicar honras divinas. O funeral foi modesto. Tibério, que durante alguns dias vacilou quanto a deixar Capri para assistir à cerimónia, acabaria por não comparecer. O corpo da Augusta já tinha começado a entrar em decomposição quando foi, finalmente, entregue às chamas. A oração fúnebre, de louvor universal, acabaria por ser feita por Calígula, que tinha apenas 17 anos.

É claro que ele estava dolorosamente ciente, ao fazer o discurso, de que o futuro tinha acabado de ficar um pouco mais incerto. Outros havia que tinham, também, boas razões para estarem nervosos. Nos anos seguintes, muitos dos protegidos da Augusta, desde cônsules a mulheres, como Plancina, a viúva de Pisão, iriam cair em desgraça. Porém, a mais proeminente seria Agripina. Apesar de nunca se ter dado bem com a sua avó, a Augusta tinha sido sempre uma mulher capaz de assegurar que Tibério cumprisse com as suas obrigações. Desde que ele se tornara *Princeps* que ela nunca deixara de o lembrar do seu compromisso para com Augusto, que tinha deixado muito claro que os herdeiros por ele nomeados eram os filhos de Germânico. Por certo, para os seus devotados

admiradores, não fora por mero acaso que uma carta do *Princeps* onde denunciava Agripina e o seu filho mais velho, Nero, chegara à Casa do Senado no mesmo momento em que se realizava o funeral da Augusta. Quando a multidão se juntou no Fórum, demonstrando o favoritismo por Agripina e Nero e clamando que a carta era falsa, os senadores vacilaram. Não sendo claro o que é que o *Princeps* queria que fizessem, não fizeram nada. As ameaças de Sejano, e uma segunda carta de Tibério, não deixaram espaço para quaisquer dúvidas. Obediente, o Senado fez o que lhe era solicitado. Agripina e Nero foram ambos condenados como conspiradores contra o *Princeps*, e Nero, para reforçar ainda mais, declarado inimigo público. Mas seriam estas medidas verdadeiramente suficientes para o horror dos seus crimes? Se ao menos, acrescentou um Senado adulator, pudessem ser condenados à morte! No entanto, Tibério tinha outros planos. Como sempre, era guiado por tudo o que era estritamente legal e pelo exemplo de Augusto. Nero e a sua mãe, algemados e sob uma reforçada guarda, foram transportados para ilhas-prisão diferentes fora do território italiano. Agripina, numa reviravolta típica do funesto humor de Tibério, foi enviada para Pandateria, para onde Júlia, a sua mãe, muito tempo antes tinha sido enviada por Augusto. Para o *Princeps*, sempre pronto a saborear um rancor, a condenação oficial da filha da sua ex-mulher era uma deliciosa apologia das suas mais tenebrosas suspeitas. Para Sejano era, também, um enorme triunfo. Contudo, ele sabia que Tibério não suspeitava de qual era a dimensão do seu abominável contributo para a incriminação de Agripina; como também sabia que, apesar de já ter subido as escadas até bem alto, quão perigosos eram os degraus que lhe faltavam. Dois objetivos permaneciam por cumprir: a eliminação definitiva dos herdeiros de Germânico; e o estabelecimento de um direito de tutela sobre Druso. Dos dois filhos que Livila tinha dado ao seu marido no ano 20, apenas um ainda

continuava com ela, uma criança de nove anos de idade, a quem chamaram «Gêmero» — «o gémeo» —, em memória do seu irmão morto. Se os dois filhos de Germânico que restavam, tal como Nero, fossem declarados inimigos públicos, Gêmero, neto de Tibério, seria o único herdeiro restante.

Sejano não era único a apreciar a situação. Livila, que apreciara a queda em desgraça de Agripina mais do que ninguém, estava bem ciente do aliado que tinha no prefeito. A perspectiva de ver o seu filho como *Princeps*, superiorizando-se a Nero, Druso e Calígula, era algo que deleitava o seu espírito invejoso e ambicioso. Já tinha desempenhado um entusiástico papel nos esquemas de Sejano. A sua filha, irmã mais velha de Gêmero, tinha sido casada com Nero, e, instruída por Livila, tinha servido de olhos e ouvidos do prefeito. Tal como Sabino tinha sido condenado por espões escondidos no seu sótão, também Nero fora traído na sua cama. Ao que parecia, não havia nenhum lugar onde o prefeito não conseguisse chegar.

No entanto, mesmo quando os seus concidadãos, curvados perante a sua fama e poderio, o começaram a rodear de extravagantes honrarias que pareciam alcandorá-lo, não como um servidor do *Princeps*, mas como seu parceiro, Sejano nunca esqueceu que as bases da sua grandeza se mantinham precárias. As suas estátuas eram colocadas ao lado das de Tibério; as delegações procuravam recebê-lo formalmente às portas da cidade sempre que regressava a Roma; algumas pessoas até tinham começado a oferecer sacrifícios às suas imagens, quase como se ele fosse o deificado Augusto, mas nada disto enganava o prefeito. A sua sorte continuava presa por um fio. Sem os favores de Tibério, ele não era ninguém. Um ano depois da queda de Agripina, um triunfo recente sobre os seus filhos serviu, como embaraçosa ironia, para o enfatizar. Os mesmos golpes sujos que tinham servido para Nero garantiam agora a condenação de Druso. O suborno da mulher do jovem, os relatos dos agentes secretos

contra ele e as calúnias sussurradas ao ouvido do seu tio-avô pelo próprio Sejano demonstraram ser mais do que suficientes para o condenar. Proclamado pelo Senado como inimigo público, como o irmão mais velho já fora, Druso foi enclausurado num calabouço do Palatino. Agora, apenas com Calígula entre Gêmelos e a sucessão, Sejano tinha a vitória final quase ao seu dispor. Quase, mas não completamente. Calígula, que tinha ficado com a avó, Antônia, após a morte da Augusta, foi chamado a Capri por Tibério. Aí estava, efetivamente, fora do alcance do prefeito. A situação de Calígula, simultaneamente refém e convidado do seu tio-avô, não ajudava Sejano. Mesmo para um profissional experimentado nas artes da desinformação, como era o prefeito, armar uma cilada a um jovem que estava sob o controle de Tibério era um desafio quase impossível.

E se ele conseguisse acabar com a sua dependência do patrocínio do seu senhor? Em Roma, a mudança no equilíbrio de poder entre os dois homens era cada vez mais notória. Tibério, ausente da capital há quatro anos, tinha começado a parecer para muitos como uma figura contraída e enfraquecida — «apenas o senhor de uma ilha»^[85]. O prefeito sabia-o muito bem; mas também sabia que o seu patrono, cansado de Roma e cansado da vida, não duraria para sempre. O tempo estava a esgotar-se. Tendo chegado tão longe, as perspectivas futuras de Sejano já não podiam depender do favorecimento de um homem doente e envelhecido. Para vencer, teria de ousar.

Quando chegou a Roma a notícia de que Nero, transportado para uma ilha penal no ano anterior, tinha morrido, poucos foram os que não detetaram a mão do prefeito por trás do seu infeliz e desgraçado final. Dizia-se que um guarda se tinha apresentado diante do prisioneiro, brandindo um laço e um gancho de açougue, e que Nero, em vez de se deixar assassinar, se tinha suicidado. Sendo verdade ou não, era algo que se acrescentava à aura de ameaça que se colava a Sejano: o homem que

controlava o acesso ao *Princeps*, que tinha construído um campo legionário com vista direta para Roma, que tinha implementado o mais descarado terror na cidade desde os dias mais sombrios do Triunvirato. No entanto, ao mesmo tempo que intimidava os Romanos, fazia questão de os cortejar também. Quando Tibério, num claro favorecimento, conseguiu que ele se tornasse cônsul, e aceitou ser seu parceiro, Sejano rejubilou com o seu estatuto oficial de colega do *Princeps*. Agora, por fim, era senador, e exercia um poder legalmente sancionado. Mas, simultaneamente, como um homem que tinha alcandorado da obscuridade provincial a alturas vertiginosas, a sua eleição proporcionava-lhe a oportunidade perfeita para se apresentar como algo mais: um homem do povo. Depois da votação formal na Casa do Senado, o novo cônsul eleito encenou uma espaventosa parada à volta do Aventino, o monte da plebe. Aí, numa mordaz repercussão à proibição de Tibério da realização de eleições no Campo, organizou uma assembleia. O potencial insulto ao *Princeps* era enorme, mas Sejano estava disposto a correr o risco. *Princeps*, pretorianos e povo: precisava de todos.

Em 31, o ano em que começou o seu consulado, o prefeito confiava que todos os seus esquemas, todas as suas manobras e todas as suas ambições estavam perto de frutificar. Embora Calígula se mantivesse irritantemente em liberdade, à medida que chegava o calor do verão, aumentava a sensação de que Tibério estava, por fim, pronto para dar o passo decisivo e revelar os seus planos a longo prazo para o seu «parceiro na labuta»^[86]. Nessa primavera, ao despedir-se do seu lugar-tenente depois de uma reunião em Capri, o *Princeps* tinha expressado livremente a sua devoção, abraçando-o apertadamente e declarando como lhe era difícil separar-se, física e emocionalmente, de Sejano. Porém, apesar dos rumores e contrarrumores que varriam Roma, não chegou qualquer declaração definitiva à cidade sufocada pelo calor. O verão deu lugar ao outono. O

prefeito continuava a transpirar. Por fim, a 18 de outubro, o momento tão esperado chegou. Era manhã cedo. Enquanto Sejano, nos degraus do grande templo de Apolo, onde o Senado se reuniria naquele dia, olhava do Palatino para a cidade que acordava, juntou-se-lhe um outro prefeito. Comandante dos bombeiros da cidade, os *Vigiles*, Sutório Macro tinha acabado de chegar de Capri, e trazia consigo uma carta do *Princeps*. Era endereçada ao novo cônsul, Mêmio Régulo, um homem de confiança de Tibério, que tinha tomado posse apenas três semanas antes, e que presidiria ao Senado nessa mesma manhã. De forma confidencial, Macro revelou o conteúdo da carta ao seu comandante. Ia ser atribuída a Sejano a *tribunicia potestas*, os privilégios de um tribuno. Era, de facto, uma importante notícia. Nos tempos de Augusto, primeiro a Agripa e depois ao próprio Tibério, tinham sido concedidos um idêntico conjunto de poderes, e, em ambas as ocasiões, tal tinha servido para os assinalar como parceiros de trabalho de Augusto. Não surpreende, pois, que Sejano tenha ficado tão encantado quanto aliviado. Ao entrar apressado dentro do templo, a sua expressão era fácil de reconhecer por todos. Foi felicitado e aplaudido. Ao tomar o seu lugar, os senadores procuraram sentar-se a seu lado, ansiosos para se aproveitarem da sua glória. Macro, por sua vez, entregou a carta de Tibério a Régulo. Depois, virou-se e saiu. Sejano, impaciente para ouvir a carta quando o cônsul a começou a ler, nem se preocupou em perguntar-se onde Macro teria ido.

Tibério, já se sabia, nunca tinha sido homem para ir diretamente ao cerne da questão. No entanto, à medida que os senadores ouviam a leitura da carta, a sua perplexidade crescia. Longe de louvar Sejano, o *Princeps* parecia apenas tecer críticas ao seu colega. Aqueles que se tinham sentado à sua volta começaram a afastar-se. Sejano, que ouvia consternado, não conseguia mexer-se, pois vários magistrados tinham-se adiantado para lhe

bloquear o caminho. Só depois de Régulo o ter mandado levantar por três vezes, é que se ergueu. Por esta altura era claro para todos que Tibério tinha deixado cair o seu lugar-tenente. Quando o cônsul ordenou que Sejano fosse retirado dali, e encarcerado na mesma prisão onde estivera Sabino, ninguém o tentou defender. Assim que a notícia da queda do prefeito se espalhou por Roma, a multidão começou a confluir em massa para o Fórum, para vaiar e escarnecer do prisioneiro e derrubar as suas estátuas, enquanto ele era arrastado acorrentado. Quando Sejano tentou cobrir a cabeça com a toga, puxaram-na e começaram a socá-lo e a esbofeteá-lo. A ele, que tanto tentara conquistar os Romanos. Pior do que um fracasso, eles tinham-lhe custado o apoio do seu patrono.

Naquela tarde, com Sejano confinado na prisão da cidade, os senadores reuniram-se no meio do esplendor do edifício frontal, o Templo da Concórdia. Aí, no monumento supremo da repressão à arrogância dos plebeus, votaram pela sua execução. Seria garroteado nessa mesma noite, e seu corpo pendurado no lado de fora das Escadas Gemónias, como acontecera com Sabino. Durante três dias, a enorme multidão dos que tinham detestado o prefeito pela sua arrogância, crueldade e ambição, pontapearam e pisaram o seu cadáver até o transformarem numa massa informe. Só depois de ter ficado completamente irreconhecível é que o seu corpo foi arrastado por ganchos e lançado ao Tibre. O homem que tinha aspirado a governar o mundo acabou como alimento para os peixes. Entretanto, acompanhada por um encadeado de fogueiras, a notícia foi viajando até Capri. Enquanto esperava no penhasco mais alto da ilha pela sua receção, Tibério não dava nada como garantido. Caso os seus planos dessem errado, estava ancorado um navio, pronto para o levar até um campo legionário. Temia que Macro não tivesse conseguido tomar o comando dos pretorianos, que Sejano se opusesse à tentativa de o derrubar,

de perder o seu domínio sobre Roma. Tibério, cujas suspeitas sobre a família de Germânico o tinham induzido numa abjeta paranoia, percebera repentinamente a completa e terrível dimensão do seu erro. Obcecado como estava em parar Agripina, não conseguia considerar sequer que poderia, nesse tempo todo, ter estado a alimentar uma víbora no seu seio.

Foi Antónia, a avó de Calígula, quem lhe abriu os olhos para o perigo. A idosa, que já assistira à destruição de dois dos seus netos levada a cabo pelo prefeito, tinha tentado freneticamente evitar a destruição do terceiro. E assim, escreveu as suas suspeitas numa carta que enviou ao seu cunhado através do escravo em quem mais confiava, um Grego chamado Palas. Para Tibério, naturalmente reservado e desconfiado, que durante tanto tempo tinha considerado o seu lugar-tenente como o único homem em quem podia confiar, era devastadora a percepção de que Sejano o podia ter estado a tomar por parvo. Até mesmo apenas a possibilidade de o prefeito poder representar uma ameaça fora suficiente para o condenar. De forma pausada, segura e inexorável, Tibério elaborara os seus planos. Por mais qualificado que Sejano fosse nas artes do engano e da conspiração, o seu mestre tinha-o enganado. O prefeito, apanhado completamente de surpresa, tinha-se visto enredado numa teia mais letal do que qualquer uma das que tinha tecido. A aranha acabara por se transformar na mosca.

Mas não foi Sejano o único a perecer. Muitos outros foram arrastados com ele. Alguns, como o seu filho mais velho e o seu tio, foram formalmente condenados à morte, outros seriam linchados pela multidão ávida de vingança. Os pretorianos, que sentiam uma particular necessidade em demonstrar a sua lealdade ao *Princeps*, fizeram-no agitando a cidade com saques e incêndios por onde passavam. «A mais leve suspeita de ser da facção de Sejano, e era espezinhado pelos Romanos.»^[87] Contudo, a mais mortífera de todas as vinganças, foi de Apicata, a mulher abandonada por

Sejano. Escrevendo ao *Princeps*, fez alegações tão monstruosas e inqualificáveis, que se mataria depois de as escrever.^[88] Ao ler a carta, Tibério pôde aperceber-se, num horror crescente, da dimensão do engano a que fora sujeito. Apicata afirmava que há uma década que o servidor em quem mais confiara, mantinha um caso com Livila, e que os dois tinham envenenado Druso. As ambições, a depravação e a traição do casal eram ilimitadas. Ao lembrar-se de que uma vez Sejano lhe tinha pedido a mão da sua sobrinha, Tibério apercebia-se, finalmente, da verdade. Um eunuco de Druso e um médico de Livila, depois de torturados, ambos confirmaram a verdade das acusações de Apicata. Tibério estava definitivamente convencido. Entregue à mãe, Livila foi trancada num quarto e aí morreria à fome. As suas estátuas, inscrições e o seu próprio nome foram destruídos. Os senadores, num frenesim para demonstrar a sua lealdade ao vingativo *Princeps*, alinharam na condenação da sua memória. Entretanto, com o filho mais velho de Sejano já morto, foram dadas ordens para que os seus dois filhos mais novos fossem levados para a prisão da cidade. Um deles, um rapaz, tinha idade suficiente para compreender o que ia acontecer; mas a sua irmã mais nova, desnorreada e sem saber o que tinha feito de errado, perguntava se não podia ser castigada como qualquer outra criança, com uma tarefa. Dado que matar uma virgem era considerado uma ofensa às mais sagradas tradições romanas, o carrasco fez questão de violá-la primeiro. Os corpos das duas crianças, depois de garroteadas, foram pendurados nas Escadas Gemónias.

Tantos assassinatos judiciais, tantos cadáveres deixados aos olhares do Fórum. Quando Agripina pereceu na ilha onde estava encarcerada, dois anos exatos após a data de execução do seu mais mortal inimigo, Tibério fez questão de mostrar a sua misericórdia em não a ter garroteada ou exposta nas Escadas Gemónias. A queda de Sejano não tinha contribuído

em nada para aliviar a sua desconfiança nela. Ela e Nero tinham permanecido em cativeiro. O mesmo acontecera com Asínio Galo, o homem de quem Tibério suspeitara estar a conspirar para casar com Agripina, e cuja condenação o Senado, intimidado e complacente, tinha sido empurrado a aprovar no ano 30. Durante três anos, o desgraçado tinha sido mantido num confinamento solitário, sendo-lhe dado apenas o suficiente para se manter vivo, sendo alimentado à força sempre que tentava a greve de fome. Para Tibério, dividido entre uma vingança que se tornava mais cruel e feroz à medida que ficava mais velho, e um instinto permanente para procrastinar, tal punição — a morte em vida — representava o compromisso perfeito. Galo, Agripina e Druso: os três viriam a morrer à fome. O final de Druso foi particularmente terrível. Como a sua mãe, que tinha perdido um olho após um espancamento, tinha ficado à guarda de carcereiros brutais, soldados e ex-escravos, que não hesitavam em usar o chicote sobre o filho de Germânico ao menor indício de desobediência. Na última semana de vida, ficou reduzido a comer o conteúdo do seu colchão. Quando morreu, fê-lo entre gritos e imprecações, amaldiçoando Tibério como o monstro que tinha afogado a sua própria família em sangue.

Quando estes pormenores foram relatados aos senadores, eles ouviram-nos perplexos e intrigados que um homem tão reservado quanto o *Princeps* pudesse ter permitido a comunicação de tais horrores. Mas Tibério não sentia quaisquer remorsos. Os olhos dos Romanos tinham de ser abertos. As ameaças espreitavam em toda a parte. Mesmo entre os seus conselheiros mais próximos e a sua própria família, a traição era uma constante. Tibério reconhecia-o sem qualquer prazer. Ele tinha amado Sejano, e amara o seu irmão, cujos dois netos acabariam por morrer de fome na prisão. O próprio Senado, essa instituição em que o *Princeps* sempre confiara, e no interesse

do qual sempre tão duramente trabalhara, também se tinha mostrado apodrecido pela ingratidão. Purgá-lo dessa nódoa era uma tarefa assassina. Só num dia, 20 senadores leais a Sejano foram executados de uma só vez. Os guardas rodearam os cadáveres, proibindo os familiares e amigos de demonstrar quaisquer sinais de tristeza; e quando os corpos foram por fim levados das Escadas Gemónias e despejados no rio Tibre, não passavam de massas, informes e putrefactas, arrastadas pela corrente. No entanto, quando Tibério sentia que a sua própria segurança não estava em jogo, era capaz de ser clemente para um colega, e de confessar ao Senado o seu estado de angústia. «Todos os dias, sinto que sucumbo perante o sofrimento.»[89]

Porém, na capital, cada vez mais sedutora, a traição generalizava-se. Todos os anos, na sequência da queda de Sejano, o *Princeps* rumava a casa; e todos os anos, em vez de entrar na cidade, vagueava pelos seus arredores, ou então acampava na sombra das suas muralhas, antes de se apressar de regresso a Capri. Não conseguia estar permanentemente afastado de Roma, nem conseguia voltar. Era um tipo de tortura que podia ter sido concebido pelos deuses. Ninguém duvidava de que a sua influência estava por detrás da relutância de Tibério em passar as portas da cidade. O terremoto em Spelunca tinha sido apenas um dos muitos presságios enviados para o afastar da cidade. Numa ocasião, quando se aproximava de Roma, foi alimentar a sua cobra de estimação e encontrou-a morta, a ser devorada por formigas. O aviso da ameaça que as multidões representavam em relação à sua pessoa era tão claro, que ele deu imediatamente meia-volta. Tibério era especialista na leitura desse tipo de sinais. Desde os primeiros dias que acompanhavam a sua carreira. Quando ainda era estudante, «um burro tinha soltado faíscas ao ser aparelhado, profetizando a sua futura governação»[90]; quando era um jovem oficial, «os altares consagrados pelas legiões vitoriosas aos tempos antigos irromperam em chamas.»

Adepto da sabedoria primordial, dos mistérios velados e da ciência das estrelas, Tibério sabia como traçar os padrões das questões mortais através das sombras dos céus.

Tal aprendizagem, naturalmente, podia ser perigosa se estivesse nas mãos erradas. Em 12 a.C., Augusto tinha confiscado e queimado mais de dois mil livros que afirmavam revelar o futuro; dois anos depois de iniciado o reinado de Tibério, o Senado expulsou todos os astrólogos de Itália. Os mais proeminentes corriam o risco de ser lançados de um penhasco. O conhecimento de para onde o mundo se encaminhava era algo demasiado sensível para ser facilitado ao cidadão comum. Um *Princeps*, pelo contrário, precisava de toda a orientação que pudesse conseguir. O instrutor de Tibério nos estudos do oculto era um astrólogo chamado Trasilo, cujos talentos o tinham impressionado pela primeira vez durante o seu exílio em Rodes, e que desde então se tornara um companheiro muito próximo.^[*] A presença ao seu lado de um tão experiente observador das constelações era uma grande tranquilidade para o *Princeps*. Era preciso manter as coisas sob controlo. Ao estar de quarentena perante a massa sórdida da humanidade, Tibério tinha como objetivo fixar antes o seu olhar em coisas mais elevadas, nos prodígios intocados por senadores ambíguos, multidões rebeldes e viúvas ambiciosas.

Até Augusto tinha achado que Capri era um lar apropriado para os prodígios. A sua *villa* tinha sido generosamente adornada com eles: ossos de gigantes, esqueletos de monstros marinhos. Também Tibério era fascinado por tais tesouros. De tal modo, que a sua curiosidade acerca deles era célebre em todo o mundo. Tendo-lhe sido trazido o dente de um colossal herói, cujos restos tinham sido expostos por um terremoto na Ásia Menor, mediu-o cuidadosamente e, em seguida, encomendou um modelo em tamanho real da cabeça do morto.^[*] Tal atenção aos pormenores do

fantástico era típica em Tibério. Quando se dizia que um tritão tinha sido apanhado a brincar com conchas numa gruta espanhola; ou que uma voz misteriosa tinha sido ouvida a gritar numa ilha grega, que Pã, um deus com enormes pernas e genitais de bode, tinha morrido, o *Princeps* exigia um relatório completo. Interrogavam-se testemunhas e realizavam-se investigações oficiais. Mas em nenhum outro lugar a obsessão do *Princeps* pela quadratura entre as contraditórias dimensões do terreno e do celeste, do mortal e do sobrenatural, se expressava com mais espetacular efeito do que na ilha onde se refugiara. Doze casas separadas, algumas reconstruídas pelo *Princeps* e outras construídas de raiz, estavam espalhadas pela ilha numa homenagem ao Monte Olimpo, a residência dos 12 mais poderosos deuses da Grécia. Alguns desses complexos estavam empoleirados em falésias, debruçando-se sobre as rotas marítimas navegadas por Ulisses e Eneias; outros levavam a cavernas, onde, no meio do marulhar das águas azuis, estátuas de tritões e de ninfas do mar adornavam as profundezas iluminadas. Por todo o lado, grutas, jardins e pórticos, agraciados pelo *Princeps* com nomes conhecidos e provocadores, em obediência ao seu imaculado gosto, eram o cenário perfeito para jovens atores posarem como Pãs e ninfas. Tanto em Spelunca, como em Capri, Tibério habitava no meio de um parque temático da mitologia.

E no ano 37, onze anos depois da sua partida para a Campânia, ele mesmo já parecia ser quase uma figura mitológica. Numa cidade tão viciada em escândalos como Roma, era inevitável que a longa ausência do *Princeps* numa ilha privada alimentasse rumores acerca dele. A sua sombra continuava a pairar sobre a capital. A plebe não tinha esquecido nem perdoado o desprezo e a arrogância que lhes manifestara, nem o Senado a purga brutal aos seguidores de Agripina e Sejano. As manchas de sangue nas Escadas Gemónias não eram fáceis de apagar. Na velhice, Tibério era a

imagem macabra do pavor: amargurado, paranoico e assassino. De que crueldades infernais seria ele capaz na reclusão em Capri, longe do olhar do público, era uma pergunta que provocava arrepios na espinha dos ansiosos boateiros Romanos. Elaboravam-se muitas narrativas a propósito. Alegava-se, por exemplo, que alguns dias depois de o *Princeps* ter pela primeira vez chegado à ilha, estando ele sobre um penhasco, um pescador teria subido as rochas para trazer uma enorme tainha como presente ao César; e que Tibério, um homem cujo destemor ao serviço de Roma até os seus piores inimigos reconheciam, teria ficado aterrorizado pelo intruso. Tão aterrorizado terá ficado, que ordenou aos seus guardas que agarrassem o intruso e lhe esfregassem a tainha na cara. O homem, entre gritos, teria dito durante a tortura: «Agradeço às estrelas não lhe ter oferecido o enorme caranguejo que também pesquei!»^[91] De imediato, Tibério ordenou que lhe esfregassem também o caranguejo na cara. Muitos começavam a acreditar que Roma tinha sido tratada de forma semelhante pelo *Princeps*. Tinha-se transformado, sob o seu governo, num rosto retalhado e a sangrar até aos ossos.

Que Tibério era capaz de ser vingativo já não era novidade. Mais inquietantes, talvez, eram as depravações que tinha mantido ocultas. Para os Romanos, a privacidade era inerentemente vista como antinatural. Permitia rédea livre a instintos aberrantes e sinistros. Somente quem desejava esconder as suas preferências sexuais dos seus concidadãos teria razões para a desejar. Hóstio Quadra tinha satisfeito as suas indizíveis perversidades na privacidade de um quarto espelhado, mas Tibério, durante 11 anos, tinha-a desfrutado numa ilha inteira. Em Roma, as pessoas não se deixavam enganar pelas suas grandiloquentes pretensões à sabedoria. Suspeitavam que os seus alegados interesses nos pormenores secretos da mitologia eram apenas uma desculpa para entretenimentos pornográficos.

Décadas antes, quando o futuro Augusto celebrara o seu casamento com Livia, a multidão nas ruas tinha-se revoltado ao saber que os convidados do casamento estavam vestidos como os deuses. Mas agora, no parque de diversões em que Tibério tinha transformado Capri, não havia multidões para censurar ou questionar as fantasias do *Princeps*. As ninfas e os Pãs com que povoara as suas grutas não estavam lá apenas para serem vistos. As narrativas sobre os deuses eram repletas de violações e de cópulas fantásticas. Que maior prazer haveria, para um velho fascinado com os seus feitos, do que poder vê-las graficamente reproduzidas?

A excitação não provinha apenas da representação, mas do elenco. Toda a sua vida, Tibério tinha-se comprometido com determinados fundamentos: a dignidade do Senado, os ideais da aristocracia, as ancestrais virtudes da sua cidade. No entanto, como Ovídio, abandonado pelo *Princeps* no extremo do mundo, sempre compreendera, «o desejo é alimentado pelas proibições.»^[92] A escolha dos artistas por Tibério dificilmente poderia ter sido mais transgressora. Jovens e atraentes, muitos não eram apenas paradigmas de modéstia, mas filhos da própria classe do *Princeps*. «Beleza e corpos esbeltos; pura inocência e ascendência ilustre: era isto que o excitava.»^[93] Obrigados a prostituírem-se, a vender o corpo como os trabalhadores de sexo das classes mais baixas, por vezes três ou quatro em simultâneo, a descendência da nobreza convocada para Capri não podia ter sido mais humilhada. O espetáculo da sua degradação era uma horrenda profanação de tudo o que era mais caro para o homem que o observava. Mas era precisamente isso que o tornava tão emocionante para o *Princeps*.

Naturalmente, ele desprezava-se a si mesmo por tudo isso. Tibério, herdeiro dos Claudianos, o maior general da sua geração, um homem que, por força dos seus muitos serviços à República, mereceria ser classificado como *Princeps* mesmo que o seu divino pai o não tivesse adotado, sabia

quais eram as normas pelas quais seria julgado, e partilhava-as. Mas estava cansado. Há 20 longos anos que segurava o lobo romano pelas suas orelhas. Quase a chegar à sua nona década, sentia-se um homem fora de tempo. As suas melhores esperanças para a sua cidade tinham-se transformado em pó. O Senado tinha-lhe falhado. De facto, fora a medida da depravação dos seus pares que os tornara seus cúmplices. Homens cujo registo dos serviços a Roma remontava aos tempos dos reis, quando os deuses ainda andavam pela terra, competiam agora para serem proxeneta dos seus próprios filhos junto dele. Perante a evidência de tal degeneração, Tibério já não se sentia obrigado a procurar garantir o futuro dos seus concidadãos. E se isso correspondia à destruição que tinha deixado a família de Augusto mutilada e a sangrar, era também válido para os Romanos. A Casa de César em breve precisaria de um elemento novo a chefiá-la, mas quem? Não havia ninguém pronto a assumi-la, temperado pelas artes da guerra e da paz, como Tibério estava quando sucedeu a Augusto. Na verdade, os herdeiros do sexo masculino eram decididamente incapazes. Havia Cláudio, o irmão de Germânico, trémulo e gago, um homem cujas deficiências, literalmente incapacitantes, nunca fariam dele um *Princeps*. Depois, havia Gêmeo, que era ainda muito jovem, e a quem não ajudava a dúvida de Tibério, depois da dolorosa constatação do caso entre Livila e Sejano, se ele seria ou não seu neto. Sobrava Calígula, o favorito do povo. A sua popularidade, devida apenas aos seus pais e a nada que tivesse verdadeiramente feito que fosse digno de registo, era, naturalmente, um perigoso atributo. Havia muitos no séquito de Tibério que achavam ser inconcebível que o desagradável velho alguma vez permitisse que um filho de Agripina lhe sucedesse. Calígula, Trasilo profetizara, era tão suscetível de se tornar imperador como de atravessar o mar a cavalo. Porém, ninguém estava mais alertado para os perigos da sua situação do que o próprio Calígula. Ele sabia que não podia

dar ao seu tio-avô o menor motivo de ressentimento. O seu rosto permanecia como uma máscara. «Dele, nem um pio se ouviu aquando da condenação da sua mãe e da destruição dos seus irmãos.»[94]

Era o suficiente para Tibério. Como um homem de idade que se rendia aos prazeres da hipocrisia, divertia-o imaginar quais seriam as emoções que o seu sobrinho-neto poderia estar a ocultar por detrás da sua inumana compostura. Calígula, verdade seja dita, não parecia ser um homem muito dado à tristeza perante o sofrimento dos outros. Antes pelo contrário, dava mesmo a impressão de se divertir. Obedecia servilmente ao *Princeps* em tudo, e era pelas dimensões mais escuras dos caprichos e prazeres de Tibério que ele mostrava o seu maior entusiasmo. O terrível destino de Agripina e dos seus irmãos não o inibia de mostrar um interesse íntimo e pessoal na punição de criminosos. Mostrava-se radiante em acompanhar o interesse do seu tio-avô nas recriações mitológicas. Desde a sua infância, quando os soldados do Reno o tinham enfiado num par de botas em miniatura que lhe originariam o apelido, que Calígula mostrava o gosto para se mascarar. Capri, esse palco de tão maravilhosos cenários, permitia-lhe total liberdade. Estavam à sua inteira disposição as perucas e os figurinos de todos os tipos, assim como a oportunidade para participar nos entretenimentos pornográficos. Tibério sentia-se feliz em saciar o seu sobrinho-neto. Sabia o que estava a preparar para entregar aos Romanos sob a forma do seu favorito, e já não se preocupava com isso. «Estou a criar-lhes uma víbora.»[95]

É claro que, em Roma, muitos replicariam que era preciso uma cobra para reconhecer outra. As lembranças do homem que o *Princeps* fora, há muito se tinham desvanecido. Enquanto as narrativas do grande herói das guerras que tinha salvado a República da ruína, por duas vezes, ganhavam pó, os novos relatos acerca de Tibério ganhavam ímpeto entre os seus

conciadãos. Nenhum rumor das suas perversidades era tão horrível que não pudesse ser acreditado em Roma. Que tinha treinado meninos a escorregarem entre as suas coxas enquanto nadava, excitando-o com lambidelas; que tinha colocado bebês não desmamados sobre a cabeça do pénis, para o sugarem como à mama das mães; e, o mais repelente de tudo, que ele gostava de *cunnilingus*. Contudo, para lá das ruas e das tabernas de Roma, onde nasciam as calúnias dos poderosos e o escarnecimento das suas pretensões, havia quem visse Tibério sob um outro prisma. Nas províncias, onde os 23 anos de estabilidade que tinha proporcionado ao mundo eram elogiados, mesmo entre os mais notáveis e arrogantes intelectuais de Alexandria, ele tinha acabado por ser largamente admirado como um príncipe da paz. «Pois em sabedoria e erudição», alguém terá declarado de forma categórica, «não há ninguém da sua geração que se lhe compare.»^[96] Perverso manchado de sangue e rei filósofo: era preciso ser-se um homem de raro paradoxo para acabar a ser visto como ambos. Mas por volta de março do ano 37, ficava claro que a longa e notável carreira de Tibério estava a chegar ao fim. Depois de uma última tentativa abortada de entrar em Roma, tinha regressado à Campânia, onde as tempestades e uma dor excruciante num dos seus flancos o impediram de voltar para Capri. Apesar da costumeira tentativa de fingir que nada de errado se passava, foi forçado a recolher à cama. Pouco depois, um terrível terremoto sacudiu a Baía de Nápoles. Em Capri, que durante tantos anos tinha servido de casa e refúgio a Tibério, um imponente farol, construído no penhasco mais alto da ilha, caiu para o mar e o seu fogo extinguiu-se.^[97] O velho, perito na arte de ler os propósitos dos deuses, não necessitou que Trasilio lhe dissesse o que esse sinal pressagiava. E, a partir da sua cama, tomou as necessárias disposições para a transferência de poder. No seu testamento, Calígula e Gêmeo foram nomeados como seus herdeiros, mas

o *Princeps* não tinha ilusões sobre o destino do seu neto. «Tu vais matá-lo, e depois alguém te matará»^[98], terá dito Tibério a Calígula. Não surpreende, pois, que quando sentiu que a morte chegava, lhe tenha sido difícil tirar o anel de sinete. Mesmo depois de o remover, não conseguiu entregá-lo, e segurou-o firmemente na palma da mão, permanecendo imóvel durante muito tempo. Contar-se-iam muitas histórias do que aconteceu a seguir: que Calígula tinha assumido que o seu tio-avô estava morto; e que, quando já estava a ser saudado como o novo imperador, terá chegado a notícia de que o velho ainda estava vivo; que Macro, um experiente operacional que há muito se tinha ligado ao sol que nascia e subia nos céus, em detrimento do que se punha, teria mandado sufocar Tibério com uma almofada. A verdade foi menos melodramática. O *Princeps*, mexendo-se por fim, chamara os seus acompanhantes. Nenhum se aproximara. Cambaleante, levantou-se, tê-los-ia chamado de novo, e depois colapsou.

«Considera-te feliz apenas quando conseguires viver em público.»^[99]
Esta era a convicção dos Romanos.

Tibério Júlio César Augusto tinha morrido sozinho.

DEIXEM QUE ME ODEIEM

Que comece a festa

Em Roma, a notícia de que o velho tinha finalmente morrido foi recebida com um previsível humor negro. «Para o Tibre!»^[1], gritava-se. Calígula, consciente de que a dignidade do papel que lhe fora legado por Tibério dificilmente se reforçaria se entregasse o cadáver do seu antecessor para que fosse arrastado pelas ruas preso num gancho de talhante, recusou. Vindo de Campânia, chegou à cidade que tinha visto pela última vez há seis anos, sobriamente vestido de luto. O funeral que deu a Tibério foi respeitável e digno. O discurso fúnebre foi feito pelo próprio Calígula, e as cinzas foram depositadas no grande mausoléu de Augusto.

E ficar-se-ia por aí. O cortejo fúnebre, ao longo da Via Ápia, fora acompanhado por uma multidão que saudava o novo *Princeps* em júbilo, como o seu novo, o seu jovem, o seu favorito. Calígula, que durante a vida do seu tio-avô, não traía um lampejo de pesar pela sua mãe e os seus irmãos, agora exibia-se prazenteiramente perante a audiência. O discurso que fez em memória de Tibério foi em grande parte um hino a Germânico. Alguns dias depois, partiu para as ilhas onde Agripina e Nero tinham perecido. Enfrentando de forma ostensiva um clima adverso, dando ainda maior ênfase à sua devoção filial^[2], regressou, Tibre acima, com as suas cinzas colocados sobre andores, normalmente utilizados para transportar as estátuas dos deuses, para as depositar no Mausoléu de Augusto, com pompa

e circunstância. Os Romanos, em êxtase com o regresso dos seus favoritos para junto dos seus, celebraram-no de forma selvática. Durante três meses, o cheiro a carne queimada espalhou-se por toda a cidade, pois milhares de cabeças de gado foram imoladas num alargado gesto de gratidão aos deuses. Após o longo inverno da velhice de Tibério, a primavera, ao que parecia, tinha finalmente chegado.

Mas Calígula não era ingênuo ao ponto de tomar por garantido este clima de otimismo. Apesar da sua longa ausência da capital, o tempo passado em Capri não tinha sido desperdiçado. A sua presença ao lado de Tibério tinha-lhe dado a compreensão instintiva e impiedosa do funcionamento do poder. Ao contrário do seu predecessor, severamente austero e que desprezara subornar as pessoas com o luxo, Calígula sentia-se muito feliz em comprar a popularidade. Os cofres do tesouro estavam cheios, e o novo *Princeps* aproveitou-se disso. Distribuiu donativos pelos cidadãos da capital, às legiões e, de forma mais generosa, aos pretorianos. Nem mesmo o Senado foi negligenciado. Calígula mostrou-se atento às suas sensibilidades. Permitiu aos cônsules que terminassem o mandato; e quando o *Princeps* fez questão de reivindicar o consulado para si, três meses após ter iniciado o seu reinado, a escolha de qual seria o seu colega recairia sobre alguém que o seu antecessor tinha rejeitado. Cláudio, o tio de Calígula, a quem até tinha sido negada a menos relevante das magistraturas, aos 46 anos era elevado simultaneamente ao Senado e ao consulado. Mas não se ficou por aí. No seu primeiro discurso como cônsul, Calígula repudiou explicitamente todos os mais detestados recursos usados no reinado de Tibério: os informadores, os julgamentos por traição e as execuções. Ao Senado, tais palavras pareciam boas demais para serem verdade.

E talvez assim fosse. Quando os senadores, na sequência do discurso de Calígula, se apressaram a avançar com um decreto que devia ser ratificado

todos os anos, a medida refletia mais o temor de que ele pudesse mudar de ideias do que o júbilo por um novo começo. No Senado, depois dos traumas e das atribulações do reinado anterior, ninguém se arriscava a acreditar em qualquer das hipocrisias bem enroupadas que outrora tinham servido para encobrir aquilo em que Roma se tinha transformado. O verdadeiro equilíbrio de poderes tinha sido explicitamente revelador. O Senado, como uma mulher maltratada num frenesim para evitar uma tarefa, assegurou-se em nada negar a Calígula nos primeiros dias do seu reinado. A tentativa de Tibério de assegurar, no seu testamento, que Gêmelos fosse um dos seus herdeiros, foi rapidamente anulada; Calígula seria agraciado de forma solene e formal com «o direito absoluto de decidir sobre tudo»[3]. Poucos senadores se sentiram à vontade com as fracas garantias que lhes eram dadas pelo seu novo senhor. O homem que em criança tinha representado o papel de soldado, representava agora um novo papel, o de Augusto. Por mais convincente que fosse o seu desempenho, todos suspeitavam que não passava disso mesmo: uma representação.

A confiança era mínima. O novo imperador, ao contrário de Tibério quando sucedera a Augusto, não era um homem endurecido ao serviço de Roma, mas Calígula não parecia importar-se com isso. Tinha como seu conselheiro o homem que tudo fizera para facilitar a sua ascensão, Macro, o prefeito dos pretorianos. Para os senadores que tinham aprendido a temer o poder dos membros da Ordem Equestre, esta não era a melhor das recomendações. Mas Macro não era Sejano. De elevados princípios morais, e sem rodeios, não hesitava em ensinar ao seu jovem protegido o que era esperado de um *Princeps*: «pois, como qualquer bom artesão, fazia questão de que a sua obra, era assim que o entendia, não viesse a ser danificada ou destruída»[4]. Na verdade, os senadores não conseguiam deixar de se sentir um pouco ansiosos com os exercícios públicos que Calígula insistia que os

pretorianos realizassem; mas Macro não era o único conselheiro do imperador. Um deles pertencia ao Senado.

Quatro anos antes de se tornar imperador, Calígula tinha sido casado com a filha de um homem particularmente valorizado por Tibério, que fora colega de consulado de Druso, chamado Júnio Silano; e Silano, apesar de a sua filha ter morrido durante o parto, mantinha o estatuto de sogro do imperador. Como Macro, presumia ter direito a servir de guia de Calígula nas várias artes da governação; ao contrário de Macro, ele representava as antigas virtudes da nobreza. «Bem-nascido e eloquente, a sua postura era a de um comandante.»^[5] Não era vergonha para ninguém, nem mesmo para um *Princeps*, ser influenciado por um homem assim. Sem dúvida, Calígula mostrou ser capaz de aprender rapidamente. A prosperidade e a ordem de que os domínios de Roma haviam desfrutado sob Tibério, continuavam intactas. As fronteiras continuavam firmes; as nomeações para os comandos provinciais tinham sido escolhidas com astúcia; reinava a paz em todo o mundo romano. Na capital, os trabalhadores que durante muito tempo tinham amaldiçoado a recusa de Tibério em investir em projetos de infraestruturas, ficaram encantados quando Calígula encomendou dois novos aquedutos e uma profunda remodelação do Palatino. Os livros que tinham sido proibidos pelos seus antecessores, incluindo os discursos de Tito Labieno e Cássio Severo e as histórias de Cremúcio Cordo, passaram a poder circular de novo. «Em resumo, Calígula comportava-se com tal moderação e graça, que era cada vez mais popular, tanto entre os Romanos como entre os outros súbditos.»^[6]

Contudo, no Senado, continuavam expectantes. Para os conservadores, a popularidade e a juventude dificilmente deixavam de parecer uma combinação sinistra. Desde os tempos mais sombrios do Triunvirato que Roma não dependia dos caprichos de alguém tão jovem. Os senadores

viam, com algum alarme, que o seu novo imperador, mesmo quando se apresentava como um novo Augusto, desempenhava um papel muito diferente quando se apresentava perante a plebe. Era por demais evidente que Calígula se revia de forma positiva no aplauso das massas. Deleitavam-se com a sua insistência em ser cumprimentado como se ele fosse um cidadão igual a eles, e não de forma pomposa ou formal; consideraram-no um amigo do povo quando lhes restaurou o direito, abolido por Tibério, de votar na eleição dos magistrados. Mas o que mais adoravam era o seu imenso fascínio. Apesar da sua prematura calvície, e de ter herdado os enormes pés e as pernas finas do seu pai, Calígula sabia como emocionar uma multidão. Os Romanos estavam fartos dos velhos sombrios. Agora, finalmente, tinham um imperador que parecia exultar ao viver um sonho. Nesse verão, ao inaugurar um novo templo em honra de Augusto, Calígula deslocou-se para o evento de forma triunfal, numa carruagem dourada, puxada por seis cavalos. «Isso», alguém observou, «era algo absolutamente vanguardista.»^[7]

Aplausos e carruagens andavam de mãos dadas. Num desfile, o ritmo era imponente, o cavaleiro vestia-se de púrpura e ouro; mas havia outros espetáculos mais perigosos, mais emocionantes, mais viscerais. Entre o Palatino, a Casa de César e o Aventino, junto ao enorme bairro degradado coberto por uma nuvem de poluição, estendia-se um longo vale onde, desde os tempos de Rómulo, se faziam corridas de carros perigosamente frágeis. Chamavam-lhe, de forma muito apropriada, *Circus Maximus*. Nenhuma outra cidade no mundo podia gabar-se de ter um estádio de maior dimensão. Até Augusto se sentira intimidado com a enorme massa de espetadores que enchiam as suas bancadas nos dias de corridas. Embora, no ano da batalha de Ácio, tenha mandado fazer um camarote no Circo – o «pulvinar» – para uso privado, que justificou com a pretensa partilha do espaço com os

símbolos dos deuses, raramente o usou. Sentia-se demasiado exposto quando aí se sentava. Assim, em vez de ter de suportar milhares de olhos fixados em si, preferia assistir às corridas a partir das casas de amigos, situadas num plano superior. Augusto, incomparável como sempre na sua capacidade de distinguir entre a realidade e a demonstração de poder, compreendera o que confrontava no Circo, e respeitara-o. Sentir o sopro do seu ruído quente no rosto era sentir o sopro do lobo.

Era por isso que, quando se sentava no pulvinar, Augusto fazia sempre questão de se comportar como um entusiástico espetador. Era importante que o Primeiro Cidadão fosse visto a partilhar os prazeres dos Romanos. Ainda assim, havia limites. Augusto não tinha concedido os dons da paz e da ordem ao mundo, para depois tolerar as rixas nos eventos desportivos. A velha presunção da maioria dos espetadores de que podia sentar-se onde muito bem entendesse, era para o *Princeps* algo muito ofensivo. O entretenimento era bom, mas não podia ser à custa de comportamentos menos próprios. Tanto no quarto como nas bancadas, Augusto procurou regulamentar os apetites dos seus concidadãos através de legislação. Meticulosamente, os lugares sentados em locais públicos tinham sido divididos entre as várias categorias de Romanos. Aos senadores, naturalmente, foram atribuídos os melhores pontos de observação; às mulheres, os piores. Quem usasse uma toga branca podia esperar sentar-se perto da frente; quem vestisse uma túnica escura e suja, sabia que tinha de tentar a sorte num lugar de retaguarda. Soldados, embaixadores estrangeiros, crianças e os seus tutores, tinham locais próprios onde ficar. Quanto maior era o local onde se desenrolavam os eventos, mais difícil era a aplicação destas regras; e no Circo Máximo, que era o maior de todos os espaços, o desafio da regulação era ainda maior.^[8] Em todo o caso, para quem dele beneficiava, o princípio estabelecido por Augusto era

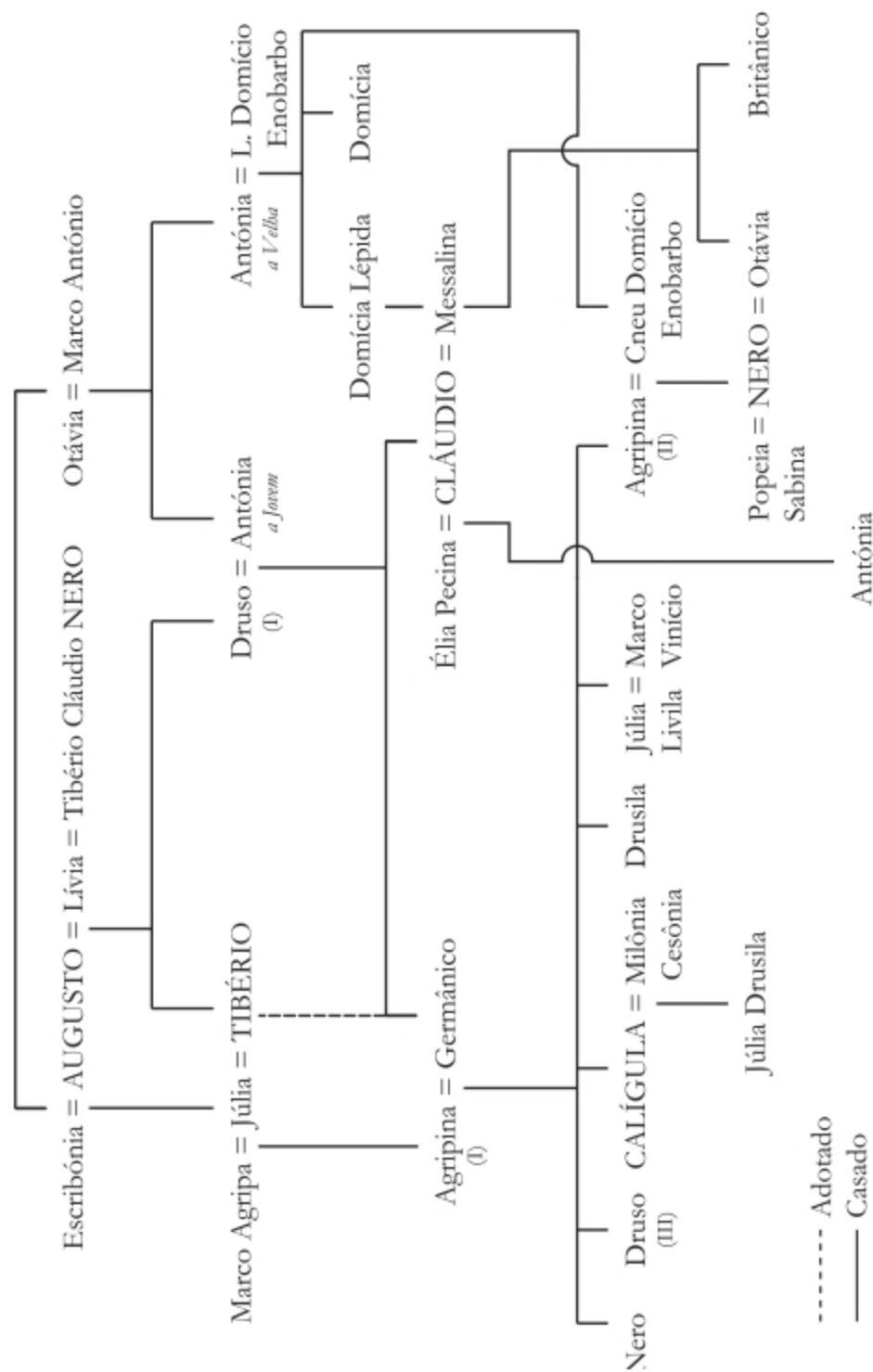
absolutamente relevante. Ricos ou pobres, homens ou mulheres, todos tinham de saber onde era o seu lugar. Os entretenimentos eram assuntos sérios. Eram o espelho em que todos os Romanos, do Primeiro Cidadão ao mais desprezível ex-escravo, se refletiam. Macro, aconselhando o seu jovem amo, procurava esclarecê-lo das implicações. «Quando assistir às corridas, o que importa não é o desporto em si, mas a forma mais adequada de se comportar no contexto do desporto.»^[9]

Mas havia uma outra perspetiva. Apesar dos muitos anos passados longe de Roma, Calígula não se tinha desligado completamente da cultura mais jovem na capital. Os descendentes da nobreza convocados por Tibério para Capri, para se prostituírem, levaram com eles para a ilha um toque distinto da modernidade metropolitana. Um deles, um artista tão hábil nos jogos sexuais que se diz ter assegurado a ascensão do pai a um consulado, e, posteriormente, ao cargo de governador da Síria, tinha-se tornado particularmente íntimo de Calígula. Aulo Vitélio era vigoroso em todos os sentidos da palavra. Mais do que um espetador entusiasta, era um competente condutor de bigas. Como seria natural, fez questão de partilhar com Calígula a sua paixão pelo desporto. Não podia ser maior o contraste com Tibério, que desprezara tudo aquilo que as multidões mais apreciavam, e que se recusara a esbanjar dinheiro para as manter entretidas. Agora que já não vivia à sombra do velho homem, Calígula tencionava caminhar em sentido oposto. Apesar de, ao se tornar imperador, se ter declarado chocado com as práticas de Capri e pronto para afogar quem nelas tivesse participado, a anedota estava naqueles que acreditavam firmemente nessa teatralizada indignação. Vitélio, cuja ligação juvenil à prostituição nunca seria esquecida pelos seus inimigos, continuou a ser o amigo mais íntimo do imperador. Mesmo com Macro a aconselhá-lo severamente a manter-se

distante dos prazeres do Circo, o amigo de Calígula tratava de alimentar a sua obsessão.

Os Romanos, durante tanto tempo carentes de extravagâncias públicas, encontravam no seu novo imperador o mais generoso dos patrocinadores. As corridas duravam de manhã à noite; nos intervalos havia entretenimentos fascinantes, com animais selvagens e manobras da cavalaria; os trajetos estavam marcados em tons de vermelho e verde. Calígula, longe de manter uma presença distante e neutra, manifestava-se descaradamente pela sua equipa favorita. O seu campeão era coberto de presentes, e o seu cavalo, *Incitatus* ou «Impetuoso», presenteado com um estábulo de marfim e mármore construído pelos pretorianos. Em simultâneo, para coroar o seu fanatismo, Calígula mandou fazer a sua pista de corridas privada, no lado do Tibre mais afastado do centro de Roma, completada com um obelisco trazido especialmente do Egito num enorme navio de carga. O seu entusiasmo era tudo menos contido.

OS JULIANOS E OS CLAUDIANOS
NO TEMPO DE CALÍGULA



Mas era isso mesmo o que Calígula pretendia. Nos tempos de Augusto, o deleite que os líderes de tendências de Roma tinham em ofender os rígidos e emproados tinha acabado por se tornar tão perigoso que podia levar a acusações de criminalidade. Agora, com Calígula instalado no Palatino, era um dos seus quem usava o chicote. Os valores morais que o seu bisavô tão ansiosamente defendera, eram algo que o jovem *Princeps* escarnecia, subvertia e enfraquecia. A sua aprendizagem em Capri, onde vira os filhos e as filhas dos senadores a prostituírem-se, tinha-lhe aberto os olhos para os excessos da novidade e do espetáculo que o poder de um imperador podia controlar. Longe de esconder a sua supremacia, tinha prazer em ostentá-la. Calígula não assistiria às corridas de bigas a partir dos edifícios vizinhos. Pelo contrário, resplandecia, bem visível, no pulvinar. Ao brindar e agradecer às pessoas que o saudavam, como o patrono de que o Circo nunca desfrutara, deliciava-se com tudo o que significava governar como o senhor de Roma.

Presidia sobre a magnificência, mas também sobre o perigo. As corridas eram eventos potencialmente letais. Mesmo um condutor tão hábil quanto Vitélio coxeava de forma permanente por causa de um acidente. E tinha tido sorte. Os acidentes eram muitas vezes fatais. Nos dias tenebrosos das guerras civis, muitos cidadãos temeram que Roma estivesse condenada a acabar entre uma confusão de lascas, eixos partidos e rédeas emaranhadas. Agora, sempre que uma biga fora de controlo deixava um corpo contorcido e amassado num dos lados da pista, era para os Romanos uma advertência muito diferente: a de que César, que lhes proporcionava espetáculos que as mais extravagantes fantasias dos seus antepassados nunca puderam imaginar, era o senhor da morte e da vida. E eles amavam-no por isso.

No Circo, tentar vencer era invariavelmente arriscar a vida e os membros. No mundo fora das pistas de corrida, por vezes, podia acontecer o mesmo.

Nesse mês de outubro, oito meses depois de chegar ao poder, Calígula adoeceu gravemente. Alarmados pelas ameaças potenciais às suas posições, Macro e Silano procuraram de imediato um novo protegido. Havia apenas um candidato possível. Com Calígula às portas da morte, os seus dois mais proeminentes homens de confiança começaram a preparar o caminho para que Gêmeo, o neto de Tibério, com 18 anos de idade, pudesse assumir as rédeas. Mas movimentaram-se demasiado cedo. No Circo, o condutor que tentasse cortar o centro da roda de um rival ao ultrapassá-lo, invariavelmente acabava quebrado e mutilado no meio do pó. Macro e Silano tinham cometido um erro fatal semelhante. Calígula não morreu, e recuperou de forma completa. Ao sair do leito de doença, moveu-se de forma expedita, astuta e letal.

O primeiro a perecer foi o infeliz Gêmeo. Acusado de traição, foi visitado por dois oficiais superiores, que o instruíram na melhor forma de cometer suicídio, e por lá ficaram até comprovarem a eficácia da sua lição. Macro, como homem que comandava os pretorianos, era potencialmente um desafio maior para Calígula, que se mostraria igualmente capaz de enfrentar. Como a um touro sacrificial que se decora previamente com grinaldas, o prefeito foi agraciado com a honra suprema de governar o Egito, e de seguida, antes que pudesse partir para a sua província, ordenado que se suicidasse. A acusação, altamente verosímil, era de se ter referido a Calígula como «a sua obra», o que era evidentemente um insulto mortal à dignidade do *Princeps*. Com o suicídio de Macro, restava apenas Silano. Também ele, depois de ter sido informado pelo Senado de que já não mantinha o favor do genro, entendeu o recado, e cortou a própria garganta com uma navalha. Calígula poderia dar-se por muito satisfeito pela forma habilidosa como conseguira limpar o palco.

Para a elite de Roma, a facilidade com que o seu jovem imperador tinha

liquidado os seus mais importantes aliados era uma revelação desagradável. Se poderosos da estatura de Macro e Silano podiam ser forçados a matarem-se, então ninguém estava seguro. «Lembra-te», terá Calígula dito à avó, «eu estou autorizado a fazer tudo a todos.»^[10] Ao contrário de Tibério, ele não tinha o menor constrangimento quanto ao enorme alcance do seu poder, e a descoberta de quão prontamente fora capaz de se desembaraçar dos seus indesejados mentores encorajou-o a testar os seus limites ainda mais. Calígula deixara de fingir que apoiava os ideais da República. Aborreciam-no, e ele já não tinha paciência para aborrecimentos. No entanto, ao atropelá-los, ele não entrava totalmente em contramão com o passado. A cor e o clamor do Circo, do qual se tornara tão viciado, eram tradições tão veneráveis como quaisquer outras em Roma. A Casa do Senado, para um homem com o instintivo exibicionismo de Calígula, era demasiado monótona. Resolvido como estava, não apenas em presidir ao supremo lugar do poder, mas em exibi-lo, ele procurava inspirar-se numa outra coisa: no génio romano para a ostentação.

O prazer que Calígula tinha em assistir ao sofrimento dos outros não era novidade. Há séculos que os Romanos se juntavam de forma maciça para apreciar o espetáculo de lutas desesperadas entre homens, para poderem exercer sobre eles o poder da vida e da morte. Tradicionalmente, esses espetáculos eram montados no coração de Roma, no Fórum. Aí, em frente à Casa do Senado, os grandes homens da República com frequência tinham mandado construir anfiteatros de madeira temporários, onde encenavam, para o benefício de potenciais eleitores, competições entre assassinos treinados, chamados «gladiadores». Combatentes obrigados, mesmo que fossem voluntários, ao temível juramento de suportar «ser marcado a fogo, agrilhado, chicoteado e morto à espada»^[11], estes homens eram classificados como os mais reles dos mais reles, e, ainda assim, apesar de

tudo, a atitude dos espetadores não era apenas de desprezo. Os Romanos admiravam a coragem e a capacidade marcial. Júlio César, quando ainda procurava afirmar-se, tinha tentado ganhar o amor dos seus concidadãos ao equipar, pela primeira vez, os gladiadores com armaduras de prata; mas depois da sua travessia do Rubicão, treinou as suas legiões para combaterem como se estivessem numa arena. Sabia-se que os senadores proscritos pelo Triunvirato se tinham comportado como um gladiador derrotado o fazia, oferecendo as gargantas às espadas dos seus assassinos. Os antigos cônsules não tinham tido vergonha em olhar para o exemplo de tais escravos e encontrar neles o modelo das suas *virtus* ancestrais. No meio dos horrores das guerras civis, toda a Roma se transformara num anfiteatro.

Mas muito tinha mudado desde então. Augusto tinha trazido os benefícios da paz a Roma. Os tempos em que nobres ambiciosos esperavam ganhar supremacia através da encenação de deslumbrantes espetáculos no Fórum pertenciam ao passado. Apenas restava um patrono de facto: César. Um *Princeps*, não era preciso dizer-se, podia esbanjar o que quisesse. Daí resultaria, ao longo da primazia de Augusto, a existência de jogos cada vez mais espetaculares. Só em oito jogos terão lutado dez mil gladiadores. Porém, serem governados por um *Princeps* nem sempre era uma boa notícia para os entusiásticos adeptos. Tibério, cujo desprezo pelos entretenimentos públicos era total, tinha naturalmente desdenhado desperdiçar dinheiro nos gladiadores. Depois da morte de Druso, que adorava observá-los com uma paixão demasiado extrema, mesmo para os padrões romanos, e que tinha ganho a alcunha de um gladiador famoso como consequência, os desportos de sangue sofreram um interregno. Os gladiadores mais reputados lamentaram-se da falta de oportunidades para mostrar as suas habilidades. «Perdemos uma idade de ouro!»^[12] Na verdade, era tal o desespero dos Romanos para alimentar o seu vício que, no ano 27, quando um agente

organizou um espetáculo de gladiadores na cidade vizinha de Fidenas, «multidões de homens e mulheres de todas as idades»^[13] deslocaram-se da capital para assistir. O resultado seria o pior desastre na história dos desportos romanos: o anfiteatro, incapaz de suportar o elevado número de espetadores, colapsou, matando milhares por esmagamento. O horror desta calamidade perduraria durante muito tempo na memória de todos, pois tinha atingido um ponto nevrálgico. As multidões que assistiam à morte dos outros homens não cuidavam de se lembrar da sua própria mortalidade. «Matem-no! Flagelem-no! Queimem-no!»^[14] O entusiasmo dos espetadores que assistiam aos confrontos mortais entre guerreiros treinados era tanto maior quanto sabiam serem senhores. Calígula, cuja entusiástica paixão pelos combates de gladiadores era semelhante ao desprezo que deles tinha Tibério, compreendia-o clara e friamente. Mais do que isso, divertia-se a manipular esse conhecimento.

Bastava ameaçar um homem com uma morte violenta, e a sua luta para lhe escapar podia proporcionar um grande entretenimento, fosse qual fosse o estatuto social da vítima. Quem melhor para colocar tal asserção à prova do que Calígula, cujo sentido de humor era tão malévolo quanto os seus poderes eram absolutos? A vítima por ele escolhida, um membro da Ordem Equestre chamado Atânio Segundo, era culpada de algo tão banal como excessiva bajulação. Quando o *Princeps* esteve doente, Atânio fizera um extravagante juramento: se Calígula recuperasse a saúde, prometia aos deuses que lutaria como gladiador. Naturalmente, não esperava vir a ser obrigado a cumprir a promessa. O seu objetivo tinha sido apenas o de se destacar dos outros bajuladores. Mas quando recuperou a saúde, o imperador fê-lo cumprir com a sua palavra. Com um rosto impassível, Calígula ordenou ao membro da Ordem Equestre que entrasse na arena, para lutar e divertir a multidão. Como era previsível, ao enfrentar um

assassino treinado, Atânio resistiu por pouco tempo. O espetáculo do seu corpo a ser arrastado para fora da arena, preso a um gancho, era bem mais do que o remate, cruelmente enfático, de uma das histórias divertidas contadas a propósito de Calígula. Representava também uma ameaça. Nenhum membro da Ordem Equestre conseguiria sentar-se num anfiteatro, no lugar que lhe estava legalmente destinado, e assistir impávido e sereno a que um dos seus se transformasse em objeto de divertimento público. Os senadores também tinham razões para se sentirem perturbados. A ameaça estava implícita. Nas posições mais elevadas, ninguém estava a salvo de que Calígula reservasse para si o direito de fazer da sua morte um desporto.

Para a nobreza romana era tudo muito desconcertante. A noção de que um *Princeps* podia tratá-los com escárnio era tão nova quanto chocante. Por mais dolorosa que tivesse sido a sua subordinação à nova ordem estabelecida por Augusto, nem ele nem Tibério alguma vez procuraram enxovalhá-los de forma tão deliberada. Antes pelo contrário. Ambos tinham acreditado com firmeza nos valores defendidos pela elite tradicional de Roma. Calígula, no entanto, revelava-se um *Princeps* muito diferente. Educado na ilha privada de um autocrata, seduzido pelos aplausos do Circo e apoiado pelas espadas dos pretorianos, não sentia a menor empatia com a jactância da sua própria classe. Um ano e pouco após a sua ascensão ao governo do mundo, continuava a manter uma reverência zombeteira perante a sua parceria com a aristocracia; mas era evidente que estava a começar a cansar-se dessa reverência. Sinal disso mesmo foi o ter-se atribuído, em setembro de 38, o título de «Pai da Pátria», que antes tinha recusado por respeito aos cabelos grisalhos e à autoestima do Senado. A possibilidade de humilhar os mais velhos era algo demasiado bom para ser desperdiçado.

De facto, se Calígula sentia lealdade perante algo, era à sua família e às suas irmãs em particular. Júlia Livila, a bebé que nascera em Lesbos

durante a fatídica viagem de Germânico para o Oriente, era agora uma jovem mulher de 20 e poucos anos; as suas duas irmãs mais velhas, Agripina e Drusila, já estavam casadas. As três, enquanto Tibério vivera, tinham partilhado com o irmão os perigos de serem filhos da sua mãe; as três, quando Calígula finalmente assumiu a sua herança, foram agraciadas com espetaculares honrarias. Foram-lhes concedidos privilégios que Lúvia levou uma vida inteira para obter. Até os cônsules, quando faziam os votos de fidelidade a Calígula, eram obrigados a incluir as suas três irmãs no juramento. Porém, de todas, a mais surpreendente das novidades foi o terem aparecido numa moeda cunhada durante o primeiro ano de exercício de poder do irmão, e onde eram retratadas como maravilhosas divindades. Nunca antes, na história romana, tinha havido alguém representado numa moeda como se fosse uma divindade. Os tradicionalistas fumegaram.

Verdade seja dita, o carinho dos Claudianos para com os seus irmãos há muito que levantava suspeitas. Nos últimos dias da República, a intimidade de Clódio com as suas três irmãs tinha originado encapotadas acusações de incesto. Agora, quase um século depois, os mesmos rumores começaram inevitavelmente a girar em torno dos filhos de Germânico.^[*] Dado o gosto lascivo dos Romanos pelos escândalos, era difícil ter sido de outra maneira. Mas qual era o rumor capaz de perturbar o senhor do mundo e as suas irmãs? Agripina, em particular, não era o tipo de mulher que se importasse com o que dela pensava quem lhe era inferior. Fazendo jus ao nome, era ambiciosa e autoconfiante, como a mãe. Casada por Tibério com Domício Enobarbo, um aristocrata violento, foi a única dos irmãos a ter um filho — mais importante, um rapaz. Não surpreende que as suas expectativas para o filho fossem muito elevadas. Porém, como a sua mãe, tinha a tendência de forçar as coisas em demasia. Ansiosa por alertar o mundo para o facto de que Calígula não tinha filhos, pediu-lhe que fosse ele a escolher o nome da

criança, confiante de que a escolha seria um sinal de um futuro glorioso para o menino. Só que o irmão, com um sorriso trocista, olhou para o tio, trêmulo e babado, e sugeriu «Cláudio».

Em todo o caso, Agripina teve de se contentar em chamar ao seu filho Lúcio Domício Enobarbo, como o pai. Percebera que não devia forçar a questão. Por mais que Calígula gostasse da sua irmã mais velha, não estava disposto a propiciar tanto a ela como a Júlia Livila favores iguais aos da sua irmã favorita, Drusila. Ninguém lhe era mais querido. Apesar de ela ter sido casada por Tibério antes de ele ter chegado ao poder, tal não o impediu, agora que era imperador, de lhe providenciar um novo e bem mais fascinante marido, na pessoa do seu principal favorito, Marco Emílio Lépido. Dizia-se que Lépido, o sobrinho-bisneto do mais ineficaz triúnviro, teria tido uma apaixonada aventura juvenil com Calígula, e seja qual for a verdade desse escandaloso rumor, a verdade é que os dois homens eram muito próximos. Além de ter agraciado o amigo com várias magistraturas, o imperador nomeou-o como «sucessor do trono»^[15]. Mas era a mulher e não o marido, quem Calígula realmente adorava. Durante a sua doença, tinha tornado isso bem claro da maneira mais surpreendente.

Em vez de nomear explicitamente Lépido como seu sucessor, indicara Drusila como «herdeira dos seus bens e poder»^[16]. Nem mesmo a ambiciosa Lúvia alguma vez sonhara com tais honrarias.

Assim, não surpreende que Calígula, profundamente devastado pela morte da sua amada irmã no verão de 38, tenha promovido manifestações de luto sem precedentes. Demasiado perturbado para assistir ao funeral, retirou-se para uma propriedade nos arredores de Roma, onde procurou distrair-se das suas penas, jogando jogos de tabuleiro e alternadamente deixando crescer e cortando o seu cabelo. Depois, quando estas medidas se revelaram insuficientes, andou à deriva entre a Sicília e a Campânia.

Entretanto, em Roma, um senador engenhoso declarou ter visto Drusila subir ao céu, e Calígula, em vez de ridicularizar o homem por tal bajulação como normalmente faria, deu-lhe uma enorme recompensa. Drusila foi oficialmente declarada divina, passando a ser o terceiro membro da família a ser deificado, depois de Júlio César e Augusto. Foram colocadas estátuas suas, douradas e de tamanho real, na Casa do Senado e no templo de Vénus Genetrix; tudo o que cheirasse a diversão foi oficialmente cancelado; um homem que vendia água quente para adicionar ao vinho foi prontamente condenado à morte sob a acusação de *maiestas*. Os Romanos, «sem saber se Calígula desejava que lamentassem a morte da sua irmã ou a adorassem»^[17], encolheram-se na sombra da sua aterradora dor.

No início do outono, quando a subida de Drusila aos céus foi oficialmente confirmada, o imperador já tinha recuperado o suficiente para poder olhar para o futuro. Lembrado da sua própria mortalidade pela morte da sua irmã, procurou com denodo uma nova mulher. Que Lólia Paulina já fosse casada com Mêmio Régulo, o cônsul que presidiu à queda de Sejano, não incomodou Calígula absolutamente nada. Lólia era bonita e fabulosamente rica, com uma predileção pelo uso de pérolas e esmeraldas sempre e quando as podia ostentar. Embora fosse neta do Lólio que tinha perdido uma águia para os Germanos na frente leste e que depois se suicidara, a sua elegibilidade não tinha ficado maculada por essa desgraça. Qualquer filho que ela desse à luz seria digno de ser classificado como um César.

Naturalmente, a determinação patenteada por Calígula em conseguir ser progenitor de um herdeiro não ajudava em nada as perspectivas de Agripina ou de Lépido, mas o *Princeps* não estava disposto a preocupar-se com isso. Quanto mais se ajustava à sua aparente supremacia sem limites, menos inclinado se mostrava para tolerar qualquer coisa que a pudesse obstruir. A

sua esmerada educação, e os anos de tertúlias literárias na mesa de Tibério, permitiam-lhe citar os clássicos para se justificar sem qualquer problema: «Que haja um só senhor, um rei.»^[18] A provar isso mesmo, no início do novo ano, o imperador entrou no seu segundo consulado. Embora o mantivesse apenas durante um mês, este breve mandato cumpriu o seu propósito: lembrar ao Senado de que podia assumir ou descartar a suprema magistratura de Roma como e quando o entendesse. Ao mesmo tempo, num outro contexto, algo familiarmente sinistro voltava a acontecer. Homens que sob o governo de Tibério definhavam na prisão e que tinham sido libertados por Calígula na celebração da sua chegada ao poder começaram a ser presos novamente. A acusação de *maiestas*, abolida com grande alarde nas primeiras semanas de poder, tinha sido discretamente ressuscitada. O terror misturava-se com os respingos do humor malévolo tão habitual em Calígula. Quando, depois de ter sido condenado à morte, se descobriu que um magistrado inferior chamado Júnio Prisco afinal era muito mais pobre do que parecia, o imperador riu e disse que ele tinha morrido acima das suas possibilidades. «Enganou-me. Ainda podia estar vivo.»^[19]

A piada, como tantas vezes acontecia com Calígula, devia-se ao seu olhar acutilante: à sua vontade de acabar com a dissimulação e de expor a sórdida baixeza dos instintos humanos, de se perguntar se alguém fazia alguma coisa que não fosse motivada pelos interesses próprios. Os Romanos há muito que faziam disso uma das suas supostas virtudes; mas Calígula, tão impiedoso na análise das suas próprias motivações, já não estava interessado em favorecer esse autoconceito. Durante dois anos, tinha feito a vontade aos senadores na presunção de que eram seus parceiros no governo do mundo. Mas tinha-se fartado. A sua hipocrisia tresandava. Quase 70 anos antes, naquele dia fatídico em que se votara o seu novo nome, Augusto e o Senado teceram em conjunto um tecido de ilusão, tão subtil, que poucos

desde então seriam capazes de reconhecer a sua existência. Agora, Calígula estava pronto para o rasgar e passar-lhe por cima.

A armadilha há muito que estava preparada. Nas primeiras semanas de exercício do poder, ele tinha informado o Senado com uma graciosa magnanimidade de que todos os documentos relativos aos julgamentos por *maiestas* determinados por Tibério, todas as transcrições dos que tinham acusado companheiros e todos os pormenores acerca dos senadores que se tinham mutuamente atraído, tinham sido queimados. Mas era mentira. Manteve os registos, e agora mandava que os lessem no Senado. A mortificação dos ouvintes era insuportável. Mas o pior estava por vir. Meticulosamente, com prazer, Calígula pormenorizou cada titubear oportunista de que o Senado fora culpado. Os seus membros tinham lambido os pés de Sejano e depois cuspiram-lhe em cima quando estava em baixo; tinham-se rebaixado e humilhado perante Tibério e difamaram-no depois de morto. Mas Tibério conseguira descortinar toda a sua essência maligna e desprezível, e tinha aconselhado a melhor forma de lidar com eles. «Dá prioridade ao teu próprio prazer e segurança. Pois todos eles te detestam e desejam ver-te morto. E, se puderem, matam-te.»[20]

A absoluta brutalidade do regime que fora implantado no curso do século anterior, no coração de Roma e no que já fora uma república livre, estava agora à vista de todos. O que quer que se dissesse de Calígula, pelo menos ele era honesto. Contudo, era uma honestidade tão impiedosa como o sol africano. Onde se iriam agora esconder os senadores? As hipocrisias por detrás das quais se haviam escondido já não existiam. O seu maligno servilismo tinha sido revelado a toda a gente. Mas não era apenas o Senado que Calígula atacava. As mentiras contadas pelos seus antecessores, o endeusado Augusto e Tibério, também foram reveladas. O simulacro a que os dois homens se tinham agarrado, de que Roma permanecia uma

república, tornara-se insustentável. O poder do imperador era total, e Calígula já não via que valesse a pena disfarçá-lo. Para o demonstrar, declarou a acusação de *maiestas* oficialmente restaurada, e ordenou que as suas palavras fossem inscritas numa placa de metal. Depois, sem esperar para ouvir o que o Senado tinha a dizer, deu meia-volta e saiu rapidamente.

E assim, o Senado não tinha nada a dizer. Os seus membros ficaram de tal modo atordoados e chocados, que permaneceram sentados, imóveis e em silêncio. Precisaram de um dia inteiro para apresentar a sua resposta. Numa votação oficial do Senado, foi decretado que Calígula fosse louvado pela sua sinceridade, elogiado pela sua piedade e lhe fossem concedidos sacrifícios anuais em reconhecimento da sua clemência. Foi acordado também que lhe devia ser concedida uma «ovação», uma forma menor de desfile triunfal que dava direito aos generais de montar a cavalo num cortejo através de Roma. O Senado declarou que tal devia ser celebrado «como se de uma vitória sobre os inimigos se tratasse»^[21].

O que, num certo sentido, assim era. Ao dizer aos senadores, cara a cara, que eles o odiavam e que o desejavam ver morto, Calígula obrigara-os a continuar a honrá-lo «quisessem ou não»^[22]. Mas os seus rostos, fechados e gélidos, escondiam a raiva e o medo. E essas emoções não se confinavam apenas à Casa do Senado. Mesmo no círculo mais íntimo de Calígula, entre aquelas poucas pessoas que ele realmente amava, havia uma crescente ansiedade em relação ao futuro. Os senadores não eram as únicas pessoas cuja autoestima o imperador tinha prazer em esmagar. Por certo, não tencionava deixar que as ambições da sua irmã se interpusessem às suas. Menos de um ano do seu casamento com Lólia Paulina, Calígula divorciou-se, com o argumento de que ela era incapaz de lhe dar um filho. Determinado a não cometer o mesmo erro duas vezes, casou-se de imediato com a sua amante, já mãe de três filhos e que estava numa gravidez

adiantada de um filho seu. Milónia Cesónia não era jovem nem bonita, mas tinha o que quer que fosse que Calígula desejava numa mulher. Como o seu marido, gostava de mascarar-se, e muitas vezes estava a seu lado nos cortejos militares, vestida com capa e elmo; e se Calígula, sempre disposto a situações excitantes, lhe pedia que posasse nua para os seus amigos, ela anuíva prontamente. Essa era a forma de lhe chegar ao coração, e ele provaria devotar-lhe igual constância de afeto à que tinha tido por Drusila. Assim, sem surpresa, o nascimento de uma menina, chamada Júlia Drusila pelo pai babado, foi recebido por Lépidio e Agripina com um ressentimento taciturno e inquieto. Ambos, de forma diferente, tinham-se sentido tentadoramente perto de garantir a sucessão; ambos, confrontados pela evidente fertilidade de Cesónia, sabiam que as suas perspetivas tinham sofrido um golpe potencialmente fatal.

No final desse verão de 39, no último dia de agosto, Calígula celebrou o seu aniversário. Tinha 27 anos. Era imperador há dois anos e meio. Podia sentir-se bem satisfeito com tudo o que tinha conseguido nesse tempo. Um Senado domado, um povo grato, uma cidade dotada de espetáculos abundantes e extravagantes: Roma estava cada vez mais moldada aos seus desejos. Mas estava na hora de olhar para mais longe. Educado entre as legiões do Reno, Calígula sabia bem que Roma não era o mundo. O trabalho que o seu pai tinha começado ainda estava por concluir: Calígula tinha de conquistar os bárbaros da Germânia, que tão eficazmente desafiaram Augusto e Tibério. Era bom encenar os combates nas arenas da cidade; mas havia também batalhas reais, travadas por soldados reais contra adversários reais, para serem encenadas.

Caio Júlio César Augusto Germânico ia partir para a guerra.

Uma brincadeira levada longe de mais

Mesmo numa cidade tão habituada aos rumores como Roma, os que provinham das frentes distantes eram particularmente especiais. As notícias de uma campanha espalhavam-se de início como um murmúrio; depois, quando o zumbido aumentava, explodia num rugido, as pessoas começavam a gritar e, se houvesse vitórias a comemorar, talvez irrompessem em aplausos. A partida de Calígula para o Reno prometia a todos na capital raras emoções. Desde os tempos de Germânico que não havia uma mobilização semelhante de meios militares, e Calígula, ao contrário do seu pai, partia para a guerra como imperador. As esperanças eram grandes. Os Germanos, cuja estrondosa vitória sobre Varo era agora uma memória distante, tinham retornado às suas pastagens. Os Queruscos, a tribo de Armínio, estavam particularmente reduzidos. Armínio, cuja fama servira de elemento provocador aos chefes rivais, havia muito que desaparecera de cena, assassinado no ano em que Germânico, o seu grande adversário, também tinha morrido. Os Romanos, muito carentes das emoções que as narrativas das conquistas lhe provocavam, já antecipavam deliciar-se com os pormenores dos feitos de César.

E não seriam decepcionados. Mesmo que as narrativas que chegavam de Calígula, nesse outono, raramente se referissem a façanhas marciais, não deixavam de ser menos sensacionais. É claro que o perigo rondava, mas a principal ameaça para a vida do imperador não se encontrava além-Reno. Pelo contrário. Se os surpreendentes rumores que começaram a varrer toda a Roma fossem verdade, o perigo estava na realidade perto de casa. Ainda antes da partida de Calígula de Roma, as insinuações de uma crise que atingia o topo da hierarquia andavam de boca em boca. No início de setembro, os dois cônsules tinham sido sumariamente demitidos do cargo,

os seus *fasces* desfeitos em pedaços, e um deles forçado a suicidar-se.^[23] Em seguida, acompanhado por Lépido, as suas duas irmãs e um séquito de pretorianos, o imperador partiu para a frente germânica num ritmo vertiginoso. Ao que parece, viajou tão rápido, que a sua chegada às margens do Reno apanhou o governador de surpresa. Cneu Cornélio Lêntulo Getúlico era um operacional experiente, um ex-íntimo de Sejano que tinha sobrevivido à queda do seu patrono ao fazer, discretamente, advertências ameaçadoras sobre o número de legiões que tinha sob o seu comando. Tibério, que tinha assuntos mais urgentes para cuidar, poupou-o; com custos a longo prazo. Como Pisão tinha feito na Síria, Getúlico tinha cimentado a autoridade sobre os seus homens, dando-lhes rédea solta — de onde resultaria que a fronteira, depois de uma década de disciplina frouxa, já não cumpria o propósito. Os centuriões flácidos e decrepitos preguiçavam nas suas tendas, enquanto os bárbaros atravessavam a fronteira num número cada vez maior, aproveitando alegremente todas as renovadas oportunidades para pilhar.

Calígula, cujas primeiras lembranças eram sobre os frenéticos esforços do seu pai para restaurar as defesas do Reno, não estava impressionado. Apanhado de surpresa pela súbita chegada do imperador, Getúlico foi preso, interrogado e condenado à morte. O seu substituto, um tiranete chamado Galba, era uma vez mais testemunho da capacidade de Calígula para descobrir talentos. Não tardou muito para que o novo general no Reno tivesse recuperado a preparação dos seus homens o suficiente para começar a limpar a Gália de todos os intrusos. Entretanto, Calígula tratava de mostrar que era filho de seu pai. Primeiro, eliminou sistematicamente todos os oficiais incompetentes e inaptos; depois, realizou uma série de investidas contra os Germanos. Apesar de tal ter acontecido no final da temporada da campanha militar, ele seria saudado pelas tropas sob seu comando como

«imperator»[*], pelo menos sete vezes. Ao mesmo tempo, preparavam-se duas novas legiões para a campanha militar do ano seguinte, dando início ao processo de recrutamento. Era o primeiro a ser efetuado desde a aniquilação do exército de Varo, 30 anos antes.[24] Ao retirar-se para Lugdunum para passar o inverno, Calígula sabia que tinha deixado a sua marca.

Só que, durante todo esse tempo, os bárbaros tinham sido a menor das suas preocupações. Em Roma, onde os relatos das sete vitórias do imperador sobre os Germanos foram muito propagandeados, a maré de rumores virava-se com notícias muito diferentes. A execução de Getúlico, acontecida logo após a destituição de dois cônsules, não tinha passado despercebida. Murmurava-se que os três homens tinham estado envolvidos na mesma conspiração. Era isso que explicava porque Calígula, determinado em a frustrar, partira para a frente germânica de forma tão súbita. No final do outono, a notícia já era oficial. Getúlico tinha de facto sido executado devido às suas «nefastas maquinações»[25]: uma conspiração para arregimentar os exércitos do Reno contra Calígula e instalar um novo imperador em seu lugar.[26] Mas quem? A resposta seria a revelação mais inesperada e chocante que pode imaginar-se. O primeiro sinal chegaria com uma delegação enviada pelo imperador ao grande templo de Marte, o *Vingador*, com instruções para oferecer três punhais à divindade; o segundo, na pessoa da sua irmã, Agripina. Tal como a sua mãe fizera, ao trazer da Síria as cinzas de Germânico, ela chegou a Roma com uma urna funerária. E na urna estavam os restos mortais de Lépido.

Em vez de abafar o escândalo, Calígula tinha optado por fazer um enorme espetáculo de todos os pormenores sórdidos. Lépido, o amigo que tinha agraciado com todos os favorecimentos possíveis e imagináveis, tinha-o traído de forma muito grave. Tinha dormido tanto com Agripina

como com Júlia Livila; conspirara com as duas irmãs para tomar o poder supremo; tinha tecido uma teia conspirativa que se estendia da Casa do Senado ao Reno. Ninguém sabia ao certo se fora Getúlico, numa tentativa desesperada de garantir um perdão, quem tinha denunciado Lépido, ou se fora algum outro informador; mas não havia qualquer dúvida quanto a como tudo isso tinha magoado Calígula. Lépido foi degolado por um oficial; Agripina, depois de cumpridas as ordens do irmão de levar para Roma os restos mortais do seu amante, foi enviada para o exílio com a irmã. Tal como tinha acontecido com a mãe e a avó, as duas foram levadas para ilhas desérticas ao largo da costa italiana, enquanto os seus bens domésticos — joias, mobiliário, escravos e tudo — foram penhorados em Lugdunum a favor de Gauleses sedentos de estatuto.

Para Agripina, o pior ainda estava por vir. Pouco depois da revelação da sua traição, o marido, o brutal Domício Enobarbo, morreu de hidropisia, e o seu filho, pelo qual tinha manobrado de forma tão suja e dura, ficaria ao cuidado da sua tia, Domícia. «Tão bonita e rica como Agripina, e da mesma idade»^[27], as duas mulheres eram rivais naturais; e Domícia, ansiosa em ganhar o afeto do sobrinho, fez questão de o mimar o mais que pôde. Agripina, que sempre tinha sido tão rigorosa quanto ambiciosa com o menino, ficou chocada. Porém, ao apodrecer na sua ilha-prisão, pouco podia fazer. Já tinha perdido a liberdade; agora, parecia que podia perder o filho. Mesmo assim, como Calígula fez questão de lembrar tanto a Agripina como a Júlia Livila, elas tinham ainda mais a perder. «Além de ilhas, eu tenho espadas.»^[28]

Cônsules, comandantes do exército, até mesmo membros da família do imperador — todos se tinham unido na conspiração contra ele, e, mesmo assim, a conspiração falhara. No entanto, a autoconfiança de Calígula sofrera um abalo sísmico, não surpreendendo a sua amargura perante as

irmãs. Embora se tivesse movimentado rápida e impiedosamente para esmagar a rebelião ao longo do Reno e estabilizar militarmente as mais significativas fronteiras romanas, foi obrigado a passar o inverno a refrear os planos para a conquista da Germânia. O risco de novas traições era demasiado grande. A dimensão das suspeitas de Calígula foi revelada quando o Senado, num frenesim para se proteger, enviou uma delegação de nobres, liderada por Cláudio, para o felicitar por ter frustrado a conspiração de Lépido. O imperador tratou a embaixada com visível desprezo. À maioria dos senadores foi recusada a entrada na Gália, por serem considerados potenciais espiões; Cláudio, quando chegou a Lugdunum à frente dos poucos a quem fora permitido o acesso à cidade, foi empurrado completamente vestido para o rio. Pelo menos foi assim que o relato chegou. Verdade ou não, o rumor dava nota do que Calígula desejava fazer. Aqueles que o tinham traído não podiam esperar ser recebidos com cortesia ou respeito. Tanto o Senado quanto a sua própria família tinham sido considerados como um ninho de víboras. O estado de guerra entre o imperador e a aristocracia era agora oficial.

Tudo isto tornava essencial que Calígula voltasse para Itália o mais rapidamente possível. Todavia, colocava-o perante um desafio. Estava claramente fora de questão voltar do Norte sem alguma façanha em seu nome que pudesse ser promovida em Roma como uma retumbante vitória. E assim, com a aproximação da primavera, voltou à frente germânica, onde inspecionou as tropas e registou com satisfação as melhorias conseguidas por Galba quanto aos padrões de disciplina, e aventurou-se num novo ataque além-Reno.^[29] Mas não seria a Germânia quem iria propiciar a Calígula o sucesso que tão desesperadamente necessitava, e sim a Britânia.

Aí, apesar de há quase um século nenhuma legião atravessar o Canal, a influência romana tinha continuado a crescer. Com a ilha dividida por uma

variedade de chefes ambiciosos e fracionados, era fácil a Roma propiciar-lhes o modelo de poder mais disponível. A maneira mais eficaz de um senhor da guerra Britânico afirmar o seu peso a quem o rodeava, era através da imitação de César. O rei que entretivesse os seus convidados com iguarias importadas do Mediterrâneo, ou se fizesse retratar em moedas de prata ostentando uma coroa de louros, afirmava-se como um homem requintado. Tais exhibições de autopromoção não eram baratas nem fáceis, e não era mero acaso que o mais poderoso dos chefes da ilha sempre fizera questão de ficar ao lado de Roma. Cunobelino era o rei dos Catuvelaunos, cujos domínios se estendiam por grande parte da Britânia Oriental e Central; mas isso não o impedia de fazer ofertas ao Capitólio, e de prontamente devolver os Romanos que naufragavam junto ao seu reino. Assim, quando um dos filhos de Cunobelino foi exilado depois de uma falhada tentativa de conquista de terras em Kent, a presença de César no lado oposto do Canal garantia-lhe que havia apenas um lugar para onde se dirigir.

Calígula, como é natural, ficou encantado com esta inesperada oferta. A chegada de um verdadeiro príncipe Britânico não podia ter sido mais oportuna. Ao receber a rendição de um homem destes, era fácil apresentá-la como a rendição de toda a Britânia. De pronto, foram enviados mensageiros para Roma. Foi-lhes ordenado que cavalgassem da forma mais ostensiva que pudessem pelas ruas da cidade, até ao templo de Marte, e aí entregassem aos cônsules a carta com o selo do imperador. Os Romanos recebiam, assim, a notícia da vitória.

E, de facto, suportada nos rumores emergentes, a notícia seria devidamente repetida pela cidade: os perigos enfrentados pelo César, os prisioneiros que tinha feito, as conquistas que tinha feito no Oceano. Estes eram os pormenores que os seus concidadãos gostavam de ouvir. No

entanto, enquanto eram repetidos em Roma, do Fórum às tabernas e aos pátios dos estendais de roupas lavadas, circulavam outras narrativas dos feitos de César a norte: rumores bem menos lisonjeiros para Calígula. Alegava-se que ele tinha fugido para o outro lado do Reno à menor menção da presença de bárbaros; que os despojos da sua suposta conquista do oceano eram apenas baús cheios de conchas; que os prisioneiros que trazia consigo para Roma não eram Germanos, mas Gauleses com o cabelo tingido. Cesónia, companheira do marido em tudo o que era bombástico e teatral, dizia-se vir abastecida com um carregamento de «perucas ruivas»^[30] para usarem. Como é que alguém em Roma, longe da frente, podia fazer um juízo de valor entre duas tão diferentes ações de propaganda? Calígula, ao regressar a alta velocidade a Itália, não tinha dúvidas sobre o que estava em jogo, nem a quem culpar pela desacreditação dos seus registos de guerra. «Sim, regresso, mas apenas porque os membros da Ordem Equestre e o povo me querem de volta», disse para uma delegação de senadores que tinha viajado para norte ao seu encontro. «Contudo, não me considerem vosso concidadão. Enquanto *Princeps*, já não reconheço o Senado.»^[31]

Palavras arrepiantes, exponenciadas ainda mais pelo hábito de Calígula de bater com a palma da mão sobre o punho da espada enquanto falava com eles. O constrangimento dos enviados era compreensível; mas se imaginavam que o imperador se limitaria apenas a executar os seus adversários, tinham subestimado o terrível alcance das suas ambições. A experiência do outono anterior, quando parecia que toda a nobreza romana se tinha virado contra ele, tinha levado Calígula a decidir-se. O seu objetivo agora era cortar cerce tudo o que sustentasse o prestígio e a autoestima do Senado, e demolir as próprias bases da sua respeitável *auctoritas*. Foi por isso que, em vez de aceitar a trémula oferta de um desfile triunfal, a

desprezou; e foi por isso que, depois de ordenar aos enviados que se retirassem, proibiu que qualquer senador o viesse cumprimentar ao aproximar-se de Roma. «Porque ele não desejava que fosse insinuado, nem por um momento, que os senadores tinham autoridade para lhe conceder o que quer que fosse capaz de redundar em sua honra, dado que isso, afinal de contas, implicaria eles terem um estatuto mais elevado do que o seu, concedendo-lhe favores como se ele lhes fosse inferior.»^[32] Uma perspectiva perspicaz. Durante décadas, em segurança dentro do seu casulo, protegida pelas hipocrisias habilmente trabalhadas de Augusto e pelas ultrapassadas tradições tão valorizadas por Tibério, a monarquia tinha-se transformado numa crisálida; agora, com o regresso de Calígula da guerra, estava pronta para emergir e bater as asas, voar e deslumbrar o mundo com a sua glória. Já não havia qualquer espaço para as pretensões do Senado, apenas para a ligação entre o *Princeps* e as pessoas.

Foi por isso que, em maio de 40, quando Calígula chegou aos arredores de Roma vindo da sua aventura a norte, não entrou na cidade, dirigindo-se antes para sul, para a Baía de Nápoles^[*]. Aqui, onde há gerações os muito ricos se dedicavam a eclipsar-se uns aos outros com extravagantes gastos, ele tinha preparado o maior dos espetáculos. Não havia qualquer *villa* costeira, qualquer loucura ornamental, qualquer iate de luxo que lhe pudesse competir. Barcos de carga recrutados em todo o Mediterrâneo tinham sido amarrados uns aos outros para formar um imenso pontão. Com cinco quilómetros e meio, ligava Puteoli, o maior e mais movimentado porto da Itália, a Baiae, a sua estância balnear mais famosa^[33]. Ao longo da ponte foi compactada uma enorme quantidade de terra e construídas estações de serviço dotadas de água corrente, de tal modo que tudo aquilo parecia uma Via Ápia. Ao chegar a Baiae, Calígula ofereceu vários sacrifícios. O primeiro a Neptuno, o senhor dos mares, e depois, dado que o

que estava prestes a concluir tinha sido conscientemente projetado para intimidar e estupefazer o mundo, à Inveja. À sua frente, a ponte com a sua enorme estrada de terra estendia-se até Puteoli; atrás de si, totalmente armados, aguardava-o um conjunto rigorosamente alinhado de cavaleiros e soldados. Calígula, coroadado com folhas de carvalho e usando a armadura de Alexandre, *o Grande*, subiu para o seu cavalo. Regressado da conquista do Oceano, pretendia agora demonstrar o seu domínio dos mares, literalmente da maneira mais espantosa possível. O sinal para avançar foi dado. Calígula, com o seu manto dourado reluzindo no sol do verão, avançou para a ponte. «Ele tem tantas hipóteses de se tornar imperador como de atravessar a Baía de Baiae montado num cavalo.»^[34] Terá dito o adivinho Trasilo a Tibério. Mas Calígula tinha-se tornado imperador, e agora, com certeza, estava a caminhar sobre o mar.

Os Romanos nunca tinham visto nada assim. Reunida junto à costa, a multidão estupefacta testemunhava em simultâneo, uma imitação burlesca e uma suplantação das mais altivas tradições de Roma. Os ecos inconfundíveis de um desfile triunfal e extravagante de Calígula serviam apenas para colocar no devido lugar todos aqueles generais tacanhos e torpes que, para comemorar as suas vitórias, se satisfizeram em percorrer sempre e invariavelmente o mesmo caminho através das ruas de Roma. Submeter-se a uma convenção era submeter-se aos guardiões dessa convenção, e Calígula não queria nada com isso. Os costumes primordiais decretavam que um general ao iniciar o seu desfile triunfal devia ser recebido pelos magistrados da República e pelo Senado; mas nenhum destes seria visto na Baía de Nápoles. Em vez disso, Calígula fez-se rodear de forma intencional por aqueles em quem sentia que podia confiar: os pretorianos, os seus soldados e os seus amigos mais próximos. A ponte dos barcos não era lugar para velhos. Ser íntimo do imperador era, quase por

definição, partilhar o seu gosto pelo espetáculo. Da mesma forma que Calígula, um dia depois de atravessar o mar até Puteoli, desfilou na viagem de regresso numa carruagem puxada pelos cavalos de corrida mais famosos de Roma, também os seus amigos, que o seguiam ao longo da ponte, o fizeram em carros da Britânia[*]. Num desfile triunfal era sempre esperado um toque de exotismo; mas Calígula, ainda fresco da estada no Canal, não era homem para limitar o seu desfilar ao domínio do Norte bárbaro. O mundo inteiro, do local onde nascia o sol até ao local do seu ocaso, estava sob o seu comando, razão pela qual, em sinal da sua supremacia universal, fez questão de ter a seu lado um refém Parta, um príncipe. Não era um pormenor do sumptuoso cortejo, nem um floreado, mas algo que tinha sido meticulosamente planeado. Nem mesmo a escuridão conseguiu diminuir a luminosidade do espetáculo. Quando o crepúsculo desceu, acenderam-se fogueiras num enorme arco erguido na baía, que iluminava os homens que tinham participado na travessia e que festejavam em barcos ancorados ao longo da ponte. Quanto ao próprio Calígula, permaneceu no pontão; e quando já tinha comido e bebido o suficiente, divertiu-se a fazer a alguns dos seus companheiros o que já tinha feito ao seu tio, empurrando-os para o mar. Por fim, determinado a que as celebrações não terminassem em anticlímax, ordenou que alguns dos barcos onde os seus homens estavam a festejar fossem abalroados. E, ao observar a ação, «o seu humor era apenas exaltação»[35].

Espetáculo, escárnio, violência: Calígula há muito que mostrara a sua genialidade em combiná-los a favor do seu prazer. Da ponte dos barcos, conseguia ver no horizonte a silhueta de Capri, onde estudara junto ao seu tio-avô as várias artes onde se fundiam a exibição com a humilhação. Tibério, repugnado com as suas inclinações, tinha preferido mantê-las escondidas dos olhos dos Romanos, mas Calígula não. Os gostos que

refinara na ilha particular do seu antecessor, fosse para a representação ou para obrigar a prole dos senadores a prostituir-se, materializavam-se agora. Calígula não hesitava em publicitá-los. O que eram padrões de comportamento herdados de uma ordem falhada e em ruínas para inibir o «melhor e o maior dos Césares»^[36]? Afinal, ele tinha cavalgado sobre as águas. Calígula estava decidido a esfregar os narizes da nobreza na sua própria irrelevância e queda em desuso, e não havia mais nada que o impedisse de chegar ao maior de todos os patamares. As suas viagens tinham-no afastado durante um ano inteiro. Agora, finalmente, tinha chegado a hora de voltar a Roma.

Calígula entrou na cidade a 31 de agosto, dia do seu aniversário. O senado tinha assinalado a ocasião, votando-lhe renovadas honrarias; mas o imperador, apesar de, desta vez, as ter aceitado, fez questão de afirmar qual era o verdadeiro sustentáculo da sua autoridade. Desfilou pelas ruas rodeado por soldados: pretorianos, legionários e uma guarda pessoal de Germanos. Com os Romanos foi igual; Calígula parou no Fórum, subiu para o telhado de uma basílica e começou a lançar-lhes moedas de ouro e prata. No tumulto que daí resultou, muita gente foi mortalmente esmagada, onde se incluíam mais de 200 mulheres e um eunuco. Deleitado, Calígula repetiu o gesto durante vários dias. «E as pessoas amavam-no, porque ele tinha comprado a sua boa vontade com dinheiro.»^[37]

Mas não a boa vontade dos aristocratas. Entre eles, só o desespero se renovava. Sabiam muito bem o que o imperador estava a fazer. Os poderes de influência, que sempre foram a mais segura função da sua *auctoritas*, estavam a ser escarnecidos e minados. Pior, quando Calígula levou a plebe a esgravatar o chão com os seus gestos de generosidade, estava a lembrar aos ambiciosos senadores que eles também estavam dependentes dos seus caprichos. Mesmo as mais nobres magistraturas, honradas pelos muitos

grandes homens que para elas foram eleitos ao longo dos séculos, eram uma dádiva sua. Calígula, ao contrário dos seus antecessores, não hesitava em afirmá-lo. Habilidoso como era «em discernir os desejos secretos dos homens»^[38], trouxe uma precisão letal para a arte de deles escarnecer. Os anseios que durante séculos mantiveram a nobreza ao serviço da República eram agora objeto de piadas corrosivas. Quando Calígula declarou a sua intenção de nomear *Incitatus*, o seu cavalo favorito, para o consulado, a sátira era de tal crueldade que parecia à aristocracia quase uma forma de loucura.

No entanto, parecia impossível escapar a isso. Os senadores, incapazes de subornar os pretorianos ou a guarda pessoal germana, que esperanças tinham, na prática, de poder libertar-se? Quando Calígula, reclinado num banquete com os dois cônsules, de repente riu baixinho e disse que, com um aceno de cabeça, podia mandar-lhes cortar o pescoço ali mesmo, estava a fazer jogo psicológico com toda a aristocracia. «Deixem que me odeiem, desde que me temam.»^[39] Esta frase, uma citação de um poeta antigo, resumia no que se tinha transformado a política do imperador em relação ao Senado, na sequência da grande conspiração contra ele. A vigilância gerava o terror, e o terror gerava vigilância. Quando foi revelada uma segunda conspiração, pouco depois do regresso de Calígula a Roma, foi um senador que a denunciou.^[40] Os culpados, todos eles de elevado estatuto, foram levados à presença do imperador, que estava fora da cidade, na casa de campo da sua mãe. Primeiro, foram açoitados; depois torturados; de seguida, após terem confessado tudo, foram amordaçados. Entretanto anoitecera, e nos jardins as tochas iluminavam o caminho por onde Calígula passeava com os seus convidados, junto ao rio. Os prisioneiros, ajoelhados no terraço, foram forçados a expor os pescoços. As roupas esfarrapadas

enfiadas nas suas bocas garantiam que não seriam ditas palavras de desafio antes de lhes serem cortadas as cabeças.

«Quem já ouvira falar da pena capital durante a noite?» Para muitos senadores, o verdadeiro escândalo da situação não residia nas execuções, mas no terem sido utilizadas como um entretenimento a seguir ao jantar. «Quanto mais as punições forem transformadas num espetáculo público, mais elas servirão como um exemplo e um aviso.»^[41] Esta era a autêntica voz do moralista Romano, convencido de que tudo o que era mantido em privado favorecia a depravação e os desvios. Esta era uma venerável presunção: aos cidadãos proeminentes não devia, em qualquer circunstância, ser permitido terem vida privada. Os relatos do que Tibério fizera em Capri serviam como um aviso particularmente salutar, do que de outro modo poderia acontecer. Mas havia outras lições a tirar do episódio. Afinal, fora em Capri que Calígula, com permissão concedida pelo seu tio-avô, tinha aperfeiçoado os seus diferentes gostos em vestir-se, em participar em representações mitológicas, e em testemunhar como as classes superiores se rebaixavam. Na verdade, aqueles que imaginavam que o único propósito de infligir punições era a educação dos Romanos nas responsabilidades da cidadania, estavam parados no tempo. Calígula brincava com os senadores para intimidar toda a elite, mas também porque isso o divertia. Embora por vezes a vingança que exercia sobre as suas vítimas fosse rápida e discreta, geralmente a sua preferência era atormentá-los em público. «Aplica somente os golpes necessários para permitir a um homem saber que está a morrer.»^[42] Esta era uma das máximas que Calígula mais estimava.

O que Capri tinha sido para Tibério, Roma inteira era agora para o seu herdeiro: um teatro de crueldade e excessos. Poucos senadores eram suficientemente hábeis para lidar com os seus desorientadores terrores.

Entre eles estava Lúcio Vitélio, pai do grande amigo de Calígula, e um ex-cônsul com um histórico de grandes feitos. Mandado regressar da Síria, onde a sua ação como governador incluía o ter obrigado o rei dos Partos a curvar-se perante as águias das suas legiões, ele temia, e com razão, que os seus feitos fizessem dele alvo de suspeita. Assim, para o seu encontro com Calígula, vestiu-se com as roupas grosseiras de um plebeu, e cobriu a cabeça como se se aproximasse do altar de um deus. Prostrado, com um toque de extravagância, Vitélio saudou o imperador como divino, com orações e promessas de sacrifícios. Calígula ficou cativado e muito divertido. Sim, era um jogo – como os que o Vitélio mais jovem, familiarizado com o funcionamento da mente de Calígula desde os tempos que passaram juntos em Capri, sem dúvida tinha dito ao seu pai que fizesse. Todavia, não foi inteiramente assim. Muitas décadas antes, na festa de casamento do bisavô de Calígula, os convidados tinham-se vestido como deuses, provocando os motins da multidão indignada; mas, entretanto, o próprio Augusto tinha subido aos céus. Então, como reagiram as pessoas quando Calígula apareceu em público vestido como Júpiter, com barba dourada e um raio na mão? Um sapateiro da Gália, que se riu com o espetáculo e que disse na cara do imperador que era um «completo absurdo»^[43], foi mandado em paz com um sorriso; mas quando a um ator famoso, íntimo de Calígula, chamado Apeles, lhe foi perguntado quem lhe parecia maior, se Júpiter ou se Calígula, e ele engoliu em seco e gaguejou, foi rápida a represália. O imperador apreciava o raciocínio rápido, assim como o respeito, e Apeles tinha falhado em ambos. As chicotadas dadas ao pobre ator foram tão adequadas quanto cruéis. Não só Apeles significa em latim «sem pele», mas à medida que o chicote de couro lhe açoitava as costas, foi informado por Calígula de que os seus gritos eram tão requintados que lhe faziam justiça enquanto ator trágico. Entre a realidade e

a ilusão, entre a sordidez e o fantástico, entre o hilariante e o terrível, ficava a dimensão onde Calígula se satisfazia dando rédea livre à sua imaginação. Era preciso um homem com a rara perspicácia de Vitélio para o apreciar, e acompanhar as respetivas implicações. «Estou a falar com a lua», disse-lhe uma vez Calígula, de forma casual. «Consegues vê-la?» Vitélio baixou os olhos e respondeu com suavidade. «Só vocês, os deuses, ó Mestre, se conseguem ver uns aos outros.»[44]

Porque Vitélio entendia as regras do jogo, e estava qualificado para ele, foi admitido no círculo altamente exclusivo dos senadores aos quais o imperador ainda conseguia reconhecer como amigos. A maioria, perplexa com a ferocidade pura com que a sua dignidade era atacada, via-se impotente para servir para algo mais do que alvo do seu humor malévolos. Nada divertia mais Calígula do que as situações em que as elites eram obrigadas a humilhar-se. Sendo um especialista em sofrimento, saboreava cada oportunidade que tinha para submeter as suas vítimas a um estudo cuidadoso. Quando aboliu os lugares reservados nas arenas instituídos por Augusto, divertia-se imenso a observar os senadores e os membros da Ordem Equestre à procura de lugares, como qualquer outro Romano, «as mulheres ao lado dos homens, e os escravos ao lado dos homens livres»[45]. De igual modo, havia momentos em que ele podia desfrutar de uma leitura mais íntima dos extremos da miséria a que um homem podia ser reduzido. No mesmo dia em que executou, por uma acusação insignificante, o filho de um membro da Ordem Equestre chamado Pastor, Calígula convidou o pai para um banquete. Os guardas estavam instruídos para observar cada um dos tiques faciais do pobre homem. Calígula brindou à sua saúde, e deu-lhe uma taça de vinho para beber, e Pastor bebeu-a de um trago, «embora ele pudesse, perfeitamente, estar a beber o sangue do seu filho». A tudo o que lhe foi ofertado — perfumes, grinaldas ou pratos

luxuosos —, Pastor aceitou sempre com uma atitude de gratidão. Quem assistisse, sem saber o destino do seu filho, nunca teria imaginado a profundidade do tormento que se escondia por detrás da sua gélida expressão. Mas o imperador sabia, e conhecia a razão pela qual Pastor mantinha um sorriso fixo. «Ele tinha outro filho.»^[46]

Calígula, que vivera durante anos sob o olhar desconfiado de Tibério, nem por uma única vez demonstrando um resquício de tristeza pela sua mãe e irmãos que denunciasses os seus sentimentos, tinha compreendido uma verdade ameaçadora. Os sagrados laços do dever e do compromisso que, nos tempos da República, tinham permitido às famílias proeminentes perpetuar a sua grandeza ao longo das gerações, podiam agora, governados por um César como ele, ser constituídos para os enredar e os apanhar em falso. Seis meses após o regresso de Calígula à capital, a sua residência no Palatino estava repleta de reféns: «as mulheres dos líderes de Roma e as crianças com o melhor sangue azul»^[47]. Tibério tinha-se retirado para Capri antes de se rodear da descendência da nobreza; mas Calígula, «quando os instalou e os submeteu a indignidades sexuais»^[48], não tinha qualquer intenção de esconder o escândalo. Pelo contrário. Mais de meio século antes, Augusto tinha declarado o adultério como um crime, condenando as mulheres que traíam os seus maridos a vestirem-se como prostitutas. Calígula, instalado na própria casa de César, preferiu inverter essa legislação. Realizaram-se trabalhos de construção que estenderam o labirinto de casas e ruelas que constituíam a residência imperial até ao Fórum; e agora, com as mulheres e as crianças aí instaladas, em quartos ricamente decorados, «jovens e idosos» eram convidados a subir até ao Palatino e a examinar «o material»^[49]. A afronta à aristocracia, mesmo depois de tudo o que já tinha sofrido, não podia ser mais devastadora. E também para os valores consagrados por Augusto. Um bordel na casa da

família de Augusto era algo que até a Ovídio faria parar a respiração. Foi a piada mais chocante, mais transgressora e mais subversiva de Calígula.

«Apesar dos seus diversos vícios, a sua verdadeira inclinação era o estupro.»^[50] No ano 41, quatro anos depois de ter chegado ao poder, o talento de Calígula para o insulto tinha subjugado toda a elite romana. Bastava a um dos seus agentes entrar na Casa do Senado, fixar o olhar sobre um senador e acusá-lo de odiar o imperador, para que os colegas do acusado imediatamente o destruíssem. Ninguém, nem mesmo os mais íntimos de Calígula, podia baixar a guarda. O imperador gostava de os manter sob controlo. Um amigo próximo, um ex-cônsul chamado Valério Asiático, foi publicamente censurado pelo desempenho inadequado da sua mulher na cama — uma repreensão que Calígula achava ainda mais divertida pelo facto de Valério ser «um homem orgulhoso de espírito, e famoso pela sua sensibilidade»^[51]. Nem mesmo um pretoriano era poupado ao escárnio. Um oficial sénior chamado Cássio Quereia, um veterano de cabelo grisalho que tinha prestado serviços relevantes no Reno e que lutara sob o comando de Germânico, provocava uma especial hilaridade ao imperador. Quereia, apesar de ser brusco e resistente, na mais severa tradição militar romana, tinha um tom de voz discordantemente fino; e assim Calígula dava-lhe, sempre que ele estava de plantão, uma palavra de ordem, uma frase mais adequada a uma mulher. Não era apenas o imperador que ficava histérico com isso, mas também os outros pretorianos. Calígula, como sempre, sabia exatamente como ferir alguém.

E sabia bem como transformá-lo em seu proveito. Quando tratava Quereia por «menina»^[52], ou fazia gestos obscenos com o dedo sempre que o pretoriano lhe beijava a mão, o prazer que tinha em ferir a sensibilidades da sua vítima não era a única razão para o fazer. Calígula tinha necessidade de um peso pesado que lhe fizesse o trabalho sujo, e

ajuizava corretamente que Quereia se tornaria num torturador ou num executor mais eficaz devido ao seu desespero em evitar o insulto de efeminação.

No entanto, era uma atuação arriscada. Afinal, o terror gera terror. A capacidade de Calígula em confiar nos que o rodeavam, já gravemente ferida depois do que acontecera com Lépido e as suas irmãs, recebeu um golpe quase fatal depois da denúncia de uma segunda conspiração contra ele. O homem que a fez, um senador chamado Betilieno Capito, era pai de um dos conspiradores. Obrigado a assistir à decapitação do filho, declarou-se cúmplice na trama, e entregou uma pormenorizada lista dos que dizia serem os outros envolvidos. Quase todos os que eram próximos de Calígula estavam na lista: os seus amigos mais confiáveis; o alto comando dos pretorianos; até Cesónia. «A lista foi considerada suspeita e o homem condenado à morte.»^[53] Mas Capito tinha alcançado seu objetivo. O terror que Calígula inspirava naqueles que o rodeavam, estava mais do que retribuído pela paranoia que agora sentia em relação a eles. De facto, pelo Ano Novo, estava tão inquieto que, uma vez mais, planeou sair de Roma. Como anteriormente, pretendia seguir os passos do seu pai. Como já tinha estado no Reno, Calígula virava-se agora para o Leste. Em particular, ansiava ver Alexandria; falava abertamente do seu amor pela cidade, «e de como planeava ir lá o mais depressa possível, e por lá ficar durante um tempo considerável»^[54]. A partida ficou agendada para o final de janeiro.

Antes, todavia, havia jogos para celebrar. Encenados em honra de Augusto, foram realizados num teatro temporário erguido no Palatino. E Calígula apreciou-os de tal modo que acrescentou três dias extras ao programa agendado. A 24 de janeiro, o último dia do festival, e com a sua partida para Alexandria iminente, o imperador estava com um humor anormalmente descontraído e afável. O espetáculo dos senadores à procura

de lugar divertia-o mais do que nunca; nos sacrifícios em honra de Augusto, os salpicos de sangue num dos seus companheiros, um senador chamado Asprenas, fizeram-no rir.[*] Depois, para animar ainda mais as coisas, deu ordens para que fossem lançadas enormes quantidades de doces e aves raras sobre as arquibancadas. À medida que os espetadores se acotovelavam e se empurravam freneticamente uns aos outros, procurando chegar às guloseimas, o humor de Calígula melhorou ainda mais. Por fim, para marcar uma manhã muito agradável, assistiu a uma atuação de uma das mais famosas vedetas de Roma, um ator chamado Mnester, tão bonito quanto talentoso, e de cujos encantos Calígula estava visivelmente enamorado. A tragédia dava destaque ao incesto e ao assassinato; e era acompanhada por uma farsa onde havia muitos vômitos e até uma crucificação, que deixou a arena inundada de sangue artificial.

Chegada a hora do almoço, Calígula decidiu comer e refrescar-se nos seus aposentos privados. Ele e a sua comitiva levantaram-se e deixaram o pátio onde os pavilhões provisórios para os jogos tinham sido montados. Entraram na casa de Augusto, e Cláudio e Valério Asiático, abrindo o caminho, continuaram em direção aos banhos ao longo de um corredor com escravos alinhados; mas Calígula, informado de que alguns jovens Gregos de famílias nobres estavam a ensaiar uma exibição musical em sua honra, foi inspecioná-los. Quando descia por um corredor lateral, com os portadores da sua liteira atrás de si, viu aproximar-se Cássio Quereia, acompanhado de um segundo oficial, Cornélio Sabino, e de um grupo de pretorianos. Aproximando-se do imperador, Quereia pediu-lhe a palavra de ordem do dia. À inevitável resposta escarnecedora, Quereia desembainhou a espada e golpeou o pescoço de Calígula.[55]

A sua pontaria não foi a melhor. A lâmina, ao cortar o ombro do imperador, foi obstruída pela clavícula. Gemendo em agonia, Calígula

cambaleou para a frente, num esforço desesperado para escapar. Mas Sabino já estava em cima dele. Agarrando o imperador pelo braço, fê-lo ajoelhar-se. As espadas dos pretorianos caíram-lhe em cima. Seria Quereia, agora com um segundo golpe bem mais preciso do que o primeiro, quem conseguiu decapitar o seu atormentador[56]. Mesmo assim, as lâminas dos pretorianos continuaram a dilacerá-lo. Vários espetaram as espadas nos órgãos genitais do morto. Mais tarde, correriam rumores de que alguns teriam comido a carne do imperador.[57] Uma coisa era certa: Quereia tinha provado o doce sabor da vingança. Só quando o mutilado corpo de Calígula ficou irreconhecível, é que Quereia e os seus cúmplices fugiram, correndo através das ruelas para se esconderem na casa que pertencera a Germânico.

Por esta altura, os carregadores da liteira de Calígula, que inicialmente, e com grande coragem, procuraram afastar os assassinos com as suas varas, também já tinha fugido. Somente quando o guarda-costas Germano, alertado para o assassinato do seu imperador, acorreu ao local e afastou os pretorianos que por lá permaneciam, é que eles deixaram o tronco e a cabeça decepada em paz. Enquanto corriam atrás dos assassinos pelas ruas do Palatino, o cadáver de Calígula ficou onde os seus assassinos o tinham deixado. E foi aí que Cesónia e a sua filha o encontraram. Uma criança cuja maldade e prazer em arranhar as faces dos seus companheiros Calígula tinha testemunhado, rindo-se ao reconhecer-se nela. E foi aí que a mãe e a filha, prostradas em sofrimento e cobertas com o sangue de Calígula, foram encontradas por um pretoriano que tinha sido enviado para as abater. Cesónia olhou para o soldado e pediu-lhe, entre lágrimas, que «terminasse o último ato do drama»[58], e ele assim o fez. Primeiro, cortou-lhe a garganta; e depois esmagou a cabeça da filha contra uma parede.[59]

Assim pereceu a linhagem de Calígula: mortos devido a uma brincadeira levada longe de mais.

IO SATURNALIA!

O senhor da casa

O caos gera oportunidade. E ninguém o sabia melhor do que a Casa de César. Foi por isso que, desde que Augusto chegou ao poder emergindo dos horrores da guerra civil, a mais ninguém, fora do seu círculo, foi dada qualquer possibilidade de capitalizar as tantas vezes assassinas rivalidades. Porém, agora, com o assassinato de Calígula, os dados estavam lançados. O Palatino, a partir de onde Augusto tinha mantido a paz do mundo, estava submerso em revolta e confusão. Os guardas Germanos percorriam o emaranhado de becos e ruelas à procura dos assassinos, sequiosos de sangue. Quando apanharam Asprenas — o infeliz senador cuja toga tinha ficado suja de sangue durante os sacrifícios, cortaram-lhe a cabeça. Dois outros senadores foram executados com igual brutalidade.

Entretanto, no teatro, rumores confusos varriam as arquibancadas. Ninguém tinha a certeza de que Calígula estivesse realmente morto. Alguns relatavam que tinha escapado aos seus assassinos e fugido para o Fórum, onde estaria a instigar a plebe — «que, insensatamente, tinha amado e honrado o imperador»^[1]. Os senadores estavam paralisados, divididos entre o desejo de acreditar no relato da morte do seu carrasco e o medo de que tudo não passasse de uma artimanha. O seu nervosismo aumentou com a súbita chegada de um pelotão de Germanos que, depois de agitarem à sua frente as cabeças de Asprenas e dos dois outros senadores assassinados, as

largaram sobre o altar. Só a oportuna chegada de um leiloeiro, famoso pela sua potente voz, que confirmou a todos os que estavam no teatro a morte do imperador, e que foi bem-sucedido no seu pedido aos Germanos para que depusessem as armas, impediu um massacre. Calígula, por certo, teria ficado decepcionado.

No Fórum, alguns dos mais ambiciosos membros do Senado já estavam a fazer cálculos quanto ao que a sua eliminação podia significar para eles. Quando multidões indignadas rodearam Valério Asiático e exigiram saber quem tinha assassinado o seu amado imperador, ele respondeu, com alegre indiferença: «Gostava de ter sido eu.»^[2] Ficava claro que o insulto à sua mulher não tinha sido esquecido. Mas havia mais em jogo do que a satisfação de um ressentimento pessoal. Sem um herdeiro óbvio para Calígula à mão, à nobreza abria-se uma vertiginosa perspetiva. Naquela tarde, num Fórum a fervilhar com os manifestantes, não foi o imperador que pediu aos guardas para manterem a ordem, mas os dois cônsules. Quando os senadores foram convocados para debater o futuro, não foram para a Casa do Senado reconstruída pelos Césares, mas para a zona elevada do Capitólio, no grande templo de Júpiter, um lugar evocativo do venerável passado de Roma. «Para aqueles que foram educados na virtude, é suficiente viver num país livre, mesmo que por uma única hora, respondendo por nós e regidos pelas leis que nos fizeram grandes.»^[3] Assim declarou um dos cônsules num tom de crescente autossatisfação. Quando Cássio Quereia se apresentou perante o Senado nessa noite, pedindo solenemente aos cônsules que lhe dessem a palavra de ordem, a resposta proclamou aos Romanos que a sua antiga constituição tinha sido restaurada: «liberdade».

Só que, naturalmente, era necessário mais do que belas palavras para ressuscitar a República. O regime fundado por Augusto tinha criado raízes

tão profundas que a sua extensão só podia ser vislumbrada por um núcleo muito restrito. Senadores, cuja categoria fora estabelecida pela lei, e que se reuniam numa assembleia onde todos debatiam de forma aberta, não tinham condições para o fazer. Eram poucos os que agora viviam no Palatino, o grande labirinto de becos, ruelas e pátios, no qual até mesmo os assassinos de um imperador tinham sido capazes de desaparecer impunemente. Um que ainda lá vivia era Caio Cecina Largo, um Etrusco como Mecenas, e da mesma família do lugar-tenente de Germânico no Reno. No jardim da sua mansão existiam algumas bonitas árvores de lótus, das quais Cecina muito se orgulhava – e bem podia, pois sob as suas sombras estava melhor colocado do que qualquer dos seus colegas para monitorizar os *arcana imperii*, «os segredos do poder». O curso dos acontecimentos fluía de uma forma que os senadores no Capitólio quase não tinham consciência. Por mais orgulhoso que Quereia pudesse parecer, Cecina sabia que a maioria dos pretorianos não tinha qualquer interesse no regresso à República. Na sequência do assassinato de Calígula, tinham deambulado pelo Palatino para caçar os seus assassinos, e não para se aliarem a eles. Assim, sem surpresa, em vez de se juntar aos seus colegas na sua tribuna no Capitólio, Cecina optou por uma jogada diferente. Outras vias de influência mais seguras se abriam. Cecina não era o único a suspeitar de que o futuro de Roma já estava decidido. Alguns meses antes do seu assassinato, Calígula tinha convocado os dois prefeitos pretorianos para um encontro privado. Os seus nomes tinham aparecido ao lado do de Cesónia na lista de conspiradores elaborada por Capito, e Calígula exigiu-lhes garantias, apesar da sua relutância em acreditar na sua culpa. Os dois prefeitos, que freneticamente lhe asseguraram a sua lealdade, puderam viver para o contar, mas as suspeitas despertadas por tal encontro não se tinham atenuado. Ambos sabiam muito bem qual seria o seu destino se perdessem a proteção

de Calígula; mas reconheciam também a importância que eles, e todos os pretorianos, tinham na sobrevivência da Casa de César. Mas quem poderiam adotar como candidato plausível a governar o mundo? Lúcio Domício Enobarbo, o filho da exilada Agripina, era o único descendente masculino de Germânico que estava vivo, mas era uma criança pequena. Tinha de arranjar-se outra pessoa. Alguém adulto, obviamente, e membro da família de Augusto, mas tão desprezado e ignorado pelos seus familiares que nem mesmo Calígula alguma vez pensaria em eliminá-lo. Visto nessa perspectiva, a solução para o dilema dos pretorios era óbvia. Na verdade, era só uma.

A notícia sobre o que os pretorianos estavam a preparar chegou ao Capitólio quando os senadores debatiam o futuro da República. Dizia-se que Cláudio, na sequência do assassinato do seu sobrinho, se tinha escondido atrás de uma cortina. Um pretoriano que passava vira-lhe os pés e puxara a cortina. Quando Cláudio se ajoelhou e implorou por misericórdia, o soldado levantou-o e saudou-o como *imperator*. Teria sido difícil imaginar alguém menos qualificado para receber tal saudação do que o doentio, e absolutamente civil, Cláudio; mas isso não impediu os pretorianos de o colocarem numa liteira, sequestrá-lo para o seu acampamento, e aí, perante a massa de soldados, «lhe conferirem o poder supremo».[4] De qualquer forma, foi assim que o relato chegou ao Senado, que recebeu a notícia com previsível consternação. Com urgência, os cônsules enviaram uma intimação a Cláudio. Ele respondeu, num lamento teatral, que era pela «força e coação» que estava onde estava.[5] Como grande estudioso, ele conhecia a sua história. E sabia que o caminho mais seguro para ganhar legitimidade como *Princeps* era insistir que não o pretendia ser. Tal como Augusto e Tibério tinham feito antes dele, Cláudio continuou a lamentar-se, dizendo que não tinha apetência pelo poder

supremo, ao mesmo tempo que tomava as medidas necessárias para o assegurar. A República nem um dia viveu, morrendo à nascença. Na manhã seguinte, com Cláudio ainda em segurança no acampamento dos pretorianos, e a multidão a entoar cânticos ao imperador no Fórum, ao Senado não restou outra alternativa que não fosse aceitá-lo. Nada mais podia fazer do que perguntar-se se um homem que se movia com dificuldade e se babava, que nunca tinha servido com as legiões, e que não era um César nem pelo sangue nem por adoção, seria realmente o melhor homem para a função. Vários senadores, demonstrando uma incapacidade total para entender as regras do jogo, começaram de imediato a fazer reivindicações. Um deles, um ex-cônsul e notável orador, chamado Marco Vinício, tinha pelo menos uma ligação à família de Augusto, pois fora casado durante quase uma década com Júlia Livila, a irmã mais nova de Calígula, caída em desgraça. Um segundo, um homem que tinha a conspiração e a ambição a correr-lhe nas veias, sentava-se no centro de numerosas teias. Ânio Viniciano era, como o seu nome sugere, um familiar de Marco Vinício, mas também tinha sido um amigo próximo do executado Lépido, e conhecia bem Quereia. Não surpreende que houvesse muita gente a supor que estaria comprometido no assassinato de Calígula. Viniciano, ao colocar-se na primeira linha, não fez nada para acabar com tais rumores.

Porém, os Romanos não tinham por hábito favorecer quem se movimentava na sombra; e foi por isso que, quando Valério Asiático se apresentou como terceiro candidato para o governo do mundo, o podia fazer como alguém reconhecido pelo esplendor do seu estilo de vida. O seu império patrimonial estendia-se da Itália ao Egito; os seus jardins no alto do Campo dos Mártires, um paraíso de flores exóticas e de não menos extravagante arquitetura, eram os mais famosos de Roma; o seu sentido de dignidade, que Calígula tão deliberadamente ofendera, era fiel às mais

altivas tradições da República. Para a aristocracia intimidada, Valério Asiático proporcionava um toque colorido, uma lembrança do que outrora já tinham sido, antes da subida ao poder dos Césares. Apesar disso, a sua perspectiva quanto a chegar ao governo do mundo não era mais realista do que a de qualquer um dos outros senadores que se propuseram naquela manhã. O seu fascínio e a sua altivez não o conseguiam compensar de uma enorme desvantagem: ele não nascera em Roma, nem mesmo em Itália, mas sim na Gália. Como poderia um homem destes esperar afastar o irmão de Germânico, o sobrinho de Tibério, um Claudiano? Assim, na tarde de 25 de janeiro, Valério Asiático e todos os outros no Capitólio cederam ao inevitável. Com os dentes cerrados, os senadores que no dia anterior tinham exortado, de forma altissonante, a restauração da liberdade, votaram confiar a um homem, que a maioria desprezava, todo o conjunto de poderes ultimamente exercidos por Calígula. Além disso, concederam-lhe um título que o Senado nunca antes necessitara de conceder a um *Princeps*: «César». Nessa noite, quando o inválido de 50 anos de idade, a quem a sua própria mãe descrevera como «uma aberração de homem»^[6], deixou o acampamento dos pretorianos e regressou ao centro de Roma, para aí tomar posse do Palatino, fê-lo como o portador de um novo nome apropriadamente esplêndido: Tibério Cláudio César Augusto Germânico.

O novo imperador tinha jogado perigosamente, mas jogara bem. Quando jovem, ao lhe serem negadas as oportunidades que eram tão naturalmente oferecidas aos outros membros da família de Augusto, desenvolveu uma tal paixão pelo jogo, que tinha até escrito um tratado sobre o assunto: uma paixão que, aos olhos de quem o desprezava, só confirmava a sua fraqueza de espírito. No entanto, fora Cláudio o último a rir. Embora todas as probabilidades sempre estivessem contra ele, tinha demonstrado uma inesperada capacidade de as contrariar. Na mais suprema de todas as crises

da sua vida, fez uma aposta que lhe permitiu ganhar o mundo. Não havia um golpe militar tão flagrante desde que Júlio César atravessara o Rubicão.

Naturalmente, Cláudio, que se tinha revelado um manipulador astuto e calculista, optou por o dissimular tão bem quanto podia. Sabia que a sua posição permanecia precária, e que não estava em posição de impor um governo de terror. Embora Quereia fosse condenado à morte — como tinha de o ser, pelo seu crime de assassinar um imperador —, e Cornélio Sabino, que participara no assassinato de Calígula, se tivesse suicidado, as mortes foram mantidas ao mínimo. No Senado, todos suspiraram de alívio, sobretudo aqueles que se tinham publicamente oposto a que Cláudio se tornasse imperador. Quando concordaram em votar a concessão da mesma coroa de folhas de carvalho com que, muitas décadas antes, agraciaram Augusto, «porque tinha preservado a vida dos cidadãos»^[7], este não foi um gesto vazio. Afinal, depois dos terrores e humilhações infligidos por Calígula, não devia desprezar-se um imperador que fazia uso da sua clemência. Cláudio, que toda a vida tinha sido escarnecido, era sensível para com a dignidade dos outros. Apesar das suas limitações físicas, fazia sempre questão de se levantar quando era abordado pelos seus colegas senadores; e, às vezes, quando um senador particularmente idoso tinha dificuldade em ouvir o que estava a ser dito, ele permitia que se sentasse num banco reservado para os magistrados. Cláudio, ao contrário do seu sobrinho, não era homem para ofender de forma deliberada.

No entanto, ele não tinha ilusões quanto à sua popularidade junto do Senado. A ansiedade quanto à sua segurança pessoal era quase paranoica. Todos aqueles que eram levados à sua presença eram exaustivamente revistados; não comia sem ter soldados ao seu lado; e quando, um mês depois de chegar ao poder, entrou pela primeira vez na Casa do Senado, fê-lo acompanhado de guardas. Cláudio sabia bem o que devia aos pretorianos,

e não tinha medo de o reconhecer. Uma das suas moedas tinha estampada uma imagem do seu acampamento; outra mostrava-o a apertar a mão ao seu porta-estandarte. A amizade entre o imperador e os pretorianos tinha sido comprada a peso de ouro. Grandes subsídios, equivalentes a cinco vezes o seu salário anual, foram esbanjados com eles, um suborno tão evidente cuja natureza não podia ser ocultada.[8]

Mas isso não era tudo. Desde a ascensão de Tibério, as legiões colocadas junto às fronteiras consideravam-se no direito de receber enormes donativos sempre que havia um novo César. E esta era uma tradição que Cláudio não queria deixar de manter. No entanto, iria confrontá-lo com uma enorme dor de cabeça financeira. Mesmo nos melhores tempos, o financiamento dos exércitos de Roma engolia uma enorme fatia do orçamento anual. «Não há paz sem armas, nem armas sem pagamentos.»[9] Mas dinheiro, pelos padrões da família de Augusto, era algo que a Cláudio sempre faltara. Calígula, por divertimento ou por qualquer outra razão, tinha mantido o mais que podia o tio longe desses milhões. Em determinada altura, para poder pagar os montantes necessários para se qualificar para a permanência no Senado, Cláudio fora obrigado a vender as suas propriedades. Agora, como imperador, a necessidade do apoio militar confrontava-o com uma conta equivalente a quase todas as receitas anuais de Roma. Como pagá-lo?

As melhores apostas são aquelas feitas com informação privilegiada. Cláudio, sendo um jogador experiente, entendia isso como ninguém. Aceitar o apoio dos pretorianos sem primeiro garantir os fundos necessários para os manter a seu lado, teria sido um erro de julgamento fatal. Cláudio necessitava tanto do apoio dos contadores como dos soldados. Neste particular, a sorte veio favorecê-lo. Os dois prefeitos não o tinham apoiado sozinhos. No seu fatídico encontro com Calígula, um terceiro homem tinha sido atormentado. Caio Júlio Calisto era um funcionário, não um soldado,

mas nem por isso deixava de ser um dos pilares do regime. Enquanto outros se ocupavam com o espetáculo do poder, ele presidia ao trabalho que se fazia em segredo. Possuidor de informações pormenorizadas, ele sabia bem no que a Casa de César se tornara: já não era, como Augusto tinha pretendido, a residência privada de um cidadão, mas o centro nevrálgico a partir do qual o mundo era governado. Todos os dias, como na casa de qualquer grande nobre, os litigantes aglomeravam-se às suas portas, os visitantes vinham apresentar cumprimentos e os hóspedes eminentes divertiam-se; mas dentro do seu labiríntico complexo, longe das salas de receção e dos sumptuosos salões de banquetes, as operações eram de uma ordem que poucos conseguiam compreender. Cada senador precisava de um agente para manter o controlo dos seus ativos; mas nenhum tinha ativos na dimensão dos do César. Havia as suas propriedades para gerir, é claro, as suas minas e os seus armazéns: o *patrimonium*, como eram coletivamente designados. Mas havia mais. Era a partir do Palatino que as finanças de todo o mundo romano eram geridas: os impostos; o financiamento das legiões; o cunhar da moeda. Augusto, embora tivesse feito questão de deixar que as contas fossem apresentadas por Tibério ao Senado após a sua morte, tinha sido propositadamente vago: «Aqueles que queiram conhecer os pormenores devem fazê-lo seguindo os requisitos oficiais.»^[10] Duas décadas e meia depois, era Calisto quem tinha os números na ponta da língua, e conhecia a localização secreta no Palatino onde as reservas de moeda estavam armazenadas. Acusado por Calígula de traição, depois de o seu nome também ter aparecido na lista de Capito, enfrentara o mesmo dilema excruciante dos dois prefeitos: esperar que acreditasse na sua declaração de inocência, ou conspirar na promoção de um novo César. Que Cláudio tenha sido capaz de financiar o seu golpe, mostrou qual foi a escolha de Calisto.

Outros destacados ajudantes ao serviço de Calígula foram eliminados na sequência do golpe de Estado: desde o seu guarda pessoal ao funcionário que mantinha o controlo sobre a aristocracia, e que nunca era visto sem dois livros, a «Espada» e o «Punhal». Até mesmo os dois prefeitos pretorianos foram forçados a retirar-se em devido tempo. Mas não Calisto. Permaneceu com Cláudio onde tinha estado durante o governo de Calígula: no coração do poder. Como Cecina Largo, o senador que era dono de uma das poucas residências privadas que restavam no Palatino, ele era demasiado perspicaz, demasiado experiente, e um aliado valioso demais para ser posto de lado. Cecina colheu a sua recompensa um ano após o golpe, quando, como colega do novo imperador, serviu como cônsul do povo romano. Mas a Calisto não foi concedida qualquer honra semelhante. O seu papel manteve-se, em aparência para o exterior, muito mais humilde. Enquanto Cecina atravessava o Fórum a caminho da Casa do Senado, guardado pelos seus lictores, Calisto estava no Palatino, cercado por rolos, a verificar as petições feitas ao imperador. No entanto, as recompensas desfrutadas pelo secretário eram, de certo modo, semelhantes às desfrutadas pelo cônsul. Enquanto Cecina podia ostentar um jardim famoso pelas suas árvores de lótus, Calisto tinha encomendado 30 pilares de um mármore caríssimo para a sua sala de jantar. Apesar de não ser um cônsul, não tinha pejo em controlar os candidatos para o cargo. «Na verdade, era tão grande a sua riqueza e o medo que inspirava, que o seu poder raiava o despótico.»^[11] No entanto, este homem, famoso pela sua «arrogância e modos extravagantes no exercício da sua autoridade»^[12], não era nem senador nem membro da Ordem Equestre, nem sequer tinha nascido como cidadão. Calisto, o homem que tinha ajudado a derrubar um imperador e que controlara a ascensão de outro, tinha passado a sua infância como o mais inferior dos inferiores: um escravo. A pista era dada pelo seu nome. «Calisto»

significava «muito belo» em grego, e era o tipo de coisa que um Romano que se prezasse jamais permitiria que lhe chamassem. Contudo, enquanto nome de escravo, estava no auge da moda, em parte porque dava um certo toque de sofisticação estrangeira, e também porque todos sabiam que os Gregos eram os melhores escravos. Mas a verdadeira prenda foi que Calisto tinha adotado também os dois primeiros nomes de Calígula, Caio e Júlio. Ao usá-los, mostrava que era um homem que tinha sido libertado por um imperador, um *Augusti libertus*. Dificilmente um estatuto que impressionasse um senador, claro, mas até mesmo o maior dos nobres sabia, para seu grande pesar, que a linhagem já não era tudo. Ser os ouvidos do César já valia pelo menos o mesmo. No Senado, como nos aposentos dos fundos do Palatino: subir os degraus prometia esplêndidas recompensas para quem conseguisse chegar-lhes ao cimo. A maioria, claro, nunca estivera em posição de o poder tentar. A casa de César fervilhava de escravos, e se muitos deles eram utilizados nas mais simples tarefas domésticas, havia outros que se especializavam em funções que lhes ofereciam melhores perspectivas de promoção. Ter a responsabilidade de limpar os espelhos do imperador, cuidar dos seus óleos perfumados, ou preparar as suas roupas preferidas não era por certo o melhor meio de influenciar ou enriquecer. No entanto, quem assegurasse o manuseamento das suas finanças, teria oportunidades bem mais promissoras. Mesmo nas províncias, os escravos que manuseavam as contas de César ou efetuavam os pagamentos às legiões em seu nome, acabavam muitas vezes por ganhar com isso. Um contador na Gália era o dono de 16 escravos, incluindo um médico, dois cozinheiros e um homem encarregado de cuidar do seu ouro, enquanto um administrador em Espanha era famoso por comer as refeições em pratos de prata, acabando tão gordo que o apelidaram de «Rotundo». Sem surpresa, era em Roma que a progressão podia ser mais rápida. No

Palatino, «sempre ao lado de César, cuidando dos seus negócios, a par dos mais sagrados segredos dos deuses»^[13], um escravo estava tão qualificado como qualquer outro para sondar os *arcana imperii*. Uma jogada em falso e podia acabar como o secretário de Augusto que, apanhado em flagrante a vender o conteúdo de uma carta, teve as suas pernas partidas. Se jogasse de forma hábil, podia acabar como Calisto: não só rico, poderoso e temido, mas um liberto. Que estavam disponíveis para fazer dos escravos cidadãos, sempre tinha sido uma sagrada tradição do povo romano. Mesmo o penúltimo rei, um guerreiro e administrador muito admirado chamado Sérvio Túlio, dizia-se ser originário de uma posição servil. Era verdade que Cláudio, cujos interesses pessoais incluíam a história antiga e os jogos de azar, contestou essa tradição e afirmou que o rei fora, originalmente, um aventureiro etrusco chamado Mastarna; mas a maioria dos Romanos não tinha tempo para tais chicanas académicas. Que Sérvio tinha nascido na servidão era evidente, tanto pelo seu nome como pela sua teimosia, muito ao gosto da oposição aristocrática, de que o povo romano seria reforçado, e não enfraquecido, ao acolher nas suas fileiras os escravos que tinha escolhido libertar. «Seriam loucos», disse aos seus concidadãos, «se lhes invejarem a cidadania. Se os acham indignos dos seus direitos, então não os libertem. Mas por que razão, se acham que eles são estimáveis, lhes viram as costas apenas porque são estrangeiros?»^[14] A lógica desta pergunta parecera impossível de responder. E assim, ao longo dos séculos, a escravidão serviu a muitos homens capazes como um ponto de partida para se tornarem Romanos. Quando, em 2 a.C., foi aprovada uma lei que limitava o número de escravos que podiam ser libertados no testamento de um cidadão, ficou explícito o que sempre tinha sido um princípio orientador dos proprietários de escravos na cidade: que apenas os talentosos estavam qualificados para entrar nas suas fileiras.

Andar pelo Fórum, e ver no sopé do Palatino estrangeiros para venda com os membros acorrentados e os pés pintados de branco, para os marcar como importados, era talvez estar a ver os grandes triunfadores do futuro. «Ninguém sabe o que consegue fazer antes de tentar.» Esta tinha sido a máxima de um celebrado talento chamado Públio Siro, que, como o seu nome indica, tinha originalmente sido trazido agrilhado para a Itália a partir de Damasco, Síria, mas que, depois de ganhar a sua liberdade, se tornou num dos principais dramaturgos de Roma, sendo entronizado pelo próprio Júlio César. Um seu primo, que também fora escravo, tornou-se no primeiro astrónomo da cidade. Outro liberto, que viera no mesmo navio com os dois primos, fundou o estudo da gramática latina, ensinando nada mais, nada menos do que Bruto e Cássio. Ao longo dos anos, Roma tinha, sem qualquer dúvida, beneficiado do afluxo dos talentos estrangeiros. «Não é nenhum crime ter tido pés de giz»^[15], disse Ovídio.

Mesmo o direito de concorrer a um cargo, apesar de negado aos libertos, estava aberto aos seus filhos, e muitos aproveitaram-no. Embora o magistrado cuja linhagem remontasse à escravatura tudo fizesse para o abafar, todos sabiam que havia «muitos membros da Ordem Equestre, e até mesmo alguns senadores, que eram descendentes de libertos.»^[16] Augusto, tão severo na sua insistência sobre a importância do estatuto social, contava entre os seus amigos alguns filhos de escravos. Védio Pólio, o financeiro dos mobiliários domésticos especialmente extravagantes, era um deles. Assim como o fora o mais estimável de todos os adornos do regime de Augusto, o homem a quem o *Princeps* confiara o louvor do renascimento de Roma, um poeta que continuou a ser admirado e apreciado décadas após sua morte. «Eu sou o filho de um homem libertado da escravidão.»^[17] Horácio, por certo, nunca pensou negá-lo.

No entanto, mesmo enquanto honrava a dívida que tinha para com o seu

pai, cuja devoção e apoio financeiro lhe dera um começo de vida tão estelar, nunca conseguiu escapar de um certo mal-estar. «Nenhuma boa sorte, por maior que seja, pode mudar o berço de um homem.»^[18] Horácio tinha sido suficientemente romano para temer que a escravidão pudesse deixar uma marca indelével. A medida mais segura de sucesso de um liberto era ser pai de um filho que desprezasse o que ele tinha sido. Talvez fosse por isso que, bem longe de serem gentis, os filhos de ex-escravos tendiam a ser famosos pela sua crueldade para com os seus escravos. Védio Pólio, excessivo em tudo, tinha-se divertido a alimentar as suas enguias carnívoras com os seus criados mais trapalhões. Até Augusto ficara chocado. Contudo, por mais novidade que houvesse no espetáculo de um tanque de peixes salpicado de partes de corpos humanos, essa era mais uma prova do que havia na escravidão que levava ansiosamente os libertos a demonstrar ter-se dela libertado de uma vez por todas. Ser escravo era viver na condição permanente de morte suspensa. Assim era a lei. Apesar de, em circunstâncias normais, ser proibido ao senhor matar os seus escravos, não havia nenhuma forma de violência, por mais terrível que fosse, que legalmente não pudesse ser infligida a um ser humano. A criada que, sem querer, puxasse o cabelo à sua senhora, podia perfeitamente esperar que lhe espetassem um gancho de cabelo no braço; o criado que roubasse num banquete, ter as mãos cortadas e penduradas ao pescoço; distrair-se durante a dança, e podia-se ser açoitado. Na sua forma mais brutal, as cicatrizes de uma tal provação deixavam as costas marcadas para sempre. As correias com pontas de metal eram projetadas para ferir em profundidade. Não é de admirar pois que, por lei, fosse exigido aos comerciantes de escravos que declarassem se alguma das suas mercadorias alguma vez tentara suicidar-se. Os bárbaros que se suicidavam para não serem escravizados, como aconteceu com uma tribo feita prisioneira durante a campanha de Augusto

em Espanha, eram bastante admirados. De igual modo, e pela mesma bitola, aqueles que se submetiam à servidão mostravam merecer ser escravizados. Nunca se conseguia escapar por completo à infâmia de tudo isso. A liberdade era como uma ferida aberta: uma vez perdida, perdida para sempre.

Por isso, a presença de um homem como Calisto no centro do poder era profundamente perturbadora para muitos Romanos. Todos davam como certo que os escravos, por natureza, eram propensos a todo o tipo de hábitos desprezíveis. Era raro o proprietário que não se queixasse da sua tendência para mentir e roubar. Era evidente, olhando para a sua obscenamente requintada sala de jantar, que Calisto não estava menos inclinado a furtar, como liberto, do que tinha estado como escravo. Porém, a sua espetacular riqueza não gerava apenas despeito. Gerava também ansiedade. O homem que tinha vendido Calisto a Calígula era visto com frequência no exterior da sua casa, esperando na fila por uma oportunidade de implorar um favor — e a ser recusado, esfregando sal na ferida. Essa perspectiva servia para lembrar aos proprietários de escravos uma verdade sobre a qual poucos se preocupavam em se debruçar: que a sorte é inconstante, e que, como um escravo se pode tornar um homem livre, também um homem livre se pode tornar um escravo. «Atreve-te, pois, se tiveres coragem, a menosprezar aqueles a cujo nível, por mais que o desprezes, também podes descer.»^[19] Muitos séculos antes, numa palestra à aristocracia romana sobre a necessidade de aceitar libertos como concidadãos, Sêrvio Túlio tinha dito algo similar: que «muitos estados tinham passado da servidão à liberdade e da liberdade para a servidão»^[20]. Não foi por acaso que Sêrvio tenha também sugerido que, durante o festival da Compitália, fossem os escravos a oferecer sacrifícios aos Lares, e que, além disso, lhes fosse permitido vestirem-se e comportarem-se como homens livres durante as festividades.

Durante o ano havia outros dias onde se testemunhavam cenas de desgoverno semelhantes. No início de julho, as escravas vestiam as melhores roupas das suas senhoras e ofereciam-se para sexo selvagem aos transeuntes; em dezembro, o grito de «Io Saturnalia!»[*] era anunciador de uma ainda mais desenfreada celebração da inversão de papéis, em que os escravos eram autorizados a não trabalhar e a poderem divertir-se com os seus senhores. Era, para a maioria das pessoas, «o melhor dia do ano.»[21] Contudo, até o cidadão mais amante da diversão dificilmente gostaria de viver num mundo em que todos os dias fossem Saturnália. Os bons costumes tinham de ser preservados, pois, caso contrário, quem saberia dizer como terminariam as coisas?

Na história recente, tinha havido acontecimentos suficientes que respondiam à pergunta. O temor de que se começasse a dissipar a distinção entre escravos e homens livres, tão fundamental para fazer do povo romano o que era, tornava-se numa ameaça semelhante à do horror da guerra civil. Antigos escravos, em flagrante desrespeito pela lei, ousaram usurpar os privilégios dos membros da Ordem Equestre, «desfilando ostensivamente a sua riqueza»[22]; em simultâneo, no meio daquele caos, muitos cidadãos tinham desaparecido nas quadrilhas de traficantes de escravos sem escrúpulos. O problema tornou-se de tal forma grave que Tibério, durante o seu primeiro mandato como magistrado, foi encarregado de visitar casernas de escravos por toda a Itália, e de libertar todos os prisioneiros sequestrados. A ordem que Augusto trouxera ao mundo, naturalmente, ajudou a restaurar o abismo diferenciador que separava de forma adequada os cidadãos dos escravos; mas para aqueles que eram mais sensíveis ao seu estatuto, as características do seu regime só tinham servido para abrir novas feridas. Calígula, com o seu talento infalível para infligir o máximo de dor, tinha feito questão de os magoar. Numa ocasião, perante todo o Senado, um

venerável ex-cônsul expressou a sua gratidão por não ter sido executado ajoelhando-se, e Calígula estendeu-lhe o pé esquerdo para que o beijasse, como teria feito a um escravo. Divertia-o também, enquanto jantava, ser servido por eminentes senadores vestidos com curtas túnicas de linho, e tê-los, ali, absolutamente subservientes. E, o mais devastador de tudo, concedeu aos escravos o direito de apresentarem acusações contra os seus senhores: uma permissão da qual muitos se aproveitaram com entusiasmo. A elite descobria o cúmulo dos horrores: que Calígula tinha olhos e ouvidos nas suas casas e na maioria dos seus momentos íntimos, através dos seus lacaios mais insignificantes.

Cláudio, que tinha sido alvo de uma acusação grave por um dos seus escravos, e que escapara a uma condenação por pouco, estava solidário com as sensibilidades dos seus colegas senadores. Para o assinalar, um dos seus primeiros atos como imperador foi condenar um escravo insolente a uma flagelação pública no Fórum. Como Claudiano e estudioso da tradição romana, ele não era um revolucionário. No entanto, tinha uma boa razão para manter Calisto no seu posto. Ao contrário de outros homens da sua posição, devido às suas deficiências, Cláudio tinha sido confinado à esfera doméstica, onde os libertos talentosos eram suscetíveis de serem encarregues da administração, e, por tal razão, ficou bem alertado para as suas capacidades. Sendo inexperiente nas artes do governo, mas sinceramente decidido a dotar o mundo de uma administração eficiente, não tinha qualquer desejo de privar-se de subordinados capazes.

Assim, longe de minorizar Calisto, Cláudio procurou encontrar outros libertos igualmente talentosos para servirem ao seu lado. Um candidato escolheu-se a ele mesmo: Palas, o escravo a quem tinha sido confiada a carta enviada pela mãe de Cláudio a Tibério, e que em última análise, tinha servido para derrubar Sejano. Libertado pouco antes da morte de Antónia,

em reconhecimento pelos seus serviços, ele combinava uma formidável competência administrativa com uma lealdade absoluta aos Claudianos. O mesmo acontecia a um terceiro liberto, um mestre das negociações de bastidores, chamado Narciso, que devia o seu poder em parte ao facto de ter sido escravo do imperador, e também pela sua consumada competência como intermediário. Como não podia deixar de ser, para os estranhos ressentidos, a sua influência sobre Cláudio parecia extremamente sinistra, e era a prova definitiva de que o novo imperador era um tolo tão confuso e crédulo como todos sempre disseram que era. Mas na verdade, tal demonstrava o oposto: que Cláudio estava muito mais interessado na constituição de uma administração com uma base firme, do que aquilo que os seus críticos pudessem dizer. Ele sabia que não tinha qualquer direito legal sobre o Palatino, e que a sua posse era inteiramente o resultado do seu golpe; sabia bem que a sua melhor possibilidade de o manter era através da exploração dos seus recursos ao máximo. O mundo precisava de uma boa governação, e Cláudio, na sua determinação de a proporcionar, estava disposto a conceder aos seus mais hábeis libertos tanta autoridade quanto a necessária para serem eficazes. Não mais haveria a pretensão de que Casa de César era mais do que realmente era: uma corte.

Inevitavelmente, apesar destas mudanças, os elementos essenciais do regime permaneceram inalterados. A confiança de Cláudio no seu triunvirato de talentosos libertos, apesar de aumentar a eficiência do seu governo, nada fez para acalmar o redemoinho da intriga e da luta pelo poder que há tanto tempo eram as características da vida no Palatino. A interminável competição para ganhar vantagem continuou como sempre fora, mas agora com a adição de uma nova série de intermediários do poder. Alguns adaptaram-se bem a estes desenvolvimentos; outros não. Lúcio Vitélio, sempre atento às mudanças no vento, discretamente acrescentou as

estátuas de Palas e Narciso ao seu santuário doméstico, conseguindo permanecer tão altamente favorecido junto de Cláudio como tinha sido com Calígula; mas outro senador, um experiente general chamado Silano, mostrou-se irremediavelmente desadequado às exigências das fações que se digladiavam no Palatino. Enganado pelos seus inimigos, foi condenado à morte pelo imperador apenas um ano depois de Cláudio ter chegado ao poder. Os pormenores exatos eram obscuros, como tantas vezes aconteceu em casos assim; mas todos concordavam que o golpe de misericórdia acontecera quando Narciso correu para junto do seu senhor uma manhã e lhe relatou que sonhara tê-lo visto ser assassinado por Silano. O episódio fez com que Cláudio parecesse vingativo e crédulo, uma impressão que não ajudava a reduzir os danos já causados à sua autoridade por outro incidente bem mais excitante: sexo, incesto e exílio. Menos de um ano passado após a sua tomada do poder, o novo imperador tinha-se visto envolvido num tipo muito familiar de escândalo. Tinha começado, como tantas vezes antes acontecera, com uma tentativa de projetar uma imagem de harmonia doméstica. Ansioso por fazer valer a sua autoridade como chefe da família de Augusto, Cláudio tinha mandando regressar as suas duas sobrinhas do exílio a que Calígula as tinha condenado; mas Júlia Livila, ao contrário de Agripina, não aprendeu a lição. Dizia-se que ela tinha iniciado um caso amoroso com um senador muito aclamado, pelo menos por ele mesmo, como sendo o homem mais brilhante da sua geração: um orador deslumbrante e intelectual chamado Séneca. Mas não era esse o pormenor mais excitante. Dizia-se também que o tio de Júlia, atraído pelos seus encantos juvenis, passava mais tempo com ela do que ditava a decência no respeitante a um velho. Seja qual for a verdade dos factos, o mero boato arranjar-lhe-ia uma inimiga mortal. A jovem e bonita mulher de Cláudio, Valéria Messalina, era tão famosa pelos seus contactos como pelo seu

deslumbrante sorriso. Tal como Júlia, era sobrinha-bisneta de Augusto e não tinha a menor intenção de dar vantagem a uma rival. Também não ajudava ser filha de Domícia Lépidia, cuja irmã tinha tomado conta do jovem Domício depois do exílio da sua mãe, e era cordialmente detestada por Agripina por ser uma rival pelo afeto do seu filho. Assim, o relacionamento entre a mulher de Cláudio e as suas duas sobrinhas era tóxico. Quando a notícia do caso amoroso de Júlia com Séneca se generalizou, a principal suspeita da delação caiu sobre Messalina. Representava um desastre para o casal, sem dúvida. Séneca caiu em desgraça e foi exilado para a Córsega, e Júlia, uma vez mais, para uma ilha-prisão. Pouco tempo depois, aí acabaria por morrer de fome. Um ano depois do golpe que levava Cláudio ao poder, toda a sua conversa de um novo começo parecia já um balão cheio de ar.

Mas o mais grave ataque à sua reputação ainda estava por vir. Um ano depois do golpe, Cláudio continuava inquieto e inseguro. O facto de a sua administração ser menos assassina do que a do seu antecessor, não impressionava os seus críticos. Os senadores que expressaram o seu ressentimento no dia fatídico do assassinato de Calígula continuavam a considerá-lo um idiota, enquanto a execução de Silano, a mando de um liberto, parecia ser um presságio sombrio do caminho que o seu regime podia estar a tomar. Quem estava particularmente ressentido era Ânio Viniciano, cuja ambição para liderar o mundo romano tinha sido decisivamente ultrapassada pelo apoio dos pretorianos a Cláudio, mas cuja atração pelo tecer de subtis teias de conspiração permanecia intacta. Um ano depois, em meados de 42, estava pronto para tentar um golpe de sua autoria. Nos Balcãs, o comandante de duas legiões tinha-se comprometido a apoiar a insurreição; e em Roma, numerosos senadores e membros da Ordem Equestre também o fizeram. Ao receber uma carta insultuosa onde era exigido que se retirasse, Cláudio ficou tão perturbado que, por um

instante, perdeu a fé nas suas perspectivas; mas não fora em vão, como se veria, que ele tinha pago pesados subornos aos militares. Os soldados nos Balcãs recusaram aderir à revolta; o seu comandante suicidou-se, e Viniciano também. Outros implicados na conspiração, ao hesitarem em seguir o exemplo do seu líder, foram vergonhosamente obrigados a fazê-lo. A hesitação mais famosa de todas foi a de um ex-cônsul chamado Peto. Tremia, ao segurar a espada na mão, temendo cair sobre ela, quando a mulher lha arrebatou, caindo sobre ela. «Vê, Peto», declarou num último suspiro, «não doeu nada.»^[23] A dureza desta admoestação, impregnada da mais antiga e heroica feminilidade romana, foi muito admirada; tudo o resto no golpe abortado foi extremamente sórdido. Uma vez mais, como nos dias mais sombrios do reinado de Tibério, havia cadáveres a serem depositados nas Escadas Gemónias e arrastados por ganchos de talho. Para os senadores contundidos e desnorteados, o seu mundo parecia de facto, mais abalado do que nunca. Alguns dos conspiradores salvaram a sua pele subornando Narciso para que interviesse em sua defesa; outros, de forma ainda mais chocante, foram torturados. Esta era a verdadeira medida do susto que Cláudio tinha sofrido: pois havia apenas uma classe de pessoas que podia legalmente ser submetida a tal indignidade durante uma investigação sobre traição, e eram os escravos. Os especialistas versados na técnica da extração de informações costumavam ser encontrados em funerárias privadas, que ofereciam os seus serviços como suplemento para os seus rendimentos regulares. Tais homens eram proficientes no uso de cremalheiras para separar os membros do corpo, na aplicação de pez ou de metal incandescente na carne, e na utilização de chicotes com pontas de metal.^[24] A aplicação de tais horrores a senadores e a membros da Ordem Equestre deixou cicatrizes em toda a elite romana que não eram fáceis de sarar. O que eram agora as belas afirmações do imperador sobre a

clemência, senão uma piada grotesca, e o que eram todas as suas tão publicitadas ambições, em que declarava servir como um novo Augusto, senão uma monstruosa farsa? O Senado lambeu as suas feridas, e não esqueceu. Nem, depois do primeiro choque da conspiração contra ele ter diminuído, e ter tido tempo para recuperar o fôlego, o esqueceu Cláudio. O seu primeiro ano como imperador tinha sido potencialmente incapacitante para a sua reputação, e, conseqüentemente, para as suas perspectivas a longo prazo, e ele sabia-o. Mas não desesperou. Sabia dos infinitos recursos que tinha à sua disposição enquanto César, e que havia muito que, mesmo um homem velho, incapacitado e amplamente menosprezado como tolo, podia fazer. Afinal, ele continuava a ser o homem mais poderoso do mundo.

No ano seguinte, Cláudio estava determinado a demonstrá-lo de uma vez por todas.

Pão e Britânicos

No ano 42, um ano depois de Cláudio ter chegado ao poder, um governador Romano chamado Suetônio Paulino levou um exército até aos limites da Mauritânia, ultrapassando-os. Os Mouros, um povo que vivia no outro lado do estreito de Espanha, e que era conhecido pela sua capacidade de arremessar lanças enquanto montava sem sela, e também pelos seus elevados padrões de higiene oral, há muito que estavam na órbita de Roma; mas só recentemente se tomara a decisão de os absorver formalmente no Império. Na Mauritânia, havia muitas coisas que excitavam o interesse das classes superiores romanas, entre as quais se incluía o fabrico do corante púrpura que era usado para tingir as suas togas. O último rei dos Mouros — que, em virtude da sua descendência de António e Cleópatra, era familiar de Calígula —, quando foi convidado pelo seu primo para Lugdunum, optou

por ostentar um manto com um tom particularmente exuberante. Foi um gesto fatal de superioridade. Na Mauritânia, os Mouros receberam a notícia da execução do seu rei com indignação. A rebelião rebentou. Cláudio, que herdara a crise espoletada por Calígula, e nada disposto a deixar de ter o reino sob a sua alçada, ordenou que este reino fosse transformado numa província. Uma decisão difícil, tomada por razões igualmente difíceis, mas não só. Como estudioso, o interesse de Cláudio pelas regiões distantes ia além da preocupação com os assuntos do Estado. A sul das cidades do interior, visitadas com regularidade pelos comerciantes de Itália, e onde a arquitetura imitava o melhor de Roma e Alexandria, estendia-se um mundo completamente diferente. Era um mundo habitado por tribos de tal modo selvagens, que comiam carne crua e nunca bebiam leite, e onde nunca antes haviam penetrado as armas romanas. Por sua vez, para lá deles estendia-se uma terra fantástica, que durante muito tempo se acreditou estar envolta em nuvens perpétuas, e onde se dizia que os seus habitantes nunca sonhavam. Suetónio Paulino conduzia os seus homens para as montanhas do Atlas, «O pilar que suporta o céu»[25].

A realidade, no entanto, não se podia comparar às fábulas contadas sobre a cadeia montanhosa. Havia picos cobertos de neve, mesmo no verão, mas não existiam nuvens perpétuas. Os desertos para lá das montanhas do Atlas eram escaldantes e cobertos de um pó negro. Os nativos vivam como cães. No entanto, a expedição não foi um esforço inteiramente desperdiçado. Paulino relatou para Roma que a cordilheira estava rodeada de florestas repletas de maravilhas: árvores altas com folhas que estavam cobertas com «fios finos e aveludados»[26] muito parecidos com a seda; elefantes selvagens e todos os tipos imagináveis de cobras. Em Roma, Cláudio ficou encantado com a notícia. Correspondia a todas as suas paixões. Enquanto cidadão comum, e porque as suas deficiências nunca lhe proporcionaram

oportunidades de viajar, ele tinha carinhosamente transcrito os pormenores da flora e fauna exóticas numa estrutura de dicionário geográfico: as folhas aromáticas com que os Partos polvilhavam as suas bebidas; um centauro nascido no norte da Grécia, e que tinha morrido no mesmo dia. Agora, como imperador, podia exhibir o seu entusiasmo de forma muito mais ampla. Há muito que os conquistadores Romanos tinham o hábito de levar para a sua cidade plantas e animais de terras remotas. Era por isso que, nos jardins de propriedades como as de Valério Asiático, os cidadãos sufocados pela poluição podiam ter a possibilidade de respirar os aromas das distantes florestas e de se maravilharem com o perfume de flores estranhas. E era também por isso que feras como aquelas descobertas por Paulino eram habituais fontes de entretenimento em Roma. Pompeu tinha exibido o primeiro rinoceronte a ser visto na cidade, e Júlio César, a primeira girafa. Augusto, para assinalar a vitória sobre o Egito, trouxe para Roma um hipopótamo que se bamboleava no seu cortejo, enquanto o próprio Cláudio, em ocasiões formais, chegava a ter elefantes atrelados ao seu carro. Não era por coincidência que todas essas criaturas, e muitas mais, tinham vindo de África, continente que era conhecido como «o berço dos animais selvagens»^[27]. Porém, a mera exposição dos animais não dava aos Romanos a ideia adequada da sua ferocidade e da dificuldade que representava transportá-los a partir dos confins da terra. Mais educativo, e certamente mais agradável para a multidão, era colocá-los em combates contra caçadores treinados, numa luta até à morte. Só então os espetadores compreendiam devidamente os feitos alcançados, em nome dos Romanos, por governadores como Paulino, ao desbravarem terras cheias de leões e crocodilos. Só então poderiam começar a apreciar a tarefa realizada por Cláudio César na pacificação e ordenação do mundo.

Mas dominar as feras não era a única medida da grandeza romana. No

extremo oposto do mundo, no meio do alteroso e agitado Oceano do Norte, esperavam desafios ainda mais formidáveis do que aqueles enfrentados por Paulino. Ninguém sabia ao certo o que havia além dos limites explorados pelas frotas romanas, embora os viajantes falassem de ilhas habitadas por pessoas grotescamente bárbaras, algumas com cascos de cavalos, outras com as orelhas tão grandes que cobriam os seus corpos nus, e, em especial, muito mais remota ainda, a misteriosa terra de Tule, e um terrível mar de gelo. Para Cláudio, os lugares ermos e as maravilhas do Oceano do Norte tinham uma ressonância particular, pois fora o seu pai, em 12 a.C., quem tinha sido o primeiro comandante Romano a navegá-lo. Vinte e oito anos depois, Germânico tinha repetido a façanha; e embora desde então nenhum general Romano tivesse levado uma frota através do Oceano, Cláudio tinha agora a possibilidade de emular o seu pai e o seu irmão. Mas as suas ambições não se ficavam pela exploração. Apesar de ser coxo, e de ter 54 anos vividos como um civil, almejava um feito ainda mais heroico: concluir a conquista que Júlio César deixara inacabada. Já era tempo, não apenas de atravessar o Oceano, mas de constituir a partir dele uma nova província: ganhar para o povo romano a ilha da Britânia. Havia boas razões para que Cláudio comandasse a invasão no início do verão de 43. Raramente as circunstâncias pareceram tão promissoras. A ilha fora abalada por revoltas dinásticas. Cunobelino, o veterano chefe dos Catuvelaunos, tinha morrido recentemente, deixando as suas terras a dois filhos, e um reino vizinho da costa sul tinha submergido em tumultos de tal modo selvagens, que o seu rei tinha fugido para junto dos Romanos. Em simultâneo, no lado oposto do canal, os preparativos para um ataque anfíbio estavam bem avançados. Em Bolonha, onde Calígula tinha mandado construir um imponente farol com cerca de 60 metros de altura, para iluminar o caminho através do Oceano, uma frota capaz de transportar quatro legiões aguardava pela ordem de

zarpar. Os soldados aí colocados eram o testemunho de anos de planeamento. A expedição de Calígula ao Norte, ao contrário do que os seus críticos tinham afirmado, não fora um mero exercício de irresponsabilidade selvagem. Era graças às duas legiões recrutadas por sua ordem que uma substancial força invasora pôde ser preparada sem enfraquecer as defesas do Reno. Entretanto, no Reno, tudo estava calmo. A campanha de pacificação efetuada por Galba tinha corrido tão bem, que Cláudio, no seu papel de comandante-chefe, lhe tinha concedido as honras de um desfile triunfal. Duas das mais obstinadas tribos germânicas tinham sido efetivamente esmagadas. O brilho da vitória tinha sido abrilhantado pela recaptura de uma águia perdida para Armínio. Não se podia imaginar melhor presságio.

Ou podia? Para os legionários acampados na costa do Canal, tudo o que pudesse despertar as lembranças do destino de Varo era suscetível de provocar um profundo mal-estar. Por pior que fosse ficar preso no lado errado do Reno, era ainda mais aterradora a perspectiva de se ficar abandonado no lado errado do Oceano. Poucos sabiam alguma coisa sobre a Britânia, e o que sabiam era muito desmotivador. Os seus nativos eram, se é que isso era possível, ainda mais bárbaros do que os Germanos. Pintavam-se de azul; partilhavam as mulheres; usavam pelos no lábio superior, uma afetação tão grotesca que no latim não havia uma palavra para isso. E as suas mulheres não eram melhores. Dizia-se que pintavam o corpo de preto, e que, de vez em quando, andavam nuas. Selvagens capazes de tais indescritíveis costumes eram claramente capazes de qualquer coisa; e, tal como fazia parte do terror germânico o praticar rituais assassinos nas profundezas das suas florestas húmidas, os Britânicos tinham sacerdotes que, segundo se dizia, nos seus bosques cobertos de visco, realizavam sacrifícios humanos e praticavam o canibalismo. Estes «druidas», assim se

chamavam os sacerdotes, já tinham antes infestado a Gália, até serem reprimidos às ordens de Tibério; mas do outro lado do Oceano, longe do alcance do severo direito romano, ainda prosperavam. «A Britânia tem vivido, até aos dias de hoje, ensombrada pela magia.»^[28] Assim, não é de admirar que muitos soldados empalidecessem ao receber ordem de embarque para uma terra de tais feitiços e ameaças. Em breve, os murmúrios começaram a transformar-se em insurreição. Os legionários começaram a largar as armas e a recusar entrar nos navios de transporte.

Foi então que Narciso entrou em cena. Enviado à frente do seu senhor, que não tinha qualquer intenção de se aventurar na Britânia sem ter a certeza de que a invasão seria um sucesso, o liberto abordou os amotinados de forma ousada, falando-lhe dos seus deveres. Foi imediatamente abafado por gritos de escárnio. O ambiente estava a ficar cada vez mais feio. Parecia que a disciplina tinha sido completamente perdida. Então, de repente, um dos legionários gritou «*Io Saturnália!*», e os seus companheiros começaram a rir. O grito ecoou por todo o acampamento. De repente, o espírito daquela festividade tomou conta dos soldados. A ameaça de violência dissolveu-se e o exército voltou a obedecer às ordens. Quando as legiões embarcaram nos navios de transporte, era como se estivessem a partir para uma festividade. A partir desse momento, não voltaria a acontecer mais nada que abalasse a sua disciplina. Em vez disso, tudo correu como os planificadores da invasão esperavam. Durante a travessia, o mar esteve calmo; foram estabelecidas três pontes, sem qualquer oposição; os Britânicos foram duplamente derrotados, e um dos dois chefes dos Catuvelaunos morreu no campo de batalha. É um facto que a resistência estava longe de estar esmagada. O filho de Cunobelino que sobreviveu, um guerreiro astuto e incansável chamado Carataco, continuava à solta, enquanto a norte e a oeste da ilha, nas terras onde até os potes de barro eram uma novidade, quanto mais a

cunhagem de moeda ou o vinho, escondiam-se tribos que mal tinham ouvido falar de Roma. No entanto, assegurada a passagem do Tamisa e com um acampamento instalado na margem norte do rio, tinha chegado a altura de transportar o comandante-chefe. A glória de garantir a derrota final dos Catuvelaunos, e de receber a sua submissão formal, pertencia apenas e só a um homem.

Apesar de coxo, Cláudio não era um conquistador assim tão improvável. Alto e bem constituído, tinha o cabelo branco e um rosto distinto que correspondia ao que os Romanos esperavam dos seus estadistas mais velhos; e não era difícil aceitar, sempre que ele se sentava ou ficava parado em pé, classificá-lo como *imperator*. Para Cláudio, que toda a sua juventude se tinha dedicado aos estudos, enquanto o seu irmão mais velho desempenhava o papel de herói de guerra, a possibilidade de conduzir um exército numa batalha era um sonho tornado realidade. E não iria desperdiçá-la. Avançando à frente das suas legiões, ele era a personificação do poderio romano. Os Catuvelaunos, intimidados, começaram a desagregar-se. O avanço ao longo da costa norte do estuário do Tamisa no sentido da sua capital, um disperso complexo de diques e de casas redondas chamado Camuloduno, foi feito quase sem oposição. Camuloduno, com fortificações muito toscas e uma guarnição desmoralizada a defendê-la, caiu rapidamente. Ao entrar na localidade em triunfo, Cláudio podia legitimamente rejubilar por se ter mostrado digno das mais nobres tradições marciais da sua família. A autoridade do seu nome chegava agora ainda mais longe do que a de Druso ou Germânico. Pouco depois da tomada de Camuloduno, chegou ao quartel-general de Cláudio uma série de chefes Britânicos, e entre eles estava o rei de um conjunto de 30 ilhas distantes chamadas Orkney, localizadas tão a norte que o seu inverno era uma noite perpétua.^[29] Ao receber a submissão de uma tão exótica figura, Cláudio

ficava a saber que as suas mais desejadas ambições para a invasão tinham sido realizadas. «O oceano tinha sido cruzado e, com efeito, dominado.»^[30]



Depois, passados 16 dias da sua estada na Britânia, o imperador partia de novo, de regresso a Roma. Não tinha necessidade de se alongar numa fronteira húmida e sem comodidades. Que os seus subordinados perseguissem Carataco, atacassem fortificações estratégicas e concluíssem a pacificação da ilha. Cláudio tinha alcançado aquilo que se propusera fazer. Afinal, os Britânicos nunca tinham sido o principal alvo dos seus esforços. Tivera sempre em mente outros adversários de maior destaque. A ameaça mais grave à sua segurança nunca tinha sido Carataco, mas os seus pares. Como experimentado jogador, ele pesara cuidadosamente todas as possibilidades antes de tomar a decisão de se ausentar da capital durante seis meses. Mesmo com Viniciano e os seus companheiros de conspiração mortos, as pontas soltas da insurreição não estavam completamente erradicadas. Pouco antes da partida de Cláudio, um membro da Ordem Equestre tinha sido condenado por conspirar contra ele e lançado do penhasco do Capitólio; depois, um presságio que invariavelmente predizia algo de calamitoso para o Estado — um bufo-real voou para dentro do santuário do templo de Júpiter. Por isso, não surpreende que, antes de sair em campanha, Cláudio se tivesse assegurado de tomar todas as precauções. A administração da capital foi confiada a um cortesão da maior fidelidade, Lúcio Vitélio. Entretanto, outros senadores menos dóceis tinham sido agraciados com a honra suprema de acompanhar César à Britânia. Os mais proeminentes entre eles eram Valério Asiático e Marco Vinício, os quais, em tempos diferentes, tinham afirmado a sua pretensão ao poder supremo. Agora, com a conquista da Britânia, já não havia a mais remota hipótese de alguém o poder retirar a Cláudio. A glória dos seus sucessos preenchia o mundo. Na Córsega, o exilado Séneca, desesperado por uma autorização para regressar a casa, saudou o triunfante *Imperator* como «a consolação universal da humanidade»^[31]; na cidade grega de Corinto, a sua vitória foi

reconhecida no culto; no outro lado do mar Egeu, na cidade de Afrodísias, um baixo-relevo retratava a Britânia como uma beldade infeliz e de seios nus, caída no chão e derrotada por um Cláudio musculado e intimidante. O homem que toda a sua vida fora desprezado pela própria família, como um coxo, babado e idiota, estava ali, na imaginação dos habitantes das províncias distantes, transfigurado em algo infinitamente mais soberbo: num deus do sexo subjugador do mundo.

Mas foi em Roma que a vitória de Cláudio teve maior impacto. O Senado, alertado para o que dele se esperava, aprovou um completo conjunto de honrarias para o herói que regressava: um desfile triunfal, muitas estátuas e um arco particularmente vistoso. A sua família também beneficiou com a sua glória. A Messalina foi-lhe concedido o mesmo direito de deambular por Roma num *carpentum* que já fora anteriormente concedido a Lívvia, enquanto o seu filho recém-nascido era premiado com o glorioso nome de «Britânico». Para um César sempre dolorosamente consciente de que não tinha o sangue de Augusto a correr-lhe nas veias, estes eram desenvolvimentos muito prometedores. Já no ano anterior ele tinha garantido para Lívvia as honras divinas que tanto Tibério como Calígula se tinham esquecido de lhe conceder, assegurando assim o estatuto de neto de uma deusa. Mas não lhe bastava apenas legitimar o passado. Cláudio sabia que tinha de olhar também para o futuro. E agora, com o prestigiar dos seus dependentes, começava a lançar as bases para a sua própria dinastia. Como historiador e aluno atento do passado, o imperador sabia perfeitamente o que era preciso para ser considerado um grande homem pelos Romanos. O seu modelo supremo, e o nome pelo qual fizera o seu juramento, era Augusto, como não podia deixar de ser. No entanto, como acontecera com Tibério, ele emocionava-se com as narrativas herdadas do passado distante de Roma. As maiores virtudes e os valores

heroicos da República nunca deixaram de o comover. Como antiquário e como Claudiano, sentia-se profundamente ligado às tradições que tinham tido a sua origem séculos antes de Augusto. Invadir a Britânia, com os seus carros, as suas cabanas de barro e os seus bosques assombrados por fantasmas, tinha sido, para um homem como Cláudio, viajar no tempo até aos primórdios da sua cidade, para essa fabulosa era em que os cidadãos se reuniam no Campo de Marte antes de marcharem para a guerra contra as cidades que ficavam a poucos quilómetros de distância. Cláudio, para o assinalar, fez questão de recriar a tomada de Camuloduno no Campo para que, pelo menos durante um dia, entre o mármore, as fontes e as pérgulas ornamentadas, o brilho violento das armas pudesse ser testemunhado uma vez mais. Depois, em 51, chegaria uma oportunidade ainda mais resplandecente para poder posar como um herói de um livro de história. Carataco, depois de uma última série de audaciosas ações cada vez mais desesperadas de resistência, tinha sido feito prisioneiro por um chefe rival, vendido aos invasores e levado para Roma acorrentado. A nobreza do seu porte ao desfilar pelas ruas gerou uma enorme admiração; e Cláudio, com os olhos dos Romanos firmemente fixados em si, sabia, das suas leituras de história, exatamente o que fazer. Há muito tempo, Cipião, *o Africano*, tinha capturado um rei africano, e depois de o ter levado no seu desfile triunfal, num gesto de magnanimidade imperial, poupou-lhe a vida. Cláudio, perante a aprovação generalizada, faria o mesmo. À sua ordem, as correntes foram retiradas ao rei Britânico. Carataco, livre para poder vaguear por Roma e para poder olhar para aqueles que o tinham derrotado, desempenhou o seu papel no drama ao perguntar em voz alta se alguma vez tinham imaginado ser capazes de conquistar as suas longínquas terras. A ocasião, todos concordaram, parecia um episódio de uma coleção dos melhores contos. No Senado, Cláudio foi celebrado com elogios extravagantes. «A sua glória era

igual à de quem alguma vez exibira perante os Romanos um rei capturado.»[32]

Naturalmente, Cláudio era demasiado perspicaz para ter muita fé neste caudal. Sabia que, no Senado, os ressentimentos acerca dele ainda eram profundos. Mas o Senado não era Roma. Cláudio, mergulhado como estava nos anais da sua cidade, sabia disso melhor do que ninguém. Ao contrário de Tibério, cuja devoção à herança do passado apenas confirmava o seu desdém instintivo pela multidão, o seu sobrinho parecia ser bem mais apreciador da plebe. Graças aos seus anos de estudo, conseguia avaliar que as mais notáveis realizações da República eram devidas tanto às pessoas como ao Senado. Foi por isso que, um ano antes da captura de Carataco, Cláudio tinha capitalizado os seus triunfos na Britânia para fazer um gesto magnânimo. Ao longo dos séculos, desde que Rómulo tinha lavrado o *pomerium*, vários conquistadores tinham estendido os marcos sagrados que determinavam os limites de Roma — pois só a quem tinha aumentado a riqueza da cidade era autorizado pela tradição a poder fazê-lo. Esta foi, pelo menos, a afirmação feita por Cláudio num discurso ao Senado, e quem podia, sabendo das suas exaustivas pesquisas na antiguidade, contestar a sua afirmação?[33] Durante 800 anos, desde que Rómulo superara Remo na sua competição para a fundação de uma cidade, o monte Aventino ficara para lá dos limites do *pomerium*, mas isso acabara. A mando do imperador, marcos de pedra começaram a ser colocados, envolvendo as suas encostas em intervalos regulares, dando a entender que a colina, como o Palatino, passava a fazer parte de Roma. No tempo de Tibério, a tentativa de Sejano em arregimentar os habitantes do monte Aventino tinha ajudado a precipitar a sua queda; mas agora, 17 anos depois, o sobrinho de Tibério não tinha qualquer pejo em cortejá-los. Deve dizer-se que Cláudio não tinha esquecido a sua história. Sabia muito bem o que se comemorava no

santuário de Liber, nas encostas do Aventino: a guerra de classes ganha pela plebe nas primeiras décadas da República, e o estabelecimento dos seus direitos políticos. Cada marco de pedra, com as prerrogativas imperiais gravadas, servia para lembrar que ele considerava um privilégio exercer os poderes dos seus tribunos. Conquistador, sim, mas amigo do povo, também.

Nem, na sua opinião, havia nisso nada remotamente antiaugústiano. Ao contrário do seu desagradável e altivo tio, Cláudio não interpretava a herança do passado da sua família como uma autorização para desprezar os interesses da plebe. Era exatamente o oposto. Esbanjar fundos em estruturas que pudessem vir a servir cada cidadão era uma tradição valorizada e venerada pela aristocracia romana. Porque é que Ápio Cláudio, fortalecido com o espólio que tinha ganho ao serviço da República, o gastou numa estrada? Pensar em esbanjá-lo de forma faraônica, em algum monumento atrativo, mas inútil, seria algo muito estranho para os ditames da sua cidade. Séculos depois, os Romanos gabavam-se com orgulho de que as suas estruturas mais impressionantes, ao contrário dos déspotas estrangeiros, tinham finalidades absolutamente práticas. «Muito melhores do que qualquer pirâmide inútil.»^[34] Cláudio, que ainda se lembrava do que era andar a contar os tostões, concordava. Zeloso quanto ao respeito pelos valores tradicionais dos seus concidadãos, não tinha vontade de desperdiçar dinheiro em projetos que não servissem os seus interesses a longo prazo. Agora que os incentivos gastos com as forças armadas nos seus primeiros tempos no poder já tinham ficado para trás, era seu objetivo organizar as finanças de forma sensata e utilizá-las bem. Os saques da Britânia ajudaram, assim como a sagacidade de Palas. Por mais que o liberto fosse detestado por ser um novo-rico, a sua capacidade para os números estava acima de qualquer crítica. Duas coisas o comprovavam: Cláudio não tinha, como o seu antecessor, acabado por ser detestado pelas suas exigências; e

que era capaz, ao mesmo tempo, de investir espetacularmente em infraestruturas.

O resultado, numa cidade onde os estaleiros de obras sempre tinham sido, invariavelmente, a mais segura fonte de emprego, era uma forma muito mais confiável de obter rendimentos do que as promíscuas ajudas financeiras dadas por Calígula. Porém, o principal foco das ambições de engenharia de Cláudio ultrapassavam os limites da própria capital. E não era porque Roma, na sequência da renovação feita por Augusto, tivesse acabado por ficar tão embelezada que não necessitasse de melhorias. Muito pelo contrário. Era precisamente porque eram muitos os que ainda continuavam a apodrecer nos sufocantes bairros degradados, que se alastravam e que pareciam, para os ricos nas suas casas arejadas, «obscuros e insignificantes lugares para onde se lançam o esterco e outros resíduos»^[35], que Cláudio tinha resolvido canalizar os esgotos. Os seus estudos privados tinham-no levado a ficar fascinado pela hidráulica, e a escrever, de forma documentada, sobre as inundações na Mesopotâmia; mas, como historiador, era natural que estivesse atento aos precedentes que o ajudassem a conduzir as suas ações. Na sua família, desde Calígula até, muito antes dele, ao inevitável Ápio Cláudio, muitos outros tinham mandado construir aquedutos. Porém, nenhum alguma vez levava a cabo algo que se pudesse comparar em escala ao par de estruturas que Cláudio construiu. Estendendo-se por muitos quilómetros, cruzando vales profundos e atravessando colinas íngremes, quase duplicaram o abastecimento de água que fluía para o coração de Roma. Por toda a cidade, mesmo nos bairros mais degradados, onde o grunhido dos becos se emaranhava com dejetos e lixo, canos de chumbo alimentavam os fontanários, dando um toque de frescura das montanhas distantes. Embora tenha sido Calígula quem originalmente encomendara os dois aquedutos, o sucesso do

empreendimento devia-se muito a Cláudio. Na sua aproximação final à cidade, a grandeza imponente dos arcos bem sustentados que atravessavam os campos, era complementada com o caráter distintivo da sua cantaria: robusta e determinadamente à moda antiga, como se tivesse sido esculpida a partir das fundações do passado de Roma. «Quem consegue negar que são maravilhas sem rival no mundo?»^[36] Talvez os senadores amargurados, mas nunca a plebe. Sabiam que tinham em Cláudio um líder que, enquanto seu defensor, levava a sério as suas obrigações.

Claro que esses direitos já não eram o que tinham sido nos tempos distantes em que eram comemorados no santuário de Liber, no Aventino. Os dias em que a plebe se tinha manifestado pelos direitos políticos já tinham desaparecido, e ninguém nos bairros degradados de Roma tinha saudades deles. Afinal, de que servia preocuparem-se com eleições quando elas nunca tinham mudado nada? Foi por isso que a restauração do direito de voto popular, feita por Calígula, fora recebida com tal indiferença que, a breve trecho, foi abandonada. A realidade tinha mudado, e todos o sabiam. Numa cidade tão grande, onde muitos nunca tinham visto um campo de milho, e menos ainda participado nas suas colheitas, o que mais importava para os pobres era acabar com o espectro da fome, algo que só César podia garantir. Ao assumir a responsabilidade de manter os seus concidadãos alimentados, Cláudio estava naturalmente preocupado com sua própria sobrevivência, pois sabia que até mesmo Augusto, nos dias tenebrosos do Triunvirato, tinha evitado a muito custo ser despedaçado por uma multidão faminta. Tal como com a construção de aquedutos, o alívio da fome era um compromisso do imperador que tinha respeitáveis antecedentes. O compromisso de manter os Romanos alimentados tinha sido defendido por alguns dos seus mais célebres tribunos. Caio Graco, em 123 a.C., foi o primeiro a legislar para que o preço do pão fosse subsidiado, e Clódio, 65

anos mais tarde, foi quem introduziu uma ração livre para todos os cidadãos. Augusto, que em privado desaprovava o subsídio, pois temia que ele enfraquecesse a fibra moral dos Romanos e os afastasse do trabalho honesto, sabia que não o devia abolir, pois de todos os laços entre os plebeus e o Primeiro Cidadão, este era o mais popular de todos. Valorizavam-no não apenas por os manter alimentados, mas por ser uma expressão do seu estatuto cívico. «Não importa a reputação de um homem, ele recebe o seu subsídio em virtude de ser um cidadão. Não importa se é bom ou se é mau.»^[37] De todas as cidades do mundo, era apenas em Roma que César subsidiava o milho; e apenas os cidadãos, entre a multidão que habitava na capital, tinham direito a recebê-lo. Qualquer ideia de que aos pobres era devida a caridade, dada a sua condição de pobreza, era algo demasiado grotesco para ser ponderado. Todos sabiam que as pessoas apenas eram pobres porque o mereciam. Foi por isso que, por exemplo, quando a Judeia foi atingida por uma escassez tão terrível que parecia aos que a sofriam que certamente haveria «uma grande fome em todo o mundo»^[38], Cláudio não tomou medidas para intervir — pois que responsabilidade é que ele tinha perante meros provincianos? Porém, sentia ter o dever de cuidar dos seus concidadãos, e foi por isso que, logo que se tornou imperador, fez do fornecimento de cereais a Roma uma obsessão.

Tinha havido problemas com isso desde o verão anterior à sua ascensão ao poder, e que era uma reação persistente à espetacular exibição do sobrinho na Baía de Baiae. Sem navios, Calígula nunca teria sido capaz de atravessar o mar montado a cavalo; mas sem navios, não se podiam trazer cereais do exterior. Roma, que era uma imensa e insaciável barriga, há muito que esgotara a capacidade dos agricultores Italianos em mantê-la alimentada. Era por isso que, do Egito à Mauritânia, as searas da África serviam para matar a fome da capital. Todos os verões, inúmeros navios de

transporte de mercadorias entravam na Baía de Nápoles a caminho de Puteoli, a cidade a partir da qual Calígula tinha cruzado o mar para Baiae, e que era o porto mais próximo de Roma com docas suficientemente profundas para ancorar navios de grande calado. Depois, a etapa seguinte da viagem: a trasfega dos cereais, meio milhão de toneladas por ano, em embarcações mais pequenas, numa viagem pela costa até à entrada do Tibre.^[39] Aí, cercado por pântanos e salinas, ficava o porto de Óstia; e a partir de Óstia, ao longo de uma linha de cais de 25 quilómetros que a separavam de Roma, estendia-se um conjunto de gigantescos armazéns com janelas altas e em fenda, que mais pareciam uma linha de fortalezas. Havia muita coisa que podia falhar entre Puteoli e a chegada segura dos cereais a estes depósitos; e Cláudio, uma vez eliminada a ameaça imediata de fome, resolveu tentar uma solução adequada à grandeza e ambição dos Romanos. Diligente e ousado, obcecado pelos mais minuciosos pormenores em tudo o que dizia respeito ao seu desempenho, tão preparado para supervisionar os planos referentes aos bancos de lama como para ordenar o esvaziamento do leito do mar, ele visava uma conquista não menos heroica do que a da Britânia. Quando os engenheiros, informados da sua intenção de construir um porto de águas profundas em Óstia, o olharam horrorizados «e lhe disseram que era impossível fazê-lo»^[40], ele ignorou as suas advertências. Afinal, era ele o César. Se remodelar a terra e o mar servia o interesse dos Romanos, ele, Cláudio, fá-lo-ia. Mesmo estando ocupado com os preparativos da invasão da Britânia, o projeto foi posto em marcha. Cláudio visitava o local com regularidade. Quando, um dia, chegou a Roma a notícia de que tinha sofrido lá uma emboscada e que o tinham matado, muitos acreditaram. A plebe, perturbada, atribuiu as culpas ao Senado, e apenas uma proclamação apressada da *Rostra* de que o rumor era falso e de que tudo estava bem, os impediu de provocar tumultos. Apesar de Cláudio

parecer uma figura ridícula e sinistra para muitos senadores, o povo romano não o via assim; a devoção que lhe tinha, gerada pela visível preocupação em relação aos seus interesses, era demonstrativa de que um imperador podia não ter atrativos físicos e, ainda assim, entrar no seu coração. Calígula construiu a sua pista de corridas privada e adornou-a com um obelisco transportado do Egito; mas Cláudio rebocou o navio que o trouxera desde a foz do Tibre e mandou que o afundassem para ser usado como base para um farol. Foram construídos quebra-mares, estendeu-se um molhe até ao farol, assim como todos os equipamentos de um moderno porto internacional. O empreendimento, mesmo às portas da capital, trazia para a casa dos Romanos algo de uma dimensão e influência surpreendente: a absoluta centralidade; o controlo dos recursos do mundo; o domínio do mundo. Até mesmo os monstros dos lugares mais longínquos, como os elefantes e as cobras perseguidas por Suetónio Paulino, poderiam ser levados a reconhecê-lo. Quando uma baleia entrou no porto meio concluído, Cláudio convocou um esquadrão de pretorianos para a abater a partir de barcos. Por isso, é compreensível que lhe fosse difícil manter-se longe do local. Nenhum outro lugar lhe proporcionava um contexto mais apropriado para agir de acordo com o tipo de governante que aspirava ser. Nenhum outro lugar lhe permitia exultar mais no que representava ser um César.

Só que Óstia, mantendo-o afastado de Roma, afastava-o da sua casa e do seu funcionamento. Em 48, estando no local, na foz do rio Tibre, Cláudio recebeu um inesperado pedido de entrevista. A rapariga que a solicitou, uma concubina do imperador chamada Calpúrnia, era uma das suas parceiras de cama favoritas, e assim, naturalmente, ele acedeu. Levada à sua presença, Calpúrnia gaguejava de uma tal forma que quase parecia Cláudio; mas, por fim, depois de um grande esforço conseguiu relatar o que tinha ido revelar.

Ao ouvi-la, Cláudio César apercebeu-se, horrorizado, de que o tinham feito passar pelo tolo que os seus inimigos sempre consideraram que ele era.

Mais mortífera do que um homem

A arte de atrair a atenção de um imperador requeria competências particulares.

Quando Calpúrnia foi levada à presença de Cláudio, ia muito bem acompanhada por uma outra das suas concubinas. Aqueles que procuravam saber os seus segredos, com frequência exploravam as suas preferências sexuais, pois todos sabiam que ele apenas dormia com mulheres. O preocupar-se que as pessoas se sentissem livres para libertar gases à mesa, ou a sua insistência em acrescentar três novas letras ao alfabeto latino, assim como a completa falta de interesse que sempre mostrou em ter relações sexuais com parceiros masculinos, faziam de Cláudio um verdadeiro excêntrico. Não que as pessoas o reprovassem, pois era aceite que homens diferentes tinham diferentes fraquezas, e assim como alguns podiam preferir as loiras e outros as morenas, também havia alguns que apenas fornicavam com mulheres, e outros que só fornicavam com homens. [41] Que Galba, por exemplo, fosse o oposto de Cláudio, ao gostar de «homens maduros e musculados» [42], nunca prejudicou a sua posição como modelo de retidão marcial. Sendo um soldado experiente, ele sabia muito bem o que era controlar, pressionar e possuir.

Era, obviamente, da responsabilidade de cada cidadão escolher com quem optava por ter relações sexuais. Nada era mais chocante para a sensibilidade dos Romanos do que aquilo que Hóstio Quadra fizera com espavento, submetendo-se ao prazer de ser sodomizado. O corpo feminino

tinha sido moldado pelos deuses para ser espetado por um pênis; mas ao corpo masculino também não faltavam orifícios. Prestar reverências com a boca ou o ânus ao pênis de outro homem, devia envergonhar duplamente um cidadão. Não era apenas o estar a desempenhar o papel de mulher (e isso já era suficientemente mau), era também estar a desempenhar o papel de um escravo. Tal como era privilégio de quem nascera livre, tanto homens como mulheres, verem a violação dos seus corpos ser considerado um crime monstruoso, também era dever dos escravos servir quaisquer necessidades sexuais dos seus senhores. Na verdade, para alguns, essa podia ser mesmo a sua principal responsabilidade. Rapazes bonitos, de cabelos compridos, bem barbeados e oleados, eram os principais acessórios em qualquer serão da moda, e ainda mais se fossem gémeos. Um senador, no tempo de Augusto, tinha-se deixado de subtilezas, utilizando escravas que serviam completamente nuas. Todos os escravos sabiam que a ameaça de estupro, assim como a da punição corporal, podia acontecer a qualquer momento.

Isso não significava que os senhores não fossem capazes de gestos sensíveis. Lúcio Vitélio, por exemplo, ficou tão embevecido por uma das suas escravas que, além de a libertar, usava a sua saliva misturada com mel como medicamento para a garganta. Mas estes eram casos excepcionais que confirmavam a regra. Em geral, aos senhores era concedido o direito de saciar os seus apetites sexuais num escravo, como quem assoa o nariz ou usa uma latrina. Era um privilégio de posse, puro e simples. «A um escravo não é permitido qualquer sentimento de vergonha.»^[43] Só que a liberdade, numa cidade onde até os senadores tinham sido submetidos à tortura e ao chicote, já não era a mesma. As implicações, mesmo para os mais grandiosos, eram extremamente inquietantes. Em 47, um ano antes de Calpúrnia ir ao encontro de Cláudio em Óstia, uma das figuras mais

extravagantes e carismáticas do Senado tinha sido destruída. Valério Asiático, acusado de uma variedade de crimes, fora preso na estância balnear de Baiae e levado para Roma agrilhado. O seu acusador fora um antigo companheiro de Germânico, um homem tão oportunista quanto implacável, chamado Públio Suílio Rufo. Tinha uma natural aptidão para atacar violentamente as vítimas, e num julgamento privado com a presença de Cláudio e Lúcio Vitélio, Suílio fez exatamente isso. Ao passar em revista as várias acusações, acusou Asiático, para culminar, de um supremo desvio: ser «suave e oferecido, como uma mulher».[44] O prisioneiro, que até aí se tinha mantido em silêncio, achou que essa era uma calúnia especialmente inaceitável. «Pergunta aos teus filhos, Suílio», gritou. «Eles confirmarão que sou muito homem.» Era uma ironia desesperada e agressiva, mas também algo mais. O escarnecer de Suílio, enquanto pai de filhos usados por Asiático como mulheres, era também o desdenhar de uma ordem pútrida que dera o poder a um homem assim. Mais tarde, depois de Asiático ter sido condenado à morte, mas com a permissão, por recomendação de Lúcio Vitélio, de escolher como ia morrer, ele mostraria o seu desprezo pelo regime de Cláudio de forma ainda mais explícita. Preferia, declarou, ter perecido às mãos de Tibério ou Calígula, do que às de um falinhas mansas como Vitélio, cuja boca estava rançosa devido ao seu vício de lamber genitais. Então, depois de se certificar de que as chamas da sua pira não iriam danificar as árvores do seu amado jardim, Asiático cortou os pulsos. Afirmar de forma desafiadora a sua masculinidade e o suicídio, no final, eram os únicos meios que tinha para manter a sua dignidade como cidadão. Era demasiado evidente que Cláudio, paranoico e inseguro, temia deixá-lo vivo; mas isso não era tudo. Os senadores, convencidos de que o imperador era um deficiente mental, viram no destino de Asiático a confirmação das suas suspeitas mais sombrias: de que ele era um joguete nas mãos de

perversos, e pior ainda. «Ele, de forma mais proeminente do que qualquer dos seus pares, era dominado pelos escravos e pelas mulheres.»^[45] Quando se tratou de identificar quem, em última instância, fora responsável pela queda de Asiático, o consenso era claro: Messalina, que lhe invejava os jardins e os queria para si mesma. Pior: ele tinha morrido para satisfazer a sua paixão por Mnester, ex-amante de Calígula e o mais famoso ator de Roma, que, segundo alguns rumores, mantinha relações com Messalina e uma beldade de elevado estatuto social, Popeia Sabina. A acusação de Asiático possibilitou matar dois coelhos com uma cajadada: pois, entre as acusações que lhe foram feitas, estava a de adultério com Popeia. Messalina, longe de se manter discretamente à margem, esteve presente no seu julgamento secreto; e, logo que Asiático foi condenado, enviou agentes seus para que intimidassem a sua rival a suicidar-se. Em suma, nada podia ter sido mais degradante ou grotescamente sórdido. Um dos mais eminentes senadores em Roma, um homem que tinha chegado a aspirar governar o mundo, fora sacrificado no altar dos ciúmes de uma mulher.

«É vergonhoso ser-se submisso a uma rapariga.»^[46] A máxima de Ovídio era uma das que os Romanos sempre deram por adquirida. No campo de batalha ou no quarto, era tão claro que os deuses tinham destinado aos homens serem eles a manter o chicote nas mãos, que muito poucos foram os que alguma vez pensaram questioná-la. «De facto, infeliz seria o Estado em que as mulheres viessem a usurpar as prerrogativas masculinas, seja no Senado, no exército ou nas magistraturas!»^[47] Tal perspetiva era inconcebível. Contudo, numa cidade onde um amuo feminino com um ator parecia ter acabado por destruir alguém que fora por duas vezes cônsul, algo de errado estava a acontecer. Que as mulheres ricas e bem-nascidas pudessem usar a sua influência em nome dos seus homens, era uma coisa; mas que o exibissem abertamente, era algo muito diferente.

Apesar dos rumores sussurrados a propósito de Lívvia, ela sempre fez questão de manobrar na sombra, antes de subir para os céus e ocupar o seu lugar ao lado de Augusto, no seu trono celestial. Por certo, nunca pensou em tomar o seu marido por idiota. Porém, ao que parecia, e segundo os boatos que fervilhavam por todo o lado, era isso mesmo o que Messalina estava a fazer. Poucos dias depois do suicídio de Popeia Sabina, Cláudio convidou o marido para jantar e perguntou-lhe onde estava a mulher. Quando lhe foi dito que ela estava morta, ele pareceu ficar perplexo. Messalina, de acordo com aqueles que desprezavam o imperador, tinha-o na palma da mão. Tão crédulo, quanto apaixonado, tinha-lhe entregue a faca e o queijo. Cônsules, um prefeito pretoriano, a neta de Tibério: todos tinham sido eliminados devido às suas manobras. Aqueles que valorizavam a sua pele rastejavam junto dela. Lúcio Vitélio, um oportunista veterano, pedira-lhe licença para a descalçar, «e depois de lhe tirar a sandália do pé direito, colocou-a entre a toga e a túnica, levando-a consigo permanentemente, beijando-a de vez em quando.»^[48] Para além de degradante, era de uma extrema fraqueza. E, talvez por isso mesmo, diga-se, um pouco erótico. Ovídio, se tivesse vivido para ver o ex-governador da Síria a beijar a sandália de uma mulher, provavelmente não se surpreenderia. Sempre tinha gostado de explorar os paradoxos que delimitavam o decoro.

Não te envergonhes

(embora seja vergonhoso, e é por isso que é engraçado)

De segurar um espelho como se fosses um escravo.^[49]

No adultério, como na inversão de papéis, quanto maior é o tabu, maior é a emoção de o quebrar. A pressão exercida sobre o homem para assumir sempre a liderança, para ser sempre quem submete, era redutora de todas as dimensões do prazer. Os moralistas achavam que era responsabilidade das

respeitáveis mães de família ficarem passivamente deitadas de costas enquanto eram fornicadas; mas tal não impedia que algumas mulheres, mais ousadas, apimentassem as coisas, movimentando-se durante o sexo, quase como se fossem homens. Era chocante, sim, e ameaçava a masculinidade de qualquer respeitável cidadão; mas, para o homem cuja parceira contraía as coxas e as nádegas no momento da penetração, ou lhe fazia sexo oral, as compensações eram inegáveis. Que uma mulher pudesse ser sexualmente tão agressiva que desempenhasse um papel semelhante ao do homem, era, sem dúvida, para qualquer cidadão que se prezasse, a mais inquietante das possibilidades; mas eram poucos os desvios que alguns não considerassem emocionantes. Uma mulher, como se dizia que Messalina era, com ambições predatórias, demoníacas e sangrentas, era uma figura que gerava fantasias, assim como medos. Jovem, bonita e perigosa, ela era a encarnação da pornografia.

A ideia da Casa de César ser um bordel era algo peculiarmente delicioso. Tibério, durante o seu retiro em Capri, e Calígula, no próprio Palatino, tinham jogado com isso de forma lasciva; mas, como sempre, numa cidade tão obcecada com os boatos como Roma, foram os rumores que lhes deram pernas. A frequente promoção da família de Augusto como a personificação dos valores tradicionais tinha o seu lado obscuro, nas histórias contadas sobre a filha de Augusto: de como, «cansada do adultério, se tinha virado para a prostituição»^[50], e acabara a vender o corpo na *Rostra*. Mas Júlia tinha sido amada pelos Romanos; e assim, o que dela se contava, por mais escandaloso que fosse, tinha qualquer coisa de afetuoso. Messalina, vingativa e sanguinária, parecia ser uma figura bem mais aterrorizante. Dizia-se às escondidas que o seu clítoris era tão descomunal que «parecia um pequeno pénis ereto»^[51]. Contava-se que ela trabalhava em turnos num bordel de baixo nível, escondendo o seu cabelo debaixo de uma peruca loira

e com os mamilos pintados de dourado; que participava em festas no Palatino onde os maridos das mulheres proeminentes observavam as mulheres a traí-los; que tinha desafiado uma das mais experientes prostitutas de Roma para uma maratona de sexo de um dia inteiro, e que tinha sido ela a vencedora. Tais narrativas, embora originadas pela facilidade com que Messalina farejava os seus adversários para os destruir, serviam, cada vez mais, para a apresentar como o oposto da astúcia. Uma mulher que, quanto ao talento para eliminar os seus inimigos se comparava mais a um Sejano do que a uma Júlia, começava a ser vista pelos Romanos como uma criatura muito diferente: carnal, irresponsável e indiferente aos riscos. E isso deixava-a exposta. Quando Calpúrnia e a concubina que a acompanhava chegaram a Óstia e foram levadas à presença do seu senhor, o seu papel era muito parecido com o de Palas, quando levou a carta de Antónia para Capri e provocou a ruína de Sejano. Tal como Tibério, Cláudio gostava que fossem outros a fazer o trabalho sujo, e sancionou as manobras da mulher contra homens como Asiático, ao mesmo tempo que promovia a sua reputação de mentecapto. No entanto, a comparação não parava aí. Assim como Tibério, ao ler a carta de Antónia, percebera chocado que alguém em quem tanto confiara desejava matá-lo, também agora Cláudio vivia semelhante vertigem. Messalina, de acordo com o relato de Calpúrnia, traía-o de forma evidente. Surpreendentemente, ela tinha tomado como amante o homem mais bonito de Roma, um cônsul chamado Caio Sílio, e casara com ele. «O povo, o Senado, os pretorianos: todos testemunharam o casamento!»^[52] Cláudio, cujo primeiro instinto sempre que o apanhavam de surpresa era ficar em pânico, entrou em colapso. Já era suficientemente mau que tivesse posto em dúvida a sua masculinidade, a sua capacidade para manter a ordem na sua própria casa, e, por extensão, a sua competência como imperador; mas ainda havia pior. Ao casar com

Sílio, e permitir-lhe tomar posse do que pertencia a César, ela parecia estar a dar o sinal de um golpe. «Ainda continuo no poder, ou Sílio já o tomou?»[53], perguntou Cláudio, num lamento. No regresso apressado a Roma, acompanhado numa carruagem por Vitélio e Cecina Largo, os dois assessores senatoriais em quem mais confiava, permanecia em estado de choque. Quando Messalina, indo ao seu encontro, tentou em vão forçar uma entrevista, ele permaneceu em silêncio; nem o vislumbrar, na estrada, os seus filhos, Britânico, com sete anos, e a sua irmã mais velha, Otávia, quebrou a sua expressão gélida. Mesmo quando Cláudio chegou ao acampamento dos pretorianos, e se dirigiu aos soldados aí reunidos, mal conseguia falar. «Por maior que fosse a sua, e justificada, indignação, ele estava profundamente envergonhado.»[54]

Porém, as ações falavam mais alto do que as palavras. A decisão de Cláudio de se abrigar no acampamento dos pretorianos demonstrava a dimensão do seu alarme e da sua determinação em esmagar qualquer sinal de sedição. Sílio e vários dos seus companheiros bem-nascidos já tinham sido presos. Arrastados pelos pretorianos, foram enérgica e eficientemente eliminados. Mnester, apesar dos seus apelos histriónicos por misericórdia, também estava entre os decapitados, porque, apesar do instinto inicial de Cláudio em poupá-lo, estava fora de questão perdoar a um mero ator, quando tantos senadores e membros da Ordem Equestre já tinham sido condenados à morte. A misericórdia apenas foi concedida a um estranho pedido. Quando um filho de Suílio Rufo, ao contestar as acusações de Valério contra ele, declarou que não podia ter cometido adultério com Messalina porque era seu hábito, sempre que tinha relações sexuais, «desempenhar o papel de mulher»[55], foi mandado em paz com desdém. De resto, o banho de sangue foi total. Cláudio podia estar apavorado, e, em

circunstâncias normais, estaria relutante em ordenar a repressão; mas sabia que durante uma crise não se fazem prisioneiros.

Entretanto, apenas a sua mulher permanecia à solta. Atormentada, Messalina refugiara-se nos jardins roubados a Asiático no ano anterior. Aí, soluçando entre os canteiros, estava acompanhada pela mãe, Domicia Lépidia, que procurava confortá-la, na tradição mais nobre da maternidade romana, instando-a a preparar-se para uma morte honrosa. Mas o terror venceu a coragem. Quando um esquadrão de soldados chegou aos jardins, Messalina não teve coragem para cortar a sua própria garganta. Em vez disso, foi deixado a um soldado que a executasse. O cadáver foi então atirado aos pés da sua mãe. O seu legado não foi apenas um nome que se tornou sinónimo de ninfomania durante muito tempo para os Romanos, mas também um sentimento de perplexidade palpável. Para muitos, algo nesse episódio não batia certo. Quando as pessoas procuraram explicar o que poderia ter persuadido Messalina a imaginar que, numa cidade tão viciada em rumores como Roma, podia casar-se com Sílio sem quaisquer consequências, muitos encolhiam os ombros e diziam-se confusos. O seu fim teria sido provocado por pura luxúria? Ou Cláudio tinha razão em suspeitar de uma trama? Mas, se se tratava de uma trama, então porque é que Messalina se dispusera a arriscar as perspectivas dos seus filhos numa conspiração tão evidentemente incompetente e imatura? Nada disso fazia sentido.

Fora, claramente, um malogro familiar. Os segredos da Casa de César eram invariavelmente impenetráveis para os forasteiros. A fraqueza da posição de Cláudio, visto como dependente de libertos como se de senadores se tratassem, só tinha agravado a situação. Os conflitos no Palatino, onde as facções rivais lutavam por ter influência nas suas profundezas, só muito raramente emergiam. De Messalina, que não

menosprezava comprometer-se nas lutas de poder dos libertos do seu marido, dizia-se ter dormido com um deles, e que depois de o ter utilizado em seu favor, o mandou matar. Verdade ou não, o certo é que aquando da sua queda ela já tinha Narciso, Calisto e Palas como seus inimigos; e que, na sua ruína, estava o dedo de Narciso em particular. Fora ele quem tinha enviado as duas concubinas ao seu senhor, em Óstia; quem tinha assegurado a Cláudio a veracidade do relato, quando Vitélio e Cecina pareciam relutantes em confirmá-lo; quem tinha mandado calar Messalina quando ela procurou uma audiência com o marido. Espantosamente, durante toda a crise, ainda conseguiu assegurar o comando dos pretorianos, garantindo assim que os condenados à morte fossem eliminados sob as suas ordens. Concluída a carnificina, e depois de ter secado todo o sangue, tinha sido silenciado para sempre quem podia ter estado em posição de contradizer a história do casamento de Messalina com Sílio.

Se tal aconteceu de facto, ou se Messalina foi vítima de um enredo subtilmente elaborado, nunca ninguém o saberia. As suas estátuas foram removidas das bases e o seu nome de todas as inscrições. Entretanto, Narciso, há muito autorizado pelo seu estatuto de liberto a agir sem reconhecimento oficial, era agora agraciado pelo seu senhor com o sabor fugaz, mas autêntico, da ribalta. Por um decreto formal do Senado, e como sinal de gratidão pelas suas ações na preservação do Estado romano, foi-lhe concedida uma magistratura honorária. Era, para quem já fora escravo, uma marca sem precedentes de favorecimento. *Io Saturnália*, de facto.

No entanto, a natureza da Casa de César fazia com que as suas rivalidades fossem como a hidra. Cortava-se uma cabeça e, de imediato, nascia outra. O sucesso de Narciso na eliminação de Messalina, e a preponderância que o tinha conduzido aos bastidores do Palatino, perturbava o equilíbrio de poder que há muito tempo prevalecia entre os

três libertos nos quais Cláudio mais confiava. Calisto e Palas, como sempre, mantinham a lucidez quanto ao funcionamento da corte do seu amo. Na verdade, quando Calisto morreu, logo após a grande *dégringolade* de 48, é que se perceberia a verdadeira dimensão da sua influência: pois foi um dos poucos homens, no centro do poder, que morreu de morte natural. E Palas, mesmo não tendo grande escolha a curto prazo a não ser aceitar a predominância de Narciso, não pretendia aceitá-la para sempre. Conhecia bem o seu amo. Melhor que do que o seu rival, conseguia apreciar a dimensão da humilhação que Cláudio tinha sofrido, e as inevitáveis inseguranças que daí advieram. Messalina tinha sido mãe e mulher; e a sua queda tinha causado terríveis danos às perspectivas dos seus filhos. Depois do escândalo que a visitara, como é que Cláudio podia promover a sua família como um modelo das virtudes romanas? Como as coisas estavam, a sua tarefa tinha-se tornado impossível; e enquanto assim fosse, ele era obrigado a sentir que a sua legitimidade como governante do mundo estava posta em causa. O velho problema, de que Cláudio não era mais descendente de Augusto do que qualquer um dos outros ambiciosos senadores, voltava abruptamente a colocar-se. Havia, no entanto, uma solução óbvia que podia ser utilizada. Bem mais perspicaz do que Narciso, Palas sabia que o seu amo não tinha outra alternativa senão adotá-la.^[56] Durante os anos do primado de Messalina, Agripina evitou ao máximo qualquer problema. O seu filho tinha o sangue de Germânico e de Augusto a correr-lhe nas veias; e ela própria era famosa pela sua beleza. O destino da sua irmã mais nova, exilada e eliminada após provocar ciúmes em Messalina, representava uma séria advertência. Assim, em vez de se envolver em intrigas da corte, dedicou as suas energias a reparar as suas finanças. O casamento com um senador fabulosamente rico tinha-a ajudado, assim como a morte dele pouco tempo depois. Cláudio, desesperado por

encontrar uma maneira de melhorar a sua legitimidade depois da calamitosa queda de Messalina, não tinha de olhar para muito longe. Agripina, por ser sua sobrinha, era, sem dúvida, um problema: os Romanos estavam tão revoltados com o incesto que o colocavam ao lado da traição como uma das duas únicas acusações admitidas como provas dos escravos torturados. No entanto, longe de tentar encobri-lo, ou de tentar que Agripina fosse adotada por outra família, como poderia ter feito, Cláudio foi obrigado a proclamar que se casaria com a sua própria «protegida»^[57], dado que era precisamente a ascendência da sua sobrinha o que a tornava tão valiosa para ele. Melífluo como sempre, foi Vitélio quem serviu de casamenteiro. Ao falar perante o Senado, fê-lo com a sua costumeira habilidade. Depois de, com uma expressão séria, elogiar Cláudio como modelo de sobriedade, solicitou, para o bem do próprio César, de Roma e do mundo, uma alteração à lei que proibía um tio de casar com uma sobrinha. «Pois foi, por certo, por saberem antecipadamente que o nosso *Princeps* nunca dorme com uma mulher que não a sua, que os deuses lhe providenciaram esta viúva!»^[58] Os senadores irromperam em aplausos; no Fórum, uma multidão, cuidadosamente mobilizada, juntava-se-lhe em entusiásticos aplausos, também encorajadores. O Senado e o povo romano estavam em uníssono. Como podia Cláudio resistir ao seu pedido?

É claro que muitos, que não participaram nas várias encenações de entusiasmo, ficaram chocados com o que consideravam um truque legal, e temiam que nada de bom pudesse advir de uma tal «união ilegal e deplorável»^[59]. Mas Agripina não era uma delas. Casar com Cláudio, um idoso que se babava, por mais fisicamente insatisfatório que fosse, representava um triunfal regresso ao centro do poder, perdido aquando da sua queda em desgraça. Naturalmente, uma mulher disposta a prostituir-se com o seu tio não podia esperar ser poupada ao escárnio dos Romanos;

mas, apesar de tudo, as suas injúrias estavam imbuídas de um certo rancor respeitoso. Ao contrário da anterior mulher do imperador, Agripina não era apontada como ninfomaníaca. «Nas suas ações privadas foi sempre muito respeitável, exceto quando lhe cheirava a poder.»^[60] Tal como se dizia que Augusto cometera adultério somente para espiar o marido de uma mulher, as supostas infidelidades de Agripina eram atribuídas à sua implacável determinação em chegar ao topo. Tal ambição, chocante e contranatura por partir de uma mulher, marcava-a como um dos indiscutíveis pesos pesados. «A forma como exercia o seu domínio não era apenas corrosiva, era essencialmente masculina.»^[61]

A percepção de que o governo do mundo tinha sido entregue a uma amante tão autoritária e determinada, viria apenas a ser reforçada no ano seguinte. Poucos duvidavam da dimensão das esperanças que Agripina tinha em relação ao seu filho; e foi sem surpresa que, no ano 50, aos 13 anos de idade, Domício foi formalmente adotado pelo seu padrasto como um Claudiano. O rapaz deixava de se chamar Lúcio Domício Enobarbo, para passar a usar o impressionante nome de Nero Cláudio César Druso Germânico. Retratos de Nero, de rosto redondo, ainda com um toque de gordura infantil, começaram imediatamente a proliferar. Contudo, era o esplendor da sua mãe a preencher todas as atenções. Honrarias das quais nem mesmo Lúvia tinha desfrutado, foram-lhe concedidas pelo marido. Pela primeira vez, um imperador permitiu que a sua mulher fosse agraciada com o impressionante título de «Augusta» enquanto ele estava ainda vivo, que fosse representada em esculturas usando a coroa em forma de lua crescente de uma deusa, e de aparecer com ele nas moedas. Antes da queda de Messalina, as moedas tinham cunhadas no seu verso imagens onde se proclamavam os muitos triunfos de Cláudio, mas isso deixara de acontecer. Onde anteriormente havia soldados, arcos triunfais e palavras de ordem de

autoengrandecimento, brilhavam agora apenas as cabeças de Agripina e Nero. Era a dimensão da crise que assim o exigia. Não podia permitir-se que a dolorosa ferida infligida à família de Augusto infetasse. A todo o custo, o seu futuro tinha de ser apresentado como estável.

Naturalmente, aqueles que estavam predispostos a ver em Cláudio um idiota flexível, um brinquedo de mulheres e escravos, só viram confirmado o desprezo que por ele sentiam. O imperador, como toda a sua vida fizera, encolheu os ombros. Acreditava que estava em jogo não apenas a sua sobrevivência, mas a segurança do povo romano a longo prazo. Desde muito cedo que Cláudio estava ciente das terríveis consequências da guerra civil. Quando jovem, ao começar a escrever a história da subida ao poder de Augusto, tinha sido severamente repreendido por Lúvia e pela mãe, e convencido a abandoná-la. «Ninguém», disseram-lhe, «seria capaz de fazer uma narração exata ou fidedigna do que realmente aconteceu.»^[62] Décadas depois, a ameaça do que poderia acontecer se desse um passo em falso e desperdiçasse o legado de Augusto, e traísse a herança de uma paz que durava há décadas, ainda ensombrava Cláudio. Conhecedor dos aspetos mais duros e severos da história da República, sabia que o ideal de cidadania podia, por vezes, exigir sacrifícios. Com Messalina relegada ao esquecimento, e Britânico ainda apenas com nove anos de idade, não podia contar com o seu filho para que tomasse o leme do mundo. Cláudio estava velho e doente: era demasiado perigoso deixar um Nero, ainda imprevisto, entregue às exigências de governar Roma. Naquele inverno, suceder-se-iam advertências acerca da fragilidade do destino de César. Viram-se aves anunciadoras de maus presságios a sobrevoar o Capitólio. A cidade foi abalada por terremotos. Entretanto, nos armazéns ao longo do Tibre, as reservas de cereais estavam a acabar. Uma multidão faminta encurralou Cláudio no Fórum, e tê-lo-ia despedaçado se ele não tivesse sido

resgatado por um destacamento de tropas. Era uma salutar lição. Aquilo que o imperador devia estreitar junto ao peito era o amor do povo e as armas dos pretorianos. Logo que pudesse, Cláudio trataria de colocar ambos à disposição do seu futuro herdeiro. A oportunidade perfeita não tardou. No décimo quinto aniversário de Nero, um ano antes do previsto, ele foi autorizado a celebrar a chegada à maioridade. Primeiro, esbanjou donativos aos Romanos e aos pretorianos; depois, encabeçou um desfile dos pretorianos. Passado pouco tempo, para reforçar a posição, fez o seu primeiro discurso no Senado. Entretanto, enquanto Nero se ocupava a pavonear-se com a sua nova toga, ou a presidir ao Circo nos seus trajes reais, Britânico amuava na sua toga listrada própria das crianças. Quando tentou lutar contra a proeminência do seu meio-irmão chamando-lhe «Domício», Agripina exigiu a Cláudio substituir os professores do rapaz por candidatos escolhidos por si. O principal tutor de Britânico foi condenado à morte sob a acusação de conspirar contra Nero. A Augusta era especialista a executar este tipo de estratagemas. Só não se importava de ver alguém a ocupar um lugar importante se tal se devesse a si. Foi por isso que, pouco depois do seu casamento com Cláudio, o conseguiu convencer a nomear para o comando dos pretorianos um homem cuja lista de serviços prestados à sua família era tão impecável, como a sua falta de linhagem era gritante. Apesar de Sexto Afrânio Burro ser um distinto oficial, e até ter uma mão mutilada que o provava, tal não alterava o facto de ele ser irremediavelmente provinciano «e, como tal, não podia deixar de saber a quem ficara a dever a sua promoção.»^[63]

Nas águas profundas da Casa de César, onde os monstros se alimentavam dos mais fracos e continuavam sempre esfomeados, Agripina tinha mostrado ser mais predadora do que ninguém. «Não são as armas que constituem a salvaguarda mais segura do poder, mas a capacidade de

conceder favores.»^[64] Assim observou Sêneca, a partir do seu exílio na Córsega, numa perspectiva providenciada pela distância. Agripina, disposta a mostrar a verdade do seu *aperçu*, conseguiu trazê-lo de volta à capital depois de se casar com Cláudio. O seu filho precisava de um tutor, e quem melhor do que o mais importante intelectual de Roma? Sêneca, naturalmente, aproveitou a oportunidade. Poder educar um futuro governante do mundo, como Aristóteles tinha ensinado Alexandre, o *Grande*, era o sonho de qualquer filósofo. Não que Agripina quisesse que o seu filho aprendesse algo tão impraticável quanto a filosofia: era o talento de Sêneca para discursar que ela tinha contratado. Assim, quando Nero entrou na Casa do Senado, tornou-se evidente que o seu tutor tinha feito o seu trabalho. Os senadores, amadurecidos ao serviço de Roma, escutaram o jovem de 16 anos, que lhes apresentava os seus pontos de vista sobre assuntos externos, sem detetarem qualquer sinal de nervosismo. Ao contrário de Cláudio, ele parecia ter nascido para a função. Fluente, sólido e intimidativamente presunçoso, Nero era o oposto do velho imperador. A sua juventude, uma inevitável causa de perturbação numa Casa do Senado ainda marcada pelas memórias de Calígula, parecia ter-se transformado quase numa fonte de energia.

Nero não fora o único a atingir a maioridade. Em 53, numa aparente confirmação do seu estatuto de herdeiro escolhido, casou-se com Otávia, filha de Cláudio e Messalina. Havia, no entanto, uma segunda mensagem transmitida pelo casamento. Britânico era apenas um ano mais novo do que a irmã, e servia de lembrança aos Romanos de que ele também estava à beira de atingir a maioridade. Fosse no Senado, nos acampamentos pretorianos, nas tabernas e nos mercados, ele ainda tinha apoiantes. Na Casa de César também. Palas, cujo apoio inicial de Agripina lhe permitira ser recompensado com honrarias públicas que tinham suplantado as que

foram concedidas a Narciso, ainda não tinha conseguido atingir uma total predominância. Tomando Britânico nas suas mãos, Narciso abraçá-lo-ia e pedir-lhe-ia que crescesse rapidamente. Cláudio também, tomando o filho, prometeu-lhe, se ele atingisse a maioridade, «um relato de tudo o que tinha feito»^[65]. Em 54, quando Britânico fez 14 anos, esse momento já não estava muito longe. Nero tinha vestido a toga de homem pela primeira vez quando tinha apenas 15 anos. Porque não o faria o irmão mais novo? Cláudio começou a falar abertamente do quanto estava ansioso pela realização da cerimónia. Bastava apenas mais um ano, e teria o dobro de candidatos para lhe sucederem — e então, o futuro de Nero já não pareceria tão certo.

Ninguém duvidava de que se estava a preparar uma grande perturbação. Do céu, chovia sangue; as águias pretorianas foram atingidas por um raio; um porco nasceu com garras de falcão. Entretanto, nos tribunais, a avó de Britânico, Domícia Lépidia, era acusada de vários crimes capitais. Poucos duvidavam de quem estava por detrás das acusações, pois entre elas estava a de praticar feitiçaria contra a mulher do imperador. Nero — ao que se dizia, instruído pela sua mãe — apareceu como testemunha de acusação. Domícia Lépidia, como era inevitável, foi condenada à morte. Depois, em outubro, o mais formidável dos adversários de Agripina partiu de Roma. Narciso, como convinha ao homem muito rico em que se tinha tornado, sofria de gota; e para tal doença não havia remédio mais seguro do que as águas das termas de Campânia. Naturalmente, ele não tinha qualquer intenção de arriscar tirar umas longas férias. Não podia dar-se ao luxo de estar longe da capital por muito tempo. Mas, se fizesse apenas uma pequena pausa, o que é que poderia acontecer?

A resposta chegou na madrugada do dia 13 de outubro, apenas três meses antes de Britânico atingir a maioridade. Cláudio, ao que se dizia, estava

gravemente doente. O Senado foi convocado. Os cônsules e os sacerdotes ofereceram orações para a recuperação do César. Entretanto, no Palatino, tinham sido barrados todos os portões, e os esquadrões de soldados bloqueavam os diferentes acessos. Mesmo assim, ainda havia espaço para o otimismo. Durante toda a manhã, foram transmitidos vários comunicados tranquilizadores, e foram vistos vários atores cómicos a dirigirem-se à casa de César, pois dizia-se que Cláudio tinha pedido para ser entretido no seu leito de doença. Então, de repente, ao meio-dia, os portões abriram-se completamente. Nero saiu, acompanhado por Burro, o novo prefeito dos pretorianos. Os homens que estavam de guarda saudaram-no de forma exuberante. Nero foi conduzido a uma liteira: seguido por uma escolta de soldados, dirigiu-se de imediato para o acampamento pretoriano. Aí, anunciou a quem o ouvia que Cláudio estava morto, antes de prodigamente lhes oferecer outro enorme bónus. Depois seguiu para a Casa do Senado. Os seus membros sabiam bem o papel que deles se esperava. Todos os vários poderes e honrarias detidos pelo seu antecessor foram atribuídos a Nero, com unanimidade e aclamação. Houve apenas um que o novo César, de 17 anos de idade, modestamente, declinou: o de «Pai da Pátria». Roliço, de bochechas suaves e com os lábios rosados de uma rapariga, Nero sabia bem que tal raiaria o ridículo. Depois, ao conseguir para o seu pai adotivo as honras divinas, garantiu para si a conquista de um título: «Filho de um deus». E Cláudio? O que lhe teria acontecido para partir tão abruptamente do Palatino para o trono dourado de um imortal? Roma tinha sido abalada por febres todo aquele ano, e Cláudio, adoentado desde o nascimento, tinha 63 anos: era muito provável que tivesse morrido de causas naturais. Porém, era inevitável que, numa cidade sempre desperta para os mais ténues boatos sobre criminalidade, as circunstâncias da sua morte levantassem suspeitas. Quando Nero, numa piada casual, declarou que «os cogumelos eram o

alimento dos deuses, uma vez que foi por intermédio de um cogumelo que Cláudio se tornou um deus»^[66], pareceu a muitos que ele estava a dar uma pista sobre o que realmente tinha acontecido. Existiram várias versões sobre o assassinato: que Agripina tinha encomendado a um famoso envenenador para preparar um prato de cogumelos; que ela mesmo o tinha preparado; que tinha persuadido o médico do seu marido a espetar-lhe uma pena envenenada na garganta. Ninguém o podia saber ao certo e todos suspeitavam o pior.

Quanto a Nero, tenha a sua mãe feito jogo sujo ou não em defesa dos seus interesses, ele sabia o quanto lhe devia. Naquela noite, quando lhe foi pedido, pela primeira vez enquanto César, que desse a palavra de ordem aos pretorianos, ele não hesitou. A frase que escolheu era um generoso reconhecimento da sua dívida: «A melhor das mães.»^[67]

MAS QUE ARTISTA

Mamma mia

Nenhum membro da família de Augusto balançou entre os extremos da calamidade e do triunfo como Agripina. Sozinha entre os numerosos descendentes de Augusto condenados ao exílio, tinha conseguido recuperar do declínio. Nunca se esqueceria do que era falhar. Durante mais de um ano, a ilha para onde o seu vingativo irmão a enviara tinha sido uma estéril caricatura da grandeza. Para a elite romana, a imagem do sucesso era dada pela posse de propriedades repletas de fontes de água, e isso tinha sido concedido a Agripina durante o seu exílio. A sua prisão não envergonharia uma *villa* na Baía de Nápoles: viveiros artificiais, marisco fresco e, claro, uma vista para o mar. Contudo, estes variados luxos apenas enfatizavam as angústias do exílio. O isolamento corroía qualquer deleite, pois era tanto o ambiente como o estado de espírito que determinavam a dimensão do prazer. Até Baiae, apesar das suas belezas requintadas, teria perdido valor sem a pressão dos rumores e da música que pairavam na sua brisa perfumada.

E sem as suas marinas também. A Baía de Nápoles, apesar de ser agitada pelas rotas de navegação dos inúmeros cargueiros com destino a Puteoli, e pelas galeras da frota de César, estava longe de ser utilizada exclusivamente para o comércio e a defesa. Andar à deriva nas suas águas frias e cristalinas, passando os cais e as grutas artificiais que adornavam a costa, sempre fora

um prazer particular da elite romana. Calígula, como era de prever, elevava-o a um novo nível de excesso. Enquanto as suas irmãs apodreciam nas ilhas onde estavam presas, ele cruzava a costa da Campânia numa galera especial, equipada com banhos, colunas caneladas e videiras, e que era, na prática, um incomparável palácio flutuante. Na verdade, era de tal modo íntima a associação que os Romanos muito ricos faziam entre o prazer e a água, o luxo e os barcos, que as enseadas da Campânia eram insuficientes para os acolher. Qualquer extensão de água transformava-se numa potencial fonte de atração. Calígula, sempre que não lhe apetecia ir para Baiae, tinha outras alternativas. Por exemplo, a cerca de 32 quilómetros a sul de Roma, situada entre um conjunto de colinas acima da Via Ápia, ficava o lago Nemi, tranquilo e arborizado. Aí, ansioso por usufruir dos seus variados encantos, o irmão de Agripina tinha mandado construir uma gigantesca casa-barco. [*] Escusado será dizer que não se pouparam despesas. Mosaicos, embutidos de mármore, telhas douradas: tudo isso ostentava a prazerosa barca de Calígula. Até os canos de chumbo tinham o seu nome cuidadosamente estampado. Para Agripina, há muito resgatada do exílio, o barco servia de lembrança de tudo o que lhe tinha sido negado durante o tempo em que esteve desacreditada. Que a mesma embarcação encomendada pelo irmão que a tinha encarcerado fosse agora propriedade do seu filho, não podia deixar de trazer um sorriso aos lábios da Augusta.

Ou talvez não. Por mais sumptuoso que o barco fosse, e o cenário tão deslumbrante, num lago tão perfeitamente circular e espelhado, que era conhecido como o Espelho da Lua, para alguém tão desperto para as exigências do poder como Agripina, Nemi tinha qualquer coisa de sinistro. À partida não o parecia. Como na Baía de Nápoles, nas encostas do lago podiam ver-se monumentos à elegância suburbana. O próprio Júlio César tinha ali construído uma casa; a mãe de Augusto era natural de uma cidade

próxima. No entanto, tal como em Roma permaneciam memoriais aos tempos distantes de Rômulo por entre o betão e o mármore do Palatino, também em Nemi, lançando uma frieza sobre o cenário de luxo, tremeluziam as sombras de algo muito antigo. Eneias não fora o único herói a viajar para a Itália na sequência da queda de Troia. Na Grécia, Agamémnon, o rei que tinha sido o comandante-chefe dos exércitos que regressaram, tinha sido assassinado pela sua rainha, Clitemnestra; e ela, por sua vez, por ordem dos deuses, tinha sido morta pelo seu filho, um jovem chamado Orestes. Terríveis demónios, conhecidas como Fúrias, armados com chicotes e tochas de fogo, persegui-lo-iam devido ao monstruoso crime do matricídio. Orestes, durante as suas andanças, tinha ido para oeste, levando consigo uma estátua da irmã gêmea de Apolo, a virgem caçadora Diana; e em Nemi, no arvoredado sobranceiro ao lago, construiu um santuário para a deusa. A partir de então, em memória do fundador do culto, o seu sacerdote era sempre um fugitivo: um escravo foragido que, depois de invadir o santuário, desafiava o seu titular e o conseguia matar. Uma vitória fatal, pois cada sacerdote vivia com o conhecimento de que o tempo viria em que ele, por sua vez, pereceria às mãos do seu sucessor. Durante mais de mil anos, os assassinatos seguiram-se num interminável ciclo. Quando Calígula chegou ao santuário e se apercebeu de que o sacerdote permanecia *in situ* há vários anos, divertiu-se a patrocinar um jovem, e mais apto, candidato; mas não seria ele o último a rir. Não menos do que o santuário em Nemi, a Casa de César era um potencial espaço de matança, onde a morte podia aparecer a qualquer instante para aqueles que não conseguissem proteger as suas costas. Como os sacerdotes de Diana, Calígula acabaria embebido numa poça de sangue, e Agripina, cujo regresso do exílio nunca teria acontecido sem a sua eliminação, não tinha a intenção de sofrer destino igual.

Ela tinha um bom motivo para não se esquecer da deusa do lago Nemi. Durante o seu casamento com Cláudio, procurara expiar o crime de incesto, patrocinando rituais que o propiciassem no bosque sagrado com o marido. Alguns meses mais tarde, Cláudio viria a fazer uma consagração formal a Diana, pedindo à deusa que o mantivesse a ele e a Agripina a salvo, assim como a Nero e a Britânico. Mas não fora suficiente. A deusa tinha abandonado Cláudio. As lamparinas continuavam a arder no santuário que encomendara em Nemi; mas agora ele estava morto, e corriam fortes rumores de que a sua mulher tinha sido a responsável. Verdade ou não, Agripina sabia que para a sua segurança não bastavam as lamparinas acesas a Diana. Não tinha esquecido a lição aprendida no santuário de Nemi. A deusa favorecia aqueles que construía a sua própria sorte. E foi assim que Agripina, ainda o corpo de Cláudio não tinha arrefecido, fez chegar aos seus agentes na Ásia instruções para envenenarem o governador da província que, como o seu filho, era bisneto de Augusto. Isso era, pelo menos, o que se pressupôs em Roma, quando chegou a notícia da morte do pobre homem. E era perfeitamente razoável que assim fosse. O destino de Narciso, preso quando regressava da Campânia, não deixara a ninguém qualquer dúvida de que Agripina estava a limpar a casa. O suicídio na prisão do liberto favorito de Cláudio marcava o seu controlo do Palatino. Com Palas mais responsável do que nunca pelas finanças, Burro no comando dos pretorianos, e Séneca a orquestrar as negociações no Senado, ela podia gabar-se de se ter posicionado em todos os lugares. O sacerdócio do deificado Cláudio, que lhe foi atribuído pelos senadores, e a duplicação do número de lictores concedidos a Lúvia na sua viuvez, eram o selo do seu espantoso regresso. «Ela ousou lutar pelo domínio do mundo sagrado.»^[1] Nunca antes os Romanos tinham podido dizê-lo de uma das suas mulheres.

No entanto, o topo atingido por Agripina era precário. A proeza

conseguida ao escalá-lo não deixava de inspirar uma amarga desconfiança na maioria dos homens. Os senadores, convocados ao Palatino, ressentiam-se profundamente com o que sabiam ser a sua inquietante presença atrás das cortinas, ouvindo tudo o que diziam. Até mesmo Sêneca, apesar de tudo o que lhe devia, estava também perturbado com as suas pretensões. Como filha de Germânico, Agripina não via qualquer razão que a impedisse de afirmar a sua autoridade com firmeza tanto nas fronteiras como nos assuntos domésticos. Sabia bem como fazê-lo, quando se tratava de deixar a sua marca nos assuntos militares. Quando Carataco, acorrentado, fora levado à presença de Cláudio, Agripina também estava presente, sentada ao lado do marido e entronizada pelas águias — «algo sem precedente»^[2]. O seu permanente interesse na Germânia, onde o seu pai tinha realizado atos heroicos e onde vivera em criança, levou a que a capital do Reno fosse rebatizada em seu nome; e assim, o Altar dos Úbios tinha-se tornado na *Colonia Agrippinensis*, a futura cidade alemã de Colónia. Mas agora, nos primeiros meses de reinado do seu filho, a atenção estava concentrada não na fronteira norte, mas na Arménia, onde os Partos procuravam afanosamente substituir um rei apoiado pelos Romanos por um fantoche próprio. Uma crise que Agripina estava decidida a tratar ela própria. Quando uma embaixada arménia chegou a Roma, achou que deveria estar sentada ao lado do filho para os receber. Sêneca, um inveterado civil, mas cujo temperamento académico e velhos problemas respiratórios só tinham aumentado o seu respeito pelas tradições marciais dos Romanos, ficou consternado. Determinado a que, pelo menos, alguns limites do decoro fossem respeitados, instruiu Nero para que se levantasse do seu assento, fosse ao encontro da sua mãe e a conduzisse a uma zona lateral. O escândalo seria, assim, evitado. «Fui eu quem te fez imperador.»^[3] Era o que Agripina passava a vida a lembrar ao seu filho. Nero, que tinha apenas

16 anos, e que, como qualquer criança romana, fora educado a tratar com deferência os progenitores, não tinha outro remédio que não fosse ouvi-la. Foram várias as inovações que o proclamavam aos Romanos. Nas moedas de Nero, o seu perfil e o de Agripina, de igual tamanho, apresentavam-se virados um para o outro, como se se tratasse da celebração de uma parceria; nas suas inscrições, fez questão de incluir a linha de descendência da sua mãe, tal como a do seu pai. Mas havia limites. Afinal, ele era o governante do mundo. Não podia dar-se ao luxo de parecer dominado pela mãe. Em vez disso, sendo suficientemente perspicaz para reconhecer o *consigliere* que tinha em Séneca, Nero estava disposto, mesmo agora que era César, a continuar a ser aluno do seu velho tutor. Aconselhado a enfrentar a crise na Arménia com determinação e dureza, aumentou o número de soldados ao longo da frente oriental e enviou um veterano da fronteira germânica para assumir o comando da situação, daí resultando que, pouco depois, os Partos seriam obrigados a render-se. Entretanto, em Roma, Nero continuava a apresentar-se, com grande desenvoltura, como o modelo de um governante benevolente. Afavelmente, recusou a oferta do Senado de que fossem erigidas estátuas suas cobertas a ouro e a prata. Determinou um término para os julgamentos por traição que tinham manchado a reputação de Cláudio, e manteve a sua palavra. Numa ocasião, ao ser-lhe apresentada uma sentença de morte para assinar, suspirou, e depois, com grande teatralidade, diria num lamento que nunca tinha aprendido a escrever. «Em suma, não perdia nenhuma oportunidade para mostrar a sua generosidade, a sua misericórdia e a sua benevolência.»^[4] Era da natureza das fações à espreita sob a superfície da Casa de César estarem sempre à procura de novos campos de batalha. Agora, na luta para arregimentar o jovem imperador, Agripina e Séneca tinham encontrado o foco perfeito para a sua crescente rivalidade. Duas potentes, mas contraditórias, versões da imagem

de Nero estavam a ser vendidas ao mundo: a de um obediente filho da Augusta, filha de Germânico, sem a qual ele nada seria; e a de pai do seu povo, sábio para além da sua idade, «sempre tolerante ao cuidar dos seus filhos.»^[5] Nero, como um boneco, via-se sempre envolto nas vestes que outros tinham escolhido para ele. No entanto, não era fácil combater esta indignidade. Agripina tinha aliados em todos os lugares, e não tinha preço o brilho que a sua incomparável ascendência dava à legitimidade de Nero. Entretanto, Séneca, conhecedor como ninguém das tradições que os Romanos mais prezavam, tinha um inestimável valor devido à sua capacidade de as moldar de acordo com as necessidades do seu senhor. Nenhum podia ser alijado; e Nero, atento à fragilidade da sua própria posição, sabia bem que, por enquanto, não devia tentar fazê-lo. Contudo, quanto mais cansativos lhe pareciam ser a mãe e o tutor, mais ansiava por afirmar-se. Não lhe faltaram oportunidades. Quando, irritado pelo casamento com a filha de Cláudio a que Agripina o forçara, começou a olhar à sua volta à procura de uma mulher mais de acordo com os seus gostos do que a sisuda e respeitável Otávia, encontrou-a na pessoa de uma ex-escrava chamada Cláudia Acte. Agripina, como não podia deixar de ser, ficou chocada. «Uma criada como minha nora?»^[6] Era algo impensável. Porém, em vez de recuar, Nero pediu ajuda ao seu tutor que, de pronto, providenciou para que um dos seus colegas servisse de intermediário entre Cláudia Acte e o seu amante. Todavia, apesar de promover com frequência o seu jovem aluno como modelo de responsabilidade, Séneca enfrentava os seus próprios desafios. Nero, cansado de gastar o seu tempo a fazer jus aos rígidos ideais do seu tutor, queria dar asas às suas emoções. Era encorajado nessa ambição por um jovem libertino chamado Marco Sálvio Otão, que tinha o bizarro e extravagante gosto de enfiar desgraçados dentro de fardas militares, tornando-o alguém muito estimado por Nero. Otão, ao contrário

de Sêneca, não o estava sempre a importunar com as suas obrigações; Otão, ao contrário Sêneca, estava familiarizado com os bairros mais suspeitos e depravados de Roma. Novas dimensões de experiências e oportunidades, apenas insinuadas nos livros de filosofia, esperavam-no na cidade, o que era uma perspetiva emocionante para qualquer jovem que, como Nero, «amava o inconcebível»^[7]. Cada vez mais, já não era Sêneca quem «partilhava com ele todos os seus planos e segredos»^[8], e, menos ainda, Agripina, mas antes companheiros como Otão.

No entanto, no centro do regime do jovem César, como acontecera desde a sua ascensão, mantinham-se, sinistras, as mesmas pulsações e tensões entre o espetáculo e a realidade do poder. Nero sabia, porque a sua mãe o estava sempre a lembrar, que nunca teria ascendido ao governo do mundo sem as suas manobras e manipulações; também sabia que não era o único candidato a governar como César. Na sua mente, estava sempre presente a advertência de que ele não era indispensável, e que Britânico estava à espreita. E isso tinha ficado perturbadoramente claro para Nero quando, durante a primeira Saturnália do seu reinado, foi pedido ao seu meio-irmão que, como castigo, se levantasse e cantasse, tendo ele entoado uma elegia à sua condição. Agripina, determinada em manter o filho sob controlo, não hesitava em ameaçá-lo com as perspetivas do seu rival. Quando Nero, com grande ousadia, demitiu Palas do lugar no Palatino, a fúria da sua mãe perante a exoneração do seu mais valioso agente foi algo terrível. «Vou levar Britânico para o aquartelamento dos pretorianos! Aí, os soldados ouvirão a filha de Germânico!»^[9] Era uma ameaça mortífera, e Nero sabia-o. Agripina, como tinha feito toda a sua vida, jogava duro, e jogava para ganhar, mesmo contra o seu próprio filho.

Ressentido e humilhado, Nero descarregou a sua fúria da forma mais fácil de que dispunha: sodomizar repetidamente o seu meio-irmão. A

sodomia era o meio fisicamente mais brutal de que os Romanos se serviam para afirmar o seu domínio sobre um rival; mas, no caso de Nero, era também uma expressão de impotência. A sua mãe, ao que parecia, tinha vencido. Quando, em meados de 55, convidou Agripina para um banquete, certificando-se de convidar também Britânico e Otávia, não parecia haver muitas dúvidas quanto às mãos que seguravam o chicote na família de Augusto. Depois, durante a refeição, Britânico começou subitamente a sufocar. Com os olhos arregalados e a respiração ofegante, o seu corpo entrou em espasmos. À sua volta, os outros hóspedes ergueram-se consternados, mas Nero, encostado no seu sofá, assistia despreocupado. «Epilepsia», murmurou com frieza, e depois olhou para a mãe. Agripina, impávida, tentava não demonstrar o seu horror; Otávia também. O cadáver de Britânico, pintado de branco para disfarçar a sua hedionda descoloração, foi levado para fora do Palatino nessa mesma noite.^[10] Quando estava a ser levado através do Fórum, começou a chover e a pintura começou a desvanecer. Porém, a tempestade não impediu que se acendesse uma pira no Campo de Marte, onde o corpo seria rapidamente cremado. As cinzas foram depositadas no Mausoléu de Augusto. Com Britânico morto, a linhagem dos Claudianos, a mais formidável de todas as famílias romanas, morrera também. Já nada mais restava do que «sombras pálidas e poeirentas.»^[11]

Agripina, que tanto tinha lutado para deserdar Britânico, chorava-o agora sem qualquer fingimento. Tivesse, como Nero solenemente persistia em afirmar, sucumbido a um ataque epilético, ou a algo mais sinistro, a consequência fora a mesma: já não havia mais nenhum herdeiro no Palatino. Qualquer perspectiva de manter Nero sob controlo tinha desaparecido, como ele tornaria claro em breve. Educadamente, mas com firmeza, Agripina foi afastada da Casa de César para a velha *villa* que pertencera à sua avó. Foram-lhe retirados os guarda-costas, e o seu rosto

começou a desaparecer nas novas moedas. Já não havia gente a bater-lhe à porta na esperança de algum patrocínio, o que era um infalível sinal de problemas numa cidade como Roma. O cheiro a sangue pairava no ar. Agripina tinha muitos inimigos, e eles estavam sequiosos de a derrubar. Entre todos, a mais proeminente era Domícia, a sua antiga rival pelo afeto de Nero, e cuja irmã, Domícia Lépida, tinha sido condenada à morte pouco antes da morte de Cláudio. Nesse caso em particular, o dedo de Agripina estivera por todo o lado; ávida de vingança, Domícia procurava agora pagar-lhe com a mesma moeda. Escolheu como agente dessa vingança um dos seus libertos, um ator muito admirado por Nero, chamado Paris. Chegando ao Palatino a coberto da noite e levado à presença do imperador, nomeou uma série de acusações sensacionais contra Agripina. Que ela era amante do primo de Nero, um tetraneto de Tibério chamado Rubélio Plauto. Que estava disposta a casar-se com ele. Que estava a planear substituir o seu filho pelo novo marido, e depois a governar o mundo ao seu lado. Nero, que estava ainda mais paranoico do que o habitual por ter bebido de mais, entrou em pânico. Séneca e Burro foram convocados de imediato. Séneca foi o primeiro a chegar, e Nero, de acordo com um relato, falou descontroladamente em demitir o prefeito por ser um instrumento da sua mãe. No entanto, mesmo para alguém tão furiosamente inebriado como Nero, a perspectiva de como os pretorianos poderiam reagir a tal ação era algo muito sério; e, quando Burro chegou ao Palatino, já se tinha arrependido disso. Mas numa coisa estava determinado: tinha chegado a hora de resolver, de uma vez por todas, o problema da sua mãe. A ordem dada a Burro não podia ter sido mais explícita nem chocante: matar Agripina.

Mas até César podia ir longe de mais. Com frontalidade, Burro disse a Nero que ele estava bêbado e que veria as coisas de forma diferente na

manhã seguinte. Brusco por natureza, o prefeito falou com a autoconfiança de um homem que sabia quão leais os seus homens ainda permaneciam à filha de Germânico. E assim, a tentativa de eliminar Agripina acabou de forma espetacular, por se repercutir sobre os seus autores, pois tinha levado Séneca e Burro a reconhecer quão expostos ficariam sem ela. Em última análise, não tinham grande escolha a não ser afundarem-se ou continuarem à tona com a Augusta. Far-se-ia uma superficial investigação às acusações contra a sua antiga protetora, e o seu triunvirato seria discretamente remendado. Em vez de os desafiar, Nero optou por um recuo tático. Não só Agripina foi totalmente ilibada das acusações que lhe foram feitas, como teria a oportunidade de recuperar o terreno perdido. Domícia foi publicamente humilhada ao ver abolidos os seus direitos de patrocínio a Paris, enquanto outros dos acusadores de Agripina foram banidos, e os seus apoiantes promovidos. Quem estivesse familiarizado com os constantes equilíbrios de poder no Palatino não tinha quaisquer dúvidas sobre o que acontecera. Nero tinha sido forçado a fazer grandes concessões. Os limites da sua autoridade, apesar de ser o César, tinham ficado flagrantemente expostos.

«O poder chega sob muitas formas.» Assim lembrara Séneca ao seu senhor, depois do turbulento primeiro ano de Nero como imperador. «Um *princeps* influencia os seus concidadãos, um pai os seus filhos, um professor os seus alunos, os oficiais os soldados apropriados à sua posição social.»^[12] No entanto, Séneca, apesar de reconhecer que a própria palavra «*princeps*» se tinha tornado numa espécie de equívoco, e que os poderes de Nero eram mais apropriados a um rei, iludia-se a si mesmo. O seu entendimento de como se devia exercer corretamente o poder decorria das tradições primordiais dos Romanos: obediência a quem manda; admiração pela disciplina férrea na família e na legião; respeito pelo dever. Estas eram

as virtudes aprovadas por Augusto, Tibério e Cláudio. E, contudo, persistia sob a prolífica e radiosa capital, com os seus teatros e circos, os seus jogos e peças de teatro, os seus desfiles, festas e corridas, o inebriante perfume de uma marca de poder muito diferente. Séneca, dizia-se, na noite seguinte a ter sido apresentado a Nero, tinha sonhado que estava a ensinar Calígula; e talvez essa visão tenha sido profética. Ganhar o amor das pessoas; ceder aos seus entusiasmos; atraí-las com entretenimentos capazes de suplantar as suas mais loucas fantasias: foram essas as políticas pelas quais o tio de Nero vivera e morrera.

Quinze anos depois do seu assassinato, o ódio da elite romana por Calígula permanecia tão envenenado como sempre. Para Agripina, em particular, a ideia de apresentar a Nero o seu irmão como modelo, dificilmente seria mais monstruosa. Para Séneca também: pois Calígula tinha desprezado e escarnecido do filósofo como um vendedor de banalidades, e divertira-se a ameaçá-lo com a morte. Mas havia quem, no círculo de Nero, dele tivesse boas memórias. Aulo Vitélio, um experimentado veterano nos festejos de Calígula, tinha-se assegurado, com a dissimulação que era natural na sua família, em fazer parte das novas amizades do imperador; e sendo ele um homem que tinha corrido em bigas e que tinha a lesão desportiva que o comprovava, apreciava bem o gosto de Nero pelo *glamour*. No outro lado do Tibre, em frente ao Palatino, assinalado pelo obelisco mais alto de Roma, estava a pista de corridas privada que Calígula tinha começado, mas que nunca terminara, uma negligência que Nero, encorajado por indivíduos como Vitélio e Otão, pretendia corrigir. Tal tio, tal sobrinho: comparado ao espetáculo, à ousadia, e à aprovação do povo romano, quem se importava com o que os mal-encarados conservadores podiam pensar? Só que, por enquanto, os sonhos de Nero eram maiores do que a sua coragem. Quando Séneca, perplexo com

o interesse que o seu antigo pupilo ostentava pelo Circo, incluindo o desejo de participar nas corridas, tentou refrear-lhe o entusiasmo e os dois chegaram a um compromisso. Apesar de o avô de Nero ter sido famoso pelo seu talento nas pistas de corridas, e de o seu pai, escandalosamente, ter atropelado uma criança enquanto acelerava na Via Ápia, Nero satisfazia-se a praticá-lo em privado. Mas recusava-se categoricamente a aceitar que esse desporto, apesar de ser uma distração de outros mais respeitáveis afazeres, fosse algo indigno dele. Tinha sido, disse ele a Sêneca, o passatempo de antigos reis, celebrado pelos poetas e favorecido pelos deuses. Para César, por mais que os velhos senadores insistissem, conduzir uma biga não era uma ofensa contra a majestade de Roma, antes pelo contrário. Os tempos eram outros. Encobrir o fulgor de um carisma como o de Nero era em vão. Seria como velar o sol. Afinal, até mesmo Augusto, apesar da sua pose como magistrado do povo romano, se atreveu a insinuar o que significava governar o mundo. Fora por isso que tinha encorajado os rumores de que a sua mãe tinha sido fecundada por uma cobra; e que, na sua festa de casamento, se tinha vestido como Apolo; e que, na biblioteca do Palatino, permitira a colocação de uma estátua sua, trajado como o seu divino patrono. Muitos eram os atributos do deus. Quem subisse do Fórum até à Casa de César, e ali, no cimo da estrada, passasse por baixo do grande arco construído por Augusto, poderia contemplar a famosa escultura de Apolo a conduzir a biga do sol; se continuassem até ao cume da colina e entrassem no seu templo, encontrariam à sua espera no santuário um retrato muito diferente do deus, envergando as vestes de um músico profissional e a segurar uma lira, a *cithara* de sete cordas. O que Augusto, temendo a reação dos Romanos, se limitara a insinuar, Nero, jovem e florescente, exaltava. Não se satisfazendo com a conclusão do circo privado iniciado por Calígula, pretendeu ir mais longe através do domínio da tão desafiadora

cithara, e com ela cantar as suas próprias composições. Raros eram os momentos livres que ele não passava a tanger as suas cordas e a afinar a sua voz. A luz e a música, os atributos do mais belo e mais terrível dos deuses, eram atributos dignos também de um jovem César. Longe de se desonrar, como Séneca insinuara, o domínio da biga e da lira, depois de aperfeiçoados a uma dimensão sobre-humana e apresentados aos Romanos, serviria para proclamar uma idade de ouro.

Pelo menos, a longo prazo, era essa a sua ambição. Mas, por enquanto, não passava de uma fantasia. Ainda adolescente, Nero ainda lutava para deslumbrar o mundo como achava ser capaz de fazer. Mas havia demasiados obstáculos no seu caminho. A desaprovação azeda dos sisudos e cadavéricos senadores; o perpétuo fluxo e refluxo no Palatino, das várias facções; as lealdades precárias dos pretorianos: tudo servia para bloquear as ambições do jovem César. No entanto, à medida que Nero se habituava ao poder, ficava mais preparado para explorar o que podia conseguir com ele. Em 57, aos 19 anos, inaugurou um novo anfiteatro no Campo de Marte. Construído em menos de um ano, utilizava vigas retiradas «da maior árvore vista em Roma»^[13], e a sua dimensão era correspondente às ambições do seu patrocinador. Mesmo assim, apesar da vastidão do espaço, ele não estava interessado em promover algo tão vulgar como um simples banho de sangue. Tal como o anfiteatro, com as suas redes de fio de ouro suspensas sobre a arena em presas de elefante, decorado com os pormenores de um artista, também os entretenimentos refletiam o fascínio de Nero em diluir as fronteiras entre o quotidiano e o fantástico. Aqueles que se apinhavam nas arquibancadas eram convidados a entrar num mundo antigo e cruel, em que monstros eram gerados por desejos antinaturais, e os homens com asas de penas e cera procuravam voar. Para entretenimento dos espetadores, uma mulher presa dentro de uma bezerra feita de madeira podia ser montada por

um touro, ou um artista suspenso bem acima da arena ser deixado cair. A mitologia transformava-se em algo espetacular e emocionante, onde os gritos, os aromas do medo e a carnificina eram visceralmente reais. O próprio Nero seria salpicado pelo sangue de um homem que tinha voado demasiado perto do sol. Como Cláudio tinha demonstrado, havia poucos limites para o que um César podia fazer, desde que tivesse a visão e o dinheiro para o concretizar. Nero apreciava o engenho, e não era menos fascinado do que o seu antecessor pelos grandes feitos de engenharia. Em Óstia, os cais e os molhes do novo porto continuaram a pulular com operários, e Nero, quando foi formalmente concluído, não hesitou em chamar a si os créditos.^[14] Porém, moldar o mar à sua vontade era algo inadequado à dimensão das suas ambições. «Nunca houve espetáculos que se pudessem comparar aos seus, pois ofuscavam tudo o que já se vira!»^[15] O entusiasmo gerado pelos espetáculos de Nero, mesmo entre os mais cansados dos Romanos, era tão jubiloso como natural: e um reflexo das notáveis proezas dos responsáveis pela sua encenação. Enquanto os engenheiros em Óstia transformavam o mar em terra seca, os seus colegas no coração de Roma, no Campo de Marte, transformavam a terra seca em mar. A grande batalha naval de Salamina, encenada décadas antes por Augusto, foi encenada pela segunda vez no anfiteatro de Nero. Os cenários estonteantes evocavam Puteoli e Baiae: o som dos remos; o deslizar das galeras de guerra; o aparecimento de criaturas estranhas vindas das profundezas. Algumas inovações eram tão ousadas que até na Baía de Nápoles teriam assustado os espetadores. Particularmente maravilhoso era o barco mecânico que, enquanto naufragava, «pareceu desintegrar-se, ao mesmo tempo que libertava animais selvagens, para depois, se recompor, reaparecendo como novo»^[16]. Até Nero ficou impressionado.

Agripina, conhecedora do gosto do seu filho para esbanjar dinheiro em

prodígios e entretenimentos, não se impressionava tanto. Como apenas uma mulher que tinha perdido uma fortuna o podia fazer, ela valorizava o dinheiro. As despesas descontroladas pareciam-lhe tão imprudentes quanto perigosas. Quando Nero concedeu uma espetacular gratificação a um dos seus libertos, ela ordenou que o dinheiro fosse empilhado à sua frente, para que ele pudesse ver a fortuna que estava a desperdiçar. Nero, encolhendo os ombros com indiferença, mandou que se duplicasse o montante. «Não me tinha apercebido de que estava a ser tão avarento.»^[17] Quanto mais velho ficava, mais enfadonhos lhe pareciam os constantes reparos da mãe. As exigências das suas obrigações, responsabilidades e assuntos de Estado, cada vez mais o oprimiam e molestavam. Contudo, por mais que o irritassem, eram impossíveis de ignorar. Afinal, estava casado com essas obrigações. A sua mulher, a sisuda e austera filha de Cláudio, era uma lembrança permanente de tudo o que devia à sua mãe. A grande proximidade entre Agripina e Otávia, com a qual Nero era tão incompatível, apenas intensificava a sua irritação perante as duas. Apaixonado por natureza, ressentia-se do seu casamento sem amor. Cláudia Acte, cuja duradoura ligação afetiva lhe permitira ficar muito rica, continuava a ser muito valorizada por Nero; mas, por ter sido escrava, não podia tornar-se sua mulher. Então, em 58, Nero apaixonou-se mais uma vez. Desta vez, o objeto da sua paixão era uma mulher de um grupo social bem diferente. Popeia Sabina, filha e homónima da rival que Messalina perseguira até à morte, era bonita, inteligente e elegante; mas, acima de tudo, era neta de um homem que tinha ganho um consulado. As suas origens, ainda que menores do que as de Otávia, não eram de modo algum desprezíveis. Nero podia olhá-la e imaginá-la como sua mulher.

Havia, naturalmente, vários obstáculos a ultrapassar antes. O primeiro deles, e mais fácil de superar, era o marido de Popeia, Otão, que por acaso

era amigo íntimo de Nero. Nas ruas de Roma, onde os pormenores da vida amorosa de César eram implacavelmente escrutinados, as circunstâncias precisas da mudança de alcova de Popeia eram muito debatidas: será que Otão se vangloriara vezes de mais da sensualidade da mulher, ou teria casado com ela apenas para tornar mais fácil ao seu amigo enganar Otávia? Seja qual for a verdade, o certo é que, em 58, Nero decidiu que queria Popeia só para si. Ao equacionar se devia matar o seu amigo ou simplesmente bani-lo para os limites do mundo, optou pela misericórdia, e enviou Otão para a Lusitânia, nas margens atlânticas da Ibéria, para aí servir como seu governador. Amigo do peito ou não, o marido de Popeia tinha ultrapassado a sua utilidade. Manter as coisas em segredo nunca fora o estilo de Nero. Preferia exhibir as suas paixões. O caso não precisava de continuar em segredo.

Nero, claro, podia dar-se ao luxo de encolher os ombros perante o escândalo que daí resultasse; e, como se veria, também Popeia. O ódio ciumento daqueles que a consideravam como «uma prostituta arrogante»^[18] era um preço que valia a pena pagar pela devoção de César. Tão ambiciosa quanto fascinante, o carisma irradiado por Popeia era o exemplo de tudo o que Nero mais admirava numa mulher. Até mesmo a cor do seu cabelo, entre o loiro e o moreno, a tornava atraente: louvado por Nero como «cor do âmbar» ^[19], rapidamente passaria a marcar as tendências da moda por toda a cidade. Confrontada com o fascínio de Popeia, a infeliz Otávia parecia ainda mais diminuída. E as perspetivas de Agripina também. De facto, era de tal modo enorme o desafio em que se transformaram os seus esforços para manter o controlo sobre Nero, que os rumores do seu alegado desespero estavam repletos de pormenores chocantes. Que desejava afastar o filho de Popeia, seduzindo-o ela mesma. Que tinha começado a insinuar-se junto dele, pintada e vestida como uma

prostituta, sempre que ele estava bêbado. Que Sêneca estava tão inquieto com o comportamento de Agripina que tinha enviado Cláudia Acte para avisar Nero dos danos que isso estava a causar à sua reputação. Mas havia outros que alegavam a oposto: que fora o próprio Nero, e não a sua mãe, quem tinha dado o primeiro passo. A verdade, claro, perdeu-se em impenetráveis trevas. O prazer que os Romanos tinham com os boatos sobre incesto, só era superado pela impossibilidade de se saber se eram verdadeiros.

Todavia, quando se tratava de identificar a fonte que os originava, o desafio não era insuperável. Agripina era uma mulher respeitada, até mesmo pelos seus inimigos, pela sua férrea autodisciplina, ao passo que Nero adorava escandalizar. Sabia-se que ele mantinha como uma das suas concubinas uma mulher que se parecia extremamente com Agripina, «e que sempre que a acariciava, ou exibia os seus encantos aos outros, dizia que estava a dormir com a sua mãe.»^[20] Uma ultrajante vanglória, mas poder-se-ia pensar quase deliberada, para testar a opinião pública. Era como se Nero, decidido a escandalizar os limites estabelecidos pelo percurso normal da humanidade, quisesse testar até que ponto se atrevia a ir. Parecia que perguntava a si mesmo como seria quebrar um sinistro tabu.

Muito antes, aquando do nascimento de Nero, Agripina tinha consultado um astrólogo para descobrir o que estava escrito nas estrelas acerca do seu filho. O astrólogo informou-a de duas coisas: que ele iria governar o mundo, e que mataria a sua mãe. «Deixa que me mate», terá dito Agripina, «desde que governe.»^[21] Seria a história verdadeira? A sê-lo, por certo que o deteriorar do relacionamento com seu filho ter-lhe-á feito recordar muitas vezes a profecia. Mas no início de 59, as tensões entre eles pareciam ter melhorado. Nero, num pomposo gesto de boa vontade, convidou a mãe para passar um feriado com ele em Baiae. Em meados de março, Agripina

chegou de barco vinda de Anzio, uma cidade ao sul de Roma, onde o seu filho tinha nascido 21 anos antes. Nero recebeu-a em pessoa, e conduziu-a até à sua *villa*, uma sumptuosa mansão que pertencera a Hortênsio Hórtalo. Aí chegados, levou-a até ao molhe, e ofereceu-lhe um presente magnífico: um barco feito especialmente para ela. Nessa noite, Agripina foi transportada numa liteira ao longo da costa para Baiae, onde Nero estava instalado. Muito carinhoso, concedeu-lhe o lugar de honra a seu lado, e conversou com ela até às primeiras horas da manhã. Por essa altura, o veludo da noite já envolvia a baía, e estava escuro demais para ela tomar a liteira de regresso a casa; então, Nero informou a mãe de que o seu novo barco estava ancorado no exterior, e acompanhou-a até à marina, onde a abraçou e beijou. «Por ti, eu vivo», sussurrou, «e graças a ti, governo.»^[22] Olhou para ela demoradamente e despediu-se. O barco zarpou, noite fora. Na costa, as luzes brilhavam, iluminando a curva da «baía mais bonita do mundo»^[23] enquanto as estrelas prateadas refulgiam no céu. Os remos batiam, as madeiras rangiam, e as vozes murmuravam no convés. Tudo o mais estava calmo. De repente, o telhado ruiu. Agripina escapou à morte por esmagamento devido aos apoios elevados do sofá; mas quando o barco, que ficou à deriva por alguns minutos, começou a balançar e a inclinar-se, ela foi arremessada ao mar. Uma sua amiga, que caíra junto dela, desesperada para ser resgatada, gritou: «Eu sou Agripina»; mas mal acabara de o dizer, começou a ser espancada, até à morte, por remos e estacas. Agripina, mantendo-se tão silenciosa quanto possível, nadou para longe do que era uma armadilha mortal; enquanto nadava, foi encontrada por pescadores, que a tiraram das águas e a levaram para terra.^[24] Aí chegada, a tremer e a sangrar, cambaleou de regresso a casa. Bem consciente de quem provavelmente tinha estado por detrás da sua tentativa de assassinato, mas também dolorosamente consciente de que estava encurralada, e não

tendo alternativa senão desempenhar o papel de inocente, enviou uma mensagem a Nero informando-o do que tinha acontecido. Só depois tratou das suas feridas.

Entretanto, no exterior, ao longo da costa, tinha-se reunido uma multidão que rasgava a negrura da madrugada com as suas lanternas. Por toda a baía ecoaram lamentos e orações; mas depois, ao serem informados de que Agripina tinha sobrevivido, reuniram-se junto à sua casa para o celebrar. Porém, de repente, ouviu-se o som de cascos: uma coluna de homens armados galopava pela estrada fora. A multidão foi bruscamente dispersa; os soldados cercaram a *villa* e abriram caminho. Encontraram a mãe de César numa sala mal iluminada, acompanhada apenas por um único escravo. Agripina confrontou-os com coragem, mas a sua insistência em que Nero não os podia ter mandado matá-la foi silenciada quando um dos homens a agrediu na cabeça. Atordoada, mas ainda consciente, Agripina olhou para cima e viu um centurião puxar da espada. Ao vê-lo, em vez de continuar a protestar, decidiu morrer de acordo com quem era: a filha de Germânico e a descendente de uma longa linhagem de heróis. «Golpeia-me a barriga»^[25], ordenou, apontando para o ventre. Em seguida, tombou sob as espadas dos seus assassinos.

O choque do crime ecoou nos céus. Após a apressada eliminação do corpo de Agripina, as suas cinzas foram enterradas junto à antiga *villa* de Júlio César, num promontório com vista para o mar; dizia-se que vindo do promontório, soou, repetidamente, o clangor de trombetas, seguido de várias explosões ao longo da baía. Houve quem dissesse que Nero, ao partir do local do crime para Nápoles, fora visitado pelo fantasma de sua mãe; e que era assombrado nos seus sonhos, como Orestes tinha sido, pelos chicotes e tochas de fogo das Fúrias. O seu gosto em dar vida a antigos mitos há muito que fazia parte do programa; mas agora, da maneira mais

chocante e audaciosa, era ele mesmo quem ocupava o centro do palco como um herói lendário. Toda a sua devoção à teatralidade, todo o seu entusiasmo para a encenação, todo o seu gosto em posar como alguém infinitamente acima dos comuns mortais, tinha contribuído para um espetáculo incomparável, e as notícias disso mesmo correram o mundo. Dizia-se, com alguma fiabilidade, que o barco que arremessara a sua mãe à água, era uma cópia da embarcação vista por Nero na arena de Roma, e que, ao ver o cadáver de Agripina antes da sua cremação, lhe tinha removido as roupas e, ao examinar o corpo nu, murmurara: «Não sabia que tinha uma mãe tão bonita.»^[26] Nero, longe de punir aqueles que espalhavam tais rumores, parecia deleitar-se com todo o melodrama. Quando apareceram inscrições nas paredes de Roma que o acusavam de matricídio, não fez qualquer esforço para encontrar os culpados; e quando um moralista, famoso pela sua severidade, chamado Trásea Peto, em vez de concordar com a condenação formal da Agripina como traidora, optou por sair da Casa do Senado em protesto, Nero ignorou a ofensa. Conhecia o povo romano e tinha ajuizado a sua reação de forma correta. Na sua avaliação, o seu crime, precisamente por ser tão titânico, acabaria apenas por aumentar o seu carisma. Em vez de um matricida baixo e degradante, ele tinha sido bem-sucedido em se apresentar como uma figura de trágico fascínio — um novo Orestes. Quando regressou a Roma, vindo da Campânia, a multidão fazia fila para o ver, como se de um desfile triunfal se tratasse.^[27]

O sentimento de alívio de Nero não podia ter sido mais doce. Tinha feito uma aposta perigosamente alta, e tinha ganho. Até ao fim, Agripina manteve o carinho dos pretorianos. Quando Nero, ao saber da sua fuga do barco armadilhado, ordenara o envio de um destacamento para a *villa* para a matar, Burro dissera-lhe categoricamente que nunca matariam a filha de Germânico. Somente ao amanhecer, depois de saber da sua execução

realizada por um esquadrão especial contratado, é que Nero se tranquilizou. Burro, curvando-se à brutal mudança das circunstâncias, deu ordens aos seus oficiais superiores para se apresentarem perante o César, e felicitá-lo «por ter frustrado os malévolos planos da sua mãe.»^[28] Sêneca também não conseguiria manter-se impoluto. Obrigado por Nero a colaborar numa carta de autoabsolvição ao Senado, também se tinha tornado cúmplice do assassinato. Restava-lhe, como a Burro, a compensação de saberem que não estavam sozinhos. No seu regresso a Roma, Nero proclamou a realização de jogos que iriam ser «os maiores de sempre»^[29], para celebrar a sua vitória sobre a mãe. Todos os Romanos foram convocados, e convidados a mergulhar os dedos no sangue de Agripina.

Foi uma oferta que poucos recusaram. Encenados em vários locais por toda a cidade, os jogos foram tão espetaculares como Nero tinha prometido. Um equestre montou um elefante numa corda bamba. Peças de teatro com os mais recentes efeitos especiais emocionaram o público com espetáculos de fogo e destruição. Um número prodigioso de fichas foi distribuído pela multidão, que davam aos felizardos sorteados de tudo um pouco, desde joias a animais selvagens, de blocos de apartamentos a ouro. Entretanto, no Fórum, Nero ocupava-se a oferecer sacrifícios. A propósito de um raio que recentemente tinha incinerado a mesa em que estava a jantar; de uma mulher que tinha dado à luz uma cobra; de um eclipse que tinha havido: tudo isso, em situações normais, poderiam ter parecido presságios ameaçadores de desgraças. E talvez fossem; mas se fossem, então tinham servido apenas para melhorar, e não diminuir, o brilho do rasto estelar de Nero. Afinal, ao matar a sua mãe, salvara Roma do seu inveterado e ruinoso desejo pelo poder; e tinha-o feito a um custo heroico. Fora pelos seus concidadãos que assumira a culpa do matricídio; agora, ao celebrarem a sua salvação, os Romanos podiam desempenhar um papel no invulgar drama.

Quando um cometa, brilhante e sinistro, apareceu no céu sem nuvens sobre Roma, com as festividades em pleno andamento, muitos temeram o pior; mas muitos mais viam em Nero o que ele dizia ser: o seu salvador. Um século antes, na sequência dos Idos de março, uma estrela que incendiara os céus tinha anunciado calamidades para todo o mundo; mas agora não. Sêneca, sem outra alternativa que não a de ter de desempenhar o papel de cúmplice de Nero, saudaria o papel do seu senhor: «Conseguiu resgatar os cometas da sua má reputação.»^[30] Era um tributo apropriado, pois Nero, nesse verão de 59, tinha transfigurado com sucesso um assassinato em sacrifício, a ambição em abnegação e o matricídio em piedade. Cometa ou não, não havia qualquer dúvida de quem era a estrela.

Mas a Nero não o satisfazia apenas desempenhar o papel de empresário. Nesse mesmo verão de 59 organizou outra festa, uma celebração privada encenada para marcar o seu primeiro corte de barba. Os jogos foram realizados no outro lado do Tibre, entre o lago onde Augusto tinha montado a sua famosa reencenação da batalha de Salamina, e o próprio rio. O entretenimento durou até às primeiras horas da manhã. Houve banquetes realizados em barças, pares de lutadores entre o arvoredo, e, à meia-noite, o próprio Nero, entre exultantes aplausos, navegou do lago para o Tibre: um toque de Baiae no coração de Roma. O principal foco, no entanto, estava nos espetáculos teatrais, e estes, como acontecera nos jogos públicos, apresentavam artistas oriundos da nata da elite. «Nem o berço, a idade, ou o cargo público servia para os inibir.»^[31] Uma das dançarinas, uma ex-cunhada de Cláudio, já tinha mais de 80 anos.^[32] Porém, o clímax dos entretenimentos foi a estreia do próprio Nero. Com a sua lira, cantou para a sua audiência as horríveis mutilações e assassinatos de antigos mitos: de um rapaz que se castrara a si mesmo; de uma mãe que matara o seu filho. Para o César de 21 anos de idade, foi um momento de vertiginoso arrebatamento.

Os espetadores gritaram e aplaudiram. «O nosso Apolo! O nosso Augusto!»^[33], gritaram. Mas, para alguns, aquele deleite soava a oco. Burro estava lá, com oficiais e soldados pretorianos; também Séneca, cujo irmão mais velho tinha conduzido Nero até ao palco, e que se obrigaram, na companhia do prefeito, a servir como líderes de claque do seu senhor, agitando os braços e as togas. «Quantos mais instrumentos de tortura o torturador tem ao seu dispor, mais é o que consegue fazer — na verdade, é mais provável que só a sua aparência faça quebrar um homem mais do que uma dor perseverante.» Assim o confidenciaria Séneca a um amigo, sem nunca mencionar Nero. «De uma maneira semelhante, nada é mais capaz de fazer uma lavagem cerebral e nos escravizar do que o deslumbramento do espetáculo.»^[34] E Nero, tendo agora testado as águas com sucesso, estava apenas a começar.

O mundo é um palco

No ano 60, quase duas décadas depois de atravessar as montanhas do Atlas, Suetónio Paulino estava perto de completar uma expedição ao lado oposto do fim do mundo.^[35] Na Mauritânia, como na Britânia, o seu progresso tinha sido esgotante. A captura de Carataco, longe de assinalar o fim da resistência britânica, tinha propiciado apenas uma breve pausa na tarefa da pacificação. Gales, onde o líder dos Catuvelaunos fizera o seu último reduto, fora um desafio particular. Numa região montanhosa e habitada por tribos notoriamente indomáveis, ele tinha desafiado sucessivos governadores Romanos. Suetónio, cujo registo de travessias de montanhas era inigualável, era o homem indicado para terminar a tarefa. E de facto, dois anos após a sua nomeação para a Britânia, tinha conseguido marcar a

supremacia romana até nos lugares mais recônditos e selvagens do país. Apenas a ilha de Mona, hoje Anglesey, ainda resistia. E agora, com sua infantaria amontoada em barcos de fundo chato e a sua cavalaria avisada dos baixios, Suetônio estava pronto para cruzar o estreito e acabar com a resistência de uma vez por todas. Mas será que os seus soldados iriam cumprir as ordens? Mona estava repleta de refugiados; e estes, apinhados junto à costa, uivavam e cantavam com um efeito de tal modo funesto que os legionários rapidamente se imobilizaram, aterrorizados. Havia mulheres que brandiam tochas, e que, com os seus mantos pretos e cabelos emaranhados, eram a viva imagem das Fúrias; e havia druidas. Mas então, convocando a sua coragem, os homens de Suetônio começaram a dirigir-se para a margem oposta. Acabou por ser uma vitória fácil. Em breve, os defensores estavam a ser consumidos pelas chamas das suas próprias tochas. Corpos carbonizados ficaram espalhados ao longo das praias. Depois, foi a vez dos bosques sagrados da ilha serem arrasados, pois Mona era temida pelos invasores como o principal santuário dos druidas e dos espíritos terríveis que ficavam à solta durante os seus rituais assassinos. Com a derrota da selvática barbárie e a limpeza dos santuários enfeitados com entranhas humanas, Suetônio tinha conseguido um duplo exorcismo. Quando a notícia das suas façanhas chegou a Roma, ela lembrou aos habitantes da capital que, nos mais remotos cantos do mundo, ainda havia lugar para emocionantes dimensões de heroísmo e feitiçaria. Parecia que nenhum lugar, por mais distante que ficasse, estava fora do alcance do povo romano.

Uma mensagem que Nero, apesar de não ter qualquer experiência militar, estava naturalmente interessado em promover. Porque é que o fulgor do seu carisma não haveria de refletir-se até mesmo nos recantos mais tenebrosos do Norte? Um particular triunfo seria conseguido por um dos seus

administradores de eventos, enviado para procurar âmbar no Báltico, e que voltou carregado de materiais. O agente tinha obtido tal sucesso na sua missão que trouxe consigo riquezas suficientes para enfeitar uma arena inteira. Redes; armas, e até mesmo as macas utilizadas para remover os gladiadores mortos: tudo fora feito para brilhar com a cor do cabelo de Popeia. «Está tudo tão globalizado», escreveu Sêneca maravilhado, «que nada permanece no seu lugar habitual.»^[36] Fosse no anfiteatro do Nero, com o seu brilho de âmbar e os seus ursos a caçar focas, no meio da azáfama dos mercados a vender produtos de lugares tão distantes como a Índia, ou na colina acima do Campo de Marte, onde um grande mapa ilustrava, para proveito dos cidadãos que passavam, a completa e brilhante extensão da sua influência, tudo servia para lembrar o estatuto de Roma como a melhor das cidades.^[*] Todos os caminhos lá iam dar, e todas as estradas de lá partiam. No Fórum, para marcar o local onde oficialmente começavam e terminavam, Augusto tinha erguido um marco revestido de bronze: o centro do mundo. Contemplando a imensa teia de aranha que a grandeza romana tinha tecido através de montanhas, florestas e mares, alguns ainda se perguntavam até onde poderiam os seus fios chegar. «Talvez, no futuro, haja um tempo em que o Oceano já não sirva para separar, em que toda dimensão da terra seja conhecida, em que novos mundos sejam revelados, e em que Tule^[**] sirva apenas de ponto de passagem para outras terras.»^[37]

Sêneca, quando imaginava os navios romanos a caminho de continentes desconhecidos, não estava necessariamente a aprová-lo. Como filósofo, não achava que o movimento perpétuo devesse ser celebrado. A prosperidade, enquanto marca de um grande império era, na sua opinião, traiçoeira e destruidora de almas, e caracterizava-se pela perpétua inquietação, destinada apenas a atormentar-se. No entanto, mesmo quando elogiava as

delícias da pobreza, não conseguia deixar de ser arrastado pelo que condenara. O matricídio de Nero, mais do que remeter Sêneca para uma chocante resignação, confirmara a sua determinação em se agarrar ao poder. Quanto mais o jovem César se inclinava para não seguir os seus conselhos, mais responsável se sentia em continuar a proporcionar-lhos. Assim, Sêneca permaneceu a seu lado; e, ao ficar, viu-se preso às múltiplas tentações que o poder a uma escala global apresenta. «O homem sábio não necessita de enviar embaixadores para além-mar, para marcar territórios nas costas inimigas e para decidir onde melhor implantar guarnições e fortes.»^[38] Sêneca, enquanto principal assessor de Nero, sabia que não lhe restava outra alternativa que não fosse mergulhar nesses mesmos pormenores. Mantinha-se sempre atualizado acerca dos relatórios da frente britânica, e estava alerta para as condições na ilha. Estava convencido de que a vontade dos seus chefes em se adaptarem à nova ordem se apresentava como uma rara oportunidade; e, por isso, lhes emprestara os fundos necessários para poderem construir, vestir-se e viver como os Romanos. Mas enganou-se. Os Britânicos, além de não compreenderem o funcionamento das finanças, não estavam em posição de poder pagar os elevados juros cobrado pelos empréstimos. Ao desconforto de Sêneca acrescentava-se a consciência, cada vez maior, do sorvedouro que a mão de obra romana na conquista da ilha se estava a revelar. O acesso às gralhas com poupa e aos cães de caça britânicos não compensava a enorme despesa de manter quatro legiões no terreno. Chegou-se a falar de conter as perdas de Roma e de retirar por completo.^[*] Sêneca, melhor posicionado do que ninguém para utilizar informação privilegiada, ordenou aos agentes na Britânia que recolhessem os empréstimos.

Mas já não foi a tempo. Os cobradores de dívidas já estavam distribuídos por toda a nova província. Os funcionários responsáveis pelas finanças,

determinados a obter o máximo de rendimento que podiam, já tinham começado a intimar os líderes tribais que, legalmente, eram considerados aliados de Roma e não seus súbditos. Um deles era Prasutago, rei dos Icenos, uma tribo das planícies ondulantes a norte de Camuloduno. Ansioso por salvaguardar os interesses das suas filhas, tinha-as nomeado como suas herdeiras junto com Nero. No entanto, após a sua morte, as autoridades romanas apressaram-se a anexar tudo. Todo o reino foi despojado. As duas filhas de Prasutago, longe de serem tratadas com o respeito que era devido à sua condição, foram violadas, e a sua mulher, uma rainha guerreira de cabelo ruivo chamada Boudica, amarrada a um pelourinho e chicoteada. Provar-se-ia um erro fatal. Séneca, se tivesse estado presente, não teria ficado surpreendido, pois não tinha ilusões quanto à natureza da ganância humana. «Se um teatro verdadeiro das nossas vidas pudesse ser visto pelos olhos do pensamento, pensar-se-ia estarmos a assistir apenas à conquista de uma cidade sem respeito pelo pudor e pelos direitos, e onde imperava a razão da força.»^[39] Contudo, o próprio Séneca não estava tão inocente assim perante aquilo que condenava. Dois anos antes, Suílio Rufo, o sensacionalista acusador que tinha ajudado a derrubar Valério Asiático, tinha-o publicamente acusado de ter delapidado as províncias; e, apesar de Séneca ter movimentado as suas influências, conseguindo que o seu acusador fosse condenado por desvio de fundos e enviado para o exílio, a alegação deixou marcas. Afinal, posicionado como estava no coração da grande teia do poder romano, bastava-lhe um pequeno puxão num dos seus fios, para que as aldeias no outro extremo do mundo fossem arrasadas pelos soldados, e as mulheres deixadas magoadas e feridas. Apesar de todos os seus escrúpulos, e mesmo que não fosse essa a sua intenção, Séneca também tinha a sua quota-parte na devastação das tribos dos territórios icenos. Sem dúvida, foi por isso que os deuses, na sequência do

chicoteamento de Boudica, avisaram de uma iminente e terrível calamidade, e decidiram enviar presságios, tanto para a Britânia como para Roma. Enquanto as marés cheias no estuário do Tamisa, transformadas em sangue, depositavam cadáveres nas praias, ouviam-se risos bárbaros na vazia Casa do Senado e gritos no anfiteatro de Nero. O mundo estava cada vez mais maléfico. A notícia de que Boudica, com as cicatrizes ainda frescas nas costas, tinha incitado os Icenos a revoltarem-se, varrendo tudo o que encontravam pela frente, chegou a Suetônio quando ainda estava a recuperar o fôlego da captura de Mona. Reunindo um esquadrão de cavalaria, saltou para a sela. Depois, após dar instruções às duas legiões sob o seu comando para que o seguissem o mais rapidamente possível, cavalgou direito ao «olho do furacão». O pesadelo, que nunca deixara de assombrar os invasores desde que chegaram pela primeira vez à Britânia, e o temor de que a ocupação iria, tal como acontecera com o domínio romano além-Reno, acabar entre fogo e destruição numa chacina, parecia estar na iminência de concretizar-se. Camuloduno, que após ter sido conquistada por Cláudio, fora reconstruída para servir de montra à capacidade dos urbanistas Romanos, foi arrasada. Por baixo dos escombros havia corpos dos prisioneiros chacinados e fragmentos de bronze de estátuas de César desmembradas. As mulheres da nobreza apodreciam espetadas em estacas com os seios cortados e cosidos na boca. Entretanto, das duas legiões que não estavam ao serviço em Gales, uma já tinha sido emboscada e quase completamente dizimada, enquanto a segunda, à qual Suetônio ordenara que se juntasse a ele, recebeu ordens do seu comandante interino para ficar no quartel. Muitos dos altos funcionários, para não arriscarem que lhes acontecesse o mesmo que aos homens de Varo, já tinham fugido para a Gália. Um único erro de Suetônio, e a Britânia seria perdida para sempre. Contudo, a província seria salva. Suetônio, depois de avaliar a insurreição,

recuou. De forma bem-sucedida, reagrupou as suas legiões e esperou que a tempestade viesse ao seu encontro. Duas outras cidades romanas seriam reduzidas a escombros e cinzas antes da chegada do momento fatídico. Os Britânicos, em vez de adotarem a tática de Armínio e de se camuflarem na paisagem para melhor travarem a guerra de guerrilha, optaram por um ataque frontal. O resultado, como era previsível, foi um massacre. Quando se divulgaram os números das vítimas, foi dito que cerca de 80 mil Britânicos tinham morrido, enquanto apenas 400 Romanos tinham morrido. Boudica, cujo sexo e selvajaria levava os adversários a verem nela uma amazona oriunda de reinos mitológicos, suicidou-se. O mesmo faria o comandante da legião que se recusou a juntar-se a Suetónio, logo que se soube da vitória deste último. A excitação era enorme: «Um dia glorioso, evocativo de algumas das vitórias dos tempos antigos.»^[40] Aos Romanos, arrebatados pelas notícias que lhes chegavam da frente britânica, e satisfeitos por se ter evitado o desastre, era-lhes garantido que permaneciam a ser o que sempre tinham sido.

A virtude marcial, por si só, não era suficiente para explicar a sua ascensão à grandeza. O talento que os deuses lhes concederam tanto servia para a paz como para a guerra. Quando as represálias lançadas por Suetónio ameaçaram ficar descontroladas, Nero ficou de tal modo preocupado que enviou um dos seus libertos para que lhe fizesse o relato da situação; e, como era de imaginar, pouco depois o vencedor de Boudica foi mandado regressar. Desde os primeiros tempos de Roma, os seus líderes consideravam que a generosidade na vitória era a forma mais segura de garantir os seus fins: «Pouco se obtém numa conquista, se a ela se segue a opressão.»^[41] O rapto das mulheres Sabinas levado a cabo por Rómulo, que, inevitavelmente, tinha levado os seus pais e irmãos indignados a descer sobre Roma para se vingarem, tinha culminado, não numa chacina, mas

num tratado de paz, e os Sabinos tornar-se-iam Romanos. Desde então, muitos outros povos Italianos seguiriam pelo mesmo caminho. Os Marsianos, os Samnitas e os Etruscos: todos viriam a ser classificados como concidadãos dos seus conquistadores. Assim, os horizontes de Roma deixariam de ficar confinados às terras a sul dos Alpes. Se a Itália podia ser toda romana, porque não todo o mundo? Era sua missão, começaram alguns a defender, «unir as potências que antes estavam desunidas, suavizar os padrões comportamentais, proporcionar uma língua comum aos numerosos povos até então divididos pelas suas línguas selvagens, civilizar a humanidade — em suma, unir todos os povos do mundo, e servir-lhes de pátria».[42]

Nos campos carbonizados da Britânia, tal afirmação poderia parecer grotesca; só que o funcionário nomeado por Nero para estabilizar a destruída administração da província, e que fora o primeiro a solicitar a substituição de Suetónio, não era Italiano, mas Gaulês. Para os Britânicos, Júlio Classiciano era a lembrança viva de que a governação romana tinha mais para oferecer do que a simples opressão. Cidadão de Roma, mas casado com a filha de um chefe Gaulês, estava na posição ideal para fazer a mediação entre conquistadores e conquistados. Em vez de oprimir os seus súbditos, optou por construir pontes. Os Britânicos, que tinham pago um preço brutal pela sua resistência, eram agora agraciados por Classiciano com os benefícios da submissão. Essa política provaria ser surpreendentemente eficaz. As feridas começaram a cicatrizar, e as brasas da insurreição desvaneceram. Em breve, mesmo com a memória da revolta de Boudica ainda muito viva, o governo de Nero decidiu reduzir a guarnição na Britânia de quatro para três legiões. O Oceano continuava a ser romano.

Mas havia limites para o que podia ser alcançado de forma plausível. Por

mais bem-sucedido que tivesse sido o processo de pacificação, a chefes tão bárbaros como os Britânicos não era expectável esperar que partilhassem o governo do mundo. Muitos em Roma sentiam o mesmo acerca de Classiciano e quejandos. Embora os aristocratas do sul da Gália estivessem sob domínio romano há quase dois séculos, e tivessem até originado, na extravagante forma de Valério Asiático, um homem que, ainda que por breves momentos, aspirara a governar como César, o ressentimento pela sua presença no Senado nunca se tinha desvanecido de forma absoluta. No ano 48, num debate sobre a admissão de chefes oriundos do centro e norte da Gália, a oposição a tal perspectiva foi feroz. Permitir descendentes dos homens que tinham combatido contra Júlio César, com calças esfarrapadas e cabelos gordurosos, na Casa do Senado? «Era como se estivessem a importar hordas de estrangeiros, como faziam os traficantes de escravos.»^[43] Mas, na verdade, tais queixas sobre a selvajaria gaulesa eram falsas. Não era o atraso dos Gauleses que provocava real ressentimento, mas o oposto: a sua crescente riqueza. Muitos senadores, ao ser-lhes negada a oportunidade de aumentarem a sua fortuna como os seus antepassados tinham feito, a saquear os bárbaros, achavam-se a empobrecer ao compararem-se com os magnatas Gauleses.

No entanto, para aqueles que olhavam para o futuro, era precisamente isso o que tornava tão premente recrutá-los para as fileiras da elite romana. A Gália, com a sua mão de obra e o seu solo fértil, já era mais rica do que muitas regiões da Itália. À sua aristocracia não podia ser-lhe permitido seguir o seu próprio caminho. Cláudio, com a perspectiva que lhe advinha dos seus profundos conhecimentos históricos, argumentara com a subtileza e erudição habituais. «Tudo aquilo em que agora acreditamos como sendo a essência da tradição», lembrou aos seus colegas senadores, «em tempos já foi novidade.»^[44] Ora, o próprio Ápio Cláudio Sabino, seu antepassado e

fundador da linhagem Claudiana, tinha sido imigrante. Os senadores aprovaram o seu discurso e os Gauleses foram admitidos nas suas fileiras. A Casa do Senado ficara um pouco mais multiétnica.

Entretanto, para lá das suas paredes, nas ruas apinhadas de uma cidade cuja população já ultrapassava o milhão de habitantes, muitos tinham começado a questionar-se sobre o que significava ao certo falar-se de povo romano. Roma, como Cláudio tinha lembrado no seu discurso ao Senado, tinha sido fundada sobre a imigração. Há séculos que as línguas exóticas eram ouvidas na cidade. Os nomes das ruas ainda testemunhavam a ancestral aldeia de estrangeiros: o Vico Toscano, onde se congregavam os Etruscos, e o Vico Africano. No entanto, apesar de muitos Romanos verem na diversidade da sua cidade uma homenagem paga pelo mundo à sua grandeza, e uma potente fonte de renovação, muitos outros não estavam tão convencidos. Aceitavam acolher imigrantes, desde que eles acabassem por se tornar Romanos; mas, e se eles preservassem os seus comportamentos bárbaros, infetando os cidadãos decentes com as suas superstições? «Na capital, os espantosos usos e costumes de todo o mundo estão sempre a proliferar e a tornarem-se moda.»^[45] Isso suscitava uma séria reflexão: Roma, a capital do mundo, estava a ficar cada vez menos romana.

Tal ansiedade não era nova. Já no primeiro século da República, a obsessão pelos cultos estranhos tinha levado o Senado a legislar para garantir que apenas os deuses tradicionais fossem adorados, e apenas com os rituais tradicionais. Desde então, tinha havido várias tentativas para acabar com os costumes estrangeiros na cidade. Em 186 a.C., o Senado chegou a levar a cabo uma campanha para suprimir a adoração de Liber, alegando que um profeta Grego tinha pervertido os seus rituais, promovendo orgias indescritíveis. Os Egípcios e os astrólogos da Mesopotâmia também tendiam a ser encarados com profunda suspeita pela

maioria dos cidadãos bem-pensantes. Mais alarmantes ainda eram os Sírios, com a sua devoção a uma deusa ladeada de leões e adornada com joias, cujo culto, sinistro como só um culto sírio o poderia ser, repugnava qualquer Romano decente. Os valores fundamentais, o decoro estabelecido, eram atropelados pelos frenéticos uivos dos seus adoradores. Dizia-se que a deusa síria aparecia aos escravos como uma visão, e que os incentivava à revolta; que enlouquecia os seus mais frenéticos devotos ao ponto de os inspirar a sacrificarem os próprios testículos. Estes sacerdotes autocastrados eram designados por *Galli* (Galos): uns infelizes que, ao abandonarem os privilégios e as responsabilidades da idade adulta, tinham escolhido de bom grado tornarem-se mulheres. Com as suas caras pintadas, vestes femininas, corpos depilados e tranças no cabelo tingido de loiro, não podiam ser mais ofensivos à sensibilidade romana. Assim, não surpreende que as autoridades tivessem feito tudo o que podiam para evitar que os seus concidadãos se lhes juntassem. Proibiram por completo a prática da autocastração, que só viria a ser permitida em circunstâncias muito especiais a partir de 101 a.C. No entanto, isso em nada diminuiu a popularidade do culto: de forma perturbadora, como se tornou evidente, alguns Romanos gostavam de fazer-se passar por mulheres. No tempo de Cláudio, rendendo-se às evidências, seriam finalmente levantadas todas as restrições legais para que os cidadãos se tornassem *Galli*, e as procissões em honra da deusa síria, com flautas, pandeiros e espetaculares exhibições de autolaceração, tornar-se-iam algo comum em Roma. Naturalmente, aqueles que se mantinham firmemente arreigados aos valores tradicionais continuavam a achar tudo isso revoltante. «Se uma deusa deseja ser adorada desta forma, então ela não merece ser adorada»^[46], declarou Séneca, de forma categórica. Mas para os que estavam na vanguarda da moda, manifestar devoção à deusa síria tinha-se tornado numa forma fácil e divertida de chocar. Por exemplo,

corria o boato de que ela era a única divindade por cujo culto Nero tinha algum respeito.

No entanto, no que tocava a estranhezas verdadeiramente espantosas, nem as crenças dos Sírios se conseguiam comparar às dos seus vizinhos mais próximos, os Judeus. Há dois séculos que os imigrantes da Judeia se estabeleciam em Roma, sobretudo nas habitações mais baratas do outro lado do Tibre, onde também se localizava o principal templo da deusa síria; e durante todo esse tempo, nunca perderam o seu caráter distintivo. Nenhum povo no mundo tinha costumes mais despropositados ou ridículos. Não comiam carne de porco; não trabalhavam ao sétimo dia; recusavam-se com obstinação a adorar qualquer outro deus que não o seu. Ainda assim, os usos e crenças judaicas, apesar de evidentemente grotescas, não deixavam de ter um certo *glamour*. Como os cultos dos Egípcios ou os mapas astronómicos dos Mesopotâmios, conseguiam seduzir quem tinha um certo fascínio pelo exótico. Era por isso que, desde que os Judeus se estabeleceram pela primeira vez na cidade, as autoridades tentavam periodicamente expulsá-los. Mas essa política nunca se mostrou eficaz. Tanto em 139 a.C., quando os Judeus foram banidos de Roma «por tentarem corromper os valores romanos»^[47], como no ano 19, quando Tibério repetiu a medida, ou 30 anos mais tarde, quando Cláudio os baniu uma vez mais, por criarem problemas instigados por um sinistro agitador chamado Chrestus (Cresto)^[*], acabavam sempre por voltar. Uma década depois de terem sido expulsos por Cláudio, já tinham regressado de novo a Roma. O fascínio que eram capazes de exercer, e o correspondente alarmismo que provocavam naqueles que desprezavam os rituais estrangeiros, atingia o ponto mais alto. «Eles são o mais perverso dos povos.»^[48] A desconfiança de Séneca perante os Judeus viria a confirmar-se com o interesse que, segundo se dizia, Popeia tinha nos seus

ensinamentos. A atração por estranhas superstições, ao que parecia, chegava até ao quarto de César. Muitos em Roma, ao contemplar os alojamentos dos escravos nas suas próprias casas, os oratórios erguidos nas ruas a deuses misteriosos, ou as habitações repletas de imigrantes vindos de todos os cantos do mundo, temiam que na sua cidade se estivessem a desenvolver práticas repulsivas.

O nervosismo acerca da imigração em massa e dos peculiares cultos que ela trouxera para Roma atingiu o auge em 61, quando o prefeito da cidade, que era o homem encarregado da manutenção da ordem na capital, foi esfaqueado até à morte. O assassino tinha sido um dos seus próprios escravos, e isso, de acordo com os termos de uma severa lei aprovada meio século antes, exigia que todos os escravos da casa do homem assassinado fossem executados. A selvajaria de tal pena gerou uma generalizada repulsa; e parecia, num debate sobre o assunto realizado na Casa do Senado, que a clemência prevaleceria. Mas o que levou os senadores a apoiar a execução das muitas centenas de escravos que pertenciam ao prefeito assassinado, foi a horripilante memória das numerosas práticas estrangeiras que tinham sido importadas para Roma. «Hoje em dia, os escravos das nossas casas vêm de todo o mundo, e ou se envolvem em todo o tipo de cultos estranhos, ou então em nenhum. Só as táticas de terror ajudarão a manter esta gentilha sob controlo.»^[49] A lei seria ratificada e a sentença de morte confirmada. Nas ruas, onde muitos dos manifestantes eram libertos, ou então descendentes de escravos, tinham lugar furiosas manifestações. A multidão, armada com pedras e tochas, tentava impedir a realização da sentença. Nero, em vez de permitir aos agitadores que anulassem a lei, enviou-lhes uma repreensão oficial, e deu ordem aos soldados para que montassem um corredor de segurança ao longo da rota pela qual os infortunados escravos foram conduzidos até à sua execução. No entanto, havia limites para a

vingança que ele estava disposto a sancionar. Quando foi proposto que os libertos do prefeito assassinado fossem presos e deportados, Nero vetou a moção. «O que a misericórdia não conseguiu moderar», declarou, «não deve ser agravado pela selvajaria.»[50]

Nero tinha um talento especial para ajuizar o estado de espírito nas ruas. Ao contrário da maioria dos senadores, cujos preconceitos contra a *plebs sordida* não decorriam de experiências pessoais, ele estava familiarizado com os lugares mais duvidosos da cidade. Quando jovem, ele e Otão por lá tinham deambulado muitas vezes. Disfarçados de escravos, beberam, roubaram e brigaram ao longo dos trajetos dos bairros mais violentos. As mais respeitáveis opiniões tinham, naturalmente, ficado escandalizadas — um senador em particular tinha esmurrado um homem que tentara roubá-lo, e, ao descobrir que se tratava de César, cometera o erro de lhe pedir desculpas em público, vindo a ser obrigado a suicidar-se. Mas Nero, ao mergulhar nas entranhas de Roma, tinha-se educado a si mesmo como se de uma lição do seu tutor se tratasse. A virtude, segundo Sêneca, encontrava-se na parte alta da cidade, onde o ar era rarefeito e régio; a depravação habitava nas profundezas mais sombrias. «Tende a esconder-se nas sombras, em torno dos banhos públicos e das saunas, em lugares desassossegados e de má reputação, debilitada e encharcada de vinho, pálida ou maquilhada, como se de um cadáver se tratasse.»[51] Elucubrações como esta, em vez de levarem Nero a ficar de sobreaviso sobre as áreas mais sórdidas da cidade, encorajavam-no a experimentar os seus prazeres. Quando era necessário submeter os Romanos à sua vontade, era mais experiente do que Sêneca alguma vez fora. Sabia quando os podia aliciar e quando os podia castigar.

Uma clara medida disso mesmo foi dada com o homem nomeado para prefeito dos *Vigiles*. Ofónio Tigelino era um conhecido oportunista que,

mais certamente, seria um dos alvos dos *Vigiles* do que o seu comandante. Tão bem-parecido quanto de origens humildes, a sua carreira inicial de gigolô tinha-o levado, de acordo com os rumores, à cama tanto de Livila como de Agripina. Condenado por adultério e exilado para a Grécia, tinha sido reduzido à extrema humilhação de trabalhar no comércio, até que um perdão de Cláudio lhe permitiu regressar a Itália, onde se estabeleceu como treinador de cavalos de corrida. Foi nesse papel que Tigelino se tornou num dos íntimos de Nero, que fez dele um homem rico e o nomeou membro da Ordem Equestre. Suficientemente vigoroso para manter a ordem nas ruas, mas também bom conhecedor dos seus prazeres, era a pessoa adequada para os objetivos do seu senhor. A promoção de Tigelino à prefeitura dos *Vigiles* foi apenas um começo. Em 62, o mais sensível de todos os cargos a que um membro da Ordem Equestre podia aspirar ficou vago, quando Burro morreu por fim, depois de uma longa luta contra um cancro na garganta. Honesto e de confiança, fora um homem muito diferente de Tigelino; e Nero, sabendo-o, cuidou de dividir o comando. Todavia, como um dos dois prefeitos dos pretorianos, Tigelino ocupava agora a posição ideal para fazer o trabalho sujo pelo seu senhor, e havia, por acaso, um trabalho particularmente urgente que precisava de ser feito.

Tinham passado três anos desde o assassinato de Agripina, e, finalmente, Nero estava pronto para cortar o último fio que prendia o seu regime ao do seu predecessor. Apesar da escandalosa e humilhante relação do marido com Popeia, Otávia tinha estado a salvo enquanto Burro estava vivo. Bonita, digna e patética, ela era precisamente o tipo de mulher que os Romanos amavam. Quando Nero equacionara a possibilidade de se divorciar dela, Burro fora frontalmente contra. «Claro», desdenhara, «e vê se lhe devolves o dote.»^[52] Mas agora, Burro tinha desaparecido; e o seu substituto não tinha qualquer lealdade à família de Germânico. Quando

Nero instruiu o seu novo prefeito para tratar de Otávia, Tigelino não hesitou. A acusação, como sempre, quando se tornava necessário afastar uma princesa inconveniente, era o adultério. Que o prefeito fosse um homem tão conhecido pela sua promiscuidade quanto a sua vítima o era pelo seu recato, não o preocupou. «As suas partes íntimas são mais limpas do que a tua boca!»^[53] Assim disse uma das criadas de Otávia depois de ter sido torturada por Tigelino, que a queria obrigar a testemunhar contra a sua senhora. Ele ignorou o insulto. A maioria das criadas de Otávia estava disposta a abandonar o navio que se afundava. Ela foi devidamente condenada por ter uma relação com um escravo. No entanto, como Burro tinha advertido que aconteceria, os Romanos recusaram tolerar a desgraça da filha de Cláudio. Os tumultos eclodiram. Foram derrubadas estátuas de Popeia, enquanto as de Otávia se enchiam de grinaldas de flores. Por breves instantes, Nero vacilou. Propôs-se casar de novo com a sua infeliz mulher. Mas depois, com a maquinação de um novo caso mais pormenorizado e estanque, ganhou nova coragem. A segunda condenação foi assegurada, e Otávia aprisionada em Pandateria. Aí, pouco tempo depois, seria morta. A sua cabeça, enviada para Nero, serviu de troféu para a sua nova mulher: Popeia Sabina.

Um século antes, quando assassinos ao serviço dos triúnviros tinham feito uma colheita de cabeças aristocráticas, essa limpeza fora anunciadora de uma guerra global. Mas não agora. A cabeça de Otávia embalada nas mãos de Popeia, por maior que fosse a indignação dessa notícia para a multidão que fervilhava nas ruas de Roma, não ameaçava a ordem que durante quase uma década Nero tinha proporcionado ao mundo. As províncias mantiveram-se em paz; as fronteiras mantiveram-se em segurança. Em 63, um ano depois da decapitação de Otávia, foi negociada uma paz duradoura entre Roma e a Pártia. Acordou-se que Tirídates, um

filho do rei Parta, se sentaria no trono arménio, mas que em determinado momento, pouco depois, viajaria até Roma para aí receber a sua coroa das mãos de César. Prometia-se o melhor dos espetáculos para corresponder às fantasias de Nero. Durante séculos, os Romanos tinham visto como seu direito de nascimento agraciarem reis com a sua proteção; mas nunca antes tinha havido a perspectiva de vê-lo ser encenado no coração da sua cidade.

Na verdade, Nero nunca estivera sequer perto da Arménia. Quando o Senado o saudou como *Imperator*, ou quando se ergueu um arco em honra da sua vitória na parte mais elevada do Capitólio, a que se juntou uma estátua dele em desfile triunfal, o ele nunca ter visto uma legião, e ainda menos conduzido uma em batalha, era um mero pormenor. Nero compreendia que a imagem, para um povo muito afastado dos rigores da vida militar, era infinitamente mais vívida do que os rumores distorcidos de batalhas distantes. O que importava aos seus concidadãos não era saber se as moscas tinham poisado sobre as suas feridas em alguma fronteira infernal e bárbara, mas antes a convicção de que ele podia encarnar o seu anseio por um príncipe da paz. «Não haverá mais guerras civis como aquelas com as quais Roma fez convulsionar o mundo; não haverá mais batalhas como a de Filipos para lamentar.»^[54] A tarefa de Nero era fazer a cidade, e o mundo, acreditar em nisso.

A mesma responsabilidade, claro, tinha animado a carreira de Augusto e levava-o a estabelecer o poder dos Césares; mas os tempos eram agora muito diferentes, assim como as oportunidades que se abriam a um *princeps* talentoso e ambicioso. Essa era, pelo menos, a convicção de Nero, após quase uma década no poder. A velha forma rígida de fazer as coisas, e a herança fastidiosa de um passado de obrigações e tabus, já não era aceite. Restrições à sua liberdade de ação tinham-se tornado intoleráveis para Nero. Tudo tinha de ser varrido. A cabeça de Otávia não fora a única a ser

entregue ao imperador em 62. Os seus assassinos também tinham sido contratados para eliminar dois proeminentes senadores ligados pelo sangue à família de Augusto. Um era Rubélio Plauto, o bisneto de Tibério de quem se dizia ter sido amante de Agripina, e que vivia num aprazível exílio na costa do mar Egeu; o outro, um descendente da irmã de Augusto. Ao saber da notícia destes assassinatos, os senadores estremeceram. E isso ganhava importância porque, pela primeira vez desde que Nero chegara ao poder, um dos seus acabara de ser condenado sob a acusação de *maiestas*. Fora um agente de Tigelino que levantara a acusação, informando que um magistrado não só tinha escrito uma sátira sobre o imperador, como a lera em voz alta durante um jantar; e apesar de a sentença de morte, na sequência de uma intervenção do inefável Trásea Peto, ter sido comutada para uma pena de exílio, os senadores tinham consciência da advertência que tal representava.

Para Sêneca, em particular, tudo isso tinha sido um choque e uma humilhação. Amarrado como estava à direção do regime de Nero, sentia-se impotente quer para alterar o que via como um caminho cada vez mais desastroso, quer para abandonar o navio. O melhor que conseguiu foi obter autorização do seu antigo pupilo para se retirar numa semiaposentadoria. Mas o seu ânimo continuou a escurecer. Quer fosse no agravamento da saúde; na pessoa de um porteiro decrépito e desdentado a quem ele tinha visto pela última vez como um escravo bonito; ou a série de plátanos retorcidos que ele próprio tinha plantado na juventude; por todo o lado encontrava marcas de decadência. Para Sêneca, até mesmo o próprio mundo se confrontava com a ruína. As suas fantasias eram ensombradas pela ameaça de um apocalipse universal. O fim, quando chegasse, viria do mar: «As ondas virão do Oeste e do Oriente. Um único dia será suficiente para sepultar a raça humana. Todas as coisas veneráveis que foram preservadas

pela benevolência do destino e por ele exaltadas, tudo o que é nobre e belo, os tronos grandiosos, as pessoas notáveis, tudo será engolido.»^[55] A destruição, porém, pode ser criativa. Era nisso que Nero acreditava. Na sua opinião, num mundo cada vez mais enegrecido e fastidioso, não havia mal nenhum em limpar o que estava sujo. Era preferível começar de novo a uma morte em vida. As mesmas multidões que se revoltaram a favor de uma Otávia amorfa e moderada, mesmo que tivessem sido bem-sucedidas nas suas pretensões, nunca teriam apreciado o espetáculo de Popeia como mulher de César. Proclamada Augusta por um Nero enamorado apenas alguns meses depois do seu casamento, ela reluzia e brilhava como nem Lúvia ou Agripina alguma vez se tinham atrevido. As suas mulas estavam ferradas com ouro; tomava banho em leite de burra para preservar a sua tez perfeita; e deu o seu nome a marcas de tratamento de beleza. «Espero morrer antes de ficar velha.»^[56] Esse desejo de Popeia, proferido depois de se ver num espelho num ângulo que a desfavorecia, resumia tudo o que o marido nela mais adorava. Correspondia a uma das suas mais profundas convicções: de que só as pessoas superficiais não julgavam pelas aparências. O espetáculo, a ilusão, o drama: estas eram as dimensões do poder que realmente importavam. Por mais atento que Nero estivesse aos negócios, a sua verdadeira obsessão centrava-se num projeto que sentia ser absolutamente digno do seu tempo e dos seus talentos: moldar, uma vez mais, a realidade.

No verão de 64, começou a transformar a sua capital num cenário digno das suas esperanças e ambições. Os lugares públicos de Roma transformaram-se no palco de uma série de banquetes espetaculares. «Era como se toda a cidade estivesse agora a servir como o palácio de Nero.»^[57] O mais extravagante de todos foi o banquete de uma festa dada por Tigelino ao lado de um lago no Campo de Marte. Tal como tinha feito

nos jogos realizados na margem oposta do rio Tibre quatro anos antes, Nero apresentou-se numa jangada luxuosamente equipada com macios tapetes púrpura e almofadas. Barcos decorados com marfim e ouro rebocavam-na através das águas cheias de exóticos animais marinhos. Os remadores, agrupados de acordo com a idade e a especialização, eram constituídos pela nata dos prostitutas de Roma. Entretanto, nas margens do lago, os Romanos acorriam a uma sensacional série de entretenimentos. Não surpreendia a algazarra gerada. Alimentos e bebidas eram fornecidos de forma indiscriminada, enquanto nos cais havia bordéis onde estavam as mais conhecidas prostitutas na história de Roma. Havia escravas e libertas; profissionais e virgens; a escória dos bairros degradados e as mulheres de eminentes senadores, e a nenhuma era permitido recusar um cliente. Para a multidão que se apinhava para delas se servir, tudo isso representava um sonho: a mágica fusão dos prazeres da rua com os do palácio.

Nero, familiarizado com ambos, tinha reconhecido uma profunda verdade acerca dos Romanos: que, no seu fascínio pelo chocante e ilícito, escondiam sempre oportunidades, mas também ameaças. O escândalo só era corrosivo para a autoridade de um verdadeiro artista se este o tentasse encobri-lo. Ostentá-lo, deleitar-se com ele, mostrá-lo frontalmente aos fastidiosos, sisudos e fora de moda, faria crescer e brilhar a natural autoridade de um César. Poucos dias depois do grande banquete de Tigelino, Nero preparava-se para testar essa tese de forma ainda mais extravagante. Como os *Galli*, pintou-se e vestiu-se como uma mulher, e depois, no meio de uma profusão de tochas de casamento, casou com um dos seus libertos. Em vez de esconder uma cerimónia que fora calculada na perfeição para indignar as opiniões mais conservadoras, encenou-a em público — «até mesmo o momento que a noite esconde quando a noiva é uma mulher.»^[58] Não passara de uma farsa, claro, que era o que Nero

pretendia demonstrar. Até mesmo a sua veneração pela deusa síria já não era o que tinha sido. Haveriam de vê-lo a urinar na sua estátua. Enquanto um cometa brilhou assustadoramente nos céus de Roma, e aqueles chocados com as palhaçadas do seu governante temiam o pior, os que tinham uma compreensão mais perspicaz da moda não podiam deixar de se divertir com o mundo de fantasia que Nero tinha construído. Era um mundo onde tudo parecia ser possível.

E assim foi. Na noite de 18 de julho, dois dias após o cometa desaparecer de vista, e com uma lua cheia a brilhar no céu, um incêndio eclodiu em Roma.^[59] Começou no extremo sul do Circo, nas lojas onde havia materiais inflamáveis, e rapidamente ficou fora de controlo ao longo de todo o vale. Espalhou-se a uma velocidade assustadora através do emaranhado de construções de madeira de um bairro para outro, estendendo-se às encostas das colinas de Roma. Os *Vigiles* revelaram-se impotentes para o deter. O pânico varreu a cidade. Muitos foram em auxílio dos seus vizinhos, ajudando os que tinham maior dificuldade para escapar às chamas; mas outros deambulavam pelas ruas em bandos, a saquear as casas abandonadas e a incendiar as áreas que ainda não estavam a arder. Ninguém tinha a certeza sobre quem eram esses vândalos, dado que o rumor, tal como as chamas, se espalhou selvaticamente pela cidade em agonia. As multidões de refugiados, enegrecidas pelo fumo e sem teto, refugiavam-se onde podiam; e Nero, que estava em Anzio quando o incêndio deflagrou, regressou apressadamente para assumir o comando da catástrofe, e abriu tanto os edifícios públicos no Campo de Marte como as suas propriedades privadas. Entretanto, à medida que os habitantes dos bairros degradados irrompiam no meio do mármore e dos jardins, a silhueta da cidade atrás deles estava tomada, em toda a sua extensão, por um alteroso mar de chamas. Só passados seis dias, e após um frenético trabalho

de demolição para criar barreiras corta-fogo, é que o incêndio parou. Mas o pesadelo ainda não tinha acabado. Reacender-se-ia violentamente, uma segunda vez, ardendo durante mais três dias até ser extinto. Desta vez, de forma definitiva.

A devastação deixou entre um quarto a um terço da capital do mundo transformada em escombros fumegantes.^[60] Nero, temendo o pior, e também para tentar evitar o saque dos objetos de valor que tivessem sobrevivido, proibiu qualquer pessoa de voltar aos bairros destruídos pelo fogo até que as suas equipas de trabalho tivessem vasculhado todos os escombros. Os relatórios dos inspetores do imperador não podiam ser mais catastróficos. Muitos dos mais famosos marcos da cidade estavam em ruínas. Desde templos fundados por Rômulo e Sêrvio Túlio ao grande anfiteatro de madeira de Nero, edifícios de todas as épocas da história de Roma estavam reduzidos a cinzas. Troféus e tesouros insubstituíveis, memoriais do passado de valor inestimável, tinham sido perdidos para sempre. Os muitos desalojados viam-se confrontados com uma generalizada destruição de casas. Centenas de milhares de pessoas tinham ficado sem quaisquer pertences ou abrigo. O estado de espírito era, naturalmente, de grande exasperação e desespero. Um incêndio tão calamitoso e extenso, dificilmente podia ter sido apenas o resultado de um acidente. As pessoas lembravam-se de ter visto bandos de misteriosas figuras encapuzadas a esvoaçar no meio do fumo e das chamas, com tochas nas mãos. Quem eram eles? De forma febril, tanto para os que sobreviveram na cidade, como para os que estavam na imensa extensão de tendas e barracas provisórias que agora cobriam o Campo de Marte e os jardins privados de Nero, esta pergunta era feita vezes sem conta. Por toda a Roma, os cidadãos em sofrimento tinham apenas a certeza de uma coisa: os incendiários, logo que

fossem identificados, mereciam ter um destino tão monstruoso e terrível quanto o seu crime.

Tudo isso jogava a favor de Nero. Quem melhor para congeminar uma exibição teatral de retaliação do que o homem que tinha tentado afogar a sua própria mãe com um barco armadilhado? E assim, quando os culpados foram identificados e presos, foram submetidos a mortes grotescas e excruciantes. Alguns, para gáudio dos espetadores, foram rasgados em pedaços por cães de caça; outros crucificados de modo a parecerem ridículos. Era premente a necessidade de escarnecer dos incendiários, bem como de os punir, pois de outro modo corria-se o risco de que assombrassem a imaginação dos Romanos. Os culpados revelaram-se a personificação de tudo o que os cidadãos decentes sempre mais temeram na imigração: os adeptos de um culto sinistro, para não dizer sociopata. Chamavam-se «Cristãos», devido ao seu fundador, um criminoso que tinha sido executado na Judeia no tempo de Tibério. Eram ainda piores do que os Judeus, cujos ensinamentos pelo menos eram antigos, e estavam motivados por «um ódio às normas da sociedade humana»^[61]: desprezo pelos deuses, e desdém para todos os que não pertenciam à sua seita. Ao olhar para as ruínas fumegantes de Roma, quem duvidaria de que eles eram a personificação do inimigo interno? Porém, graças aos esforços incansáveis de César, tinham sido identificados, e tudo estava bem. Nero, sempre dado ao espetáculo, congeminou uma forma brilhante de o assegurar aos seus concidadãos. Nem todos os Cristãos foram caçados como animais selvagens ou pregados em cruzes. Alguns foram cobertos de pez e transformados em tochas humanas: um castigo que correspondia ao seu crime^[*]. Eretos nos jardins privados do imperador, iluminavam as flores e as grutas que Nero tinha convidado o povo romano a visitar e explorar. Nero, vestido como um condutor de carro de combate, deambulava afavelmente entre eles,

misturado com a multidão: era o modelo de um *princeps* responsável e popular. A mensagem foi clara. O fogo tinha sido domado, e com ele uma ameaçadora superstição. O futuro, graças à forma como César tinha lidado com tudo, era radioso. Onde antes tinha havido escuridão, agora tudo era luz.

Pouco depois, mal os escombros arrefeceram, tal seria manifesto por toda a capital enegrecida e traumatizada. Nero tinha planos empolgantes para Roma. A cidade, famosa pelo emaranhado de ruelas apertadas dos seus bairros degradados, onde, oscilantes, as grandes construções de madeira sujeitavam bairros inteiros a uma sombra permanente, ia ser completamente melhorada. Nero tinha como objetivo redesenhar o mapa da cidade, algo que ninguém tinha estado em posição de fazer durante séculos. Na sua capital, não haveria lugar para a fealdade, a banalidade e a esqualidez. As avenidas seriam amplas e espaçosas; os blocos de apartamentos não procurariam alcançar o céu, mas, em vez disso, seriam construídos numa escala humana; as entradas das ruas seriam de pedra e adornadas com colunas. Eram estas as suas determinações para uma Roma renovada. Enquanto os operários, gratos por terem sido resgatados da miséria, trabalhavam na limpeza dos escombros que seriam despejados nos pântanos junto a Óstia, Nero estava ocupado com os seus arquitetos, debruçado sobre os planos. Não havia tempo a perder. Com a oferta de incentivos para quem concluísse os seus projetos de reconstrução com rapidez, a cidade em breve começou a erguer-se. Dezassete anos antes, na Saepta, Cláudio tinha exibido o que diziam ser uma Fénix: um pássaro milagroso que, a cada 540 anos, se incinerava numa majestosa fogueira e em seguida emergia das chamas, renascido. A exibição não fora bem-sucedida. «Ninguém duvidava tratar-se de uma farsa.»^[62] Mas o que Nero patrocina estava longe de ser uma fraude. Roma tinha sido consumida pelo fogo; agora, entre uma

poderosa e cintilante plumagem dourada, estava a voltar à vida. Uma Fénix, bonita e esplêndida, emergia das cinzas.

Em nenhum lugar isso era tão deslumbrante e evidente como no vale situado entre o Palatino e as duas colinas a leste, os montes Célio e Ópio. Aí, os estragos tinham sido particularmente devastadores. O incêndio tinha queimado tudo o que encontrara pelo caminho, incluindo um palácio de Nero em construção, e um templo meio construído em honra de Cláudio. Até mesmo o Palatino fora varrido pelo inferno. As chamas rodearam mesmo o templo de Apolo. Edifícios que datavam do tempo dos reis tinham desaparecido, assim como todas as veneráveis casas da aristocracia que, um século após o colapso da República, ainda ladeavam a estrada do Fórum e que serviam de memorial ao poder das antigas famílias de Roma. Mas na catástrofe estava a oportunidade. O fogo tinha deixado livre para o desenvolvimento os melhores terrenos no mundo. Não era da natureza de Nero perder uma oportunidade assim. Por mais ambiciosos que fossem os planos que tinha para os seus concidadãos, eles não eram tão ambiciosos quanto os planos que tinha para si mesmo. Quem podia esperar que um artista com a sua visão confinasse os seus aposentos ao Palatino? Era um espaço demasiado apertado, demasiado abafado. Se estendesse a sua casa para os limites dos montes Célio e Ópio, Nero poderia por fim viver como um homem merecia. Como Apolo, cujo génio para a poesia e a música tanto o influenciavam, e como o sol, cuja proficiência na condução de bigas emulara durante tantos anos, ele merecia uma casa adequada aos seus infinitos talentos. Merecia uma casa que provocasse suspiros de admiração dos Romanos e os encantasse com o seu fulgor: uma Casa Dourada.

E foi isso mesmo o que Nero encomendou. Os seus dois arquitetos eram reconhecidos pelo seu mérito, como engenheiros afamados pela sua capacidade de trabalhar em terrenos acidentados e os transformar de forma

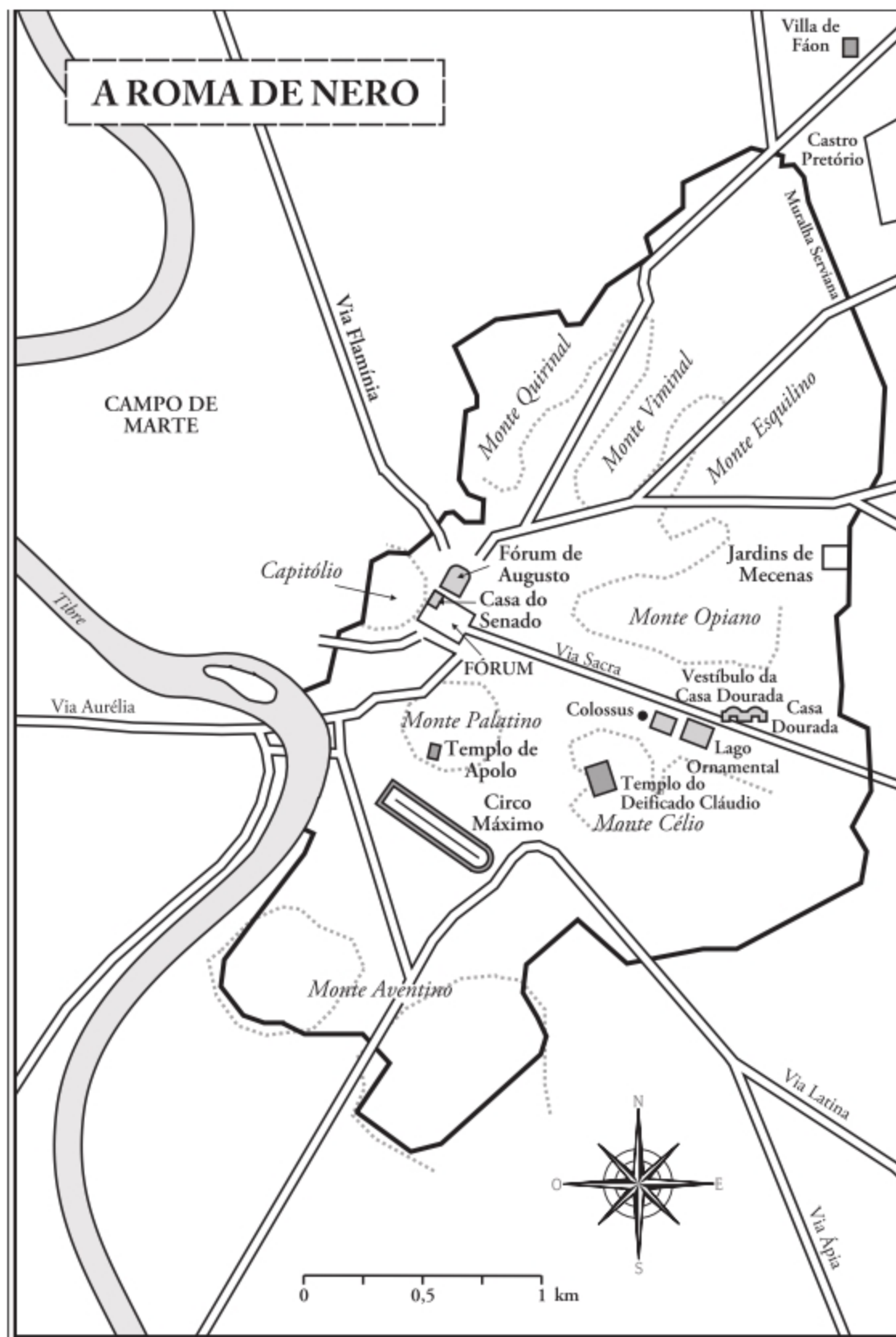
proveitosa; o seu pintor principal, um homem tão consciente da sua dignidade que fazia as decorações sem despir a sua toga. Homens como esses, que enfrentavam o desafio que César lhes colocava, mostravam ser capazes de corresponder às suas esperanças. A Casa Dourada, como a esboçaram para Nero nos seus planos, oferecia aos Romanos a perspectiva do que significava governar o mundo. Como era natural, o complexo consistiria em alojamentos requintados, com enormes fachadas e grandiosas obras de arte. Porém, ainda mais do que do isso, implantado no coração da maior cidade que alguma vez se vira, estava prevista a construção de algo totalmente inesperado: um maravilhoso parque. Aí seria instalado um enorme lago, com edifícios à sua volta representando cidades; campos cultivados e vinhas; bosques e pastagens. Aí existiriam animais selvagens e domésticos. O que oferecia não era apenas um palácio, era infinitamente mais: o retrato de todas as terras e mares que estavam sob o domínio de César.

O mundo governado por Roma iria ser trazido para o coração de Roma.

Iluminar as trevas

Em maio de 64, três meses antes da tempestade de fogo que engoliu Roma, Nero viajou para Nápoles. Apesar de nunca ter necessitado de qualquer desculpa para visitar a cidade, o seu propósito nessa ocasião era bem específico. Cinco anos após a festa realizada para assinalar o primeiro corte da barba, Nero decidiu dar a conhecer os seus talentos com a lira em público. E que melhor lugar para fazer a sua estreia do que a cidade mais grega de Itália? Sofisticada e cosmopolita, Nápoles prometia exatamente o tipo de público que Nero pretendia. Sabia que os tradicionalistas em Roma

iriam ficar exasperados. Na verdade, isso fazia parte da diversão. O espetáculo oferecido não seria apenas inovador, mas antes verdadeiramente *avant garde*: «um imperador trilhando as cordas.»^[63]



Nada foi deixado ao acaso. Os preparativos para o grande evento foram meticulosos. Durante meses, fez o que todos os cantores faziam para fortalecer a voz: clisteres regulares; deitar-se de costas, com um peso de chumbo no peito; durante dias, comer apenas cebolinho embebido em azeite. Levou consigo uma claue de cinco mil apoiantes, e deu ordens à sua guarda que distribuísse o público para que não existissem lugares vazios. Mas não precisava de se ter preocupado. Os espetáculos esgotaram. Além dos habitantes locais que se deslocaram até ao teatro, veio também muita gente de fora. Entre eles estava um grupo de visitantes de Alexandria, cuja forma ritmada de aplaudir tanto encantou Nero que mandou os seus chefes de claue aprender com eles como fazê-lo. Depois de cada espetáculo, a super-estrela misturava-se com a audiência, gracejava em grego e jantava em público. Foi um enorme sucesso.

Só que, numa das noites, durante a sucessão de espetáculos de Nero, um terremoto atingiu o teatro em que atuava, danificando-o bastante. Nero, realçando o facto de ninguém ter morrido, saudou-o como um sinal de aprovação divina, e escreveu um poema proclamando isso mesmo. Havia quem não tivesse tanta certeza. Para os que estavam chocados com o desrespeito de Nero pelas suscetibilidades tradicionais, parecia que os alicerces de tudo o que constituía a grandeza de Roma estavam a ser violentamente sacudidos. Completado com o inferno de fogo mais tarde nesse verão, tudo ganhava uma tal dimensão calamitosa que parecia sugerir uma desordem fatal nos assuntos dos deuses e dos homens. Apesar de, na sequência imediata do incêndio, Nero ter feito todos os esforços para apaziguar os céus com súplicas tão vistosas como só ele era capaz, nem isso, nem a execução dos Cristãos manifestamente sediciosos, impediu os rumores contra o próprio César. Apesar do quão energético se mostrava na luta contra as consequências da catástrofe e do fulgor dos seus planos para a

renascida cidade, pouco podia fazer para aliviar a miséria imediata das pessoas que tinham perdido tudo no incêndio. Mesmo como o passar dos meses e a remoção dos escombros, a raiva continuava em crescendo. Muitos cidadãos, nostálgicos dos quarteirões acanhados, que por ordem de Nero estavam a ser substituídos por largas avenidas e blocos de apartamentos rasteiros, queixavam-se de que na nova cidade não haveria forma de escapar do sol. Outros, de forma ainda mais dolorosa, tiveram de ver os topógrafos a mapear as curvas dos lagos e campos onde pouco antes existiam as suas casas. «Uma enorme propriedade que privava os pobres das suas habitações.»[64]

E não eram apenas os pobres. Os senadores também tinham perdido propriedades para a Casa Dourada. Mesmo aqueles cujo património imobiliário não fora expropriado sabiam que Nero, ao implantar um parque no meio da cidade, estava a espezinhar o seu prestígio. Há mais de um século que a sombra de um jardim perfumado com flores exóticas tinha sido o principal distintivo de estatuto em Roma. De Mecenas a Messalina, a elite da cidade invejava-o. Mas agora, a aposta era mais elevada. Rodeado de colinas, o parque que envolvia a Casa Dourada oferecia ao olhar de todos em Roma, um vislumbre de pavilhões e relvados que antes tinham sido a prerrogativa dos muito ricos. Aos pobres, oferecia uma sensação de frescura e uma quebra à monotonia do fumo e do tijolo; aos senadores, apenas a confirmação de que eles não eram nada em comparação com o César. «Agora, na cidade, só existe uma única casa.»[65]

O desaparecimento da paisagem habitual do centro de Roma, em detrimento de uma paisagem campestre, era o testemunho do que os senadores viam de mais desorientador em Nero: a sua capacidade de ultrapassar todos os limites do que sempre tinham dado por adquirido. Para muitos, parecia um poder desconcertante, pois sugeria algo que era mais do

que humano. Na verdade, a figura de Nero não tinha nada de sobrenatural. Atarracado e rechonchudo, nunca perdera por completo a gordura infantil. Mas a imagem de César não se limitava à fisionomia. Nero, que tinha transformado um barco numa armadilha mortal, e o Campo de Marte num bordel, sabia como jogar com as expectativas das pessoas. No ateliê de Zenodoro, o mais famoso escultor do mundo, uma cabeça com quase quatro metros de altura estava a ser preparada para ser fundida em bronze.^[66] Projetada para encimar uma enorme estátua que, depois de concluída, ficaria a guardar a entrada da Casa Dourada, retratava o cocheiro de ouro do céu, o Sol. No entanto, nos contornos do rosto desse deus, havia algo mais do que uma sugestão de um segundo condutor. O Colosso, como viria a ser conhecida a estátua, «fora concebido para se assemelhar ao *Princeps*.»^[67] Quando concluída, a estátua seria coroada pelos raios do sol e retratada como guardiã do mundo. Visível de toda a cidade, sugeriria um estatuto para Nero que raiava o divino.

No entanto, se o seu rosto, visto de um determinado ângulo, parecia ter o misterioso flamejar de alguém mais que humano, visto de um outro ângulo, parecia assombrado pela selvajaria de uma fera. Dos muitos e estranhos jogos sexuais com os quais se relatava que Nero se entretinha, nenhum era mais perturbador do que aquele que combinava uma simulação de criminosos a serem esfacelados e a repugnante prática de sexo oral. Homens e mulheres, ou rapazes e raparigas, de acordo com alguns relatos, estariam supostamente atados a estacas; Nero, vestido com a pele de um animal selvagem, era libertado de uma jaula e fingia morder-lhes os órgãos genitais.^[68] Tal como todos os seus espetáculos invariavelmente costumavam ser, era uma exibição escandalosa que brincava de forma sinistra com as origens do povo romano, cuja cidade, como todos sabiam, tinha sido fundada por um rei amamentado por uma loba. Agora, com

grande parte de Roma em ruínas, era como se Nero pretendesse refundá-la. Dizia-se até que ele pretendia renomeá-la para «Nerópolis»^[69]. Verdade ou não, tais rumores tiveram larga difusão. De um homem cujo rosto, visto de um certo ângulo, podia assemelhar-se a um deus, e de outro ângulo ao de um lobisomem, quase tudo podia esperar-se. E foi assim que, nos meses que se seguiram à catástrofe do incêndio, foi mencionado pela primeira vez nos círculos de elite algo de tal modo espantoso e monstruoso, que, a ser verdade, faria de Nero um criminoso sem paralelo na história da cidade: que ele, o herdeiro de Augusto e o Primeiro Cidadão do seu povo, tinha sido o homem que incendiara Roma.

A prova mais segura de tão espantosa acusação era, naturalmente, o aproveitamento que fizera do incêndio; mas verificara-se também que o fogo, quando começou pela segunda vez, tinha tido origem numa propriedade de Tigelino. Extravagante e assassino, Nero tinha o perfil indicado para crimes de dimensão mítica. Afinal, comparada com um matricídio confesso, a nódoa de um fogo com mão criminosa era insignificante. Tal como a assunção da culpa pelo assassinato da sua mãe tivera tanto de teatral como de autoindulgente, de uma forma similar se alegava que se tinha inspirado no espetáculo de Roma a arder para tocar a sua lira e cantar a queda de Troia. O local onde isso teria acontecido foi muito discutido. Alguns disseram que fora no interior do seu palácio, outros sobre o seu telhado, outros ainda que teria sido na torre dos jardins de Mecenas. Para quem estava convencido da sua culpa, os pormenores precisos eram irrelevantes. Como sempre, em Roma, os rumores alimentavam-se a si mesmos. O facto de ser lua cheia na noite do incêndio, o que a tornava mais inadequada para um projeto de fogo posto; que Nero se tenha lançado na tarefa de combater o incêndio com energia e empenho; que os custos de reparação dos danos fossem extremamente gravosos:

nenhum argumento serviu para extinguir as conversas quanto à sua culpa[*]. Em vez disso, como acontecera com o fogo, o rumor espalhou-se furiosa e rapidamente, e em breve, chegando o Ano Novo, começou a minar os alicerces do regime de Nero.

«Assassino da mãe e da mulher, condutor de bigas, artista de rua, incendiário.»[70] A lista de acusações era longa. Poucos eram os que, nas classes superiores romanas, duvidavam de que Nero, se lhe fosse permitido continuar vivo, gostaria de a tornar ainda maior. Mas matar um César era, naturalmente, algo de temível; contudo, no início de 65, era mais do que suficiente o número dos que estavam convencidos da necessidade de começar a traçar a liquidação de Nero. Muitos senadores e membros da Ordem Equestre foram recrutados para a conspiração; assim como, não menos importante, vários pretorianos. O mais antigo de todos os oficiais participantes era Fénio Rufo, que, com a morte de Burro, tinha sido nomeado prefeito em conjunto com Tigelino, e cuja reputação de honestidade era tão impressionante quanto a do seu colega era de vergonhosa. A presença de um homem assim nas fileiras dos conspiradores ajudou a impulsionar o número de participantes, a convencer os indecisos, e a dar à conspiração uma base bem mais ampla do que qualquer outra desde a que fora preparada contra Júlio César, mais de um século antes. Mas os conspiradores não tinham qualquer intenção de restaurar a República. Trásea Peto, o homem que, mais do que qualquer outro, se tinha tornado a consciência do Senado, e que celebrava os aniversários de Bruto e Cássio com diligência, não foi convidado a participar na trama. A intenção era substituir Nero por um novo César. Quase meio século depois da queda em desgraça e do suicídio de Cneu Calpúrnio Pisão, a figura escolhida pelos conspiradores para ser o seu líder era um descendente da mesma e ilustre família. Caio Calpúrnio Pisão combinava uma distinta carreira de serviço

público com um charme agradável e empolgante: era fácil imaginá-lo como imperador sem temer as perspectivas. É verdade que lhe faltava uma ligação, por mais vaga que fosse, à família de Augusto; mas isso podia ser superado. Otávia não tinha sido a única filha de Cláudio. Havia uma segunda, ainda viva, e que estava na casa dos 30 anos: Antónia. Assim, os conspiradores acordaram entre si que Pisão devia divorciar-se da sua mulher e casar com ela. A ligação que tal estabeleceria com Augusto, embora ténue, era suficiente — assim o esperavam — para satisfazer os Romanos. O invulgar dom de Pisão para a popularidade faria o resto. Até Séneca, dividido entre a lealdade residual a Nero e o horror por aquilo em que o seu pupilo se tinha tornado, estava preparado para aceitar a perspectiva de um novo César. Alguns dos conspiradores chegaram ao ponto de esperar que ele mesmo poderia acabar como imperador. Enfermo, o filósofo, agora numa semiaposentadoria, recusou-se a receber Pisão pessoalmente, mas não traiu o pretendente quando soube da sua intenção. Em vez disso, temporizou. «Diz-lhe», comunicou ao emissário de Pisão com uma mordaz ambivalência, «que a minha segurança depende do seu bem-estar.»^[71]

As visões de um cataclismo universal continuavam a assombrar o velho. Nos seus pesadelos, conseguia imaginar o céu a ficar negro e o mundo inteiro perdido na escuridão. No entanto, havia nessa contemplação da calamidade total uma espécie de libertação. Quando tudo piorasse, a submissão já não podia ser uma opção. «Nenhum homem é mais infeliz do que aquele que nunca enfrenta a adversidade. Pois nunca será posto à prova.»^[72] Tempos houve em que os principais homens do Senado tinham demonstrado a verdade desta máxima no campo de batalha, servindo a grandeza da sua cidade entre vísceras e enxames de moscas sedentas, ou que então pereceram ao tentá-lo; mas isso era passado. Agora, o espaço para a coragem que se abria para os cidadãos mais eminentes de Roma era cada

vez menor. Mas o mesmo não acontecia com as qualidades requeridas para tomar posição acerca disso. «Não importa como se manifesta, a medida e o valor da *virtus* nunca mudam.»^[73] A coragem necessária para atacar Nero no Circo, à vista dos Romanos, como os conspiradores planeavam fazer, era algo de assustador. Quando se sugeriu a Pisão que convidasse a sua vítima para Baiae, na moradia de luxo que aí possuía, e agisse em privado, ele recusou-o num tom de desprezo. Ou era público ou não se fazia. Se o sangue de Nero não fosse derramado na capital, nunca serviria para limpar os seus crimes. Foi então que Flávio Sevino, o senador que tinha solicitado a honra de desferir o primeiro golpe, não confiando no seu punhal, foi tirar um de um templo. O assassinato não devia ser um momento sórdido. Pelo contrário, devia ser um sacrifício.

No entanto, viver na esperança, como Séneca bem sabia, era viver também com a perspectiva de fracasso. «Aqueles que assim fazem verificarão que o futuro imediato se lhes escapará, que o desespero os invadirá, assim como o medo da morte, essa maldição que torna tudo mais nefasto.»^[74] E assim foi. Quando as notícias chegaram por fim a Séneca, que esperava com ansiedade na sua propriedade pelo resultado da conspiração, não podiam ter sido piores. Um liberto na casa de Sevino traíra a conspiração ao suspeitar do pedido que lhe fora feito para afiar o punhal do seu senhor. Pisão, apesar de ter sido instado pelos seus apoiantes a avançar com o golpe de Estado, refletiu desesperado sobre a popularidade de Nero junto dos Romanos e suicidou-se. As detenções generalizaram-se por toda a cidade. Um a um, os suspeitos algemados foram levados a julgamento. Ouvidos os delatores, e recolhidas as confissões, os culpados foram condenados à morte. «As origens, o progresso e a supressão da conspiração ficaram documentadas na totalidade.»^[75] Não havia esconderijo possível. Quando Séneca, ao regressar a Roma vindo de

Campânia, foi interceptado a seis quilômetros da cidade por um oficial pretoriano que lhe pediu explicações sobre a mensagem que tinha enviado a Pisão, sabia que nada do que dissesse, negasse ou protestos de inocência, seriam suscetíveis de o poder salvar. Toda a sua vida vivera obcecado pela morte. A capacidade de olhar de frente, quando fosse necessário recebê-la, sempre tinha sido para ele a verdadeira dimensão de um homem. Agora, chegara o momento do seu julgamento. Sêneca preparou-se para o ultrapassar. A confirmação oficial de Nero de que devia suicidar-se, chegou à sua *villa* através de um esquadrão de pretorianos. O seu suicídio seria prolongado e agonizante. Primeiro, cortou os pulsos, depois, os tornozelos e, por fim, a parte de trás dos joelhos; mas a sangria não era suficiente. O copo de cicuta, preparado para essa eventualidade, também falhou. Somente quando os escravos o colocaram dentro de uma banheira de água quente, é que sentiu, finalmente, que a vida se desvanecia. Morreu como viveu: como um filósofo. No entanto, nos seus últimos momentos, enquanto ditava preceitos edificantes aos seus secretários, não conseguiu evitar deter-se no maior, no mais cicatrizante dos fracassos da sua vida. Pouco antes de cortar os pulsos, Sêneca acusou formalmente o seu antigo pupilo dos crimes que fora obrigado, por tanto tempo, a branquear. «Depois de Nero ter assassinado a mãe e o irmão, que lhe restava a não ser matar o seu professor e mentor?»^[76] Essas palavras, como o moribundo sabia, seriam amplamente divulgadas, uma acusação de além-túmulo. Nero, por maior que fosse o seu prazer com a notícia do suicídio de Sêneca, não podia deixar de se sentir incomodado. Primeiro a sua mãe, agora o seu tutor: ambos tinham perecido a acusá-lo de ser um monstro.

Desde a sua adoção por Cláudio, que a ânsia de Nero em usufruir dos aplausos dos Romanos estava em conflito com as suas paranoias. E era a luta constante para equilibrar esses instintos que o levava, mais do que uma

vez, a sacrificar aqueles que lhe estavam mais próximos. Mas agora, com a revelação da conspiração de Pisão, a total dimensão da sua impopularidade junto da elite romana tinha sido duramente exposta. Tinha-se levantado uma pedra, e os ódios tornados visíveis pareciam-lhe tão desprezíveis como as correrias e os contorcionismos de uma multidão de adutores. Não o surpreendia que o Senado tivesse acabado por se deixar consumir pelo ódio, pois Nero tinha prazer em o escandalizar e em desprezar os seus ideais. Maior foi o seu choque ao descobrir a traição no acampamento dos pretorianos. Fénio Rufo, o seu prefeito, tinha feito um desesperado jogo duplo, torturando e executando os seus companheiros de conspiração, julgando que com isso ficaria impune; mas esse jogo acabou quando o seu disfarce foi exposto por um Sevino indignado. Mas outros oficiais, em vez de esconderem o seu papel na conspiração, tinham-se glorificado do feito. Qual fora a razão, perguntou Nero a um deles, de ele ter quebrado o seu juramento de lealdade? «Porque», respondeu o centurião, «não havia outra maneira de o redimir dos seus crimes.»^[77] Contudo, a maioria, concluiria Nero, era menos exigente quanto à sua moralidade. E assim, na sequência da supressão da conspiração, e da execução dos vários oficiais que se provara terem sido traidores, ele fez questão de resolver o problema com dinheiro. Um maciço bónus e privilégios frescos: nada era demais para convencer os pretorianos. Quanto aos prefeitos, Nero estava cansado de homens com escrúpulos. O novo colega de Tigelino era um homem com uma reputação tão má quanto a dele. Ninfídio Sabino era um homem alto, de rosto sério, neto de Calisto, o poderoso liberto de Cláudio. Dizia-se que a sua mãe tinha trabalhado como prostituta no bairro dos escravos do Palatino, e que o seu pai, segundo o boato, era Calígula. Bem podia o Senado temer. O enfado de Nero perante as suas pretensões, há muito evidente, tinha-se claramente exponenciado. A promoção de Ninfídio, a

atribuição de estátuas no Palatino e no Fórum a Tigelino, o esbanjar de honrarias aos homens de confiança que contribuíram para as condenações durante os julgamentos por traição: tudo o proclamava de forma altissonante. No entanto, não foram apenas as suspeitas de Nero acerca da nobreza que foram confirmadas com a revelação da conspiração de Pisão. Confirmaria, também, o seu desejo de ser amado. E assim, ainda o sangue dos conspiradores executados não tinha secado por completo, e Nero preparava-se para cumprir finalmente uma ambição que há muito acalentava e atuar no palco dos palcos: a própria Roma.

O cenário para a ocasião era sombrio. A peste tinha assolado a cidade. Nas ruas ecoavam os lutos e espalhavam-se os fogos das piras funerárias. A multidão que enchia o teatro ansiava que lhe levantassem o moral. Nero assim o fez. Para horror dos senadores que assistiam e deleite dos seguidores que o adoravam, César apareceu em palco e recitou um poema. Depois abandonou o teatro; mas a multidão, aplaudindo e gritando, exigia o seu regresso, pedindo-lhe para «fazer uma demonstração pública de todos os seus diversos talentos.»^[78] Aulo Vitélio, especialista na encenação de tais situações, correu de pronto atrás do seu senhor. Declarando-se porta-voz do povo, anunciou que era desejo generalizado ver César participar no concurso de melhor músico. Com timidez, Nero deu o braço a torcer. Como se fosse um citarista, vestiu um longo manto e calçou sapatos de plataforma, e voltou para o palco com a lira nas mãos. Tangeu as cordas, limpou a garganta e começou a cantar. Nem o suor que lhe escorria pelo rosto o impediu de cantar sem pausas. Por fim, acabado o seu desempenho, caiu de joelhos e foi aplaudido por uma audiência em êxtase. O anúncio do veredicto do júri não surpreendeu ninguém. Nero, premiado com a palma da vitória, agradeceu com elegância; mas o verdadeiro prémio estava nos

aplausos da multidão. Numa cadência ritmada, ecoavam pelo céu de Roma. Nero, embevecido, sentia-se verdadeiramente adorado.

E essa memória em breve seria o principal suporte a que podia recorrer. Contudo, por mais que profundamente desejasse a devoção dos Romanos, não restava qualquer dúvida acerca do verdadeiro amor da sua vida. Mais glamorosa, elegante e atraente do que nunca, Popeia Sabina era agora duplamente preciosa para Nero, pois estava grávida. Dois anos antes, tinha dado ao marido uma filha; apesar de a criança ter morrido muito cedo, não havia qualquer dúvida quanto à sua capacidade de lhe dar um herdeiro. Foi por isso uma dupla calamidade quando Nero acrescentou à longa lista das pessoas que matara, uma cuja perda não conseguiria suportar. Ele nunca teve a intenção de matar Popeia. Tinha sido uma tolice da parte dela, ter-lhe ralhado insistentemente, apenas por ter chegado tarde a casa numa noite de corridas. Ele estava extenuado e irritado; mas, mesmo assim, nunca a deveria ter pontapeado na barriga proeminente.

A dor de Nero, a transbordar de culpa, era de uma incomensurável dimensão. No funeral de Popeia, queimou as provisões de perfume de um ano inteiro —, e depois queimou mais ainda. Em vez de assistir à redução a cinzas do corpo da sua amada, como os antigos faraós, decidiu embalsamá-lo, antes de o consignar no Mausoléu de Augusto. Popeia foi declarada deusa, e foi construído um templo em sua honra com o dinheiro extorquido às principais mulheres de Roma. Já não era a mulher que tinha morrido em circunstâncias sórdidas e miseráveis, com a sua enorme barriga cheia de hematomas; agora, eternizada, reinava nos céus como a deusa da beleza e do desejo: a «Vénus Sabina»^[79]. Muito típico em Nero. Aqueles que o temiam e detestavam não podiam deixar de reconhecer no infeliz destino de Popeia algo da própria Roma. Afinal, uma cidade também podia ser abusada, atacada e pontapeada. A morte de Popeia, acontecendo tão pouco

depois da conspiração de Pisão, em nada ajudou a acalmar o nervosismo de Nero. «Não importa quantas sejam as pessoas que condenes à morte», dissera Sêneca na sequência do assassinato de Agripina, «nunca conseguirás matar o teu sucessor.»^[80] Este era um aviso com o qual, na altura, concordara sem pejo; mas não agora, que tinha perdido o seu filho por nascer. Sem ninguém do seu próprio sangue para lhe suceder, o seu medo aos potenciais rivais tornou-se ainda maior. Entre ele e a mãe, já tinham feito uma enorme limpeza e, à exceção de Nero, apenas restava um único descendente de Augusto do sexo masculino vivo. Lúcio Júnio Silano era jovem, mas não era ingénuo. Quando um grupo de soldados chegou à remota cidade italiana para onde tinha sido exilado, resistiu à prisão. A tentativa estava condenada ao fracasso. Apesar de forte, não tinha espada. O centurião que comandava o esquadrão executou-o. Outras eminentes vítimas se seguiram. Algumas, como Trásea Peto, eram velhos inimigos de um imperador que já não estava disposto a tolerar qualquer indício de oposição. Outros eram homens demasiado experientes no comando de legiões para o gosto de Nero. Outros ainda eram homens famosos pela sua riqueza. Um ano depois dos assassinatos judiciais que se seguiram à conspiração de Pisão, parecia à elite de Roma que toda a nobreza se estava a afogar numa maré de sangue.

No entanto, os perfumes que Nero tinha queimado em honra de Popeia, e as especiarias com as quais tinha embalsamado o seu cadáver, eram lembranças de que o que ele podia brutalizar também podia embelezar. O dinheiro extorquido aos senadores executados por traição não foi parar apenas aos seus cofres. Nem o foram os impostos cada vez mais pesados que tinha começado a impor às províncias, nem o rendimento das férteis quintas de África das quais se tinha apropriado, nem os tesouros que os seus agentes foram saqueando dos templos de todos os territórios do mundo

romano. Por mais desesperadamente caro que fosse reconstruir uma cidade tão grande como Roma, Nero não era homem para restringir os restauros. Assim, só lhe restava como opção arranjar dinheiro de todas as fontes possíveis e imagináveis, porque economizar era impensável.

Qualquer oportunidade era aproveitada. Quando um Cartaginês, membro da Ordem Equestre, relatou um sonho sensacional, no qual lhe tinha sido revelada uma grande provisão de lingotes de ouro enterrados nos campos de Cartago, que fora lá deixado um milénio antes pelo fundador da cidade, e que estava à espera de ser descoberto, Nero enviou um esquadrão inteiro de caçadores de tesouros para o recuperar. Quando as escavações se revelaram um fracasso, o Cartaginês, extremamente mortificado, acabou por se matar. Foi um embaraço, mas não um dos maiores. Nero permaneceu fiel ao que considerava ser a sua maior responsabilidade: encantar os seus concidadãos. No início do verão de 66, deu-se a muito aguardada chegada a Roma de Tirídates, que viajava da Arménia para receber a sua coroa, constituindo a oportunidade perfeita para deslumbrar, literalmente, os Romanos. No dia da cerimónia, o sol incidiu sobre um Fórum repleto de cidadãos vestidos com as suas togas de ofuscante brancura, e bordejado por pretorianos cuja armadura e estandartes «brilhavam como relâmpagos»^[81]. Concluída a coroação, foi encenada uma segunda vez no Teatro de Pompeu, onde o palco, as paredes, e até os adereços, refulgiam com efeitos extravagantes. Sob um luxuoso toldo de cor púrpura, onde Nero estava retratado como um cocheiro celestial cercado por estrelas douradas, Tirídates prestou-lhe vassalagem. Ninguém podia duvidar, ao olhar para o rei, com as suas vestes bárbaras, prostrando-se diante de César, de que os confins do mundo se submetiam ao seu centro. Era, aliás, como todos diziam, «um dia de ouro»^[82].

Que importância tinha que os bairros degradados apinhados de gente

desalojada pelo incêndio continuassem a pontuar na periferia da cidade, ou que, nas salas onde pesava o suor do desespero, não se tivessem prorrogado os julgamentos por traição, só porque o rei da Arménia estava na cidade? Mais tarde, quando Tirídates regressou a casa, depois de retirado o ouro do teatro de Pompeu e de varridas as pétalas no Fórum, o fascínio e o fulgor de Nero continuavam em alta. Agigantando-se sobre o Fórum, crescia, meio concluída, a base da desmesurada estátua do escultor Zenodoro, o Colosso, que, quando estivesse concluída, iria tocar as estrelas com os raios do seu diadema. Por sua vez, atrás dela, estendia-se o lago, as florestas e os campos que, no coração da capital, simulavam todas as múltiplas belezas naturais do mundo. Entretanto, revestida a ouro e adornada com joias, a fachada da Casa Dourada estendia-se desde um dos lados do monte Ópio, dando, durante todo o verão, a sensação de estar iluminada pelo fogo. Era como se, no meio da cidade queimada e nervosa, o próprio Sol tivesse construído o seu palácio.

Nero podia dar-se ao luxo de desprezar os seus inimigos. Vivera impaciente durante mais de uma década, ansioso por se libertar de instruções intrincadas e inúteis, e poder criar, como convinha ao supremo artista que ele era, a sua própria realidade. O Senado, ferido e desmoralizado, parecia impotente para lhe resistir; as pessoas, extasiadas pela sua liderança de fantasia e espetáculo, mostravam-se desejosas de participar na sua reconfiguração do que podia significar ser-se Romano. Em última instância, parecia que tudo o que Nero desejasse se submeteria à sua vontade.

Enfrentar a realidade

No início do outono do ano 66, uma grande frota de navios que transportava César e a sua comitiva entrou no porto de Corinto.^[83] Situada no estreito istmo que separa a Grécia continental do sul do Peloponeso, a cidade era um lugar muito ao jeito de Nero. Célebre pelas suas prostitutas e estátuas, era nela que se realizava um famoso festival: os Jogos Ístmicos. A cada dois anos, uma multidão reunia-se nos arredores de Corinto para assistir a um variado conjunto de atividades desportivas e de concursos artísticos. «Vem gente de toda a Ásia e Grécia para participar nestes jogos.»^[84] Nessa ocasião, porém, havia um visitante de Itália que planeava tornar notada a sua presença no evento. Nero, revigorado pelos seus triunfos em Nápoles e Roma, estava pronto para ser bem-sucedido no circuito dos festivais da Grécia. Obedecendo às suas ordens, os organizadores dos jogos mais prestigiados tinham recalendarizado os seus eventos por forma a garantir que todos podiam ser realizados num único ano. Em resultado, os Jogos Olímpicos tinham sido adiados pela primeira vez na sua história, enquanto outros festivais tinham sido especialmente antecipados. Nero pretendia competir em todos eles. Depois disso, pretendia continuar para leste, para aí conseguir mais glórias subjugando os bárbaros que espreitavam para lá do Cáucaso. Desde a expedição de Cláudio à Britânia que nenhum outro César tinha saído para as províncias; e desde que Augusto percorreria o Mediterrâneo oriental recuperando as águias da Pártia, que nenhum governante do mundo tinha planeado uma tão prolongada ausência de Roma. Logo que Nero se dirigiu para leste, a propaganda foi imensa. Um astrólogo previu que ele iria transformar o Peloponeso numa ilha, abrindo um canal através do istmo, um segundo, que iria sentar-se num trono de ouro em Jerusalém. Toda a Grécia estava curiosa.



Entretanto, em Roma havia muitos que repudiavam essa aventura de Nero no oriente. Quanto mais restritos eram os círculos, maior era o sentimento de indignação. O desprezo era, claro, absolutamente mútuo. Ver os companheiros de viagem de Nero que desciam dos barcos para terra em Corinto, era saber que a elite romana tinha sido decisivamente colocada na sombra. Desde que Tibério se retirara para Capri, o acesso a César nunca

tinha sido barrado de forma tão humilhante. Ao descer a Via Ápia para embarcar no navio para a Grécia, Nero tinha sido alertado para mais uma conspiração contra a sua vida, e a sua revelação confirmava uma suspeição sobre o Senado que teria dado crédito a Calígula. «Eu detesto-o, César, por ser senador.»^[85] Esta piada, muitas vezes repetida na sua presença por um peculiar acólito, um coxo que fora sapateiro, chamado Vatínio, fazia sempre Nero sorrir. Na verdade, nem todos os senadores tinham sido proibidos de o acompanhar. Perspetivando a campanha projetada para o Cáucaso, Nero levava consigo nessa viagem militares experimentados em campanhas. Representativo disso mesmo era um ex-cônsul chamado Vespasiano. Veterano da conquista da Britânia, os seus registos de guerra compensavam o seu infeliz hábito de adormecer durante os recitais de Nero. Mas, em verdade, Vespasiano era apenas uma linhagem ligeiramente melhor do que Vatínio, e os seus comandos e magistraturas não conseguiam obscurecer o facto de o seu avô ter sido um cobrador de dívidas. Para aqueles que no Senado ainda podiam reivindicar ter uma ascendência que remontava aos primórdios heroicos de Roma, isso era uma profunda humilhação. Que escolha havia entre um ex-sapateiro e um camponês que tinha conseguido alcandorar-se a cônsul? Entre Vatínio, um parasita maldoso e de má reputação e Vespasiano, um herói de guerra condecorado, parecia não haver diferença. Ambos eram ouvidos por César. O mundo estava virado ao contrário.

Mas havia pior. Os soldados e os cortesãos não eram as únicas pessoas na comitiva do herdeiro de Augusto. Nela também se podiam encontrar fervilhantes hordas de músicos, professores de voz e treinadores pessoais, dado que Nero, como competidor nos Jogos Olímpicos ou Ístmicos, dificilmente conseguiria funcionar sem uma grande equipa de retaguarda. Na Grécia, a casa do teatro e do desporto de competição, a ideia de que o

que acontecia num teatro ou numa pista de corrida era um espelho virado para o mundo, era algo familiar; mas nunca antes alguém pensara em esbater as fronteiras entre eles com um efeito tão estonteante. Ao contrário da maioria dos visitantes da província, Nero não era um turista. Ele não tinha qualquer interesse em visitar os lugares turísticos. A Grécia que tinha vindo conhecer não era a terra da arte e das antiguidades, mas a da mitologia viva. Os jogos realizados em Olímpia, ou no istmo, ou em Argos, onde Agamémnon outrora reinara, ou em Delfos, onde Apolo tinha o seu mais famoso santuário, ofereciam-lhe a comunhão com os heróis lendários do passado de uma forma que nenhum festival correspondente em Roma jamais permitiria.

Era esse seu encanto que fascinava todos os competidores; e era por isso que, apesar do seu estatuto como César, Nero se recusava a tomar o primeiro lugar como garantido. Sem uma efetiva concorrência, as suas vitórias seriam inúteis. Por isso, como qualquer outro participante nos jogos, era assaltado pelo nervosismo do palco, reclamava contra os seus rivais nos bastidores, e vivia com medo dos juízes. Governador do mundo ou não, o seu desempenho em palco não podia parecer uma fraude, e todos sabiam disso. Apesar de os juízes, evento após evento, não terem tido outra alternativa que não conceder-lhe o primeiro prémio, tal não diminuiu a genuína admiração sentida por muitos espetadores perante os seus feitos. Os maiores festivais na Grécia tinham sido fundados por deuses ou heróis de sangue real; e agora, com a chegada de César como cabeça de cartaz, os antigos dias de música e lenda pareciam ter regressado. Por todo o Oriente, onde se realizassem espetáculos teatrais ou eventos desportivos, as suas atuações eram esplendorosas. Os senadores em Roma podiam escarnecer, mas Nero olhava com atenção, não apenas para a capital, mas para todas as terras por si governadas.

Na Grécia, conseguia respirar mais à vontade. Quem visitava as grandes festas estava sintonizado com a sua sensibilidade. Em Roma, por exemplo, Nero tinha hesitado em atuar como ator. Aqueles que mostravam os seus corpos perante o olhar do público, vestidos em trajes exóticos e a dizer as palavras de outros, eram considerados pelos cidadãos íntegros como pouco melhores do que prostitutas. Isso explicava a sua presença ao lado de adúlteros e de gladiadores que pertenciam à classe social definida pela lei como *infames*. Desaprovar o teatro era uma venerável tradição romana. Os moralistas sempre o consideraram como uma ameaça «às qualidades de virilidade pelas quais os Romanos eram reconhecidos.»^[86] Os atores observavam de forma severa e tinham inclinações afeminadas. Raramente respeitavam as diferenças entre homens e mulheres. Era necessário serem rigorosamente vigiados. Um ator que achara divertido manter uma mulher casada como pajem, com o cabelo cortado como um rapaz, foi chicoteado e banido de Roma de acordo com instruções do próprio Augusto. Aqueles que representavam o papel de outros em público eram uma ameaça subversiva a todos os níveis, ameaçando prejudicar os fundamentos mais básicos. Sêneca, ao assistir a uma representação onde um escravo desempenhava o papel de Agamémnon derrubando os que os rodeavam, deu consigo a refletir sobre a natureza ilusória do estatuto social. «Quem é o “Senhor de Argos”?», meditou. «Bem, apenas um escravo!»^[87]

Mas não era isso que inquietava César. Nero, como muitos dos heróis que faziam parte do repertório, era descendente de um deus, e exercia o poder real, o que dava à sua presença em palco um peso muito excepcional. Representar era nele algo natural. Nos primeiros tempos da sua governação, dirigiu-se ao Senado com um discurso escrito por Sêneca, e foi fortemente ridicularizado nas suas costas por isso: «Os que tinham memória do passado diziam que ele fora o primeiro imperador cuja eloquência era

emprestada.»^[88] Mas mesmo então, Nero já tinha interiorizado o que significava ser um *princeps*. Governar como César era desempenhar um papel. A representação era tudo. Agora, chegado à Grécia, o objetivo de Nero era fazer com que todos percebessem isso mesmo. Em palco, a sua caracterização tanto podia ser feita para que se parecesse com um herói, ou consigo mesmo. Ninguém podia ficar confundido com o que lhe era mostrado. Os acontecimentos na vida de Nero, as suas muitas provações e adversidades, eram tão dignos de um texto dramático como qualquer narrativa da mitologia. Vê-lo representar a personagem de Orestes era saber que o assassinato de Clitemnestra tinha sido rivalizado por um segundo, e não menos terrível, ato de matricídio. Quando representava o papel de uma mulher a dar à luz, quem podia deixar de refletir sobre a tragédia que se abatera sobre ele com a perda do herdeiro? Quando usava uma máscara inspirada nas feições de Popeia, quem podia deixar de lembrar-se dos acessos de loucura homicida enviados pelos deuses sobre muitos dos antigos heróis, sem sentir pena do próprio Nero? Era uma representação magistral. Visão, audácia, presunção: o seu desempenho de tudo se vangloriava. Somente Nero o podia ter tentado; somente Nero podia ter produzido um efeito tão impressionante. Contudo, a ressuscitação de Popeia em palco era apenas um começo. Para lá do teatro, Nero tinha como objetivo moldar a realidade aos seus desejos. O seu sentimento de luto permanecia por apaziguar. Na sequência da morte de Popeia, tinha por breves momentos chegado a considerar casar com Antónia, a única descendente viva de Cláudio; mas quando ela, sem qualquer surpresa, se mostrou relutante em casar com o assassino da sua irmã, ele optou então por condená-la à morte por traição. Significativamente, a escolha da nova esposa recaiu sobre uma mulher muito parecida com Popeia. Estatília Messalina, que tinha sido casada com um cônsul executado na sequência da

conspiração de Pisão, era elegante, bela e inteligente. Todavia, nem mesmo o fascínio que partilhava com Nero pela educação e fortalecimento da voz a compensava, na opinião do seu novo marido, de uma permanente desvantagem: ela não era Popeia.^[89] Foi por isso que, como fizera no passado, ao dormir com uma prostituta que se assemelhava à sua mãe, Nero encomendou que lhe encontrassem uma sócia da mulher que tinha pontapeado até à morte. E assim, uma mulher que se assemelhava bastante a Popeia foi localizada, e entregue na sua cama; mas depressa se cansou dela. Então, outra pessoa foi encontrada: alguém irresistível, de pele suave e cabelos cor de âmbar. Para Nero, quando lhe levaram esse prémio, era como se a sua falecida mulher tivesse sido devolvida à vida. Conseguia de tal modo imaginar-se a olhar para o seu rosto, a acariciar-lhe as faces, a abraçar-lhe o corpo, que lhe parecia que Popeia fora resgatada da sepultura. Mas havia um senão. Apesar de toda a espantosa semelhança, a pessoa encontrada não era uma mulher, nem sequer uma rapariga. A sócia, tão perfeita, capaz de convencer um marido enlutado, apenas tinha uma pequena imperfeição. A dupla de Popeia Sabina, o maior amor de Nero, era um rapaz. Nada era mais efêmero do que uma beleza assim. Como as flores da primavera, proporcionava um deleite que era mais doce ainda por ser tão fugaz. Era essa qualidade que tornava os rapazes com uma aparência requintada num artigo de luxo. Um pouco como as ostras do lago de Lucrino, eram muitíssimo apreciados por quem os comprava, precisamente porque não duravam muito. Um traficante de escravos, desesperado para não ver desvalorizada a sua mercadoria, chegava a usar ovos de formigas para retardar o crescimento dos pelos nas axilas de um rapaz, e sangue de testículos de carneiro para manter as suas faces suaves; um proprietário, em vez de aceitar que o seu adorado jovem amante atingira a puberdade, podia vesti-lo como uma rapariga «e mantê-lo sem barba, alisando-lhe os pelos,

ou então arrancando-os pela raiz.»^[90] Porém, a triste verdade era que existia apenas uma opção confiável para preservar a aparência primaveril de um rapaz; e Nero escolheu-a.

O nome que lhe deu foi Esporo (*Sporus*). Mesmo quando escarnecia dos valores tradicionais, Nero permanecia suficientemente romano para achar os eunucos uma espécie de brincadeira. Não tão sinistros quantos os *Galli*, cuja castração era autoinfligida, os rapazes castrados a mando dos seus senhores arrastavam consigo o perfume inconfundível da contracultura. Suaves, inférteis e indelevelmente associados aos haréns dos déspotas do Leste, eram o oposto das rígidas virtudes da masculinidade romana, o que, para aqueles que estavam sempre atentos à moda era, naturalmente o pormenor que interessava. Mecenas, quando administrou a Itália durante a campanha de Ácio, escandalizou os conservadores ao aparecer em público escoltado por dois eunucos; Sejano, confirmando a aversão que os moralistas tinham por ele, possuía um eunuco chamado «Brinquedo», cujo preço recorde continuava, décadas depois, a provocar arfares de admiração.^[91] Mas Nero, como era seu hábito, foi um pouco mais longe no escandalizar das opiniões respeitáveis. Sim, Esporo tinha sido castrado para garantir a preservação da sua beleza, mas essa não fora a única razão da sua castração. Afinal, não era um eunuco que Nero estava interessado em levar para a cama, mas sim a sua falecida mulher. Ele queria ter Popeia Sabina de volta.

Daí o nome atribuído à sua dupla. Como sua instrutora para se transformar em Augusta, foi atribuída a Esporo uma mulher da classe alta chamada Cálvia Crispinila, cujas qualificações como mestra de guarda-roupa eram insuperáveis. Elegante e aristocrática, ela tinha também ganhado enorme reputação como «instrutora de prazer sexual de Nero»^[92]. Entregue nas mãos de Cálvia, Esporo passou a vestir as roupas de Popeia, a

pentear os cabelos no estilo favorito dela e a pintar o rosto com os seus requintados cosméticos. «Tudo o que fazia, tinha de o fazer como uma mulher»^[93], e, no caso, ser a mulher de César. Enquanto Nero passeava pela Grécia, também Esporo viajou com ele, transportado na liteira de uma Augusta e servido por um enorme grupo de criadas. Apenas faltava uma coisa para completar a transformação. As núpcias, encenadas durante a permanência de Nero na Grécia, corresponderam à tradição. A noiva, com um véu cor de açafrão, foi entregue por Tigelino; por toda a província, realizaram-se celebrações; e chegaram a fazer-se orações aos deuses para que o feliz casal tivesse filhos. Só uma coisa impedia a ilusão de ser completa: faltava à nova Popeia Sabina a anatomia de uma mulher.

E não foi por falta de tentativas. Nero, se tivesse podido, teria retirado os restos mutilados dos genitais de Esporo e separado a carne viva da virilha do infeliz rapaz, para abrir uma passagem que permitisse implantar um útero. A flagrante impossibilidade de cumprir tal ambição não impediu a oferta de grandes recompensas a quem o conseguisse fazer, fosse através de cirurgia ou por meios obscuros. O corte de um canal onde antes nada havia era precisamente o tipo de projeto que sempre desafiara as extravagâncias de Nero. Em Itália, tinha ordenado a construção de um canal que se estendia de Puteoli ao Tibre, numa distância de cerca de 240 quilómetros. Depois, na Grécia, após o desafio lançado pelos oráculos, logo que chegou a Corinto deu ordens para que se rasgasse um canal no istmo. Era um projeto de engenharia destinado a facilitar o fluxo de comércio, e também algo muito maior. A cerimónia da apresentação do projeto não o podia ter tornado mais explícito. Emergindo de uma sumptuosa tenda, Nero deu o pontapé inicial ao cantar um hino sobre ninfas do mar; depois, pegou num tridente dourado, e espetou-o na terra por três vezes. Declarou com orgulho que a separação do Peloponeso da Grécia continental estaria em pé de igualdade

com tudo o que fora alcançado pelos lendários heróis. Era um projeto de infraestruturas fantasioso e espetacular; forquilhas de ouro e grupos de prisioneiros a trabalhar; canções sobre ninfas do mar e o suor e esforço do cortar de pedra duro: era o inimitável Nero.

E se a realidade, em vez de se submeter aos ditames da sua imaginação, insistisse em desafiá-los? A virilha de Esporo permaneceu sem uma vagina; o canal que deveria ligar Puteoli ao Tibre parecia ter ficado parado na Baía de Nápoles; as escavações no istmo geraram alarmados alertas nas costas de Nero de que ele estava a imiscuir-se nos assuntos dos deuses. Entretanto, para lá dos estádios e dos teatros da Grécia, nas fronteiras distantes e em províncias remotas, os assuntos do mundo não tinham parado. Os relatórios vindos do Oriente eram particularmente ameaçadores. Na Judeia, as tensões que há muito fermentavam tinham-se transformado numa revolta aberta. Notícias de uma tentativa falhada para restaurar a ordem em Jerusalém tinham sido relatadas a Nero logo que chegou a Corinto. Ao invés de abandonar o seu périplo pela Grécia e seguir de imediato para a Judeia, optou por enviar o homem melhor preparado da sua comitiva: Vespasiano. Entretanto, em Roma, os rumores de que o Senado ia ser abolido, e que a responsabilidade pelas províncias ia ser entregue a membros da Ordem Equestre e aos libertos de Nero, em nada contribuía para acalmar o nervosismo. Os espões, atentos a possíveis conspirações, observavam um aumento alarmante de correspondência entre vários governadores na Gália e na Espanha. O mais proeminente entre eles era o governador de Nero em Lugdunum, um senador descendente de uma das famílias reais Gaulesas, chamado Caio Júlio Víndice. «Fisicamente apto e mentalmente capaz, experiente na guerra e suficientemente corajoso para não recuar perante uma tarefa perigosa, combinava um profundo apego à liberdade com uma enorme ambição.»^[94] Tais qualidades, nos estertores da República, podiam

perfeitamente tê-lo referenciado como um concorrente no grande jogo das guerras civis; mas esses tempos pertenciam ao passado. Agora, quem não fosse descendente de Augusto, dificilmente podia esperar governar o mundo. Era nisso que Nero confiava. No entanto, quando lhe foi comunicado que Víndice tinha estado em contacto com Galba, o seu governador em Espanha há oito anos, sentiu um ligeiro alarme. Conhecedor do que era necessário para matar uma traição à nascença, deu instruções aos seus espiões. Galba tinha de ser eliminado. Dada a ordem, Nero voltou a concentrar-se num assunto bem mais importante: o seu périplo pela Grécia.

O seu feito mais ousado e arrepiante tinha sido alcançado, de forma adequada, no maior palco desportivo de todos. Dos muitos eventos encenados em Olímpia, nenhum se podia comparar, em perigo e emoção, à corrida de bigas. Remontando às origens dos jogos, era a mais importante montra da habilidade e da coragem. Nero, ao participar, arriscava a vida, e tanto mais porque, em vez de utilizar os habituais quatro cavalos, tinha decidido correr com dez. Era, claro, um feito digno de um deus; mas também exigia um treino que alguém ocupado a cuidar do mundo alguma vez conseguiria alcançar. Sem surpresa, entre toda a poeira, as colisões e as curvas em gancho, Nero foi projetado. Ao vê-lo caído na terra escaldante, enrolado a tentar evitar a passagem letal das outras bigas, a milímetros de ser esmagado, ninguém o teria recriminado se se retirasse do concurso. Mas ele era César, feito de outro material. Atordoado e ferido, Nero insistiu em subir de novo para o seu veículo, e retomar a competição. Embora não lhe fosse possível terminar a corrida, a multidão levantou-se para o aplaudir. Os juízes concederam-lhe o primeiro prémio.

A homologação consagraria um excecional romance. Pela primeira vez, um César tinha encantado não só os líderes da elite senatorial e o povo romano, mas também os habitantes das províncias, sem cidadania romana.

A 28 de novembro de 67, numa grande cerimónia em Corinto, Nero torná-lo-ia oficial. «Homens da Grécia, concedo-vos algo que nunca imaginastes como possível.» E informou-os de que os impostos tinham sido abolidos. Era um gesto magnânimo: «Concedo-vos este favor de boa vontade, e não por piedade, como um sinal de gratidão para com os vossos deuses, que de mim cuidaram, na terra e no mar, de forma tão constante.»[95]

Entretanto, no resto do mundo romano, não houve quaisquer tréguas na cobrança dos impostos. Com a Judeia a ferro e fogo, os habitantes das outras províncias estavam a ser sangrados por Nero, para pagarem a reconstrução de Roma e as suas campanhas projetadas para o Oriente. Na Gália, na Espanha e em África, era cada vez maior o ressentimento gerado pelos seus agentes, «cujas criminosas extorsões correspondiam à sua crueldade e despotismo.»[96] Ao passo que na Grécia, e nas províncias a leste, os feitos de Nero eram amplamente divulgados, na Espanha eram escarnecidos e ridicularizados abertamente. Galba, que tinha interceptado a mensagem enviada da Grécia que o condenava à morte, nada fez para pôr cobro ao escárnio. Contudo, ainda hesitava em fazer uma pública oposição ao regime de Nero. Outros governadores, temerosos de provocar a suspeita junto do imperador, e desconfiados uns dos outros, também preferiram recatar-se e esperar para ver o que podia acontecer.

Poucos tinham dúvidas quanto ao que estava em jogo. Há um século que o mundo estava em paz. Ninguém se lembrava de um tempo em que os cidadãos lutassem uns contra os outros. Não obstante, permaneciam bem vivas as memórias dos grandes derramamentos de sangue das guerras civis, quando o povo romano quase se tinha autodestruído, e o mundo com ele. Séneca, comprometido ao serviço de Nero, tinha usado um estilo de linguagem que sabia ser particularmente apreciado pelo seu jovem amo. Declarou que os Romanos seriam poupados às calamidades se se

mantivessem atrelados à biga de César: «pois se largassem as rédeas, todo o seu poder e grandeza se despedaçaria.»^[97] O conceito não era seu. Os cavalos mutilados, as rodas estilhaçadas, os cadáveres espojados no chão: repetidamente, no mundo anterior à ascensão de Augusto ao poder, todos tinham vislumbrado nestes espetáculos a imagem de uma ruína bem maior. Afinal, haveria sentimento mais aterrorizante para um povo do que o saber-se incapaz de deter e controlar? «Como quando as bigas largavam após a partida, ganhando velocidade a cada volta, e os condutores, impelidos pelos cavalos, em vão puxavam as suas rédeas sem que os veículos lhes obedecessem.»^[98] Portanto, era compreensível que os responsáveis pelas legiões hesitassem uma insurreição aberta; e também se compreende que a notícia da queda de Nero nos Jogos Olímpicos tenha originado uma substancial reflexão quando chegou a Roma.

Nessa ocasião, o liberto que ele tinha designado para administrar a capital na sua ausência teve de viajar para a Grécia para persuadir o seu senhor de que a crise estava a crescer cada vez mais, e de que o seu regresso se tornava urgente. Gorada a possibilidade de avançar para o Cáucaso para desempenhar o papel de general, Nero não era homem para deixar que essa contrariedade o afetasse. A sua entrada em Roma foi tão espetacular como qualquer desfile triunfal testemunhado na cidade. Assim, ciente dos desfiles triunfais do seu tetra-avô, fê-lo montado na biga utilizada por Augusto. Mas Nero celebrava vitórias que nenhum outro Romano tinha conseguido. Usava na cabeça a coroa de oliveira brava que o proclamava como vencedor nos Jogos Olímpicos; ao seu lado seguia o mais famoso citarista do mundo, vencido por César na competição. Estandartes proclamavam os títulos de Nero, e todas as numerosas coroas que tinha ganho na Grécia estavam dispostas à sua frente, para a regozijo e deleite dos Romanos. Entretanto, ao longo de todo o perfumado trajeto do desfile, eram lançadas

aves canoras e atirados doces e fitas para a multidão que aplaudia. «Viva Nero, o nosso Apolo!», gritavam. «Augusto! Augusto! Ó Divina Voz! Bem-aventurados os que te escutam!»[99]

Apesar das sombrias advertências dos seus conselheiros de segurança, Nero estava seguro quanto ao amor que os Romanos por ele sentiam. Sempre confiara na incomparável mestria na utilização da sua imagem para deslumbrar e confundir os seus inimigos, e não tinha intenção de mudar isso agora. Todavia, o teste final aproximava-se rapidamente. Na Gália, onde Júlio Víndice deixava que o tempo passasse, à espera do momento certo para erguer a bandeira da rebelião, Nero enfrentava um adversário com um domínio da propaganda quase igual ao seu. Em março de 68, Víndice mandou cunhar uma moeda onde se apresentavam dois punhais e um capuz, semelhante ao usado pelos escravos quando lhes era concedida a liberdade. Era uma imagem intencional. Cento e doze anos antes, na sequência dos Idos de Março, Bruto tinha emitido uma imagem semelhante; e agora estava-se de novo nos Idos de Março.[100] Nero, que se tinha retirado para Nápoles durante a primavera, recebeu a notícia da revolta através do próprio Víndice. A 19 de março, data do aniversário da morte da sua mãe, chegou-lhe uma carta do governador. Uma vez mais, era notada a coincidência. Víndice tinha um talento para fazer sangrar as feridas. Não se contentando em tratar Nero por «Enobarbo», esfregava sal na ferida, ridicularizando a capacidade do imperador enquanto músico. Nero, sentindo o golpe, não conseguiu evitar a indignação. «Repetidamente, encurralava as pessoas entre a espada e a parede, ao perguntar se conheciam alguém que classificassem como seu igual.»[101] Contudo, em geral, agiu com o contumaz desdém perante a ameaça de rebelião. Passou-se mais de uma semana até a insultuosa missiva de Víndice ser formalmente respondida, e nesse intervalo de tempo, fez questão de manter os seus costumeiros

interesses com uma perfeita demonstração de calma e indiferença. Nero sabia o que enfrentava em Víndice. Um musculado sentido do dever, um desfilar dos valores marciais, uma insistência nos códigos morais que remontavam a uma era em que o povo romano subsistira a nabos: tudo o que ele mais desprezava. Na sua tentativa de passar por cima da elite senatorial, em detrimento das massas que não davam qualquer importância às suas vetustas pretensões, ele tinha menosprezado de forma deliberada tudo o que Víndice representava. E continuava a fazê-lo agora. Em vez de se dirigir ao Senado em pessoa, enviou uma carta onde explicava que tinha uma dor de garganta e que necessitava de resguardar a voz para as suas atividades de canto. Quando convidou alguns proeminentes senadores para um encontro, passou a maior parte do tempo a mostrar-lhes os seus planos para um novo tipo de órgão hidráulico, e até prometeu tocar para eles em devido tempo, «desde que Víndice não pusesse objeções»^[102]. O sarcasmo de Nero era fruto, não da despreocupação, mas exatamente do seu oposto: a determinação de nunca responder à propaganda dos seus inimigos nos mesmos termos. Numa noite, ao sair embriagado de um banquete, manifestou a sua intenção de comparecer desarmado perante as legiões de Víndice, e não fazer mais nada do que chorar; «e depois, tendo convencido os rebeldes a mudar de opinião, regozijar-se-ia no dia seguinte junto dos seus rejubilantes vassalos, e entoaria hinos de vitória que, em boa verdade, devia estar a compor naquele momento.»^[103]

Mas nos bastidores, Nero levava a ameaça ao seu regime muito a sério. Apesar de não conseguir resistir à tentação de mandar organizar uma caravana para transportar os seus variados acessórios para a frente, nem de armar as suas concubinas como amazonas providenciando-as com um curto uniforme militar, sabia que não podia confiar em representações teatrais. E por isso, chamou para Itália a força expedicionária que tinha preparado para

a Campanha do Cáucaso, recrutou um grande número de soldados, e até mesmo de escravos, para a constituição apressada de legiões, enviando-as para norte, para patrulharem a fronteira com a Gália. Para os comandar, escolheu um antigo governador da Britânia chamado Petrônio Turpiliano, que tinha demonstrado a sua lealdade a Nero ao ter desempenhado um papel de destaque na supressão da conspiração de Pisão. Em simultâneo, foram enviadas cartas ao general recém-nomeado para o Norte, um homem de notória integridade chamado Virgínio Rufo, com ordens para que reunisse as legiões do Reno e marchasse para sul, ao encontro de Víndice. E assim, ao mesmo tempo que falava com descontração sobre instrumentos musicais com os senadores, Nero podia contemplar, com satisfação, as cuidadosas movimentações que ameaçavam os seus inimigos. Parecia certo que os rebeldes seriam esmagados. Mas, para ter a certeza, Nero fez questão de oferecer uma fortuna a quem lhe trouxesse a cabeça de Víndice.

Contudo, em meados de abril, as notícias tiveram uma reviravolta. Galba decidira agir por fim. Declarou-se representante do Senado e do povo romano, e não de César. Ao reconhecer no nobre veterano da frente germana um bem mais formidável adversário do que Víndice, Nero desfaleceu. Quando voltou a si, e foi tranquilizado pela sua velha aia de que, no passado, muitos príncipes tinham enfrentado semelhantes contrariedades, ele ignorou essa bem-intencionada tentativa de o consolar, e informou-a com alguma aspereza de que os seus problemas não tinham precedentes. Mas o pior estava ainda por vir. A rebelião de Galba levou muitos outros, que tinham pacientemente aguardado o desenrolar dos acontecimentos, a juntarem-se a ele. Entre eles estavam alguns nomes familiares. Otão, o ex-marido de Popeia, aproveitou a oportunidade de poder regressar de Espanha, onde prestava serviço como um dos seus governadores e, sem hesitar, prometeu lealdade a Galba. Entretanto, em

África, a sinistra Cálvia Crispinila, tutora do infeliz Esporo nas artes de ser uma Augusta, tinha-se envolvido com o governador da província, e incitou-o a juntar-se à insurreição. Depois, em maio, aconteceu o mais amargo dos golpes, uma deserção ainda mais cruel, pois envergava as vestes de um desfile triunfal. Os exércitos do Reno, que tinham ido ao encontro das forças de Víndice, aniquilaram os seus oponentes. Víndice suicidou-se. No entanto, em vez de renovarem os juramentos de fidelidade a Nero no campo de batalha, as legiões vitoriosas saudaram o seu general como imperador. Virgínio, fiel à sua reputada probidade moral, declinou tal saudação, declarando, contudo, a sua neutralidade na iminente luta pelo controlo do mundo. Entretanto, dizia-se que Petrónio, o general a quem Nero confiara a defesa do norte de Itália, estava também indeciso quanto às suas lealdades. O hábito de obediência à Casa de César, forjado por Augusto e pelos seus herdeiros durante mais de um século, parecia estar de súbito à beira do colapso. A antiga ferocidade, a selvajaria que nos primeiros tempos de Roma vira Remo ser derrubado por Rómulo, não tinha, afinal, sido completamente domada. Apressados para se encontrarem no êxtase da chacina mútua, as legiões de Virgínio e de Víndice ignoraram os esforços dos respetivos comandantes para as conter. «O embate da batalha foi terrível, como quando os cavalos se recusavam a obedecer aos condutores das bigas.»^[104] Repetia-se o que tinha acontecido nos terríveis dias que antecederam a ascensão de Augusto. Os acontecimentos tinham ficado completamente fora de controlo.

E Nero, enquanto experiente condutor de bigas, sabia-o. Recebendo a notícia da deserção de Petrónio durante o jantar, virou a mesa em fúria, e atirou duas preciosas taças para o chão. Depois, assegurando-se de levar consigo um abastecimento suficiente de veneno, deixou a magnificência da Casa Dourada e partiu para uma das suas propriedades fora da cidade. Aí,

confrontado com as opções que lhe restavam, abandonou-se ao desespero. Até os pretorianos, cujo amor ele fora a tantos extremos para cortejar, pareciam vacilar. Quando Nero exortou os seus oficiais a juntarem-se-lhe, eles contemporizaram: «Morrer é assim tão terrível?»^[105] Estas palavras, ditas na cara de Nero por um oficial pretoriano, fizeram-no gelar. Era evidente que o cancro da deslealdade começava a chegar ao coração do seu regime. Haveria ainda alguém próximo dele em que pudesse acreditar que não iria mudar de lado? A verdade é que não havia quaisquer sinais de Tigelino ou do seu colega na prefeitura pretoriana, Ninfídio Sabino. Ambos, supôs Nero, tinham abandonado a sua causa. Ambos, quando deles mais necessitava, provavam ser fiéis à sua reputação de venais e traidores. Num crescente clima de desespero, Nero começou a considerar outros planos na sua mente. Talvez, logo pela manhã, devesse dirigir-se ao Fórum vestido de preto e fazer um apelo direto aos Romanos, utilizando todo o seu talento para apelar ao sentimento? Ou talvez devesse fugir para Alexandria? Decidiu dormir sobre o assunto. Porém, os seus sonhos foram intermitentes. Ao acordar à meia-noite, verificou horrorizado que a *villa* estava quase vazia. Os seus guardas tinham desaparecido, e os seus amigos, até mesmo os seus serviçais, que, para adicionar o insulto à injúria, tinham roubado o seu abastecimento de veneno. Por breves momentos, Nero pensou se não deveria lançar-se ao Tibre; mas depois, após uma teatral corrida impulsiva para o concretizar, decidiu que ainda não estava preparado para perder a esperança por completo, e voltou para casa. Ainda lhe restavam alguns companheiros leais: Esporo, cujo bonito rosto de mulher e cabelo cor de âmbar lhe recordava dias felizes, e três criados. Um deles, um liberto chamado Fáon, ofereceu ao seu senhor a utilização de uma casa a norte de Roma. Incapaz de pensar num melhor esconderijo, Nero aceitou. Descalço, envolveu-se num manto desbotado e cobriu a cabeça, e, depois de montar o

cavalo, tapou o rosto com um lenço. Com os relâmpagos a tracejar o céu e a terra a tremer, ele e os seus quatro companheiros galoparam pelas ruas, tentando escapar de Roma.

A viagem foi arrepiante. Ao passarem pelo acampamento dos pretorianos, os cinco cavaleiros puderam ouvir palavras de ordem gritadas de forma selvática: profecias de desgraça para Nero e de sucesso para Galba. Um transeunte, vendo a velocidade a que se deslocavam, presumiu que iam no encalço do imperador fugitivo, e incitou-os. O pior susto aconteceu quando o cavalo de Nero se assustou com o mau cheiro de um cadáver abandonado na estrada, e ele deixou cair o lenço que lhe cobria o rosto, e um pretoriano já reformado o reconheceu. Mas o soldado limitou-se a saudá-lo; e foi assim que Nero, contra todas as probabilidades, foi capaz de chegar à casa de Fáon. No entanto, mesmo aí, havia novas indignidades a suportar. Porque Fáon insistiu que entrassem pelas traseiras, Nero foi obrigado a tropeçar em canas e silvas, e só depois de os seus companheiros terem aberto um buraco, conseguiria passar pela parede. Despedaçado e desesperado, cambaleou para os aposentos dos escravos, lançando-se para o primeiro quarto que encontrou, um lugar miserável e sórdido onde havia apenas um puído colchão. Aí, lamentando-se pela desgraça que se abatera sobre ele, Nero ordenou aos seus companheiros que lhe preparassem uma pira e lhe cavassem uma sepultura. Mesmo assim, apesar dos apelos dos seus companheiros, ainda hesitava. A dimensão da sua queda anestesiava-o. Não conseguia dar o último passo. Em vez disso, não parava de chorar e de lamentar a perda que a sua morte significaria para o mundo.

Então, chegou uma carta trazida por um dos mensageiros de Fáon. [*] Nero tirou-a das mãos do homem. À medida que a lia, ficava cada vez mais pálido. O Senado tinha-o declarado inimigo público. Não lhe devia ser mostrada qualquer piedade. Os senadores, como se estivessem a honrar o

tempo em que não havia Césares a ensombrá-los, tinham-no condenado a uma morte tão antiga quanto selvagem. Deveria ser despido, arreatado e conduzido pelas ruas, e espancado até à morte com bastões. Para não sofrer um tal destino, Nero sabia que não tinha outra escolha que não fosse acabar ele mesmo com a sua vida. Pegou em dois punhais, testou-lhe as suas lâminas, e depois recolocou-os no lugar. «A hora fatal», gritou, «ainda não chegou.»^[106] Mas tinha chegado. Quando estava a instruir Esporo para que o chorasse como era devido a uma mulher, gritando e arrancando os cabelos e as vestes, ouviu o som de cascos a trovejar pela *villa* dentro. Mais uma vez, pegou no punhal. Desta vez, com a ajuda de um liberto, encheu-se de coragem e espetou-o na garganta. Um centurião, entrando a correr na sala, tentou estancar o fluxo de sangue com o seu manto, mas era tarde demais. «Que lealdade»^[107], murmurou o moribundo; e, em seguida, os seus olhos começaram a inchar de forma terrível. Nero Cláudio César Augusto Germânico estava morto. E, com ele, toda a dinastia da qual tinha sido o último membro sobrevivente. A sua extinção não surpreendeu os que eram versados na arte da leitura de presságios. Na *villa* que pertencera em tempos a Lívía, no bosque de loureiros, permaneciam quatro árvores murchas. Cada uma delas tinha sido plantada por um César; e cada uma, pouco antes da morte do César, tinha morrido. Assim, pouco antes do suicídio de Nero, também a árvore que ele tinha plantado começara a definhar, e com ela, das raízes à copa, todo o bosque de loureiros. Também todas as galinhas, nascidas da galinha que milagrosamente caíra no colo de Lívía, tinham morrido. O significado não podia ser mais claro. A linhagem dos Césares estava destinada a terminar com Nero, e assim acontecera. Para o assegurar, os imperadores seguiram os seus passos, e todos seriam agraciados com o título de César. No entanto, nenhum deles governaria como descendente de Augusto. Galba, demasiado velho, demasiado severo

e demasiado maldoso para agradar às pessoas ainda meio encantadas por Nero, não durou muito tempo; e foi assim que, em janeiro de 69, junto ao local no Fórum onde Marco Cúrcio se lançara no abismo, viria a ser agredido até à morte. Otão seguiu-o três meses depois; e oito meses depois dele, Vitélio. Três imperadores pereceram no espaço de um ano. No final, caberia a Vespasiano, regressado da guerra na Judeia, alcandorar-se a senhor do mundo. Mais do que isso, ele conseguiu fundar uma nova dinastia. Quando morreu na sua cama uma década mais tarde, foi sucedido pelo seu filho mais velho, a que, por sua vez, se seguiria o seu irmão mais novo. Como Augusto e Cláudio, Vespasiano acabaria também por ser deificado.

No entanto, os Romanos nunca mais viriam a ser governados por imperadores tocados pela pura mística e autoridade que a pertença à família de Augusto tinha propiciado aos seus herdeiros. Nero, ao subir aos palcos, tinha tido o direito de se reconhecer a si mesmo como um mito. Toda a sua família o possuía. O sangue que corria nas suas veias tinha sido tocado pelo sobrenatural. A dinastia que tinha sarado as feridas da guerra civil, e implantado entre as gentes que odiavam os reis uma autocracia inexpugnável e duradoura, era, com justiça, considerada divina. O nome de Augusto permaneceria sagrado enquanto houvesse homens a usar o título de César. Servia de garantia à humanidade que um homem, entre os caminhos terrenos e divinos, poderia de facto reinar como um príncipe da paz universal, e ascender triunfante ao céu. Augusto, que vencera os seus inimigos como ninguém na história o fizera, tinha vencido a própria morte. O mesmo fizeram os seus herdeiros. Até Calígula conseguira assombrar a casa onde fora assassinado, e os jardins onde o seu corpo fora queimado. Quando Nero se matou, e extinguiu a linhagem de Augusto, muitos foram os que se recusaram a acreditar. Décadas depois, por todo o mundo romano,

as pessoas estavam convencidas de que ele voltaria de novo. «Todos desejam que ele ainda esteja vivo.»[108]

Até mesmo aqueles que mais sofreram por sua causa, e que tinham todos os motivos para execrar a sua memória, não podiam deixar de reconhecer o carisma da Casa de César. Cerca de três décadas depois do suicídio de Nero, um Cristão chamado João registou uma visão do Fim dos Tempos que lhe fora revelada por um anjo. Viu uma besta de sete cabeças a emergir do mar; «e uma das suas cabeças parecia ter um ferimento mortal.»[109] Muitos dos que leram a visão de João, interrogaram-se com temor se tal ferimento não seria o golpe de punhal que Nero desferira na garganta para acabar com a própria vida.[*] A ferida, como o anjo revelou a João, estava destinada a sarar; e a besta, «que era, e já não é»[110], emergiria das profundezas. Seria montada por uma mulher; e a mulher estaria «vestida de púrpura e escarlate, e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas, segurando na mão um cálice de ouro cheio das abominações e das impurezas da sua fornicção.»[111] Nunca antes a Roma governada pela família de Augusto tinha parecido tão fascinante.

«O verdadeiro artista perece comigo.»[112] Assim falou Nero, com a sua costumeira falta de modéstia, quando se preparava para o suicídio. E não exagerou. Ele tinha de facto sido um artista, e os seus antecessores também. Augusto e Tibério, Calígula e Cláudio: cada um, à sua maneira, tinha conseguido com o seu governo do mundo construir uma lenda que iria para sempre marcar a Casa de César como misteriosa e mais do que mortal. Pintado a sangue e ouro, o seu testemunho jamais deixaria de assombrar o povo romano como algo que era um misto de admiração e de horror. Não sendo necessariamente divina, tinha-se tornado imortal.



CRONOLOGIA

- 753 a.C.: Fundação de Roma.
- 509: Queda da monarquia e estabelecimento da República.
- 504: Chegada de Ápio Cláudio Sabino a Roma.
- 390: Os Gauleses saqueiam Roma.
- 312: Começam os trabalhos na Via Ápia.
- 205: Cipião, *o Africano*, torna-se cônsul aos 31 anos.
- 187: Cipião, *o Africano*, é acusado de peculato.
- 186: O Senado tenta proibir a adoração de Liber (Baco).
- 91: Irrompe a revolta italiana contra Roma.
- 67: É dado a Pompeu o comando do Mediterrâneo.
- 65: Nascimento de Caio Otaviano.
- 59: Júlio César como cônsul. O primeiro Triunvirato.
- 53: Batalha de Carras: Crasso perde as suas águias.
- 49: Júlio César atravessa o Rubicão. Eclode a guerra civil.
- 45: Júlio César derrota os seus últimos inimigos no campo de batalha.
- 44: Assassinato de Júlio César.
- 43: Lívia casa com Tibério Cláudio Nero. Forma-se o segundo Triunvirato. Proscrições em Roma.
- 42: Batalha de Filipos. Caio Otaviano torna-se Imperador César *Divi Filius* Lívia dá à luz Tibério.
- 41: Confiscação generalizada de terras em toda a Itália.
- 40: Saque de Pérúsia. Lívia e o marido fogem de Itália.
- 39: Lívia regressa a Roma.
- 38: Casamento de Lívia com Augusto. Nascimento do seu segundo filho, Druso. Augusto começa a chamar-se Imperador César.
- 33: Agripa, como edil, restaura as ruas e limpa os esgotos de Roma (Cloaca Máxima).
- 31: Batalha de Ácio. Mecenas dá a Horácio uma propriedade nos montes Sabinos.
- 30: Morte de Marco António e de Cleópatra. O Egito é anexado.
- 29: O Imperador César comemora três triunfos. Crasso derrota os Bastarnas.
- 28: Conclusão do templo de Apolo no Palatino.
- 27: O Imperador César torna-se Augusto. A «decisão de Augusto ».

- 23: Augusto, que aparentemente estava às portas da morte, recupera. Estabelece o seu consulado, e são-lhe concedidos novos poderes pelo Senado. Morte de Marcelo.
- 22: Augusto deixa Roma para uma viagem ao Oriente.
- 21: Marco Vipsânio Agripa casa-se com Júlia.
- 20: Augusto recupera as águias perdidas por Crasso. Nascimento de Caio, filho de Agripa e de Júlia.
- 19: Augusto regressa a Roma.
- 18: Leis do adultério de Augusto. Nascimento de Lúcio, irmão mais novo de Caio.
- 17: Roma celebra o alvorecer de um novo ciclo. Augusto adota Caio e Lúcio. Marco Lólio perde a sua águia para um grupo de atacantes Germanos.
- 15: Nascimento de Germânico.
- 12: Augusto torna-se Pontífice Máximo (sacerdote supremo). Morte de Agripa. Druso inaugura um altar para Roma e Augusto, em Lugdunum.
- 11: Casamento de Tibério e Júlia. Nascimento de Cláudio.
- 9: Morte de Druso. Tibério acompanha o seu corpo até Roma.
- 8: Morte de Horácio.
- 6: Tibério retira-se para Rodes.
- 2: Augusto é recompensado com o título de «Pai da Pátria». Dedica o templo de Marte, o *Vingador*. Júlia vê-se envolvida num escândalo sexual e é exilada.
- 1: Caio parte para o Oriente.
- 2 Tibério regressa a Roma. Morte de Lúcio.
- a.C.:
- 4: Morte de Caio. Augusto adota Tibério, que adota Germânico.
- 6: Revolta da Panónia.
- 8: Júlia, neta de Augusto, é exilada. Ovídio é exilado.
- 9: Ovídio chega a Tomis. Batalha da Passagem de Teutoburgo.
- 10: Tibério assume o comando da frente germana.
- 12: Tibério regressa a Roma para o seu triunfo. Nascimento de Calígula.
- 14: Morte de Augusto. Tibério torna-se *Princeps* Agripa Póstumo é executado. Motim na Panónia e no Reno.
- 15: Sejano torna-se o único prefeito da Guarda Pretoriana.
- 16: Tibério manda Germânico regressar a Roma. Captura de Clemente.
- 17: Germânico parte para o Oriente. Morte de Ovídio.
- 19: Morte de Germânico. Agripina regressa à Itália. Morte de Armínio.
- 20: Julgamento e suicídio de Piso.
- 23: Morte de Druso, filho de Tibério.
- 25: Sejano tenta e falha o casamento com Livila. Cremúcio Cordo é julgado.
- 26: Tibério deixa Roma e parte para a Campânia.
- 27: Tibério instala-se em Capri. Colapso do anfiteatro de Fidenas.
- 28: Julgamento de Tito Sabino.

- 29: Morte de Livia. Agripina, mulher de Germânico, é exilada.
- 31: Calígula é chamado a Capri. Queda de Sejano.
- 33: Morte de Agripina.
- 37: Morte de Tibério. Calígula torna-se imperador. Fica doente e recupera. Nascimento de Nero.
- 38: Morte e consagração de Drusila.
- 39: Calígula denuncia o Senado, casa-se com Milônia Cesônia, e parte para a Germânia. Lépidio é executado, e as duas irmãs sobreviventes de Calígula, Agripina e Júlia Livila são exiladas.
- 40: Calígula chega às margens do Canal, antes de voltar para a Itália. Atravessa uma ponte de barcos na Baía de Nápoles. Regressa a Roma, e suprime uma conspiração.
- 41: Assassinato de Calígula. Cláudio torna-se imperador. Agripina e Júlia Livila são chamadas do exílio. Júlia Livila é enviada de novo para o exílio. Sêneca é exilado para a Córsega. Livia é deificada.
- 42: Supressão de um golpe contra Cláudio. Suetônio Paulino atravessa as montanhas do Atlas. Começam os trabalhos de desenvolvimento de Óstia.
- 43: Invasão da Britânia.
- 47: Julgamento e suicídio de Valério Asiático.
- 48: Queda de Messalina.
- 49: Cláudio casa com Agripina. Sêneca é chamado do exílio.
- 50: Cláudio adota Nero.
- 51: Captura de Carataco.
- 53: Nero casa com Otávia.
- 54: Morte de Cláudio. Nero torna-se imperador.
- 55: Morte de Britânico.
- 58: Nero apaixonava-se por Popeia Sabina.
- 59: Assassinato de Agripina. Nero comemora o primeiro corte da barba.
- 60: Revolta da rainha Boudica.
- 61: Assassinato do prefeito da cidade por um dos seus escravos.
- 62: Morte de Sexto Afrânio Burro e promoção de Tigelino a prefeito da Guarda Pretoriana. Nero divorcia-se de Otávia, exila-a e executa-a. Casa-se com Popeia Sabina.
- 64: Nero atua em público pela primeira vez, em Nápoles. Festa de Tigelino no Campo de Marte. O grande incêndio de Roma.
- 65: Conspiração de Pisão. Sêneca suicida-se. Morte de Popeia Sabina.
- 66: Tirídates visita Roma. Nero parte para a Grécia.
- 67: Nero compete nos Jogos Olímpicos e casa com Esporo. Regressa a Roma.
- 68: Rebelião de Caio Júlio Vindice. Morte de Nero. Sêrvio Sulpício Galba torna-se imperador.
- 69: Morte de Galba. Otão, Vitélio e Vespasiano tornam-se imperadores, em sucessão.

DRAMATIS PERSONAE

Antes de Augusto

RÓMULO: fundador e primeiro rei de Roma.

REMO: o seu irmão gêmeo. Morto em circunstâncias misteriosas.

TARQUÍNIO, *O SOBERBO*: o último rei de Roma, expulso em 509 a.C.

BRUTO: primo de Tarquínio e líder da revolução que fundou a República.

CORNÉLIO COSSO: o segundo general romano, depois de Rómulo, a ganhar os «despojos de honra».

MARCO CÚRCIO: um romano que se sacrificou pela sua cidade ao saltar para um misterioso abismo.

CIPIÃO, *O AFRICANO*: o conquistador de Cartago.

MARCELO: o terceiro general romano, depois de Rómulo e Cosso, a ganhar os «despojos de honra».

TIBÉRIO GRACO: tribuno e campeão da plebe. Assassinado em 133 a.C.

CAIO GRACO: irmão mais novo de Tibério Graco. Tribuno e campeão da plebe. Assassinado em 121 a. C.

MARCO LÍVIO: campeão dos Italianos, cujo assassinato em 91 a.C. ajudou a desencadear a sua revolta. Avô adotivo de Lívía.

POMPEU MAGNO: o homem mais poderoso em Roma durante as últimas décadas da República.

SEXTO POMPEU: o seu filho. Feroz oponente do segundo Triunvirato, após o assassinato de Júlio César.

CRASSO: um negociador imensamente rico, que morreu a combater os Partos, em 53 a.C.

HORTÊNSIO HÓRTALO: orador e jurista célebre.

HORTÊNSIA: a sua filha.

CÁSSIO: assassino de Júlio César.

BRUTO: assassino de Júlio César. Descendente do Bruto que expulsou Tarquínio, *o Soberbo*.

JÚNIA: a sua irmã. Teve uma longa vida.

MARCO ANTÓNIO: tenente de Júlio César. Triúnviro. Foi um «*bon vivant*».

LÚCIO: o seu irmão.

JULO ANTÓNIO: filho de Marco António.

CLEÓPATRA: rainha do Egito. Amante, primeiro, de Júlio César e, depois, de Marco António.

LÉPIDO: triúviro e Pontífice Máximo.

Os Julianos

ENEIAS: filho de Vénus. Príncipe de Troia que fugiu para a Itália quando a sua cidade foi saqueada.

JULO (ASCÂNIO): filho de Eneias. Antepassado dos Julianos.

JÚLIO CÉSAR: o conquistador da Gália cuja travessia do Rubicão levou à guerra civil e à sua própria ditadura subsequente. Assassinado em 44 a.C.

OTAVIANO: sobrinho-neto e filho adotivo de Júlio César. Triúviro. Terminou como Imperador César, Filho do Divino Augusto e governou como *Princeps* até à sua morte, no ano 14.

ESCRIBÓNIA: a sua primeira mulher.

JÚLIA: filha de Augusto e Escríbônia. Amiga íntima de Julo António. Exilada em 2 a.C.

OTÁVIA: irmã de Augusto. Casada com Marco António, do qual se divorciou. Madrasta de Julo António.

MARCELO: filho do primeiro casamento de Otávia. Descendente de Marcelo que ganhou os «despojos de honra». Morreu em 23 a.C.

ANTÓNIA, *A VELHA*: filha mais velha de Otávia e Marco António.

ANTÓNIA, *A JOVEM*: filha mais nova de Otávia e Marco António. Mãe de Germânico, Livila e Cláudio.

CAIO: filho mais velho de Júlia e Agripa. Foi adotado por Augusto. Morreu no ano 4, na Ásia Menor.

JÚLIA: filha mais velha de Júlia e Agripa. Proprietária do anão mais pequeno de Roma. Exilada no ano 8.

LÚCIO: segundo filho de Júlia e Agripa. Foi adotado por Augusto. Morreu no ano 2, no sul da Gália.

AGRIPINA (I): Segunda filha de Júlia e Agripa. Casada com Germânico. Mãe de Nero (I), Druso (III), Calígula, Agripina (II), Drusila e Júlia Drusila. Regressou a Roma com as cinzas do seu marido numa urna. Caiu em desgraça com Tibério.

AGRIPA PÓSTUMO: terceiro filho de Júlia e Agripa. Adotado por Augusto, seria por ele exilado no ano 9.

Os Claudianos

ÁPIO CLÁUDIO SABINO: migrou para Roma em 504 a.C. Fundador da dinastia Claudiana.

ÁPIO CLÁUDIO CEGO: construtor da Via Ápia.

CLÁUDIO PULCRO: filho de Ápio Cláudio. Os seus descendentes, os Pulcros, constituíram o ramo mais bem-sucedido dos Claudianos.

CLÁUDIO NERO: filho de Ápio Cláudio. Antepassado de Nero, cujos feitos, durante a República, não se conseguiram comparar aos dos Pulcros.

ÁPIO CLÁUDIO PULCRO: o chefe de família dos Claudianos mais notoriamente arrogante durante a última década da República. Era fã de oráculos.

CLÓDIO PULCRO: o seu irmão mais novo. Tribuno e paramilitar.

CLÓDIA METELA: a mais velha das três irmãs de Ápio Cláudio e de Clódio. Notoriamente elegante.

DRUSO CLÁUDIO: um dos partidários de Júlio César, que se tornaria depois num seguidor dos seus assassinos. Pai de Lívia.

LÍVIA DRUSILA: mãe de Tibério e mulher de Augusto. Acabou por ser deificada.

TIBÉRIO CLÁUDIO NERO: primeiro marido de Lívia. Um rebelde sem êxito.

TIBÉRIO: filho mais velho de Lívia e de Tibério Cláudio Nero. Genro e, posteriormente, filho adotivo de Augusto. O general mais eficaz de Roma. Sucedeu a Augusto como *Princeps*. Reinou de 14 a 37.

DRUSO (I): filho mais novo de Lívia e Tibério Cláudio Nero. Casado com Antónia, *a Jovem*. Liderou um exército romano até ao Elba. Pai de Germânico, Livila e Cláudio.

VIPSÂNIA: primeira, e muito amada, mulher de Tibério, até ele ser obrigado por Augusto a divorciar-se dela. Posteriormente casou com Asínio Galo.

DRUSO (II): filho de Tibério e Vipsânia. Casado com Livila. Pai de Gêmeo.

GERMÂNICO: filho mais velho de Druso e Antónia, *a Jovem*. Elegante. Casado com Agripina (I).

LIVILA: filha de Druso e Antónia, *a Jovem*. Mal-intencionada. Casada com Druso (II).

GÊMELO: filho de Druso (II) e Livila. Neto de Tibério.

CLÁUDIO: o filho mais novo de Druso e Antónia, *a Jovem*. Propenso a gaguejar e a babar-se. Foi imperador de 41 a 54.

ANTÓNIA: filha de Cláudio e da sua segunda mulher, Élia Pecina.

MESSALINA: mulher de Cláudio. Sobrinha-neta de Augusto. Notória pela sua vida amorosa.

OTÁVIA: filha de Cláudio e Messalina. Primeira mulher de Nero. O seu casamento foi um insucesso.

BRITÂNICO: filho de Cláudio e Messalina. O último dos Claudianos.

Os Júlio-Claudianos

NERO (I): filho mais velho de Germânico e Agripina (I). Teve um fim terrível.

DRUSO (III): segundo filho de Germânico e Agripina (I). Teve um fim terrível.

CALÍGULA: filho mais novo de Germânico e Agripina (I). O seu nome era Caio, «Calígula» era uma alcunha que lhe foi dada em criança. Foi imperador de 37 a 41.

LÓLIA PAULINA: muito rica e bonita. Calígula casou-se com ela no ano 38, divorciando-se seis

meses depois.

MILÓNIA CESÓNIA: última mulher de Calígula. Gostava de se vestir bem.

JÚLIA DRUSILA: filha de Calígula e de Milónia Cesónia. Consta ter sido uma criança desagradável.

AGRIPINA (II): filha mais velha de Germânico e Agripina (I). Irmã de Calígula, sobrinha e mulher de Cláudio, mãe do Imperador Nero.

NERO: filho de Agripina (II) e de Cneu Domício Enobarbo. Adotado por Cláudio no ano 50. Imperador entre 54 e 68.

DRUSILA: segunda filha de Germânico e Agripina. A irmã favorita de Calígula. Acabou deificada.

JÚLIA LÍVILA: a mais filha mais nova de Germânico e Agripina. Exilada por Calígula e por Cláudio.

Os Enobarbos

LÚCIO DOMÍCIO ENOBARBO: casado com Antónia, *a Velha*. Foi o primeiro general romano a cruzar o rio Elba.

CNEU DOMÍCIO ENOBARBO: o seu filho. Casado com Agripina (II). Pai de Nero.

DOMÍCIA: tia de Nero, que cuidou dele durante o exílio da sua mãe.

DOMÍCIA LÉPIDA: irmã de Domícia. Mãe de Messalina.

A Roma de Augusto

MARCO VIPSÂNIO AGRIPA: conselheiro de Augusto. Casado com Júlia (I).

MECENAS: descendente de reis Etruscos. Patrono dos poetas.

HORÁCIO: poeta e, graças a Mecenas, proprietário de uma quinta nos montes Sabinos.

VÉDIO PÓLIO: financeiro que ostentava exageradamente o seu dinheiro para o gosto de Augusto.

INÁCIO RUFO: patrocinador dos bombeiros e futuro cônsul.

HÓSTIO QUADRA: o homem mais notoriamente depravado de Roma. Era amante de espelhos.

TITO LABIENO: historiador, cujo relato das guerras civis foi queimado por ordem de Augusto.

OVÍDIO: poeta. Um ocioso que gostava de testar os limites.

CÁSSIO SEVERO: um advogado de língua afiada.

Governadores e generais

MARCO LICÍNIO CRASSO: neto do Crasso que morreu na batalha de Carras. Foi governador da Macedónia, mas não tão condecorado enquanto general como teria gostado de ser.

BALBO: o último cidadão exterior à família de Augusto a comemorar um triunfo.

LÓLIO: governador da Gália que perdeu uma águia para um grupo de atacantes Germanos. Guardião de Caio no seu circuito pelo Oriente. Avô de Lólia Paulina.

VARO: governador da Germânia. Liderou três legiões na Batalha da Passagem de Teutoburgo. Mas não as conseguiu trazer de volta.

CECINA: governador de Germânico na Germânia.

CNEU CALPÚRNIO PISÃO: governador da Síria. Colaborador próximo de Tibério e opositor de Germânico. Terminaria confrontado com graves dificuldades legais.

PLANCINA: mulher de Pisão. Amiga de Livia.

SÊNCIO: governador da Síria indicado pelos inimigos de Pisão.

GALBA: nomeado por Calígula para o comando do Reno. Nomeado por Nero para a Espanha.

SUETÓNIO PAULINO: como governador da Mauritânia, atravessou as montanhas do Atlas, e como governador da Britânia, suprimiu a revolta de Boudica.

Pretorianos

SEIO ESTRABÃO: etrusco. Foi nomeado prefeito por Augusto. Acabou como governador do Egito.

ÉLIO SEJANO: o seu filho. Promovido por Tibério para o comando conjunto da Guarda Pretoriana, serviu mais tarde como único prefeito. Braço direito de Tibério.

APICATA: mulher de Sejano. Divorciaram-se no ano 23.

SUTÓRIO MACRO: prefeito que sucedeu a Sejano.

CÁSSIO QUEREIA: um veterano da Guarda Pretoriana de voz suave.

CORNÉLIO SABINO: oficial pretoriano. Colega de Cássio Quereia.

BURRO: protegido de Agripina, foi nomeado como prefeito por Cláudio. Famoso pela sua franqueza.

TIGELINO: gigolô, treinador de cavalos de corrida e amigo de festas. Foi nomeado por Nero como um dos dois prefeitos que sucederam a Burro.

FÉNIO RUFO: colega de Tigelino como prefeito.

NINFÍDIO SABINO: prefeito que sucedeu a Fénio Rufo. Especulava-se que seria filho de Calígula.

Vítimas

CREMÚCIO CORDO: um historiador que chamou a Bruto e a Cássio «os últimos dos Romanos», e pagou por isso.

ASÍNIO GALO: marido de Vipsânia, mulher divorciada de Tibério. Muito propenso à linguagem ofensiva.

TITO SABINO: companheiro de Germânico. Vítima de uma armadilha.

JÚNIO SILANO: ex-cônsul. Sogro de Calígula.

SEGUNDO ATÂNIO: pertencente à Ordem Equestre, foi vítima da sua própria hipérbole.

JÚNIO PRISCO: não tão rico como dizia que era.

PASTOR: pai de um filho assassinado.

ASPRENAS: um senador que ficou salpicado de sangue de um flamingo.

SILANO: vítima de um pesadelo.

POPEIA SABINA (I): rival de Messalina.

SUÍLIO RUFO: um notório acusador. Por fim, teria o merecido castigo.

RUBÉLIO PLAUTO: bisneto de Tibério. Suspeito de ter um caso com Agripina (II).

LÚCIO JÚNIO SILANO: com exceção de Nero, o último descendente de Augusto que sobreviveu.

TRÁSEA PETO: homem de grande verticalidade, na mais severa tradição moral do Senado.

Conspiradores

LÉPIDO: amigo próximo de Calígula, e íntimo das suas irmãs.

GETÚLICO: homem de mão de Seiano. Comandante do Reno no tempo de Tibério e de Calígula.

BETILIENO CAPITO: pai de um filho assassinado.

MARCO VINÍCIO: casado com Júlia Livila. Aspirante a imperador após a morte de Calígula.

ANIO VINICIANO: amigo de Lépidio. Aspirante a imperador após a morte de Calígula.

PETO: não tão valente como a sua mulher.

CAIO SÍLIO: o homem mais bem-parecido de Roma. Diz-se que terá feito um casamento imprudente.

CAIO CALPÚRNIO PISÃO: distinto, bem-educado e ambicioso pelo poder, apesar de não pertencer à família de Augusto.

FLÁVIO SEVINO: um senador em posse de um punhal retirado de um templo.

Sobreviventes

MÉMIO RÉGULO: cônsul e homem de confiança de Tibério. Marido de Lólia Paulina, antes de Calígula o obrigar a divorciar-se dela.

TRASILO: astrólogo de Tibério. Evitou ser lançado de um penhasco.

LÚCIO VITÉLIO: governador da Síria. Voltou do seu mandato para se estabelecer em Roma como agente de confiança de Calígula e de Cláudio. Era um manipulador suave.

CECINA LARGO: apoiante precoce da nomeação de Cláudio para imperador. Possuía uma casa no Palatino repleta de árvores de lótus.

Libertos e escravos

CLEMENTE: escravo e sósia de Agripa Póstumo, ou seria mesmo ele?

PALAS: ex-escravo de Antónia, *a Jovem*. Um dos libertos mais valorizados por Cláudio.

CALISTO: liberto com grande influência sobre Calígula e Cláudio. Morreu na sua cama. Avô de Ninfídio Sabino.

NARCISO: o terceiro dos três poderosos libertos de Cláudio. Não era fã de Messalina.

CALPÚRNIA: uma das concubinas de Cláudio.

CLÁUDIA ACTE: a primeira namorada de Nero. Presidiu ao seu funeral.

ESPORO: um rapaz com aparência feminina. Foi castrado, e depois casou com Nero.

FÁON: proprietário de uma *villa* a norte de Roma.

Atores e artistas

APELES: ator, com tendência a gaguejar sem um guião.

MNESTER: ator. Muito admirado por Calígula.

PARIS: ator. Muito admirado por Nero.

ZENODORO: escultor do Colosso de Nero.

Gauleses

CAIO JÚLIO VERCONDARIDUBNOS: alto sacerdote de Roma e de Augusto em Lugdunum.

VALÉRIO ASIÁTICO: fabulosamente rico. Aspirante a imperador após o assassinato de Calígula.
Dono de jardins muito dispendiosos.

JÚLIO CLASSICIANO: nomeado por Cláudio para restaurar o governo da Britânia após a revolta de Boudica.

JÚLIO VÍNDICE: um descendente de reis com instinto rebelde.

Bárbaros

DELDO: rei dos Bastarnas.

FRAATES: rei da Pártia e entusiasta de um entendimento com Augusto.

ARMÍNIO: pertenceu à Ordem Equestre romana e foi chefe dos Queruscos.

CUNOBELINO: rei dos Catuvelaunos.

CARATACO: o seu filho. Líder da resistência britânica à invasão romana.

PRASUTAGO: rei dos Icenos.

BOUDICA: rainha dos Icenos. Impetuosa.

TIRÍDATES: rei da Arménia. Coroado em Roma por Nero.

Amigos e inimigos de Nero

SÉNECA: filósofo, orador e escritor. Exilado por Cláudio, mas regressou a Roma por ação de Agripina (II). Tutor de Nero.

AULO VITÉLIO: filho de Lúcio Vitélio. Amigo de Calígula e de Nero. Condutor de carros de guerra.

OTÃO: parceiro das orgias noturnas de Nero. Marido de Popeia Sabina (II).

POPEIA SABINA (II): uma beleza de cabelos cor de âmbar. Filha da grande rival de Messalina. O amor da vida de Nero.

VATÍNIO: bobo da corte de Nero.

VESPASIANO: general de forte ténpera de origem humilde. Lutou na Britânia e acompanhou Nero na Grécia.

ESTATÍLIA MESSALINA: terceira mulher de Nero. Uma notável intelectual.

CÁLVIA CRISPINILA: instrutora de Esporo na arte de ser mulher.

PETRÓNIO TURPILIANO: ex-governador da Britânia. Comandante das tropas de Nero na Itália.

VIRGÍNIO RUFO: comandante do Reno.

BIBLIOGRAFIA

- Albertson, Fred C., «Zenodorus's "Colossus of Nero"», *Memoirs of the American Academy in Rome*, 46, 2001
- Aldrete, Gregory S., *Floods of the Tiber in Ancient Rome* (Baltimore, 2007)
- Alston, R., *Aspects of Roman History AD 14–117* (Londres, 1998)
- Andrade, Nathanael J., *Syrian Identity in the Greco-Roman World* (Cambridge, 2013)
- Andreau, Jean e Raymond Descat, *The Slave in Greece and Rome*, tr. Marion Leopold (Madison, 2006)
- Badel, Christophe, *La Noblesse de l'Empire Romain: Les Masques et la Vertu* (Seyssel, 2005)
- Baker, G. P., *Tiberius Caesar* (Nova Iorque, 1928)
- Baldwin, B., «Nero and his Mother's Corpse», *Mnemosyne* 32, 1979
- Ball, Warwick, *Rome in the East: The Transformation of an Empire* (Londres, 2000)
- Balsdon, J. P. V. D., *The Emperor Gaius (Caligula)* (Oxford, 1934)
- Barrett, Anthony A., *Caligula: The Corruption of Power* (New Haven, 1989)
- , *Agrippina: Sister of Caligula, Wife of Claudius, Mother of Nero* (Londres, 1996)
- , *Livia: First Lady of Imperial Rome* (New Haven, 2002)
- Barry, William D., «Exposure, Mutilation, and Riot: Violence at the "Scalae Gemoniae" in Early Imperial Rome», *Greece & Rome* 55, 2008
- Barton, Carlin A., *Roman Honor: The Fire in the Bones* (Berkeley e Los Angeles, 2001)
- Bartsch, Shadi, *Actors in the Audience: Teatricality and Doublespeak from Nero to Hadrian* (Cambridge, Massachusetts, 1994)
- Batty, Roger, *Rome and the Nomads: The Pontic-Danubian Realm in Antiquity* (Oxford, 2007)
- Bauman, Richard A., *Women and Politics in Ancient Rome* (Londres, 1992)
- Beard, Mary, «The Sexual Status of Vestal Virgins», *Journal of Roman Studies* 70, 1980
- , *The Roman Triumph* (Cambridge, Massachusetts, 2007)
- Bellemore, Jane: «The Wife of Sejanus», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 109, 1995
- Benario, Herbert W., «The Text of Albinovanus Pedo», *Latomus* 32, 1973
- Bergmann, M., «Der Koloss Neros, die Domus Aurea und der Mentalitätswandel im Rom der frühen Kaiserzeit», *Trierer Winckelmannsprogramme* 13, 1993
- Bicknell, P., «The Emperor Gaius military activities in AD 40», *Historia* 17, 1968
- Bingham, S., «Life on an island: a brief study of places of exile in the first century AD», *Studies in Latin Literature and Roman History* 11, 2003

- Birley, Anthony, «Sejanus: His Fall» in *Corolla Cosmo Rodewald. Monograph Series Akanthina*, 2, ed. Nicholas Sekunda (Gdansk, 2007)
- Boatwright, M. T., «The Pomerian Extension of Augustus», *Historia* 35, 1986
- Bradley, Keith, *Suetonius Life of Nero: An Historical Commentary* (Bruxelas, 1978)
- , «The Chronology of Nero's Visit to Greece A.D. 66/67», *Latomus* 37, 1978
- , «Nero's Retinue in Greece, A.D. 66/67», *Illinois Classical Studies* 4, 1979
- , *Slavery and Society at Rome* (Cambridge, 1994)
- Bradley, Keith e Paul Cartledge (eds), *The Cambridge World History of Slavery: The Ancient Mediterranean World* (Cambridge, 2011)
- Brunt, P. A., *Italian Manpower, 225 B.C.–A.D. 14* (Oxford, 1971)
- , *Social Conflicts in the Roman Republic* (Londres, 1971)
- , «The Role of the Senate in the Augustan Regime», *Classical Quarterly* 34, 1984
- , *The Fall of the Roman Republic, and Related Essays* (Oxford, 1988)
- Buckley, Emma e Martin T. Dinter, *A Companion to the Neronian Age* (Chichester, 2013)
- Campbell, Brian e Lawrence A. Tritle (eds), *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World* (Oxford, 2013)
- Campbell, J. B., *The Emperor and the Roman Army* (Oxford, 1984)
- Cancik, Hubert e Helmuth Schneider (eds), *Brill's New Pauly* (Brill, 2009)
- Carandini, Andrea, *La Casa di Augusto dai "Lupercalia" al Natale* (Roma, 2008)
- , *Rome: Day One*, tr. Stephen Sartarelli (Princeton, 2011)
- Carey, Sorcha, «A Tradition of Adventures in the Imperial Grotto», *Greece & Rome* 49, 2002
- Carlson, Deborah N., «Caligula's Floating Palaces», *Archaeology* 55, 2002
- Cartledge, Paul, «The Second Thoughts of Augustus on the *res publica* in 28/7 B.C.», *Hermathena* 119, 1975
- Chamberland, Guy, «A Gladiatorial Show Produced In *Sordidam Mercedem* (Tacitus, *Ann.* 4.62)», *Phoenix* 61, 2007
- Champlin, E., «Nero Reconsidered», *New England Review* 19, 1998
- , *Nero* (Cambridge, Massachusetts, 2003)
- , «Nero, Apollo, and the Poets», *Phoenix* 57, 2003
- , «God and Man in the Golden House», in Cima e la Rocca
- , «Sex on Capri», *TAPA* 141, 2011
- , «Tiberius and the Heavenly Twins», *Journal of Roman Studies*, 101, 2011
- , «Seianus Augustus», *Chiron* 42, 2012
- , *Tiberiana 1–4, Princeton/Stanford Working Papers in Classics* <http://www.princeton.edu/~pswpc/papers/authorAL/champlin/champlin.html>
- Chilver, G. E. F., *A Historical Commentary on Tacitus' Histories I and II* (Oxford, 1979)
- Cima, Maddalena e Eugenio la Rocca, *Horti Romani* (Roma, 1995)
- Claassen, Jo-Marie, *Ovid Revisited: The Poet in Exile* (Londres, 2008)

- Claridge, Amanda, *Rome: An Oxford Archaeological Guide* (Oxford, 2010)
- Coarelli, Filippo, *Rome and Environs: An Archaeological Guide*, tr. James J. Clauss e Daniel P. Harmon (Berkeley e Los Angeles, 2007)
- Coates-Stephens, Robert, *Porta Maggiore: Monument and Landscape: Archaeology and Topography of the Southern Esquiline from the Late Republican Period to the Present* (Roma, 2004)
- Cohen, Sarah T., «Augustus, Julia and the Development of Exile Ad Insulam», *Classical Quarterly* 58, 2008
- Coleman, K.M., «Fatal Charades: Roman Executions Staged as Mythological Enactments», *Journal of Roman Studies* 80, 1990
- Colin, Jean, «Juvénal et le mariage mystique de Gracchus», *Atti della Accademia delle Scienze di Torino* 90, 1955–6
- Commager, Steele, «Horace», *Carmina* 1.37, *Phoenix* 12, 1958
- Cooley, Linda, «The Moralizing Message of the Senatus Consultum de Cn. Pisone Patre», *Greece & Rome* 45, 1998
- Corbier, Mireille, «Child Exposure and Abandonment», in Dixon (2001)
- Cornell, T. J., *The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000–264 BC)* (Londres, 1995)
- Crook, John, *Consilium Principis: Imperial Councils and Counsellors from Augustus to Diocletian* (Cambridge, 1955)
- Dalby, Andrew, *Empire of Pleasures: Luxury and Indulgence in the Roman World* (Londres, 2000)
- D'Amato, Raffaele, *Arms and Armour of the Imperial Roman Soldier: From Marius to Commodus, 112 BC–AD 192* (Barnsley, 2009)
- D'Arms, John, *Romans on the Bay of Naples: A Social and Cultural Study of the Villas and Their Owners from 150 B.C. to A.D. 400* (Cambridge, Massachusetts, 1970)
- Dasen, Véronique e Tomas Späth, *Children, Memory, and Family Identity in Roman Culture* (Oxford, 2010)
- Davis, P. J., *Ovid and Augustus: A Political Reading of Ovid's Erotic Poems* (Londres, 2006)
- Dear, David R., *Roman Coins and Their Values: The Republic and the Twelve Caesars 280 BC–AD 96* (Londres, 2000)
- De La Bédoyère, Guy, *Defying Rome: The Rebels of Roman Britain* (Stroud, 2003)
- Demougin, S., *L'Ordre Équestre sous les Julio-Claudiens* (Paris, 1988)
- Dixon, Suzanne, *The Roman Mother* (Londres, 1988)
- , *The Roman Family* (Baltimore, 1992)
- Dixon, Suzanne (ed.), *Childhood, Class and Kin in the Roman World* (Londres, 2001)
- Drogula, Fred K., «Controlling Travel: Deportation, Islands and the Regulation of Senatorial Mobility in the Augustan Principate», *Classical Quarterly* 61, 2011
- Dueck, Daniela, *Strabo of Amasia: A Greek Man of Letters in Augustan Rome* (Abingdon, 2000)
- Dupont, Florence, *Daily Life in Ancient Rome*, tr. Christopher Woodall (Oxford, 1992)

- Du Quesnay, Ian M. Le M., «*Amicus Certus in Re Incerta Cernitur*: Epode 1», in Woodman e Feeney Eck, Walter, *The Age of Augustus*, tr. Deborah Lucas Schneider e Robert Daniel (Oxford, 2007)
- Edmondson, Jonathan (ed.), *Augustus* (Edimburgo, 2009)
- Edwards, Catherine, «The Truth about Caligula?», *Classical Review* 41, 1991
- , *The Politics of Immorality in Ancient Rome* (Cambridge, 1993)
- , *Death in Ancient Rome* (New Haven, 2007)
- Ehrenberg, V. e A.H.M. Jones, *Documents Illustrating the Reigns of Augustus and Tiberius* (Oxford, 1955)
- Elsner, Jás e Jamie Masters, *Reflections of Nero: Culture, History & Representation* (Londres, 1994)
- Erdkamp, Paul (ed.), *A Companion to the Roman Army* (Oxford, 2011)
- Evenpoel, Willy, «Maecenas: A Survey of Recent Literature», *Ancient Society* 21, 1990
- Eyben, Emiel, *Restless Youth in Ancient Rome*, tr. Patrick Daly (Londres, 1993)
- Fagan, Garrett G., «Messalina's Folly», *Classical Quarterly* 52, 2002
- , *The Lure of the Arena: Social Psychology and the Crowd at the Roman Games* (Cambridge, 2011)
- Fantham, Elaine, *Julia Augusti: The Emperor's Daughter* (Abingdon, 2006)
- Favro, Diane, *The Urban Image of Augustan Rome* (Cambridge, 1996)
- Fears, J. Rufus, «The Teology of Victory at Rome: Approaches and Problems», *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 2, 1981
- Ferrill, A., *Caligula: Emperor of Rome* (Londres, 1991)
- Flory, Marleen Boudreau, «*Sic Exempla Parantur*: Livia's Shrine to Concordia and the Porticus Liviae», *Historia* 33, 1984
- Flower, Harriet I., «Rethinking "Damnatio Memoriae": The Case of Cn. Calpurnius Piso Pater in AD 20», *Classical Antiquity* 17, 1998
- , «Piso in Chicago: A Commentary on the APA/AIA Joint Seminar on the "Senatus Consultum de Cn. Pisone Patre"», *American Journal of Philology* 120, 1999
- , «The Tradition of the *Spolia Opima*: M. Claudius Marcellus and Augustus», *Classical Antiquity* 19, 2000
- , *The Art of Forgetting: Disgrace & Oblivion in Roman Political Culture* (Chapel Hill, 2006)
- Flower, Harriet I. (ed.), *The Cambridge Companion to the Roman Republic* (Cambridge, 2004)
- Forsythe, Gary, *A Critical History of Early Rome: From Prehistory to the First Punic War* (Berkeley e Los Angeles, 2005)
- Fraenkel, Eduard, *Horace* (Oxford, 1957)
- Freudenburg, Kirk, «*Recusatio* as Political Theatre: Horace's Letter to Augustus», *Journal of Roman Studies* 104, 2014
- Galinsky, Karl, *Augustan Culture* (Princeton, 1996)
- , *The Cambridge Companion to the Age of Augustus* (Cambridge, 2005)
- Gambash, Gil, «To Rule a Ferocious Province: Roman Policy and the Aftermath of the Boudiccan

- Revolt», *Britannia* 43, 2012
- Gibson, A. G. G., *The Julio-Claudian Succession: Reality and Perception of the "Augustan Model"* (Leiden, 2013)
- Ginsburg, Judith, *Representing Agrippina: Constructions of Female Power in the Early Roman Empire* (Oxford, 2006)
- Goldsworthy, Adrian, *Antony and Cleopatra* (Londres, 2010)
- Goodman, Martin, *The Roman World: 44 BC–AD 180* (Londres, 1997)
- , *Rome & Jerusalem: The Clash of Ancient Civilizations* (Londres, 2007)
- Goudineau, C. e A. Ferdière (eds), *Les Villes Augustéennes de Gaule* (Autun, 1985)
- Gowing, Alain M., *Empire and Memory: The Representation of the Roman Republic in Imperial Culture* (Cambridge, 2005)
- Grandazzi, Alexandre, *The Foundation of Rome: Myth and History*, tr. Jane Marie Todd (Ithaca, 1997)
- Gray-Fow, Michael J. G., «Why the Christians? Nero and the Great Fire», *Latomus* 57, 1998
- Green, C. M. C., «Claudius, Kingship, and Incest», *Latomus* 57, 1998
- , «The Slayer and the King: "Rex Nemorensis" and the Sanctuary of Diana», *Arion* 7, 2000
- Green, Peter, «*Carmen et Error*: The Enigma of Ovid's Exile», in *Classical Bearings: Interpreting Ancient History and Culture* (Berkeley e Los Angeles, 1989)
- Grether, Gertrude, «Livia and the Roman Imperial Cult», *American Journal of Philology* 67, 1946
- Griffin, Jasper, «Augustus and the Poets: "*Caesar qui cogere posset*"», in Miller e Segal
- Griffin, Miriam T., *Nero: The End of a Dynasty* (New Haven, 1984)
- , *Seneca: A Philosopher in Politics* (Oxford, 1992)
- Grossi, Olindo, «The Forum of Julius Caesar and the Temple of Venus Genetrix», *Memoirs of the American Academy in Rome* 13, 1936
- Gruen, Erich S., *The Last Generation of the Roman Republic* (Berkeley e Los Angeles, 1974)
- , *Culture and National Identity in Republican Rome* (Ithaca, 1992)
- Grüll, Tibor e László Benke, «A Hebrew/Aramaic Graffito and Poppaea's Alleged Jewish Sympathy», *Journal of Jewish Studies* 62, 2011
- Gurval, Robert Alan, *Actium and Augustus: The Politics and Emotions of Civil War* (Ann Arbor, 1998)
- Habinek, Tomas e Alessandro Schiesaro (eds), *The Roman Cultural Revolution* (Cambridge, 1997)
- Hallett, Judith P., «Fulvia, Mother of Iullus Antonius: New Approaches to the Sources on Julia's Adultery at Rome», *Helios* 33, 2006
- Hallett, Judith P. e Marilyn B. Skinner, *Roman Sexualities* (Princeton, 1997)
- Harrison, S.J., «Augustus, the Poets, and the *Spolia Opima*», *Classical Quarterly* 39, 1989
- Hekster, O. e J. Rich, «Octavian and the Tunderbolt: The Temple of Apollo Palatinus and Roman Traditions of Temple Building», *Classical Quarterly* 56, 2006
- Henderson, John, «A Doo-Dah-Doo-Dah-Dey at the Races: Ovid *Amores* 3.2 and the Personal

- Politics of the *Circus Maximus*», *Classical Antiquity* 21, 2002
- Herbert-Brown, Geraldine (ed.), *Ovid's Fasti: Historical Readings at its Bimillennium* (Oxford, 2002)
- Hersch, Karen K., *The Roman Wedding: Ritual and Meaning in Antiquity* (Cambridge, 2010)
- Hind, J. G. F., «The Middle Years of Nero's Reign», *Historia* 20, 1971
- «The Death of Agrippina and the Finale of the "Oedipus" of Seneca», *Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association* 38, 1972
- , «Caligula and the Spoils of Ocean: A Rush for Riches in the Far North-West?» *Britannia* 34, 2000
- Hopkins, Keith, *Sociological Studies in Roman History, Volume 1: Conquerors and Slaves* (Cambridge, 1978)
- , *Sociological Studies in Roman History, Volume 2: Death and Renewal* (Cambridge, 1983)
- Houston, George W., «Tiberius on Capri», *Greece & Rome* 32, 1985
- Humphrey, J., *Roman Circuses: Arenas for Chariot Racing* (Londres, 1986)
- Hurlet, Frédéric, *Les Collègues du Prince sous Auguste et Tibère: de la Légalité Républicaine à la Légitimité Dynastique* (Roma, 1997)
- James, Simon, *Rome and the Sword* (Londres, 2011)
- Jenkyns, Richard, *Virgil's Experience: Nature and History: Times, Names, and Places* (Oxford, 1998)
- Jeppesen, K. K., «Grand Camée de France: Sejanus Reconsidered and Confirmed», *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Institut, Römische Abteilung* 100, 1993
- Joshel, Sandra P., «Female Desire and the Discourse of Empire: Tacitus's Messalina», *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 21, 1995
- Judge, E. A., «"Res Publica Restituta": A Modern Illusion?», in *Polis and Imperium: Studies in Honour of Edward Togo Salmon*, ed. J.A.S. Evans (Toronto, 1974)
- Keppie, Lawrence, «"Guess Who's Coming to Dinner": The Murder of Nero's Mother Agrippina in its Topographical Setting», *Greece & Rome* 58, 2011
- Kiernan, V. G., *Horace: Poetics and Politics* (Basingstoke, 1999)
- King, Charles W., «The Roman Manes: the Dead as Gods», in *Rethinking Ghosts in World Religions*, ed. Mu-chou Poo (Leiden, 2009)
- Kleiner, Fred S., «The Arch in Honor of C. Octavius and the Fathers of Augustus», *Historia* 37, 1988
- Knapp, Robert, *Invisible Romans* (Londres, 2011)
- Knox, Peter E., «The Poet and the Second Prince: Ovid in the Age of Tiberius», *Memoirs of the American Academy in Rome* 49, 2004
- Koortbojian, M., *The Divinization of Caesar and Augustus: Precedents, Consequences, Implications* (Cambridge, 2013)
- Kovacs, Judith e Christopher Rowland, *Revelation* (Oxford, 2004)
- Kuttner, *Dynasty and Empire in the Age of Augustus: the Case of the Boscoreale Cups* (Berkeley e Los Angeles, 1995)

- Lacey, W. K., «Octavian in the Senate, January 27 B.C.», *Journal of Roman Studies* 64, 1974
- Lange, Carsten Hjort, *Res Publica Constituta: Actium, Apollo and the Accomplishment of the Triumviral Assignment* (Leiden, 2009)
- Leach, Eleanor Winsor, «Claudia Quinta (*Pro Caelio* 34) and an altar to *Magna Mater*», *Dictynna* 4, 2007
- Lega, C., «Il Colosso di Nerone», *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale in Roma*, 1989–90
- Leitão, David D., «Senecan Catoptrics and the Passion of Hostius Quadra (Sen. Nat. 1)», *Materiali e Discussioni per l'Analisi dei Testi Classici* 41, 1998
- Lendering, Jona e Arjen Bosman, *Edge of Empire: Rome's Frontier on the Lower Rhine* (Roterdão, 2012)
- Levick, Barbara, «Tiberius' Retirement to Rhodes in 6 B.C.», *Latomus* 31, 1972
- *Claudius* (Oxford, 1990)
- , *Tiberius the Politician* (Londres, 1999)
- , *Augustus: Image and Substance* (Harlow, 2010)
- Littlewood, R. J., «Ovid among the Family Dead: the Roman Founder Legend and Augustan Iconography in Ovid's *Feralia* and *Lemuria*», *Latomus* 60, 2001
- Lobur, John Alexander, *Consensus, Concordia and the Formation of Roman Imperial Ideology* (Londres, 2008)
- Lott, J. Bert, *The Neighbourhoods of Augustan Rome* (Cambridge, 2004)
- , *Death and Dynasty in Early Imperial Rome* (Cambridge, 2012)
- Luce, T. J., «The Dating of Livy's First Decade», *TAPA* 96, 1965
- Lyne, R. O. A. M., *Horace: Behind the Public Poetry* (New Haven, 1995)
- MacMullen, Ramsay, *Enemies of the Roman Order: Treason, Unrest, and Alienation in the Empire* (Cambridge, Massachusetts, 1967)
- Malitz, Jürgen, *Nero*, tr. Allison Brown (Oxford, 1999)
- Malloch, S. J. V., «Gaius on the Channel Coast», *Classical Quarterly* 51, 2001
- Mattingly, David, *An Imperial Possession: Britain in the Roman Empire* (Londres, 2006)
- , *Imperialism, Power and Identity: Experiencing the Roman Empire* (Princeton, 2011)
- Mayor, Adrienne, *The First Fossil Hunters: Paleontology in Greek and Roman Times* (Princeton, 2000)
- McGinn, T. A., *Prostitution, Sexuality, and the Law in Ancient Rome* (Oxford, 1998)
- McPherson, Catherine, «Fact and Fiction: Crassus, Augustus and the *Spolia Opima*», *Hirundo* 8, 2009–10
- Meiggs, Russell, *Roman Ostia* (Oxford, 1960)
- Michels, Agnes Kirsopp, «The Topography and Interpretation of the Lupercalia», *TAPA* 84, 1953
- Miller, Fergus e Erich Segal, *Caesar Augustus: Seven Aspects* (Oxford, 1984)
- Miller, J. F., *Apollo, Augustus, and the Poets* (Cambridge, 2009)

- Momigliano, Arnaldo, *Claudius: The Emperor and his Achievements* (Oxford, 1961)
- Morgan, Llewellyn, «Tacitus, *Annals* 4.70: An Unappreciated Pun», *Classical Quarterly* 48, 1998
- , «The Autopsy of C. Asinius Pollio», *Journal of Roman Studies* 90, 2000
- Murdoch, Adrian, *Rome's Greatest Defeat: Massacre in the Teutoburg Forest* (Stroud, 2006)
- Murison, C. L., *Galba, Otho and Vitellius: Careers and Controversies* (Hildesheim, 1993)
- Nappa, Christopher, *Vergil's Georgics, Octavian, and Rome* (Ann Arbor, 2005)
- Newbold, R. F., «Some Social and Economic Consequences of the A.D. 64 Fire at Rome», *Latomus* 33, 1974
- Nicolet, Claude, *The World of the Citizen in Republican Rome*, tr. P.S. Falla (Londres, 1980)
- Oliensis, Ellen, *Horace and the Rhetoric of Authority* (Cambridge, 1998)
- Olson, Kelly, *Dress and the Roman Woman: Self-presentation and Society* (Abingdon, 2008)
- Oost, Stewart Irvin, «The Career of M. Antonius Pallas», *American Journal of Philology* 79, 1958
- Osgood, Josiah, *Caesar's Legacy: Civil War and the Emergence of the Roman Empire* (Cambridge, 2006)
- Osgood, Josiah, *Claudius Caesar: Image and Power in the Early Roman Empire* (Cambridge, 2011)
- Parker, Philip, *The Empire Stops Here: A Journey Along the Frontiers of the Roman World* (Londres, 2009)
- Perrin, Y., «Êtres Mythiques, Êtres Fantastiques et Grotesques de la Domus Aurea de Néron», *Dialogues d'Histoire Ancienne* 8, 1982
- Pettinger, Andrew, *The Republic in Danger: Drusus Libo and the Succession of Tiberius* (Oxford, 2012)
- Pollini, John, *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome* (Norman, 2012)
- Potter, David S. (ed.), *A Companion to the Roman Empire* (Oxford, 2010)
- Potter, D. S. and D. J. Mattingly, *Life, Death, and Entertainment in the Roman Empire* (Ann Arbor, 1999)
- Powell, Lindsay, *Eager for Glory: The Untold Story of Drusus the Elder, Conqueror of Germania* (Barnsley, 2011)
- Raaflaub, Kurt A. e Mark Toher (eds), *Between Republic and Empire: Interpretations of Augustus and his Principate* (Berkeley e Los Angeles, 1990)
- Ramsey, John T. e A. Lewis Licht, *The Comet of 44 B.C. and Caesar's Funeral Games* (Chicago, 1997)
- Renucci, Pierre, *Caligula l'Impudent* (Paris, 2007)
- Rich, J. W., «Augustus and the *Spolia Opima*», *Chiron* 26, 1996
- , «Augustus's Parthian Honours, the Temple of Mars Ultor and the Arch in the Forum Romanum», *Papers of the British School at Rome* 66, 1998
- Rich, J. W. e J. H. C. Williams, «*Leges et iura p. R. restituit*: A New Aureus of Octavian and the Settlement of 28–27 B.C.», *Numismatic Chronicle* 159, 1999

- Rogers, Robert Samuel, «The Neronian Comets», *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 84, 1953
- , «Heirs and rivals to Nero», *TAPA* 86, 1955
- Roller, Duane W., *Trough the Pillars of Herakles: Greco-Roman Exploration of the Atlantic* (Londres, 2006)
- Roller, Matthew B., *Constructing Autocracy: Aristocrats and Emperors in Julio-Claudian Rome* (Princeton, 2001)
- Romm, James, *Dying Every Day: Seneca at the Court of Nero* (Nova Iorque, 2014)
- Rose, C., *Dynastic Commemoration and Imperial Portraiture in the Julio-Claudian Period* (Cambridge, 1997)
- Rosenstein, Nathan, *Imperatores Victi: Military Defeat and Aristocratic Competition in the Middle and Late Republic* (Berkeley e Los Angeles, 1990)
- Rosenstein, Nathan e Robert Morstein-Marx, *A Companion to the Roman Republic* (Oxford, 2010)
- Rousselle, Aline, «The Family under the Roman Empire: Signs and Gestures», in *A History of the Family*, vol. 1 (Cambridge, 1996)
- Rudich, Vasily, *Political Dissidence Under Nero: The Price of Dissimulation* (Londres, 1993)
- Rutledge, Steven H., *Imperial Inquisitions: Prosecutors and Informants from Tiberius to Domitian* (Londres, 2001)
- Saddington, D. B., «“Honouring” Tiberius on Inscriptions and in Valerius Maximus – a Note», *Acta Classica* 43, 2000
- Sailor, Dylan, *Writing and Empire in Tacitus* (Cambridge, 2008)
- Saller, R., «Anecdotes as Historical Evidence for the Principate», *Greece & Rome* 27, 1980
- Scullard, Howard Hayes, *Scipio Africanus in the Second Punic War* (Cambridge, 1930)
- Seager, Robin, *Tiberius* (Oxford, 2005)
- Sealey, Paul R., *The Boudiccan Revolt Against Rome* (Oxford, 2004)
- Sebasta, J. L., «Women’s Costume and Feminine Civic Morality in Augustan Rome», *Gender and History* 9.3, 1997
- Shatzman, Israël, *Senatorial Wealth and Roman Politics* (Latomus, 1975)
- Shaw, Brent D., «Raising and Killing Children: Two Roman Myths», *Mnemosyne* 54, 2001
- Shotter, D. C. A., «Tacitus, Tiberius and Germanicus», *Historia* 17, 1968
- , «Tiberius and Asinius Gallus», *Historia* 20, 1971
- , «The Fall of Sejanus: Two Problems», *Classical Philology* 69, 1974
- , «Cnaeus Calpurnius Piso, Legate of Syria», *Historia* 23, 1974
- , «Agrippina the Elder – A Woman in a Man’s World», *Historia* 49, 2000
- Sijpesteijn, P., «Another *ovaia* of D. Valerius Asiaticus in Egypt», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 79, 1989
- Sinclair, Patrick, «Tacitus’ Presentation of Livia Julia, Wife of Tiberius’ Son Drusus», *American Journal of Philology* 111, 1990

- Small, Jocelyn Penny, *Cacus and Marsyas in Etrusco-Roman Legend* (Princeton, 1982)
- Smallwood, E. Mary, *Documents Illustrating the Principates of Gaius, Claudius and Nero* (Cambridge, 1967)
- Speidel, M. A., «Roman Army Pay Scales», *Journal of Roman Studies* 82, 1992
- Stevens, C. E., «Claudius and the Orcades», *Classical Review* 1, 1951
- , «The Will of Q. Veranius», *Classical Review* 1, 1951
- Stewart, A. F., «To Entertain an Emperor: Sperlonga, Laokoön and Tiberius at the Dinner-Table», *Journal of Roman Studies* 67, 1977
- Swain, Simon (ed.), *Seeing the Face, Seeing the Soul: Polemon's Physiognomy from Classical Antiquity to Medieval Islam* (Oxford, 2007)
- Swan, Peter Michael, *The Augustan Succession: An Historical Commentary on Cassius Dio's Roman History, Books 55–56 (9 B.C.–A.D. 14)* (Oxford, 2004)
- Syme, Ronald, *The Roman Revolution* (Oxford, 1939)
- , «Seianus on the Aventine», *Hermes* 84, 1956
- , «Imperator Caesar: A Study in Nomenclature», *Historia* 7, 1958
- , «Livy and Augustus», *Harvard Studies in Classical Philology* 64, 1959
- , «Domitius Corbulo», *Journal of Roman Studies* 60, 1970
- , «The Crisis of 2 B.C.», *Bayerische Akademie der Wissenschaften*, 1974
- , «History or Biography: The Case of Tiberius Caesar», *Historia* 23, 1974
- , *History in Ovid* (Oxford, 1978)
- , «The Sons of Piso the Pontifex», *American Journal of Philology* 101, 1980
- , *The Augustan Aristocracy* (Oxford, 1986)
- Tatum, W. Jeffrey, *The Patrician Tribune: Publius Clodius Pulcher* (Chapel Hill, 1999)
- Taylor, L. R., «Horace's Equestrian Career», *American Journal of Philology* 46, 1925
- , «New Light on the History of the Secular Games», *American Journal of Philology* 55, 1934
- Tibault, John C., *The Mystery of Ovid's Exile* (Berkeley e Los Angeles, 1964)
- Tomas, Yan, À Rome, pères citoyens et cité des pères (II^{ème} siècle av. J.C.-II^e siècle ap. J.C.) in Aline Rousselle, Giulia Sissa e Yan Tomas, *Famille dans la Grèce et à Rome* (Paris, 1986)
- Tompson, E. A., «Early Germanic Warfare», *Past and Present* 14, 1958
- Tornton, M. K., «The Enigma of Nero's Quinquennium», *Historia* 22, 1973
- , «Nero's Quinquennium: The Ostian Connection», *Historia* 38, 1989
- Todd, Malcolm, *The Early Germans* (Oxford, 2004)
- Torelli, Mario, *Studies in the Romanization of Italy*, tr. Helena Fracchia e Maurizio Gualtieri (Edmonton, 1995)
- , *Tota Italia: Essays in the Cultural Formation of Roman Italy* (Oxford, 1999)
- Townend, G.B., «Calpurnius Siculus and the *Munus Neronis*», *Journal of Roman Studies* 70, 1980
- Townsley, Jeremy, «Paul, the Goddess Religions, and Queer Sects: Romans 1:23–28», *Journal of Biblical Literature* 130, 2011

- Treggiari, S., *Roman Freedmen During the Late Republic* (Oxford, 1969)
- Van Voorst, Robert E., *Jesus Outside the New Testament: An Introduction to the Ancient Evidence* (Grand Rapids, 2000)
- Versnel, H.S., «Two Types of Roman *Devotio*», *Mnemosyne* 29, 1976
- Vout, Caroline, *Power and Eroticism in Imperial Rome* (Cambridge, 2007)
- Walbank, Frank W., «The Scipionic Legend», in *Selected Papers: Studies in Greek and Roman History and Historiography* (Cambridge, 1985)
- Wallace-Hadrill, Andrew, «*Civilis Princeps*: Between Citizen and King», *Journal of Roman Studies* 72, 1982
- , *Rome's Cultural Revolution* (Cambridge, 2008)
- Warden, P.G., «The Domus Aurea reconsidered», *Journal of the Society of Architectural Historians* 40, 1981
- Wardle, David, «Caligula's Bridge of Boats – ad 39 or 40?», *Historia* 56, 2007
- Warmington, B. H., *Nero: Reality and Legend* (Londres, 1969)
- Weaver, P. R. C., *Familia Caesaris: A Social Study of the Emperor's Freedmen and Slaves* (Cambridge, 1972)
- Weinstock, Stefan, «*Victor and Invictus*», *Harvard Theological Review* 50, 1957
- Welch, K.F., *The Roman Amphitheatre: From its Origins to the Colosseum* (Cambridge, 2007)
- Welch, Tara S., *The Elegaic Cityscape: Propertius and the Meaning of Roman Monuments* (Columbus, 2005)
- Wells, C.M., *The German Policy of Augustus: An Examination of the Archaeological Evidence* (Oxford, 1972)
- Wells, Peter, *The Barbarians Speak: How the Conquered Peoples Shaped Roman Europe* (Princeton, 1999)
- , *The Battle That Stopped Rome: Emperor Augustus, Arminius, and the Slaughter of the Legions in the Teutoburg Forest* (Nova Iorque, 2003)
- Whitmarsh, Tim, «Greek and Roman in Dialogue: the Pseudo-Lucianic *Nero*», *JHS* 119, 1999
- Wiedemann, Tomas, «The Fetiales: A Reconsideration», *Classical Quarterly* 36, 1986
- Wilkinson, Sam, *Republicanism During the Early Roman Empire* (Londres, 2012)
- Williams, Craig A., *Roman Homosexuality* (Oxford, 2010)
- Williams, G., «Did Maecenas “Fall from Favor”? Augustan Literary Patronage», in Raaflaub e Toher
- Wilson, Emily, *Seneca: A Life* (Londres, 2015)
- Winterling, Aloys, *Politics and Society in Imperial Rome*, tr. Kathrin Lüddecke (Oxford, 2009)
- , *Caligula: A Biography*, tr. Deborah Lucas Schneider, Glenn W. Most e Paul Psionos (Berkeley e Los Angeles, 2011)
- Wiseman, T. P., *Clio's Cosmetics: Three Studies in Greco-Roman Literature* (Leicester, 1979)
- , *Remus: A Roman Myth* (Cambridge, 1995)
- , *The Myths of Rome* (Exeter, 2004)

- , *Unwritten Rome* (Exeter, 2008)
- Wistrand, E., *Horace's Ninth Epode and Its Historical Background* (Göteborg, 1958)
- Wood, Susan, «*Memoriae Agrippinae*: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda», *American Journal of Archaeology* 92, 1988
- , «Diva Drusilla Panthea and the Sisters of Caligula», *American Journal of Archaeology* 99, 1995
- , *Imperial Women: A Study in Public Images, 40 BC-AD 68* (Leiden, 1999)
- , «Tacitus' Obituary of Tiberius», *Classical Quarterly* 39, 1989
- Woodman, A. J., «Amateur Dramatics at the Court of Nero: Annals 15.48–74», in *Tacitus and the Tacitean Tradition*, ed. T. J. Luce e A. J. Woodman (Princeton, 1993)
- Woodman, A.J. (ed.), *The Cambridge Companion to Tacitus* (Cambridge, 2009)
- Woodman, Tony e Dennis Feeney, *Traditions and Contexts in the Poetry of Horace* (Cambridge, 2002)
- Woods, David, «Caligula's Seashells», *Greece & Rome* 47, 2000
- , «Caligula, Incitatus, and the Consulship», *Classical Quarterly* 64, 2014
- Woolf, Greg, *Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul* (Cambridge, 1998)
- Yavetz, Z., *Plebs and Princeps* (Oxford, 1969)
- , «Seianus and the Plebs. A Note», *Chiron* 28, 1998
- Zanker, James E. G., «New Light on Gaius Caesar's Eastern Campaign», *Greek, Roman and Byzantine Studies* 11, 1970
- Zanker, Paul, *The Power of Images in the Age of Augustus*, tr. Alan Shapiro (Ann Arbor, 1990)

Sobre este livro

O RETRATO DA FAMÍLIA QUE TRANSFORMOU O IMPÉRIO ROMANO PARA SEMPRE

Augusto • Tibério • Calígula • Cláudio • Nero

Primeiro governada por reis, Roma tornar-se-ia uma república.

Mas no fim, após conquistar o mundo, a república desmoronou-se. Roma afogou-se em sangue. As guerras civis foram tão terríveis, que o povo romano acolheu de bom grado o governo de um autocrata que lhes poderia dar a paz. «Augusto», o seu novo senhor, intitulava-se «O Divino Favorito».

O fantástico esplendor da dinastia fundada por Augusto nunca esmoreceu. Nenhuma outra família se compara em fascínio com a sua galeria de personagens: Tibério, o grande general que acabou os seus dias como um recluso amargurado, célebre pelas suas perversões; Calígula, o mestre da crueldade e humilhação; Agripina, a mãe de Nero, cujas manobras levaram o filho ao poder, e que acabaria por morrer por ordem dele; Nero, que pontapeou a mulher grávida até à morte, que se casou com um eunuco, e que ergueu um palácio de prazer no centro dos escombros de uma Roma destruída pelo fogo.

Sobre Tom Holland

Tom Holland é autor de *Rubição, O triunfo e a tragédia da república romana*, que ganhou o prémio Hessel-Tiltman de História e fez parte da shortlist do prémio Samuel Johnson. *Persian Fire*, a sua história das guerras Greco-Pérsicas, ganhou o Prémio Anglo-Hellenic League's Runciman em 2006.

Já adaptou obras de Homero, Heródoto, Tucídides e Virgílio para a BBC. Em 2007, foi o vencedor do prémio Classical Association, atribuído ao «indivíduo que mais fez pela promoção do estudo da língua, literatura e civilização das antigas Grécia e Roma».

É apresentador do programa *Making History* da BBC Radio 4.

Saiba mais sobre o autor em:

www.tom-holland.org



Edição em digital: dezembro de 2022

Edição original

Título: *Dynasty: The Rise and Fall of the House of Caesar*

Texto: © 2015 Tom Holland

Imagens da capa: Gareth Blayney

Capa: Nico Taylor - LBBG

Publicado pela Little, Brown,
uma chancela do Little, Brown Book Group, Londres.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Dinastia: Ascensão e Queda da Casa de César*

Tradução: José Pires

Revisão: Laura Alves

© desta edição:

2017, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Vogais é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

ISBN: 978-989-623-828-5

Composição digital: www.acatia.es
Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)
Facebook: [penguinlivros](https://facebook.com/penguinlivros)
Instagram: [penguinlivros](https://instagram.com/penguinlivros)

NOTAS

Salvo indicação em contrário, Tácito refere-se a *Os Anais* (*The Annals*); Valério Máximo a *Ditos e Feitos Memoráveis* (*Memorable Doings and Sayings*); Tito Lívio, Justino, Floro, Apiano, Dionísio de Halicarnasso, Dião Cássio, Veleio Patérculo e Heródoto às suas respectivas histórias; Lucrécio a *Sobre a Natureza das Coisas* (*On the Nature of Things*); Petrónio a *Satíricon* (*The Satyricon*); Lucano a *A Guerra Civil* (*The Civil War*); Estrabão à sua *Geografia* (*Geography*); Aulo Gélíio a *Noites Áticas* (*Attic Nights*); Macróbio a *Saturnais* (*The Saturnalia*); Plínio, o Velho, à sua *História Natural* (*Natural History*); Artemidoro a *Sobre a Interpretação dos Sonhos* (*The Interpretation of Dreams*); Vitruvius a *De Architectura* (*On Architecture*); e Frontino a *De Aqueductu Urbis Romae* (*On Aqueducts*).

PREFÁCIO

- [1] Suetónio. Calígula: 46
- [2] *Ibid*: 22
- [3] *Ibid*: 50.2
- [4] Séneca. *To Helvia*: 10.4
- [5] Eusébio. *The Proof of the Gospel*: 3.139
- [6] Fílon. *On the Embassy to Caius*: 146-7
- [7] Ovídio. *Letters from Pontus*: 4.9.126
- [8] Marcos 12.17
- [9] Dião Cássio: 52.34.2
- [10] *Ibid*: 53.19.3
- [11] Tácito: 3.19
- [12] *Ibid*: 1.1

- [13] Tácito: 3.65
- [14] Valério Máximo: 3.6. prefácio
- [15] Séneca. *Letters*: 57.2
- [16] Séneca. *On Clemency*: 1.11.2
- [17] Ovídio. *Sorrows*: 4.4.15

1 OS FILHOS DA LOBA

[1] De isso, é testemunha, por exemplo, uma dedicatória feita no século III a.C., ou no início do século II a.C., por um Grego na ilha de Quios, no mar Egeu, que apresentava Rómulo e Remo. «De acordo com a história», dizia a inscrição, «eles terão sido gerados pelo próprio deus da guerra, o que podemos muito bem considerar como uma história verdadeira, dada a bravura dos Romanos.» Citado por Wiseman (1995), p. 161.

- [2] Tito Lívio: 31.34
- [3] Justino: 38.6.7-8
- [4] Quinto Énio: fragmento 156
- [5] Floro: 1.1.8
- [6] Salústio. *Te Conspiracy of Catiline*: 7.1-2
- [7] Tito Lívio: 7.6.2
- [8] Lucrécio: 3.834
- [9] Tito Lívio: 37.45
- [10] Valério Máximo: 2.2.1
- [11] Tito Lívio: 38.53
- [12] Tito Lívio: 38.50
- [13] Valério Máximo: 6.2.8
- [14] Cícero. *On Piso*: 16
- [15] Cícero. *On his House*: 66
- [16] Manílio: *Astronomica*: 1.793
- [17] Petrónio: 119
- [18] Suetónio. *Te Deified Julius*: 20
- [19] Tito Lívio. *Periochae*: 103
- [20] Propércio: 3.4, linha 2
- [21] Apiano: 2.31
- [22] Lucano: 1.109-11
- [23] Petrónio: 121

[24] Virgílio. *Aeneid*: 2.557. No poema, o cadáver decapitado é de Príamo; deve-se a Sérvio o pormenor de que Virgílio fazia eco de uma descrição de Pompeu. A descrição estaria, certamente, na História da Guerra Civil de Asínio Polião. Ver Morgan (2000), pp. 52-5.

[25] Dionísio de Halicarnasso: 7.70.1

[26] Justino: 28.2.8

[27] Suetónio. *Te Deified Julius*: 77

[28] Cícero. *Philippics*: 6.19

[29] Plutarco. *Titus Quinctius Flaminius*: 12.6

[30] Tito Lívio: 1.3. É provável que esta observação tenha sido feita uma década após o assassinato de César. Ver Luce (1965).

[31] Cícero. *In Defence of Marcellus*: 27

[32] Plínio, o Velho: 8.155

[33] Cícero. *Philippics*: 3.12

[34] Ovídio. *Fasti*: 2.441. Ovídio situa a ordem no tempo de Rómulo, mas a sua data real foi 276 a.C. Ver Wiseman (2008), p. 76.

[35] Plutarco. *Julius Caesar*: 61.4

[36] Dião Cássio: 44.11.3

[37] Cícero. *Republic*: 2.30.52

[38] Caio Márcio, um homem de negócios cuja carreira foi marcada por uma profunda suspeita perante a política. É aqui citado, de forma desaprovadora, por Cícero. *Letters to Atticus*: 14.1

[39] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 14.309

[40] De *Memoirs* de Augusto, fragmento 6. Citado por Ramsey e Licht, p. 159.

2 REGRESSO AO FUTURO

[1] É quase certo que Livia nasceu em Roma a 30 de janeiro de 59 ou, possivelmente, de 58 a.C.. Ver Barrett (2002), pp. 309-10

[2] Virgílio. *Eclogues*: 4:61

[3] Plutarco. *Roman Questions*: 102

[4] Sêneca. *On Mercy*: 1.14.3

[5] Barrett (2002: p. 348, n. 18) constata a ausência de provas explícitas na identificação de Lívio Druso como pai adotivo de Druso Cláudio, mas reconhece que as provas circunstanciais são avassaladoras.

[6] Dionísio de Halicarnasso: 3.67.5

[7] Cícero. *Against Verres*: 5.180

- [8] Cícero. *On the Responses of the Haruspices*: 13.27
- [9] Cícero. *For Marcus Caelius*: 21
- [10] Tácito: 1.4.3. Os estudiosos concordam que o obscurecer da reputação dos Claudianos terá ocorrido algures durante o século I a.C.; Wiseman (1979) data-o, de forma convicta, para o final das décadas de 50 e 40 a.C.
- [11] Valério Máximo: 1.4.3
- [12] Lucano: 2.358
- [13] Cícero: *On his House*: 109
- [14] Para o significado dos estames da flor do açafão na «promoção dos ciclos menstruais e reprodutivos das mulheres», ver Sebasta, p. 540, 33.
- [15] Plutarco. *Romulus*: 15.5
- [16] Apiano: 4.11
- [17] Veleio Patérculo: 2.71.2
- [18] Valério Máximo: 6.8.6
- [19] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 2
- [20] Embora, de acordo com Dião (47.49.3), ter-se-á perdido no mar. Outra tradição é a registada por Plutarco (Bruto: 53.4), ao relatar que Marco António teria cremado o corpo de Bruto e enviado as cinzas para casa da sua mãe.
- [21] Apiano: 4.8
- [22] «Em Louvor de Túria»: a passagem citada pertence a um elogio fúnebre mandado esculpir por um marido em luto, na lápide da sua esposa. De acordo com uma narrativa registada por Valério Máximo (6.7.2), a mulher morta, chamada Túria, foi há muito identificada como um modelo de heroísmo desinteressado, que tudo arriscou para salvar o seu marido dos males das proscrições. Os classicistas, como lhes é próprio, revelam algum ceticismo acerca desta identificação — mas não a desconsideraram totalmente.
- [23] Apiano: 4.4
- [24] Suetónio (*Augustus*: 15) diz que 200 senadores e membros da Ordem Equestre foram oferecidos, literalmente, como sacrifício. A narrativa decorre, evidentemente, de uma fonte hostil — mas, embora seja muito exagerada, tem por certo origem num episódio autêntico.
- [25] Suetónio. *Augustus*: 62.2. Suetónio cita as palavras de Augusto. (fragmento 14).
- [26] *Ibid*
- [27] Brunt (1971), pp. 509-12
- [28] Virgílio. *Eclogues*: 1.11-12
- [29] Propércio: 4.1.130
- [30] Virgílio. *Eclogues*: 9.5
- [31] Horácio. *Satires*: 2.1.37
- [32] *Ibid*: 1.6.72-3
- [33] Virgílio. *Georgics*: 1.505

- [34] Estrabão: 6.1.2
- [35] Propércio: 2.1.29
- [36] Veleio Patérculo: 2.88.2
- [37] Horácio. *Epodes*: 7.17-20
- [38] Horácio. *Odes*: 2.13.28
- [39] Horácio. *Satires*: 2.2.126-7
- [40] Apiano: 5.132
- [41] *Ibid*: 5.130
- [42] Plutarco. *Antony*: 24
- [43] Virgílio. *Aeneid*: 4.189-90
- [44] Séneca. *Letters*: 94.46. A citação é de Salústio, *Te Jugurthine War*: 10.6.
- [45] Séneca. *On Benefits*: 3.32.4
- [46] Estrabão: 5.3.8.
- [47] Horácio. *Epodes*: 9.5
- [48] Horácio. *Satires*: 1.5.29
- [49] *Ibid*: 1.6.61-2
- [50] *Ibid*: 2.6.58
- [51] *Ibid*: 2.6.1-3
- [52] *Res Gestae*: 25.2 [N. T.: A *Res Gestae Divi Augusti* ou *Index Rerum gestarum* — Atos do Divino Augusto — são uma narrativa redigida pelo próprio imperador romano.]
- [53] Virgílio. *Aeneid*: 8.678-9
- [54] Horácio. *Odes*: 1.37.1
- [55] Ovídio. *Fasti*: 1.30
- [56] Cícero. *On Duties*: 2.26
- [57] Tito Lívio: 1.10
- [58] Cornélio Nepos. *Life of Atticus*: 20.3
- [59] Ou melhor, de acordo com o que o jovem César e os seus agentes afirmaram ter sido uma venerável tradição. O mais provável é que todo o ritual tenha sido uma encenação. Ver Wiedemann, p. 482.
- [60] O nome estava estampado numa físga. Nessa mesma inscrição, o jovem César também era acusado de ser um «filho da puta» e um depravado. Ver Hallett (2006), p. 151.
- [61] A ligação entre a derrota perante Sexto e a adoção do nome de Imperador foi feita pela primeira vez por Ronald Syme, num ensaio clássico (1958).
- [62] Horácio. *Satires*: 2.6.55-6
- [63] Virgílio. *Georgics*: 4.90
- [64] Em relação à natureza impenetrável de névoa que envolve as origens do triunfo, ver Beard (2007), pp. 305-18.
- [65] Dionísio de Halicarnasso: 2.34.2

- [66] Virgílio. *Aeneid*: 8.717
- [67] Propércio: 2.8.14
- [68] Virgílio. *Aeneid*: 1.291
- [69] Dião Cássio: 51.24
- [70] Tito Lívio: 4.20
- [71] Uma inscrição numa moeda recentemente descoberta, cunhada em 28 a.C. Ver Rich e Williams.
- [72] *Achievements of the Deified Augustus*. 6.1
- [73] *Ibid*: 34.1
- [74] Aulo Gélio: 5.6.13
- [75] Inscrição numa moeda cunhada em 19 a.C. Ver Dear, p. 322
- [76] Dião Cássio: 53.6
- [77] *Ibid*: 53.20
- [78] Horácio. *Odes*: 3.8.18
- [79] *Ibid*: 1.35.29-30
- [80] *Ibid*: 3.14.14-16
- [81] Ovídio. *Sorrows*: 4.4.13-16
- [82] Alguns estudiosos discutem se este templo terá sido de facto construído, mas as provas — existentes em moedas e na declaração explícita de Dião de que terá sido efetivamente erguido no Capitólio «numa imitação do de Júpiter» (54.8) — parecem irrefutáveis.
- [83] Ovídio. *Fasti*: 1.609-10
- [84] Macróbio: 2.4.20
- [85] *Ibid*: 2.4.12
- [86] Citado em Suetónio. *Life of Horace*
- [87] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 70.2
- [88] Sérvio. Comentários à *Eneida* de Virgílio: 4.58
- [89] Veleio Patérculo
- [90] Plutarco. *Antony*: 75
- [91] Virgílio. *Aeneid*: 8.720
- [92] Assim como o grande templo de Júpiter no Capitólio também era dedicado a Juno e a Minerva, Liber compartilhava o seu templo com Ceres e Libera. Wiseman (2004: p.68) argumenta, de forma convincente, que não se tratava de uma coincidência, e que o templo de Liber fora conscientemente fundado como contraponto ao enorme templo do Capitólio.
- [93] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 79.2
- [94] Ovídio. *Sorrows*: 1.70
- [95] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 94.4
- [96] *Ibid*: 72.1
- [97] Cícero. *In Defence of Murena*: 76

- [98] Horácio. *Satires*: 1.8.16
- [99] Cícero. *On the Agrarian Law*: 2.17
- [100] *Ibid. To Atticus*: 1.19.4
- [101] O número de tribunos aumentaria ao longo das décadas seguintes. Em 449 a.C. eram dez.
- [102] Dão Cássio: 54.10
- [103] Macróbio: 2.4.18
- [104] Horácio. *Odes*: 3.6.1-2
- [105] *Ibid*: 7-8
- [106] Ovídio. *Fasti*: 1.223-4
- [107] «Em Louvor de Túria»
- [108] Horácio. *Carmen Saeculare*: 47-8
- [109] *Ibid*: 57-60
- [110] Ovídio. *Fasti*: 6.647
- [111] Citado em Suetónio. *A Vida de Horácio*.
- [112] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 58.2
- [113] Ovídio. *Fasti*: 3.709
- [114] *Ibid*: 5.553
- [115] Suetónio relata que todas estas estátuas estavam vestidas como se da celebração de um triunfo se tratasse; mas sabemos, a partir de alguns dos seus fragmentos, que na verdade algumas delas estariam vestidas com togas.
- [116] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 31.5
- [117] Horácio. *Odes*: 4.14.6

3 A EXAUSTÃO DA CRUELDADE

- [1] *Funeral Lament for Drusus*: 351. In *Poetae Latini Minores* 1, ed. E. Baehrens (1879)
- [2] Plutarco. *Life of Cato the Censor*: 16
- [3] Ovídio. *Loves*: 3.15.6
- [4] Dionísio de Halicarnasso: 6.13.4
- [5] Ovídio. *Te Art of Loving*: 3.121-2
- [6] Ovídio. *Sorrows*: 4.10.35
- [7] *Ibid*: 4.10.37-8
- [8] Ovídio. *Te Art of Loving*: 3.122
- [9] *Ibid*: 1.17
- [10] Plutarco. *Life of Cato the Censor*: 17

- [11] Ovídio. *Loves*: 1.15.3
- [12] *Ibid*: 1.7.38
- [13] Cícero. *Tusculan Disputations*: 2.53
- [14] Petrónio: 92. O tom é satírico, mas coloquial.
- [15] Plínio, *o Novo*. *Letters*: 3.1.2
- [16] *Carmina Priapea*: 25. 6-7
- [17] Valério Máximo: 6.1. Prefácio
- [18] Catão, *o Velho*: fragmento 222. Posteriormente, seria legislado que, embora o pai de uma mulher apanhada em flagrante pudesse legalmente matá-la, o marido não podia, a não ser que o amante da sua mulher fosse de posição social inferior.
- [19] Ovídio. *Loves*: 3.4.37
- [20] *Ibid*: 3.4.17
- [21] *Ibid*: 3.4.11
- [22] Ovídio. *On Women's Facials*: 25-6
- [23] Sêneca. *Natural Questions*: 1.16.6
- [24] *Ibid*: 1.116.9
- [25] *Ibid*: 1.16.7
- [26] Horácio. *Odes*: 3.6.19-20
- [27] *Ibid*: 3.24.33-34
- [28] Pseudo-acróstico escoliasta de Horácio: 1.2.63. Citado por McGinn, p. 165
- [29] Tácito. *Annals*: 3.28
- [30] Horácio. *Odes*: 4.5.21-22
- [31] Ovídio. *Loves*: 3.4.5-6
- [32] Dião Cássio: 48.52
- [33] Ovídio. *Sorrows*: 3-1-39-40
- [34] Veleio Patérculo: 2.79.1
- [35] Plínio: 15.137
- [36] Dião Cássio: 54.6
- [37] Suetônio. *Tiberius*: 51.2
- [38] Macróbio: 2.5.9
- [39] *Ibid*: 2.5.8
- [40] *Ibid*: 2.5.4
- [41] Filon. *Embassy to Gaius*: 167
- [42] Sêneca. *To Polybius, On Consolation*: 15.5
- [43] Ovídio. *Te Art of Loving*: 1.184
- [44] *Ibid*. 1.177-8
- [45] *Ibid*. 1.175
- [46] Ovídio. *Loves*: 1.5.26

- [47] Plínio: 7.149
- [48] Sêneca. *On Mercy*: 1.10.3
- [49] *Ibid*: 1.11.2
- [50] Ovídio. *Te Art of Loving*: 2.573
- [51] *Ibid*: 2.552-3
- [52] *Ibid*: 2.2.599-600
- [53] Artemidoro: 2.9
- [54] Veleio Patérculo: 2.91.4
- [55] Ovídio. *Fasti*: 5.145-6
- [56] Plutarco. *Moralia*: 207 e
- [57] A partir de uma inscrição de Messénia descoberta em 1960. Citada em Zankel, p. 259
- [58] De um édito municipal de Pisa. Reproduzido em Lott (2012), p. 72.
- [59] Ovídio. *Te Art of Loving*: 1.203
- [60] Dião Cássio: 55.13.1
- [61] De uma carta de Augusto para Caio, no ano 1, citada por Aulo Gélíio: 15.7
- [62] Tácito: 6.25
- [63] Ulpiano. *Digest*: 1.15.3
- [64] Dião Cássio: 55.27.1
- [65] Há alguma confusão a envolver o destino do marido de Júlia, uma vez que um homem com o seu nome aparece numa inscrição com uma lista de sacerdotes que morreram no ano 14. Mas num comentário do poeta Juvenal fica claro que ele foi executado. O sacerdote era, portanto, certamente seu filho.
- [66] Alguns estudiosos (p. ex., Claassen, pp. 12-13) datam o exílio de Ovídio no ano 9. Contudo, provas internas e externas parecem-me apontar definitivamente para o ano 8. Legalmente falando, Ovídio não era um *exsul*, um exilado, mas antes *relegatus* — alguém «relegado» de Roma, mas sem perder os seus direitos cívicos. Ovídio, no entanto, refere-se muitas vezes à sua solidão e desgraça, como se de um «*exilium*» se tratasse.
- [67] Ovídio. *Sorrows*: 2.207
- [68] *Ibid*: 6.27
- [69] Ovídio. *Black Sea Letters*: 2.2.19
- [70] Para uma pesquisa das muitas teorias sobre o exílio de Ovídio, ver Tibault. A minha leitura corresponde à de Green (1989). Como observa Claassen (p.243), «Apenas uma explicação política pode dar sentido ao exílio de Ovídio».
- [71] Ovídio. *Sorrows*: 1.11.3-4
- [72] *Ibid*: 2.195-6
- [73] Ovídio. *Sorrows*: 5.10.37
- [74] Ovídio: *Letters from Pontus*: 1.2.81-2
- [75] Ovídio. *Sorrows*: 5.7.46

- [76] Ovídio. *Fasti*: 2.291
- [77] Ovídio. *Sorrows*: 2.199-200
- [78] *Ibid*: 5.10.19-20
- [79] Valério Máximo: 6.1.11
- [80] Veleio Patérculo: 2.115.5
- [81] Ovídio. *Sorrows*: 2.171-2
- [82] Cícero. *On Duties*: 2.27
- [83] Na introdução do relatório dos feitos de Augusto, *Res Gestae Divi Augusti*.
- [84] Virgílio. *Aeneid*: 1.279
- [85] Albidovano Pedo: 3, citado in Benario, p. 166. O «Reino das Sombras» é uma referência específica ao Mar de Wadden (ou Mar Frísio). O poema descreve uma expedição naval no ano 16.
- [86] Tácito: 2.24
- [87] Tácito: *Germania*: 4
- [88] Ou possivelmente, de acordo com algumas opiniões, em 10 a.C.
- [89] Estrabão: 4.4.2.
- [90] Ovídio. *Amores*: 1.14.45-6
- [91] Tácito. *Germania*: 19
- [92] Dião Cássio: 56.18
- [93] Veleio Patérculo: 2.118.2
- [94] Floro: 30.3
- [95] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 23
- [96] *Ibid*: *Tiberius*: 21.3. A frase é do próprio Augusto.
- [97] *Ibid*. Augusto citava, ou melhor, adaptava o poeta Quinto Énio.
- [98] Ovídio. *Black Sea Letters*: 2.1.37-38
- [99] *Ibid*: 2.1.61-2
- [100] Séneca: *On Benefits*: 3.38.2
- [101] *Consolation to Livia*: 356
- [102] Tácito: 5.1.
- [103] *Ibid*
- [104] Cícero. *On the Republic*: 1.67
- [105] Ovídio: *Black Sea Letters*: 3.1.118
- [106] Veleio Patérculo: 2.130.5
- [107] Ovídio: *Black Sea Letters*: 3.1.125
- [108] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 64.2
- [109] Isto é comprovado numa inscrição encontrada em Régio, onde se regista uma liberta de Júlia que era filha de uma liberta de Livia. Ver Barrett (2002), p. 51.
- [110] Tácito: 4.71
- [111] A inscrição é citada por Flory, p. 318. O templo era o de *Fortuna Muliebris*, «Fortuna

Feminina». A mesma inscrição pode ser encontrada no Arco de Ticino: «Drusi f. Uxori Caesaris Augusti».

[112] Tito Lívio: 8.18.6

[113] Virgílio. *Georgics*: 128-30

[114] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 51.3

[115] Séneca, *o Velho. Controversies*: 10, Prefácio 5

[116] Tácito: 1.72

[117] Veleio Patérculo: 126.3

[118] Suetónio. *Te Deified Claudius*: 3

[119] *Ibid*: 41.2

[120] Dião Cássio: 55.32

[121] Tácito: 1.5

[122] Veleio Patérculo: 11.123.1

[123] *Ibid*: 11.123.2

[124] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 99.1

[125] Tácito: 1.6. Pettinger (p. 178, 28) argumenta de forma convincente que os pormenores deste episódio decorrem da leitura de Tácito de uma fonte não consultada por outros historiadores: as memórias de Agripina, filha de Germânico (e mãe do Imperador Nero). «Tácito, ao usar as memórias privadas da jovem Agripina, meteu uma lança em África...»

[126] *Ibid*

[127] Suetónio. *Tiberius*: 22

[128] *Ibid*: 23

[129] Tácito: 6

4 O ÚLTIMO ROMANO

[1] O jardim tinha inicialmente pertencido a Pompeu.

[2] Ovídio. *Black Sea Letters*: 4.13.27

[3] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 99.1

[4] Tácito: 1.11

[5] Suetónio: *Tiberius*: 21.2

[6] Veleio Patérculo: 2.126.3

[7] Tácito: 1.13

[8] Dião Cássio: 56.26

[9] Veleio Patérculo: 2.124.2

[10] Dião Cássio: 57.1
[11] Suetônio. *Tiberius*: 25.1.
[12] A sugestão é de Syme (1986), p. 300
[13] Suetônio. *Tiberius*: 24.1.
[14] Tácito: 1.17
[15] Lucas 7.8
[16] Tácito: 1.23
[17] *Ibid*: 1.51
[18] Veleio Patérculo: 2.125.1-2
[19] «Senatus Consultum» de Cneu Calpúrnio Pisão: linha 161
[20] Tácito: 3.33. As palavras são de Aulo Cecina Severo, governador militar de Germânico no Reno, depois do seu regresso da frente. A influência de Agripina sobre os seus sentimentos são meras conjeturas.

- [21] Valério Máximo: 3.2.2
[22] Tácito: 2.26
[23] Veleio Patérculo: 2.129.2
[24] Tácito: 1.33
[25] Suetônio. *Tiberius*: 50.3
[26] Tácito: 1.53
[27] Veleio Patérculo: 2.126.3
[28] Tácito: 2.39
[29] *Ibid*: 2.40
[30] *Ibid*
[31] Tácito: 2.26
[32] Valério Máximo: 5.5.
[33] Ver Syme (1980), p. 336: «é fácil conjeturar».
[34] Sêneca. *On Anger*: 1.18
[35] Cícero. *Te Republic*: 5.1.2.
[36] Tácito: 4.38
[37] Dião Cássio: 57.15
[38] Tácito: 2.43
[39] *Ibid*: 2.53
[40] Artemon. *Anthologia Graeca*: 12.55
[41] Paráfrase de uma anedota in *Antiquities of the Jews*, de Josefo: 18.171-6
[42] Políbio: 31.4
[43] Tácito: 1.55
[44] *Ibid*: 1.56
[45] Fílon. *De Specialibus Legibus*: 3.174

- [46] Ehrenberg e Jones, p. 138 (320b)
- [47] *Res Gestae*: 27
- [48] Tácito: 2.71
- [49] *Senatus Consultum de Cneu Pisão Pai*: linhas 55-6
- [50] *Ibid*: linha 46
- [51] Tácito: 2.83
- [52] *Ibid*: 3.4
- [53] *Ibid*: 3.15
- [54] Ver Versnel, pp. 383-7
- [55] Ovídio. *Fasti*: 2.551
- [56] Ovídio. *Black Sea Letters*: 4.8.49-51
- [57] Sêneca. *On Benefits*: 5.25.2
- [58] Sêneca, *o Velho*. *Controversies*: 10.3.5
- [59] Estácio. *Silvae*: 3.3.200-1
- [60] *Senatus Consultum de Cneu Pisão Pai*: linhas 115-116
- [61] Uma frase que aparece em muitas moedas de Tibério.
- [62] Tácito: 3.34
- [63] *Ibid*: 4.8
- [64] *Ibid*: 3.65
- [65] *Ibid*: 11.21
- [66] Cícero. *On Duties*: 2.50
- [67] Tácito: 4.34
- [68] Sêneca. *To Marcia, On Consolation*: 22.5
- [69] Tácito: 6.7
- [70] Plínio: 26.2
- [71] Para a probabilidade de Tibério ter cunhado a palavra, ver Champlin: <http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/champlin/090601.pdf>, pp. 5-6
- [72] Tácito: 4.52
- [73] *Ibid*: 4.54
- [74] Acerca dos rumores que ligavam Galo a Agripina, ver Shotter (1971), pp. 454-5
- [75] Tácito: 4.40
- [76] *Ibid*: 4.41
- [77] Estrabão: 5.4.8
- [78] Para a probabilidade de Tibério se ter identificado com Ulisses, ver Stewart, pp. 87-8. Para uma fascinante meditação sobre as mais amplas implicações dessa autoidentificação, ver o ensaio sobre Tibério de Champlin, «*Tales of Brave Ulysses*». Juvenal, a escrever um século depois, comparou explicitamente Tibério a Ulisses (10.84).
- [79] Ovídio. *Metamorphoses*: 3.158-9

- [80] Dião Cássio: 58.4
- [81] Devo esta nota a Llewelyn Morgan.
- [82] Plínio: 8.145
- [83] Suetónio. *Caligula*: 22.2
- [84] Tácito: 3.55
- [85] Dião Cássio: 58.5
- [86] Tácito: 4.2
- [87] Valério Máximo: 9.11
- [88] Os pormenores do suicídio de Apicata têm origem numa inscrição onde se regista que alguém ligado a Sejano, é quase certo que seria a sua mulher, se suicidara oito dias após a execução de Sejano. No entanto, é possível, como defende Jane Bellemore, que a pessoa referida na inscrição não fosse Apicata, mas Livila, o que, a ser assim, seria a prova de que o casal se teria casado secretamente em algum momento. A questão continua em aberto.
- [89] Tácito: 6.6
- [90] Plutarco: fr. 182, in *Plutarch's Moralia*, ed. F. H. Sandbach (1969)
- [91] Suetónio: *Tiberius*: 60
- [92] Ovídio. *Loves*: 3.4.25
- [93] Tácito: 6.1.
- [94] Tácito: 6.20
- [95] Suetónio. *Caligula*: 11
- [96] Fílon. *Embassy to Gaius*: 142
- [97] Para a localização e a altura deste farol, ver Champlin (*Journal of Roman Studies*, 2011), p. 96.
- [98] Tácito: 6.4
- [99] Séneca. *Letters*: 43.3

5 DEIXEM QUE ME ODEIEM

- [1] Suetónio. *Tiberius*: 75.1
- [2] Suetónio. *Caligula*: 15.1
- [3] *Ibid*: 14.1
- [4] Filo. *On the Embassy to Gaius*: 41
- [5] Tácito: 3.24
- [6] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 18.256
- [7] Dião Cássio: 59.7.4

[8] A legislação de Augusto sobre os lugares sentados foi inicialmente direcionada para os anfiteatros, não estando clara a situação jurídica do Circo Máximo. De acordo com Dião Cássio (55.22), os senadores e os membros da Ordem Equestre tinham lugares estabelecidos por Augusto; mas Suetónio descreve-os sentados no meio dos restantes Romanos até ao tempo de Cláudio (*Deified Claudius*: 21.3).

[9] Filo. *On the Embassy to Gaius*: 45

[10] Suetónio. *Caligula*: 29

[11] Petrónio: 117

[12] Séneca. *On Providence*: 4.4

[13] Tácito. 4.62

[14] Séneca. *Letters*: 7.5

[15] Dião Cássio: 59.22.7

[16] Suetónio. *Caligula*: 24.1

[17] Séneca. *To Polybius on Consolation*: 17.5

[18] Homero. *Iliad*: 2.204. Calígula é descrito como citando-o na biografia escrita por Suetónio (22.1)

[19] Dião Cássio: 59.18.5

[20] *Ibid*: 59.16.5-6

[21] *Ibid*: 59.16.11

[22] *Ibid*: 59.16.6

[23] Ver Winterling (2011), p. 108, dado que esta interpretação do acontecimento por Dião Cássio (59.20.1-3) tem sido deturpada.

[24] Ver Barrett (1989), pp. 125-126. Provas seguras do recrutamento das duas legiões promovido por Calígula são fornecidas pela lápide de um centurião: Smallwood, p. 278.

[25] A partir de um registo nas *Acta Fratrum Arvalium* — as atas de uma fraternidade sacerdotal chamada Arvals. Aparece em Smallwood, p. 14.

[26] A ligação entre Getúlico e Lépidio só é especificada uma vez, sob a forma de comentário, em Suetónio (*Te Deified Claudius*: 9.1). Porém, Dião Cássio sugere-o muito fortemente, ao descrever as execuções dos dois homens e o exílio das duas irmãs de Calígula, em consecutivas decisões judiciais.

[27] Tácito: 12.64. Tácito confunde a Domícia que cuidava de Nero com a sua irmã, Domícia Lépidia.

[28] Suetónio. *Caligula*: 29

[29] O ataque foi provavelmente contra a tribo Caninefates, que vivia numa ilha no delta do Reno. Ao que parece, na melhor das hipóteses, terá sido inconclusivo. Ver Tácito, *Histories*: 4.15.3

[30] Pérsio: 6.46

[31] Suetónio. *Caligula*: 49.1

[32] Dião Cássio: 59.23.3

[33] Assim o afirma Suetónio (*Caligula*: 19.1). Dião Cássio diz que a ponte ia de Puteoli até um

lugar perto de Baiae chamado Bauli; Josefo afirma que ia até Misenum (Miseno), uma cidade que fica no mesmo promontório onde se localiza Baiae, mas muito longe de Puteoli para ser credível.

[34] Suetónio. *Caligula*: 19.3

[35] Dião Cássio: 59.17.11

[36] Suetónio. *Caligula*: 22.1

[37] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 19.121

[38] Filo. *On the Embassy to Gaius*: 263

[39] Citação do poeta Lúcio Ácio. Suetónio (*Caligula*: 30.1)

[40] Este facto não está mencionado em nenhum lado, mas pode ser deduzido em Dião Cássio quando, em referência à conspiração, menciona a informação de Tácito de um senador que fora forçado a suicidar-se durante a governação de Nero, por ter denunciado uma conspiração contra Calígula, 26 anos antes. Ver Barrett (1996, pp. 156-7) e Winterling (2011, pp. 136-7).

[41] Séneca. *On Anger*: 3.19.2

[42] Suetónio. *Caligula*: 30.1

[43] Dião Cássio: 59.26.9

[44] *Ibid*: 59.27.6

[45] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 19.86

[46] Séneca. *On Anger*: 2.33.4

[47] Dião Cássio: 59.29.9

[48] *Ibid*

[49] Suetónio. *Caligula*: 41.1. Tem-se duvidado muito deste relato, mas as tentativas de explicá-lo parecem-me menos plausíveis do que a suposição de que foi simultaneamente um ataque ao prestígio da nobreza, uma sátira aos valores de Augusto e uma amplificação típica de Calígula das fantasias sexuais promovidas em Capri.

[50] Séneca. *On Firmness*: 18.1

[51] *Ibid*: 18.2

[52] Dião Cássio: 59.29.2

[53] *Ibid*: 59.25.7

[54] Filo. *On the Embassy to Gaius*: 338

[55] Este relato baseia-se principalmente em Josefo, cujas fontes para o assassinato de Calígula eram excelentes. Suetónio dá duas alternativas que diferem apenas e ligeiramente nos pormenores. De acordo com um deles, o primeiro golpe terá acertado no queixo de Calígula.

[56] Esta é a descrição dos factos feita por Séneca (*On Firmness*: 18.3).

[57] Dião Cássio: 59.29.7

[58] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 19.199

[59] É Josefo que nos diz que Cesónia foi morta várias horas depois da morte do marido. De acordo com Suetónio, ela e a sua filha estavam com Calígula quando foi atacado, e morreram ao seu lado.

6 IO SATURNALIA!

- [1] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 19.115
- [2] *Ibid*: 19.159
- [3] *Ibid*: 19.168
- [4] Dião Cássio: 60.1.3
- [5] Suetónio. *Te Deified Claudius*: 10.3
- [6] *Ibid*: 3.2
- [7] A frase foi encontrada numa moeda de Cláudio, datada de 41/42. A inscrição EX.S.C. confirma tratar-se de um decreto do Senado.
- [8] Ver Suetónio, *Te Deified Claudius*: 10.4. Para as finanças de Cláudio quanto às despesas militares, ver Campbell (1984), pp. 166–168 e Osgood (2011), pp. 35–37.
- [9] Tácito. *Histories*: 4.74
- [10] Suetónio. *Te Deified Augustus*: 101.4
- [11] Josefo. *Antiquities of the Jews*: 19.64
- [12] *Ibid*: 19.65
- [13] Estácio. *Silvae*: 3.3.64–6
- [14] Dionísio de Halicarnasso: 4.23.2
- [15] Ovídio. *Loves*: 1.8.64
- [16] Tácito: 13.27
- [17] Horácio. *Satires*: 1.6.45
- [18] Horácio. *Epodes*: 4.6
- [19] Séneca. *Letters*: 47.10
- [20] Dionísio de Halicarnasso: 4.23.2
- [21] Catulo: 14.15
- [22] Horácio. *Epodes*: 4.5
- [23] Plínio, *o Jovem*. *Letters*: 3.16.6
- [24] Ver Bradley (1994), pp. 166-167
- [25] Heródoto: 4.184
- [26] Plínio: 5.1.14
- [27] Vitruvius: 8.2.24
- [28] Plínio: 30.13
- [29] A rendição do rei de Orkney a Cláudio decorre de uma antiga narrativa, de Eutrópio, mas parece derivar de uma fonte confiável. O pormenor de que as ilhas Orkney eram 30, é do geógrafo Pompónio Mela, que o escreveu nos relatos das ações de Cláudio quando este regressou da Britânia. Ver Stevens (1951 [1]). Uma teoria alternativa sustenta que Eutrópio se confundiu com uma campanha posterior, a do sogro de Tácito, Cneu Júlio Agrícola, que em 83 enviou uma frota que circum-navegou a Britânia.

- [30] Suetônio. *Te Deified Claudius*: 17.3
- [31] Séneca. *To Polybius on Consolation*: 14.1
- [32] Tácito: 12.38
- [33] Boatwright argumenta de forma convincente que Cláudio inventou a tradição, apoiando-se na sua reputação de especialista em história da antiguidade, para garantir que a sua afirmação fosse largamente aceite.
- [34] Frontino: 16
- [35] Artemidoro: 2.9
- [36] Plínio: 36.123
- [37] Séneca. *On Benefits*: 4.28.2
- [38] *Acts* 11.28
- [39] A estimativa da quantidade anual de cereais importados é de Aldrete (p.134).
- [40] Dião Cássio: 60.11.3
- [41] Para esta analogia, ver Williams (2010), p. 190.
- [42] Suetônio. *Galba*: 22
- [43] Séneca. *Trojan Women*: 91
- [44] Tácito. 9.2, «Mollitiam corporis» significa, literalmente, «maciez do corpo». *Mollitia*, quando aplicada a um homem, não significava apenas suavidade, mas suave como uma mulher: o tipo de homem que permitia sexo anal.
- [45] Dião Cássio: 60.2.4
- [46] Ovídio. *Loves*: 2.17.1
- [47] Cícero. *Republic*: 1.67
- [48] Suetônio. *Vitellius*: 2.5
- [49] Ovídio. *Te Art of Loving*: 3.215-16
- [50] Séneca. *On Benefits*: 6.32.1
- [51] Juvenal: 6.129
- [52] Tácito: 11.30
- [53] *Ibid*: 11.31
- [54] *Ibid*: 11.35
- [55] *Ibid*: 11.36. Ver Williams (2010), p. 217, para a forte probabilidade, ou a certeza absoluta, de que o Suílio Cesónio mencionado por Tácito como «a desempenhar o papel de mulher» era o filho do promotor de Asiático. Como Williams diz: «No meio das insinuações e acusações que atravessam os textos romanos, este é um momento raro onde ficamos tentadoramente perto de ser capazes de verificar o que realmente aconteceu».
- [56] Tácito (12.1-2) descreve Narciso, Calisto e Palas como angariadores de diferentes mulheres para o seu senhor: a cena faz recordar demasiado o episódio da mitologia grega em que três deusas organizaram um concurso de beleza para Paris, o príncipe de Troia, e parece ser, obviamente

ficcional. Mesmo assim, como Palas era um grande partidário de Agripina, e Narciso tão obviamente oposto à sua causa, ela propicia uma interessante alegoria à corte de Cláudio.

[57] Suetónio. *Claudius*: 39.2

[58] Tácito: 12.6

[59] *Otávia*: 142. A peça, apesar de implausível, tem sido tradicionalmente atribuída a Séneca. A sua verdadeira autoria permanece desconhecida.

[60] Tácito: 12.7

[61] *Ibid*

[62] Suetónio. *Claudius*: 41.2

[63] Tácito: 12.42

[64] Séneca. *To Polybius on Consolation*: 12.3

[65] Suetónio. *Claudius*: 43

[66] Dião Cássio: 61.35.4

[67] Suetónio. *Nero*: 9

7 MAS QUE ARTISTA

[1] *Octavia*: 156

[2] Tácito: 12.37

[3] Dião Cássio: 61.7.3

[4] Suetónio. *Nero*: 10.1

[5] Séneca. *On Mercy*: 1.14.2

[6] Tácito: 13.13

[7] *Ibid*: 15.42

[8] Suetónio. *Otho*: 3.1

[9] Tácito: 13.14

[10] Isto é o que afirma Tácito. Suetónio diz que Britânico foi cremado no dia a seguir à sua morte.

[11] *Octavia*: 169–70

[12] Séneca. *On Mercy*: 1.16.2

[13] Plínio: 16.200

[14] É possível que os sucessores de Nero tenham concordado. Trajano, que foi imperador no início do século II, e que foi de forma consistente classificado pelos Romanos como o melhor de todos, diz-se que terá declarado que «nenhum imperador igualou Nero durante os primeiros cinco anos do seu reinado.» Trajano também construiu um grande porto em Óstia e tem sido sugerido, de forma credível, que estaria a homenagear a memória de Nero (Tornton, 1989).

[15] Calpúrnio Sículo: 7.45-6

[16] Dião Cássio: 61.12.2

- [17] *Ibid*: 61.5.4
- [18] *Octavia*: 125
- [19] Plínio: 37.50
- [20] Dião Cássio: 61.11.4
- [21] *Ibid*: 61.2.2
- [22] *Ibid*: 61.13.2
- [23] Horácio. *Epistles*: 1.1.83
- [24] Pelo menos, assim o reporta Tácito. Segundo Dião Cássio, Agripina chegou à costa sem ajuda. E informa ainda que o barco naufragou de imediato.
- [25] Tácito: 14.8
- [26] Dião Cássio: 61.14.2
- [27] Para a teatralidade do assassinato de Agripina, ver Baldwin e, especialmente, o brilhante livro sobre Nero, de Champlin (2003), pp. 84-111.
- [28] Tácito: 14.10
- [29] Nero chamava aos jogos *Ludi Maximi*, «Os Maiores Jogos de Sempre».
- [30] Sêneca. *Natural Questions*: 12.3
- [31] Tácito: 14.15
- [32] Tratava-se de Élia Catela, citada por Dião Cássio (61.19.2). «Élia Catela é considerada como sendo filha de Sexto Élio Cato, portanto irmã de Élia Pecina». (Syme, 1986, 79). Élia Pecina foi a segunda mulher de Cláudio. Casou com ela no ano 28 e divorciou-se em 31.
- [33] Dião Cássio: 19.20.5
- [34] Sêneca. *Letters*: 14.6
- [35] Tácito, embora seja a nossa melhor fonte para os acontecimentos da revolta de Boudica, enganou-se ao datá-la no ano 61.
- [36] Sêneca. *Medea*: 371-2
- [37] Sêneca. *Medea*: 376-9. A peça refere-se ostensivamente ao herói Grego Jasão e às suas viagens com os argonautas, mas é claro que Sêneca tem em mente a expansão romana para a Britânia.
- [38] Sêneca. *On Benefits*: 7.3.2
- [39] Sêneca. *On Benefits*: 7.27.1
- [40] Tácito: 14.37
- [41] Tácito. *Agricola*: 19
- [42] Plínio: 3.39
- [43] Tácito: 11.23
- [44] *Ibid*: 11.24
- [45] *Ibid*: 15.44
- [46] Citado por Santo Agostinho em *De Civitate Dei (The City of God)*, 6.10
- [47] Valério Máximo: 1.3.3
- [48] Citado por Santo Agostinho em *De Civitate Dei (The City of God)*, 6.11

- [49] Tácito: 14.44
- [50] *Ibid*: 14.45
- [51] Séneca. *On the Happy Life*: 7.3
- [52] Dião Cássio: 62.13.2
- [53] *Ibid*: 62.13.4
- [54] Calpúrnio Sículo: 1.49-51
- [55] Séneca. *Natural Questions*: 3.29.9
- [56] Dião Cássio: 62.28.1
- [57] Tácito: 15.37
- [58] *Ibid*
- [59] De acordo com registos chineses, o cometa foi visível durante 75 dias, entre 3 de maio e 16 de julho. Ver Rogers, p. 1953.
- [60] Dião Cássio (62.18.2) diz que dois terços de Roma foram destruídos, enquanto Tácito (15.40.2) diz que dos 14 distritos em que a cidade estava dividida, apenas quatro ficaram intocadas pelo fogo. As provas arqueológicas sugerem que ambos exageraram. Ver Newbold, p. 858.
- [61] Tácito: 15.44
- [62] Plínio: 10.2.5
- [63] Plínio, *o Jovem*. *Panegyric in Praise of Trajan*: 46.4
- [64] Marcial. *On Spectacles*: 2.8
- [65] *Ibid*: 2.4
- [66] A estimativa é de Albertson, que sugere, com base nos vários números dados para o cálculo da altura da estátua, que esta teria 31,5 metros.
- [67] Plínio: 34.45
- [68] Para uma elucidação deste extraordinário episódio, relatado por Suetónio e Dião Cássio, ver Champlin (2003), pp. 169-71.
- [69] Suetónio. *Nero*: 55
- [70] Tácito: 15.67
- [71] *Ibid*: 15.60
- [72] Séneca. *On Providence*: 3.3
- [73] Séneca. *Letters*: 71.21
- [74] *Ibid*: 101.10
- [75] Tácito: 15.73
- [76] *Ibid*: 15.62
- [77] *Ibid*: 15.68
- [78] *Ibid*: 16.4
- [79] Dião Cássio: 63.26.3
- [80] *Ibid*: 62.18.3. Séneca transmitiu o aviso na sequência do assassinato de Agripina.
- [81] *Ibid*: 63.4.2

- [82] *Ibid*: 63.6.1
- [83] Não sobreviveu qualquer relato da estadia de Nero na Grécia. Estima-se que possa ter chegado a Corinto entre agosto e novembro.
- [84] Tito Lívio: 33.32
- [85] Dião Cássio: 63.15.1
- [86] Valério Máximo: 2.4.2
- [87] Sêneca. *Letters*: 80.7
- [88] Tácito: 13.3
- [89] Um antigo analista do poeta satírico Juvenal diz-nos que uma mulher aristocrata culta e intimidante, que é descrita pelo poeta como tendo interesse nas artes da oratória, não era outra senão Estatília Messalina. *Scholastic on Juvenal*: 6.434
- [90] Sêneca: 47.7. Os pormenores de como manter os rapazes sem pelos são de Plínio: 30.41.
- [91] A tradução de «Paezon» como «Boy Toy» («Brinquedo») é de Champlin (2012), p. 380. Os suspiros de espanto são de Plínio (7.129).
- [92] Tácito. *Histories*: 1.73
- [93] Dião Crisóstomo. *On Beauty*: 11
- [94] Dião Cássio: 63.22.1
- [95] De uma inscrição encontrada em Cardítsa, Grécia. Smallwood, p. 64
- [96] Plutarco. *Galba*: 4.1
- [97] Sêneca. *On Mercy*: 1.4.2
- [98] Virgílio. *Georgics*: 512-14
- [99] Dião Cássio: 63.20.5
- [100] É forte a prova de que isto tenha sido mais do que uma mera coincidência.
- [101] Suetónio. *Nero*: 41
- [102] *Ibid*
- [103] *Ibid*: 43
- [104] Plutarco. *Galba*: 6.3
- [105] Suetónio. *Nero*: 47.2. O verso é uma citação de Virgílio.
- [106] Suetónio. *Nero*: 49.2
- [107] *Ibid*. 49.4
- [108] Dião Crisóstomo. *On Beauty*: 10
- [109] *Revelation* 13.3
- [110] *Ibid*: 17.8
- [111] *Ibid*: 17.4
- [112] Tanto Suetónio (*Nero*: 49.1) como Dião Cássio (6.29.2) o registam. Este era, evidentemente, como diz Dião, «um ditado muito citado».

[*] O autor refere-se à capa da edição original de capa dura. [*N. do E.*]

[*] O mais antigo retrato de um romano vivo numa moeda romana parece ter sido de Júlio César. Foi cunhada em 44 a.C. — o ano, não por coincidência, do seu assassinato.

[*] A recente descoberta em Espanha de um decreto emitido no tempo de Tibério lançou uma luz intrigante sobre os métodos de Tácito. Não podem restar dúvidas de que ele tinha um conhecimento pormenorizado do seu texto; nem de que ele tenha apreciado plenamente o grau em que nele expressa, não a verdade, mas sim o que aqueles que o tinham composto queriam que fosse considerado verdade.

[*] «Entre Cila e Caríbdis» é uma expressão invulgar que corresponde a «entre a espada e a parede» ou a «evitar um perigo e cair noutro maior» e que representa a sensação de se estar «num dilema, em perigo iminente, em grande dificuldade». Esta expressão deve-se a um perigo real enfrentado pelos marinheiros quando passavam no estreito de Messina, pois ao fugirem do Caríbdis (um turbilhão que aí se formava), iam muitas vezes contra Cila, um rochedo pouco distante da costa de Itália. (Dicionário de Frases Feitas, de Orlando Neves, 1991) [*N. do T.*]

[*] Dois historiadores, Marco Otávio e Licínio Macer, afirmaram que o autor do estupro tinha sido o tio da menina, que, em seguida, «para esconder o resultado da sua ação criminosa», a matou, entregando os seus gémeos recém-nascidos a um porqueiro.

[*] Os lictores não transportavam os machados dentro dos limites de Roma. Esse facto simbolizava o direito dos cidadãos de poderem recorrer das penas capitais.

[*] A estátua era originalmente do cavalo de Alexandre. César trouxe-a para Roma, proveniente da Grécia, e substituiu a cabeça de Alexandre pela sua.

[*] Varro, o mais erudito dos estudiosos Romanos, explicou que a loba devia ser identificada com uma deusa chamada Luperca. Em latim, «lupa pepercit» significava «a loba que os poupou».

[*] São, pelo menos, nove as fontes que mencionam a data deste cometa durante a semana das cerimónias fúnebres de César — o que, a ser verdade, terá aumentado, de forma incomensurável, o seu impacto.

[*] Levana deriva de *Levare*, palavra latina «levantar», e supervisionava o momento em que as parteiras pegavam pela primeira vez nas crianças após o nascimento.

[]** Embora, como os próprios Romanos estavam dispostos a reconhecer de forma benevolente, os Gálatas quase lhes ganhavam.

[*] Aos meninos, e por razões que mesmo para os Romanos permanecem misteriosas, só era dado nome nove dias depois.

[*] O grande orador Cícero, lembrando uma crítica incisiva que lhe fora feita por Servília, a amante de Júlio César e mãe de Marco Bruto, o assassino mais eminente de César, disse: «Mordi a língua.»

[*] O inimigo era Marco António. Na verdade, a família era antiga e rica, mas só recentemente tinha atingido proeminência política. O pai de Otaviano foi o primeiro da sua linhagem a entrar no Senado, e ter-se-ia candidatado a um consulado após servir durante um mandato na Macedónia, se não tivesse morrido quando regressava a Roma.

[**] O quarto onde o jovem Otaviano foi criado seria posteriormente considerado ter algo de sobrenatural, de tal modo que quem lá tentasse dormir era atirado porta fora por forças invisíveis.

[*] Enviados. [*N. do T.*]

[*] Originárias da mitologia grega, as *Moerae* eram três irmãs que determinavam o destino dos deuses e dos homens, também conhecidas por moiras, parcas ou fados (destinos). [*N. do T.*]

[*] Ou poderá ter sofrido ferimentos internos. A versão de Dião Cássio do que aconteceu (55.1.4) é que «Ele morreu de uma qualquer doença, a caminho para o Reno.»

[*] A seu tempo, passado cerca de um século de enobrecimento urbano, acabaria por tornar-se no centro de comércio de livros da cidade.

[*] Atual Pianosa. [*N. do T.*]

[**] Tome-se como exemplo, um arco construído em Ticinum no norte da Itália (atual Pavia) no ano 7 ou 8, que celebrava a Família de Augusto com dez estátuas — incluindo os falecidos Caio e Lúcio. O seu irmão mais novo primava apenas pela ausência.

[*] A cidade de Constança, como atualmente Tomis é conhecida, é hoje uma das estâncias balneares mais populares da Roménia.

[*] Não há nenhuma prova de que os «germanos» tivessem a noção de que se constituíam como um distinto grupo de tribos, ou pensassem nas terras do leste do Reno como um lugar chamado «Germânia».

[*] A descoberta chave que serviu para demonstrar a dimensão e a ambição do urbanismo romano a leste do Reno foi feita no final de 1990, em Waldgirmes, a cerca de 96 quilómetros do rio, no estado de Hesse.

[*] *Saltus*, em latim, pode significar «passagem» ou «floresta». O termo utilizado por Tácito para descrever o local da batalha tem sido tradicionalmente traduzido como «floresta»; mas a identificação definitiva do local da batalha, no sopé de Kalkriese Berg, no sul da Saxónia, feita pela primeira vez na década de 1990, permite agora que se faça a tradução correta.

[*] Existem várias narrativas de como este astrólogo passou a audição. De acordo com um relato, terá previsto que Tibério planeava lançá-lo de um penhasco; segundo outro, teria indicado que um navio que se aproximava de Rodes era portador de uma convocatória para regressar a Roma.

[*] O «herói» era, quase certamente, um mastodonte ou um mamute. Ver Mayor,p.146.

[*] A mais antiga e datável alusão a que Calígula terá cometido incesto com as suas irmãs está em *Antiguidades Judaicas*, escrito por Josefo mais de meio século depois da sua morte (19.204). Mas Josefo estava bem informado sobre o reinado de Calígula, e baseou-se em fontes escritas muito próximas da época. Como sempre acontecia numa cidade viciada em rumores escandalosos como Roma, a existência de um rumor não significava que ele fosse verdadeiro. Nenhum contemporâneo de Calígula o menciona; E foi apenas com Suetónio que os rumores ganharam asas. «Cometeste incesto com a tua irmã?», escreveu, referindo-se a uma pergunta de Calígula ao seu amigo Passieno Crispo, conhecido pela sua sagacidade. «Ainda não», terá respondido Passieno, rápido como um relâmpago (citado pelos Escolásticos em Juvenal: 4.81).

[*] É Dião Cássio, mesmo quando afirma que Calígula «não ganhou qualquer batalha, nem matou qualquer inimigo», que deixa escapar este pormenor (59.22.2). Nos relatos de historiadores como Suetónio e Dião Cássio, podem encontrar-se entrelaçadas duas tradições contraditórias: num, o registo militar de Calígula é algo de risível, caprichoso e louco; noutra, é retratado como um disciplinador severo e eficaz, na melhor tradição do seu pai e de Tibério. Embora a névoa que envolve este período do seu reinado seja inusitadamente densa, há bastantes pormenores dispersos que tornam provável que Calígula tenha feito uma incursão no Reno no outono de 39, afirmando a sua autoridade junto das legiões aí colocadas, e que terá ganho alguns confrontos dispersos. Do mesmo modo, é preciso reconhecer que Calígula só podia ter avançado para o Reno pouco depois do Ano Novo.

[*] Dião Cássio, a escrever no início do século III, sugere que Calígula terá viajado para a Baía de Nápoles na primavera de 39, na sequência do seu devastador discurso para o Senado; Mas Sêneca, no seu ensaio *Sobre a Brevidade da Vida* (18.5), deixa claro que a viagem ocorreu no ano seguinte. Na impossibilidade de se ter absoluta certeza, o contexto leva a que seja mais provável ter acontecido em 40 do que em 39.

[*] Suetónio não especifica a origem dos carros, mas a palavra utilizada para os descrever, *essedum*, é referente a carros de guerra utilizados nos séculos anteriores pelos Gauleses, e, no tempo de Calígula, exclusivamente pelos Bretões. Supõe-se que Mecenas, sempre na vanguarda da inovação, terá possuído «um *essedum* bretão». (Propércio: 2.1.76)

[*] Assim o relata Josefo, cuja narrativa é a mais pormenorizada e contemporânea que temos. De acordo com Suetônio (*Calígula*: 57.4), o sangue era de um flamingo, e terá sido o próprio Calígula a ser salpicado por ele.

[*] Viva a Saturnália! [*N. do T.*]

[*] No lago Nemi, foram construídas duas embarcações por ordem de Calígula: a primeira parece ter sido um palácio flutuante, a segunda um templo flutuante. Ainda flutuavam durante a vida de Nero, mas foram depois afundadas, e permaneceram no fundo do lago durante quase dois mil anos. Recuperadas em 1929, seriam destruídas em 1944; não se sabe ao certo se tal se ficou a dever à artilharia americana, a fogo posto alemão ou ao lume das cozinhas dos refugiados italianos.

[*] Há a intrigante possibilidade de que os ursos que atacavam as focas no anfiteatro de madeira de Nero, descritos pelo poeta Calpúrnio Sículo, pudessem ser ursos polares. Porém, é significativo que não haja nenhuma menção de que o seu pelo fosse branco, pelo que o mais provável é que não o fossem.

[]** Tule é, para os clássicos, um lugar ou uma ilha que fica na fronteira do mundo conhecido. Há descrições e mapas de autores europeus da Antiguidade que a situam no extremo norte, frequentemente na Europa Setentrional, podendo corresponder às ilhas Orkney, às ilhas Shetland, à Escandinávia, ou até, para autores da Idade Média e do Renascimento, a noroeste, na Islândia ou Groenlândia. [*N. do T.*]

[*] É Suetônio (*Nero*: 18), que no-lo diz. Apesar de não especificar uma data, é evidente, a partir da decisão de Nero em esmagar a insurreição na Britânia, que ele nunca iria apoiar o abandono da província na sequência da revolta de Boudica.

[*] Suetónio. *Claudius*: 25.4. É possível, mesmo provável, que esta seja uma alusão às discussões na comunidade judaica de Roma acerca da reivindicação do estatuto messiânico de Jesus. Chrestus (Cresto), na verdade, era um nome comum, sobretudo entre os escravos; mas, ao que se conhece, não há registo de que algum judeu tenha tido esse nome em Roma. Vários estudiosos têm sugerido que Suetónio pode ter usado informação de um relatório da polícia, e que «Chrestus» seja uma transcrição errada de «Christus» — Cristo. Mas a verdade é, contudo, incognoscível.

[*] De acordo com São Jerónimo, o número total de cristãos martirizados por Nero foi de 979.

[*] Todos os antigos historiadores da Antiguidade, cujo trabalho sobreviveu, dão como certa a culpa de Nero, com exceção da narrativa de Tácito que nos diz: «É incerto se o desastre foi resultado de um acidente ou de uma ação criminosa do *Princeps*. Há historiadores que apoiam as duas perspectivas.» O mesmo se passa hoje — embora uma maioria substancial dos historiadores se incline para inocentar Nero. O meu veredicto é de «não comprovado» — o que, dadas as circunstâncias, é suficientemente condenatório.

[*] Uma implicação intrigante desta carta é a de que Fáon tinha indicado, a quem se cruzava com ele, para onde iam. A chegada de um esquadrão de morte, pouco depois, sugere a existência de agentes de Galba na população.

[*] Vitorino de Pettau, um bispo da Panónia que foi martirizado no ano 303, foi o primeiro escritor cristão a interpretar a ferida na garganta do animal como uma alusão ao suicídio de Nero. Na Bíblia de Genebra diz-se acerca disso: «Tal pode entender-se como referente a Nero, que efetuou a primeira perseguição à Igreja, e que depois se matou, para que a família de César acabasse nele.»

Índice

Dinastia: Ascensão e Queda da Casa de César

Dedicatória

Agradecimentos

Os Julianos e os Claudianos – árvore genealógica

Prefácio

O Mundo Romano em 42 a.C.

Epígrafe

I PADRONE

1 Os filhos da loba

2 Regresso ao futuro

3 A exaustão da crueldade

II COSA NOSTRA

4 O último romano

5 Deixem que me odeiem

6 Io Saturnalia!

7 Mas que artista

Cronologia

Dramatis Personae

Bibliografia

Sobre este livro

Sobre Tom Holland

Créditos

Notas